

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP**

Sérgio Peres de Paula

**Do Instituto de Filosofia e Teologia
ao Instituto de Formação Teológica
- IFT (1965-1969) -
Palavras e Ações. Expectativas e Frustrações.**

Doutorado em História

Aprovo o documento e os Anexos:



Prof.Drª Estefania Knotz Canguçu Fraga
Orientadora

São Paulo
2023

Sérgio Peres de Paula

**Do Instituto de Filosofia e Teologia
ao Instituto de Formação Teológica
- IFT (1965-1969) -
Palavras e Ações. Expectativas e Frustrações.**

Doutorado em História

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de DOUTOR em História, do Programa de Pós-Graduação – História Social.

Professora Doutora Estefania Knotz Canguçu
Fraga

São Paulo

2023

Paula, Sérgio Peres de

Do Instituto de Filosofia e Teologia ao Instituto de Formação Teológica - IFT (1965-1969) - Palavras e Ações. Expectativas e Frustrações / Sérgio Peres de Paula. – São Paulo: [s. n.], 2023.

545 p. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Estefania Knotz Canguçu Fraga.

Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, 2023.

1. Instituto de Filosofia e Teologia – IFT. 2. Instituto de Formação Teológica – IFT. 3. Diretório Acadêmico Onze de Outubro. 4. Igreja Católica no Brasil e Concílio Vaticano II. 5. Igreja Católica e Ditadura Militar no Brasil. 6. IFT e DOPS. 7. IFT e Movimento Estudantil. I. Fraga, Estefania Knotz Canguçu. II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. III. Título.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Estefania Knotz C. Fraga

Prof.^a Dr.^a Yvone Dias Avelino

Prof. Dr. Pe. Ney de Souza

Prof.^a Dr.^a Nainora Maria B. de Freitas

Prof. Dr. Pedro Geraldo Tosi

DEDICATÓRIA

À Ordem dos Agostinianos Recoletos

A todos, cujas vidas foram marcadas pelo IFT, estudantes, professores, diretoria

À Professora Doutora Sira Napolitano (in memoriam)

O presente trabalho foi realizado com apoio da **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES)** – Código de Financiamento 001 – processo número 88887.473804/2020-00

AGRADECIMENTOS

Deus, Luz que ilumina todo conhecimento, Força que atua na criação e na História!
Professora Doutora Estefania Knotz Canguçu Fraga, que desde 2016 me acompanhou na elaboração do projeto e na orientação da tese

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela bolsa concedida

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, por oferecer esta oportunidade de aprofundamento acadêmico

Programa de Pós-Graduação em História pelo empenho e organização

Aos Professores e doutores:

Maria Izilda Santos de Matos

Luiz Antônio Dias

Carla Longhi

Maria Antonieta Martines Antonacci

Heloísa de Faria Cruz

Antônio Pedro Tota

Aos funcionários, especialmente os tão atenciosos:

William Fernando Moreira da Silva

Marcos Aurélio de Oliveira

Professora Doutora Maria Nainora Barbosa de Freitas

Ordem dos Agostinianos Recoletos Província de Santo Tomás de Vilanova, na pessoa do Superior Geral Frei Miguel Ángel Hernández Domínguez e do Provincial Frei Javier Tello; e às comunidades onde residi e que me deram muito suporte: Seminário Teológico Santa Mônica e Monastério de Yuso, San Millán de la Cogolla, Espanha, nas pessoas de Frei Marcus Dorrigo Vinícius Leite e Frei José Ramon Pérez Sáenz.

Ordem dos Pregadores, dominicanos do Convento de Perdizes na pessoa de Frei Márcio Couto, bibliotecário da Biblioteca Padre Lebrecht, que gentilmente permitiu a pesquisa na biblioteca.

Aos que se dispuseram em ser entrevistados:

Regis Lemos

Padre Paulo Homero Gozzi

Padre Luiz Roberto Benedetti

Professor Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento

Arquivo Público do Estado de São Paulo e seus funcionários

Aos irmãos, Silvia Regina Borges e Davi Roberto Borges que colaboraram na edição e transcrição das entrevistas

Aos que colaboraram na revisão técnica e gramatical: Maria Cristina M. Ferreira e Wellington de Assis Silva

Frei Héilton Pimenta Fernandes e Frei José Roberto Mason

A todos que colaboraram com seu apoio e incentivo.

A todos os contribuintes brasileiros, que através das bolsas contribuem também para aperfeiçoamento acadêmico e científico.

RESUMO

A proposta da tese é investigar a curta trajetória do Instituto de Filosofia e Teologia, IFT, entre os anos de 1965 e 1969, as motivações que levaram à sua criação pela Conferência dos Religiosos do Brasil em São Paulo, o seu projeto de formação filosófica e teológica para seminaristas, a atuação do Diretório Acadêmico Onze de Outubro, através do qual os estudantes atuaram na resistência ao regime militar, o conflito com o cardeal arcebispo de São Paulo D. Agnelo Rossi e seu impacto na extinção da instituição. Situado num contexto religioso, político e social de profundas e turbulentas transformações culturais devido ao Concílio Vaticano II, ao regime militar em processo de endurecimento ditatorial e aos movimentos juvenis de contestação, o IFT propôs um novo modelo de formação religiosa, influenciado pela esquerda católica e pelo marxismo revisionista pós-Stálin.^{1,2,3,4,5,6} As principais fontes consistem no Livro de Atas do DAXIX, artigos e escritos anônimos, apostilas, trabalhos de alunos e documentos do DEOPS. Sua análise exigiu a busca dos seus sentidos desde a produção ao reconhecimento, e das leituras^{7,8,9} possíveis no ambiente acadêmico que motivaram alguns alunos ao engajamento político-social. A micro-história, dado que existem

¹ RIDENTI, Marcelo. As oposições à ditadura: resistência e integração. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). **A Ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 30-47.

² *Id.* 1968: rebeliões e utopias. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (org.). **O século XX: o tempo das dúvidas. Do declínio das utopias às globalizações**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 3, p. 133-159.

³ *Id.* Ditadura no Brasil: uma incômoda e contraditória memória. In: REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. cap. 1, p. 7-16.

⁴ *Id.* A gênese da ditadura (1961-1964). In: REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. cap. 2, p. 17-46.

⁵ *Id.* Ditadura ou democracia: a busca de uma identidade (1964-1968). In: REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. cap. 3, p. 47-73.

⁶ *Id.* Os anos de ouro e de chumbo: a retomada do nacional estatismo (1968-1974). In: REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. cap. 4, p. 74-92.

⁷ VERÓN, Eliseo. Dicionário das ideias não-feitas (1979). In: VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. cap. 3, p. 49-75.

⁸ *Id.* Enunciação: da produção ao reconhecimento. In: VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. p. 213-284.

⁹ JOFFILY, Mariana. A 'verdade' sobre o uso de documentos dos órgãos repressivos. **Dimensões**, Vitória, n. 32, p. 2-28, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/index.php/dimensoes/article/view/8316>. Acesso em: 15 maio 2021.

poucas fontes diretas relativas ao IFT, e a categoria da circularidade cultural^{10,11,12} permitiram a compreensão dos fatos que envolveram a instituição e seus membros desde a grande expectativa de mudanças religiosas, eclesiásticas e sociais a frustrações ante os enfrentamentos internos entre os próprios estudantes, entre a instituição com o cardeal arcebispo, e do diretório acadêmico com o regime militar, através dos movimentos estudantis. A História Oral,^{13,14} por meio de entrevistas, entre o dito e os silêncios, permitiram a compreensão dos sentidos das falas, a reconstituição de elementos da trajetória do IFT e seu impacto na vida daqueles que nele realizaram seus estudos teológicos. A prosopografia¹⁵ ofereceu ferramentas analíticas para compreender a atuação dos diversos agentes históricos envolvidos, tanto institucionais como pessoais. Antes do acesso a outras fontes, o conflito com o cardeal se apresentava como o único fator para a extinção do IFT. A busca de fontes junto aos arquivos do DEOPS, no entanto, trouxe à tona outros fatos nos quais alguns estudantes do IFT estiveram envolvidos, levando-os a inquéritos, investigações e processos, como o XXX Congresso da UNE e o Caso Marighella. Entre o ardor juvenil por mudanças, entre os sonhos e as frustrações, entre os conflitos e os protestos, as prisões e a submissão à tortura de alguns estudantes, o IFT desapareceu, sem deixar rastros, caindo no silêncio e no esquecimento. A tese consiste num esforço de trazer à luz uma instituição inovadora que se tornou a primeira sementeira da Teologia da Libertação no Brasil.

Palavras-chave: Instituto de Filosofia e Teologia – IFT; Instituto de Formação Teológica – IFT; Diretório Acadêmico Onze de Outubro; Igreja Católica no Brasil e Concílio Vaticano II; Igreja Católica e Ditadura Militar no Brasil; IFT e DOPS; IFT e Movimento Estudantil.

¹⁰ GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

¹¹ *Id.* **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

¹² REVEL, Jacques. Prefácio: a história ao rés-do-chão. In: LEVI, Giovanni. **A herança imaterial**: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Tradução: Cynthia Marques de Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 7-37.

¹³ PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

¹⁴ *Id.* O que faz a história oral diferente? **Projeto História**, São Paulo, v. 14, p. 25-39, fev. 1997.

¹⁵ STONE, Lawrence. Prosopografia. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 19, n. 39, p. 115-137, jun. 2011.

ABSTRACT

The purpose of this thesis is to investigate the short trajectory of the Institute of Philosophy and Theology, IFT, between 1965 to 1969, the motivations that led to its creation by the Conference of Religious of Brazil in São Paulo, its project for philosophical and theological formation for seminarians, the performance of the Academic Board Onze de Outubro, through which the students acted in resistance to the military regime, the conflict with the cardinal archbishop of São Paulo D. Agnelo Rossi and its impact in the demise of the institution. Situated in a religious, political, and social context of profound and turbulent cultural transformation due to the Second Vatican Council, to the military regime in the process of dictatorial hardening and to the youth protest movements, the IFT proposed a new model of religious formation, influenced by the Catholic left and post-Stalin revisionist Marxism^{1,2,3,4,5,6} The main sources consist of the DAXIX Proceedings Book, articles and anonymous writings, course booklets, students work, and DEOPS documents. Its analysis required the search of its meanings from production to recognition, and the possible readings^{7,8,9} in the academic environment that motivated some students to political and social engagement. The micro-history, given that

¹ RIDENTI, Marcelo. As oposições à ditadura: resistência e integração. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). **A Ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 30-47.

² *Id.* 1968: rebeliões e utopias. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (org.). **O século XX: o tempo das dúvidas. Do declínio das utopias às globalizações**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 3, p. 133-159.

³ *Id.* Ditadura no Brasil: uma incômoda e contraditória memória. In: REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. cap. 1, p. 7-16.

⁴ *Id.* A gênese da ditadura (1961-1964). In: REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. cap. 2, p. 17-46.

⁵ *Id.* Ditadura ou democracia: a busca de uma identidade (1964-1968). In: REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. cap. 3, p. 47-73.

⁶ *Id.* Os anos de ouro e de chumbo: a retomada do nacional estatismo (1968-1974). In: REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. cap. 4, p. 74-92.

⁷ VERÓN, Eliseo. Dicionário das ideias não-feitas (1979). In: VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2004. cap. 3, p. 49-75.

⁸ *Id.* Enunciação: da produção ao reconhecimento. In: VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2004. p. 213-284.

⁹ JOFFILY, Mariana. A 'verdade' sobre o uso de documentos dos órgãos repressivos. **Dimensões**, Vitória, n. 32, p. 2-28, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/index.php/dimensoes/article/view/8316>. Acesso em: 15 maio 2021.

there are few direct sources relating to the IFT, and the category of cultural circularity^{17,10,11,12} allowed the understanding of the facts that involved the institution and its members since the great expectancy of religious changes, ecclesiastical and social issues to frustrations in the face of internal confrontations among the students themselves, between the institution with the cardinal archbishop, and the academic directory with the military regime, through the student movements. The Oral History,^{13,14} through interviews, between what was said and the silences, allowed understanding the meanings of speeches, the reconstitution of elements of the trajectory of the IFT and its impact in the lives of those who carried out their theological studies there. Prosopography¹⁵ offered analytical tools to understand the performance of the various historical agents involved, both institutional and personal. Before accessing other sources, the conflict with the cardinal was presented as the only factor for the extinction of the IFT. The search for sources within the DEOPS archives, however, brought up to light other facts in which some IFT students were involved, leading them to inquiries, investigations, and lawsuits, such as the XXX UNE Congress and the Marighella Case. Between the youthful ardor for change, between dreams and frustrations, between conflicts and protests, arrests, and the submission to torture of some students, the IFT disappeared, without a trace, falling into silence and oblivion. The thesis consists of an effort to bring to light an innovative institution that became the first seedbed of Liberation Theology in Brazil.

Keywords: Institute of Philosophy and Theology – IFT; Institute of Theological Formation – IFT; Academic Directory Onze de Outubro; Catholic Church in Brazil and Second Vatican Council; Catholic Church and Military Dictatorship in Brazil; IFT and DOPS; IFT and Student Movement.

^{17 10} GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

¹¹ *Id.* **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

¹² REVEL, Jacques. Prefácio: a história ao rés-do-chão. In: LEVI, Giovanni. **A herança imaterial**: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Tradução: Cynthia Marques de Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 7-37.

¹³ PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

¹⁴ *Id.* O que faz a história oral diferente? **Projeto História**, São Paulo, v. 14, p. 25-39, fev. 1997.

¹⁵ STONE, Lawrence. Prosopografia. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 19, n. 39, p. 115-137, jun. 2011.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	19
INTRODUÇÃO	51
I. A IGREJA NO BRASIL E AS “NOVIDADES” DO CONCÍLIO VATICANO II	
1. Do interior para a capital; entre a periferia e o centro	59
2. Do modelo ultramontano-tridentino ao “Aggiornamento” conciliar: desafios para a Igreja no Brasil e em São Paulo	79
3. A revolução cultural e intelectual: ideias em circulação	109
4. A Igreja Católica e a “Revolução”: em busca de fundamentos éticos	131
5. Os movimentos estudantis, a esquerda católica e a revolução armada	149
6. Outras questões em emergência: a urbanização, a mulher, o homem do campo	181
II. ENTRE SONHOS E FRUSTRAÇÕES, DA UTOPIA AO PESADELO	
1. Novos tempos e a criação do IFT	205
2. “Deus está solto”: novas formas de organização institucional pós-concílio	227
3. Entre Anjos e Homens, as “Asas do desejo”: IFT e os “desejos do Concílio”	253
4. Entre o antigo e o novo: do Instituto de Filosofia e Teologia ao Instituto de Formação Teológica	275
5. “De Deo Uno”: o Antigo em busca do novo	305
6. Entre discussões e ações: o Diretório Acadêmico Onze de Outubro – DAXIX	333
7. O IFT, a repressão e o DEOPS	367
CONSIDERAÇÕES FINAIS	401
ANEXO A “CASO MARIGUELLA	411
ANEXO B. Parecer Consubstanciado do CEP	433
ANEXO C. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Regis Lemos Entrevista 1.	439

ANEXO D. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Padre Paulo Homero Gozzi – Entrevista 2	463
ANEXO E. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Prof. Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento – Entrevista 3	478
ANEXO F. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Padre Luiz Roberto Benedetti – Entrevista 4	488
REFERÊNCIAS (Fontes, Bibliografia e sites pesquisados)	514

LISTA DE SIGLAS

AI5 – Ato Institucional número 5
ALN – Ação Libertadora Nacional
AP – Ação Popular
APEOESP – Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo
APESP – Arquivo Público do Estado de São Paulo
APML – Ação Popular Marxista-Leninista
APMLdoB – Ação Popular Marxista-Leninista do Brasil
ASTE – Associação dos Seminários Teológicos Evangélicos
CARN – Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento
CEDIC – Centro de Documentação Intercultural de Cuernavaca
CELAM – Conselho Episcopal Latino-Americano
CENIMAR – Centro de Investigações da Marinha
CEPAL – Comissão Econômica para a América Latina
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNV – Comissão Nacional da Verdade
CRB – Conferência dos Religiosos do Brasil
CRUSP – Centro Residencial da Universidade de São Paulo
DA – Diretório Acadêmico
DAXIX – Diretório Acadêmico Onze de Outubro
DCE- Diretório Central dos Estudantes
DEE – Diretório Estadual dos Estudantes
DEOPS – Delegacia Especializada de Ordem Política e Social
DIEESE – Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos
DNE – Diretório Nacional dos Estudantes
DOI-CODI – Destacamento de Operações Internas – Centro de Operações de Defesa Interna
DOPS – Departamento de Ordem Política e Social ou Delegacia de Ordem Política e Social
ESSO – Standard Oil Company
EUA – Estados Unidos da América
FAO – Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura
FEI – Faculdade de Engenharia Industrial

FFLCH – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
IFT – Instituto de Filosofia e Teologia ou Instituto de Formação Teológica
INDAP – Instituto de Desenvolvimento da Agricultura
IPM – Inquérito Policial Militar
ISEB – Instituto Superior de Estudos Brasileiros
ITESP – Instituto Teológico de São Paulo
JEC – Juventude Estudantil Católica
JIC – Juventude Independente Católica
JOC – Juventude Operária Católica
JUC – Juventude Universitária Católica
LRB – Luiz Roberto Benedetti
MAPU – Movimento de Ação Popular Unificado
MEB – Movimento de Educação de Base
MEC-USAID – Acordos entre o Ministério da Educação brasileiro (**MEC**) e a United States Agency for International Development (**USAID**).
MF – Microfilme
MNR – Movimento Nacionalista Revolucionário
MOVE – Movimento Estudantil da Universidade de São Paulo
MR8 – Movimento Revolucionário Oito de Outubro
MUD – Movimento Univeristário de Desfavelamento
OBAN – Operação Bandeirantes
OCLAE – Organização Continental Latino-americana e Caribenha de Estudantes
OT - Optatam Totius - Decreto sobre a Formação Sacerdotal do Concílio Vaticano II
PCB – Partido Comunista Brasileiro
PCdoB – Partido Comunista do Brasil
PHG – Paulo Homero Gozzi
POLOP – Organização Revolucionária Marxista Política Operária
RL – Regis Lemos
TESE – Grupo de Teatro do Instituto Sedes Sapientiae
TFP – Tradição, Família e Propriedade
TUCA – Teatro da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
UEE – União Estadual dos Estudantes
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UIE – União Internacional dos Estudantes

UNE – União Nacional dos Estudantes

UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos

UOL – Universo Online

USMAS – União dos Seminaristas Maiores

USP – Universidade de São Paulo

VPR – Vanguarda Popular Revolucionária

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.	Estudantes agostinianos recoletos em Franca – SP	
	Preparando-se para estudar no IFT	69
Figura 2.	Mapa atual com a localização onde era o Colégio Des Oise-	
	aux	182
Figura 3.	Demolição do Colégio Des Oiseaux	183
Figura 4.	Colégio Des Oiseaux – Sede do IFT de 1965 a 1967	285
Figura 5.	Convento do Carmo – Rua Martiniano de Carvalho – Bairro	
	Bela Vista. Sede do IFT em 1968 e 1969	289
Figura 6.	Revista Paz e Terra	295
Figura 7.	Frei Tito Alencar – Presidente do DAXIX – 1967-1968	358
Figura 8.	Protestos em frente ao DEOPS	376
Figura 9.	Prisão de estudante do IFT - manifestação em frente ao DE-	
	OPS (03 de agosto de 1967)	388

APRESENTAÇÃO

A década de 1960, desde há muito tempo, traz-me a sensação de tempos de grande densidade, tempos de rupturas com o passado, marcados, numa perspectiva, pelos protestos contra a tradição, os modelos culturais, sociais, educacionais, religiosos e eclesiais estabelecidos; e, num olhar para o futuro, de expectativas de um mundo melhor, de novas formas de vida e de relações intersubjetivas, sociais, económicas e institucionais que tornassem o mundo mais humano. Tudo isto, qual um sonho, uma utopia, a se construir, a se fazer. Da década anterior cunhou-se a expressão “Anos Dourados”; essa, por sua vez, foi chamada de “Anos Rebeldes”, tempo de ruptura com os padrões comportamentais e de busca de novos estilos de vida.

Diante do risco de idealizar o passado, extraindo deles somente as boas memórias, me parece prudente o dizer de Santo Agostinho: “Pensas que os tempos passados foram bons porque não são os teus. Por isso são bons!”¹⁸ Por outro lado, existe o perigo de selecionar apenas os acontecimentos trágicos e terríveis desse passado, que, assim como o tempo presente, apresentava-se cheio de inseguranças, incertezas, medos e ameaças de todo tipo. A narrativa de um tempo vivido não passa somente pela frieza racional, mas é carregada de sentimentos e emoções porque fala de pessoas que, na sua existência temporal e encarnada, tocaram o dia a dia com o coração, como disse o bispo de Hipona aos seus fiéis, mediante o trágico saque de Roma pelas tropas de Alarico:

Os dias são amargos. Acaso não vivemos dias infelizes desde que fomos expulsos do paraíso? Nossos antepassados se lamentaram de seus tempos; e os seus antecessores fizeram o mesmo. Nenhum homem gosta dos tempos em que vive. Aos que vêm depois, no entanto, lhes agradam aqueles dias que eles não viveram. E por isto lhes pareciam agradáveis. O presente produz uma sensação mais penetrante. Não digo isto tanto porque ele se encontra mais próximo, mas porque o coração o ex-

¹⁸SAN AGUSTÍN. Sermón 346C, 1. *In*: SAN AGUSTÍN. **Obras Completas**: Sermones (6ª): 339-396: sermones sobre diversos temas: índices bíblico, litúrgico e temático de todo o sermionario agustiniano. Tradução: Pio de Luís Vizcaino. Madrid: BAC, 1985. v. 26, p. 131-132.

perimenta a cada dia (“sed cor tangit quotidie”). A cada ano, comumente, quando sentimos o frio costumamos dizer: ‘Nunca fez tanto frio!’ ou ‘Nunca o calor foi tão grande’, sendo que se faz o mesmo de sempre.¹⁹

E ainda:

‘Maus tempos! Tempos estafantes!’ Assim dizem os homens. Vivamos bem e os tempos serão bons. Os tempos somos nós! Quais somos, assim são os tempos.²⁰

A década de 1960 traz para mim faces douradas nas expectativas vividas, nas utopias desejadas, nos sonhos de uma geração; assim como elementos sombrios em suas manifestações de rebeldia cultural e política, de insatisfações e enfrentamentos em relação ao herdado, dado e estabelecido, motivadores do desejo de tudo revolucionar.

O objeto em foco na narrativa histórica construída a partir da pesquisa de fontes e sua análise é o Instituto de Filosofia e Teologia, ou, num momento posterior, Instituto de Formação Teológica – IFT. Trata-se de uma instituição de formação religiosa e sacerdotal da Igreja Católica que existiu em São Paulo entre 1965 e 1969. A curtíssima duração temporal, porém, mostra uma densa experiência vivida entre expectativas de um novo modelo de Igreja e frustrações ante a lentidão das transformações desejadas ou o sentimento de que elas não ocorreriam. A sigla IFT permaneceu, mas a alteração no nome da instituição reflete expectativas frustradas e a mudança nos objetivos, uma vez que se abandonou o ensino de Filosofia e passou-se exclusivamente à formação teológica.

O tema surgiu como um desdobramento da minha dissertação de mestrado, apresentada na UNESP- Campus de Franca, em junho de 2012, com o título: “OPERÁRIOS DA UNDÉCIMA HORA. OS AGOSTINIANOS RECOLETOS NO BRASIL:

¹⁹ SAN AGUSTÍN. Sermão 25, 3. In: SAN AGUSTÍN. **Obras Completas**: Sermones (19): 1-50: sermones sobre la Escritura: Antiguo Testamento. Tradução: Miguel Fuertes Lanero e Moisés Maria Campelo. 4. ed. Madrid: BAC, 1981. v. 7, p. 396.

²⁰ *Id.* Sermão 80, 8. In: SAN AGUSTÍN. **Obras Completas**: Sermones (29): 51-116: sobre los Evangelios Sinópticos. Tradução: Lope Cilleruelo, Moisés Maria Campelo, Carlos Morán e Pio de Luís Vizcaíno. Madrid: BAC, 1983. v. 10, p. 451.

CRIAÇÃO DA PROVÍNCIA DE SANTA RITA DE CÁSSIA E O IMPACTO DO CONCÍLIO VATICANO II”. Ao tratar sobre a Província de Santa Rita de Cássia e as questões em torno da formação dos seminaristas, surgiu a “figura” do IFT, da participação dos agostinianos recoletos nesse novo projeto proposto e executado pela Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB. Os estudantes agostinianos recoletos tiveram, como mostram as fontes, uma participação efetiva nas atividades do Diretório Acadêmico Onze de Outubro, DAXIX, órgão representativo dos alunos do IFT, que por sua vez, buscou se integrar ao movimento estudantil, em particular à UNE, em suas atividades de resistência ao regime militar.

Muito antes desta pesquisa, no entanto, já ouvira falar do referido “IFT” através de pessoas que estiveram envolvidas na sua direção ou fizeram parte dele como estudante de alguma das ordens e congregações religiosas que o compunham. Como integrante da Ordem dos Agostinianos Recoletos, ouvi relatos, memórias e comentários de frades e ex-frades. Nas falas, percebia alguns extremos nas abordagens sobre ele: desde “tinha um projeto pedagógico muito à frente de seu tempo” até expressões como “o malfadado IFT”. Frei Ércio Antônio Fiorini, um dos frades agostinianos recoletos que estudou no IFT, era “mestre de noviços” quando eu estava no noviciado na Fazenda do Centro, Castelo, interior do Espírito Santo, no ano de 1988. Numa sexta-feira, dia 27 de janeiro de 1989, enquanto viajávamos para Franca, São Paulo, onde eu e Frei Édson Alves Peixoto iríamos emitir nossos primeiros votos na Ordem dos Agostinianos Recoletos, um trágico acidente automobilístico ceifou a vida de ambos. É impossível não relembrar isso, pois, entre as fontes pesquisadas, encontrei alguns trabalhos acadêmicos feitos por Frei Ércio em 1969, quando era estudante no IFT. Em entrevista com um ex-frade, ele comentou sobre a ação dos líderes do diretório acadêmico do IFT nas movimentações contra o regime militar: “botava fogo na turma... Numa das manifestações, estavam todos de hábito. Foram praticamente todos presos. Mesmo os que fugiram, eram fáceis de serem reconhecidos, por causa do hábito”.²¹

Entre 1982 e 1984, fui aluno de um colégio militar: Colégio Naval, Angra dos Reis, RJ, da Marinha do Brasil. Aí experimentei uma vivência de profundos valores

²¹ Cf. Entrevista com Sr. RL

humanos, acadêmicos, esportivos, artísticos, culturais e morais, não totalmente excluído de, e até mesmo em consonância com, valores religiosos. Uma vivência positiva que se choca com o discurso sobre o regime militar e sobre as forças armadas brasileiras em vigor nas últimas décadas.

Como religioso agostiniano recoleto, iniciei minha formação em 1985, com o curso de Filosofia, seguida do curso de Teologia e da graduação e mestrado em História pela UNESP, Campus de Franca. Na dissertação de mestrado procurei mostrar as tensões ‘ad intra’ e ‘ad extra’ que levaram a Ordem dos Agostinianos Recoletos no Brasil a uma divisão interna que gerou uma nova província, a saber, a Província de Santa Rita de Cássia. Contextualizei a questão no tempo, sobretudo no período que abrange o final do século XIX até início da década de 1970; e situei o problema na história da Igreja e da Ordem dos Agostinianos no mundo e no Brasil. O estudo dessas tensões levou a um aprofundamento da sociologia da religião e da análise institucional, bem como de temas que tocam o ofício do historiador, como as formas narrativas, o problema da “paixão”, da emotividade, dos ânimos acirrados e como tratar tais expressões no relato histórico.

Ao pesquisar o período que abrange a existência do IFT (1965-1969), apareceram várias informações que despertaram em mim o interesse em um aprofundamento e busca de novas fontes que pudessem trazer à tona uma instituição praticamente esquecida na história da Igreja e da vida religiosa no Brasil. A existência do IFT foi curta, porém, dinâmica em relação à sua organização interna, na sua relação com a hierarquia da Igreja e com o regime militar em vigor. Alguns eventos relacionados ao IFT estiveram em reportagens na imprensa, como “Folha de São Paulo”, “O Estado de São Paulo” e revista “Veja”, e sobretudo num artigo de D. Agnelo colocando em dúvida a qualidade da formação dada aos seus estudantes. A participação dos estudantes no movimento estudantil e nas manifestações contra o regime militar e a forma, entendida como heterodoxa, de uma crítica à encíclica “*Humanae Vitae*” estão entre as razões do conflito que levou o IFT à agonia até sua extinção. O desejo da pesquisa visava entender os desdobramentos dos fatos entre a criação e o encerramento das atividades do IFT.

As fontes escritas, tais como as atas do DAXIX, os textos oficiais de ordens religiosas envolvidas, como os relatórios capitulares, artigos e apostilas que circulavam em alguns ambientes de formação teológica, provavelmente dentro do próprio IFT, e em movimentos e pastorais da Igreja Católica, assim como as fontes orais, geradas a partir das entrevistas com um professor e três alunos permitem fazer emergir do esquecimento várias situações existenciais daquele momento histórico e alguns temas em debate naquela ocasião. Entre outros temos: a expansão das universidades tanto públicas como confessionais, sobretudo as católicas, e a reforma universitária; a situação social, econômica e religiosa, analisadas a partir dos avanços das ciências humanas como a Sociologia, a Economia e a Psicologia, tanto no Brasil como internamente na Igreja Católica; a revolução cubana e a expansão do marxismo na América Latina; a emergência de uma juventude inquieta e sensível aos apelos revolucionários tais como se configuravam na ocasião, desde o momento em que havia uma preocupação em pensar a “revolução” e a moral cristã até o momento em que efetivamente se planejaram e se executaram ações de guerrilha, bem como a pretensão de uma guerra armada; as manifestações de setores da Igreja afetados pelos órgãos de segurança do regime militar com a prisão, assassinato e tortura de padres, religiosos e agentes de pastoral, assim como as invasões e devassas em conventos e mosteiros. Outros temas em debate emergiram destas fontes, como o movimento estudantil no Brasil; o fenômeno da urbanização e seus impactos econômicos, sociológicos, psicológicos e pastorais; a mulher no mundo moderno, industrial e urbano; os meios de comunicação e a situação do homem do campo.

A diversidade das fontes, tanto eclesiais oficiais como as de outros gêneros, remete às expectativas criadas em relação ao Concílio Vaticano II (1962-1965) e às novas formas de pensar a Igreja, a formação sacerdotal, a vida religiosa e sua ação pastoral. O IFT surgiu como uma instituição de formação filosófica, teológica e sacerdotal dentro desse contexto de renovação conciliar; de pretensão de diálogo com as ciências e o mundo moderno, que buscou pensar a fé como resposta ao ser humano encarnado numa realidade concreta; de uma inserção maior da Igreja nos meios populares e, menos, no meio acadêmico; de estruturas eclesiais mais familiares, informais e afetivas. Buscou-se na Sociologia, na Economia, na Psicologia, na Política e nas filosofias humanistas contemporâneas um pensamento teológico menos abstrato e mais consistente, amparado pelo pensamento científico; e uma prática pastoral

mais efetiva nas transformações desejadas e pensadas de uma Igreja menos jurídica, mais evangélica e profética em sua missão.

O IFT foi um fruto das expectativas e desejos de renovação internos à Igreja durante e imediatamente após o Concílio Vaticano II. Sob a iniciativa da CRB, reuniu-se um grupo de ordens e congregações religiosas, tais como carmelitas, camilianos, sacramentinos, verbitas e agostinianos recoletos, que juntas buscaram uma nova formação religiosa intercongregacional. Isso para que atendesse à busca de novos rumos e novas formas pastorais para a Igreja em diálogo com o mundo moderno, novos parâmetros para a reflexão filosófica e teológica, bem como, uma forma de reduzir custos relacionados à formação dos seminaristas. As discussões sobre a expansão das universidades, aplicadas ao âmbito interno da formação eclesial no início da década apontavam para a criação de um centro de formação intelectual e teológica mais atualizado. O IFT se encontrava, assim, imerso nesse momento de calorosos debates e de desejo de uma transformação social, política, religiosa, eclesial e pastoral. A forma como se empreendeu aquilo que se cogitou como renovação conciliar aplicada à formação teológica, trazendo para dentro as ciências, as filosofias e teologias contemporâneas, provavelmente seja a razão que levou alguns a caracterizá-lo como um projeto “avançado e muito além de seu tempo”. Com um centro acadêmico bem organizado, dinâmico e integrado com outros movimentos estudantis e cada vez mais politizado, o IFT logo se viu envolvido na resistência ao regime militar e, por isso, alvo de desconfianças da hierarquia da Igreja, com a qual entrou em conflito, agonizou e veio a ser extinto em fins de 1969. Teria sido o conflito com o cardeal a razão principal da extinção do IFT? Estaria aí a razão da expressão “o malfadado IFT”? A existência do IFT requer um aprofundamento em torno do pensamento político e filosófico, uma vez que toca em temas como a própria política, o totalitarismo, o autoritarismo, os movimentos estudantis da década de 1960, o problema do mal, o recurso da violência, a revolução e o marxismo.

A variedade de possibilidades em torno das fontes pesquisadas, desde as formas de tratamento delas, as metodologias de análise e escrita da história, o torna muito atraente a mim. Mesmo com os recortes necessários, agregam um conhecimento que permite uma maior compreensão da época, das instituições e pessoas envolvidas, em suas expectativas e frustrações.

Nasci em Alpinópolis, conhecida no sul de Minas Gerais como “Ventania”. Passei a infância e adolescência em Carmo do Rio Claro, a 30 km da “Ventania”, às margens do lago de Furnas. É uma região onde ainda sobrevive a tecelagem artesanal em teares de madeira. O ofício do historiador me faz pensar no complexo processo da tecedeira que “carda” a lã; pedala a roda e gira os chumaços esticando-os e fazendo os fios; “urde” os fios, preparando-os para serem colocados no tear; passa fio por fio nos “liços”, de acordo com a “trama” que pretende dar ao tecido; com habilidade, arremessa a lançadeira e pedala, movimentando o liço de forma que a linha lançada é prensada entre a trama. Aos poucos, formas geométricas, desenhos e cores da teia dão beleza ao tecido. Algo parecido faz o historiador com as fontes pesquisadas e analisadas. Na narrativa, a urdidura, a trama e o jogo das fontes fazem surgir o tecido, com seus desenhos e cores.

A tese se fundamentou em fontes de gêneros variados, tanto escritas, tais como documentos encontrados em arquivos e bibliotecas, como fonte oral, a saber: as entrevistas realizadas. A fonte básica, que serviu de critério de seleção para muitas outras, é o livro de Atas do diretório acadêmico do IFT. Ele foi cedido a mim por Ivanir Manzano Cestaro, último secretário do referido do DAXIX, falecido em março de 2023. As atas finalizam com o conflito entre o IFT e o cardeal. O IFT, no entanto, sobreviveu por mais um ano.

O nome do Diretório Acadêmico Onze de Outubro, também escrito sob a forma DAXIX, refere-se ao início do Concílio Vaticano II em 1962. Coincidentemente, uma ação da polícia militar no campus da Universidade de Brasília, em 11 de outubro de 1965, teve grande repercussão nos órgãos de imprensa. O diretório era o órgão oficial representativo dos estudantes do IFT.

O livro de atas consiste num conjunto encadernado com capa preta, de folhas pautadas e numeradas na frente e no verso, num total de 100 páginas, sendo 98 páginas escritas, tendo registradas 27 atas de reuniões entre 1966 e 1968. Anexado ao livro, em folhas separadas e soltas, estão uma cópia de carta dirigida ao cardeal D. Agnelo Rossi, na qual o DAXIX o convidava para uma visita de “diálogo” com os estudantes; uma relação de perguntas a serem dirigidas ao cardeal e outras questões para reflexão

do DAXIX. Esse documento abriu perspectivas para uma pesquisa mais aprofundada sobre a relação dos estudantes religiosos com a hierarquia eclesiástica, com o regime militar e com as organizações estudantis da época. Nas atas, em geral discute-se as relações dos estudantes com a União Nacional dos Estudantes (UNE) e com a União Estadual dos Estudantes (UEE). Muitos temas tratados se referem à relação entre os valores cristãos e os sistemas capitalista e socialista; ao envolvimento dos cristãos com os movimentos políticos e sociais; e à resistência ao regime militar, inclusive às formas de manifestações contra o regime e os meios de pressão para que a hierarquia da Igreja se posicionasse mais claramente frente à conjuntura política do país, que assumia formas cada vez mais ditatoriais. Um dos presidentes do DAXIX foi Fr. Tito Alencar, dominicano. Preso, torturado e exilado, distúrbios psiquiátricos o levaram ao suicídio na França em 08 de agosto de 1974. As atas também mostram os conflitos internos entre os estudantes no que se refere a atuação das diretorias do DAXIX e um papel ativo dos estudantes, entre os quais, os agostinianos recoletos que estudaram no IFT desde sua fundação, em 1965, até o encerramento de suas atividades, em 1969.

A partir desse livro de atas foi possível direcionar a busca de novos documentos e investigar os demais desdobramentos que implicou a existência do IFT e o encerramento de suas atividades. As informações obtidas nas atas constituíram uma referência essencial para a seleção e a organização da documentação nos acervos digitais de revistas, jornais, Arquivo Público do Estado de São Paulo e nos documentos nos demais arquivos físicos.

Dentre os arquivos físicos, foi realizada a busca de documentos e informações em atas e relatórios dos capítulos provinciais da Província de Santa Rita de Cássia, da Ordem dos Agostinianos Recoletos dos anos de 1963, 1966, 1969 e 1973, em Ribeirão Preto, interior de São Paulo. Trata-se de documentos de um evento oficial, com regulamentos internos rígidos e de caráter decisório, o Capítulo Provincial. Estas atas e relatórios selecionados trazem informações que precederam a criação do IFT, da participação, envolvimento e decisões da referida Província no que se refere àquela instituição, a qual tinha vários de seus membros na diretoria e no corpo discente. Os trechos destes relatórios e atas dos anos 1966 e 1969 onde há alguma referência ao IFT foram digitalizados. Os originais encontravam-se no arquivo da Ordem dos Agostinianos Recoletos em Ribeirão Preto, SP.

Acervos digitalizados de jornais e revistas estão entre as fontes utilizadas na pesquisa. O Jornal “Folha de São Paulo”, de 04 de agosto de 1967, traz em manchete uma foto de um religioso com hábito agostiniano recoleto sendo preso e conduzido ao interior do DEOPS por um agente de segurança do Estado por ocasião de uma manifestação dos estudantes do IFT. A reportagem no interior do caderno traz descrições e informações sobre o fato. Uma busca no acervo digital dos jornais “Folha de São Paulo” e “O Estado de São Paulo” foi realizada, na procura de reportagens sobre vários eventos que são referidos na pesquisa, como o discurso do Presidente dos EUA J. F. Kennedy aos embaixadores latino-americanos para lançamento da Aliança para o Progresso, em 13 de março de 1961; pronunciamentos do cardeal arcebispo de São Paulo, D. Agnelo Rossi sobre o IFT; atuações dos órgãos de segurança do regime militar em conventos; manifestações estudantis e congresso da UNE e outras dentro do recorte temporal em questão. A pesquisa se utilizou da imprensa não como História da Imprensa, mas como fonte que toca em fatos, como os referidos anteriormente. A forma como a “Folha” e o “Estadão”, por exemplo, trataram os eventos mostram diferentes perspectivas sobre eles.

O Prontuário do DEOPS²² do estudante preso por ocasião da manifestação e levado para inquérito no dia 03 de agosto de 1967, cedido pelo Arquivo Público do Estado de São Paulo, documento oficial, além das informações pessoais, não traz nenhuma outra que seja relevante ou ajude a compreender o motivo da prisão. Numa primeira busca *on line* no Arquivo do Estado, por ocasião da pandemia, que impossibilitou a busca presencial, um funcionário disponibilizou vários *links* de acesso a documentos; alguns dos quais relacionados a pessoas que estiveram vinculadas ao IFT. Essas fontes, originadas ou mantidas nos arquivos de um órgão de segurança, trazem informações e pontos de vista que necessitam de análises mais profundas sobre o

²² As siglas contém diferentes significados, conforme a organização do DOPS ao longo de sua existência e, especificamente em São Paulo. Assim, DOPS pode significar “Departamento de Ordem Política e Social” ou “Delegacia de Ordem Política e Social”, criadas na década de 1920, vinculadas às Secretarias de Segurança Pública. DEOPS significa “Delegacia Especializada de Ordem Política e Social”, sendo assim denominada especificamente em São Paulo durante o regime militar. Em 1969, foram criados os Destacamentos de Operações Internas - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODIs), oriundos da Operação Bandeirantes – OBAN. As unidades do DOPS conferiram legalidade aos documentos produzidos dentro dos DOI, que também produziram informações relevantes para a composição dos Inquéritos Policiais Militares – IPM. Cf. SODRÉ, Caroline Almeida; RONCAGLIO, Cynthia. O caráter de prova dos documentos produzidos pelas DOPS. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 22, n. 3, p. 252-266, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5344/2623>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/qjVcqg64n4B8hqxNtj7zRzv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: maio 2020.

sentido delas. A pesquisa nos documentos dos Arquivos do DOPS e DOI-CODI, no Arquivo Público do Estado de São Paulo, como fichas e prontuários de estudantes e professores do IFT, sugeriam a possibilidade da existência de um dossiê institucional a ser digitalizado. Inicialmente, as pesquisas foram afetadas pelas medidas de cautela durante a pandemia. Em abril de 2022, no entanto, foi possível a pesquisa “in loco” no arquivo de documentos sobre o IFT indicados na busca *on line*. Para surpresa, os documentos não se referiam a um possível dossiê sobre o IFT, mas, sim a outros dossiês. Um dossiê de 1966 recolhia documentos e inquéritos sobre as atividades do movimento estudantil, dentre elas de um congresso da União Estadual dos Estudantes, a UEE. Desse congresso, na clandestinidade, participou um estudante do IFT, Antônio Ramos Gomes. Ele compôs a comissão que preparou a criação do DAXIX, foi secretário “ad hoc” na assembleia de sua criação e depois membro da diretoria como secretário.²³ Em setembro de 1966, preso em flagrante por distribuir “material subversivo”, foi interrogado. Outro dossiê se referia à “Operação Ibiúna”, de 1968, sobre o Congresso da UNE, igualmente clandestino e cujos participantes foram presos e interrogados. Nesse congresso, estavam presentes alguns estudantes do IFT, como os dominicanos Frei Luiz Felipe Ratton Mascarenhas, Frei Domingos Figueiredo Esteves Guimarães e Frei Tito Alencar. Outros seis microfilmes pesquisados referiam-se a cinco pastas do “Caso Marighella”, com depoimentos de alguns alunos do IFT, quase todos frades dominicanos. Além dos três já citados, o IFT surgiu nos depoimentos de Frei Betto, que teve uma passagem breve na instituição, em 1967, de Frei Roberto Romano da Silva, estudante no primeiro semestre de 1968, e de Frei Yves do Amaral Lesbaupin, cujo nome aparece numa lista de estudantes de 1969. A relação entre IFT e o “Caso Marighella” trouxe novas interrogações. Teria sido esse fato e suas repercussões a “gota” que faltava para a extinção do IFT? Estaria aí a razão da escassez de fontes diretas do IFT nos arquivos até das instituições que o criaram, como a CRB, ou o abrigaram durante três anos, como o Colégio Des Oiseaux, das Cônegas de Santo Agostinho?

A Revista *Veja* nº 63, de 19/11/1969, com a manchete “Os sacerdotes da violência”²⁴ traz uma longa reportagem com destaque sobre os dominicanos envolvidos

²³ Livro de Atas do DAXIX, p. 2.12.

²⁴ OS SACERDOTES da violência. *Veja*, São Paulo, n. 63, p. 38-41, 19 nov. 1969.

na morte do escritor, político e guerrilheiro Carlos Marighella, exatos 15 dias antes, durante uma ação policial. A reportagem faz uma associação dos religiosos à violência e ao terrorismo; sugere que a formação nos seminários havia priorizado a política e o “Manual do Guerrilheiro Urbano”, de autoria de Carlos Marighella, à Bíblia e tradição religiosa; e destaca a figura de Frei Betto, um dos dominicanos presos. Na mesma revista, uma outra reportagem, “A excomunhão da lei”, faz referência à prisão e possível estupro de Irmã Maurina, em Ribeirão Preto, seguida da excomunhão dos delegados pelo arcebispo. A manchete liga a excomunhão não à pessoa do delegado mediante o possível abuso de autoridade e extrapolação de suas funções, mas à “lei”. A mesma revista ainda traz uma reportagem sobre o relatório Rockfeller, resultado de sua visita ao Brasil, com apreciações sobre a Igreja na América Latina. Pesquisa no acervo *on line* da Revista Veja desde o lançamento do primeiro número em 11 de setembro de 1968 a fins de 1969 trazem reportagens sobre o movimento estudantil e os rumos da igreja naqueles momentos pós-concílio e Conferência de Medellín, com ambiguidades que vão de apoio às diversas formas de resistência ao regime militar a críticas aos rumos tomados pela Igreja Católica.

Entrevistas²⁵ de pessoas que estiveram envolvidas nos fatos pesquisados, tanto religiosos docentes como ex-alunos do IFT, constituíram-se como fonte oral utilizada para a construção da narrativa histórica. Quatro entrevistas foram realizadas. Os entrevistados foram: CARN, ex-frade dominicano, professor no IFT, residente atualmente em São Paulo; a entrevista foi realizada presencialmente em sua residência; Padre LRB, sacerdote diocesano, estudante do IFT, residente atualmente em Campinas; com entrevista feita por Skype; Padre PHG, sacerdote sacramentino, incardinado na Arquidiocese de São Paulo, estudante do IFT, residente atualmente em São Paulo; com entrevista presencial realizada em sua residência no bairro do Limão; senhor RL, ex-frade agostiniano recoleto e estudante do IFT; residente atualmente em Bragança Paulista, SP; a entrevista foi feita presencialmente, durante visita ao Seminário Santa Mônica, Vila Hamburguesa, São Paulo, residência do entrevistador. Estas entrevistas trazem perspectivas comuns, sobretudo quanto ao espírito de renovação na igreja

²⁵ As entrevistas foram submetidas ao Comitê de Ética, através da Plataforma Brasil, e, conforme o “Parecer Consubstanciado do CEP”, aprovado no dia 28 de setembro de 2020, CAAE: 37784920.5.0000.5482, número do Parecer: 4.303.763. Todos os arquivos se encontram em posse do pesquisador.

pós-conciliar, quanto às diferentes abordagens de acordo com as experiências, posturas e leituras de cada um sobre sua vivência em relação às instituições IFT, ordens ou congregações a que pertenciam, Igreja Católica e as particularidades daquele momento.

Outras possibilidades poderiam ter surgido a partir de alguns que foram contatados, mas não entrevistados, por razões diversas: Frei Carlos Mesters, frade carmelita, professor no IFT, encontra-se bastante debilitado pela idade avançada, reside no norte de Minas Gerais e alegou não ter nada a dizer por não se recordar do período; Padre Edênio do Valle, sacerdote verbita, professor no IFT, reside em São Paulo, várias tentativas de contato foram feitas, porém, sem resposta; Professor Jarbas Novellino Barata, ex-frade agostiniano recoleto e ex-aluno do IFT, último vice-presidente do DAXIX, reside em São Paulo, encontra-se com a saúde debilitada, não respondeu às tentativas de contato; Professor Ivanir Manzano, ex-frade agostiniano recoleto e ex-aluno do IFT, último secretário do DAXIX; residia em Santo Anastácio, interior de São Paulo, contatado, disse não estar em condições psicológicas para ser entrevistado; Jairo Andrade, ex-frade agostiniano recoleto e ex-aluno do IFT, reside em Franca, interior de São Paulo, alegou problemas de saúde mental com o advento da pandemia e não se recordava de nada do período; Getúlio Falqueto e Everaldo Deprat, ex-grades agostinianos recoletos e ex-alunos do IFT, não foram contatados por falta de informações; Romeu Marcondes Sales, ex-frade agostiniano recoleto, esteve na reunião com o Cardeal D. Agnelo Rossi, após a qual o IFT caminhou para sua extinção, respondeu que nada tinha a dizer, uma vez que não era aluno da instituição; D. Agostinho, beneditino olivetano, exclaustro, ex-aluno do IFT, residia em Ribeirão Preto, interior de São Paulo, não respondeu às tentativas de contatado; Professor Magno Vilela, ex-frade dominicano, reside em São Paulo, não respondeu ao e-mail enviado; Francisco, ex-sacerdote camiliano, estudou no IFT, reside na Vila Hamburguesa, São Paulo, porém, o contato com ele foi perdido durante a pandemia. Constata-se um certo silêncio ou recusa em se falar sobre o IFT. Esquecimentos, ressentimentos, dores e paixões precisam ser considerados no tratamento da fonte oral e na elaboração da narrativa histórica.

Os depoimentos colhidos nas entrevistas tiveram um papel fundamental na melhor compreensão dos fatos e da instituição. Eles foram tratados segundo os critérios

metodológicos da memória oral. Com os depoentes, buscou-se também obter fotos, cartas e outras fontes úteis à pesquisa. Trabalhos de alunos do IFT e outros documentos foram gentilmente cedidos pelo Professor CARN: 25 documentos, entre calendário do ano letivo de 1969, tabela de trabalhos e notas de alunos, fichas manuscritas, fichas e trabalhos manuscritos ou datilografados. Cedidos por um professor que administrava disciplinas de cunho filosófico e teológico mais teóricos e abstratos, provavelmente não uma área muito atrativa aos estudantes da época, pois se vinculava mais ao que era considerado “tradicional”, “tomista”, “medieval” ou “tridentino”; ou seja, exatamente o que estava em contestação e com o qual a tendência era romper. Nesses trabalhos e fichamentos, a atenção esteve em posicionamentos mais pessoais dos estudantes, geralmente feitos na introdução e na conclusão.

A busca de fontes foi realizada também no acervo da Biblioteca Padre Lebre, no Convento dos Dominicanos, no bairro de Perdizes, São Paulo, próximo ao campus da PUC. Numa primeira busca, realizada nos meses de março e abril de 2021, em 50 pastas, contendo 1479 documentos, foram selecionados 36 dentre textos teológicos, documentos da Igreja, documentos diversos relacionados ao contexto político-cultural, trabalhos de alunos do instituto e uma apostila com timbre do IFT. Os textos foram organizados em: documentos que se referem ao contexto eclesial; documentos com referências ao contexto histórico no recorte temporal; documentos diretos do IFT (apostila e trabalhos de alunos). Os dominicanos constituíram um grupo expressivo dentro do IFT. Compondo sua diretoria e corpo docente, assim como no corpo discente, frades dominicanos tiveram presença muito ativa no diretório acadêmico e na organização das manifestações contra o regime militar. Além do convento em Perdizes, os dominicanos dispuseram seus arquivos em Belo Horizonte, MG, para pesquisa. Feitos os contatos, as pesquisas foram suspensas por ocasião da pandemia.

Outros arquivos eclesiásticos foram contatados, como o Arquivo da Mitra Arquidiocesana de São Paulo, buscando aí cartas, ofícios, memorandos e qualquer outra fonte que envolvia o IFT e seus membros docentes e discentes no período de 1965 a 1970. O arquivo foi contatado primeiramente em março de 2021, sem resposta. Novamente contatado em agosto, um funcionário ficou de verificar algum documento e

retornar para agendamento de pesquisa. Um problema foi logo levantado pelo funcionário quanto à documentação de D. Agnelo Rossi, que teria ficado com um sobrinho, já falecido, e o arquivo ainda não tinha posse dela.

Arquivos particulares de outras instituições religiosas relacionadas ao IFT também foram contatados. Num primeiro contato com a sede da Conferência dos Religiosos do Brasil, CRB-SP, a informação de uma secretária, não foi de não haver nenhum arquivo ou documento do IFT. Outro contato realizado em agosto de 2021, já sob nova direção, o secretário pediu mais informações e não deu nenhum retorno. O contato feito com a Ordem dos Clérigos Regulares Ministros do Enfermos, camilianos, cuja sede provincial é em São Paulo, não foi positivo. A Ordem do Carmo, carmelitas, cujos arquivos estão em Belo Horizonte, MG, também os abriu para a pesquisa. Contatados, infelizmente as pesquisas tiveram que ser suspensas por ocasião da pandemia, uma vez que vários casos de COVID-19 ocorreram no convento. As Cônegas de Santo Agostinho, proprietárias do antigo Colégio Des Oiseaux e do Instituto Sedes Sapientiae, também gentilmente se dispuseram a colaborar. O primeiro contato foi realizado com Irmã Valdete, em agosto de 2021. Nada, no entanto, foi encontrado.

A internet se constituiu um grande instrumento de pesquisa. Não só por causa do acesso aos acervos digitais, mas também na busca de informações sobre personagens, instituições, movimentos e fatos que surgiam à medida que a pesquisa avançava. Como as fontes na internet podem ser altamente duvidosas, as buscas estiveram focadas em páginas oficiais e de instituições passíveis de maior credibilidade.

As fontes pesquisadas se enquadram em alguns grandes grupos, com características comuns: Fontes orais, obtidas através das entrevistas, e Fontes textuais, de gêneros diversos, como as Atas do Diretório acadêmico, atas capitulares, relatórios capitulares, cartas oficiais e ofícios internos, textos utilizados pelos professores ou em circulação nos ambientes de formação teológica dentro do recorte temporal, Trabalhos de alunos, jornais e revistas. Cada gênero exige um tratamento próprio de análise e oferece desafios para a construção da narrativa histórica.

Dentre as fontes estão as entrevistas realizadas com pessoas que tiveram ligação com o Instituto de Formação Teológica, IFT, seja no seu quadro docente, discente

ou diretoria. Isto constitui, portanto, uma fonte oral, baseada no relato, na lembrança, na memória.

A experiência de pesquisadores e historiadores com as fontes orais teve peso na análise das entrevistas. O objetivo não era a construção de uma "biografia", mas as entrevistas como fonte implicam traços biográficos e um elemento comum: a vivência na instituição pesquisada. As pistas deixadas por historiadores mais experientes foram relevantes na realização das entrevistas, no seu tratamento e na construção da narrativa histórica. No caso desta tese, existe um sujeito singular, que é cada um dos entrevistados; um sujeito coletivo, a instituição IFT; e a forma como cada um viveu, atuou e respondeu às circunstâncias envolvidas. Captar as intuições e "epifanias" de cada um dos sujeitos em relação ao sujeito institucional comum constituiu-se um desafio.

Dentre os sujeitos envolvidos no IFT, existem alguns elementos que naquela ocasião despontavam como "notáveis" no meio eclesiástico: dentre seus diretores, Padre Olinto Pegoraro, já falecido, e Frei José Neves, dominicano, com a saúde bastante abalada e incapacitado de falar; dentre seus professores, religiosos como Frei Carlos Mesters, carmelita, Frei Bernardo Catão, dominicano, Padre Edênio Valle, verbita, o então Padre Hugo Assman, teólogo. Dentre os estudantes, alguns já se manifestavam líderes por características próprias como desempenho acadêmico, atuação na organização de eventos esportivos, culturais (palestras, jornal próprio) e políticos (manifestações). Necessário se fez em considerar a "normalidade" de cada um e os fatores que poderiam ter contribuído para a notoriedade de algum dos seus elementos e da própria instituição, naquele momento. Uma das falas na memória de alguns é a do IFT como instituição que tinha "um projeto avançado para seu tempo". Superlativos e hipérboles tanto em relação aos sujeitos singulares como quanto ao sujeito coletivo institucional foi um cuidado necessário para não heroizar e muito menos demonizar os personagens.

Um outro ponto fatal com o qual se depara o historiador é a questão da "Verdade" tanto do relato oral como da construção da narrativa histórica. Necessário se fez estar atento ao que se disse e ao que possivelmente esteve oculto nas falas ou na própria narrativa construída. Existe certa objetividade na fala, no que é dito, assim

como existe a subjetividade daquele que relata, lembra, relembra, memoriza e rememora e daquele que constrói a narrativa histórica. A narrativa histórica não pode ser mera retórica e nem se constitui como verdade definitiva. Assim, a forma como Santo Tomás de Aquino sintetiza a noção de verdade parece-me bem pertinente: "adequatio intellectus et rei" (adequação entre o intelecto e a coisa). Aí já se contempla a objetividade da "coisa" pensada, a subjetividade daquele que pensa e os critérios para uma relação adequada.

Necessário se fez considerar a natureza das fontes, tanto orais como escritas, para não cair no "fetichismo dos documentos", pois os mesmos documentos contêm lacunas que abrem para probabilidades interpretativas. Sua geração e interpretação têm sentido e contextos, assim como existem os contextos em que foram gerados e os contextos no momento da interpretação pelo historiador em sua atividade.

O Tempo é um dos elementos sobre os quais se debruça o historiador. Daí a busca de um entendimento de temporalidade além do cronológico. Há uma riqueza de vida contida em certos momentos que não podem ser abarcados pelo "relógio". Tanto o tempo do historiador como o tempo dos entrevistados são importantes no processo de construção da narrativa histórica. A vida se compõe também de ritmos e polaridades com intensidades distintas tanto no plano pessoal como no social-coletivo. Trata-se de um esforço contínuo da percepção da transformação naquele que vive no tempo. As relações com o tempo são vívidas e elásticas. O tempo cronológico, externo, não limita o "acontecimento lembrado", enquanto vivido ressignificado. A memória é um trabalho sobre o tempo vivido, com conotações culturais e pessoais e que não flui uniformemente. Como bem disse Marilena Chauí: "Lembrar não é reviver, mas re-fazer. É reflexão, compreensão do agora a partir do outrora; é sentimento, reaparição do feito e do ido, não sua mera repetição" (p. XX).²⁶

Há uma relação entre o tempo e a trama na construção da narrativa histórica.

Para haver narrativa, nossa atenção precisa ser movida adiante
por milhares de contingências. É o que nos motiva a ir até o fim.

²⁶ CHAUI, Marilena de Souza. Os trabalhos da memória. In: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 2. ed. São Paulo: T.A. Queiroz: Ed. da Universidade de São Paulo, 1987. p. XVIII-XXXIII.

Então, em vez de previsível, o final da história precisa ser aceitável (p. 235).²⁷

A trama se refere à ação humana não apenas dentro do tempo, mas dentro da memória de quem acompanha a narrativa, em planos diversos: o do sujeito que escreve, ou seja, o historiador; o dos sujeitos sobre os quais se escreve, tais como os diversos personagens envolvidos, sejam pessoas ou instituições; e o dos leitores e destinatários²⁸ no processo de comunicação. Perceber nas fontes as mudanças no tempo cronológico abriu a possibilidade da construção da narrativa por fases e episódios, enquanto "completos" em si mesmos e articuláveis com os demais. Assim, a narrativa se torna "o registro das coisas que mudam, em vez das coisas que acontecem".²⁹

Nas fontes, em sua diversidade, procurei ter como foco o IFT, aqueles que a ele pertenceram em algum nível institucional, as instituições eclesiásticas e pastorais, os grupos organizados como resistência ao regime militar de alguma maneira envolvidos e as ideias veiculadas no meio acadêmico teológico e no recorte temporal. As fontes exigiram considerar a forma como foram construídos a narrativa, a descrição dos fatos, os discursos tais como compreendido em sua época, uma época de profundas e rápidas transformações sociais, políticas e eclesiais.

Assim, na análise das fontes, foi necessário considerar o lugar daquele que fez a memória dentro da instituição IFT ou da Igreja Católica e, em relação a elas, o lugar e a forma das atas do diretório acadêmico, das atas e relatórios capitulares, das cartas oficiais ou pessoais, das notícias em relação ao jornal e à revista pesquisados e destes em relação aos seus leitores.

²⁷ VILAS-BOAS, Sérgio. Tempo. In: VILAS-BOAS, Sérgio. **Biografismo**: reflexões sobre escrita da vida. 2. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2014. p. 211-246.

²⁸ *Ibid.*, p. 236.

²⁹ *Ibid.*, p. 240.

O trabalho foi realizado basicamente com fontes “verbais”, entendidas aqui como escritos textuais e como depoimentos orais³⁰ transcritos. As fontes textuais envolvidas são “manuscritas”, como no caso das atas, relatórios, cartas, trabalhos de alunos; “datilografadas”, como o material utilizado pelos professores e alguns trabalhos de alunos; ou “impressas”, como os jornais e revistas. Nestas fontes, houve uma atenção quanto à variação vocabular, uma vez que a palavra se situa dentro de uma “língua viva”; possui uma história; está dentro de sistemas verbais de comunicação cujos sentidos e significados variam, são ressignificados, são reapropriados por sucessivos contextos e são adaptados a novos usos. Considerando os sistemas linguísticos do historiador e do utilizado na fonte, nos diz Barros: “suspensas entre eles, as palavras podem ser enganosas”.³¹ Desde a perspectiva dos “autores”, cabe ao historiador decifrar as inversões, contradições e silêncios presentes nos discursos.

A pesquisa realizada para a construção da tese se fez com a busca em arquivos de distintos tipos. “Um arquivo é uma instituição de guarda de documentos”.³² A documentação geralmente é de caráter político, governamental ou institucional. Alguns arquivos pesquisados são particulares, como os arquivos eclesiásticos e conventuais. Outros de caráter público, como o Arquivo Público do Estado de São Paulo. Acervos da imprensa escrita como os jornais “Folha de São Paulo”, “Estado de São Paulo” e revista “Veja” foram consultados geralmente para relacionar a eventos publicados, lidos e discutidos pelos estudantes do IFT ou referidos de alguma outra forma. Não se trata de uma “História serial”, nem a “História da Imprensa. A utilização destas fontes se deu procurando levar em conta a tendência editorial de cada uma na ocasião e suas perspectivas quanto ao modo de criar uma reportagem, a linguagem utilizada, os posicionamentos em relação ao momento político, à Igreja Católica e ao público a que se destinavam. Com os devidos elementos e critérios analíticos das fontes, a narrativa histórica construída sobre o IFT e seus diversos personagens obteve mais consistência e profundidade.

³⁰ BARROS, José D’Assunção. **Fontes históricas**: introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 54.

³¹ *Ibid.*, p. 90.

³² *Ibid.*, p. 114.

O IFT existiu como uma pequena instituição, um conglomerado de ordens e congregações religiosas com vínculos de subordinação a uma instituição mais ampla, a hierarquia da Igreja Católica. A estrutura hierárquica da Igreja Católica é complexa, pois cada ordem religiosa, cada congregação, tem seus estatutos próprios. A complexidade se torna maior quando envolve a relação dessas ordens e congregações com o ordinário local, no caso, o arcebispo de São Paulo. A questão da colegialidade foi incrementada pelo Concílio Vaticano II. Organismos colegiais como Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, e da Conferência dos Religiosos do Brasil, CRB, criados na década anterior, adquiriram mais força e peso dentro do complexo hierárquico eclesiástico. O contexto da curta existência do IFT se situa no período do regime militar no Brasil. Os estudantes do IFT estiveram ligados aos movimentos estudantis e, alguns, à resistência ao regime militar em movimentos organizados na clandestinidade com atuações em guerrilha urbana e planejamento de guerra armada. O período marca o início de um relacionamento tenso entre a Igreja Católica no Brasil e o Estado governado sob o regime militar.

Enquanto instituição eclesiástica, o IFT não se caracterizava como “democrática”. Por outro lado, pode ser demasiado precipitado dizer que simplesmente por ser hierárquica, a Igreja Católica seja, ipso facto, “autoritária”. A complexidade da estrutura eclesiástica foi considerada, buscando, com todos os desafios dos últimos tempos, entender a crise de autoridade e as formas de exercício do poder tanto eclesiástico como político. Hannah Arendt e Norberto Bobbio foram contribuições bem pertinentes. O vácuo jurídico na Igreja Católica teve um grande peso naquele momento, seja pela flexibilidade de iniciativas organizacionais e pastorais, seja pela incerteza, confusão e arbitrariedades possíveis nessa conjuntura.

Fatalmente, a tese envolve vários conceitos e categorias de cunho sociopolítico, tais como o funcionamento institucional, seja do IFT, seja da Igreja Católica, seja do Estado e do regime militar. Uma instituição é marcada por uma organização interna que supõe relações de poder, autoridade, vigor de seus representantes, tradições e discursos que formam um “corpus” ideológico. A elaboração da tese exigiu compreender as formas de organização das diversas instituições envolvidas, como se davam as relações de poder e autoridade e que tradições e discursos estiveram em choque naquele momento. O fato de ter estudado num colégio militar e ser religioso, membro

de uma ordem da Igreja Católica, permitem-me alguns pontos de vista diferentes do historiador mais distante dessas instituições. Certamente, o olhar desde dentro e da experiência pessoal nessas instituições comprometem também o distanciamento necessário para uma análise menos subjetiva. O regime militar naquela ocasião já se deparava com manifestações contrárias e resistência por parte dos estudantes, dentre eles, alguns do IFT. A partir de um entendimento do que é uma instituição política, seja civil, militar ou religiosa, o esforço ao elaborar a tese esteve na atenção às relações de poder e autoridade e o que motivou o uso da violência com os que resistiam ao regime e pelos que resistiam a ele.

O recorte temporal delimitado entre 1965 e 1970 foi caracterizado por uma “densa temporalidade”, no sentido de que mudanças e transformações sociais, políticas, religiosas ocorreram de forma rápida e trouxeram consigo manifestações de insatisfação, de reivindicações diversas, protestos em vários setores e países, como as manifestações políticas e estudantis em 1968. No âmbito da Igreja Católica, esse período é imediatamente após o Concílio Vaticano II, que trouxe consigo uma série de propostas renovadoras e inovadoras no âmbito institucional interno, no trabalho pastoral e no relacionamento com o mundo moderno em sua complexidade, bem como no diálogo com outras igrejas e religiões. “Aggiornamento”³³ era a palavra de ordem do dia durante e imediatamente após o concílio. Isso não se deu sem conflitos, numa mescla de esperanças, frustrações e crises profundas, sobretudo após 1968. As mudanças propostas se repercutiam em mudanças comportamentais tanto num nível macro-social como no âmbito interno da organização eclesial. Alguns aspectos da história do IFT evidenciam as consequências nefastas que podem ter a compreensão indevida da autoridade, o exercício unilateral do poder e a ausência do “diálogo” ou do debate livre. A palavra “diálogo”, que aparece muito nas fontes, nem sempre se refere a uma via de mão dupla, seja em relação à autoridade eclesial, seja em relação às ciências. Muitas vezes acoberta um desejo de “imposição” de uma das partes sob um termo mais suave.

³³ “**Aggiornamento** é um termo italiano, que significa “atualização”, renovação. Esta palavra foi a orientação chave dada como objetivo para o Concílio Vaticano II, convocado pelo Papa João XXIII”. Cf. ERPEN, Jackson. “**Aggiornamento**”, o contexto da renovação conciliar. 2018. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2018-08/concilio-vaticano-ii-aggiornamento-sacrosanctum-concilium.html>. Acesso em: 12 maio 2020.

O recorte temporal demanda um esforço de compreender o regime militar e os movimentos de resistência. Tanto o regime militar reivindicava para si uma “garantia de liberdade” como os movimentos de protesto contra ele alegavam a “busca de liberdade”. O regime militar usou de violência contra os resistentes, através de prisão e da prática da tortura. Não se pode negligenciar que muitos grupos de resistência, sobretudo as guerrilhas urbanas armadas, sob variadas linhas marxistas, igualmente se utilizaram da violência, da tortura, da prática de justiçamentos, do roubo e assalto, em geral a bancos, dos atentados a instituições e locais públicos, dos sequestros e outras formas de guerrilha, em nome de uma suposta “democracia”, cujo discurso ocultava, no entanto, projetos de imposição de uma “ditadura do proletariado”. O que temos aí são os conflitos entre duas “ditaduras”, ambas com “discurso democrático”. Os elementos ideológicos presentes no regime militar e nos movimentos de resistência se efetivaram num confronto caloroso, violento e cruel. À medida em que a resistência ao regime militar por grupos de guerrilha e pelos movimentos estudantis aumentou, a sua atuação, num contexto mundial de guerra fria e, no Brasil, de um regime de exceção, caracterizou-se cada vez mais como uma guerra interna. Cassação de direitos civis básicos, prisões sumárias e práticas de tortura tornaram-se mais frequentes. De outro lado, no entanto, por parte dos grupos de resistência, as práticas não eram menos assustadoras e criminosas.

A partir de 1967, uma parcela de estudantes do IFT se engajou progressivamente nos movimentos estudantis. Ao menos 34 nomes foram localizados com fichas nos arquivos do DOPS, em São Paulo chamado de DEOPS. Desses, 23 eram de seus integrantes. Alguns constam como membros ativos em movimentos de resistência ao regime militar como a Ação Popular, nascida no interior da Igreja Católica, mas com uma proposta de ser independente da estrutura eclesiástica, e posteriormente chamada de Ação Popular Marxista-Leninista do Brasil (APML), a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) ou em partidos políticos na clandestinidade, como o Partido Comunista do Brasil (PCdoB). Todos esses grupos eram marxistas com viés ideológico diferenciados entre si, mas que visavam a guerra cultural, a luta armada e a guerra popular, a curto ou longo prazo, com o intuito de implantar a ditadura do proletariado em vista de uma sociedade comunista.

O IFT consistiu numa instituição de formação filosófica e teológica, organizada por um grupo de ordens e congregações religiosas. Dentro dela existiu um diretório acadêmico que, por sua vez, definia as ações dos estudantes nele integrados e, de forma organizada, promovia a participação nas manifestações contra o regime militar. A Igreja Católica promovera um concílio ecumênico abrindo novas perspectivas quanto à sua organização interna e para o agir cristão e eclesial. Ela, no entanto, trazia também consigo um grande peso de tradições e disciplina, fortemente questionados na época. O Estado republicano brasileiro, politicamente marcado por grandes instabilidades institucionais, num contexto de guerra fria e de uma tradição autoritária e anticomunista, encontrava-se com grandes divergências internas entre as quais as propostas socialistas, animadas pela recente vitória da revolução cubana, e a continuidade com um alinhamento capitalista ocidental europeu e norte-americano. A violência do Estado sob o regime militar, com traços progressivos do autoritarismo para a ditadura, e a dos grupos de resistência, ambas com bestialidades em atos de tortura, de atentados e de mortes brutais são para mim de difícil compreensão e me causam o sentimento de indignação.

A vitoriosa “Revolução cubana”, liderada por Fidel Castro em 1959, trouxe à América Latina um grande debate sobre a questão da “Revolução” e o avanço do marxismo no continente. Uma característica da questão da revolução, nos últimos séculos é sua perspectiva marxista.³⁴ Os movimentos estudantis na década de 1960 estiveram intimamente ligados a esse debate em pleno vigor e efervescência. Várias fontes trazem o debate sobre a questão da revolução, desde seu viés marxista, até a busca de fundamentos e parâmetros morais e cristãos para referendá-la e sustentá-la como uma obrigação ou não ao “fiel”, enquanto uma “revolução cristã”. Esse debate se deu desde os fins da década de 1950 e início da década subsequente. Frequentemente, emerge nas fontes o jogo de palavras relacionando “revolução” e “evolução”. Um dos impulsionadores do debate com esse jogo de palavras foi o discurso pronunciado pelo presidente dos Estados Unidos John F. Kennedy na Casa Branca, a 13 de março de 1961. Durante a recepção aos embaixadores da América Latina, quando anunciou a formação da “Aliança para o Progresso”, seu discurso afirmava a pretensão de se promover uma outra revolução que elevasse o nível de vida, a dignidade e

³⁴ REVOLUÇÃO. In: BOBBIO, Norberto. **Dicionário de política**. 11. ed. Brasília, DF: Ed. UnB, 1998. p. 1121-1123.

a liberdade.³⁵ Sem essa ajuda financeira dos Estados Unidos, “nossa revolução e nosso sonho terão falhado”.³⁶ Diante da polaridade estabelecida entre “Capitalismo” e “Socialismo” durante a Guerra Fria, em oposição a esse discurso do presidente Kennedy, os discursos da esquerda marxista reforçaram a ideia do socialismo e do comunismo como a “evolução” da “revolução”. Ao final da década, as fontes apontam para um outro nível da categoria de revolução: a luta armada. Setores do movimento estudantil, partidos como o PCdoB, movimentos como APML e VPR planejaram a guerra armada, que incluía formas de ação tais como guerrilha, sabotagens e formação de um exército popular.

A curta história do IFT reflete uma duração intensa, cheia de esperanças e expectativas, um “durante” marcado por intensas atividades culturais e políticas que culminou na frustração devido a um conflito hierárquico e a insatisfações quanto à lentidão das mudanças que se cria necessárias. Um tempo de profundas e rápidas transformações, de revisão de conceitos, estruturas sociais, culturais e de buscas de novas formas institucionais contra a tradição colocada em xeque.

O tempo presente é o tempo vivido no “agora” que flui, que passa; é aquele que “urge”, porém, nunca permanece. Por isso é sofrível, carregado de incertezas, de inseguranças, de “murmurações”,^{37,38,39,40} insatisfações e tensões. O IFT iniciou suas atividades em 1965, desenvolveu muitas atividades de cunho político com a participação nos movimentos estudantis em 1967 e 1968 e foi extinto em 1969 após o conflito com o Cardeal Arcebispo D. Agnelo Rossi e o “Caso Marighella”, que envolvia estu-

³⁵ O PLANO de Kennedy “marcará o princípio de uma nova era na experiência americana”. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 2, 14 de março de 1961. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=373&anchor=4478937&origem=busca&originURL=&pd=9b66cc1ca28c26508d5b00e63816e812>. Acesso em: 12 maio 2020.

³⁶ LOUREIRO, Felipe Pereira. Dois pesos, duas medidas: os acordos financeiros de maio de 1961 entre Brasil e Estados Unidos durante os governos Jânio Quadros e João Goulart (1961-1962). **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 22, n. 2 (48), p. 547-576, ago. 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-06182013000200009>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ecos/a/7KwN4pzt438ZnJQ77XxMbtP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 maio 2020.

³⁷ TIEMPO. In: FITZGERALD, Allan D. **Diccionario de San Agustín**: San Agustín através del tiempo. Burgos: Ed. Monte Carmelo, 2006. p. 1264-1272.

³⁸ REINARES, Tirso Alesanco. Dios en el mundo creado. El Tiempo. In: REINARES, Tirso Alesanco. **Filosofia de San Agustín**: síntesis de su pensamiento. Madrid: Ed. Augustinus, 2004. cap. 4, p. 303-320.

³⁹ GUITTON, Jean. **Le temps et l'éternité chez plotin et Saint Augustin**. Paris: Vrin, 1959.

⁴⁰ GILSON, Étienne. A criação do tempo. In: GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. 2. ed. São Paulo: Paulus: Discurso Editorial, 2010. p. 357-370.

dantes e ex-estudantes, sobretudo dominicanos. Isso ocorreu em meio às crises políticas e, no âmbito interno eclesiástico, uma crise vocacional sem precedentes, tanto pelo esvaziamento dos seminários, como pelo abandono da vida sacerdotal por muitos sacerdotes. As esperanças de transformação interna, de mudança nos costumes, de novas práticas pastorais e de “diálogo” como os tempos modernos, ansiadas durante e após o Concílio Vaticano II, converteram-se muito rapidamente em frustrações e num fim drástico da instituição.

No mundo antigo, segundo François Hartog, o papel político do discurso se vinculava aos oradores profissionais. A forma como ele trabalha as categorias de “logos” e “ergon” (p. 41),⁴¹ enquanto poder da palavra que suscita moções e ações nos ouvintes, tornam-se úteis na leitura dos textos selecionados como fontes históricas, sobretudo os encontrados na Biblioteca Padre Lebrecht, e sua variedade de gêneros diferentes, que vão de relatórios, pesquisas, cartas abertas, a textos teológicos acadêmicos. Cada gênero tem sua forma própria de análise.⁴² A percepção do sentido mais completo só é possível considerando o contexto histórico em que foram gerados ou utilizados, a década de 1960, e o ambiente onde foram lidos e interpretados, a instituição de formação de novos religiosos e sacerdotes, numa Igreja cuja estrutura administrativa, senso de autoridade, discurso teológico e ação pastoral passavam por um processo de revisão, de um lado cheio de expectativas, e de outro, incertezas e inseguranças. Nessas fontes estão contidos os discursos e práticas religiosas relacionadas a um modelo pré-existente em oposição aos novos discursos e às possibilidades de práticas ainda incipientes, cujos desdobramentos eram incertos. Os teólogos e professores de Teologia enquanto mediadores, analistas e produtores desses discursos e, de certa forma, orientadores das novas práticas de ação, contaram com a colaboração e participação dos seus estudantes, que não eram simplesmente receptáculos passivos.^{43,44} Nessa relação entre professor de Teologia e seus alunos elaborou-se um “Logos”, portador de um “ergon”. Ao historiador cabe a leitura e a interpre-

⁴¹ HARTOG, François. Oradores e historiadores. In: HARTOG, François. **Evidência da história**: o que os historiadores veem. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p. 37-44.

⁴² BARROS, José D’Assunção. **Fontes históricas**: introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 93-94.

⁴³ *Ibid.*, p. 104-105.

⁴⁴ *Ibid.*, p. 40-43.

tação desse “Logos” e a avaliação de seu “ergon”. Tais textos discursivos e não narrativos aqui estão como fontes para construção de um discurso histórico. Não há como fugir da tensão que se estabelece entre a exigência de verdade e a “falsidade inevitável dos discursos”.⁴⁵ Aí, igualmente o historiador precisa ter clareza entre aquilo que lhe é próprio no seu ofício e a narrativa a ser construída.

A fronteira entre o historiador e o orador, entre a eloquência e a história, corre o risco de se emaranhar ou desaparecer: o historiador julga-se, então, orador ou faz o papel de político que ele não é ou deixou de ser.⁴⁶

A “circularidade cultural” mostra-se outra categoria relevante na tese, pois, nos documentos, podemos encontrar uma relação entre testemunhos, narrativos ou não narrativos, e a realidade testemunhada que deve ser repetidamente analisada.⁴⁷ As formas de representação da realidade, segundo Carlo Ginzburg, podem ser analisadas sob diversas perspectivas, como conflitos de desafios, empréstimos recíprocos e hibridismos.⁴⁸ Os textos, enquanto documentos e fontes históricas, mesmo sem referências claras a dados concretos de seu tempo, podem ser analisados e neles perceber a mentalidade de quem os escreveu.⁴⁹ Até mesmo nos textos fictícios, segundo José D’Assunção Barros, é possível detectar testemunhos históricos involuntários sobre usos e costumes como fragmentos de verdade. “Todo texto inclui elementos incontrolados”.⁵⁰ Estes elementos involuntários e incontrolados se constituem como “rastros” que permitem ao historiador seguir e, qual um fio, construir uma narrativa histórica. Na diversidade de gêneros textuais utilizados, mesmo nos textos anônimos, é possível detectar os testemunhos históricos, dados da mentalidade de quem os escreveu e elementos para a construção da narrativa histórica daquele recorte temporal.

O distanciamento temporal de pouco mais de meio século já é suficiente para uma atitude de “estranhamento” entre o momento atual do historiador que constrói a

⁴⁵ *Id.*, p. 42; sobre a questão da veracidade. Cf. BARROS, José D’Assunção. **Fontes históricas**: introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 84-87.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 42.

⁴⁷ GINZBURG, Carlo. Introdução. In: GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Cia das Letras, 2007. p. 7-14.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 9.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 10.

⁵⁰ *Id.*, p. 11; sobre fontes voluntárias e involuntárias. Cf. BARROS, José D’Assunção. **Fontes históricas**: introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 42-49.

narrativa histórica e as circunstâncias históricas do momento em que os textos pesquisados foram escritos. Esse estranhamento é até mesmo necessário para perceber o outro momento histórico e compreender suas especificidades.⁵¹

Através dos textos selecionados, é possível rastrear algumas ideias em circulação, certos elementos formadores da mentalidade dos grupos sociais aos quais pertenciam seus autores, o modo como viam o passado, a tradição eclesiástica, o processo formativo dos religiosos e sacerdotes, a vida institucional e a prática pastoral da Igreja, a religiosidade popular, as questões econômicas, sociais e políticas, os problemas constatados como realidade latino-americana e mais especificamente brasileira, as respostas que cogitaram e suas expectativas ante o futuro. O ambiente eclesiástico, social e político no recorte temporal da tese é diversificado, denso, tenso, vibrante, doloroso e chocante.

Um texto anônimo e sem data encontrado na Biblioteca Padre Lebrecht, provavelmente do início da década de 1960, traz uma crítica sobre a expansão das universidades, tanto públicas quanto católicas, no Brasil; aponta para a urgência de alguns centros de estudo e pesquisas católicas para sustentar um apostolado no meio intelectual; manifesta a insuficiência da intelectualidade católica e das faculdades de Teologia estagnadas, sem produções relevantes, atrasadas e inúteis.⁵² “Os alunos que dela saem estão aptos para dar cursos, não para pensar um cristianismo adaptado a seu tempo e país”.⁵³ Mediante essa ineficiência, urgia formar um centro de pensamento católico.

Assim, dentro do contexto de renovação conciliar, sob a iniciativa da Conferência dos Religiosos do Brasil, CRB, com o intuito de reunir várias congregações e ordens religiosas num único centro acadêmico de Filosofia e Teologia, o IFT intendia oferecer uma formação com um nível mais alto. Um mesmo lugar facilitaria a circulação das ideias entre as instituições envolvidas com professores melhor preparados e diversificados, e, por fim, diminuiria custos de manutenção. Cada ordem ou

⁵¹ AGUIRRE ROJAS, Carlos Antônio. Sobre antimanuais e antidefinições da história. In: AGUIRRE ROJAS, Carlos Antônio. **Antimanual do mau historiador**. Londrina: EDUEL, 2007. p. 20-33.

⁵² A REVOLUÇÃO intelectual e a Igreja na América Latina. P41-14. p. 13-17. Mimeografado.

⁵³ *Ibid.*, p. 17.

congregação manteria seus seminários e sua formação própria. O IFT seria um espaço comum de formação acadêmica filosófica e teológica.

Dois lugares distintos sediaram o IFT em sua curta trajetória, marcada pela instabilidade quanto ao local de funcionamento. As memórias colhidas apresentam algumas incertezas. A ausência de documentos e outras fontes não permitem uma confrontação. A primeira sede, durante quase três anos, metade da existência do IFT, de 1965 a 1967, foi o antigo Colégio Des Oiseaux. Em 1968 e 1969, a sede foi transferida para o convento carmelita junto à Basílica Nossa Senhora do Carmo, situado à Rua Martiniano de Carvalho.

Antes de ser vendido para as freiras Cônegas de Santo Agostinho, de origem belga, em 1906, o edifício conhecido como "Vila Uchoa" também fora residência da família Uchoa. O projeto, elaborado pelo arquiteto Victor Dubrugras, francês radicado no Brasil, seguia o estilo "art nouveau". Com paredes ornamentadas com flores e frutos brasileiros, o edifício se situava na esquina da Rua Augusta com a Rua Caio Prado.

Inaugurado em 1907, o Colégio Des Oiseaux destinava-se ao ensino para meninas e moças da burguesia paulistana. Instituição de prestígio e excelência acadêmica, funcionou inicialmente como internato e, depois, ao final da década de 1940, como semi-internato. Os cursos oferecidos iam desde o primário, passando pelo ginasial e colegial (clássico e científico) até o superior, que era ministrado pelo Instituto Superior de Filosofia, Ciências e Letras Sedes Sapientiae, criado pelas cônegas em 1933. Contava também com um Centro de Estudos Teatrais. Além da educação formal, as jovens recebiam aulas de francês, latim, canto, bordado e etiqueta, conforme as exigências culturais da época para as mulheres. Dentre algumas personalidades conhecidas que estudaram no Colégio Des Oiseaux encontram-se Ruth Cardoso e Marta Suplicy.^{54,55}

⁵⁴ BATISTA, Liz. Era uma vez em São Paulo ... Colégio Des Oiseaux. **Estadão**, São Paulo, 29 maio 2015. Disponível em: <http://m.acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,era-uma-vez-em-sp-colegio-des-oiseaux-,11116,0.htm>. Acesso em: 12 maio 2020.

⁵⁵ BERGAMASCO, Daniel; BARROS, Mariana; VERANO, Rachel; XAVIER, Maurício; HIRAOKA, Ricky; GIOVANELLI, Carolina; LORENÇATO, Arnaldo. O antigo reduto das estudantes finas. **Veja São Paulo**, 18 jan. 2013. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cultura-lazer/curiosidades-aniversario-sao-paulo-colegio-des-oiseaux/>. Acesso em: 12 maio 2020.

A crescente agitação que se deu com a expansão o centro da cidade, 'a balbúrdia do intenso tráfego de veículos nas proximidades' e o acelerado desenvolvimento imobiliário da região, com **'enormes prédios de apartamento'** que passaram a cercar o colégio 'por todos os lados', levou as freiras a buscarem um novo local para o colégio.⁵⁶

Em 1960, as freiras inauguraram um novo colégio no Morumbi e desativaram a unidade que se encontrava no centro. Essa unidade, onde funcionou o IFT de 1965 a 1967, foi vendida e demolida em 1974. Hoje, no local está o Parque Augusta. Situado na região central de São Paulo, o Colégio Des Oiseaux estava rodeado de livrarias, teatros, cinemas e universidades, como a Mackenzie e a "Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras" da USP, cafés e bares onde se reuniam intelectuais e estudantes.

Os Carmelitas estão presentes na cidade de São Paulo desde 1594. Em 1928, adquiriram uma chácara onde instalaram uma capela e convento na Rua Martiniano de Carvalho, no bairro Bela Vista, próximo à região central. Em 1934, as instalações definitivas ficaram prontas, com um suntuoso edifício com convento e capela que mesclam os estilos colonial e barroco.^{57,58}

Ao deixar o Colégio Des Oiseaux, a sede do IFT foi transferida e se instalou no Convento do Carmo, onde funcionou até sua extinção em fins de 1969. O convento se situa próximo à sede da Conferência dos Religiosos do Brasil, CRB, também no bairro do Bela Vista. Manteve-se, ainda assim, o acesso com a região central de São Paulo e os bairros da Consolação, República, Santa Ifigênia e Luz, locais de intensa presença de intelectuais e palco das manifestações estudantis.

⁵⁶ BATISTA, Liz. Era uma vez em São Paulo ... Colégio Des Oiseaux. **Estadão**, São Paulo, 29 maio 2015. Disponível em: <http://m.acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,era-uma-vez-em-sp-colegio-des-oiseaux-,11116,0.htm>. Acesso em: 12 maio 2020.

⁵⁷ BRISOLA, Sergio. **Província Carmelitana Santo Elias - Convento do Carmo**. 2018. Disponível em: <https://www.descubrasampa.com.br/2018/07/provincia-carmelitana-santo-elias-convento-do-carmo.html>. Acesso em: 12 maio 2020.

⁵⁸ ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. **Matriz Paroquial Nossa Senhora do Carmo - Basílica**. 2015. Disponível em: <http://www.arquisp.org.br/regiao/se/paroquias/paroquia-nossa-senhora-do-carmo-basilica/matriz-paroquial-nossa-senhora-do-carmo-basilica>. Acesso em: 12 maio 2020.

Como os estudantes do IFT participaram ativamente do movimento estudantil e das manifestações de resistência ao regime militar, vários foram presos e submetidos a inquérito pelo DEOPS de São Paulo. Alguns estudantes, como Frei Tito Alencar, presidente do diretório acadêmico do IFT, sofreram torturas pelos agentes dos órgãos de segurança. O prédio do DEOPS tornou-se um símbolo da ditadura e foi assim um espaço em frente ao qual os estudantes do IFT fizeram protestos e dentro do qual foram presos, inquiridos e, alguns, torturados.

O DOPS, Departamento de Ordem Política e Social, denominado DEOPS em São Paulo, era a polícia política mais antiga do país, atuando entre 1924 e 1983. Teve papel de destaque durante o Estado Novo (1937-1945) e a ditadura civil-militar, sendo um conhecido centro de repressão e tortura que operava também na instauração de inquéritos e produção de informações sobre setores vigiados da sociedade. Em São Paulo, o antigo Armazém Central da Estrada de Ferro Sorocabana, um amplo edifício construído em 1914 por Ramos de Azevedo, foi sede do DEOPS entre 1942 e 1983, passando a ser conhecido como “Prédio do Deops”. Aí estiveram detidos e submetidos à tortura muitos militantes políticos. Nas décadas de 1980-90 o prédio ficou parcialmente abandonado. Desde 2009 funciona, no térreo do edifício, o Memorial da Resistência de São Paulo.⁵⁹

O recorte temporal central da tese se situa entre os anos de 1965 e 1970, tendo um recuo até os fins da década de 1950. No ano de 1965, foram realizadas as últimas sessões do Concílio Vaticano II, encerrado solenemente no dia 08 de dezembro desse ano. No início de 1970, o IFT não existia mais, enfraquecido após os conflitos com o Cardeal Arcebispo D. Agnelo Rossi. Alguns de seus integrantes, no entanto, envolvidos com os movimentos de resistência ao regime militar, continuaram investigados pelo DEOPS de São Paulo, como mostram os documentos do “Caso Marighella”.

Embora historicamente curto, é possível distinguir algumas fases que coincidam com os lugares de funcionamento do IFT e a publicação de dois documentos do Papa Paulo VI, muito impactantes, ante expectativas surgidas entre os religiosos e

⁵⁹ SÃO PAULO. Memorial da Resistência. **Deops/SP**. [20-?]. Disponível em: <http://memorialdaresistencia.sp.org.br/lugares/deops-sp/>. Acesso em: 12 maio 2020.

membros do clero após o Concílio Vaticano II. A primeira fase pode ser percebida nos três primeiros anos do IFT, entre 1965 e 1967. É um momento em que a documentação utilizada permite entrever fortes expectativas de mudança, renovação e atualização na Igreja, nos seminários, na vida acadêmica e pastoral. É um período de ânimos em alta ante a busca de novas experiências dentro daquilo que se entendeu como “desejo do Concílio”. Em 1967, o Papa Paulo VI publicou a carta “*Sacerdotalis Coelibatus*”, reafirmando a tradição e continuidade do celibato sacerdotal na Igreja Católica. Essa carta, para muitos membros do clero, significou uma frustração e intensificou a crise que se instaurava na hierarquia da Igreja Católica e na vida das ordens e congregações em relação ao celibato e aos votos religiosos. A partir daí, aumentou significativamente o abandono da vida sacerdotal, diminuíram as vocações para o clero e vida consagrada, e iniciou-se uma fase de escassez de pessoas preparadas para os trabalhos nos seminários, uma vez que muitos dos que possuíam a formação acadêmica e os títulos requeridos deixaram o sacerdócio. Esse período coincide também com o endurecimento do regime militar, que atingiu a Igreja Católica com a prisão de alguns padres, religiosos e agentes de pastoral, e uma atividade mais intensa de manifestações e organizações, geralmente clandestinas, dos movimentos estudantis e grupos de guerrilha armada contra o regime.

O ano de 1968 é historicamente muito significativo para compreender o IFT. Marcado pela “Primavera de Praga” e “Primavera de Paris”, num âmbito mais amplo, nesse ano, o Papa Paulo VI publicou a polêmica encíclica “*Humanae Vitae*”. Os comentários em um canal público de TV pelo então diretor do IFT, Frei José Freitas Neves, dominicano, tornou-se o estopim de uma crise entre essa instituição e o Cardeal Arcebispo D. Agnelo Rossi, que o enfraqueceu até sua extinção. Nesse mesmo ano ainda, em outubro, vários estudantes foram presos no congresso clandestino da UNE em Ibiúna, interior de São Paulo, no qual participavam alguns integrantes do IFT. Nos arquivos do DEOPS, entre uma lista de 128 nomes de estudantes que constam no livro de atas do DAXIX, 23 foram fichados, a maioria presos em manifestações, outros durante o Congresso da UNE em Ibiúna e outros envolvidos no “Caso Marighella”. A partir de meados de 1967 até o início de 1970, o IFT passou por uma fase marcada por tensões, conflitos institucionais com o Estado e com a hierarquia da Igreja, rupturas e frustrações. Num período relativamente curto de cinco anos é possível perceber,

no entanto, algo como um movimento pendular: de um extremo de entusiasmo, esperanças de renovação, busca de novos caminhos e experiências acadêmicas e pastorais, a um outro extremo de tensão, conflito, frustração. Tempos intensos, profundamente intensos, é uma marca desse período. Nessa intensidade, o resultado foi a extinção do IFT.

A história da Igreja e da vida religiosa na década de 1960 seria incompleta sem considerar a existência do IFT, a sua ousada pretensão pedagógica e acadêmica, a sua atuação nos movimentos estudantis e as perspectivas teológicas e pastorais ali fermentadas que o tornam uma instituição precursora da Teologia da Libertação, emergente na década seguinte. O momento histórico no qual se situa a existência do IFT é marcado por profundas e rápidas mudanças, como já trataram outros historiadores, como Riolando Azzi,^{60,61} os brasilianistas Scott Mainwaring⁶² e Kenneth Serbin^{63,64} e o Padre José Oscar Beozzo.⁶⁵ Muito do que eles pesquisaram sobre a Igreja na década de 1960 se torna mais evidente na documentação relativa ao IFT, seja na escassa documentação direta encontrada, seja nas fontes indiretas, que remetem a ele.

⁶⁰ AZZI, Riolando. **A igreja católica na formação da sociedade brasileira**. Aparecida: Ed. Santuário, 2008.

⁶¹ *Id.* A organização institucional católica. In: AZZI, Riolando; GRIJP, Klaus van der. **História da igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: terceira época, 1930-1964**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 537-556. (História geral da Igreja na América Latina, t. 2/3-2).

⁶² MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil – 1916-1985**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

⁶³ SERBIN, Kenneth P. **Padres, celibato e conflito social: uma história da igreja católica no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

⁶⁴ *Id.* **Diálogos na sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

⁶⁵ BEOZZO, José Oscar. **A igreja do Brasil no Concílio Vaticano II (1959-1965)**. São Paulo: Paulinas, 2005.

INTRODUÇÃO

Um tecido se faz pela interseção de linhas longitudinais e linhas transversais. Além do aparato do tear, faz-se necessário uma força motora para que as linhas se entrecruzem, formem o tecido e os desenhos. Na tecedura da História, existem vários planos que se interseccionam: cultura, sociedade, religião, economia, geografia, instituições, projetos, perspectivas, expectativas, sonhos, interesses, disputas de poder, produção de discursos, suas leituras e seus efeitos e muito mais. O plano diacrônico facilita a compreensão das transformações e do desenrolar da ação humana no tempo numa perspectiva mais ampla. O plano sincrônico focaliza o momento de forma mais microscópica e oferece a visão mais profunda dos meandros do tecido histórico.

O objeto da tese é o IFT, Instituto de Filosofia e Teologia, depois mudado para Instituto de Formação Teológica. O objetivo principal é compreender o seu desenvolvimento histórico em sua curta existência institucional de cinco anos: em que circunstâncias foi idealizado; como se desenvolveu institucionalmente e o que o levou à extinção. O grande desafio enfrentado foi a escassez de fontes diretas, apesar de não tão distante do momento presente. A própria escassez de fontes diretas suscita questionamentos a respeito do que poderia ter ocorrido com o arquivo do IFT. Em se tratando de um período de repressão, existe a possibilidade de que tenha sido destruído. O recurso a fontes indiretas levou à diversidade analítica e metodológica: História Oral, Micro-História, Prosopografia. Elementos envolvidos na história do IFT exigiu o recurso de categorias diversas que envolvem a Política, a Autoridade, o Poder, a Violência, as operações envolvidas entre a produção de um discurso e seus efeitos.

As duas partes da tese trazem alguns elementos para compreender a trama que se formou na tecedura histórica do IFT. A primeira parte se inicia com dados focados na memória de alguns que por ali passaram e apresenta um primeiro retrato do IFT a partir da experiência daqueles que saíram de suas casas, de seus conventos e foram estudar numa metrópole extremamente dinâmica. Para se compreender melhor a intensidade das transformações culturais e eclesiais e os coloridos dos desenhos que se formavam naqueles meados da década de 1960, foi elaborada uma síntese historiográfica da Igreja no Brasil e em São Paulo, espaço onde se desenrolou

toda a existência do IFT. Tendo o Livro de Atas do diretório acadêmico Onze de Outubro, o DAXIX, como fonte norteadora, foram selecionadas na Biblioteca Pe. Lebrez as fontes que de alguma forma se vinculavam às principais discussões dos estudantes do IFT. Tais fontes foram essenciais para compreender o “por quê” de tais discussões naquele momento e o “como” elas foram moldadas. O “pano de fundo”, o “background”, o “campo de sentido”, as linhas longitudinais desse tecido remetem a um ambiente de euforia em torno da “Revolução”, da preocupação de uma revolução marxista sob prismas “tradicionais”, tal como na antiga União Soviética, ou da construção de um novo modelo revolucionário, partindo da cultura e da intelectualidade. Dois momentos foram bastante distintos num ambiente em torno da Igreja Católica: num primeiro, as discussões em torno da eticidade de uma “Revolução”, tal como já se consolidava em Cuba; num segundo momento, uma radicalização sob a forma de protestos, enfrentamentos diretos com o Estado e o planejamento, parcialmente executado, de uma guerra armada. Outras questões se apresentavam também naquele momento e foram levadas para dentro do ambiente acadêmico e teológico do IFT, relacionadas à urbanização, às discussões em torno da liberação da mulher e da situação do homem do campo. As fontes encontradas permitiram uma compreensão melhor do “por quê” aquelas discussões no DAXIX se apresentavam “daquela forma”.

As poucas fontes diretas, no entanto, cruzadas com a memória daqueles que deram seu testemunho e com as fontes “paralelas”, permitiram sondar as motivações que levaram a CRB a criar uma instituição de formação filosófica e teológica praticamente “inédita” e inovadora. Esse ineditismo institucional se deu sob formas em consonância com as leituras que se faziam do Concílio Vaticano II e reverberava também uma série de demandas e transformações culturais próprias daquele momento histórico, cujo agente em foco era a juventude. Muitas dessas demandas e transformações foram debatidas pelos professores e alunos do IFT. Quem eram seus professores? O que ensinavam? Que pedagogias e métodos de ensino empregavam? Como consideravam a tradição tridentina e os documentos do Concílio Vaticano II? O que propunham como “novidades” conciliares? Algo pôde ser apurado a partir das fontes encontradas e mostraram a dinamicidade, o vigor, a intensidade das questões envolvidas, a dramaticidade de tempos de fortes crises institucionais. O Diretório Acadêmico Onze de Outubro, o DAXIX, dos estudantes do IFT, vibrou em sincronia e em sinfonia com demandas eclesiais, estudantis e políticas da Igreja Católica pós-conciliar e do

Brasil sob o regime militar. Sob diversas formas participando dos protestos contra a ditadura instaurada, alguns estudantes sofreram a repressão desde a prisão com soltura quase que imediata até a tortura durante a Operação Bandeirantes.

Entre expectativas de renovação eclesial e utopias socialistas, entre frustrações e tensões com as autoridades institucionais, entre crises e evasão de sacerdotes, religiosos e seminaristas, o IFT agonizou até sua extinção. Ao que tudo indica, sua existência, mesmo no silêncio e no esquecimento, marcou a história da Igreja e da vida religiosa em São Paulo e no Brasil. Sob novas formas, há indícios de que seu projeto teria sido retomado e florescido sob uma conjuntura mais favorável.

I – A IGREJA NO BRASIL E AS “NOVIDADES” DO CONCÍLIO VATICANO II

Não é possível entender a existência do IFT, sua proposta de formação religiosa, sacerdotal e teológica, a atuação do diretório acadêmico DAXIX, as discussões dos estudantes e sua atuação política junto aos movimentos estudantis sem situá-lo no seu ambiente, no seu contexto, ou, conforme um dos entrevistados, no seu “clima”.⁶⁶ Assim, a primeira parte aborda alguns elementos sobre a Igreja no Brasil e as transformações em relação às “novidades” propostas, tal como entendidas, pelo Concílio Vaticano II que, quais matrizes, teceram o contexto da existência do IFT.

A maioria dos candidatos à vida religiosa e sacerdotal procediam das regiões interioranas e rurais do Brasil. A entrevista com o Sr. RL, ex-frade agostiniano, que estudou no IFT nos anos de 1966 e 1967, mostra os impactos em um jovem, oriundo do interior paulista, de formação católica tradicional, formado como frade num convento de clausura estrita, enviado para estudar Teologia na metrópole cosmopolita de São Paulo. A ingenuidade e a inexperiência de vida num “mundo moderno” em ritmo acelerado de transformações, num jovem colocado em contato com estilos de vida e debates com os quais estava antes totalmente alheio, não poderia se dar sem sofrimentos. A entrevista traz elementos como que formando um painel geral dos principais elementos a serem apresentados em seguida.

O modelo ultramontano-tridentino fortemente questionado por sua rigidez hierárquica estrutural e por seu rigor disciplinar desde a década de 1950, considerado obsoleto e insuficiente em relação às demandas sociais, econômicas e culturais emergentes, chocou-se com o “Aggiornamento”, a atualização filosófica, teológica, estrutural, institucional e jurídica da Igreja Católica, que demandavam práticas pastorais e culturais a serem construídas. Por um lado, o número de candidatos à vida religiosa e sacerdotal havia crescido e se multiplicaram os seminários, sem, no entanto, atender ainda às demandas pastorais. Por outro lado, surgiram novas exigências de modelos eclesiais mais adaptados aos “tempos modernos”. O crescimento e fortalecimento da esquerda católica ampliou as discussões quanto à “Justiça Social”. Dentre as muitas iniciativas de “Aggiornamento”, muitas congregações e ordens religiosas abandonaram o que consideravam “grandes obras” e optaram por formar pequenas comunidades. Crises política e eclesial convergiram, sobretudo nos anos 1967 e 1968. O

⁶⁶ Entrevista com Padre LRB.

ambiente tornou-se nebuloso e paradoxal: expectativas de mudanças, por um lado e, por outro, frustrações ante a demora ou a repressão dos “sonhos” ansiosamente desejados de serem colocados em prática. O pós-concílio se caracterizou, assim, como um período de criatividade e experiências organizacionais, nem sempre bem-sucedidas.

As relações da Igreja Católica com as Forças Armadas e os órgãos de segurança do Estado sofreram mudanças impactantes que vão de uma colaboração a rupturas. Setores de ambas as instituições elaboraram leituras e interpretações diversas quanto aos problemas sociais e econômicos do país. A forma de entendimento da questão da “Justiça Social” pelos seguimentos progressistas da Igreja e a “Doutrina de Segurança Nacional” em exercício pelo regime militar estiveram sob tensão. Alguns Bispos, padres, religiosos, agentes de pastoral, intelectuais e leigos católicos foram alvos da vigilância das Forças Armadas e órgãos de segurança do Estado.

A Revolução Cubana, a “Aliança para o Progresso” e a “Guerra Fria” se constituíram como elementos importantes no pano de fundo de alguns debates no meio intelectual católico desde os fins da década de 1950 na América Latina e na Igreja no Brasil. Dentre esses debates, a expansão universitária tanto pública como confessional católica, o impacto da revolução cubana e o fortalecimento do socialismo marxista, a atuação dos movimentos estudantis e o crescimento da esquerda católica colaboraram na compreensão do surgimento do IFT e dos comportamentos e opções de seus estudantes. Tais debates deram o Norte e influenciaram nos rumos tomados pelo seu diretório acadêmico, nas novidades didático-pedagógicas no seu ensino filosófico e teológico e nas tensões que o levaram à extinção. A urbanização acelerada pelo e associada ao êxodo rural, a vida urbana, a situação da mulher e da família repensada nesse ambiente, o poder influenciador dos meios de comunicação e seu impacto sobre o homem do campo estiveram também no palco das discussões. “Palavras” podem convergir em discursos que direcionam as “Ações”. O IFT tornou-se ambiente de fermentação e “circulação cultural”.

As fontes utilizadas nesta parte se concentram nos textos diversos encontrados na Biblioteca Padre Lebre. Elas foram lidas sobretudo à luz de outras bibliografias de historiadores como Padre José Oscar Beozzo, Scot Mainwaring, Kenneth Serbin,

François Hartog e Carlo Ginzburg. Estas fontes vieram de encontro e reafirmaram o que publicaram estes historiadores.

1. Do interior para a capital; entre a periferia e o centro

A História não consiste numa máquina com engrenagens em movimento, mas na narrativa da aventura humana no tempo e no espaço, com processos e sentidos em diversas camadas nas relações com as fontes, com a memória e com a escrita. Uma aventura de pessoas com suas incertezas e angustias, seus sonhos e esperanças. Se o momento presente contém limitações de possibilidades, é nele que se toma cada decisão, sempre com um grau de imprevisibilidade e de não-necessidade. Assim, para uma compreensão do surgimento e da trajetória de existência do IFT, quatro pessoas que, de formas distintas, passaram por ele, dispuseram-se também a dar o testemunho de suas experiências nessa instituição, servindo como fonte oral, tornada escrita pela transcrição, analisada em seus processos diversos visando a construção da narrativa histórica.

A História Oral como gênero histórico teve muitas contribuições apresentadas pelo historiador Alessandro Portelli. Ele aponta em suas obras os vários elementos presentes no processo que envolve a entrevista, o historiador, a fonte histórica oral e vários outros que precisam ser considerados na narrativa construída com base na oralidade. Para ele, a História Oral é uma forma específica de discurso, pois, enquanto narrativa do passado, inscreve-se no âmbito da História que tem a oralidade como o meio de expressão. Trata-se de um discurso dialógico entre entrevistado (“que diz”, fala, narra, lembra e relembra) e historiador (que ouve, transcreve e escreve); um discurso marcado por uma “heteroglossia”. A História Oral constitui-se assim como um gênero específico e como um discurso histórico.⁶⁷

Fontes escritas e fontes orais não são mutuamente excludentes, mas possuem características autônomas, funções específicas e requerem instrumentos interpretativos diferentes.⁶⁸ A entrevista supõe um roteiro, meios de gravação, um entrevistador com determinados interesses no conteúdo da fala do entrevistado, portanto, uma situação com algumas predisposições. Segundo Portelli, aquilo que é falado na entrevista, normalmente não é contado dessa forma, mas no cotidiano, em fragmentos, pedaços, episódios, repetições e “ouvir dizer”. Uma história de vida como narrativa

⁶⁷ PORTELLI, Alessandro. História oral como gênero. **Projeto História**, São Paulo, v. 22, p. 9-36, jun. 2001.

⁶⁸ *Id.* O que faz a história oral diferente? **Projeto História**, São Paulo, v. 14, p. 25-39, fev. 1997.

completa e coerente não existe na natureza. A entrevista realça a autoridade e auto-consciência do narrador ante um ouvinte e questionador especial, tendendo a ser uma história não contada antes, ao menos dessa forma. É um discurso em elaboração, onde há um esforço pessoal de composição da performance. Nele, emergem usos de linguagem socializada (clichês, fórmulas, folclores, anedotas e lugares comuns) e até gêneros escritos (novela, autobiografia, livros de história) ou da comunicação de massa. Tais falas formam uma espécie de “roteiro” seguro. Assim, faz-se necessário entender como a narrativa é formada, considerando os materiais formulados, os materiais aparentemente sem conexão e suporte, o papel dialógico e corretivo do historiador.⁶⁹ Enquanto gênero de expressão, a História Oral, segundo Portelli, inicia-se na oralidade do narrador, é encaminhada e concluída rumo ao texto escrito do historiador.

Podemos definir a História Oral como gênero de discurso no qual a palavra oral e a escrita se desenvolvem conjuntamente, de forma a cada uma falar para a outra sobre o passado.⁷⁰

O que existe frequentemente no meio acadêmico são preconceitos em relação às fontes históricas orais, fruto de uma credibilidade factual com o monopólio dos documentos escritos.⁷¹ Alega-se que a memória oral é imperfeita e distorce os fatos, quando, no entanto, “a fala e a escrita, por muitos séculos, não existiram separadamente: se muitas fontes escritas estão baseadas na oralidade, a oralidade moderna, por si, está saturada de escrita”.⁷² A memória é sempre um processo ativo de criação de significações. As mudanças forjadas, assim, são muito significativas para o historiador, pois revelam o esforço em buscar sentido no passado e dar forma às suas vidas e, durante a entrevista, colocar a narração em seu contexto histórico.⁷³

Como ato de fala, implica um processo quintuplicado: quem diz o quê, em qual canal, para quem, com que efeito.⁷⁴ O assunto da entrevista torna-se uma combinação da forma narrativa, a biografia e experiência individual, e as transformações na socie-

⁶⁹ PORTELLI, Alessandro. História oral como gênero. **Projeto História**, São Paulo, v. 22, p. 9-36, jun. 2001.

⁷⁰ *Ibid.*, p. 13.

⁷¹ PORTELLI, *op. cit.*, p. 32.

⁷² PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente? **Projeto História**, São Paulo, v. 14, p. 33, fev. 1997.

⁷³ *Ibid.*, p. 33.

⁷⁴ *Id.* História oral como gênero. **Projeto História**, São Paulo, v. 22, p. 13, jun. 2001.

dade. “[...] a história oral expressa a consciência da historicidade da experiência pessoal e do papel do indivíduo na história da sociedade em eventos públicos [...]”.⁷⁵ Existe aí um movimento de equilíbrio entre o pessoal e o social, a biografia e a história.

A entrevista é uma interrogação e diálogo denso; um encontro entre duas pessoas diferentes: uma com uma história para contar e outra com uma história para reconstruir. Nesse diálogo, é o entrevistador quem define e estabelece a base da autoridade narrativa (o direito de falar do entrevistado, estimulado pelo entrevistador). Estabelece-se um processo de legitimação bastante complexo: o narrador se sente autorizado a falar somente devido ao mandato do entrevistador.⁷⁶ Emerge uma “negociação” que pode variar de assuntos irrelevantes, monólogos sem rodeios a narrativas dialógicas técnicas; de um questionário de mão única a diálogos densos, onde se manifesta a individualidade e subjetividade tanto do narrador entrevistado como do historiador, que está ali para ouvir. Nessa relação, passa a existir uma “temerosa” simetria entre as ideias do entrevistador e o relato do informante; pode se estabelecer um apego a camadas superficiais de consciência, a aspectos oficiais e públicos da cultura do entrevistado, como pode revelar camadas menos facilmente acessíveis de conhecimento pessoal, crença e experiência.⁷⁷

Existe um mito da não-interferência do historiador na passagem do testemunho de campo para o texto publicado, dirigido ao público. Pode existir também a tendência de se apagar a presença do historiador na situação de campo e no texto publicado, criando-se uma ficção de que o informante está falando diretamente ao leitor. Existe, no entanto, um escritor, que é o intermediário e responsável pela mudança do destinatário determinado para o não-determinado.⁷⁸

A História Oral conta mais sobre significados que sobre eventos, mostrando assim a subjetividade do expositor e os custos psicológicos de sua relação com os eventos narrados, de forma que aquilo que ele acredita é em verdade um fato histórico tanto quanto aquilo que realmente aconteceu. Esta é a base daquilo que A. Portelli

⁷⁵ PORTELLI, Alessandro. História oral como gênero. **Projeto História**, São Paulo, v. 22, p. 14, jun. 2001.

⁷⁶ *Ibid.*, p. 18.

⁷⁷ *Ibid.*, p. 20-22.

⁷⁸ *Ibid.*, p. 23.

chama de “complexo legendário”. Assim, a credibilidade das fontes orais pode perfeitamente ser aceitável como “diferente”, podendo não estar muito aderido ao fato, mas como emergência da imaginação e do simbolismo. As afirmativas factuais “erradas” são, na narração, “psicologicamente corretas” e isto pode ser tão importante quanto os registros factuais confiáveis.⁷⁹

As fontes orais não são objetivas, o que pode ser igualmente aplicável a qualquer outra fonte histórica. O que pesa aí normalmente é a “sacralidade da escrita”. A fonte escrita requer um texto estável; a fonte oral, por sua vez, requer a transmissão a partir de questões, diálogos e relações postas pelo historiador. As distorções possíveis podem acontecer quando os entrevistados contam ao entrevistador aquilo que eles crêem ele queira ouvir e revelam, assim, o que pensam ser o pesquisador; e quando as entrevistas são rigidamente estruturadas, podendo excluir elementos cuja existência e relevância seriam desconhecidas previamente para o entrevistador e não contempladas nas questões colocadas.⁸⁰

Diferentes linguagens corporais e expressões faciais tornam-se presentes nas entrevistas: desde a apresentação pública consciente de si à expressão oral espontânea. Como a História Oral se difunde mais por escrito, existem muitas maneiras de traduzir o oral em escrito, como a transcrição e a edição. A “exatidão” é uma meta ao se transcrever e editar, no entanto, “toda tradução é uma traição”. Faz-se necessário considerar três parâmetros: a finalidade da narrativa, a representação e continuação da experiência dialógica e da performance oral, e a audiência pretendida.⁸¹

A transcrição transforma objetos auditivos em visuais, o que implica mudanças e interpretação.

A mais literal tradução é dificilmente a melhor, e uma tradução verdadeiramente fiel sempre implica uma certa quantidade de invenção. O mesmo pode ser verdade para a transcrição de fontes orais.⁸²

⁷⁹ PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente? **Projeto História**, São Paulo, 14, p. 31-32, fev. 1997.

⁸⁰ *Ibid.*, p. 35.

⁸¹ *Id.* História oral como gênero. **Projeto História**, São Paulo, v. 22, p. 25-39, jun. 2001.

⁸² PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente? **Projeto História**, São Paulo, v. 14, p. 27, fev. 1997.

Tornar a transcrição legível é uma adição arbitrária do transcritor, pois mudanças de ritmo na narração, que normalmente são muito significativas, só são perceptíveis quando se ouve. A velocidade do discurso e suas mudanças durante a entrevista se caracterizam por mudanças rítmicas, constituindo-se como norma do discurso oral, enquanto a regularidade é norma da escrita e as variações, a norma da leitura, que, por sua vez, são introduzidas pelo leitor e não pelo texto em si. As mudanças rítmicas revelam as emoções do narrador, sua participação na história e a forma pela qual a história o afetou. As fontes históricas orais são fontes narrativas. Por isso a velocidade da narração indica uma proporção entre a duração dos eventos descritos e a duração da narração, o quão significativas são as oscilações e se relacionam com a intenção do narrador.⁸³

Não se pode descuidar na construção da narrativa em História Oral da apresentação das “vozes”: quem fala, quantas vezes, monólogo ou polifonia. Frequentemente, a estratégia da objetividade silencia a voz do entrevistador. Não se pode descuidar da relação da voz do entrevistado com a do entrevistador. O entrevistado, de certa forma, é também um historiador, assim como o historiador é, algumas vezes, parte da fonte. A História Oral, assim, está centrada na reconstrução da subjetividade. O esforço para apresentar a realidade factual e dispensar as decepções ideológicas pode estar presente nos relatos assim como na construção da narrativa escrita, da qual o historiador não é um “narrador onisciente”. O sujeito em História Oral não é unificado: pode existir a parcialidade inconclusa do narrador, a confrontação como “conflito” ou a confrontação como “busca pela unidade”.⁸⁴

As reticências indicam um “não dito” igualmente importante a ser considerado e, nelas, podem estar as informações mais preciosas. Tão importante quanto o fato narrado é o fato que levou o entrevistado a não dizer uma informação.⁸⁵

As entrevistas visam uma audiência maior. Falar depois a especialistas exige

⁸³ PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente? **Projeto História**, São Paulo, 14, p. 28-29, fev. 1997.

⁸⁴ *Id.* História oral como gênero. **Projeto História**, São Paulo, v. 22, p. 25-39, jun. 2001.

⁸⁵ *Id.* O que faz a história oral diferente? **Projeto História**, São Paulo, v. 14, p. 27, fev. 1997.

uma linguagem mais técnica, com enfoque interpretativo; enquanto falar para a comunidade ou ao público em geral, uma linguagem mais voltada à comunicação com enfoque narrativo.⁸⁶

A História de vida possui duas bases de legitimação: a vida significativa e a História bem contada. Às vezes, importa mais a beleza e o prazer da narrativa e não tanto a verdade ou o rigor dos fatos. O historiador também visa um efeito na relação entre a fatualidade material e o valor estético.⁸⁷

Algumas vezes, esta verdade contada com beleza pode também espargir luz por meio de símbolo e sentimento de nosso entendimento de história.⁸⁸

Como existe uma íntima relação entre história oral e poesia, ouvir o depoimento requer tê-lo como representação poética, ritual, do significado de uma experiência histórica, baseada na materialização de metáforas. Narrativas históricas, poéticas e míticas sempre se misturam na oralidade. Em tais discursos, pode-se notar com frequência os descompassos entre a linguagem padrão e a linguagem informal, cotidiana, bem como os regionalismos.⁸⁹

Alessandro Portelli considera a História Oral um gênero muito apropriado para tratar a história de grupos não hegemônicos, uma vez que dá voz àqueles sobre os quais as fontes são mais escassas.^{90,91,92}

Nas entrevistas, estabeleceu-se uma relação entre entrevistador e entrevistado com um fim específico: buscar as memórias de experiências pessoais numa instituição eclesial sob perspectivas diversas, seja como docente ou discente, seja como membros de distintas ordens e congregações religiosas que compuseram essa insti-

⁸⁶ PORTELLI *op. cit.*, p. 31.

⁸⁷ *Ibid.*, p. 32-33.

⁸⁸ *Ibid.*, p. 34.

⁸⁹ PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente? **Projeto História**, São Paulo, v. 14, p. 30, fev. 1997.

⁹⁰ *Id.* História oral como gênero. **Projeto História**, São Paulo, v. 22, p. 9-36, jun. 2001.

⁹¹ PORTELLI *op. cit.*, p. 25-39.

⁹² *Id.* **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

tuição. Três foram alunos; um, professor. Dos quatro, um fora frade agostiniano recoleto, como o entrevistador; outro, religioso sacramentino; o terceiro, camiliano; e o professor, frade dominicano. Todos os entrevistados estavam com a idade entre 70 e 80 anos, lúcidos, boa memória, com lapsos comuns em qualquer pessoa. Todos os entrevistados se sentiram muito felizes por poder falar do IFT. O momento de isolamento, devido à pandemia da COVID-19, possivelmente aguçou essa vontade de falar e conversar com alguém.

É pertinente salientar que o entrevistador não é jornalista, tampouco, profissional na área de entrevistas, mas sim, um historiador em busca de fontes orais para sua pesquisa; além disso, é sacerdote católico, frade agostiniano recoleto. Existe, portanto, um vínculo comum, sob prismas diferentes, entre o pesquisador, os entrevistados e o próprio objeto da pesquisa, o Instituto de Filosofia e Teologia.

Entre os entrevistados havia um ex-frade agostiniano recoleto que não foi padre,⁹³ um ex-frade e ex-padre dominicano,⁹⁴ e dois sacerdotes atualmente seculares⁹⁵ que foram membros de congregações religiosas, um sacramentino⁹⁶ e um camiliano.⁹⁷ De formas distintas, existem aí algumas experiências e linguagem em comum.

O senhor RL,⁹⁸ já conhecido do entrevistador enquanto ex-frade agostiniano recoleto que manteve contato com a Ordem à qual pertencera, como que “se sentia em casa” para expor suas memórias, mesmo aquelas que lhe foram bastante dolorosas. De Franca, interior paulista, viveu sua formação religiosa no Seminário Nossa Senhora Aparecida. O entrevistador e pesquisador viveu parte de sua formação nesse mesmo seminário e foi “prior” nessa casa por oito anos. Sua entrevista, a primeira a ser realizada, ocorreu no dia 15 de fevereiro de 2021, no Seminário Santa Mônica, Vila Hamburguesa, São Paulo. Ele fez um retrospecto, uma revisão, uma avaliação

⁹³ Entrevista com Sr. RL.

⁹⁴ Entrevista com Professor CARN.

⁹⁵ A Igreja Católica distingue entre dois tipos de clérigos: clero “regular”, daqueles que pertencem a alguma ordem religiosa ou congregação, por isso também chamado de “clero religioso”; e “clero secular”, formado por aqueles vinculados diretamente a uma diocese e subordinados ao bispo local.

⁹⁶ Entrevista com Padre PHG.

⁹⁷ Entrevista com Padre LRB.

⁹⁸ Seu nome consta na lista da assembleia de fundação do diretório acadêmico, presente no Livro de Atas do DAXIX, p. 18.

de sua experiência passada e quase que um “acerto de contas” com relação às decisões passadas que implicaram profundamente toda sua vida. Com uma vivência religiosa, da qual não se afastou depois de se retirar da ordem à qual pertenceu, marcadamente sob um viés mais tradicional e conservador, continua atuante em sua participação na Igreja e com vínculos de amizade e respeito pelas autoridades eclesásticas, como o bispo de sua diocese. Na sua vida familiar, expôs as dificuldades de alguém que teve uma expectativa cortada repentinamente como frade, o despreparo para enfrentar o relacionamento familiar, a luta sofrida para manter a família e o próprio casamento. Tornou-se assessor de deputado estadual, com presença constante na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo e foi vereador em Bragança Paulista, onde reside. Um homem, portanto, que conhece bem os meandros e articulações da vida política. Essa experiência, obviamente, pesa na sua leitura, revisão e reinterpretação das experiências vividas como frade e aluno do IFT. Ao longo de sua vida, procurou manter-se em contato com os antigos colegas e com os frades conhecidos seus da Ordem dos Agostinianos Recoletos.

“Terra do capim mimoso”, “Cidade das três colinas”, “Capital do Calçado” ou “Franca do Imperador” são algumas formas como é chamada a cidade de Franca, no interior de São Paulo, divisa com Minas Gerais, próxima ao deslumbrante vale do Rio Grande. No bairro da Estação ainda se podia escutar os sons das locomotivas da Alta Mogiana transportando passageiros, com seus jalecos para não queimarem suas roupas com a fuligem que saía da chaminé da pesada máquina. Dalí saíam também o café a ser exportado e outros produtos da agricultura, da indústria do calçado e da pecuária.⁹⁹

De uma família oriunda de Minas Gerais, o que é muito comum em Franca, quando RL nasceu, em 1940, fazia pouco tempo que as obras da igreja São Sebastião no bairro da Estação haviam sido concluídas.¹⁰⁰ Ali, o jovem RL recebeu os sacramentos

⁹⁹ PAULA, Sérgio Peres de. Os Agostinianos Recoletos in Franca, Brasil. **Recollectio: Annuarium Historicum Augustinianum**, Madrid, n. 23-24, p. 205-265, 2000-2001. Este artigo, traz algumas informações gerais sobre a história da cidade de Franca, com alguns aspectos econômicos e sociais, e dos agostinianos recoletos e sua atuação pastoral na cidade. “Estação” é um bairro de Franca, onde ficava a estação de trem da ferrovia Alta Mogiana até 1971, passou para FEPASA e foi desativada oficialmente em 1983 (cf. <http://www.estacoesferrovias.com.br/f/franca.htm>). Acesso em: maio 2021.

¹⁰⁰ *Id.*, p. 231-237. A inauguração da igreja ocorreu no dia 06 de agosto de 1937 e a criação da paróquia com matriz na mesma igreja, no dia 06 de outubro de 1948.

e participou das atividades e obras religiosas, tendo na sua lembrança as imagens de Frei Narciso Irigoyen, Frei Aurélio Uchoa, espanhóis, e Frei Aduari Fiorotti, capixaba, então recém-ordenado. Outros frades agostinianos recoletos passavam por lá, sobretudo em suas férias, como Frei Gabriel Belmonte, Frei Custódio e Frei João José Esquerdo, cujas figuras também ficaram muito marcadas na sua memória.

Quando RL manifestou seu desejo de ser sacerdote, nos fins da década de 1950, havia um obstáculo a ser superado:

[...] a minha idade não permitia,¹⁰¹ pelos quesitos da época, tido como vocação tardia. Eu fiz o tiro de guerra antes; e eu consegui, inclusive na época, que o Papa João XXIII me autorizasse a entrar. A princípio seria para diocesano, que eu R..., de punho próprio naquela época, assim ingênuo totalmente, apesar de estar com 18, 17-18 anos, escrevi uma carta ao Papa João XXIII. E ele respondeu a essa carta ao Dom Luiz do Amaral Mouzinho, em Ribeirão Preto. Aí, Dom Luiz do Amaral Mouzinho ligou para Frei Narciso, em Franca: “Quem é R...?” E assim... assim ... assim. E aí Frei Narciso veio e me chamou: “Escuta, vamos almoçar, trocar umas ideias?”. E eu falei: “Vamos”... “Você escreveu uma carta para Roma, para o papa?”... “Escrevi” ... “Não... porque o Papa respondeu através de D. Luiz do Amaral Mouzinho e autorizou você a ingressar no seminário”. Então, a princípio, eu iria para o Colégio Imaculada Conceição¹⁰², que era o Colégio diocesano de Ribeirão Preto, que na época era comandado pelo cônego Gilberto Lopes. Hoje, Gilberto Lopes é arcebispo emérito de Campinas. Estive há pouco tempo com ele. Aí que transferi

¹⁰¹ Os trechos da entrevista com RL seguirão entre aspas e com a fala direta, tal como na entrevista. Nos procedimentos habituais, aqueles que iam para os seminários tinham normalmente a idade de 11-12 anos; faziam os estudos ginasial e colegial internamente; depois iniciavam a “vida religiosa” propriamente dita, com o ingresso no noviciado, e, já religiosos de votos “simples” (temporários), faziam os cursos de Filosofia e Teologia. Após o curso de Filosofia, faziam votos “solenes” (permanentes), sendo ordenados diáconos e presbíteros ao final da Teologia. Do início do noviciado ao fim do curso de Teologia compreendia um período de cerca de 08 anos. Nesse período, não se costumava ir de férias para casa dos pais. As discussões sobre admissão de “vocações adultas”, entendendo-se aí jovens em torno de 18 anos, surgiram após o Concílio Vaticano II, sobretudo devido à grande crise de abandono do sacerdócio e esvaziamento de conventos por falta de vocações, como se pode Cf. PAULA, Sérgio Peres de. Seminário Santa Rita – Esperanças e Frustrações. **Recollectio: Annuarium Historicum Augustinianum**, Madrid, n. 40-42, p. 979-1018, 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6391042.pdf>. Acesso em: maio de 2021. Assim, a admissão do entrevistado já com cerca de 18 anos constituiu uma exceção. “Vida religiosa” é uma expressão muito comum na Igreja Católica para se referir aos institutos, congregações e ordens religiosas, cujo ingresso ocorre pelos votos de pobreza, castidade e obediência.

¹⁰² Trata-se do Seminário Arquidiocesano de Ribeirão. Era comum os seminários serem chamados de “colégios”.

essa vocação minha do colégio diocesano, como convivia com os agostinianos, para o Colégio São José em Ribeirão Preto.¹⁰³

Terminado o “tiro de guerra”, serviço militar obrigatório, RL permaneceu no seminário dos agostinianos recoletos em Ribeirão Preto durante os anos de 1960 e 1961. Mesmo antes, ainda em Franca, um professor particular lhe ensinou latim

e tanto que, quando fui para o seminário, eu já conhecia bem latim, bem mais que muitos alunos que já estavam ali. Eu usava a gramática Ravizza,¹⁰⁴ que era de um amigo meu que já tinha sido lá do Seminário, Lazineho, lá de Franca. Trabalhava no Imaculada Conceição. Então ficamos dois anos em Ribeirão Preto.¹⁰⁵

O noviciado, etapa subsequente com a qual iniciaria o ingresso formal na Ordem dos Agostinianos Recoletos, era realizado então na “Capelinha”. O nome carinhoso guarda a memória da antiga “capelinha” do senhor Manoel Valim, onde os agostinianos recoletos edificaram e inauguraram em 1927 o Seminário Nossa Senhora Aparecida.¹⁰⁶ Com a “profissão” dos votos em fevereiro de 1963, RL prosseguiu com o curso de Filosofia. A vida conventual dos jovens frades consistia numa vida interna, com os trabalhos e funções distribuídas de forma a depender o menos possível ou manter um mínimo contato com o ambiente externo.

Fizemos três anos de Filosofia. No período de Franca, eu sempre fui o sacristão da Capelinha. Também tinha duas funções específicas: alfaiate, eu que fazia hábito para os frades. A princípio era o Fontanella. Aí Fontanella parou, e eu assumi. E a biblioteca também era sob o meu comando. E recordo que em 1963, foi 63 ou 64, não me recordo bem do ano, houve um Congresso de História em Franca. E Frei Lauro determinou que eu fosse, com

¹⁰³ Seminário Menor São José, onde residiam estudantes das etapas ginasial e colegial, anteriores ao ingresso na “vida religiosa”. Entrevista com Sr. RL, p. 1-2.

¹⁰⁴ A “Gramática Latina” do Pe João Ravizza tem publicações recentes e continua como uma das referências para o estudo do latim eclesiástico, sobretudo.

¹⁰⁵ Entrevista com Sr. RL.

¹⁰⁶ PAULA, Sérgio Peres de. Os Agostinianos Recoletos in Franca, Brasil. *Recollectio: Annuario Historicum Augustinianum*, Madrid, n. 23-24, p. 205-265, 2000-2001.

ordem do superior da época, que eu fosse participar desse Simpósio em Franca. Então eu fiz um material muito bom na época, que eu perdi, e não tenho nenhum comigo. Talvez na Biblioteca lá em Franca haja, sobre a história de muitos livros da biblioteca de Franca. Nós tínhamos livros lá em pergaminho, de 1200-1300, bem antigos;¹⁰⁷ então eu fiz um resumo de tudo isso aí. E foi uma participação muito efetiva.¹⁰⁸



Fonte: Acervo pessoal de Régis Lemos.

Figura 1. Estudantes agostinianos recoletos em Franca – SP preparando-se para estudar no IFT

Em 1965, com a criação do Instituto de Filosofia e Teologia, IFT, em São Paulo, os agostinianos recoletos da então Província de Santa Rita de Cássia,¹⁰⁹ enviaram seus primeiros estudantes para cursar Teologia na nova instituição. E assim, RL foi deslocado do interior para capital, da vida conventual tradicional para uma metrópole cosmopolita e plural.

¹⁰⁷ Existe na Biblioteca do Seminário Nossa Senhora Aparecida, em Franca, um acervo de livros muito antigos. Alguns frades falavam da existência de “incunábulo” nesse acervo. Quando eu era seminarista em Franca, nos anos de 1985 a 1987, trabalhei na biblioteca. Quando fui prior do seminário (2000-2008), foi realizado um trabalho de digitalização desse acervo em conjunto com a UNESP, Campus de Franca. O mais antigo, no entanto, era um dicionário de latim, de 1555. Não há registros a respeito de como esse acervo chegou lá. Existem duas possibilidades: veio junto com os primeiros frades, que fugiam da revolução nas ilhas Filipinas, em 1899; ou então foi uma forma de preservação do acervo por ocasião a guerra civil espanhola, entre 1936-1939.

¹⁰⁸ Entrevista com Sr. RL.

¹⁰⁹ A criação da Província de Santa Rita de Cássia foi o objeto da minha dissertação de mestrado, na UNESP, Campus de Franca, entregue em 2012. Cf. PAULA, Sérgio Peres de. **Operários da undécima hora**: os Agostinianos Recoletos no Brasil: criação da província de Santa Rita de Cássia e o impacto do Concílio Vaticano II. 2012. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/93218>. Acesso em: maio 2021.

E a minha turma veio para São Paulo em 66. E 66 ficamos ... em 60... no final do primeiro ano mesmo lá no IFT, foi feito um trabalho através dos padres camilianos. Nós morávamos com os padres camilianos aqui em São Paulo no Jaçanã.¹¹⁰

Último entrevistado na sequência das entrevistas realizadas, Padre LRB, residente em Campinas, cedeu a entrevista via Skype. Devido à pandemia e às restrições impostas pelo momento, ele achou mais conveniente utilizar este instrumento midiático e digital. O contato com ele foi possível graças ao senhor RL, que o conhece e mantém amizade com ele. Seu nome consta no Livro de Atas do DAXIX.¹¹¹ Suas memórias se compõem de um misto de sofrimento e dor devido à rigidez institucional da Igreja,¹¹² por um lado, e alegria e gratidão, sobretudo pelos excelentes professores, grandes “luminares”, que marcaram sua vida e lhe deram uma orientação intelectual, teológica e pastoral. Foi a entrevista mais longa, que demandou um período largo de transcrição, e a mais analítica de todas. Devido a sua formação e atuação acadêmica na área da Sociologia, foi sob esse olhar que Padre LRB olhou seu passado naquele momento.

Nascido em Amparo, interior, de São Paulo, hoje residindo em Campinas, Padre LRB, guardou na memória a paisagem serrana da divisa com o sul de Minas Gerais. “Você vê cultura,¹¹³ você vê passarinho. Tudo o que você não vê na cidade está lá! Tudo que eu passei na infância está lá ainda”.¹¹⁴ A nostalgia do ambiente rural contrasta com as lembranças dolorosas, sobretudo do período em que viveu no Seminário Menor, tanto em Campinas como depois na Ordem dos Ministros do Enfermos, como são oficialmente chamados os religiosos camilianos.

¹¹⁰ Entrevista com Sr. RL.

¹¹¹ Seu nome encontra-se na lista de estudantes presentes na assembleia de fundação do diretório acadêmico - Livro de Atas do DAXIX, p. 19.

¹¹² Entrevista com Padre LRB.

¹¹³ O uso do termo “cultura” referente à zona rural designa uma área cultivada com plantações, como milho, feijão, arroz, cana-de-açúcar e café, por exemplo, muito comuns nessa região. Num outro momento da entrevista, ele usa o termo “Cultura”, definindo-o não como “saber coisas” mas como “costumes culturais”, ao tratar de algumas discussões de gêneros identitários referentes a masculinidade, a feminilidade e homossexualidade não só como questões biológicas de que recebem influência das diversas culturas (cf. Entrevista com Padre LRB).

¹¹⁴ Entrevista com Padre LRB.

Vindo de uma família de imigrantes italianos, tanto pelo lado paterno quanto materno, Padre LRB recebeu uma educação religiosa marcada por um “catolicismo bastante rígido” e, discordando do sociólogo e economista alemão Max Weber, entre cujas obras se encontra “Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, por uma rígida ética do trabalho.

E a religião que deu uma ética de conduta pessoal muito ... que por um lado era rígida demais; por outro lado sustentava a sociabilidade da família. Mas, foi muito rígida e a vida religiosa, sobretudo no seminário.¹¹⁵

Padre LRB passou três anos de sua infância no seminário diocesano de Campinas, cursando o antigo “Ginásio”. Depois, mudou-se para o seminário dos camilianos, onde fez o curso “Clássico”, de forma mais concentrada e estudando em período integral.¹¹⁶ Em seguida, fez o noviciado, etapa inexistente na formação do clero secular, mas obrigatória para aqueles que pretendem ingressar numa ordem ou congregação religiosa.

Não foram tempos de memória agradável. Nem a vivência num seminário menor nem o período de noviciado lhe trouxeram boas recordações.

E você sabe que o noviciado não é como é hoje, não sei como é hoje, mas, é um ano horrível. Não dá pra guardar boas recordações. E também não dá pra guardar boas recordações por que o Seminário Menor, no caso, não o noviciado nesse caso, o Seminário Menor era a continuação da rigidez familiar sem nenhum afeto, nenhum carinho; na realidade um regime militar onde tudo era ... tinha aquela coisa horrível ... não sei se tinha lá no seu seminário, mas o que a gente guardava muito era aquele... aquela ... aquele símbolo da Trindade, um triângulo, no meio escrito “Deus me vê”, quer dizer, era uma ... foi muito ... até é bom falar isto... embora seja da história pessoal, da trajetória pessoal... então o clima era esse, quer dizer, de... até ... eu falo... pode ser bobagem, mas eu falo... se você me perguntar “o que que você

¹¹⁵ Entrevista com Padre LRB.

¹¹⁶ Entrevista com Padre LRB. Em geral, o processo de formação nas ordens religiosas e congregações era “Seminário Menor” (estudos fundamental e médio), Noviciado e “Seminário Maior” (Filosofia e Teologia).

tem de bom pra contar desses três anos de Seminário Menor?” Eu digo: Você sabe o que é você ter na vida quatro anos e você ter que dizer que não teve nada pra dizer que foi feliz? [...].¹¹⁷

Por isso, a figura do Papa João XXIII e as mudanças propostas pelo Concílio Vaticano II para a formação sacerdotal e para a prática pastoral da Igreja Católica lhe trouxeram sentimentos de gratidão pelo “clima” que criaram na Igreja a ver o cristão como homem de esperança, que pode ser feliz, que crê na ressurreição. E esse era o “clima”, segundo o Padre LRB, predominante na Igreja quando o IFT foi criado, em 1965,¹¹⁸ quando operou, inicialmente, suas atividades no antigo Colégio Des Oiseaux, na região central de São Paulo.

Como os agostinianos recoletos da província de Santa Rita de Cássia não tinham um seminário próprio em São Paulo, seus estudantes residiram no seminário dos camilianos no bairro do Jaçanã durante os anos de 1965 e 1966 e, segundo RL, em 1967, com os verbitas, no bairro do Ipiranga.¹¹⁹ Outros seminaristas, entre os quais alguns da diocese de Manaus, também moraram no seminário camiliano no Jaçanã nesse período, retirando-se do Seminário Central do Ipiranga, da Arquidiocese de São Paulo “porque era considerado muito conservador até pelos bispos”,¹²⁰ passando a estudar Teologia no IFT. A distância entre a periferia e o centro, as dificuldades de locomoção, tráfego intenso e congestionamentos, novidades para aqueles jovens do interior, eram uma viagem e uma aventura, suavizada pelo canto e violão de Frei Fontanella.¹²¹

Padre PHG, paulistano, sempre bem-humorado, foi professor de “Ecumenismo” do entrevistador e pesquisador no início dos anos 1990, quando este era estudante de Teologia no Instituto Salesiano Pio XI, no Alto da Lapa, em São Paulo. Nas suas memórias como religioso sacramentino deu uma ênfase especial à pessoa de D. Joviano, seu colega, também estudante do IFT, que faleceu como arcebispo de Ribeirão

¹¹⁷ Entrevista com Padre LRB.

¹¹⁸ Entrevista com Padre LRB.

¹¹⁹ Entrevista com Sr. RL; cf. Entrevista com Padre LRB.

¹²⁰ Entrevista com Padre LRB.

¹²¹ Entrevista com Sr. RL; cf. Entrevista com Padre LRB; Entrevista com Padre PHG.

Preto, interior de São Paulo.¹²² Quando estudante no IFT, Joviano participava do diretório acadêmico e secretariou algumas assembleias.¹²³ O fato de residirem na época na Igreja Santa Ifigênia facilitava para eles o acesso ao IFT, tanto quando funcionou no Colégio Des Oiseaux como quando passou para o convento carmelita no Bela Vista. Os projetos pessoais de se especializar em Ecumenismo no exterior, em Genebra, Suíça, o fez mais reticente em participar das manifestações promovidas pelo diretório acadêmico, do qual participou como “desenhista” para o Jornal “Opinião”. Seu nome está na lista dos estudantes em assembleia quando da fundação do DAXIX.¹²⁴ A formação recebida no IFT despertou-lhe o interesse pelo Ecumenismo e por uma Teologia e Liturgia mais participativa e popular, menos formal e institucionalizada. Atuou na arquidiocese de São Paulo como assessor na área do diálogo ecumênico e foi professor de Teologia, sobretudo em suas especializações, em diversos institutos de formação religiosa, sacerdotal e pastoral. Na entrevista, estava bastante à vontade e feliz por ver um aluno seu fazendo uma pesquisa sobre a instituição na qual fizera seus estudos teológicos. A entrevista foi interrompida por duas vezes por um dos seus cães, que quase derrubou os instrumentos de filmagem. A relação entre entrevistador e entrevistado não só se deu no plano de um professor com seu ex-aluno, ou de um pesquisador em busca de fonte oral, mas tocou em outros pontos comuns, como a figura de D. Joviano. O entrevistador, enquanto sacerdote e religioso agostiniano, fora pároco da Igreja São José, em Ribeirão Preto, a partir de 2012, quando o arcebispo já se encontrava bastante debilitado, vindo a falecer poucos meses depois. Infelizmente, não foi possível conversar com ele sobre o IFT.

Diferentemente dos anteriores, Padre PHG, nasceu em São Paulo, onde morou no bairro do Carandiru, Santana, região norte da metrópole até seu ingresso na congregação dos padres sacramentinos. Ítalo-descendente, atuou como jovem leigo nas associações religiosas daquele tempo desde sua adolescência. Sua atuação como

¹²² Entrevista com Padre PHG.

¹²³ De acordo com o Livro de Atas do DAXIX, p. 80-83, Joviano Lima Júnior secretariou a assembleia eletiva da nova diretoria nos dias 27 de agosto de 1968 e a assembleia de posse no dia seguinte; foi escolhido como representante da turma do segundo ano (p. 79) e na calorosa assembleia em 20 de setembro de 1968, quando discutiram a polêmica nota de D. Agnelo à imprensa sobre o IFT e os procedimentos a serem tomados para um “diálogo” com ele, há duas falas dele registradas, referentes ao contato entre estudantes e provinciais (p. 93) e no contato entre estudantes e UEE, que em carta se pronunciou “que não levariam o caso à imprensa para não causar celeuma desnecessária” (p. 95).

¹²⁴ Seu nome consta numa segunda lista de estudantes que estavam presentes no ato da fundação, porém não tiveram seus nomes apontados - Livro de Atas do DAXIX, p. 35.

jovem fiel católico ocorreu sobretudo na Congregação Mariana, uma das associações que mais agregava jovens e mostrava grande vitalidade. Fez o curso de Magistério, a “escola normal”, que o habilitou como professor primário. Trabalhou um tempo como professor substituto pela manhã num grupo escolar perto de sua casa, na região Santana. À tarde, trabalhava no Banco Mercantil de São Paulo, no centro da cidade.

Da Zona Norte, Padre PHG deslocou sua vivência religiosa para a Igreja Santa Ifigênia, no centro da metrópole. Lá, conheceu os padres sacramentinos e decidiu ingressar na congregação em 1962, ano em que se iniciaria as primeiras sessões do Concílio Vaticano II. Excepcionalmente, fez, em Belo Horizonte, dois anos de noviciado, o “ano canônico”, obrigatório para todas as ordens e congregações, e um ano de aprofundamento na espiritualidade de sua congregação. Concluído o noviciado, cursou o primeiro ano de Filosofia, junto com os “barnabitas”,¹²⁵ congregação religiosa que tinha um colégio lá, na Avenida do Contorno. Na capital mineira, ele e seu colega Joviano, que também foi depois aluno do IFT, residiram na Catedral da Boa Viagem, que mesmo sendo a sede episcopal, é de propriedade dos sacramentinos.

Nesse ínterim, provinciais de várias ordens e congregações religiosas, sob a orientação da Conferência dos Religiosos do Brasil, CRB, tiveram a ideia de fundar o IFT, onde Padre PHG e seu colega Joviano terminaram o curso de Filosofia e estudaram Teologia, adaptando seus currículos escolares à nova instituição. Residindo na Igreja Santa Ifigênia, a proximidade tanto com o Colégio Des Oiseaux como com o convento carmelita no bairro Bela Vista, lhes permitia ir a pé, enquanto outros tinham que enfrentar uma verdadeira viagem, deslocando-se de bairros longínquos como Jaconã ou até mesmo de outras cidades da Grande São Paulo, como Santo André.

Padre PHG foi ordenado sacerdote pelo então bispo auxiliar de São Paulo, da Zona Norte, região Santana, D. Paulo Evaristo Arns, em 25 de janeiro de 1970. Sua

¹²⁵ A Ordem dos Clérigos Regulares de São Paulo, fundada em Milão por Santo Antônio Maria Zaccaria, no ano de 1530, mais conhecidos como Barnabitas, chegou ao Brasil no dia 21 de agosto de 1903, em Recife e Belém do Pará para atuar em vários campos, desde a educação até a assistência social. No início os Barnabitas desenvolveram suas atividades em Prelazias e Dioceses ainda em formação, sobretudo nas regiões norte e nordeste. Um dos seus maiores feitos foi a construção da Basílica Santuário de Nazaré, em Belém do Pará. Expandiram-se depois para outros estados brasileiros, com atuação no Rio de Janeiro, Ceará, Minas Gerais, São Paulo, Brasília e Rio Grande do Sul. Cf. ANDRADE, Aline. **Barnabitas**: 115 anos no Brasil. [202?]. Disponível em: <https://basili-cadenazare.com.br/barnabitas-115-anos-no-brasil/>. Acesso em: 23 nov. 2022.

atuação como sacerdote esteve concentrada na cidade de São Paulo, onde trabalhou em várias paróquias nas regiões Sé, Lapa e Santana. Como professor em institutos de Teologia, tanto para formação sacerdotal como pastoral, lecionou disciplinas como Ecumenismo e Missiologia. Tais especializações foram feitas respectivamente em Genebra, Suíça, e na Faculdade Assunção, no Ipiranga, em São Paulo. O interesse por essas áreas despertou quando era ainda estudante do IFT.¹²⁶ Aí estudou até fins de 1968, uma vez que no ano seguinte iniciou sua especialização na Suíça.

A outra entrevista foi concedida pelo Professor CARN. O contato com ele se deveu à colaboração de Frei Márcio Couto, dominicano, responsável pela Biblioteca Padre Lebrecht, no convento dominicano em Perdizes, São Paulo, que indicou vários contatos de ex-confrades que estudaram no IFT. Das indicações dadas por Frei Márcio, o único que se dispôs foi o Professor CARN. A entrevista ocorreu na sua residência, no bairro de Pinheiros, sendo muito bem recebido por sua esposa e por ele. Extremamente gentil, afável, com um fino humor, um toque de alegria e descontração, fez uma trajetória de sua vida como frade dominicano, realçando os dois momentos em que fora professor no IFT: no primeiro ano de suas atividades, em 1965, com o Concílio Vaticano II ainda em andamento; e no seu último ano, em 1969, quando o contexto cultural e político no Brasil encontrava-se bastante diferente. Destacou as profundas transformações na juventude, nos jovens formandos do IFT e até mesmo no modo de dar aulas entre esses dois momentos. Sem envolvimento político, administrou disciplinas pouco atrativas aos estudantes naquela ocasião pelo seu caráter “tradicional”, como Lógica e Metafísica, no curso de Filosofia, e “De Deo Uno”, uma das disciplinas da área mais sistemática e teórica no curso de Teologia.¹²⁷

Ao falar de Itabirito, na região de mineração chamada de quadrilátero ferrífero, em Minas Gerais, o Professor CARN lembrou um dos seus personagens famosos: o jogador e técnico da seleção brasileira Telê Santana.¹²⁸ Filho de um químico empregado em uma siderurgia, chamada então de Usina Esperança, ele passou aí sua in-

¹²⁶ Entrevista com Padre PHG.

¹²⁷ Entrevista com Professor CARN.

¹²⁸ Telê Santana da Silva (1931-2006) foi lembrado pelo Professor CARN em sua entrevista. A referência ao jogador/treinador é interessante não só como seu conterrâneo, mas porque a “cultura” das discussões em torno do futebol eram frequentemente calorosas nos conventos.

fância, entre os vales e as montanhas das proximidades de Ouro Preto. A usina siderúrgica passou a chamar-se depois “Queiroz Júnior”. Nas incertezas de sua memória, ela não existiria mais hoje como siderurgia, tornando-se uma fábrica de bicicletas.

Com cerca de 10 ou 11 anos, Professor CARN passou a morar no Rio de Janeiro com seu avô para fazer o “ginásio”. Ao terminar essa etapa de sua formação escolar, seus pais se mudaram para Belo Horizonte, onde fez o “colegial”. Na capital mineira, conheceu Frei Mateus Rocha,¹²⁹ através do qual ingressou na Ordem dos Pregadores, também chamados de dominicanos.

Em sua trajetória como religioso dominicano, Professor CARN fez o noviciado em 1954. No ano seguinte, iniciou o curso de Filosofia e Teologia no convento dominicano no bairro de Perdizes, em São Paulo. Por um reconhecido talento intelectual, quando estava no último ano de Teologia, seus superiores o indicaram para fazer uma dissertação para obter um dos títulos internos da ordem dominicana, o “Leitorado”,¹³⁰ mais ou menos equivalente a um mestrado. Esse título o habilitou a dar aulas em qualquer “estúdio”¹³¹ da ordem. No Brasil, segundo ele, vacilando quanto à certeza das informações, a Ordem dos Pregadores tinha uma província brasileira, de origem francesa; um vicariato italiano, sediado no interior de São Paulo, em Santa Cruz do Rio Pardo e um vicariato maltês, sediado em Curitiba. A partir de 1962 passou a dar aulas de Lógica no convento em Perdizes, na capital paulista.¹³²

¹²⁹ Mateus Rocha, cujo nome de batismo era José Rocha (1923-1985), foi religioso, teólogo e professor. “Estudou no Seminário Menor de Mariana (MG) e no Seminário de São Vicente de Paulo, em Petrópolis (RJ). Em 1947, trocou a Ordem dos Lazaristas, em Petrópolis, pelo Convento Dominicano, em São Paulo (SP). Entre 1949 e 1952, estudou Teologia em Saint Maximin, no sul da França. Foi eleito prior do Convento de Belo Horizonte, em 1954. Em 1956, aos 33 anos, foi escolhido provincial do mesmo convento. Reelegeu-se quatro anos mais tarde. Foi chamado por Darcy Ribeiro para organizar o Instituto Teológico da Universidade de Brasília (UnB), no ano de 1962. No projeto da universidade, o instituto estava previsto como um centro de pesquisa teológica, de caráter ecumênico. Frei Mateus renunciou ao cargo de provincial e transferiu-se para Brasília. Entre setembro de 1962 e janeiro de 1963, assumiu a reitoria da UnB. Foi vice-reitor da UnB, durante a gestão de Anísio Teixeira, entre junho de 1963 e abril de 1964. Instaurada a ditadura, em 9 de abril 1964, foi afastado da Universidade de Brasília. Em 1981, foi novamente eleito provincial do Convento de Belo Horizonte”. Cf. https://web.archive.org/web/20130127222013/http://unb.br/administracao/reitoria/exreitores/mateus_rocha. Acesso em: jun. 2021.

¹³⁰ Para dar aulas nos conventos, as ordens religiosas exigiam alguns títulos como “Leitor” ou “Lente”, distinto do grau das “ordens menores”, necessárias antes de ser ordenado diácono e presbítero.

¹³¹ “Studium”. Ao que indica no decorrer da entrevista, era assim que os dominicanos chamavam seus conventos dedicados à formação filosófica e teológica necessária para aqueles que seriam sacerdotes. Em geral, o professor pronuncia na forma portuguesa “estúdio”. Num determinado momento ele pronuncia na forma latina “studium”.

¹³² Entrevista com Professor CARN.

Em 62 e 63 eu dei o curso de Lógica. A Lógica era concebida com uma espécie de ... acho que não era muito inapropriado e ... mas ... Teoria do Conhecimento. Não era simplesmente uma ... um conhecimento elementar das regras da lógica formal; era um pouco mais do que isso. E depois, em 64 e 65 e primeiro semestre de 66 eu dei o curso de Metafísica. Então o ... esses dois cursos estão inteiramente datilografados. Eu de vez em quando eu ainda consulto esses velhos papéis ... estão se desfazendo. No IFT, eu comecei a dar aulas em 1965...¹³³

A procedência de cada um dos entrevistados é reflexo de uma situação comum na Igreja Católica até algumas décadas atrás: a maioria das vocações normalmente procedia das regiões sul e sudeste; o recrutamento dos candidatos, de famílias de cultura católica mais tradicional; eram numerosas entre os descendentes de imigrantes, sobretudo italianos; vinham com mais frequência de cidades do interior e do ambiente rural; poucas procediam das grandes metrópoles e, nestas, geralmente eram de bairros mais periféricos.¹³⁴ Dentre os entrevistados, há um paulistano, Padre PHG, de bairro periférico, região norte de São Paulo; três do interior, sendo dois do interior de São Paulo e um do interior de Minas Gerais; dois são ítalo-descendentes; um de classe média do meio industrial-siderúrgico e operário; dois procedem de distintos ambientes urbanos, um de cidade interiorana industrial calçadista, operária e manufatureira e de cultura predominante do café, outro de metrópole diversificada e da área dos serviços e comércio; um, originário de ambiente rural e camponês.

Na tecedura da História, quatro vidas se tocam. Cada um com sua trajetória e experiências próprias. O que eles têm em comum: uma instituição de formação filosófico-teológica, no centro de São Paulo. Dois moravam inicialmente no bairro do Jaconã, periferia da metrópole. Um passou a morar no bairro do Ipiranga. Mesmo mais próximo, continuava ainda assim, distante do centro, onde estava o IFT. Outro residia muito próximo, sem problemas de deslocamento, podendo mesmo ir a pé para o local de estudo. O professor, residente no convento dominicano em Perdizes, também não

¹³³ Entrevista com o Professor CARN.

¹³⁴ SERBIN, Kenneth P. **Padres, celibato e conflito social**: uma história da igreja católica no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

tinha dificuldades quanto a transporte, uma vez que estava bem próximo tanto do Colégio Des Oiseaux quanto do convento carmelita. Naquele momento, uma Igreja portadora de tradições milenares com propostas de “aggiornamento”, adaptação e diálogo com o mundo moderno buscava novas formas de existir, de se organizar e de agir pastoralmente numa cidade em acelerado ritmo de urbanização e transformação social, cultural e econômica. Os deslocamentos para um ambiente em efervescência cultural, social, política e econômica impactou profundamente naqueles jovens. Quando ingressaram no seminário, certamente não faziam ideia da dimensão das tensões institucionais, sociais, culturais e políticas nas quais estavam imersos.

2. Do modelo ultramontano-tridentino ao “Aggiornamento” conciliar: Desafios para a Igreja no Brasil e em São Paulo

Uma breve visão historiográfica de alguns pontos da trajetória da Igreja Católica no Brasil desde os fins do período imperial até a década de 1970 mostra uma série de elementos e forças em ação tanto internas à instituição eclesiástica quanto na sua relação com o Estado brasileiro e as Forças Armadas. As transformações ocorridas na década de 1960 têm raízes profundas, assim como estão em sintonia com diversos movimentos e tendências culturais e políticas em nível internacional. A atuação do Cardeal Arcebispo D. Agnelo Rossi como autoridade eclesiástica, a forma como organizou a Igreja Católica em São Paulo, como entendia e aplicava a renovação conciliar e como se relacionou com o clero paulistano e com as autoridades civis são imprescindíveis considerar no jogo de forças institucional. A Igreja Católica, tanto no Brasil como nas outras parte do mundo, traz em seu interior uma dinâmica profunda e, não raro, tensa, entre tradições diversas. As relações com o Estado variaram ao longo dos últimos dois séculos entre sujeição, alianças, colaboração e momentos de tensão. Assim, a dinâmica dos jogos de força e poder nestas instituições é muito variada tanto “ad intra” como “ad extra”.

As novidades pós conciliares foram se implementando lentamente, na medida da recepção, leituras e interpretações e das aplicações segundo as condições naquele momento como forma prática e criativa de “Aggiornamento”. Eliseu Verón, sociólogo argentino, trabalhou muitos dos elementos e processos que envolvem a produção dos discursos, suas condições, sentidos e gramáticas, os reconhecimentos, as leituras, as interpretações e operações nesse processo entre a produção, a circulação e a difusão dos discursos. Embora eles formem os tecidos e as redes sociais e institucionais, o autor descarta as relações de necessidade entre a produção, as leituras possíveis e as ações que tais discursos inspiram.¹³⁵

¹³⁵ VERÓN, Eliseo. Dicionário das idéias não feitas (1979). In: VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2004. cap. 3, p. 49-75. Esta obra é uma coletânea de artigos do autor entre 1971 e 1974. Neste capítulo 3, ele aborda resumidamente esses elementos e processos.

Em meados da década de 1960, conviviam discursos, tradições, práticas consolidadas na relação entre o Estado brasileiro e a Igreja Católica, e novidades conciliares, ainda marcadamente sob perspectivas entusiasmadas de renovação eclesial. Ao final do primeiro ano do então Frei RL no IFT em São Paulo, entre 1966 e início de 1967, ele participou de um evento missionário e humanitário na região do Acre¹³⁶ promovido pela Conferência dos Religiosos do Brasil, CRB. Essa instituição, responsável pela criação do IFT, era dirigida pelo então Frei Lucas Moreira Neves,¹³⁷ dominicano. O evento, inicialmente estava coordenado por um sacerdote camiliano, Pe Filipelli, o qual não pôde prosseguir à frente do evento devido ao falecimento de sua mãe no Rio Grande do Sul. Coube a Frei RL dar sequência a sua organização e efetivação. Para isto, contou com a colaboração das Forças Armadas na logística de transporte, de laboratórios farmacêuticos com a doação de medicamentos, de grande quantidade de alimentos arrecadados, com a cobertura da imprensa e com voluntários de diversas regiões e instituições do país.

Foi o padre Filippelli ... estava promovendo um trabalho de promoção humana, estilo Projeto Rondon; o Projeto Rondon não existia. Padre Filippelli me mandou e eu me inscrevi; e participei.¹³⁸

Nesse evento, Igreja e Estado mantiveram não só bom relacionamento, mas a mútua colaboração, ainda conforme os parâmetros tradicionais.

Num recuo temporal de cerca de um século, durante a segunda metade do século XIX, a polêmica entre liberais e ultramontanos ocorreu de forma calorosa também na Igreja Católica no Brasil. A “Questão Religiosa”, que dividiu opiniões e muito afetou o segundo reinado, foi uma expressão dessa polêmica. Nesse contexto, Rui Barbosa traduziu a obra de Johann Joseph Ignaz Von Döllinger, sob o pseudônimo de

¹³⁶ A participação dos estudantes do IFT nesse evento foi discutida na reunião do DAXIX em 03 de setembro de 1966. Cf. Livro de Atas do DAXIX, p. 23

¹³⁷ Entrevista RL; “Frei Lucas”, dominicano, era o nome religioso de Luiz Moreira Neves (Dom Lucas Moreira Neves), sacerdote, prelado; foi também arcebispo de Salvador e primaz do Brasil; nasceu em São João del Rei, MG, em 16 de setembro de 1925, e faleceu no Vaticano, em 8 de setembro de 2002.

¹³⁸ Entrevista RL; o Projeto Rondon foi criado em 1967. A missão citada por RL ocorreu pouco antes de sua criação. (Cf. <https://www.unochapeco.edu.br/projetorondon/info/o-projeto#:~:text=O%20Projeto%20Rondon%20foi%20criado,se%20conhecido%20em%20todo%20Brasil>). Acesso em: jun. 2021.

Janus, “O Papa e o concílio”,¹³⁹ na qual o autor elaborou suas contestações contra a tendência ultramontana, conservadora e centralizadora do poder religioso na Igreja Católica, impulsionada sobretudo pelo Papa Pio IX e corroborada pelo Concílio Vaticano I, em 1870. Von Döllinger, num protesto contra a proclamação do dogma da infalibilidade papal, procurou mostrar como historicamente a cúria romana manobrou e forjou uma legislação e interpretações que foram assumidas gradativamente na tentativa de fortificar o poder papal, em detrimento da submissão dos bispos e dos concílios. A obra traduzida foi acompanhada de um extenso comentário de Rui Barbosa. Nele, reagiu à tendência ultramontana evidenciada na Questão Religiosa e elaborou algumas propostas de novas formas de relação entre Igreja e Estado no Brasil, entre as quais a separação e a autonomia de ambos, com a supremacia da soberania nacional e nenhum tipo de ingerência da Santa Sé nos negócios internos do país.¹⁴⁰

As tensões internas da Igreja Católica nesse mesmo período em São Paulo foram estudadas por Augustin Wernet, que classificou o clero em duas grandes facções: o “clero iluminista”, ilustrado, fruto da reforma pombalina, perfeitamente inserido no sistema de padroado e no regalismo do Império brasileiro; e o “clero ultramontano”, que apoiava as teses antimodernistas de Pio IX, a centralização do poder interno da igreja na Santa Sé e na figura do Papa, a total autonomia da Igreja frente ao Estado e a supremacia daquela sobre este. Nesse movimento de reforma ultramontana, A. Wernet destacou a atuação de D. Antônio Joaquim de Melo, apoiado em grande parte pelo clero da região de Itu,¹⁴¹ na diocese de São Paulo.

Na questão ultramontana e a reorganização da Igreja Católica, entre o fim do Segundo Império e as primeiras décadas da República, em meio ao choque dos ideais iluministas com o modelo tridentino reinterpretado no século XIX, este se impôs, segundo Dilermando Ramos Vieira, sobretudo devido ao alinhamento da vida religiosa, ou seja, das ordens e congregações, tanto masculinas como femininas, às diretrizes romanas. O advento da República e a separação entre a Igreja e o Estado forçaram uma adaptação da estrutura eclesiástica à nova realidade, o Estado laico. De uma

¹³⁹ JANUS. **O Papa e o Concílio**. 2. ed. Tradução: Ruy Barbosa. Londrina: Ed. Leopoldo Machado, 2002. v. 2.

¹⁴⁰ *Ibid.*, v. 1, 2002.

¹⁴¹ WERNET, Augustin. **A Igreja Paulista no século XIX: a Reforma de D. Antônio Joaquim de Melo (1851-1861)**. São Paulo: Ática, 1987.

desconfiança e ataques mútuos no início, gradativamente se estabeleceu uma política de boa convivência entre essas instituições, no que o autor chamou de período da “Belle Époque” da Igreja, com a emergência de uma “inteligência Católica” de grande peso político.¹⁴² D. João Batista Corrêa Nery, primeiro bispo da Diocese de Vitória, em seu manuscrito intitulado “Visitas Pastoraes”, escrito entre os anos 1892-1899, levantou alguns problemas desse período inicial do relacionamento entre a Igreja Católica e a República recém instaurada. Ele cita os problemas relacionados à novidade do casamento civil e o descaso com o casamento religioso, o abandono em que se encontravam os cemitérios, a infraestrutura do transporte terrestre, a educação e a segurança no Estado do Espírito Santo, além da submissão do clero local aos grandes senhores fazendeiros.¹⁴³

Na relação entre a Igreja Católica e o Estado Republicano, o brasilianista Scott Mainwaring distinguiu três períodos: A Igreja da neocristandade (1916-1955); a Igreja reformista (1955-1964) e o desenvolvimento da esquerda católica (1958-1964). Nesse período, foram relevantes a ação do Cardeal Leme e a criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, como órgão representativo da Igreja Católica no país. As relações tensas e ambíguas entre a Igreja e o regime militar se evidenciaram em especial nos conflitos entre a Juventude Operária Católica e a hierarquia eclesial. Apesar das tensões, da abertura política até 1985 se desenvolveu a “Igreja popular”, para ele, uma peculiaridade da Igreja no Brasil.^{144,145,146} A Conferência dos Religiosos do Brasil, CRB, não aparece nas obras dos historiadores como um fato relevante. Enquanto a fundação da CNBB teve repercussões na ação pastoral da Igreja Católica no Brasil, a criação da CRB representou um momento de aglutinação de forças e de trabalhos entre as ordens e congregações religiosas, que, antes, agiam cada

¹⁴² VIEIRA, Dilermando Ramos. **O processo de reforma e reorganização da Igreja no Brasil: (1844-1926)**. Aparecida: Ed. Santuário, 2007.

¹⁴³ NERY, João Batista Corrêa. (Dom). **Lembranças: visitas pastoraes**, Cúria Metropolitana da Arquidiocese de Vitória. Vitória: Centro de Documentação e Informação, [19--]. p. 97-109. Manuscrito.

¹⁴⁴ MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil – 1916-1985**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

¹⁴⁵ Marcelo Ridenti, tratando sob as diversas formas de oposição tanto institucional como clandestina ao regime militar, diz que “os estudantes foram se tornando os agentes sociais mais visíveis da oposição”, organizando grandes manifestações de rua, sobretudo no Rio de Janeiro e em São Paulo. Cf. RIDENTI, Marcelo. As oposições à ditadura: resistência e integração. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). **A Ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 35.

¹⁴⁶ Cf. também RIDENTI, Marcelo. 1968: rebeliões e utopias. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (org.). **O século XX: o tempo das dúvidas. Do declínio das utopias às globalizações**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 3, p. 149-150.

uma por si. A iniciativa de fundar uma instituição de formação filosófico-teológica se deveu aos propósitos de trabalho conjunto entre as ordens e congregações a partir da CRB.¹⁴⁷

Há um certo consenso entre os historiadores da Igreja, tais como o Padre Riolando Azzi,^{148,149} Kenneth Serbin,¹⁵⁰ Scot Mainwaring¹⁵¹ e Padre José Oscar Beozzo,¹⁵² de que o modelo tridentino romanizado implantado apresentava, nas décadas de 1950 e 1960, sinais de crise e esgotamento. Esse modelo privilegiava o culto, a pregação da doutrina e a administração dos sacramentos; considerava o bem-estar e o desenvolvimento urbano da revolução industrial como nocivo ao espírito de sacrifício. Assim, as áreas urbanas foram consideradas áridas para vocações, bem como território perigoso para a perseverança sacerdotal. Os seminaristas normalmente provinham da área rural, mas deveriam perder os hábitos rústicos. Aí estava uma postura ambígua da Igreja, uma vez que denunciava os perigos morais da vida urbana e educava o clero em alguns valores típicos da modernidade. As principais áreas de recrutamento vocacional foram Minas Gerais, Ceará e as regiões de colônias de imigrantes nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo.

A formação do clero nos seminários acentuava o espírito de sacrifício, a obediência, a humildade, a submissão aos superiores, a piedade e a pureza de vida, valores típicos da educação conservadora das famílias de colonos europeus. No recrutamento vocacional, havia frequentes confrontos entre o clero diocesano e os religiosos. O envio de meninos da roça para o seminário constituía-se uma forma de promoção social, uma oportunidade de ampliar a formação cultural e um alívio no orçamento familiar. A separação da família, o distanciamento dos parentes, o regime de internato, a segregação do edifício do seminário, o uso do hábito ou veste talar demarcavam a ruptura

¹⁴⁷ Cf. Entrevista RL, p. 7-8; Entrevista Pe PHG, p. 2; Entrevista Padre L. R.B., p. 2-3.5-6.

¹⁴⁸ AZZI, Riolando. **A igreja católica na formação da sociedade brasileira**. Aparecida: Ed. Santuário, 2008.

¹⁴⁹ AZZI, Riolando. A organização institucional católica. In: AZZI, Riolando; GRIJP, Klaus van der. **História da igreja no Brasil**: ensaio de interpretação a partir do povo: terceira época, 1930-1964. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 537-556. (História geral da Igreja na América Latina, t. 2/3-2).

¹⁵⁰ SERBIN, Kenneth P. **Padres, celibato e conflito social**: uma história da igreja católica no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

¹⁵¹ MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil – 1916-1985**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

¹⁵² BEOZZO, José Oscar. **A igreja do Brasil no Concílio Vaticano II: 1959-1965**. São Paulo: Paulinas, 2005.

com o mundo. O rigor disciplinar não raro fazia uso dos castigos, sobretudo para afirmar no candidato o "espírito de humildade e obediência". Os símbolos religiosos, como crucifixos, imagens, quadros e frases religiosas lembravam sempre o caráter "sagrado" do ambiente. A vida interna se alternava em horários das orações canônicas, atos devocionais, recreio, aula, refeição e sono. A devoção mariana era uma forma de compensar o afastamento das mulheres. Consideravam-se as férias com a família um período perigoso e por isso, eram reduzidas, com o intuito de se evitar as defecções. Normalmente, passavam-se as férias dentro da própria instituição.

Entre 1840 e 1962, o número de seminários aumentou de aproximadamente 12 para mais de 600. Frequentemente, enfrentavam-se muitas dificuldades para a sua manutenção, bem como sofria-se a carência de professores formados adequadamente. O ingresso no seminário ocorria com a idade de aproximadamente 11 anos. Poucos eram aqueles cujos estudos estavam oficializados. A oficialização gerava desconfianças por parte do clero, sob a alegação de que muitos deixariam a vocação sacerdotal após a conclusão dos estudos. Valorizava-se a formação intelectual, humanista e apologética. O sacerdote era o detentor exclusivo da verdade, com pouca sensibilidade aos que discordavam do seu ponto de vista. A filosofia e teologia escolástico-tomista, a ótica puritana, a demonização da sexualidade e o autoritarismo eram marcas da formação tridentina. Isso provocava no clero uma mentalidade fechada, autossuficiente, desdenhosa em relação às outras pessoas e uma presunção de serem os "donos da verdade". A formação centrava-se nos "compêndios", isolada do mundo, acrítica; priorizava-se o abstrato, o universal e perene, a "essência do homem" e o "ideal da sociedade". Os problemas cotidianos ligados à economia, à política e aos conflitos sociais eram relegados como "secundários".

Em 1929, em Roma, lançou-se a pedra fundamental do Colégio Pio Brasileiro, inaugurado em 1934, com capacidade para 120 seminaristas. O projeto fora idealizado pelo Cardeal Leme, em colaboração com outros bispos, visando sobretudo formar um corpo docente mais adequado para os seminários brasileiros. Não raro a perspectiva teológica romana mostrava-se inadequada em suas aplicações práticas à vida dos fiéis do Brasil. Entre 1934 e 1961, mais de 300 sacerdotes haviam passado pela instituição e, destes, mais de dez tornaram-se bispos. Na década de 1950, alguns formadores começaram a se preocupar com a artificialidade da vida dos seminaristas,

afastados dos problemas da realidade brasileira e sustentados de forma paternalista.^{153,154}

Foi exatamente o despreparo dos sacerdotes, formados numa concepção de mundo cada vez menos expressiva, que, a partir do Concílio Vaticano II, provocou uma crise acentuada tanto na vida dos seminários como no exercício do ministério sacerdotal.¹⁵⁵

O período de 1840 a 1962, quando ocorrera a "romanização" ou "europeização" da Igreja Católica no Brasil, teve como característica principal, segundo K. Serbin,¹⁵⁶ a padronização dos seminários, de acordo com a orientação e a leitura tridentina do século XIX, com ênfase na ortodoxia doutrinária, na obediência hierárquica e no rigor intelectual e espiritual. Aos poucos, ao longo do século XIX e início do século XX, no Brasil, o processo de romanização impôs os moldes tridentinos; a sacramentalização, a moralidade e autoridade clerical suplantaram os rituais e organizações autônomos e as bases do catolicismo luso-brasileiro tradicional. O aumento de ordens e congregações religiosas europeias no Brasil e a intensa imigração europeia a partir da segunda metade do século XIX facilitaram o processo e efetivaram uma "modernização conservadora" do catolicismo brasileiro. Tal não ocorreu sem ambiguidades, uma vez que o discurso eclesiástico ao mesmo tempo reagia contra e promovia a modernidade. Como estratégias para o fortalecimento do papado e do aspecto institucional da Igreja Católica, enfatizou-se a defesa da ortodoxia, da autoridade clerical e o fim da autonomia leiga. Isto implicou as tentativas de controle do catolicismo popular e dos santuários já existentes, os quais deveriam ser confiados a congregações religiosas para se corrigir os "abusos" e eliminar práticas consideradas heterodoxas, substituindo-as por rituais controlados pelo clero. A partir sobretudo da década de 1920, procurou-se desenvolver um catolicismo mais erudito e atrativo para intelectuais e setores médios urbanos, mantendo os leigos dependentes do clero. Isto gerou no catolicismo brasileiro uma dupla tendência: de um lado, clero ávido de controle dos fiéis pela prática

¹⁵³ AZZI, Rioldo. **A igreja católica na formação da sociedade brasileira**. Aparecida: Ed. Santuário, 2008.

¹⁵⁴ AZZI, Rioldo. A organização institucional católica. In: AZZI, Rioldo; GRIJP, Klaus van der. **História da igreja no Brasil**: ensaio de interpretação a partir do povo: terceira época, 1930-1964. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 537-556. (História geral da Igreja na América Latina, t. 2/3-2).

¹⁵⁵ Organização institucional católica, *op. cit.*, p. 556.

¹⁵⁶ SERBIN, Kenneth P. **Padres, celibato e conflito social**: uma história da igreja católica no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

sacramental; de outro, as organizações populares e irmandades com suas devoções mais espontâneas aos santos.

Passadas as tensões iniciais com a República e com um clero europeizado e "desnacionalizado", aumentaram-se as dúvidas sobre a qualidade das vocações nativas e incrementou-se o preconceito sobre a inadequação dos brasileiros à vida sacerdotal, de tal forma que ser padre no Brasil implicava em ser branco e de raízes europeias. Romanizada e europeizada, a Igreja institucional tomou novo vigor e, da década de 1920 ao fim do Estado Novo de Getúlio Vargas, colaborou para o fortalecimento institucional do Estado, numa aliança informal, uma "concordata moral", através do conteúdo moral, do modelo de disciplina social, do apoio ao sistema corporativista para "reespiritualizar a cultura" e promover a cooperação entre as classes sociais. Tal "concordata moral" vigorou até o início do regime militar, na década de 1960. Objetivos comuns uniam a Igreja Católica ao Estado: a luta contra o esquerdismo no movimento sindical e os subsídios do governo para as atividades religiosas, além de outras formas de suporte para atividades missionárias e programas sociais da Igreja. O processo de industrialização e especialização da força de trabalho conduziu a "concordata moral" para uma "paz social" mais complexa. Os quadros internos da Ação Católica Brasileira igualmente se modernizaram e se diversificaram na década de 1950.

Clero padronizado, romanizado, europeizado e disciplinado; padres bem-educados, obedientes, devotos e celibatários: eis o que visava a formação nos seminários, isolados do mundo. Tal situação levou a uma "insularidade da Igreja", já evidenciada na década de 1950, quando o regime de "seminário fechado", de "grande disciplina", moldado nos castigos físicos, no autoritarismo, no controle dos espaços, do ritmo de vida, da rotina diária, da vida acadêmica já não mais se sustentava. O "encastelamento católico" na escolástica e o descaso pelo ensino da prática pastoral gerou uma inexperiência dos estudantes com o povo. A imagem pública do pastor, como guia moral, um "salvador" europeizado, transformou-se em paternalismo social. A monotonia pastoral, a diminuição da curiosidade intelectual e a burocratização da Igreja provocou insatisfações a partir da década de 1950.

Um dos problemas do processo de romanização anterior ao Concílio Vaticano II era a disfunção institucional, segundo K. Serbin,¹⁵⁷ geradora de inúmeros problemas e conflitos no clero brasileiro: a escassez de padres, os sentimentos nacionalistas e o uso político das infrações disciplinares e transgressões sexuais.

O problema da "escassez de padres" teria sido exacerbado pelo processo de romanização, apesar de que o aumento de vocações efetivamente não acompanhou o crescimento populacional do país, uma vez que, entre 1872 e 2000, o número de padres aumentou sete vezes, enquanto a população brasileira aumentou 17 vezes. Se o número de vocações se elevou nesse período, os índices de desistência eram igualmente grandes, elevaram-se ainda mais nos anos que precederam o Concílio Vaticano II e, após, levaram a uma crise profunda. Segundo K. Serbin, as interpretações da escassez de vocações e de clero no Brasil eram feitas desde a perspectiva da Europa e desconsideravam as singularidades do Brasil, entre as quais, a inadequação do ensino público e da infraestrutura cultural em geral; realçava as causas quantitativas e não qualitativas; apesar da urbanização crescente, fomentou-se o recrutamento de seminaristas na zona rural, não se criando estratégias vocacionais para as cidades; e, finalmente, não se cultivaram as vocações entre afro-brasileiros.

A partir da década de 1950, já se evidenciava um "ressentimento pelo controle europeu". A manipulação da disciplina foi vista como abuso de poder e desvio para objetivos pessoais desvinculados da missão da Igreja. As regras, não raramente, eram utilizadas como "arma", num jogo de dominação disciplinar, e a acusação de "transgressões sexuais" tornou-se arma política entre os padres. Com a religião transformada num jogo de disciplina e poder, a fé atrofiou-se. Rivalidades eclesásticas, trabalho exaustivo nos seminários, carreirismos e busca de maiores chances promocionais, a padronização e a manutenção da disciplina a todo custo consumia e exigia um investimento imenso de tempo e energia.

¹⁵⁷ SERBIN, Kenneth P. **Padres, celibato e conflito social**: uma história da igreja católica no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

Nas décadas de 1950 e 1960 uma nova geração de seminaristas sentiu-se desumanizada pela disciplina. Eles se juntaram a padres em uma revolta contra o sistema tridentino que gerou a maior crise na história da Igreja brasileira.¹⁵⁸

O abandono da era tridentina e o encontro com a modernidade levaram muitos setores do clero e seminários a uma crise de identidade nos anos 1960 e 1970. Esse período foi marcado por um protesto generalizado contra aquilo que se considerava a "ordem tridentina obsoleta": teologia maquinal, pedagogia tibia, disciplina autoritária e repressão sexual. Tanto seminaristas como padres empenharam-se na construção de um novo modelo de sacerdócio; reavaliaram a vocação sacerdotal e religiosa e sua função social; modernizaram, politizaram e profissionalizaram o sacerdócio mediante novas formas de teologia, pedagogia e espiritualidade. Os seminaristas, nesse período, tentaram se organizar a nível nacional, desafiando bispos e mesmo o governo militar do Brasil. O radicalismo estudantil, numa espécie de "contracultura eclesial",^{159,160} manifestava-se como protesto político, exigência de maior abertura para o mundo e clamor por justiça social. "A escolha dos caminhos nem sempre lhes foi clara, e decerto não foi inevitável".¹⁶¹ Entre 1961 e 1967, representantes dos seminaristas do Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Guanabara, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Sergipe, Bahia, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e do Colégio Pio Brasileiro em Roma, organizaram-se e se reuniram diversas vezes, tentando criar a "União Nacional dos Seminaristas Maiores do Brasil".¹⁶²

¹⁵⁸ SERBIN, Kenneth P. **Padres, celibato e conflito social**: uma história da igreja católica no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

¹⁵⁹ Marcelo Ridenti incluiu setores da Igreja, alinhados à esquerda e aos diversos movimentos culturais na segunda metade da década de 1960, no movimento de resistência democrática ao regime militar. Cf. RIDENTI, Marcelo. As oposições à ditadura: resistência e integração. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). **A Ditadura que mudou o Brasil**: 50 anos do golpe de 1964. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 35.

¹⁶⁰ Daniel Aarão Reis refere-se a estes setores como minoritários, tendo os dominicanos como o grupo mais expressivo. Cf. REIS, Daniel Aarão. Ditadura ou democracia: a busca de uma identidade (1964-1968). In: REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil**: do golpe de 1964 à Constituição de 1988. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 67-68.

¹⁶¹ SERBIN, Kenneth P. **Padres, celibato e conflito social**: uma história da igreja católica no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 2008. p. 157.

¹⁶² Padre LRB referiu-se na entrevista à organização dos seminaristas no Brasil em diversos níveis: "Havia entre os filósofos... havia a União dos Seminaristas de São Paulo... Filosofia... os teólogos têm os USMAS, União dos Seminaristas Maiores do Sul... depois se espalhou em nível nacional... Eu fui dos últimos que ocupou... não me lembro se o meu cargo era de secretário... ou tesoureiro, não, não era, porque não sei lidar com dinheiro... era secretário ou vice-presidente, coordenador... praticamente acabou porque acabaram os estudantes de Teologia... Isso foi lá pelos anos de 69... 70... por aí..." Cf. Entrevista com Padre LRB. Mais adiante, ele fez referência

A convocação do Concílio Vaticano II "abriu as comportas da inovação"; produziu ambivalência e paradoxos: alegria, júbilo, decepção, confusão, raiva e insegurança; e, no Brasil, coincidiu com a agitação política que levou à deposição do presidente João Goulart em 1964, à repressão e uso de tortura pelo regime militar, com a sequente crise entre a Igreja e o Estado, a Igreja e as Forças Armadas. Nesse mesmo período, setores da Igreja se apresentavam como "Igreja dos Pobres" ou "Igreja progressista", com novas expressões pastorais e religiosas.

A reforma dos seminários tinha por base a crítica ao sistema tridentino, porém, faltava clareza em seu programa. A complexidade do momento, as críticas a um programa único para todos os seminários, a exigência de uma adaptação ao contexto local impulsionou, por um lado, o "*aggiornamento*" e gerou outras duras críticas como "antidisciplina". Para os defensores da reforma dos seminários, o "isolamento do sistema tridentino" distorcia a realidade e o desenvolvimento emocional, afetivo, social e cultural dos seminaristas; reivindicou-se o "celibato opcional" e questionaram-se as concepções católicas de sexualidade e relações de gênero.

O comportamento mais livre dos seminaristas quanto a horário, uso de batina, oração comunitária, incomodava os superiores, que tentavam preservar alguns "velhos costumes". A oposição acirrada ao autoritarismo e à "obediência cega" enfatizava a busca do "diálogo" e a vivência de um "catolicismo adulto". A busca de um caráter mais prático e pastoral provocou até mesmo a pretensão de se eliminar a Filosofia dos estudos eclesiásticos, substituindo-a pelas ciências humanas, como Sociologia,

novamente às organizações dos seminaristas quando abordou sobre o ambiente de "ecumenismo", diálogo e união entre as congregações e ordens religiosas que compuseram o IFT, e os seminaristas de outras denominações eclesiásticas.

No Livro de Atas do DAXIX, a relação dos estudantes do IFT as USMAS foram discutidas na assembleia de 13 de junho de 1966 (cf. Livro de Atas do DAXIX, p. 14) como uma proposta do responsável do "Departamento Social" para manter um representante nesse e outros movimentos. A assembleia de 03 de setembro do mesmo ano teve entre as suas pautas e avisos que as USMAS haviam deixado de existir e caberia ao Diretório Acadêmico definir a sua relação com o "movimento seminarístico" (*Ibid.*, p. 23). Em 06 de dezembro, ainda em 1966, Francisco Ansiliero, que fora presidente do DAXIX, abordou a questão do vínculo do DA com a UNE e não com as USMAS (*Ibid.*, p. 43). A partir daí, não aparece mais a denominação USMAS, mas, na preparação para o XXXº Congresso da UNE em Ibiúna, interior de São Paulo, em assembleia no dia 16 de setembro de 1968, Frei Domingos Guimarães, dominicano e presidente do DAXIX, falou aos estudantes do IFT sobre a existência de vários DA's de Teologia e que se estava mobilizando para a criação de um Instituto Ecumênico de Teologia e sobre "a necessidade da criação de uma executiva de teologia 'ou coisa semelhante' para coordenar as atividades dos estudantes de Teologia" (*Ibid.*, p. 88).

Antropologia, Economia, História ou Psicologia, e à pretensão de se desintelectualizar a Teologia, tornando-a um instrumento pastoral mais compreensível aos leigos.

Em lugar dos grandes seminários, buscou-se construir pequenas comunidades em bairros periféricos.¹⁶³ O esforço de "humanizar" o sacerdócio impeliu muitos para as causas políticas, ao nacionalismo e à rejeição da romanização. "Quando o movimento estudantil irrompeu no mundo todo, o movimento dos seminaristas já havia adotado o humanismo do Vaticano II".¹⁶⁴

As tensões foram tais que muitos seminários foram fechados no Brasil. Isso contribuiu para o encerramento das atividades do IFT, uma vez que entrou em choque com o Cardeal Arcebispo D. Agnelo Rossi por sua orientação filosófico-teológica, sua leitura do concílio numa vertente progressista e envolvimento político de alguns estudantes.^{165,166}

O discurso nebuloso sobre a vocação sacerdotal após o concílio provocou muitos estudos, gerou inúmeros textos e pesquisas. A transição entre o mal-estar pré-conciliar e a confusão pós-conciliar, segundo K. Serbin, fora excessivamente rápida, levando à crise no clero. Padres mais velhos não entendiam as reformas e os jovens

¹⁶³ Nas entrevistas realizadas, o Sr. RL e o Padre LRB fazem referências a essa mudança para pequenas comunidades, morando numa casa comum. No caso do Sr. RL, a casa adquirida pela ordem agostiniana recoleta no bairro de Santo Amaro chegou a ser utilizada por um dos estudantes para reuniões de guerrilha e esconderijo de armamento. Cf. Entrevista com Sr. RL

Padre LRB disse na entrevista: "Eu estava nessa época numa chamada 'pequena comunidade' ... abandonar o 'seminário', que não quer dizer nada, segundo nós. Segundo nós, era necessário largar o seminário, essas comunidades grandes, e se engajar em um trabalho próprio, um sustento próprio. E em comunidade pequena começa a aparecer as brigas, divergências ... É duro viver com pouca gente. Muita também, mas com pouca é pior ainda porque a individualidade de cada um entra em conflito com a dos outros. Mas nessa época, eu já estava lá morando com todos da minha classe. Fundamos uma pequena comunidade". Cf. Entrevista com Padre LRB

Nos depoimentos dos dominicanos Frei Fernando e Frei Betto, por ocasião do "Caso Marighella", eles fazem referência a um apartamento adquirido pela ordem dominicana no centro de São Paulo, na Rua Rego Freitas, onde formaram uma dessas "pequenas comunidades". Cf. MF 30-Z-160, APESP, Pasta 29, p. 3182; Pasta 38, p. 4985.4958.4952

¹⁶⁴ SERBIN, Kenneth P. **Padres, celibato e conflito social: uma história da igreja católica no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

¹⁶⁵ Convém ressaltar que Eliseo Verón ao tratar da leitura, como uma operação dentro do processo complexo entre a produção, as condições aos efeitos, afirma que são sempre possíveis "leituras". Cf. VERÓN, Eliseo. **Dicionário das idéias não-feitas** (1979). In: VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. p. 49-75.

¹⁶⁶ VERÓN, Eliseo. A publicidade ou mistérios da recepção In: VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. cap. 10, p. 269.

impacientavam-se ante a demora na efetivação das reformas pretendidas. Ele aponta três causas alegadas para o êxodo de padres e seminaristas no final da década de 1960: o celibato obrigatório; a ausência de uma postura firme dos bispos contra o regime; e a decepção quanto às expectativas sobre o Concílio Vaticano II.

A modernização da Igreja não passou, para K. Serbin, de uma "tímida democratização", uma vez que "Trento não desapareceu"; os seminaristas dos anos de 1960-1970 constituíram-se como uma geração idealista. "Talvez esperavam revolucionar todas as facetas do sacerdócio em um piscar de olhos".¹⁶⁷ Aqueles jovens partilharam as aspirações dos demais jovens radicais de outras partes do mundo. Muitos buscaram uma identidade nacional autêntica entre as classes menos favorecidas, mas não estiveram isentos de um outro paradoxo: a veneração pelos pobres de um lado e a rejeição da religiosidade popular, por outro. Somente algumas décadas mais tarde se iria buscar um contrapeso nesse paradoxo.¹⁶⁸

O Concílio Vaticano II, conforme J. O. Beozzo, tentou superar a ruptura secular entre o Oriente e o Ocidente cristãos e promover a unidade da Igreja através de um diálogo com as demais igrejas cristãs.¹⁶⁹ A complexidade se evidenciava na própria semântica de "Igreja Católica", com sua variedade de ritos, e nas nomenclaturas das Igrejas. Igualmente, tentou superar a ruptura com o mundo moderno, iniciada com o Concílio de Trento, no século XVI. Para ele,¹⁷⁰ o Concílio Vaticano II "[...] quebrou a ingênua visão de um monolitismo de posições dentro da Igreja Católica", abriu um amplo debate pelo episcopado, uma revisão e aprofundamento das estruturas internas da Igreja e suas relações com as demais Igrejas, religiões não-cristãs e mesmo com não-crentes. Dentre as principais mudanças operadas pelo concílio, estariam:

1. A reforma das estruturas internas da Igreja; a remodelação da liturgia; a alteração do vínculo da Igreja Católica Ocidental com a língua latina (nos estudos e na liturgia); o deslocamento de eixo na missa do celebrante para a

¹⁶⁷ SERBIN, Kenneth P. **Padres, celibato e conflito social**: uma história da igreja católica no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

¹⁶⁸ *Ibid.*, p. 78-201.

¹⁶⁹ BEOZZO, José Oscar. **A igreja do Brasil no Concílio Vaticano II: 1959-1965**. São Paulo: Paulinas, 2005.

¹⁷⁰ *Ibid.*

assembleia dos fiéis e sua participação; deu igual relevância à mesa da Palavra e à mesa da Eucaristia;

2. A eclesiologia com acento no conceito de "Povo de Deus"; a igual dignidade de todos os batizados, agrupados em igrejas locais, nas quais o ministério hierárquico se estrutura como serviço aos batizados;
3. Na doutrina da colegialidade, a busca de um ponto de convergência e equilíbrio entre o primado petrino (primazia papal) e o reconhecimento do "colégio dos doze" e seus sucessores, os bispos, como autoridade corresponsável local, sobre o conjunto da Igreja;
4. Quanto ao ecumenismo, o acento na comunhão e busca de Unidade entre as Igrejas cristãs e o diálogo com as religiões não-cristãs, destacando a necessidade de cooperação e respeito mútuos;
5. A reformulação das relações da Igreja com o mundo.

Tanto durante quanto após o concílio, houve uma intensa produção teológica e o surgimento de muitas revistas e boletins, que mostravam a efervescência intelectual e religiosa do momento. Dentro do próprio episcopado, focos de resistência, teólogos tradicionais e parte da opinião pública contrastavam com as novidades propostas pelo concílio.

De toda forma, o Concílio abriu um período de incertezas, de redistribuição do poder interno, de surgimento de novos organismos e experiências eclesiais, de acolhida ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso e de reformulação da tradição anterior, com uma volta às fontes e à grande tradição dos primeiros séculos.¹⁷¹

E não só incertezas, mas também um período de atrito, disputas, desilusões na implementação das reformas, agravado pela insegurança jurídica. Por cerca de 20 anos a Igreja Católica viveu um "vazio jurídico", um intenso debate interno sobre as possibilidades de se eliminar o direito canônico tradicional, substituindo-o por uma "*Lex Fundamentalis*" da Igreja, com aplicação prática nas Igrejas Particulares, e os

¹⁷¹ BEOZZO, José Oscar. **A igreja do Brasil no Concílio Vaticano II: 1959-1965**. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 52-53.

defensores da elaboração de um novo "Código de Direito Canônico". Prevaleceu a segunda tendência, com a aprovação no novo código em 1983.

Como o concílio aconteceu num período de dramáticas mudanças políticas e sociais no país, segundo J. O. Beozzo, os encontros regulares dos bispos ao longo da década de 1960 favoreceram um fortalecimento institucional do "corpo" episcopal ante as mudanças em torno do golpe militar de 1964. Novos referenciais teóricos sobre o lugar e o papel da Igreja na sociedade geraram análises diferenciadas. O fortalecimento institucional e os novos referenciais teóricos permitiram a resistência de parte das lideranças episcopais ao regime militar, à defesa dos direitos humanos, à afirmação do "estado de Direito" e ao empenho pelo retorno da democracia. O que não aconteceu sem contradições, uma vez que recursos públicos eram utilizados no transporte de bispos para Roma e havia muitas subvenções governamentais para projetos sociais da Igreja e para as escolas católicas.

Setores eclesiais, que não dependiam financeiramente do governo, tiveram uma trajetória muito mais independente, enquanto, por exemplo, universidades que viviam e sobreviviam com verbas federais tendiam a contemporizar com o regime militar.¹⁷²

A implantação do Plano de Pastoral de Conjunto e das reformas conciliares provocou a elaboração de muitas pesquisas sobre a realidade brasileira e eclesial, a criação de muitos centros de formação pastoral, o aumento de pessoal liberado para as tarefas nos diversos níveis internos da Igreja (diocesano, regional e nacional) e uma imensa escassez de recursos financeiros. Recorria-se à ajuda do episcopado alemão, através de organismos como "*Adveniat*" e "*Miserior*", e de campanhas nacionais, realizadas nos mesmos moldes das alemãs, para sustentar financeiramente as novas estruturas eclesiais.

O princípio de uma "pastoral de conjunto" para uma ação mais eficaz na Igreja já se encontrava no "Plano de Emergência", de 1962. Além de promover uma renova-

¹⁷² BEOZZO, José Oscar. **A igreja do Brasil no Concílio Vaticano II: 1959-1965**. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 61.

ção nas áreas tradicionais da Igreja (paróquias, ministério sacerdotal e escolas católicas), enfatizava também questões de cunho econômico-social, inspirando-se nas "Frentes Agrárias", na sindicalização rural e no Movimento de Educação de Base (MEB), da Arquidiocese de Natal, sob a responsabilidade de D. Eugênio de Araújo Sales, e estabelecia uma relação da Igreja com a "Aliança para o Progresso", programa do governo dos EUA. O "Movimento para um Mundo Melhor" (MMM) apoiou o Plano de Emergência e ganhou muita força entre o episcopado brasileiro. Ao longo do concílio, implementou-se e revisou-se periodicamente o Plano de Emergência e o episcopado preocupou-se também em repensar o conjunto das decisões pastorais e da teologia à luz dos documentos conciliares.

Para J. O. Beozzo, durante o concílio, ocorreu a "episcopalização" da CNBB e uma progressiva "clericalização" da entidade, que nascera sob o apoio da Ação Católica Brasileira. Nesse período, os cargos de subsecretários e teólogos foram ocupados por sacerdotes e religiosos. A Ação Católica perdeu sua hegemonia na instituição. Com o golpe militar em 1964, a esquerda católica sofreu sucessivas derrotas também dentro da CNBB, cujo presidente, de 1964 a 1970, foi o cardeal arcebispo de São Paulo, D. Agnelo Rossi. Militantes da Ação Católica foram afastados, assim como D. Hélder Câmara e todo o seu grupo, na assembleia da CNBB de 1964. Certos bispos foram transferidos para dioceses menos relevantes: o Cardeal D. Carmelo de Vasconcellos Motta, até então presidente da CNBB e cardeal arcebispo de São Paulo, para a arquidiocese de Aparecida; D. Hélder Câmara, secretário da CNBB, arcebispo auxiliar do Rio de Janeiro, para São Luís do Maranhão, mas, com a súbita vacância da diocese de Olinda e Recife, o papa Paulo VI o transferiu para lá.

Na segunda metade da década de 1960, intensificaram-se os conflitos entre a Ação Católica e a hierarquia da Igreja Católica. Muitos militantes foram caçados pelos militares e abandonados pela hierarquia mais conservadora.

Na avaliação de J. O. Beozzo, o concílio no Brasil, diferentemente da Europa, não foi tanto um "ajuste de contas" com o passado, mas uma oportunidade de enfrentar os desafios do presente e reinventar a Igreja, de certa forma, com as comu-

nidades de base e as pastorais populares.¹⁷³ Assim, a sua ação pastoral e organização interna, pautaram-se mais para um olhar para o futuro, acentuando as expectativas de renovação com a tendência de abolir tradições consideradas obsoletas.

Com a criação da CNBB em 1952, as ordens e congregações e religiosas também se mobilizaram e criaram em 1954 a CRB.¹⁷⁴ De diferentes formas, ambas nascidas na década de 1950, colaboraram para o “aggiornamento” pastoral através de um trabalho mais organizado e colegial. Oferecer uma formação religiosa e sacerdotal mais adequada aos “tempos modernos” e potencializar os trabalhos com custos menores estava na mira, sobretudo da CRB, ao criar posteriormente o IFT.

Durante todo o período de existência do IFT, a Igreja Católica em São Paulo teve a sua frente como autoridade máxima local o arcebispo, depois cardeal, D. Agnelo Rossi. Padre Ney de Souza é um dos pesquisadores do catolicismo em São Paulo, inclusive nesse momento da realização do Concílio Vaticano II e sua imediata recepção.^{175,176,177} Ele traz em suas obras nesse recorte temporal alguns elementos da personalidade, da formação e da trajetória eclesial do cardeal arcebispo e da

¹⁷³ BEOZZO, José Oscar. **A igreja do Brasil no Concílio Vaticano II: 1959-1965**. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 351-362.

¹⁷⁴ “A Conferência dos Religiosos do Brasil foi fundada no dia 11 de fevereiro de 1954, por tempo indeterminado, no Rio de Janeiro/RJ, durante o Congresso Nacional dos Religiosos. A CRB Nacional é uma organização religiosa de pleno direito canônico, tendo seu estatuto aprovado pela Sagrada Congregação dos Religiosos, através do Decreto nº 01561/55”. Cf. <https://www.crbrs.org.br/quem-somos/>. Acesso em: maio 2022.

¹⁷⁵ Eliseo Verón prefere o termo “reconhecimento” à “recepção”; considerando também o conceito de “contrato de leitura” no processo entre as condições de produção, as leituras e o “reconhecimento”; é neste que se consolida o processo e seus efeitos, cujo elemento importante são mais as “preferências” que relações de “necessidade”. Daí a variedade das leituras, de tal forma que um ponto de chegada se torna um novo ponto de partida. A produção e o reconhecimento constituem os polos do sistema produtivo de sentido; a defasagem entre estes polos caracteriza a circulação. A terceira parte da obra utilizada é dedicada a um aprofundamento desse elemento no processo de enunciação do discurso. Cf. VERÓN, Eliseo. Apresentação. In: VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. p. 7-10; FAUSTO NETO, Antônio. Apresentação à edição brasileira. In: VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. p. 11-18; VERÓN, Eliseo. Dicionário das ideias não-feitas (1979). In: VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. p. 49-75; VERÓN, Eliseo. Enunciação: da produção ao reconhecimento. In: VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. p. 213-284.

¹⁷⁶ Em dois textos similares, o Padre Ney de Souza escreveu sobre o cardinalato de D. Agnelo e sua atuação nesse período de recepção do concílio e renovação das estruturas eclesiais em São Paulo. Cf. SOUZA, Ney de (org.). **Catolicismo em São Paulo: 450 anos de presença da Igreja Católica em São Paulo (1554-2004)**. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 491-519.

¹⁷⁷ SOUZA, Ney de. Cardeal Rossi e a recepção do Vaticano II em São Paulo. **ATeo**, Rio de Janeiro, v. 23, p. 730-749, set./dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.46368>. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/46368/46368.PDF>. Acesso em: maio 2021.

situação do clero em relação aos momentos de transformação cultural, tensões políticas e renovação pastoral na Igreja Católica em São Paulo. Tais elementos são importantes para compreender seus posicionamentos em relação ao IFT.

Agnelo Rossi,^{178,179} natural de Joaquim Egídio, região de Campinas, nasceu no dia 04 de maio de 1912; batizado em Sousas, no dia 13 de agosto, filho de imigrantes italianos. A família se mudou para Valinhos em 1922; ingressou no Seminário Diocesano Santa Maria, em Campinas em 1926. Estudou no Colégio Pio Brasileiro, em Roma a partir de 1933; ordenado padre em 1937. Seu doutorado foi sobre o protestantismo no Brasil; especializou-se ainda em “Ação Católica” na Argentina e em “Catequese” nos Estados Unidos.

O Padre Agnelo Rossi foi nomeado bispo de Barra do Piraí, no Rio de Janeiro, a partir de 1956. Nessa diocese, com forte presença de culto afro-brasileiros, organizou e estimulou a criação de grupos leigos para a catequese, um dos objetivos era uma frente de cruzada para combater outras denominações religiosas.¹⁸⁰ Posteriormente, o Concílio trataria das questões ecumênicas e inter-religiosas não mais sob a perspectiva de uma cruzada ou combate, mas do “diálogo”. Segundo o Padre Ney de Souza, “as atividades no interior do Rio de Janeiro serão de enorme relevância na sua trajetória futura, especialmente a atribuição de serviços ao laicato, a diversidade religiosa e os desafios para a ação pastoral numa área geográfica ampla de enorme população”.¹⁸¹

Como arcebispo de Ribeirão Preto a partir de setembro de 1962, manteve uma ativa participação em organismos eclesiais latino-americanos, como o Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) e outros também na América do Norte. Com uma postura considerada conservadora moderada, foi presidente da CNBB a partir de novembro de 1964 até 1968. Recebeu o cardinalato em janeiro de 1965.¹⁸² Durante o

¹⁷⁸ SOUZA, 2004, p. 491-493.

¹⁷⁹ SOUZA, 2019, p. 730-749.

¹⁸⁰ SOUZA, 2004, p. 492-493.

¹⁸¹ SOUZA, Ney de (org.). **Catolicismo em São Paulo: 450 anos de presença da Igreja Católica em São Paulo (1554-2004)**. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 493.

¹⁸² *Ibid.*, p. 493.

exercício do episcopado em Ribeirão Preto e depois em São Paulo, D. Agnelo participou de todas as sessões do Concílio Vaticano II.¹⁸³

A situação da arquidiocese de São Paulo na década de 1960 exigia uma grande organização institucional, pois era uma das maiores do mundo. Contando cerca de 8 milhões de habitantes, todo o território da arquidiocese, que abrangia também municípios vizinhos, encontrava-se num processo de crescimento urbano e populacional acelerado em cerca de 400 mil a cada ano. Cada paróquia tinha cerca de 30 mil habitantes. Em 1964, havia cerca de 250 paróquias; em 1970 eram 311. Ao longo do episcopado de D. Agnelo, cerca de 52 paróquias foram criadas. Em vista do crescimento da cidade, criou uma instituição, a associação denominada “Mater Ecclesiae” para auxílio financeiro às novas paróquias e implantou a Campanha da Fraternidade na arquidiocese.^{184,185}

O Concílio Vaticano II trazia em seus documentos solicitações de uma maior participação leiga na liturgia e na ação pastoral, sob uma perspectiva de Igreja como “Povo de Deus”. Segundo o Padre Ney de Souza, “apesar do conservadorismo do cardeal Rossi, foi possível implantar muitas das reformas do Concílio”.^{186,187}

A arquidiocese de São Paulo contava com cerca de 330 padres quando D. Agnelo a assumiu. No total do clero, havia muitos religiosos de diversas ordens, congregações, e ritos, como os melquitas e maronitas, além de cerca de 30 outros grupos de imigrantes com tradições religiosas próprias. Em meio a posições extremadas, o clero encontrava-se dividido. Na linha da esquerda progressista, o dominicano Frei Carlos Josaphat liderava aqueles que se reuniam em torno do jornal “Brasil Urgente”. O outro extremo, chamado de direita “integrista”, era liderado por Plínio Correia de Oliveira e seu movimento “Tradição, Família e Propriedade”, a TFP. Para D. Agnelo, o

¹⁸³ SOUZA, Ney de. Cardeal Rossi e a recepção do Vaticano II em São Paulo. *ATeo*, Rio de Janeiro, v. 23, p. 734, set./dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.46368>. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/46368/46368.PDF>. Acesso em: maio 2021.

¹⁸⁴ SOUZA, 2004, p. 493-503.

¹⁸⁵ SOUZA, 2019, p. 742.

¹⁸⁶ SOUZA, Ney de (org.). *Catolicismo em São Paulo: 450 anos de presença da Igreja Católica em São Paulo (1554-2004)*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 495.

¹⁸⁷ SOUZA, Ney de. Cardeal Rossi e a recepção do Vaticano II em São Paulo. *ATeo*, Rio de Janeiro, v. 23, p. 738-739, set./dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.46368>. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/46368/46368.PDF>. Acesso em: maio 2021.

clero progressista na arquidiocese teria em torno de 70 padres e contou com a “benevolência do seu antecessor”. Suas críticas às diversas tendências seguiam uma direção pastoral, embora não houvesse na arquidiocese nenhum plano próprio e não se seguia o Plano de Emergência da CNBB.¹⁸⁸

No esforço de renovar a arquidiocese segundo as orientações do Concílio Vaticano II, D. Agnelo promoveu a criação do Instituto Paulo VI como centro bíblico, litúrgico e de espiritualidade.^{189,190} No aspecto administrativo e pastoral, um dos grandes feitos do cardeal arcebispo D. Agnelo foi a divisão da arquidiocese em sete regiões episcopais, a saber, Centro, Norte, Sul, Leste, Oeste, esta subdividida em Lapa e Osasco, e Rural, cada uma com um bispo auxiliar e um vigário episcopal, a partir de 1966. A descentralização do governo episcopal gerou uma nova organização para o clero paulistano, com reuniões que visavam a formação permanente dos presbíteros e adequação do Concílio Vaticano II à realidade local. Apesar disso, no entanto, faltava um plano de pastoral oficial que coordenasse os trabalhos.^{191,192}

A nova catedral da Sé fora inaugurada em 1954, por ocasião do quarto centenário da cidade de São Paulo. D. Agnelo, no entanto, enfrentou ainda muitos problemas financeiros relacionados a sua construção. Uma outra medida do arcebispo consistiu em trazer de volta para São Paulo o Seminário Maior, que estava na ocasião, em Aparecida, transferindo os seminaristas novamente para o Seminário Central do Ipiranga. Além das crises institucionais no âmbito político e eclesiástico, o cardeal arcebispo de São Paulo, enquanto grão chanceler da Pontifícia Universidade Católica, esteve às voltas com crises internas nessa universidade e greve geral dos alunos. A reitoria, antes aos cuidados de um membro do clero, foi entregue a um leigo.¹⁹³

¹⁸⁸ SOUZA, 2004. p. 495-498.

¹⁸⁹ *Ibid.*, p. 495.

¹⁹⁰ SOUZA, 2019, p. 738-739.

¹⁹¹ SOUZA, 2004, p. 495-498, p. 507-509.

¹⁹² SOUZA, 2019, p. 739-740, p. 745.

¹⁹³ SOUZA, Ney de (org.). **Catolicismo em São Paulo: 450 anos de presença da Igreja Católica em São Paulo (1554-2004)**. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 499-500.

Num ambiente de Concílio Vaticano II em andamento, com propostas consideradas novidades, sobretudo quanto ao relacionamento “com a modernidade”, a maioria dos fiéis e do próprio clero em São Paulo apoiava o regime militar vigente; a minoria que contestava sofria as consequências de sua postura. O Cardeal Arcebispo D. Agnelo fez algumas críticas à Ação Católica. Para ele, este movimento supervalorizava as questões teóricas em contraste com reduzidos grupos, quase sempre de jovens mais preocupados com problemas sociais que com uma “ação apostólica”.¹⁹⁴ Diante da tendência demolidora das tradições e do estilo pastoral anterior ao concílio, D. Agnelo manifestou sua preocupação com os grupos outrora florescentes, como as Filhas de Maria, Apostolado da Oração, Cruzada Eucarística, Vicentinos e Congregação Mariana. Esses movimentos e associações manifestavam um estado de crise, fragilidade e desorganização pelo abandono de seus membros e falta de assistência religiosa. O arcebispo criticou também os grupos pastorais que assumiam postura diferente da adotada pela hierarquia eclesiástica “na sua aliança com o regime militar”.^{195,196}

Embora quisesse atualizar a arquidiocese à luz do Concílio Vaticano II, a sua leitura e entendimento dos textos conciliares, bem como as medidas tomadas para a renovação litúrgica em língua vernácula, a adequação pastoral a uma nova eclesiologia de “Povo de Deus” e seus posicionamentos políticos, encontrou resistência tanto dentro do clero paulistano como entre outros do regional da CNBB. Ele próprio teria manifestado isso em escritos particulares, segundo o Padre Ney de Souza.¹⁹⁷ As razões de tal resistência estariam na perspectiva e nas propostas de aplicação do concílio pelo cardeal arcebispo que não visariam uma mudança de estrutura institucional da Igreja e nem os trabalhos pastorais estariam numa linha de transformação social, mas de reforma.¹⁹⁸

¹⁹⁴ SOUZA, Ney de (org.). **Catolicismo em São Paulo**: 450 anos de presença da Igreja Católica em São Paulo (1554-2004). São Paulo: Paulinas, 2004. p. 500-501.

¹⁹⁵ *Ibid.*, p. 501.

¹⁹⁶ SOUZA, Ney de. Cardeal Rossi e a recepção do Vaticano II em São Paulo. **ATeo**, Rio de Janeiro, v. 23, p. 740, set./dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.46368>. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/46368/46368.PDF>. Acesso em: maio 2021.

¹⁹⁷ SOUZA, Ney de (org.). **Catolicismo em São Paulo**: 450 anos de presença da Igreja Católica em São Paulo (1554-2004). São Paulo: Paulinas, 2004. p. 496.

¹⁹⁸ SOUZA, Ney de. Cardeal Rossi e a recepção do Vaticano II em São Paulo. **ATeo**, Rio de Janeiro, v. 23, p. 745, set./dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.46368>. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/46368/46368.PDF>. Acesso em: maio 2021.

A proximidade de D. Agnelo com o governo de São Paulo, sob Adhemar de Barros, e com Castello Branco, na presidência da república, por um lado, contribuíram para o apoio político a sua nomeação como cardeal. Após 1968, no entanto, devido ao aumento da repressão do regime militar, e a conferência episcopal latino-americana em Medellín, Colômbia, o apoio da Igreja ao governo tornou-se mais reduzido e tenso. A postura conciliatória de D. Agnelo provocou desconforto e divergências internas, mesmo dentro da CNBB, cujo cargo de presidência ocupava. Esse teria sido um dos fatores que levaram à sua promoção a cargo em Roma e substituição do cardeal por D. Paulo Evaristo Arns em 1970.¹⁹⁹

As mudanças nas relações entre a Igreja Católica e o Estado e a “queda de braço” entre alguns setores da CNBB e representantes do regime militar foram discutidas e apresentadas numa outra obra de K. Serbin, na qual ele abordou as transformações ocorridas nas relações entre a instituição eclesiástica e as Forças Armadas, mormente o Exército. Sua pesquisa se deu a partir de documentos secretos que se tornaram públicos em meados da década de 1990. Nela discutiu elementos comuns, diferenças e incompatibilidades entre as duas instituições, em que momentos cooperaram entre si e os motivos que levaram ao conflito entre a “cruz” e a “espada” após 1964.²⁰⁰ Para ele, tanto a Igreja quanto o Exército foram instituições que buscaram influenciar no processo de implantação da República no país, ante as tensões entre a “tradição” e o desenvolvimento econômico, a urbanização rápida e maciça, as tentativas intermitentes de democracia e a lentidão nas reformas sociais. As duas instituições mantiveram um relacionamento dialético de colaboração e competição. Ambas procuraram se apresentar como representantes da ideologia²⁰¹ nacional brasileira, da

¹⁹⁹ SOUZA, 2004. p. 494-495; Cf. tmb. DEPOIMENTO de Frei Betto na Comissão Nacional da Verdade. 2013. Disponível em: https://cnv.grauna.org.br/images/pdf/depoimentos/vitimas_civis/Carlos_Alberto_Libanio_Christo_Frei_Betto.pdf. Acesso em: maio 2021. A perspectiva apresentada por Frei Betto sobre a saída de D. Agnelo da arquidiocese de São Paulo para Roma será discutida mais adiante.

²⁰⁰ SERBIN, Kenneth P. **Diálogos na sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 79.

²⁰¹ Segundo Eliseo Verón, as ideologias consistem nos princípios de inteligibilidade que servem aos atores sociais para compreender determinados processos sociais, seus comportamentos e os dos outros. As ideologias envolvem sistemas de ideias, filosofias do mundo e da vida, crenças e doutrinas de uma época, sociedade ou classe. Trata-se, assim, de um sistema de representações imagéticas, míticas, ideais ou conceituais. A função essencial das ideologias consiste em colocar em ordem a percepção dos atores sociais em relação a uma diversidade de coisas, dando-lhes um sentido. Os objetos das ideologias existem social e historicamente, relacionadas aos fatos sociais e históricos. Elas permitem reconhecer tais fatos e nomeá-los. A diversidade de objetos faz com se seja mais apropriado falar em “ideologias”. Relacionado à “ideologia”, Eliseo Verón também o conceito de “ideoló-

tradição religiosa, do patriotismo e da ordem social. A Igreja o fazia através da ideia do "Brasil cristão" e os Militares, através da ética positivista da "ordem e progresso". Igreja e Forças Armadas eram as únicas instituições espalhadas pelo território nacional, para cuja "integração nacional" colaboraram dando ênfase na hierarquia, obediência e disciplina. Em ambas predominavam o elemento masculino, porém, continham igualmente diferenças ideológicas: uma com a espiritualidade, pregava a paz; outra, mantinha-se em prontidão para a guerra; uma constituía-se como organização transnacional e a outra, uma instituição nacional. A formação nas academias e nos seminários traziam consigo visões contrastantes de sociedade.

Durante o período republicano, constantemente os militares efetuaram intervenções na política do país, com críticas duras à negligência do governo em relação ao Exército e à incompetência dos políticos civis. Cultivando um rígido respeito à autoridade, o Exército buscou manter a unidade nacional, redefinir seu propósito e seus mecanismos de controle social. Isto lhe permitiu um fortalecimento institucional e disciplinar. A partir dos anos de 1950, num contexto internacional de "guerra fria", os militares aderiram ao discurso da "segurança nacional".

A Igreja Católica, com uma fraqueza institucional crônica, após a relação tensa com a monarquia no final do Império e com o Exército no início da República, num processo de restauração interna sob a direção da Sé Romana, fortaleceu-se institucionalmente. Cultivando a ideologia de neocristandade, a partir da década de 1920, ambicionou o monopólio religioso e adquiriu maior peso político sob a liderança do Cardeal Leme e a "concordada moral" com o governo de Getúlio Vargas, que prosseguiu informalmente com os governos sucessivos até o início do regime militar.

Vários fatores haviam favorecido a aproximação da Igreja com o Exército: o declínio do positivismo, a colaboração da Igreja no recrutamento militar, a restauração

gico" não como uma "superestrutura", mas como dimensões de análise do funcionamento social enquanto produção significativa, ou seja, trata-se de uma relação entre o discurso e suas condições sociais de produção. Não se pode qualificar o ideológico necessariamente na ordem do falso, da alienação, uma vez que não se trata de um discurso como reprodução exata do real. O ideológico encontra-se na ordem metodológica e epistemológica do discurso, tendo um estatuto de gramática de produção do discurso. O nível dos conteúdos por si só não define o discurso ideológico. Cf. VERÓN, Eliseo. *Dicionário das idéias não-feitas* (1979). In: VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. p. 49-75.

das capelanias militares nos anos 1930, a adesão da Igreja ao discurso anticomunista, o envio de capelães junto com os expedicionários durante a Segunda Guerra Mundial.

A partir do final dos anos 1940, alguns bispos brasileiros pediram a reforma no sistema fundiário. Durante a década seguinte, um grande setor da Igreja Católica aderiu ao nacionalismo econômico e ao discurso de transformação social, questionando o modelo de "neocristandade". Com a criação da CNBB, a partir de 1952, o episcopado pôde coordenar melhor o catolicismo brasileiro e adquirir maior peso político interno e externo.

Nos anos 1950, apogeu do modelo de neocristandade e da política de "boa vizinhança" entre a Igreja, o Estado e o Exército, o que os mantinham unidos eram o discurso anticomunista, os projetos de desenvolvimento econômico e a colaboração mútua nas obras sociais e missionárias. No início dos anos de 1960, emergiu uma vigorosa esquerda católica, sobretudo dentro da Ação Católica Brasileira. As mudanças de orientação pastoral com o Concílio Vaticano II enfatizavam o diálogo entre as ideologias políticas, os direitos humanos e a busca de uma nova identidade católica, geradora de incertezas. Dentro da própria Igreja, as tendências se polarizaram entre os conservadores sociais e religiosos e os militantes que apoiavam as reformas sociais e religiosas.

A Igreja Católica e as Forças Armadas no Brasil, entre 1955 e 1974, realizaram uma "Revolução dupla", segundo K. Serbin. Ou seja, empreenderam um esforço de modernização e desenvolveram novas ideologias divergentes em resposta a novos desafios. Na década seguinte, as diferenças internas se polarizaram e ambas realizaram a "revolução dupla", não social, mas institucional, política e religiosa.

As Forças Armadas, com a deposição de João Goulart, pretenderam evitar a "comunização" do país. A Igreja Católica apoiou o golpe, pois, igualmente temia o comunismo. O uso da violência na radicalização do golpe, no entanto, polarizou não só as relações entre o regime militar e os grupos de resistência que partiram para a luta armada, mas também as relações entre a Igreja Católica e as Forças Armadas. A Igreja Católica, num processo de "revolução religiosa", enfatizou no seu discurso a

Justiça Social e incrementou a militância política e social nas novas gerações. Sob a "Doutrina da Segurança Nacional", militância cristã e Estado se chocaram.

K. Serbin apontou também para um outro fator: a competição por influência política entre a Escola Superior de Guerra, ESG, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, o Partido Comunista Brasileiro, PCB, e o Instituto Superior de Estudos Brasileiros, ISEB. Para ele, é preciso considerar também que dentro do Exército havia diversas tendências, mas predominaram os "linha-dura" a partir de 1968, com o Ato Institucional nº 5 (AI5), a política antiguerrilha das Forças Armadas e policiais e o uso da tortura.^{202,203,204,205}

Ante o golpe militar, em março de 1964, a CNBB fez um pronunciamento confuso e contraditório, agradecendo as Forças Armadas por "salvarem" o Brasil do comunismo, pedindo o fim dos ataques aos ativistas da Igreja e a proteção contra o "capitalismo liberal". Até o início de 1970, a quase totalidade dos bispos se mantiveram muito cautelosos em relação ao regime militar e silenciaram em relação à prisão e tortura de católicos "radicais". Alguns bispos colaboraram até mesmo na denúncia e detenção de "padres subversivos".

Referindo-se ao "Relatório Kissinger", elaborado no início dos anos 1970, a Igreja Católica foi apontada como a "única instituição politicamente viável que restara no Brasil", portadora de grande força moral e a única capaz de apoiar ou desafiar o governo. O relatório indicava ainda a existência de quatro grupos dentro da Igreja

²⁰² Daniel Aarão Reis e Marcelo Ridenti trataram da progressiva instauração do "Estado de exceção" à medida em que se publicavam os Atos Institucionais, prevalecendo a frente do regime os militares de "linha-dura". Ao mesmo tempo e inversamente, o regime militar perdia o apoio de significativa parcela de lideranças civis, empresariais, intelectuais, artísticas e religiosas, além de entidades como a Ordem dos Advogados do Brasil e a CNBB. Cf. REIS, Daniel Aarão. *Ditadura ou democracia: a busca de uma identidade (1964-1968)*. In: REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 61-63.

²⁰³ *Id.* Ditadura ou democracia: a busca de identidade. In: REIS, Daniel Aarão. **Ditadura Militar, esquerdas e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p. 33-44.

²⁰⁴ *Id.* A ditadura faz cinquenta anos: história e cultura política nacional-estatista. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). **A Ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 11-29.

²⁰⁵ RIDENTI, Marcelo. As oposições à ditadura: resistência e integração. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). **A Ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 30-47.

Católica: os reacionários, os conservadores moderados, os progressistas e os radicais.

Ao final da década de 1960, a repressão do regime militar agravou as tensões entre ultraconservadores e progressistas. Alguns bispos começaram a denunciar a tortura e a violência. Os setores de comando do Exército viam a Igreja como um ninho de subversão. Para eles, a Igreja havia abandonado suas funções religiosas e exagerado na intervenção de assuntos do Estado. Em 1967, soldados do Exército invadiram a casa de D. Waldyr Calheiros, em Volta Redonda, Rio de Janeiro. Tal fato provocou uma grande indignação no clero nacional e exacerbou as tensões entre os bispos e os generais. Durante o governo Médici (1969-1974), órgãos de segurança do Estado fizeram uma vigilância ostensiva sobre a Igreja. Entre 1968 e 1974, mais de 100 padres foram presos, sete mortos, vários torturados, alguns padres estrangeiros foram expulsos do país, muitos edifícios religiosos foram invadidos. Ameaças, indiciamentos, sequestros, infiltração de agentes do governo, censura, documentos falsificados e forjados para comprometer padres e religiosos tornaram-se frequentes. Cerca de 30 bispos foram vítimas da repressão. Vários padres enfrentaram processos por causa de críticas ao governo nos sermões, por alegadas participações em organizações subversivas, por colaborarem com fugitivos e por defenderem os direitos humanos. Os ataques verbais das autoridades do regime militar contra a Igreja tornaram-se frequentes. Os organismos de segurança do governo, como o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) e do Exército, como o Departamento de Operações de Informações e Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI) realizaram uma coleta de dados e elaboraram vários relatórios de bispos e padres. Dentre as estratégias do regime militar contra a Igreja progressista, algumas consistiam em gerar um descrédito dos padres radicais através da difamação; em conceder maior espaço para as religiões concorrentes (umbanda e movimentos pentecostais, por exemplo); e em denunciar as imoralidades sexuais do clero.

Alguns setores da Igreja Católica incrementaram suas críticas ao regime sobretudo após a prisão do Padre Nathanael de Moraes Campos, em Volta Redonda. A reação da Igreja, para K. Serbin, ocorreu através da promoção dos direitos humanos e da denúncia das atrocidades do regime; do estímulo às mudanças sociais e ideoló-

gicas que contestavam a estratégia de desenvolvimento dos militares; de um movimento pacífico, porém extremamente ativo, de resistência com esquemas próprios para evitar a repressão, como por exemplo: os padres e lideranças deveriam andar somente com a Bíblia. A estratégia de reação da Igreja implicou também a montagem de um serviço próprio de informações e o apoio a intelectuais, com o intuito de minar o regime militar. A atuação de intelectuais como Alceu Amoroso Lima, Paul Singer, Fernando Henrique Cardoso e Ruth Cardoso foram relevantes nesse intuito.^{206,207,208,209,210}

Segundo K. Serbin, a tensão entre a Igreja e as Forças Armadas ocorreu como uma consequência do esforço doloroso da Igreja em "modernizar-se". A visão unidimensional do conceito de "segurança nacional" nas Forças Armadas encarou as mudanças provocadas pelo Concílio Vaticano II e o novo engajamento de alguns setores do clero com as camadas populares da sociedade como ameaça à estrutura de classes e à proeminência social e política dos militares. Ainda para o brasilianista, a deterioração das relações entre a Igreja e as Forças Armadas ocorreu devido a diferentes formas de analisar questões relativas à Justiça Social e à subversão.^{211,212}

²⁰⁶ A atuação dos intelectuais como resistência ao regime militar é apresentada em vários artigos de Marcelo Ridenti, nos quais ele acentua sobretudo o desenvolvimento do "romantismo revolucionário", da difusão das utopias da esquerda marxista em suas diversas ramificações nas diversas áreas do ambiente intelectuais, acadêmico, artístico e midiático, e da afirmação por grupos radicais da ideia presente no slogan numa manifestação na Praça da Sé em São Paulo de que "Só a luta armada derruba a ditadura". Cf. RIDENTI, Marcelo. 1968: rebeliões e utopias. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (org.). **O século XX: o tempo das dúvidas. Do declínio das utopias às globalizações**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 3, p. 133-159.

²⁰⁷ *Id.* Cultura e comunistas no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 28, n. 80, p. 295-300, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142014000100025>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/3KRTT3tcqRK8SbbDjdzTYzz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2020.

²⁰⁸ *Id.* Intelectuais e romantismo revolucionário. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 13-19, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-88392001000200003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/b6LpHRFprYrBPDSfK9McCQ/>. Acesso em: 20 mar. 2020.

²⁰⁹ *Id.* Cultura e política: enterrar os anos 60? In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 25., 2001, Caxambu. **Anais [...]**. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/25-encontro-anual-da-anpocs/st-4/st06-3/4582-mridenti-cultura/file>. Acesso em: 20 mar. 2020.

²¹⁰ *Id.* Intelectuais e artistas brasileiros nos anos 1960/70: "entre a pena e o fuzil". **ArtCultura**, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 185-195, jan.-jun. 2007. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1457>. Acesso em: 20 mar. 2020.

²¹¹ SERBIN, Kenneth P. **Diálogos na sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 79-133.

²¹² MAINWARING, Scott. **Igreja católica e política no Brasil: 1916-1985**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

Nessa perspectiva da relação institucional entre a Igreja Católica e o regime militar, Paulo César Gomes,²¹³ historiador, mostrou como a atenção dos órgãos de segurança e serviços de inteligência se voltou sobretudo para os bispos das regiões norte e nordeste, mais sensíveis aos problemas sociais e às políticas econômicas nessas regiões. “Justiça social” havia se tornado um “leitmotiv” para a Igreja Católica. Mesmo bispos conservadores, como D. Vicente Scherer, de Porto Alegre, que não assumiam essa nova linha, criticaram as medidas de cerceamento à Igreja. No final da década de 1960, além de D. Waldyr Calheiros, bispos como D. Hélder Câmara, de Recife, D. Fernando Gomes dos Santos, de Goiânia e D. Antônio Fragoso, de Crateús passaram a ser vigiados pelos serviços de informação. O foco dado por Paulo César em sua obra está na alta hierarquia eclesiástica. Tal vigilância, no entanto, foi muito mais ampla e se efetivou também na prisão de padres, religiosos, religiosas e agentes de pastoral, além da intervenção direta em muitos conventos. Em 1967, essas medidas estavam como motivações para os protestos organizados pelos estudantes do IFT.

Na pesquisa nos arquivos do DEOPS, não foram encontrados documentos especificamente voltados ao IFT. Assim, de princípio, essa instituição eclesiástica não foi investigada como tal pelos órgãos de segurança do Estado. O nome do IFT aparece nas fichas dos estudantes presos por ocasião das manifestações de protesto ou distribuição de “material subversivo”, nos depoimentos dos estudantes presos na “Operação Ibiúna” e nos depoimentos de alguns dos envolvidos no “Caso Marighella”. Sempre citado como local onde estudavam, mesmo nos depoimentos posteriores de outros que constavam em dossiês relacionados ao PCB e à APML, não aparecem outras informações sobre a instituição. Nos dossiês se fazia um breve relato histórico da “organização” investigada; tal não apareceu em nenhum dos documentos investigados. Assim, por ora, é possível dizer que o DEOPS e o DOI-CODI não investigaram o IFT, mas alguns de seus componentes, estabelecendo uma “rede” de envolvimento com as “organizações” de resistência ao regime militar.

²¹³ GOMES, Paulo César. **Os bispos católicos e a Ditadura Militar Brasileira: a visão da espionagem**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

A década de 1960 condensou uma série de transformações de cunho ideológico, enquanto ferramentas intelectivas de entendimento da realidade, que em leituras diversas se expressaram também em anseios e movimentos de mudanças culturais e novos estilos de vida. Sob formas diversas, alguns desses movimentos de cunho político, passaram para uma radicalização revolucionária e partiram para luta armada, tendo os estudantes como um dos seus principais alvos e agentes.²¹⁴

Considerando os elementos que compõem o que Giovanni Levi chamou de “Herança Imaterial”, “a relação entre crer e decidir não vai numa única direção”.²¹⁵ As leituras dos documentos conciliares, num contexto polêmico de diversos movimentos culturais e políticos associados às crenças permitiram ao IFT e seus integrantes algumas possibilidades ambíguas de ação. As transformações históricas, crenças e ideologias, relações de poder e autoridade, as hierarquias e os valores sociais num processo de mudanças rápidas, com direções imprevisíveis e protagonistas ativos se fizeram visíveis na trajetória histórica do IFT. Alguns elementos dessa cultura imaterial em circulação e efervescência estão presentes no IFT e são importantes para compreendê-lo.

²¹⁴ RIDENTI, Marcelo. 1968: rebeliões e utopias. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (org.). **O século XX: o tempo das dúvidas. Do declínio das utopias às globalizações.** 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 3, p. 133-159.

²¹⁵ LEVI, Giovanni. Introdução. In: LEVI, Giovanni. **A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 49.

3. A revolução cultural e intelectual: ideias em circulação

No Livro de Atas do DAXIX estão registrados alguns debates calorosos dos estudantes durante as reuniões. Se comumente as atas não registram os tons emocionais entre debatedores, os secretários e a secretária do DAXIX não os abafaram. Entre os temas mais debatidos estão a filiação do centro acadêmico à UEE, a UNE e a sua participação nas atividades dos movimentos estudantis.²¹⁶ Associadas a estas discussões, emergiram outros temas como a reforma universitária,²¹⁷ a participação nos movimentos de resistência como revolução a partir de guerrilha ou da educação,²¹⁸ o engajamento político do estudante de Teologia nos movimentos operários ou de camponeses,²¹⁹ os problemas sociais e econômicos do Brasil sob o viés do desenvolvimentismo e o imperialismo norte-americano,²²⁰ o profetismo da Igreja de um lado versus a hierarquia eclesiástica e seu autoritarismo de outro.²²¹

A partir do livro de atas e do conteúdo das discussões dos estudantes, foi realizada uma busca de documentos que permitissem compreender melhor a trajetória histórica, a formação e organização institucional, o projeto pedagógico do IFT, sua matriz curricular, a relação dos professores e dos estudantes. Tal empreendimento constituiu-se num fracasso quase total. A pandemia da COVID-19 e as medidas restritivas impossibilitaram a pesquisa em determinados arquivos, como no dos dominicanos e dos carmelitas em Belo Horizonte, onde estariam os documentos da década de 1960, ou da CRB-Nacional do Rio de Janeiro. Outros arquivos contatados responderam negativamente ao acesso, alegando a ausência de documentos sobre o IFT, como os arquivos da Cúria Metropolitana, das Cônegas de Santo Agostinho e seu acervo do antigo Colégio Des Oiseaux, e da CRB-Sul 1, regional São Paulo.

²¹⁶ Livro de Atas do DAXIX, p. 21-25.27.43.48.54-57.62.66-70.73-78.85-88.

²¹⁷ *Ibid.*, p. 50-51.71.73-74.

²¹⁸ Livro de Atas do DAXIX, p. 54.73-74.

²¹⁹ *Ibid.*, p. 62-63.65.70-71.

²²⁰ *Ibid.*, p. 46-51.

²²¹ *Ibid.*, p. 24.27.29.54-58-59.63.

A Biblioteca Padre Lebret, no convento dos frades dominicanos no bairro de Perdizes, em São Paulo, guarda um imenso acervo da Escola Dominicana de Teologia. Como muitos professores do “Studium”²²² dominicano deram aulas no IFT, a busca foi realizada em 50 pastas, contendo 1479 documentos, em sua maioria das décadas de 1970 e 1980 sob a linha teológica da Teologia da Libertação. Destes, tendo como referência os temas de debate dos estudantes do IFT no DAXIX foram selecionados 36 dentre textos teológicos, documentos da Igreja, documentos diversos relacionados ao contexto político-cultural, trabalhos de alunos do instituto e uma apostila com timbre da instituição. Tais textos se constituíram como fontes que colaboram para compreender algumas ideias circulantes no ambiente teológico e religioso na década de 1960 e que ecoaram no IFT, como mostra o livro de atas e repercutiram na ação de alguns estudantes em seu engajamento no movimento estudantil e movimentos de resistência ao regime militar. A quase totalidade desses textos são da década de 1960 e alguns do início da década seguinte que reverberam ainda as ideias circulantes no período anterior.

Tendo como ferramenta a categoria de “circularidade cultural”, considerando a base teórica da micro-história e elementos de análise do discurso apresentados por Eliseo Verón, o foco na leitura e discussão das fontes encontradas esteve nos temas constantes, nas formas linguísticas binárias como outra constante, nas oposições estabelecidas entre as novas perspectivas conciliares e a “tradicional”, nas permanências e rupturas em relação ao âmbito interno da Igreja e entre a Igreja e o Estado. Embora não seja possível saber se a maioria das fontes foram de professores do IFT, nem se foram de fato utilizadas nessa instituição, elas abordam temas que se inter-relacionam e aparecem também em outros documentos pesquisados, como os relatórios e questionários levados ao Capítulo Provincial da Província de Santa Rita de Cássia, da Ordem dos Agostinianos Recoletos, em 1966.²²³

²²² Cf. Entrevista com Professor CARN. Durante a entrevista, o entrevistado se referiu à Escola Dominicana de Teologia como “Estúdio” ou na forma latina “Studium”.

²²³ PAULA, Sérgio Peres de. O IFT e os Agostinianos Recoletos, a partir dos documentos do Capítulo Província da Província de Santa Rita de Cássia – 1966. **Recollectio: Annuarium Historicum Augustinianum**, Madrid, n. 43, p. 73-88, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7688259.pdf>. Acesso em: maio 2021.

Esses textos do acervo dos frades dominicanos, utilizados como fonte neste e nos próximos capítulos, reverberam um conjunto de ideias semelhantes que circulavam nos ambientes de formação teológica eclesial como o IFT. Entre os ecos das discussões e debates daquele momento encontram-se as abordagens críticas em relação às universidades, comparando as instituições católicas com as públicas. Um certo senso de inferioridade emerge na abordagem das instituições católicas, universidades e seminários, em relação ao avanço técnico-científico, filosófico e pedagógico moderno. Tal sentimento de inferioridade aparece também em relação ao clero e o homem comum trabalhador, e entre os seminaristas e os estudantes universitários.²²⁴ A crítica à estrutura eclesial tridentina visava a busca de afirmação das novas perspectivas em relação à formação religiosa e sacerdotal.²²⁵ Alguns contrastes foram estabelecidos: a ineficácia das obras caritativas e sociais da Igreja; a religião popular “ignorante”, supersticiosa e “alienada” e um novo modelo de religião considerada moderna, consciente, engajada na realidade e construtora da história.²²⁶ Neles se encontram também a crítica em relação ao celibato sacerdotal;²²⁷ as perspectivas “utópicas”, no sentido de projetadas a um futuro que se acreditava próximo, de um novo modelo

²²⁴ Além dos textos, as discussões entre os estudantes do IFT transparecem esse sentimento de inferioridade do seminarista em relação aos universitários. A permanente discussão em torno da filiação à UNE se deu como forma de afirmação do estudante seminarista frente ao estudante universitário. Um estudante chamado Lino, presente na assembleia do DAXIX no dia 03 de agosto de 1967, quando discutiam as manifestações em frente ao DEOPS, disse: “amanhã haverá manifestação de todos os estudantes. A de hoje seria a ‘dos seminaristas’”. As aspas, constam no texto, destacam a intencionalidade em diferenciar “estudantes” e “seminaristas”. Cf. Livro de Atas do DAXIX, p. 57.

²²⁵ Além dos documentos do Capítulo Provincial da Província de Santa Rita de Cássia em 1966, alguns outros vão nessa linha como leitura e execução do “Aggiornamento” proposto pelo Concílio Vaticano II, como o RELATÓRIO preparado a pedido da Associação dos Religiosos da Holanda. Haia, abril de 1967. P22-9. Texto datilografado. (15 páginas); e uma pesquisa de campo entre o clero do Paraná: DEPOIMENTOS sobre a situação do clero. P14-10. Texto datilografado. (4 páginas).

²²⁶ Além dos textos que discutem a questão da expansão universitária e a revolução intelectual, nos trabalhos dos estudantes a religiosidade tridentina e popular entendidas como “supersticiosa” está muito presente, como no trabalho de ÁLVARES, Geraldo Rodrigues; AMARAL, Carlos Alberto. **Religião na “Realidade”**. São Paulo: Instituto de Formação Teológica, maio 1968. P1-5. (07 páginas). II ano de Propedêutica (“Realidade” refere-se à revista mensal da Editora Abril).

²²⁷ Dentre as fontes mais críticas do celibato sacerdotal estão dois textos do mesmo autor: ILLICH, Ivan. **O sacerdote desertor**. Tradução: Ana Maria Abreu de Oliveira. Cuernavaca: CIDOC INFORMA, 1967. P6-09. Texto datilografado. (10 páginas); *Id.* **O clero, uma ‘espécie’ que desaparece**. Traduzido da edição em espanhol do Doc 67/19 da CIDOC. P6-10. Texto datilografado. (11 páginas). Em 1967, Ivan Illich (1926-2002), era sacerdote jesuíta e diretor do Centro de Documentação Intercultural de Cuernavaca, México. Outra fonte nessa linha de crítica ao celibato sacerdotal é: KOOP, D. Pedro Paulo, Bispo de Lins. **Pela Salvação católica da América Latina**. P6-21. [1965?]. Texto datilografado. (4 páginas), marcado como “Confidencial” em manuscrito. Em entrevista, o Padre PHG citou esse bispo como autor de uma proposta ordenação de homens casados ao Concílio Vaticano II. Cf. Entrevista com Padre PHG, p. 8; ORAISON, Marc. O debate sobre o Celibato dos Padres. **Jornal “Le Monde”**, 18 a 24 de abril de 1968, tradução de Yves do Amaral Lesbaupin. P9-09. Texto datilografado. (9 páginas).

eclesial e os choques com as suas autoridades hierárquicas;²²⁸ as mudanças de posicionamento em relação ao regime militar indo da colaboração à resistência.²²⁹

Dentre as diversas formas de se pensar a História, François Hartog propõe dois conceitos inter-relacionados na construção do discurso histórico: “Logoi” e “Erga”, a Palavra, o discurso, a narrativa dotada de sentido, e a força motora, as ações, as façanhas, as gestas. O seu objeto é a Antiguidade clássica greco-romana e a relevância da retórica nesse período. No mundo antigo, o papel político desse discurso se vinculava aos oradores profissionais. “Se o poder deles reside em seu ‘logos’, sua palavra tende a ser também seu ‘ergon’” (p. 41).²³⁰ Entre a Palavra e a Ação, existe o contexto que dá sentido tanto à produção dos textos, as operações do processo entre a recepção, as diversas leituras e seus efeitos. Eliseo Verón²³¹ realçou, nesse processo, a inexistência de uma relação de necessidade ou de causa e efeito, mas de escolhas, hábitos e comportamentos dos envolvidos no processo midiático.

Os textos selecionados, com gêneros diferentes, vão de relatórios, pesquisa de campo, cartas abertas, a textos teológicos acadêmicos. Cada gênero tem sua forma própria de análise.²³² Eles adquirem sentido mais completo no contexto histórico em que foram utilizados, a década de 1960 em sua maioria. Se não os textos, os conteúdos circulavam em um ambiente de formação de novos religiosos e sacerdotes, numa Igreja cuja estrutura administrativa, discurso teológico e ação pastoral sofriam duras críticas e passavam por um processo de revisão ampla. Isso, por sua vez, suscitava

²²⁸ Cf. VON GALLI, Mário. Crise de Autoridade na Igreja, tradução e condensação de um artigo publicado em **“Orientierung”**, n. 1, 1968, baseado numa pesquisa de Bruno Schueller. P14-5. Texto datilografado. (3 páginas); o abaixo-assinado de vários padres aos bispos do Brasil, CARTA de Belo Horizonte, agosto de 1967. **Jornal Última Hora**, São Paulo, 24 out. 1967, 1o Caderno, p. 8(?). P13-3. Texto datilografado. (9 páginas); o **Manifesto Abril de 1968**, texto datilografado, incompleto, dirigido ao Cardeal Arcebispo de São Paulo D. Agnelo Rossi, de 26 de abril de 1968, P22-7, 02 páginas.

²²⁹ **De um grupo de cristão ao Povo pelo assassinato do Padre Antônio Henrique Pereira Neto de Recife** São Paulo, 01 de junho de 1969, assinado como “Um grupo de cristãos”, texto datilografado, P48-1, 02 páginas; **Carta de D. Geraldo Penido, arcebispo de Juiz de Fora, sobre a morte do Padre João Bosco Penido Burnier**, texto datilografado, sem data, P48 – 1, 02 páginas. Refere-se ao assassinato do Padre João Bosco Penido Burnier, SJ, no dia 12 de outubro de 1976. Embora posterior e fora do recorte temporal da tese, a carta de D. Geraldo reflete a postura de um bispo conservador e que se tornou crítico do regime militar, sem afrontas diretas.

²³⁰ HARTOG, François. Oradores e historiadores. In: HARTOG, François. **Evidência da história**: o que os historiadores veem. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 37-44.

²³¹ VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. (A obra utilizada aqui é a coletânea de artigos produzidos num recorte temporal de em torno de 15 anos pelo autor).

²³² BARROS, José D’Assunção. **Fontes históricas**: introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 93-94, p. 104-105.

naquela geração expectativas, incertezas e inseguranças. Existem discursos e práticas religiosas relacionadas a um modelo já existente de Igreja em contraste com novos discursos, novas possibilidades com práticas incipientes e com desdobramentos incertos, que se acreditava, no entanto, mais adequados ao “mundo moderno”. Como mediadores, analistas e construtores desses discursos e, de certa forma, orientadores das novas práticas estavam os “teólogos”, professores de Teologia com participação dos seus estudantes, que não eram meros receptáculos passivos.²³³ O professor de Teologia é um elaborador de um “Logos”, com um “ergon” contido na relação com seus alunos. Tais textos, enquanto “discursos”, apresentam-se como desafios ao historiador. Não são textos narrativos e aqui estão como fontes para construção de um discurso histórico, com sua tensa relação entre a exigência de verdade e a “falsidade inevitável dos discursos”.²³⁴ Aí, igualmente o historiador precisa ter clareza entre aquilo que lhe é próprio no seu ofício e a narrativa a ser construída.

A fronteira entre o historiador e o orador, entre a eloquência e a história, corre o risco de se emaranhar ou desaparecer: o historiador julga-se, então, orador ou faz o papel de político que ele não é ou deixou de ser.²³⁵

Carlo Ginzburg, que trabalha com micro-história e conceitos como “circularidade cultural”, mostra como nos documentos podemos encontrar uma relação entre testemunhos, narrativos ou não narrativos, e a realidade testemunhada que deve ser repetidamente analisada.²³⁶ As formas de representação da realidade podem ser analisadas sob diversas perspectivas, como conflitos de desafios, empréstimos recíprocos e hibridismos.²³⁷ Os textos, enquanto documentos e fontes históricas, mesmo sem referências a dados concretos de seu tempo, podem ser analisados como instrumentos para compreensão de quem os escreveu e do momento da escrita.²³⁸ Neles, mesmo nos textos fictícios, segundo C. Ginzburg, é possível detectar testemunhos históricos involuntários sobre usos e costumes como fragmentos de verdade. “Todo

²³³ HARTOG, *op. cit.*, p. 40-43.

²³⁴ *Id.*, p. 42; sobre a questão da veracidade, Cf. BARROS, José D’Assunção. **Fontes históricas**: introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 84-87.

²³⁵ *Id.*, p. 42.

²³⁶ GINZBURG, Carlo. Introdução. In: GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Cia das Letras, 2007. p. 7-16.

²³⁷ *Ibid.*, p. 9.

²³⁸ *Ibid.*, p. 10.

texto inclui elementos incontrollados”.²³⁹ Estes elementos involuntários e incontrollados se constituem como “rastros” que permitem ao historiador seguir e, qual um fio, construir uma narrativa histórica.

Giovanni Levi, que também trabalha com a micro-história, em sua obra “A Herança imaterial”, abordou as profundas mudanças ocorridas na sociedade camponesa italiana do século XVII, sob o impacto de inovações técnicas, transformações nos comportamentos religiosos, nas estruturas familiares, nas regras familiares, no mundo político, nas estratégias econômicas e comportamentos demográficos. Tudo isso revelava um mundo dinâmico, com releituras e novas práticas entre o antigo e o novo, e uma heterogeneidade de resultados no processo de transformação social. Nesse conflito de crenças, práticas políticas, sociais e econômicas, entre o antigo recebido e as novidades emergentes, aquela comunidade camponesa teria adquirido uma nova racionalidade e subjetividade. O autor, através da prosopografia, reconstituiu algo do ambiente social e cultural da aldeia de Santena, no Piemonte, e do modo de pensar o poder e a transmissão do prestígio paterno, qual uma herança imaterial.²⁴⁰ A década de 1960, mormente sua segunda metade, constituiu-se como um período de efervescência turbulenta e de profundas mudanças tanto no modo de pensar e repensar as crenças e as ideologias, como as formas de ação pastoral, eclesial e político-sociais. As relações entre os novos comportamentos e as antigas “tradições”, o passado recebido e as expectativas de um futuro diferente, assumiram frequentemente tons conflitivos e ambivalentes. Entre o discurso e a ação, como afirma G. Levi, em consonância com E. Verón, a relação entre crer e decidir não vai numa única direção. As ambiguidades na relação entre as crenças e as formas como os agentes históricos lidaram com elas, abriram as possibilidades de ação, em direções imprevisíveis,²⁴¹ às vezes, trágicas.

Na diversidade de gêneros textuais, mesmo nos textos anônimos, é possível detectar os testemunhos históricos, dados da mentalidade e crenças de quem os escreveu, e elementos para a construção da narrativa histórica daquele recorte temporal.

²³⁹ *Ibid.*, p. 11; sobre fontes voluntárias e involuntárias, Cf. BARROS, José D’Assunção. **Fontes históricas**: introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 42-49.

²⁴⁰ LEVI, Giovanni. Introdução. In: LEVI, Giovanni. **A herança imaterial**: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 43-49.

²⁴¹ *Ibid.*, p. 49

Nos artigos, relatórios e cartas públicas, constam as referências implícitas, às vezes citadas, a outros autores, obras, publicações em jornais e revistas. Assim foram com as filosofias hegeliana e marxista, como pano de fundo de muitos dos textos selecionados;²⁴² ou o discurso do Presidente Kennedy sobre a Aliança para o Progresso, que repercutiu no modo de conceber o processo revolucionário como uma evolução do capitalismo ao socialismo na América Latina sob o viés do imperialismo norte-americano.

O distanciamento temporal de pouco mais de meio século é suficiente para uma atitude de “estranhamento” entre o momento atual do historiador que constrói a narrativa histórica e as circunstâncias históricas do momento em que os textos pesquisados foram escritos. Esse estranhamento, segundo Aguirre Rojas, é até mesmo necessário para perceber o outro momento histórico e compreender suas especificidades.²⁴³ Na relação com o objeto da pesquisa, suas fontes e seus agentes históricos, Carlo Ginzburg diz sobre Menocchio, centro de sua pesquisa:

Graças a uma farta documentação, temos condições de saber quais eram suas leituras e discussões, pensamentos e sentimentos: temores, esperanças, ironias, raivas, desesperos. De vez em quando as fontes, tão diretas, o trazem muito perto de nós: é um homem como nós, é um de nós. Mas é também um homem diferente de nós. A reconstrução dessa diferença tornou-se necessária, a fim de podermos reconstruir a fisionomia, parcialmente obscurecida, de sua cultura e contexto social no qual ela se moldou.²⁴⁴

As fontes, mesmo que não produzidas por membros do IFT, permitem um rastreamento da cultura escrita, tais como outros livros relacionados com elas ou mesmo o modo como o autor dos textos leu esses outros textos. Igualmente, elementos da cultura oral podem ser percebidos nos textos. Assim, Carlo Ginzburg trabalha com a

²⁴² Tais são os textos sobretudo da Ação Popular, AP. O conhecimento prévio de textos do Padre Lima Vaz pelo historiador em outras ocasiões levou a perceber a semelhança de estilo e conteúdo, sem saber até então que esse jesuíta fora um dos “mentores” da AP.

²⁴³ AGUIRRE ROJAS, Carlos Antônio. **Antimanual do mau historiador**. Londrina: EDUEL, 2007. p. 23.

²⁴⁴ GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Cia das Letras, 2006. p. 9.

categoria da “Circularidade cultural”, as influências recíprocas entre os diversos estamentos e classes sociais, seja de baixo para cima como de cima para baixo.²⁴⁵ A fonte não é objetiva, mas traz sempre “filtros e intermediários deformadores”,²⁴⁶ que precisam ser detectados e analisados pelo historiador.

Os textos selecionados como fontes foram produzidos originalmente dentro do recorte temporal da década de 1960, com algumas margens, em locais geograficamente distintos,²⁴⁷ utilizados em um mesmo contexto acadêmico, não necessariamente numa mesma instituição. Eliseo Verón aprofundou categorias que possibilitam ampliar a compreensão dos textos desde sua produção, leitura, recepção e meios de transmissão. Uma categoria bem determinada, a saber, professores e estudantes de Teologia, os utilizaram e por eles ou pelas ideias em circulação orientaram determinadas ações de engajamento político e social.²⁴⁸ Eles permitem o rastreamento de algumas dessas ideias que circulavam, de elementos formadores das ideologias, enquanto formas de inteligibilidade de processos sociais e de comportamentos,²⁴⁹ em seus autores, do modo como eles viam o passado, a tradição eclesiástica, o processo formativo dos religiosos e sacerdotes, a vida institucional e a prática pastoral da Igreja, a religiosidade popular, as questões econômicas, sociais e políticas, as formas como constataavam os problemas, as suas possíveis respostas e as expectativas ante o futuro.

O ambiente eclesial, social e político do IFT e seu recorte temporal é complexo. As fontes selecionadas trazem à luz alguns elementos culturais e ideias em circulação

²⁴⁵ GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Cia das Letras, 2006. p. 10-15.

²⁴⁶ *Ibid.*, p. 16.

²⁴⁷ Dentre os locais de produção de alguns desses textos estão um centro de documentação em Cuernavaca, México, dirigido pelo então Padre Ivan Illich, textos de teólogos chilenos que recorreram a outros textos da Conferência Episcopal Chilena, de teólogos dominicanos, influenciados, segundo Frei Betto, pela linha francesa da Ordem dos Pregadores, com uma visão social impregnada do humanismo de pensadores como Jacques Maritain e Emmanuel Mounier e uma aproximação com o marxismo. (Cf. MF 30-Z-160, Pasta 38, p. 4963; Depoimento de Frei Betto na Comissão Nacional da Verdade, 2013, Cf. http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/pdf/depoimentos/vitimas_civis/Carlos_Alberto_Libanio_Christo_Frei_Betto.pdf)

²⁴⁸ VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. O autor tratou nessa coletânea de diversos artigos sobre os processos da produção, circulação e recepção dos textos midiáticos, as formas de leitura e os hábitos de consumo do leitor; abordou também os conceitos envolvidos no processo, entre os quais os de produção e reconhecimento, de “circulação”, de “discurso” e seu “poder” de “efeito”. Dentre os efeitos, Eliseo Verón realça a não-necessidade causal entre o texto produzido e a ação que o leitor pode derivar dessa leitura.

²⁴⁹ *Ibid.*, p. 54.

nesse ambiente e naquele momento. Alguns textos foram datilografados, quais “originais”, que podem ser produção própria do professor que o utilizou, uma vez que nem todos citam a autoria, ou copiado de alguma outra fonte, nem sempre identificada. Outros são textos mimeografados, portanto, visando a reprodução e a difusão pelos instrumentos multiplicadores disponíveis na época, o mimeógrafo a álcool ou à tinta.

Dois textos anônimos e datilografados são anteriores ao Concílio Vaticano II ou do ano de 1962. Eles discutem o avanço das instituições acadêmicas católicas, comparando-as com as universidades estatais, e a questão do comunismo no Brasil sob uma nova ótica: a da revolução intelectual e adesão aos movimentos sociais pela Igreja como forma de conter o avanço revolucionário armado e ateu. Os tipos e as falhas mecânicas são idênticos e pressupõem uma mesma máquina já bastante utilizada. Assim, tanto pelo aspecto da apresentação datilográfica como pela semelhança no modo de elaborar as ideias, o autor possivelmente seja o mesmo. Ambos se encontravam juntos, em sequência, na mesma pasta, identificados como se fossem um texto único: P41-14 (pasta 41, documento 14). Não é possível saber se o autor é o próprio datilógrafo ou se esse copiou os textos de outra fonte, o que era prática comum entre professores e intelectuais. Textos impressos em livros, jornais e revistas frequentemente eram copiados para uso particular.

Diversos elementos sugerem que o autor possa ser o Padre Lebrete ou algum dos seus confrades intelectualmente próximos:²⁵⁰ o viés econômico e social desde a perspectiva do desenvolvimentismo; as críticas à obra social da Igreja a superar o paternalismo e se configurar como adesão e compromisso com o ser humano que sofre por meio dos movimentos sindicais e sociais; à forma meramente intelectual da Doutrina Social da Igreja, sem os meios de transformação efetiva da realidade; à religiosidade popular como ignorância e prisão nas estruturas sociais tradicionais e opressoras em oposição a uma religião esclarecida, socialmente engajada, e à formação intelectual cristã nas universidades e nos seminários desvinculadas das classes populares e a serviço das elites. Tais abordagens e críticas estão presentes na maioria

²⁵⁰ VIGUIRISTI, Fernando de la Iglesia. **Cinquenta anos da morte do Padre Louis Lebrete, Profeta da Doutrina Social da Igreja**. 22 de agosto de 2016. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/185-noticias-2016/559155-cinquenta-anos-da-morte-do-padre-louis-lebrete-profeta-da-doutrina-social-da-igreja-artigo-de-fernando-de-la-iglesia-viguiristi>. Acesso em: 19 jan. 2023.

das fontes selecionadas. Se sua origem foi o Padre Lebret, elas já encontravam, nesse momento, bastante receptividade e reverberavam não só entre os frades dominicanos como entre alguns setores da formação teológica e do clero tanto em São Paulo como no Brasil. O pano de fundo na tecedura desses textos é a filosofia marxista.

O primeiro deles, intitulado “A Revolução Intelectual e a Igreja na América Latina”, discutiu a situação intelectual das universidades católicas em expansão no Brasil, embora o título se referisse à Igreja na América Latina.²⁵¹ O autor citou o nome de Alceu Amoroso Lima aos 68 anos²⁵² de idade, como um dos componentes da intelectualidade católica brasileira que já não respondia mais às novas demandas da conjuntura política, econômica e social do país. Uma vez que esse intelectual católico nasceu em 1893,²⁵³ o texto pode ser de 1961 ou, mais provavelmente, de 1962. A palavra “Revolução” estava em evidência sobretudo por causa do sucesso da “Revolução Cubana”. O autor se propôs discutir, no entanto, “A Revolução Intelectual e a Igreja na América Latina”, a expansão do marxismo entre os jovens e a urgência de criação de um centro intelectual propriamente católico, que considerasse os avanços das ciências humanas, sociais e econômicas.

A partir da definição de “revolução intelectual”, o autor contrapôs a “cultura tradicional” com as expectativas da juventude por uma ideologia e uma cultura diferente dessa, mostrando que o ambiente acadêmico católico não as atendia, uma vez que tendia ao conservadorismo e tradicionalismo. O autor, muito vagamente, a definiu assim: “Revolução intelectual significa a passagem de um tipo de cultura. A revolução intelectual, na América Latina, significa que as novas gerações tentam repudiar a cultura tradicional”.²⁵⁴

Essa abordagem ficará mais explícita nos textos da Ação Popular e de seu “modus operandi” como “Ação Cultural”.

²⁵¹ A REVOLUÇÃO Intelectual e a Igreja na América Latina. P41-14. Texto datilografado.

²⁵² *Ibid.*, p. 16.

²⁵³ Cf. LIMA, Alceu Amoroso. **Biografia**. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/alceu-amoroso-lima-pseud-tristao-de-ataide/biografia>. Acesso em: maio 2021.

²⁵⁴ A REVOLUÇÃO Intelectual e a Igreja na América Latina. P41-14, p. 1. Texto datilografado.

O outro texto, provavelmente do mesmo autor, abordou a questão do comunismo no Brasil.²⁵⁵ Por um lado, o autor se alinhou ao discurso anticomunista presente na Igreja Católica, uma vez que uma de suas preocupações manifestas era quanto a um possível avanço do comunismo na América Latina. Por outro lado, ao tecer críticas à Doutrina Social da Igreja e apontar para a necessidade de a Igreja Católica atuar junto aos movimentos sociais para que ela não ficasse apenas como uma doutrina ineficaz e inútil, defendeu um “socialismo cristão”. Para o autor, a classe média seria marcada por uma ambiguidade, ou seja, as classes populares fariam a revolução, mas determinados setores da classe média, sobretudo os “pseudointelectuais” e os funcionários públicos, implantariam o comunismo, quando chegassem ao poder. Por isso, ele defendeu a formação de uma “inteligência” católica que se contrapusesse ao comunismo, imposto pela força das armas, a partir de um pensamento social cristão ativo nos movimentos sociais.

Esse texto sobre o comunismo no Brasil talvez seja de 1962. A revolução cubana estava como um pano de fundo das preocupações do autor sobre o comunismo e seu avanço no Brasil. Ela seria já fato consolidado e o comunismo na ilha estaria em fase de implantação. A aproximação de Cuba com a União Soviética se efetivou a partir de 1961, após a fracassada tentativa de invasão da baía dos Porcos pelos EUA;²⁵⁶ e resultou, em 1962, na chamada crise dos mísseis, um dos momentos tensos da Guerra Fria. Em 26 de março de 1962, as Organizações Revolucionárias Integradas, chefiadas por Fidel Castro, tornaram-se o Partido Unido da Revolução Socialista de Cuba, que, por sua vez, tornou-se o Partido Comunista de Cuba em 03 de outubro de 1965. Como afirma Eric Hobsbawm:

Nenhuma revolução poderia ter sido mais bem projetada para atrair a esquerda do hemisfério ocidental e dos países desenvolvidos, no fim de uma década de conservadorismo global; ou para dar à estratégia da guerrilha melhor publicidade. A revolução cubana era tudo: romance, heroísmo nas montanhas, ex-líderes estudantis com a desprendida generosidade de sua juventude -

²⁵⁵ O PROBLEMA do comunismo no Brasil. P41-14. Texto datilografado.

²⁵⁶ HOBBSAWM, Eric. Terceiro mundo e revolução. In: HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX - 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 427.

os mais velhos mal tinham passado dos trinta -, um povo exultante, num paraíso turístico tropical pulsando com os ritmos da rumba. E o que era mais: podia ser saudada por toda a esquerda revolucionária.²⁵⁷

Há uma lógica temática e sequencial entre esses textos. A situação obsoleta da vida intelectual, acadêmica e religiosa se constituiriam o palco para a expansão comunista sob as formas históricas, ou seja, pela revolução armada, violenta e ateia, atrativa à juventude em busca de uma ideologia. Ideologias enquanto discussões meramente intelectuais seriam ineficazes. Por isso, haveria a necessidade de adesão a movimentos históricos, sociais e políticos com ações que efetivamente transformassem a realidade e “fazer a história”.²⁵⁸

A linguagem binária disjuntiva e contrastante é constante em praticamente todos os textos selecionados. Nesses dois, a bipolaridade inicialmente se estabeleceu na abordagem da cultura tradicional considerada alienada e estagnada, caracterizada pela existência de duas classes: uma maioria dos servos miseráveis, incultos, grosseiros, sem aspirações nem esperanças, de um lado, e a minoria dos senhores, ociosos e inúteis. Essa cultura se apresentava como um ornamento de uma classe ociosa, como importação estrangeira, mantenedora de uma estrutura feudal, com discussão de ideias vindas da Europa, sem relação com a situação do país, como mera curiosidade, voltada para o vazio; enfim, um passatempo de ociosos e parasitas. Dessa forma, a vida intelectual nada mais seria senão um jogo sem consequências, uma cultura inautêntica, sincretista, amparada pelo argumento de autoridade, que lhe davam o traço de superioridade. O caráter livresco, expositivo, sem finalidades específicas e a corrida por diploma a qualquer preço seriam marcas do ensino universitário. A multiplicação de instituições educativas no país ocorrera sem pessoal preparado nem instrumentos adequados, ou seja, por professores improvisados e manuais enciclopédicos que nem os professores compreendiam. Tal situação teria resultado na incompetência, irresponsabilidade profissional generalizada e no mal-estar nas novas gerações, despertando nelas um desejo de revolução.²⁵⁹

²⁵⁷ HOBBSAWM, Eric. Terceiro mundo e revolução. In: HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX - 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 427.

²⁵⁸ O PROBLEMA do comunismo no Brasil. P41-14, p. 6. Texto datilografado.

²⁵⁹ A REVOLUÇÃO Intelectual e a Igreja na América Latina. P41-14, p. 1-3. Texto datilografado.

Daniel Aarão Reis discutiu a constituição de uma cultura política “nacional-estatista”, o “trabalhismo brasileiro”, associado a outras forças de esquerda (progressistas, socialistas e comunistas) que estaria se formando nesse período e fora interrompido pela ditadura militar subsequente. Esse “nacional-estatismo” envolvia programas políticos autonomistas em torno da estruturação de um Estado Nacional, ou seja, a identidade única sob um Estado para articular a ‘vontade nacional’ rumo a um processo autônomo de modernização.²⁶⁰

O autor dos textos se referiu a uma urgente necessidade de desenvolver o “nacionalismo”, cuja compreensão ele não definiu, e fazer crescer as exigências de uma nova cultura. “Qual será a nova cultura? É grande a incerteza. Sabe-se o que não se quer. Não se sabe muito bem o que se quer”.²⁶¹

Ainda antes do Concílio, já se cogitava a construção de uma nova cultura sob o signo da incerteza. Uma fala semelhante apareceu na entrevista com o Padre PHG: “Essa ideia de liberação, de modernização ou de mudança ... a gente não sabia mudar. Sabia que devia mudar; mas como deveria ser, ninguém sabia”.²⁶²

Possivelmente essa forma de pensar se constituía uma espécie de jargão da época, ainda presente na Igreja após o Concílio Vaticano II, ante as incertezas do que fazer para superar as estruturas eclesiais tridentinas consideradas anacrônicas, defasadas em relação ao mundo moderno, e as novidades a serem introduzidas e construídas na Igreja.

Da dialética estabelecida entre os polos da cultura tradicional, emergia, sobretudo na juventude, um anseio por uma cultura “eficaz, útil e encarnada”;²⁶³ por uma universidade que servisse ao desenvolvimento do país e à formação de uma nação moderna; e por uma cultura que superasse o imediatismo nos livros de sociologia, política, psicologia e psicanálise que abundavam no mercado. Incrementando esse

²⁶⁰ REIS, Daniel Aarão. A gênese da ditadura (1961-1964). In: REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 17-19.

²⁶¹ A REVOLUÇÃO Intelectual e a Igreja na América Latina. P41-14, p. 3. Texto datilografado.

²⁶² Cf. Entrevista com Padre PHG.

²⁶³ Adjetivos de matiz hegeliana e marxista tais como “encarnada” ou “alienada” aparecem com frequência também nas fontes selecionadas, e serão de uso abundante nas décadas posteriores com a Teologia da Libertação.

anseio, o marxismo arrogava-se como a ideologia estimuladora de uma ação eficaz, a que melhor se adaptaria àquelas circunstâncias, a que proporcionaria o desenvolvimento necessário, mesmo que à maneira de um remédio amargo. Assim, urgia encontrar ou inventar uma ideologia adaptada ao povo brasileiro, sem “recorrer aos terríveis remédios do terror comunista”, que o colocasse entre as nações ocidentais²⁶⁴. A Ação Popular, AP, orientada por alguns dominicanos, constituiu-se posteriormente como um movimento defensor de um processo revolucionário adaptado à realidade brasileira e efetivado através de uma ação cultural popular.^{265,266} Uma das discussões dentro da esquerda consistia nessa questão entre um marxismo tal como se afirmava no leste europeu, Ásia e Cuba ou um marxismo adaptado à “realidade brasileira”.²⁶⁷

Com esse pano de fundo de busca de uma “revolução cultural”,²⁶⁸ a crítica do autor à Igreja Católica se direcionou à fundação de muitas universidades e faculdades confessionais, sob a subvenção pública.²⁶⁹ Tal fato implicava em escolhas de estruturas e a orientação de seu apostolado em convivência com as políticas públicas e estatais e com as elites sociais. A expansão das universidades e faculdades católicas, para o autor, teria ocorrido como uma multiplicação desmedida, com professores pouco competentes e improvisados. Tais instituições implicavam um desperdício financeiro e eram marcadas pela ausência de um nível propriamente universitário, com poucos estudantes. Os mesmos professores trabalhavam em várias instituições, com larga perda de tempo com locomoção e sobrecarga de horas-aula, que impossibilitavam o

²⁶⁴ A REVOLUÇÃO *op. cit.*, p. 4.

²⁶⁵ AÇÃO Popular. P12-2. Apostila mimeografada.

²⁶⁶ AÇÃO Cultural. P12-1. Apostila mimeografada.

²⁶⁷ Sobre a “revolução brasileira, Cf. RIDENTI, Marcelo. As oposições à ditadura: resistência e integração. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). **A Ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014; sob a perspectiva do “Nacional-estatismo” e a “utopia do impasse” dos grupos revolucionários radicais, cf. REIS, Daniel Aarão. A gênese da ditadura (1961-1964). In: REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. cap. 2, p. 17-46. *Id.* Ditadura ou democracia: a busca de uma identidade (1964-1968). In: REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. cap. 3, p. 47-73; *Id.* Os anos de ouro e de chumbo: a retomada do nacional estatismo (1968-1974). In: REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. cap. 4, p. 74-92.

²⁶⁸ Os documentos intitulados “Ação Popular” e “Ação Cultural” tem como um dos seus objetivos tal “revolução cultural”; entre as discussões ideológicas estava a questão de quem seria os protagonistas dessa revolução, se a “classe média” ou “a classe popular”, tendendo a prevalecer os defensores dessa última. Cf. AÇÃO Popular. Apostila mimeografada. P12-2. (Não datada). p. 1.19-20, e AÇÃO Cultural. Apostila mimeografada. P12-1. (Não datada). p. 4-5.

²⁶⁹ Cf. Entrevista com Sr. RL, quando sutilmente traz à tona esse favorecimento estatal a uma universidade católica;

trabalho intelectual. As aulas seriam mera recitação e exposição de manuais; as bibliotecas e instrumentos de trabalho, precários. Os professores competentes facilmente eram absorvidos pelas universidades do Estado. Assim, a multiplicação se tornava proporcional ao baixo nível e as universidades católicas padeciam de todos os defeitos da cultura tradicional: formalismo, verbalismo e ineficiência, mantenedoras das estruturas e mentalidade atrasadas, sem a garantia de uma formação cristã.²⁷⁰ Os sacerdotes disponíveis se encontravam sobrecarregados com várias disciplinas e, sem tempo para estudos profundos sérios, repetiam a doutrina impessoal dos manuais de Teologia e Filosofia. Mesmo nesse contexto, as classes dirigentes e intelectuais manifestavam desprezo ao clero que, por sua vez, pouco produzia intelectual e literariamente. Constatava-se ainda um relaxamento dos estudos filosóficos e teológicos nas instituições de formação religiosa e sacerdotal.²⁷¹

A contraposição se estabeleceu também entre as universidades estatais e as católicas, que estariam em desvantagem em relação àquelas, pois elas possuíam recursos mais elevados, estariam mais bem equipadas, aparelhadas e aptas para construir a nova cultura ocidental, seriam o meio do confronto entre as ideologias e o fundamento do nacionalismo. Os professores e os alunos das universidades estatais seriam muito mais dinâmicos para a revolução intelectual, uma vez que atraíam os alunos das classes menos abastadas. E estes seriam os agentes da revolução cultural. O Estado mantinha também as faculdades científicas e de ciências aplicadas, altamente eficazes. As universidades católicas, por sua vez, caracterizavam-se por um corpo docente conservador e tradicionalista; a necessidade de contribuição dos alunos a tornava seletiva e acessível apenas às classes abastadas, que pouco se interessavam pelas transformações sociais ou culturais; suas faculdades eram mais literárias e menos eficazes.²⁷²

²⁷⁰ No ano de 1967, houve alguns diálogos entre o DCE da PUC e o DAXIX para discutir a situação do movimento estudantil e das linhas “políticas” daquele, vistas com desconfiança por alguns estudantes do IFT. No início de 1968, os estudantes discutiam em assembleia do DAXIX, uma possível integração entre o IFT e a PUC de São Paulo. A fala do estudante agostiniano recoleto Jarbas expressava o temor do risco de um “enquadramento” do IFT pela PUC. As desconfianças se assemelham às apresentadas pelo autor do texto. Cf. Livro de Atas do DAXIX, p. 47-48.49.65.

²⁷¹ A REVOLUÇÃO Intelectual e a Igreja na América Latina. Texto datilografado. P41-14, p. 5-8.

²⁷² *Id.*, p. 9-11.

Dentre as pautas de discussão no movimento estudantil e no DAXIX do IFT, sobretudo em 1967 e 1968, estava a questão da reforma universitária, os acordos MEC-USAID, a defesa da universidade pública gratuita, a expansão do ensino universitário e sua “mercantilização” pelo setor privado.²⁷³ Calorosas discussões marcaram as assembleias do DAXIX.

As armas e as ferramentas intelectuais da revolução cultural com seus protagonistas originados dos meios populares teriam um efeito avassalador e irresistível nos países da América Latina.²⁷⁴ Por isso, para o autor,urgia a formação de um centro de estudo e pesquisas católicas para sustentar um apostolado no meio intelectual, mesmo entre as faculdades de Teologia. A formação de intelectuais católicos competentes e capazes de confrontar com os grandes temas filosóficos, doutrinas econômicas, tradições e cultura nacionais, seria vital para um apostolado nos meios intelectuais e estudantis. Os centros do tomismo no Brasil, tais como o Centro D. Vital e a Faculdade de Filosofia São Bento, formaram alguns grandes intelectuais. Esses, porém, encontravam-se com idade avançada, sem, no entanto, fazer escola nem produzir pensadores originais. O ensino nessas instituições era monótono, caracterizado pelo imobilismo intelectual, social, político e econômico, e dirigido a um clero estritamente apologético. Enfim, tratava-se de movimento católico estagnado e sem vitalidade. A Faculdade de Teologia de São Paulo²⁷⁵ tinha, na ocasião, pouco mais de 10 anos. Nada havia produzido desde sua criação, nem teses, nem publicações; a biblioteca encontrava-se atrasada e inútil, com alunos que saíam aptos para dar cursos, mas não para pensar um cristianismo adaptado a seu tempo e país. Os congressos

²⁷³ GALETTO, Paulo César. A Expansão e mercantilização do Ensino Superior no Brasil. In: GALETTO, Paulo César. **Mercantilização do Ensino Superior Privado**: um estudo de caso sobre o adoecimento laboral de Coordenadores de Curso. São Paulo: Editora Dialética, 2022. p. 28-29; cf. também Livro de Atas do DAXIX, p. 50-51, onde os estudantes discutiam no primeiro semestre de 1967 os acordos MEC-USAID e protestavam contra “o imperialismo técnico” desumanizador. A Lei nº 5.540 de 28/11/1968, segundo P.C. Galetto, posteriormente favoreceu a mercantilização do ensino superior no Brasil.

²⁷⁴ A REVOLUÇÃO Intelectual e a Igreja na América Latina. P41-14, p. 12. Texto datilografado. a Ação Popular visava não só o meio estudantil, mas as classes populares para que fossem os agentes da revolução cultural.

²⁷⁵ Segundo o J.PUC-SP, Jornal da PUC-SP: “A Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção foi criada como instituição eclesiástica em 20 de setembro de 1949 por decreto da, então, Congregação dos Seminários e Universidades, hoje conhecida como Congregação para a Educação Católica e foi instalada em 7 de março de 1950”, cf. FACULDADE de Teologia completa 70 anos: evento comemorativo teve início em 10/09. **Jornal da PUC-SP**, 11 set. 2019. Disponível em: <https://j.pucsp.br/noticia/faculdade-de-teologia-celebra-70-anos>. Acesso em: out. 2022.

de Teologia apresentavam temas completamente extemporâneos²⁷⁶ e não havia um teólogo sequer no Brasil com autoridade e voz. Apesar da existência de 12 escolas de Teologia em São Paulo, todas seriam pobres em professores, mantinham pouquíssimos alunos, e eram instituições infrutíferas e ineficientes. Por isso, urgia formar um centro de pensamento católico.²⁷⁷

A linguagem binária e polarizada do autor reduziu a complexidade cultural brasileira, generalizada para a toda América Latina, e explicitou um dos seus objetivos: a formação de uma intelectualidade católica à altura de um diálogo com outros setores da sociedade, como o mundo acadêmico, juvenil, científico e político. O intuito desse diálogo seria dar respostas cristãs consistentes às questões filosóficas, sociais, políticas e econômicas do mundo moderno ocidental. Sua perspectiva política e econômica estava na formação de um “nacionalismo”, não esclarecido no texto, que colocasse o Brasil à altura dos grandes países ocidentais através de um processo de modernização cultural que superasse o atraso do que ele chamou de cultura tradicional. A prática de confisco de empresas estrangeiras nos países comunistas consistia num “pseudo-nacionalismo”.²⁷⁸

Segundo Daniel Aarão Reis, o projeto nacional-estatista, de caráter socialista e popular, que estava se consolidando na América Latina e em outros continentes teria sofrido um novo alento com a revolução cubana. Os rumos tomados pelo regime de Fidel Castro em direção ao comunismo soviético, no entanto, suscitaram medos e impactaram nas reações contrárias, tais como as ditaduras militares em todo continente a partir da década de 1960.²⁷⁹ Com a revolução cubana vitoriosa e uma forte repercussão junto à juventude, sobretudo universitária, o autor dos textos anônimos se propôs “esclarecer”²⁸⁰ alguns pontos sobre o comunismo. Sobre este, estabeleceu-

²⁷⁶ Ao mesmo tempo em que se critica o imediatismo utilitarista do ensino, a crítica no âmbito teológico é direcionada aos temas que seriam considerados fora de contexto e sem relevância para aquele momento histórico.

²⁷⁷ A REVOLUÇÃO Intelectual e a Igreja na América Latina. Texto datilografado. P41-14, p. 13-17.

²⁷⁸ O PROBLEMA do comunismo no Brasil. Texto datilografado. P41-14, p. 25.

²⁷⁹ REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**, Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 2014, 17-46; *Id.* **Ditadura Militar, esquerdas e sociedade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2005, p. 11-33; e *Id.* A ditadura faz cinquenta anos: história e cultura política nacional-estatista. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). **A Ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 14-21.

²⁸⁰ Termos afins ao verbo “esclarecer” são utilizados pelo autor sempre em oposição ao “tradicional” e sinônimo de “moderno”, atual, científico. Assim ocorre com a “religião popular” em oposição à “religião esclarecida”. Michel de Certeau tratou dessa transformação na religião nos séculos XVII-XVIII. Tal movimento é possível perceber

se também a oposição entre as “formas históricas” do comunismo, tal como havia se estabelecido no bloco soviético, na China e na ilha de Cuba, a serem evitadas, e uma nova perspectiva “socialista”, com elementos comuns ao cristianismo através de uma nova leitura da Doutrina Social da Igreja.²⁸¹ A proposta foi apresentar medidas a serem tomadas pela Igreja no sentido de se contrapor ao avanço do marxismo revolucionário armado, com a tomada de poder pela classe média. Por isso, tal como Marx havia preconizado, a revolução nunca ocorreria.²⁸² As obras de caridade da Igreja e dos católicos, assim como os programas assistencialistas dos países desenvolvidos não aliviarão a miséria dos pobres, pois não passariam de um paternalismo interesseiro e ineficaz, que só aumentava o perigo.²⁸³ A variante leninista²⁸⁴ havia dado um novo

também nas oposições estabelecidas na década de 1960 entre o “tradicional”, “tridentino”, “ignorante”, “atrasado”, e o “moderno”, “esclarecido”; entre o “antes do Concílio do Vaticano II” e o “depois do Concílio do Vaticano II”. Cf. DE CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**, p. 172-194. Os esclarecimentos propostos pelo autor visam também o clero, desinformado sobre as questões ideológicas, sociais e econômicas. Desinformação ou desinteresse por parte do clero deixavam a juventude à mercê das ideologias marxistas em avanço. (cf. O PROBLEMA do comunismo no Brasil. Texto datilografado. P41-14, p. 20-22).

²⁸¹ O PROBLEMA do comunismo no Brasil. Texto datilografado, P41-14, p. 5-7.

²⁸² Com relação às críticas ao marxismo soviético e emergência de marxismos alternativos, chamados de “Nova esquerda”, Marcelo Ridenti tratou dessa questão, sobretudo em suas análises dos movimentos político-culturais em 1968 em diversas partes do mundo. Cf. RIDENTI, Marcelo. **1968: rebeliões e utopias**, p.156-157 [1968 no Brasil] in REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (org.). **O século XX: O tempo das dúvidas**. Do declínio das utopias às globalizações. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 3; RIDENTI, Marcelo. **Intelectuais e romantismo revolucionário. São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 13-19, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-88392001000200003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/b6LpHRFpmYrBPDSfK9McCQ/>. Acesso em: 20 mar. 2020; RIDENTI, Marcelo. **Cultura e comunistas no Brasil. Estudos Avançados**, São Paulo, v. 28, n. 80, p. 295-300, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142014000100025>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/3KRTT3tcqRK8SbbDjdzTYzz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2020.

²⁸³ Possivelmente o autor estaria se referindo à “Aliança para o Progresso”: “Programa de assistência ao desenvolvimento socioeconômico da América Latina formalizado quando os Estados Unidos e 22 outras nações do hemisfério, entre elas o Brasil, assinaram a Carta de Punta del Este em agosto de 1961. De acordo com o documento, os países latino-americanos deveriam traçar planos de desenvolvimento e garantir a maior parte dos custos dos programas, cabendo aos EUA o restante. A administração dos fundos norte-americanos competia em sua maior parte à United States Agency for International Development (USAID — Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional)”. Cf. <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/alianca-para-o-progresso-1>. Acesso em: maio de 2021. Esta é uma das pautas de discussão entre os estudantes do IFT quando trataram das questões referentes à reforma universitária e o convênio MEC-USAID. Cf. Livro de Atas do DAXIX, p. 46.50-51. No final da década de 1960 e início da seguinte, um outro texto, “Triangle Operation”, tratou dessa mesma questão de “programas” estrangeiros como medidas de contenção do avanço do comunismo.

²⁸⁴ A partir de 1971 a AP, Ação Popular, passou a se chamar APML, Ação Popular Marxista Leninista, devido a prevalência dessa vertente dentro do movimento, abandonando a perspectiva hegeliana, focada na liberdade. Frei Betto fez uma referência a uma discussão com o Padre Henrique Cláudio Lima Vaz, jesuíta, um dos assessores da AP, com relação a esta questão, numa polarização entre a resolução da “fome” e a “liberdade”. No início da década de 1970, Padre Lima Vaz deixou a AP. Cf. Depoimento de Frei Betto na Comissão Nacional da Verdade, 2013, cf. DEPOIMENTO de Frei Betto na Comissão Nacional da Verdade. 2013. Disponível em: https://cnv.grauna.org.br/images/pdf/depoimentos/vitimas_civis/Carlos_Alberto_Libano_Christo_Frei_Betto.pdf. Acesso em: maio 2021. p. 3, linhas 89-99 e p. 27, 983-985.

direcionamento ao marxismo, configurando nele uma forma internacional, afirmando a exploração através do colonialismo e imperialismo. A revolta dos colonizados contra as potências imperialistas se constituiria o fator de implantação do comunismo. Nessa linha, o Brasil passou a ser interpretado como colônia explorada pelos grandes grupos capitalistas. Por isso, a revolução comunista no Brasil e na América Latina seria inevitável. Segundo o modelo estabelecido, tratar-se-ia de um Estado plenipotenciário, com um exército de funcionários públicos incompetentes e parasitas, monopolizando os recursos da nação, e a ascensão de semi-intelectuais da classe média, defensores da ditadura e sem apreço nenhum à liberdade.²⁸⁵

A crítica estabelecida em relação à Doutrina Social da Igreja a colocou numa perspectiva de futuro da história, que não dependeria do resultado de uma lista de doutrinas, na qual uma supostamente melhor triunfasse. A eficácia na batalha histórica residiria nas “ideias encarnadas por movimentos humanos poderosos”.²⁸⁶ Estabelecendo a oposição binária entre as ideologias²⁸⁷ meramente intelectuais e ineficazes e as ideologias “encarnadas” num movimento histórico, social e político, a Doutrina Social da Igreja, enquadrada na primeira forma, estaria fadada ao fracasso de uma espécie de “encantamento mágico”.²⁸⁸ Ela seria mesmo um obstáculo a um autêntico processo revolucionário, uma vez que mantinha um sentimento religioso inerte, não reivindicatório dos seus direitos e de um “amor ativo”, uma vez que a própria Igreja Católica mantinha fortes laços com as classes média e alta tradicionais, sendo lenta

²⁸⁵ O PROBLEMA do comunismo no Brasil. Texto datilografado, P41-14, p.1-4.

²⁸⁶ *Id.*, p. 6; a AP teve como seus fundamentos filosóficos o hegelianismo e o marxismo. As abordagens do autor aproximam ao proposto pela AP. No livro de atas, sobretudo a partir do segundo semestre de 1966, aparece com frequência a palavra “engajamento” e o “verbo engajar”, relacionado com essa proposta de adesão a movimentos político-sociais em vista de ações transformadoras

²⁸⁷ Eliseo Verón compreende por “ideologia” os elementos heterogêneos dos fenômenos de significação, dos quais os atores sociais se servem para compreender os processos sociais, os seus comportamentos e os dos outros. Tal compreensão é mais descritiva que teórica, embora envolva sistemas de ideias, filosofias do mundo e da vida, crenças e doutrinas de uma época, de uma sociedade ou classe. Assim, a ideologia consiste num sistema de representações (imagens, mitos, ideias ou conceitos) que permitem aos atores sociais a percepção da diversidade das coisas quanto ao sentido delas, ao seu reconhecimento, nomeando-as. A diversidade de objetos torna mais apropriado falar em “ideologias”. Quando uma ideologia assume um estatuto de “gramática” de produção de discurso, ela não se define no nível dos conteúdos, mas também do seu poder. Cf. VERÓN, Eliseo. *Dicionário das idéias não-feitas* (1979). In: VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. p. 49-75.

²⁸⁸ *Id.*, p. 18. Estabeleceu-se no texto a oposição binária entre “religião popular” como “encantamento”, alienação, “ópio”, e “religião esclarecida”, a religião que considera as ciências, a economia, a política e a adesão aos movimentos sociais que transformam a realidade e fazem a história.

em elevar a voz a favor dos “oprimidos”. Assim, a Igreja Católica era um empecilho no processo de modernização do país.²⁸⁹

Oposições foram estabelecidas também na compreensão de “revolução”, distinta de “revolta popular”, cega, anárquica e útil a um partido político quando esse se estabelece no poder.²⁹⁰ A revolução comunista teria como ponto de partida a revolta popular, guiada por setores da classe média com uma ideologia que não convenceu a maioria e se impôs pela força coercitiva. Sob a perspectiva da luta de classes, a situação miserável dos camponeses e operários consistia já numa condição para a revolta popular no Brasil; faltaria neles, no entanto, a tomada de consciência dessa situação como injustiça ante o abandono que viviam pelas classes ricas e dirigentes. A propaganda subversiva e revolucionária existente no país incitava a revolta, ensinava técnicas de guerrilha e a repressão a ela seria criadora de mártires em meio a um povo que se confiava a um “salvador”.²⁹¹ A autêntica revolução geradora de melhoria das condições de vida das classes populares não se realizaria por meio de “presentes dos patrões ou do Estado”,²⁹² mas deveria se efetivar sempre por iniciativa organizada e com a participação dos próprios interessados.

²⁸⁹ *Id.*, 16-18. Sob essa perspectiva os estudantes no DAXIX discutiram sobre o envolvimento político da Igreja e seu “profetismo”, sobretudo no segundo semestre de 1967. Cf. Livro de Atas do DAXIX, p. 54-64. Um aluno do IFT fez um trabalho em torno de vários artigos da revista “Realidade”; dentre os artigos estava um que abordava a religiosidade popular em Aparecida do Norte; as apreciações do aluno seguem nessa mesma linha. Cf. ÁLVARES, Geraldo Rodrigues; AMARAL, Carlos Alberto. **Religião na “Realidade”**. São Paulo: Instituto de Formação Teológica, maio 1968. P1-5. (07 páginas). II ano de Propedêutica. A categoria “povo oprimido” se tornou frequente após o ano de 1968 nos escritos pertencentes aos professores e nos trabalhos dos alunos, possivelmente já uma influência de Paulo Freire, escrito entre 1964 e 1968, quando ele já estava exilado no Chile. Embora proibido no Brasil, escritos publicados no Chile tinham grande circulação no meio teológico do IFT. O termo “amor” aparece também sob diversas expressões nas fontes pesquisadas, desde a forma adjetivada como “amor ativo” neste texto como de outras formas: “Força do Amor”, como princípio revolucionário propriamente cristão, como no texto de GOSS-MAYR, Jean; GOSS-MAYR, Hildegard. **El cristianismo latino-americano frente su decision**. Viena: [s. n.], setembro de 1962. P14-7. Texto datilografado. (13 páginas). p. 10-13; como justificativa do uso da violência sob a expressão “forma paradoxal do amor” (cf. STATUS QUO e Revolução. P22-22. Texto datilografado. (Não datado, 5 páginas). p. 1-2, e, já para os fins da década de 1960, como “amor livre”, tema de trabalho de um dos alunos do IFT para a disciplina de Moral, administrada pelo Padre Hugo Assman, em GIRARDI, Waldir; MARIGA, Sabino. **Amor Livre**. P5-6. Texto datilografado. (Não datado, 26 páginas).

²⁹⁰ *Id.*, p. 7.22-26; ver os setores parasitários das classes média, intelectual e do funcionalismo público como agentes do comunismo histórico constitui uma das perspectivas do autor; as discussões entre a “guerra popular” e “guerra armada”, o protagonismo e o papel dos agentes das diversas formas de guerra, tais como o povo, setores intelectuais da classe média e um partido político direcionador tomaram formas variadas na segunda metade da década de 1960, e algumas aparecem nas falas dos estudantes nas reuniões do DAXIX, não sob o termo “guerra”, mas como “luta”. Este termo aparece nas atas da última assembleia em 1966, e em praticamente todas até setembro de 1968, associado ao que era preconizado pelos movimentos estudantis, mormente, a UNE. Cf. Livro de Atas do DAXIX, p. 54-88.

²⁹¹ *Id.*, p. 6-8.

²⁹² *Id.*, p. 10.

Um verdadeiro movimento operário é um movimento nascido entre os operários e da vontade de melhorar a condição operária. Ele se forma na luta.²⁹³

Medidas sociais, como a alfabetização, e meios de comunicação populares “do tipo ‘Última Hora’”²⁹⁴ não seriam sinônimos de aquisição de consciência. Esta seria adquirida por reivindicações das classes populares, sem a mediação de demagogos ou sindicatos vinculados a governo, mas por associações autônomas e diretas entre os interessados até chegar a um comum acordo. A luta entre interesses seria parte de uma sociedade livre, democrática e o contrário do comunismo.²⁹⁵

A Igreja Católica esteve na mira crítica do autor por não haver encorajado a formação dos movimentos operários e camponeses nem incentivado os católicos a participar neles. Mesmo a Ação Católica não passaria de um simples instrumento nas mãos do clero,²⁹⁶ visando muitas vezes e principalmente fins eleitorais e políticos. Nem Igreja Católica, nem Ação Católica, nem operários ou camponeses seriam os revolucionários na América Latina. Considerando o ocorrido em Cuba, os revolucionários seriam os “semi-intelectuais”, os funcionários público ou estudantes originários das classes médias ou alta. Daí a tendência de repetir o modelo “histórico” do comunismo soviético e chinês, útil aos que não tem o “gosto da liberdade”.²⁹⁷

Tendo o desenvolvimento da revolução cubana rumo ao comunismo como um pano de fundo, o autor apresentou várias questões em pauta na sua época e que estiveram depois presentes nas reuniões do centro acadêmico do IFT, sobretudo em

²⁹³ *Id.*, p. 11. Sob o prisma da “luta” como reivindicação, não como lutas de classes, mas como instrumento de conscientização, a assembleia de 07 de agosto de 1968, sob a presidência de Frei Tito Alencar, foi calorosa e segue sentidos parecidos com o texto em questão. Cf. Livro de Atas do DAXIX, p. 70-75.

²⁹⁴ O Jornal “Última Hora” criticado foi o meio de imprensa escolhido em São Paulo para publicar um abaixo-assinado e manifesto de alguns padres, intitulado: CARTA de Belo Horizonte, agosto de 1967. **Jornal Última Hora**, São Paulo, 24 out. 1967, 1o Caderno, p. 8(?). P13-3. Texto datilografado. (9 páginas).

²⁹⁵ O PROBLEMA do comunismo no Brasil. Texto datilografado. P41-14, p. 11-13.

²⁹⁶ A Ação Católica e do laicato como prolongamento dos braços do clero era uma forma comum de entender os movimentos e associações católicas e a crítica a este entendimento tornou-se acentuado a partir da década de 1950. Cf. MAINWARING, Scott. **Igreja católica e política no Brasil: 1916-1985**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 47-49; AZZI, Riolando. “A igreja católica e o Estado brasileiro” – capítulo da obra: AZZI, Riolando; GRIJP, Klaus van der. **História da igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: terceira época, 1930-1964**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. (História geral da Igreja na América Latina, t. 2/3-2). p. 102-114.

²⁹⁷ O PROBLEMA do comunismo no Brasil. Texto datilografado. P41-14, p. 15-17. 22-26.

fins de 1967 e durante o ano de 1968: a reforma no ensino universitário, a crítica à educação e à “inteligência” católica, a possibilidade de implantação do comunismo no Brasil sob um modelo diferente, os camponeses e operários como os agentes da revolução, o papel dos intelectuais e, no caso, dos estudantes de Teologia, junto aos movimentos sociais, a linguagem anti-imperialista em relação aos norte-americanos, as críticas às autoridades e estruturas eclesiais frente aos movimentos sociais e a necessidade de uma ação pastoral social efetiva junto a camponeses e operários.

A roda da fortuna girou muito rápido. Do anticomunismo das décadas anteriores na Igreja iniciou-se a sua releitura pela construção de um “socialismo cristão”. Intelectuais católicos se uniram à busca de transformar uma Igreja considerada tradicional e anacrônica dando-lhe novas estruturas, modernas e populares, como forma de evitar o avanço do comunismo ateu, como ocorrera no leste europeu, na China e no seu entorno. Se o propósito do autor era apontar algumas situações para evitar a implantação do comunismo, esse passou a ser visto, em poucos anos, mesmo entre alguns estudantes do IFT, como uma realidade viável para o Brasil, sobretudo à medida em que eles se envolviam com o movimento estudantil e alguns movimentos de resistência ao regime militar.²⁹⁸ Ou a Igreja e seus intelectuais assumiam os movimentos sociais ou seriam derrotados pelo comunismo ateu. Para isso, fazia-se necessária uma reflexão sobre a eticidade e moralidade de uma “revolução” desde a tradição cristã.

²⁹⁸ Os modelos da “revolução brasileira” eram múltiplos, segundo os diversos grupos de resistência ao regime militar. Cf. RIDENTI, Marcelo. As oposições à ditadura: resistência e integração. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). **A Ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 30-47.

4. A Igreja Católica e a “Revolução”: em busca de fundamentos éticos

O apelo à participação revolucionária entrou nos discursos dos estudantes de Teologia do IFT, através do DAXIX já em fins de 1966. Outros cinco textos encontrados na Biblioteca Padre Lebrete apresentam indícios de serem da primeira metade da década de 1960. Tratam de discussões em torno da realidade latino-americana, suas contradições econômicas, políticas e sociais associadas ao avanço do marxismo e dos movimentos revolucionários no continente como os anteriores. Além disso, estes textos, no entanto, trazem abordagens sobre as fundamentações na moral católica quanto à participação de um cristão no processo revolucionário. Uma das questões centrais é a busca de equacionar a relação entre o “Amor”, como princípio moral cristão essencial, e a violência nos processos revolucionários. O texto “O problema do comunismo no Brasil” trazia uma adjetivação para o “amor”, sob a forma de “amor ativo”.²⁹⁹ Estes outros textos, trataram desde a incompatibilidade entre “amor” e “violência”, sendo esta, no entanto, tolerável apenas em situações extremas e provisórias, até a violência justificada como “forma paradoxal do amor” ou “força paradoxal do amor” ante a urgência do respeito e comprometimento com os que sofrem devido aos “sistemas inumanos”.³⁰⁰ Há semelhanças e convergências entre os discursos das fontes textuais e as discussões nas assembleias do diretório acadêmico. Os textos foram datilografados e possivelmente reproduzidos para uso de militantes da “Ação Popular”, para os frades dominicanos comprometidos com os movimentos de cunho político-social, ou ainda talvez para alguns dos estudantes de Teologia ou agentes de pastoral. Consistem em sua maioria em reproduções parciais de livros ou artigos de revistas.

O texto “Os fatores de aceleração revolucionária”,³⁰¹ de autoria de Jacques Chonchol parece ser cópia do quarto capítulo de alguma obra não citada desse autor; e supõe análises anteriores sobre “a visão cristã da revolução na América Latina”. Nascido em Santiago do Chile, em 1926, filho de um médico francês de origem judaica, J. Chonchol se converteu ao catolicismo nos anos 40. Nessa ocasião, ele mili-

²⁹⁹ O PROBLEMA do comunismo no Brasil. P41-14. Texto datilografado. p. 17

³⁰⁰ STATUS QUO e Revolução. P22-22. Texto datilografado. (Não datado, 5 páginas).

³⁰¹ CHONCHOL, Jacques. **Os fatores de aceleração revolucionária**. P2-29. Texto datilografado. (9 páginas).

tava nos quadros da Democracia Cristã chilena, então um partido de centro com simpatias pelo socialismo democrático. Segundo Alfredo Bosi,³⁰² em entrevista com o autor, o roteiro ideológico de J. Chonchol seria o do cristianismo da América Latina aberto à dimensão do social. Seus mestres foram: primeiro, Jacques Maritain, que ajudou boa parte da inteligência católica francesa a apartar-se do integrismo de Charles Maurras; depois, e em um crescendo de radicalização, Emmanuel Mounier e o Padre Lebreton. Esses autores igualmente circulavam entre os frades dominicanos. Conforme o depoimento de Frei Betto, dominicano, na Comissão Nacional da Verdade:

A JEC e a JUC tinham uma linha muito progressista. E no caso da JEC e da JUC os dominicanos eram os assessores desses movimentos aqui no Brasil e esses dominicanos tinham sido formados no pós-guerra da França. E o catolicismo francês pós-guerra é muito avançado por causa da aliança com os comunistas na resistência francesa. E aí vem Jacques Maritain o pensamento do padre Debrail, manual da teologia dos dominicanos o Chenik com o movimento dos padres operários. No final dos anos 40. O clero francês é um setor percebe que a Igreja é muito elitista não sei quê e tal e que o operariado está abandonado. Então não adianta querer que, os operários venham a Igreja nós precisamos ir aos operários. Esses padres então viram operários nas fábricas.³⁰³

Emmanuel Mounier inclusive foi explicitamente citado por Frei Tito Alencar quando tomou posse como presidente do DAXIX na assembleia do dia 15 de setembro de 1967.³⁰⁴ Aí temos um pensador chileno, com orientação filosófica de pensadores franceses, que, por sua vez, são os mesmos pensadores em voga no convento dominicano em São Paulo, com ecos no diretório acadêmico do IFT.

Segundo ainda a entrevista dada a Alfredo Bosi, o Padre Lebreton teria despertado em J. Chonchol a preocupação intensa com as causas da pobreza no Terceiro

³⁰² Cf. BOSI, Alfredo. Jacques Chonchol: o Chile ontem e hoje. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 8, n. 21, p. 247-257, ago. 1994. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40141994000200016>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/GRJ9N4nQVY8K9QSBFzv7ytd/?lang=pt>. Acesso em: 01 maio 2023.

³⁰³ DEPOIMENTO de Frei Betto na Comissão Nacional da Verdade. 2013. Disponível em: https://cnv.grauna.org.br/images/pdf/depoimentos/vitimas_civis/Carlos_Alberto_Libanio_Christo_Frei_Betto.pdf. Acesso em: maio 2021. linhas 946-954.

³⁰⁴ Cf. Livro de Atas do DAXIX, p. 64

Mundo e, ao mesmo tempo, o projeto de abrir uma terceira via entre o capitalismo e o comunismo. A ideia de um desenvolvimento de face humana, isto é, capaz de corrigir os efeitos perversos de crescimento econômico selvagem, constituía o projeto comum desses intelectuais em busca de uma ação política voltada para o povo. Rompendo com o anticomunismo sistemático da Guerra Fria, o novo catolicismo conquistava, já no início dos anos 60, uma zona de convívio com as esquerdas. O diálogo teria beneficiado ambos os lados e aliou-os para enfrentar a tarefa da sua geração, que seria de arrancar a América Latina do estado de exploração e anomia ético-política em que a mergulharam as suas elites econômicas e políticas.³⁰⁵ J. Chonchol recebeu uma formação técnica superior: estudou Engenharia Agrônoma na Universidade de Santiago e, como perito da FAO, efetuou várias missões na América Latina, especificamente no México, Peru, Colômbia e Cuba, entre 1957 e 1961. Isso o habilitou a dirigir o Instituto de Desenvolvimento da Agricultura (INDAP) entre 64 e 69 por indicação de Eduardo Frei, então Presidente da República. Mas, em 1969, Chonchol afastou-se do partido governista que lhe parecia incapaz de levar à frente a experiência da reforma agrária. Participou então da Fundação do MAPU, Movimento de Ação Popular Unificado, que integrou a União Popular, responsável maior pela eleição de Allende. A partir de novembro de 70, Chonchol passou a ocupar a pasta da Agricultura do novo governo.

No texto encontrado na Biblioteca Padre Lebrecht, o autor examinou os fatores da “aceleração revolucionária”, com possibilidade de ocorrer sem grandes explosões na sociedade latino-americana, ainda que improvável para ele. Propôs-se a apontar fatos que estariam pressionando e contribuindo para as reformas revolucionárias na América Latina. Os processos revolucionários afetariam, inexoravelmente, “não só as instituições políticas como também as estruturas econômicas e a organização social atual da América ‘Morena’, a que abrange desde o Rio Grande até o Cabo de Hornos, incluindo as Caraíbas, onde, sob o signo do marxismo-leninismo elas já estão se realizando”.³⁰⁶ Tratando-se de um texto copiado e não datado, foi citada a obra de Gunnar

³⁰⁵ Cf. BOSI, Alfredo. Jacques Chonchol: o Chile ontem e hoje. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 8, n. 21, p. 247-257, ago. 1994. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40141994000200016>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/GRJ9N4nQVY8K9QSBFzv7ytd/?lang=pt>. Acesso em: 01 maio 2023. A questão do estado de exploração e da anomia ético-política na América Latina estão presentes no texto em questão. Cf. CHONCHOL, *op. cit.*, p. 1.

³⁰⁶ *Id.*, p. 1.

Myrdal, “Teoria Econômica e Regiões Subdesenvolvidas”,³⁰⁷ lançado em português em 1960 com uma segunda edição em 1968. Provavelmente, o texto utilizado seja o da primeira edição.

O avanço do marxismo na América Latina no ambiente eclesial, sentido como fatal e preocupante, teria sido constatado também pelo casal Jean Goss-Mayr (1912-1991) e Hildegard Goss-Mayr (1930...), ele francês e ela austríaca de nascimento. Ambos considerados ativistas da “não-violência”, sob a perspectiva cristã, chamados de “apóstolos da não-violência” numa biografia escrita pelo belga Jo Hanssens, que foi membro do conselho e presidente da Pax Christi Flanders. Esse casal fez conferências em vários países da América Latina, inclusive no Brasil, sobre “Os trabalhos da Renovação Cristã”. Essas conferências ocorreram entre fevereiro e junho de 1962, identificando-se como católicos a serviço da Paz de Cristo e dos dirigentes eclesiais.³⁰⁸ Após esse trabalho, eles elaboraram um relatório para os bispos latino-americanos, identificado como “Estrictamente confidencial”. O texto,³⁰⁹ possivelmente uma tradução ao espanhol do original elaborado pelos autores, foi dividido em 06 capítulos, procurando mostrar as motivações que atraíam “as massas” e a juventude latino-americana ao comunismo e fazendo ao final uma contraproposta, baseada nos valores cristãos da não-violência³¹⁰ e da “Revolução do Amor”.³¹¹

Dentro desse clima de avanço do marxismo e de um processo revolucionário efetivo em Cuba com possibilidades de expansão para toda América Latina, dois jesuítas chilenos escreveram procurando analisar a situação desde a moral cristã tradicional: Padre José Aldunate e o Padre Gerardo Claps. O ocorrido na ilha caribenha,

³⁰⁷ *Id.*, p. 1.

³⁰⁸ GOSS-MAYR, Jean; GOSS-MAYR, Hildegard. **El cristianismo latino-americano frente su decision**. Viena: [s. n.], setembro de 1962. P14-7. Texto datilografado. (13 páginas). p. 1.

³⁰⁹ *Id.*, 13 páginas

³¹⁰ A expressão “não-violência” como estratégia “revolucionária” e libertadora remonta a Mahatma Gandhi e seu movimento de independência da Índia sob o domínio britânico. Cf. PANI, Giancarlo. **Gandhi e um século de não violência**. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos, 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/617038-gandhi-e-um-seculo-de-nao-violencia-artigo-de-giancarlo-pani>. Acesso em: out. 2022.

³¹¹ A Encíclica “*Populorum Progressio*”, do Papa Paulo VI, lançada em 1967, trata das questões sociais e econômicas; tornou-se uma das referências para a Doutrina Social da Igreja e encontra-se bastante citada e discutida nos documentos encontrados na Biblioteca Padre Lebrecht. Ela lançou as bases para a expressão “Civilização do Amor”, utilizada pela primeira vez pelo Papa Paulo VI em 17 de maio de 1970 e retomada em outro pronunciamento em 1975. Cf. MASOTTI, Viviani; BALERA, Wagner. A globalização e a civilização do amor. **DIGE - Direito Internacional e Globalização Econômica**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 179-181, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/DIGE/article/view/42356>. Acesso em: out. 2022.

no entanto, suscitava novas perspectivas e abordagens para uma ação e participação de cristãos no processo revolucionário em andamento.

José Aldunate Lyon, jesuíta chileno (1917-2019), foi professor e ativista de direitos humanos no Chile durante a ditadura militar, recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1988 e o Prêmio Nacional de Direitos Humanos em 2011, 2014, 2016 e 2018.³¹² O texto datilografado “O dever moral ante a situação revolucionária”³¹³ não contém a data da sua produção. Nele, o autor cita a encíclica “Mater et Magistra” do Papa João XXIII, de maio de 1961. O texto traz uma capa com título datilografado “Normas”, que não condiz com o conteúdo, tratando-se provavelmente de uma forma de despistar em caso de possíveis buscas por agentes dos órgãos de segurança pública. Em manuscrito no alto à direita está escrito “AP”, indicando talvez que seja material de uso do movimento “Ação Popular”, assessorado também pelos frades dominicanos. O texto parece ser anterior ao Concílio Vaticano II. Sob as perspectivas da tradição cristã e do magistério da Igreja, o autor discutiu as diferenças entre reforma e revolução; as possibilidades da legitimidade ou não de uma revolução na perspectiva da moral cristã, e os deveres do cristão ante cada uma dessas possibilidades. Um dos focos do autor no texto foi a América Latina mediante a possibilidade de um avanço revolucionário em todo continente.

Outro então jesuíta a escrever sobre o cristão e a revolução, baseado em documento do episcopado chileno, foi Gerardo Claps (1922-2009), sacerdote na Companhia de Jesus até 1973. O texto “O cristão frente à revolução violenta”³¹⁴ não está datado; contém citações de 1961 e 1962, tratando-se de uma cópia de um capítulo de obra não citada. Nele, o autor citou com frequência trechos de “O dever social e político na hora presente - Pastoral coletiva do episcopado chileno”, Santiago do Chile, publicada em 18 de setembro de 1962; descreveu um quadro inquietante das contradições socioeconômicas da América Latina; abordou as razões para a postura da não-violência e, indo além, as justificativas da participação do cristão num processo revolucionário violento.

³¹² Cf. <https://defensoresydefensoras.indh.cl/premio-nacional-de-ddhh/premio-nacional-2016/jose-aldunate-lyon/>. Acesso em: maio 2021

³¹³ ALDUNATE, José. **O dever moral ante a situação revolucionária**. P1-4. Texto datilografado. (19 páginas).

³¹⁴ CLAPS, Gerardo. **O cristão frente a revolução violenta**. P2-30. Texto datilografado. (14 páginas).

Um dos impulsionadores do debate que se fazia em torno do tema “revolução” foi o discurso pronunciado pelo presidente dos Estados Unidos John F. Kennedy na Casa Branca, a 13 de março de 1961, durante a recepção aos embaixadores da América Latina, quando anunciou a formação da “Aliança para o Progresso”. Após anunciar os elementos que compunham o plano, o presidente Kennedy afirmou que eles

permitirão uma revolução nas Américas e a edificação de um Hemisfério no qual todos os homens tenham o direito a um idêntico e elevado nível de vida, e no qual todos possam viver na dignidade e liberdade.³¹⁵

Sem essa ajuda financeira dos Estados Unidos, “nossa revolução e nosso sonho terão falhado”.³¹⁶ O ambiente era de polaridade estabelecida entre “Capitalismo” e “Socialismo”, num clima de Guerra Fria. Em oposição a esse discurso do presidente Kennedy, os discursos da esquerda reforçaram a ideia do socialismo e do comunismo como uma “evolução” da “revolução”.

Como alvo do plano norte-americano de manutenção do capitalismo internacional sob sua orientação e passando por um processo revolucionário marxista com possível expansão, a situação da América Latina foi discutida num outro texto anônimo, intitulado “Status quo e Revolução”.³¹⁷ Esse texto teceu críticas duras aos “cristãos” e estabeleceu alguns critérios para uma “revolução cristã”. Sem data, o texto faz referência a um congresso internacional cristão sobre Paz em junho de 1964, promovido pelo “Serviço de Paz da Juventude”, com jovens cristãos do leste e do oeste da Europa, em local igualmente não citado. Esse texto, no entanto, trouxe uma discussão sobre “revolução”, direcionada à América Latina. Em manuscrito, encontra-se “Eclesi-

³¹⁵ O PLANO de Kennedy ‘marcará o princípio de uma nova era na experiência americana’. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 mar. 1961. p. 2. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=373&anchor=4478937&origem=busca&originURL=&pd=9b66cc1ca28c26508d5b00e63816e812>. Acesso em: 12 maio 2021.

³¹⁶ LOUREIRO, Felipe Pereira. Dois pesos, duas medidas: os acordos financeiros de maio de 1961 entre Brasil e Estados Unidos durante os governos Jânio Quadros e João Goulart (1961-1962). **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 22, n. 2 (48), p. 547-576, ago. 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-06182013000200009>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ecos/a/7KwN4pzt438ZNjQ77XxMbtP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 maio 2020.

³¹⁷ STATUS QUO e Revolução. P22-22. Texto datilografado. (Não datado, 5 páginas).

ologia (Dout. Social da Igreja)”, indicando assim a disciplina na qual o material foi utilizado num curso de Teologia, mais provavelmente, na Escola Dominicana de Teologia, cujo carimbo encontra-se na primeira página. O redator do texto utiliza sempre o “nós”, como sujeito da autoria.

As contradições sociais, econômicas e culturais, o avanço tecnológico, a urbanização acelerada, o acesso cada vez maior da juventude às universidades, promoveram uma revisão do passado histórico colonial e eclesial como resultado de um fracasso, criador das condições favoráveis para uma revolução comunista no continente latino-americano. J. Chonchol abordou as disparidades e contradições sob o viés sociológico.³¹⁸ Os teólogos jesuítas chilenos o fizeram desde os princípios éticos e morais, oferecendo critérios, segundo o magistério da Igreja, para o agir cristão nessas condições de extrema desigualdade, portanto, imorais e geradoras de um imperativo revolucionário autêntico.³¹⁹ O casal Goss-Mayr³²⁰ e os jovens debatedores no congresso para juventude na Europa³²¹ realçaram as perspectivas e responsabilidades eclesiais dessa contradição econômica e social na vida prática da fé cristã. O casal propôs uma adesão aos movimentos sociais sob a perspectiva da não-violência, enquanto os jovens debatedores propuseram o uso da violência como uma inevitável “forma paradoxal do amor”.

³¹⁸ CHONCHOL, Jacques. **Os fatores de aceleração revolucionária**. P2-29. Texto datilografado. (9 páginas). p. 2. Esses mesmos fatores são abordados pelos historiadores, como os citados aqui: Daniel Aarão Reis, sob a perspectiva do “Nacional Estatismo” como projeto político (cf. REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 18-61; REIS, Daniel Aarão. **Ditadura Militar, esquerdas e sociedade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005; REIS, Daniel Aarão. A ditadura faz cinquenta anos: história e cultura política nacional-estatista. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). **A Ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 11-29) e Marcelo Ridenti, sob uma perspectiva sociológica, cultural e econômica (Cf. RIDENTI, Marcelo. As oposições à ditadura: resistência e integração. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). **A Ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 30-47; RIDENTI, Marcelo. 1968: rebeliões e utopias. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (org.). **O século XX: o tempo das dúvidas. Do declínio das utopias às globalizações**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 3, p. 133-159).

³¹⁹ ALDUNATE, José. **O dever moral ante a situação revolucionária**. P1-4. Texto datilografado. (19 páginas). p. 2-12; CLAPS, Gerardo. **O cristão frente a revolução violenta**. P2-30. Texto datilografado. (14 páginas). p. 3-8.

³²⁰ GOSS-MAYR, Jean; GOSS-MAYR, Hildegard. **El cristianismo latino-americano frente su decision**. Viena: [s. n.], setembro de 1962. P14-7. Texto datilografado. (13 páginas). p. 1-6.

³²¹ STATUS QUO e Revolução. P22-22. Texto datilografado. (Não datado, 5 páginas). p. 1-3.

A constatação de uma América Latina marcada por personalismos políticos, por uma insuficiência das instituições sociais, econômicas, educacionais e jurídicas, enraizadas numa tradição colonial, incapazes de atender às demandas do mundo moderno, e por obras caritativas da Igreja Católica como um “paternalismo tradicional evoluído”,³²² no entanto, conivente com as injustiças no continente, constituem elementos comuns na avaliação que fizeram do continente. Tais situações seriam os indicadores da incapacidade de se estabelecer um equilíbrio e, ante o processo revolucionário, as instituições tradicionais estariam pouco equipadas para agir com rapidez.³²³

A insatisfação generalizada no continente latino-americano ante as desigualdades estruturais na sociedade, na cultura, na economia e na própria Igreja, já representaria para os autores desses textos uma tomada de consciência das injustiças e um passo efetivo em andamento do inevitável processo revolucionário socialista.³²⁴ A categoria “Bem Comum”, discutida pelos teólogos chilenos para analisar a moralidade de um processo revolucionário deu lugar, sobretudo após a encíclica “Populorum Progressio” do Papa Paulo VI, de 1968, à “Justiça Social” como imperativos morais para a revolução socialista. O uso da violência em determinados movimentos de resistência ao regime militar no final da década se evidenciava no que foi chamado pelos intelectuais da esquerda, tendo a Revolução Cubana como parâmetro, de “utopia do impasse”, expresso no slogan “Só a luta armada derruba a ditadura”.³²⁵

³²² GOSS-MAYR, Jean; GOSS-MAYR, Hildegard. **El cristianismo latino-americano frente su decision**. Viena: [s. n.], setembro de 1962. P14-7. Texto datilografado. (13 páginas). p. 4.

³²³ CHONCHOL, Jacques. **Os fatores de aceleração revolucionária**. P2-29. Texto datilografado. (9 páginas). p. 3-8; GOSS-MAYR, Jean; GOSS-MAYR, Hildegard. **El cristianismo latino-americano frente su decision**. Viena: [s. n.], setembro de 1962. P14-7. Texto datilografado. (13 páginas). p. 2-9; ALDUNATE, José. **O dever moral ante a situação revolucionária**. P1-4. Texto datilografado. (19 páginas). p. 9-17; CLAPS, Gerardo. **O cristão frente a revolução violenta**. P2-30. Texto datilografado. (14 páginas). p. 5-8; STATUS QUO e Revolução. P22-22. Texto datilografado. (Não datado, 5 páginas). p. 1-2.

³²⁴ CHONCHOL, Jacques. **Os fatores de aceleração revolucionária**. P2-29. Texto datilografado. (9 páginas). p. 9; GOSS-MAYR, Jean; GOSS-MAYR, Hildegard. **El cristianismo latino-americano frente su decision**. Viena: [s. n.], setembro de 1962. P14-7. Texto datilografado. (13 páginas). p. 9-13; ALDUNATE, José. **O dever moral ante a situação revolucionária**. P1-4. Texto datilografado. (19 páginas). p. 2.19; CLAPS, Gerardo. **O cristão frente a revolução violenta**. P2-30. Texto datilografado. (14 páginas). p. 3.13; STATUS QUO e Revolução. P22-22. Texto datilografado. (Não datado, 5 páginas). p. 3-5.

³²⁵ REIS, Daniel Aarão, **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 20.58-60.71-78; RIDENTI, Marcelo. 1968: rebeliões e utopias. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (org.). **O século XX: o tempo das dúvidas. Do declínio das utopias às globalizações**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 3, p. 151; RIDENTI, Marcelo. As oposições à ditadura: resistência e integração. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). **A Ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 30-47.

Uma peculiaridade nesses textos são os sentidos e os jogos de linguagem no uso dos termos “evolução” e “revolução”. Os teólogos jesuítas chilenos discutiram as diferenças, sob os moldes “escolásticos”, entre “reforma” e “revolução” nas instituições políticas e jurídicas. Eles apresentaram os argumentos para a viabilidade e a necessidade de cada uma delas numa sequência: a “revolução” seria aceitável em situações de extrema injustiça ante o esgotamento de todas as medidas de reformas.³²⁶ Assim, dentro da forma como analisavam a realidade latino-americana, a revolução socialista seria uma evolução, ante os problemas econômicos e sociais da herança colonial e do capitalismo internacional, e a tomada de consciência dessa situação. Caberia à Igreja aderir ao movimento para que ele não fosse implantado nos moldes do leste europeu e da China, ou seja, do comunismo ateu. Os outros avaliaram de forma parecida, como na conclusão de J. Chonchol:

Queiram ou não, as grandes potências na América Latina se estão processando cada vez mais as condições para uma transformação que permitirá, sem dúvida com muitas dificuldades e tropeços, estabelecer em larga escala, uma sociedade mais dinâmica, mais justa, mais livre. Oxalá sejamos, os cristãos, capazes de participar ativamente nesta renovação, pois, do contrário, ela se fará sem nós e, provavelmente, contra nós.³²⁷

O casal Goss-Mayr em seu relatório aos bispos afirmou o mesmo processo inevitável de uma revolução socialista, cujos agentes e protagonistas eram sobretudo os jovens. Como proposta, defenderam a urgência de uma “Revolução do Amor”, através da identificação da Igreja com os mais sofredores para que se tornassem “mais plenamente evoluídos”.³²⁸ Na virada das décadas de 1950-1960, as discussões em torno do “desenvolvimentismo”³²⁹ pressupunham a ideia de uma evolução das condi-

³²⁶ ALDUNATE, José. **O dever moral ante a situação revolucionária**. P1-4. Texto datilografado. (19 páginas). p. 11-17; CLAPS, Gerardo. **O cristão frente a revolução violenta**. P2-30. Texto datilografado. (14 páginas). p. 3-13.

³²⁷ CHONCHOL, Jacques. **Os fatores de aceleração revolucionária**. P2-29. Texto datilografado. (9 páginas). p. 9; O tom de um processo socialista inevitável em efetivação e os pontos levantados como fatores de sua aceleração aparecem nas discussões dos estudantes, nos textos da AP e em outros documentos relacionados à Igreja, como a “Carta de Belo Horizonte”, de 1967, e um seminário sobre a “Populorum Progressio” em 1968.

³²⁸ GOSS-MAYR, Jean; GOSS-MAYR, Hildegard. **El cristianismo latino-americano frente su decision**. Viena: [s. n.], setembro de 1962. P14-7. Texto datilografado. (13 páginas). p. 4.

³²⁹ <https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/desenvolvimentismo>. Acesso em: 3 fev. 2023.

ções de subdesenvolvimento para o “desenvolvimento” através do progresso tecnológico, científico e econômico. Nas fontes selecionadas, perpassa a ideias de capitalismo como status quo, revolução como meio e socialismo como fim. O socialismo constituiria assim uma evolução dentro do próprio capitalismo. O relatório da pesquisa de campo realizada entre o clero paranaense em fins de 1965, marcado como “Estritamente confidencial”, definiu a divisão interna entre os padres como “conservadores e evoluídos”.³³⁰ Por conservadores, os mantenedores de uma Igreja tradicional e por “evoluídos” aqueles que aderiam às novidades conciliares em emergência sob o ponto de vista das questões sociais e econômicas.

“Revolução do Amor” foi o “leitmotiv” do trabalho executado pelo casal Goss-Mayr como forma de diálogo entre cristãos e intelectuais comunistas. Assim, também propunham impulsionar a renovação eclesial rumo às questões sociais desde a perspectiva dos pobres, dos operários e da população mais sofrida. Essa revolução e renovação teriam como agentes protagonistas os intelectuais e os jovens. Suas propostas iriam no sentido de não deixar que a “mística marxista”, mais atraente à juventude, sobrepujasse-se à “mística cristã”.³³¹ A presença de um laicato “evoluído”, ativo, responsável e militante era o indício desse rompimento no interior da Igreja. Eles o constataram no testemunho de um jovem católico brasileiro, que participara de um congresso de jovens em Moscou, do qual o casal participou também na condição de observadores:

Creio que o socialismo é economicamente uma solução para nosso país. Não posso, porém, abandonar a igreja porque conheço em minha cidade, no Brasil, um sacerdote que vive com os pobres, que se sacrifica por eles e morrerá por eles. Ele faz uma coisa que nenhum outro é capaz de fazer, nem sequer um comunista. É um cristão.³³²

³³⁰ DEPOIMENTOS sobre a situação do clero. P14-10. Texto datilografado. (4 páginas). p. 4.

³³¹ GOSS-MAYR, Jean; GOSS-MAYR, Hildegard. **El cristianismo latino-americano frente su decision**. Viena: [s. n.], setembro de 1962. P14-7. Texto datilografado. (13 páginas).

³³² *Id.*, p. 5.

Se o casal Goss-Mayr propôs a “Força transformadora do Amor”³³³ como forma de fazer frente à “mística marxista” entre os jovens, para os “debatedores” no congresso de juventude, em local ignorado na Europa, os cristãos não poderiam ficar de lado numa revolução. Seria esse congresso de juventude o mesmo que se realizou em Moscou com a participação do casal Goss-Mayr? O relatório do casal aos bispos parece ser anterior ao projeto revolucionário elaborado pelos debatedores. Para estes, haveria duas posições possíveis: a renúncia à violência ou aplicá-la como uma “forma paradoxal do amor”. No evento onde o texto foi produzido, discutiu-se aberta e radicalmente o tema da “revolução” como um apelo à consciência cristã. Segundo os debatedores, a Europa havia feito uma opção pela tese da coexistência pacífica entre os diferentes sistemas econômicos. A situação da China, África e América Latina, no entanto, era distinta:

Nestes países a questão da revolução se encontra no âmago da alma dos povos e é uma questão decisiva, questão de vida ou morte para estes povos.³³⁴

Essas formas de discurso, que discutiam as diferentes formas de revolução, compuseram o que foi chamado, na segunda metade da década de 1960, de “nova esquerda” entre intelectuais, artistas e jovens, disseminado em várias partes do mundo. Uma das marcas dessas discussões foi o que Marcelo Ridenti aprofundou em algumas de suas obras sob a expressão “romantismo revolucionário”,³³⁵ cunhada por Michael Löwy.

³³³ *Id.*, p. 10-13.

³³⁴ STATUS QUO e Revolução. P22-22. Texto datilografado. (Não datado, 5 páginas). p. 1.

³³⁵ RIDENTI, Marcelo. 1968: rebeliões e utopias. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (org.). **O século XX: o tempo das dúvidas. Do declínio das utopias às globalizações**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 3, p. 133-159; RIDENTI, Marcelo. Intelectuais e romantismo revolucionário. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 13-19, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-88392001000200003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/b6LpHRFprmYrBPDSfK9McCQ/>. Acesso em: 20 mar. 2020; RIDENTI, Marcelo. Cultura e comunistas no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 28, n. 80, p. 295-300, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142014000100025>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/3KRTT3tcqRK8SbbDjdzTYzz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2020; RIDENTI, Marcelo. Cultura e política: enterrar os anos 60? In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 25., 2001, Caxambu. **Anais [...]**. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/25-encontro-anual-da-anpocs/st-4/st06-3/4582-mridenti-cultura/file>. Acesso em: 20 mar. 2020.

A afirmação da “iminência” e inevitabilidade de uma revolução socialista no continente latino-americano perpassa os discursos nessas fontes. Igualmente os seus “alvos” principais na disseminação do marxismo revolucionário e agentes relevantes do processo foram vistos na juventude, sobretudo entre universitários, intelectuais e cristãos mais “evoluídos” em sua consciência social.³³⁶ Os jovens debatedores no congresso europeu apresentaram o projeto para a América Latina da “Revolução do Cristo” como a única “revolução verdadeira”, uma vez que “não mata” e cuja identificação com os oprimidos permitiria uma evolução tanto para o proletariado como uma nova consciência aos opressores. Mesmo assim, o uso da violência poderia ser aceito como “forma paradoxal do amor” por um tempo limitado e como comprometimento com aqueles que sofrem as injustiças.³³⁷

Um texto anônimo, resultado de discussões em um evento promovido por um “Setor de Paz da Juventude” de uma organização não identificada, realizado num país não citado, fez referências gerais à América Latina. Ao focar a situação política do Brasil sob o regime militar em 1964, no entanto, e ser escrito em língua portuguesa, obviamente tinha como público-alvo os falantes dessa língua. Ao definir as estratégias da “revolução cristã”, minimizar o peso moral do uso da violência e mesmo suavizá-lo como “forma paradoxal do amor”, os debatedores pressupunham as condições propícias para se incentivá-la e efetivá-la. Daí para a formação de grupos dispostos à luta armada seria um pequeno passo.

Nesses textos, os autores se preocuparam com o posicionamento da Igreja Católica ante um processo revolucionário marxista em expansão e sentido como inevitável na América Latina. Assim, uma das preocupações em foco era o uso da violência e a moral cristã. Nos textos do início da década, houve uma ponderação da legitimidade desse uso, sobretudo em situações extremas, recorrendo-se ao magistério da

³³⁶ CHONCHOL, Jacques. **Os fatores de aceleração revolucionária**. P2-29. Texto datilografado. (9 páginas). p. 8-9; ALDUNATE, José. **O dever moral ante a situação revolucionária**. P1-4. Texto datilografado. (19 páginas). p. 15-19; CLAPS, Gerardo. **O cristão frente a revolução violenta**. P2-30. Texto datilografado. (14 páginas). p. 9-13; ³³⁶ GOSS-MAYR, Jean; GOSS-MAYR, Hildegard. **El cristianismo latino-americano frente su decision**. Viena: [s. n.], setembro de 1962. P14-7. Texto datilografado. (13 páginas); STATUS QUO e Revolução. P22-22. Texto datilografado. (Não datado, 5 páginas). p. 1-2.

³³⁷ STATUS QUO e Revolução. P22-22. Texto datilografado. (Não datado, 5 páginas). p. 3.5.

Igreja. As questões sociais e econômicas foram apresentadas como um apelo de urgência para uma renovação das estruturas e dos posicionamentos da Igreja Católica, polarizando o momento presente com o passado colonial. Houve uma busca de fundamentos ético-morais para uma revolução cristã. A solução apresentada pelo casal Goss-Mayr era a “Revolução do Amor” sob as bases da Verdade, da Justiça e da não-violência. Os autores anônimos naquele congresso internacional da Juventude, porém, afirmaram o uso da violência como uma espécie de “mal menor” necessário, sob a expressão “forma paradoxal do amor”, modulando a própria representação de “Cristo” como um revolucionário.

Na assembleia do DAXIX de 01 de outubro, o então presidente Francisco Ansiliero fez uma análise do movimento estudantil ante o momento político de “fermentação de uma revolução”, como um processo revolucionário irreversível, e de uma conscientização que faria o povo brasileiro “dono de sua política”. Nessa assembleia, a inserção dos estudantes no processo iminente já era vista algo como um imperativo moral: “Devemos aceitar o momento histórico”, disse Francisco Ansiliero.³³⁸ No dia 02 de agosto de 1967, devido à intervenção policial no mosteiro beneditino de Vinhedo, em conventos em Belo Horizonte e a prisão de alguns padres, entre eles, o dominicano Frei Chico, amplamente reportadas nos jornais de grande circulação, Teodoro,³³⁹ falou em assembleia do DAXIX sobre as implicações esquerdistas do engajamento do cristão no processo revolucionário e das reações do público em relação à atitude dos padres.³⁴⁰ O discurso revolucionário do movimento estudantil se difundia entre os estudantes de Teologia do IFT.

Com relação ao movimento estudantil, tão amplamente presente nas discussões do DAXIX, e à juventude universitária dentro desse contexto de debates em torno da reforma universitária e de formação de grupos de resistência política sob orientação marxista, Marialice Foracchi,³⁴¹ professora de Sociologia da USP, apresentou o

³³⁸ Livro de Atas do DAXIX, p. 27.

³³⁹ Nome religioso do monge beneditino Sinval de Itacarambi Leão, estudante do IFT.

³⁴⁰ Livro de Atas do DAXIX, p. 54.

³⁴¹ **Marialice Mencarini Foracchi**, nascida em 1929, realizou seus estudos em Ciências Sociais de 1949 a 1951, Didática Geral e Especial em 1952, e, Especialização em Sociologia em 1958, na FFCL-USP. Ingressou na carreira docente como Assistente extranumerário da Cadeira de História e Filosofia da Educação, a convite do Professor Laerte Ramos de Carvalho, de 1953 a 1954; e, na Cadeira de Sociologia I, de 1955 a 1958, a convite do Professor Florestan Fernandes. De 1956 a 1959, foi professora interina da Cadeira de Sociologia Educacional do Instituto de

tema “Os estudantes na transformação da sociedade brasileira”³⁴² no XIV Conselho Nacional da JUC, em Barbacena, Minas Gerais, realizado entre os dias 18 e 27 de julho de 1966. Pesquisadora da relação entre juventude e o mundo moderno, M. Foracchi destacou as características gerais dos movimentos estudantis no Brasil que, a partir de 1958, assumiram um tom radical nas suas reivindicações, sobretudo quanto à vida universitária. As novas condições sociais da época haviam estimulado o seu desenvolvimento. Ela analisou duas greves com resultados diferentes, ambas promovidas pelos estudantes: a resistência malograda da greve da CRUSP,³⁴³ Centro Residencial da USP, em 1965, sem adesão maciça, sob extrema pressão militar com ocupação do campus por tanques, e um jogo político entre reitor e governador, que comprometeu o êxito do movimento; e o êxito da Greve do terço, de 1962,³⁴⁴ que se manteve por vários meses e denunciou o conservadorismo da universidade brasileira.³⁴⁵

Tais movimentos, segundo M. Foracchi, visaram repensar e redefinir o arranjo das instituições com a reforma universitária ante as novas exigências da sociedade brasileira. Os estudantes se beneficiariam através da criação de um saber original, formador de uma consciência universal voltada para a realidade nacional, e de um saber nacional de significação universal em todos os campos do conhecimento, além da formação de profissionais de nível superior.³⁴⁶ As reivindicações estudantis propunham a inovação e a criação de novo campo de cultura e das oportunidades de participação social. Estas reivindicações, segundo a autora, refletiam a práxis pequeno-burguesa; a intensificação da mobilidade social; a maior presença das classes médias e urbanas na produção, no consumo e na política, entendidas como “práxis”, ação transformadora.³⁴⁷

Educação “Caetano de Campos”. Em 1959, atuou como Auxiliar de Ensino na Cadeira de Sociologia I da FFCL-USP. Assumindo como Professor Assistente, em 1960. Sob a orientação do Professor Florestan Fernandes, defendeu a tese de doutoramento em 1964, com o trabalho “O estudante e a transformação da Sociedade Brasileira”. Em 1970, com o trabalho “A Juventude na Sociedade Moderna”, defendeu a livre-docência. Faleceu em São Paulo, em 30 de junho de 1972. Cf. <https://caph.fflch.usp.br/node/16599> Acesso em: maio 2021.

³⁴² FORACCHI, Marialice. **Os estudantes na transformação da sociedade brasileira**. 1966. P3-36. Texto datilografado. (7 páginas).

³⁴³ Cf. https://crusp68.org.br/sites/default/files/Cronologia%20CRUSP_0.pdf Acesso em: maio 2021.

³⁴⁴ Cf. também <https://www.pucsp.br/comissaodaverdade/downloads/comunidade-academica/reforma-universitaria/greve-um-terco.pdf>. Acesso em: maio 2021.

³⁴⁵ *Id.*, p. 1

³⁴⁶ *Id.*, p. 2

³⁴⁷ *Id.*, p. 3

Ainda segundo M. Foracchi, a população universitária na década de 1960 no Brasil era recrutada nas camadas médias da população. A ascensão das primeiras gerações universitárias realçaria a ideologia da valorização da educação como fator de ascensão social. O jovem universitário se transformara em “réplica negadora do adulto”,³⁴⁸ no agente de sequência a um projeto familiar, e num produto de pressões familiares. A universidade consolidava esse sistema social de ascensão pela via educacional. Obstáculos socioculturais, como o saber obsoleto, inadequado à realidade brasileira, divorciado da prática, que não preparava profissionais adequados, e a estrutura desatualizada e impermeável da Universidade, preservando a autoridade da cátedra e sem autonomia de ação no plano social, eram fatores com os quais a juventude e as classes médias se defrontavam. De forma semelhante ao autor anônimo do texto sobre “O problema do comunismo no Brasil”,³⁴⁹ para M. Foracchi a “pequena burguesia”,³⁵⁰ ambígua e vacilante, frustrada no seu projeto de ascensão, manifestava uma radicalização, que resultava em parcial identificação com os grupos de luta pela transformação da sociedade. O movimento estudantil seria o agente humano que radicalizaria o projeto “pequeno burguês” da ideologia da valorização da educação como um fim em si mesmo, ainda sem uma consciência crítica. Dessa radicalização, no entanto, teria emergido a consciência do estudante em relação às deficiências institucionais e à necessidade de opções políticas.³⁵¹ A radicalização do movimento estudantil evidenciava um momento histórico social singular vivido pela sociedade brasileira que ainda não havia forjado os mecanismos de integração das massas urbanas e nem os mecanismos de controle para neutralizar suas bases organizadas e a ação que delas decorria. “Isto definirá, talvez, que o projeto futuro para o qual esta nação tende é irreversível”.³⁵² M. Foracchi, escrevendo em 1966, retratou uma força no movimento estudantil que, de fato, o colocou como uma das maiores resistências ao regime militar nos anos posteriores, ao menos até o XXX Congresso da UNE em outubro

³⁴⁸ *Id.*, p. 4.

³⁴⁹ O PROBLEMA do comunismo no Brasil. P41-14. Texto datilografado. p. 2-4.6-7.15-16.19.22-23.25

³⁵⁰ *Id.*, p. 4; a “Ação Popular” foi identificada como “um partido pequeno-burguês” no histórico da APML, elaborado pelo analista do DEOPS. Cf. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/DOPSSANTOSM03348.pdf>. Acesso em: jun. 2021.

³⁵¹ *Id.*, p. 5.

³⁵² *Id.*, p. 7.

de 1968.³⁵³ Como disse M. Ridenti, o movimento estudantil capitaneou a oposição à ditadura, sobretudo no eixo Rio-São Paulo.³⁵⁴

A atuação dinâmica da juventude da “geração baby boom”³⁵⁵ e o movimento estudantil estavam em efervescência no ambiente não só universitário, mas também eclesiástico e pastoral. A juventude, sua atuação transformadora na sociedade brasileira e sua organização, resistência, protestos e contrapropostas diante das propostas de reforma universitária, constituíam o objeto de pesquisa de Marialice Foracchi, enquanto docente da USP. Os autores dos demais textos, viam nessa juventude, a força revolucionária capaz de transformar a realidade social, econômica e cultural. Os grupos de resistência ao regime militar, preconizando a guerra armada, a guerra cultural de longo prazo ou as formas mais imediatas de guerrilhas e sabotagens visaram, assim, o recrutamento dos jovens universitários ou nos setores de juventude da Igreja Católica para compor as suas alas, capacitando-os para seus fins.

François Hartog, ao tratar da categoria dos “Logoi”, os discursos, coloca como objetivo o “Ergon”, o movimento suscitado nos ouvintes e leitores para uma ação. Eli-seo Verón discute as diversas camadas de sentido e as operações entre a produção do discurso e seus efeitos, sem uma relação de necessidade entre eles. Não é possível saber quais professores do IFT e seus estudantes teriam tido acesso a esses textos. As discussões tratadas neles, no entanto, circulando em determinados ambientes eclesiásticos, como o convento dominicano em Perdizes, São Paulo, estiveram presentes, de alguma forma, entre alguns estudantes de Teologia do IFT, como mostram

³⁵³ REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil**: do golpe de 1964 à Constituição de 1988. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 69-73; RIDENTI, Marcelo. As oposições à ditadura: resistência e integração. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). **A Ditadura que mudou o Brasil**: 50 anos do golpe de 1964. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 32-35; RIDENTI, Marcelo. 1968: rebeliões e utopias. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (org.). **O século XX**: o tempo das dúvidas. Do declínio das utopias às globalizações. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 3, p. 151.

³⁵⁴ RIDENTI, Marcelo. Intelectuais e artistas brasileiros nos anos 1960/70: “entre a pena e o fuzil”. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 185-195, jan.-jun. 2007. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1457>. Acesso em: 20 mar. 2020.

³⁵⁵ Conforme Nila Maria, do Laboratório de Demografia e Estudos Populacionais da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, os “Baby boomers” são aqueles nascidos entre 1945 e 1964 e viveram sua juventude entre os anos 1960-1970, com o mundo pós-guerra em profundas transformações e marcado pelo surgimento de novos estilos musicais, na moda e na política. Cf. “Baby Boomers: o que significa e quais são as características”, 28 de maio de 2020 in <https://www.ufjf.br/ladem/2020/05/28/baby-boomers-o-que-significa-e-quais-sao-as-caracteristicas/>. Acesso em: fev. 2023. Cf. também RIDENTI, Marcelo. 1968: rebeliões e utopias. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (org.). **O século XX**: o tempo das dúvidas. Do declínio das utopias às globalizações. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 3, p. 142.

as atas do DAXIX. Isso permite compreender os direcionamentos tomados pelo diretório acadêmico quanto à participação nos movimentos estudantis, sua inserção no movimento revolucionário, as críticas que apresentavam à Igreja Católica e sua hierarquia, as leituras que faziam da renovação conciliar e as expectativas suscitadas.

5. Os movimentos estudantis, a esquerda católica e a revolução armada

Um texto, segundo Eliseo Verón, sempre suscita múltiplas leituras.³⁵⁶ Sua análise pode levantar traços que exigem compreender as suas condições de produção e sentido, as leituras e a forma como dialogam com outros discursos.³⁵⁷ Os textos selecionados aqui constituem fontes de um mesmo período, dentro de circunstâncias históricas semelhantes, sob prismas filosóficos e ideológicos³⁵⁸ diversos, com o pensamento e a dialética marxista e um incipiente marxismo cultural como pano de fundo. Sua análise facilita a compreensão das discussões internas no DAXIX e das opções tomadas por alguns estudantes do IFT quanto a envolver-se, de diferentes formas, em movimentos de resistência ao regime militar. Essa participação se deu desde a colaboração em panfletagens a outras estratégias de propaganda, difusão, recrutamento e preparo intelectual de militantes ou “agentes de transformação”.³⁵⁹ A adesão e atuação de alguns frades dominicanos que foram estudantes ou tiveram passagens pelo IFT, pela AP e ou pela ALN, conforme suas escolhas, foram um dos efeitos desses discursos que circulavam no ambiente acadêmico, em alguns setores do clero e da vida religiosa consagrada da Igreja Católica.³⁶⁰ Daniel Aarão Reis³⁶¹ e Marcelo Ridenti,³⁶² ao tratarem sobre a resistência ao regime militar, destacaram a atuação do

³⁵⁶ VERÓN, Eliseo. Dicionário das idéias não-feitas (1979). In: VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. p. 70-71.

³⁵⁷ *Id.*, p. 63-70.

³⁵⁸ *Id.*, p. 56-59.

³⁵⁹ **AÇÃO Cultural**. P12-1. Apostila mimeografada. (Não datada). p. 2-4.

³⁶⁰ REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 67-68; RIDENTI, Marcelo. As oposições à ditadura: resistência e integração. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). **A Ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 35.

³⁶¹ REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**, Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 47-73; *Id.* A ditadura faz cinquenta anos: história e cultura política nacional-estatista. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). **A Ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 21-26.

³⁶² RIDENTI, Marcelo. As oposições à ditadura: resistência e integração. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). **A Ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 30-47; *Id.* Cultura e comunistas no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 28, n. 80, p. 295-300, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142014000100025>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/3KRTT3tcqRK8SbbDjdZTYzz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2020; *Id.*, 1968: rebeliões e utopias. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (org.). **O século XX: o tempo das dúvidas. Do declínio das utopias às globalizações**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 3, p. 133-159; *Id.*, Intelectuais e romantismo revolucionário. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 13-19, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-88392001000200003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/b6LpHRFpmYrBPDSfK9MCCQ/>. Acesso em: 20 mar. 2020.

movimento estudantil e seus choques com a polícia, a formação da “miríade de organizações revolucionárias”,³⁶³ com impasses e contradições entre si. Concomitantemente, emergiram a abordagem intelectual sobre a “utopia do impasse”, com estratégias diversas no enfrentamento do regime militar, as manifestações no meio dos intelectuais e artistas e a configuração da cultura política de “romantismo revolucionário”.

O movimento “Ação Pastoral”,³⁶⁴ AP, surgira como um dos dinamizadores do debate e das ações práticas da juventude cristã em relação à contestação ao regime militar e a um projeto de socialismo cristão. Além de textos desse movimento, estavam na Biblioteca Padre Lebrecht documentos da Vanguarda Popular Revolucionária,³⁶⁵ a VPR, e do Partido Comunista do Brasil,³⁶⁶ PCdoB. Esses abordavam as estratégias de guerra armada em vistas de estabelecer o comunismo no Brasil.

Diante do regime militar sob a forma cada vez mais ditatorial, no período chamado de “anos de chumbo”,³⁶⁷ as estratégias de ação discutidas na AP, na VPR e no PCdoB foram desde as mais imediatas, como as “guerrilhas” e o “foquismo”, de inspiração em Che Guevara, à “revolução cultural” a longo prazo. Para se alcançar essa última, a atuação se daria através de um trabalho de educação de base nas camadas populares, da “guerra armada” através do projeto de formação de um exército revolucionário dirigido por uma organização que se tornaria um partido político a governar o país, ou da “guerra popular” de inspiração maoísta, a ser preparada desde o interior camponês. A AP assumiu-se, mais tarde, como “Ação Popular Marxista-Leninista” a partir de 1971. Nesses textos, os “agentes da transformação social” ou “agentes revolucionários” variavam conforme o posicionamento de cada tendência: os estudantes, organizados no movimento estudantil, as classes operárias, sobretudo através dos sindicatos, ou os camponeses, a serem conscientizados e organizados em sindicatos e exército popular. Os intelectuais participariam como agentes direcionadores e não

³⁶³ REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil**: do golpe de 1964 à Constituição de 1988. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 59.

³⁶⁴ http://www4.pucsp.br/cedic/colecoes/acao_popular.html Acesso em: maio de 2021

³⁶⁵ <https://www18.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbete-tematico/vanguarda-popular-revolucionaria-vpr;>
<https://atlas.fgv.br/verbete/6424> Acesso em: maio 2021

³⁶⁶ <https://www18.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-comunista-do-brasil-pc-do-b> ;
<https://atlas.fgv.br/verbetes/partido-comunista-do-brasil> Acesso em: maio 2021

³⁶⁷ REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil**: do golpe de 1964 à Constituição de 1988. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 71-92.

necessariamente como seus efetivadores diretos; sua atuação estaria como estabilizadores do processo revolucionário.

Alguns elementos debatidos na ocasião apareceram nas falas dos estudantes do DAXIX, sobretudo nos anos de 1967 e 1968. Alguns estudantes usaram o termo “revolução” no mesmo sentido dos textos, enquanto radical instalação de uma nova ordem política, econômica e social.³⁶⁸ Referindo-se ao movimento que estabeleceu o governo militar em 1964, a expressão “revolução de março de 64” foi utilizada sem contestação alguma ainda em setembro de 1966.³⁶⁹ Reapareceu indiretamente em agosto de 1967 na fala de Terezinha de Lisieux Vasconcelos para criticar o apoio que lhe fora dado pela hierarquia católica, que, por sua vez, teria abandonado os seus agentes mais atuantes contra o regime militar.³⁷⁰ Também de forma indireta e irônica, na fala de Jarbas, apareceu como “o primeiro de abril de 1964” e como as passeatas “sem Deus, sem Propriedade, sem Família”.³⁷¹ O termo “luta” apareceu na última ata de 1966 e foi registrado com frequência a partir de agosto de 1967.³⁷²

O IFT iniciou suas atividades em 1965. No ano seguinte, os estudantes fundaram seu próprio diretório acadêmico, chamado “Diretório acadêmico Onze de Outubro”, nome dado por ser o dia do início do Concílio Vaticano II, no ano de 1962. A data “11 de outubro” coincide com um outro evento: uma das invasões da Universidade de Brasília pela polícia em 1965, num contexto de crise institucional e amplamente reportada nos meios de comunicação de grande difusão, como os Jornais Folha de São Paulo³⁷³ e O Estado de São Paulo.³⁷⁴ A situação das universidades e as atividades

³⁶⁸ Livro de Atas do DAXIX, p. 27.54.73

³⁶⁹ *Ibid.*, p. 20

³⁷⁰ *Ibid.*, p. 59

³⁷¹ *Ibid.*, p. 68

³⁷² *Ibid.*, p. 45.47.50.54-58.63.68-69.71.73.85.87-88

³⁷³ A Folha de São Paulo fez diversas reportagens sobre a crise na UnB, com referências às prisões ocorridas em diversos momentos. Cf. PROSSEGUE a crise na Universidade de Brasília; mais prisões. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 out. 1965. Primeiro Caderno, p. 8. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=2000&anchor=4436401&origem=busca&originURL=&pd=70928fa75a4ed4e97bce15de68d71388>. Acesso em: maio 2021.

³⁷⁴ O jornal O Estado de São Paulo, na cobertura da crise, dava sempre voz ao reitor da universidade, fazendo silêncio sobre outras ações ocorridas. Cf. REITOR da UnB faz denúncias. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 12 out. 1965. Primeiro Caderno, p. 1. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19651012-27756-nac-0001-999-1-not>. Acesso em: maio 2021; REITOR explica situação da Universidade. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 12 out. 1965. Primeiro Caderno, p. 10. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pa->

dos movimentos estudantis faziam parte da rotina nas assembleias do DAXIX. Dentre as ordens religiosas mais atuantes no IFT, desde sua diretoria ao corpo discente, encontravam-se os dominicanos, no front dos movimentos e dos setores progressistas católicos. A Ação Popular, AP, ligada à JUC, JEC,³⁷⁵ UNE, PCB e, posteriormente, ao PCdoB, constituía-se como um movimento em ascensão.

A Ação Católica Mineira lançou, em princípios de 1962, o jornal “Ação Popular”, tendo a sua frente Herbert José de Souza, o Betinho, jucista³⁷⁶ militante. Aí se iniciou o planejamento de uma organização independente da hierarquia da Igreja e que surgiria efetivamente num encontro entre 31 de maio e 03 de junho, no convento dominicano em Belo Horizonte, com representantes de 14 estados. Entre os presentes estava o Padre Henrique Cláudio Lima Vaz, jesuíta, um dos mais importantes ideólogos do movimento. No ano seguinte, em São Paulo, tendo como diretor o dominicano Frei Josaphat, foi criado o jornal “Brasil Urgente”, outro importante difusor das ideias do movimento. Durante o regime militar, a AP enviou militantes para Cuba e para a China da “revolução cultural proletária” para estudar o processo revolucionário e receber treinamento nesses países. Isso, no entanto, criou uma disputa interna entre os dirigentes do movimento que divergiam quanto à organização da estratégia revolucionária mais adequada para a realização da “revolução brasileira”: a da “guerra popular prolongada”, de inspiração maoísta e defendida pela corrente liderada por Jair Ferreira de Sá; ou, conforme a outra corrente, liderada por Vinícius Caldeira Brant e Altino Dantas, os focos guerrilheiros. Considerando uma das apostilas encontradas na Biblioteca Padre Lebre, o movimento foi assim definido por seus militantes:

Ação Popular é a expressão de uma geração que traduz em ação revolucionária as ações fundamentais que assumiu como resposta ao desafio de nossa realidade e como decorrência de uma análise realista do processo social brasileiro, na hora histórica em que nos é dado viver.³⁷⁷

gina/#!/19651012-27756-nac-0010-999-10-not. Acesso em: maio 2021; REITOR da UnB refuta acusações insidiosas. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 13 out. 1965. Primeiro Caderno, p. 7. Disponível em: <https://acervo.es-tadao.com.br/pagina/#!/19651013-27757-nac-0007-999-7-not>. Acesso em: maio 2021.

³⁷⁵ Uma apostila de autoria anônima, com assinaturas de possíveis estudantes em algum encontro da JEC, entre os quais “Fernando de Brito”, encontra-se no acervo da Biblioteca Padre Lebre: A JEC é uma Revolução. Belo Horizonte: [s. n.], ago. 1956. P18-10, como que já assentando as bases para a formação da AP.

³⁷⁶ Integrante da Juventude Universitária Católica - JUC

³⁷⁷ AÇÃO Popular. P12-2. Apostila mimeografada. (Não datada). p. 1.

Em 1968, a corrente liderada por Vinícius Caldeira foi expulsa do movimento que, por sua vez, assumiu a orientação marxista-leninista-maoísta e se aproximou do PCdoB. Em 1971, a Ação Popular mudou o seu nome para Ação Popular Marxista-Leninista (APML³⁷⁸) e iniciou o processo de fusão com o PCdoB.³⁷⁹

Sob a mira do DOPS, o analista de informações do DOI-CODI fez um breve histórico do movimento num dossiê sobre a “APML”, de 1973.³⁸⁰ Conforme Mariana Joffily, os documentos desse órgão passavam por um analista de informações que aparece como “presença de um leitor atento, conhecedor dos meandros da repressão política, que busca complementar os dados que já possui e contribuir com as informações que dispõe”.³⁸¹ Ao elaborar um “Pequeno estudo sobre a Organização”, tendo como fontes os documentos internos do próprio movimento, já sob o nome de “Ação Popular Marxista-leninista do Brasil”, APMLdoB, o analista iniciou seu relatório classificando a Ação Popular, “como um partido pequeno-burguês, tendo como filosofia o chamado ‘Socialismo Cristão’, de ampla receptividade no seio do clero brasileiro”.³⁸² Além de Betinho e do Padre Henrique Cláudio Lima Vaz, acrescentou entre seus fundadores outras figuras como Paulo de Tarso e Almino Afonso. O movimento, composto inicialmente por ex-militantes da Juventude Universitária Católica (JUC), teria se apresentado como um “Movimento Socialista de Redenção Nacional”, uma vez que as injustiças sociais prevaleciam no Brasil com a exploração do homem pelo homem e

³⁷⁸ AÇÃO Popular Marxista-leninista. [197?]. Disponível em: <https://dibrarq.arquivonacional.gov.br/index.php/acao-popular-marxista-leninista-2>. Acesso em: maio 2021. Também aparece como “Ação Popular Marxista-Leninista do Brasil”, APMLdoB num dossiê do DOPS. Cf. DOPSSANTOSG00758. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/prontuarios/BR_SP_APESP_DEOPS_SAN_P002194_01.pdf. Acesso em: maio 2021. Prontuário 2194 – 1974.

³⁷⁹ Cf. AÇÃO Popular e a esquerda católica: um resgate. Entrevista especial com Fábio Pires Gavião. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos, 2007. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/9688-acao-popular-e-a-esquerda-catolica-um-resgate-entrevista-especial-com-fabio-pires-gaviao>. Acesso em: jun. 2021; AÇÃO Popular. Da Juventude Católica à opção pelo marxismo-leninismo. 2020. Disponível em: <https://documentosrevelados.com.br/historia-da-acao-popular-em-2013-se-comemorou-os-50-anos-de-fundacao-da-acao-popular-ela-teve-importante-papel-na-historia-da-esquerda-brasileira-desde-o-periodo-anterior-ao-golpe-de-1964-sua/>. Acesso em: maio 2021; AÇÃO Popular (AP). Rio de Janeiro: FGV: CPDOC, 2009. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/acao-popular-ap>. Acesso em: maio 2021.

³⁸⁰ Cf. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/DOPSSANTOSM03348.pdf>. Acesso em: jun. 2021. Documento do DOI-CODI que remete ao inquérito 44/73, Departamento Estadual de Ordem Política e Social - DEOPS - Polícia Civil. 274 p.

³⁸¹ JOFFILY, Mariana. A ‘verdade’ sobre o uso de documentos dos órgãos repressivos. **Dimensões**, Vitória, n. 32, p. 2-28, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/index.php/dimensoes/article/view/8316>. Acesso em: 15 maio 2021.

³⁸² Cf. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/DOPSSANTOSM03348.pdf>. Acesso em: jun. 2021. Documento do DOI-CODI que remete ao inquérito 44/73, Departamento Estadual de Ordem Política e Social - DEOPS - Polícia Civil, p. 2.

“aos jovens cabia o privilégio de ser sujeito e não objeto da história”. Dessa forma, o ponto de apoio do grupo era o movimento estudantil, os intelectuais e o clero “progressista”. Após uma gradativa radicalização ideológica, entre 1962 e 1964, de partido pequeno-burguês reformista tornou-se um partido pequeno-burguês revolucionário entre 1965 e 1967 com a elaboração de uma “estratégia revolucionária para o Brasil” que, na visão do analista, não passava de um plágio de uma obra de Mao Tse Tung, não citada. A partir de 1967, com as “Resoluções sobre o debate teórico e ideológico”, o movimento orientou-se para o marxismo-leninismo e investiu na captação de operários e camponeses. Com várias disputas internas, a tendência predominante foi de que a AP deveria se tornar um “Partido Popular de Vanguarda Revolucionária”, tornando-se um autêntico “partido proletário”. Em 1970, uma Carta da comissão executiva alertava para a repressão do governo sobre os integrantes e os conclamava à luta.³⁸³ De posse dos documentos internos do movimento e dos interrogatórios de alguns de seus membros, entre os quais, ex-alunos do IFT,³⁸⁴ obtidos muito provavelmente em sua maioria sob tortura, o analista vinculou a AP à VPR e ao PCdoB.

Duas apostilas anônimas e mimeografadas, uma intitulada “Ação Popular”³⁸⁵ e a outra “Ação Cultural”, têm tipos de máquina de datilografia e estilo de redação semelhantes. A primeira contém uma linguagem erudita e filosófica, supondo um público mais intelectual; a segunda, traz ideias semelhantes, porém numa linguagem mais simplificada visando a ação pastoral eclesiástica. Ambas devem ser documentos utili-

³⁸³ Cf. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/DOPSSAN-TOSM03348.pdf>. Acesso em: jun. 2021. Documento do DOI-CODI que remete ao inquérito 44/73, Departamento Estadual de Ordem Política e Social - DEOPS - Polícia Civil, p. 2-5.

³⁸⁴ Entre os alunos do IFT vinculados à AP nos documentos do DOPS estão: Antônio Ramos Gomes (cf. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/DOPSSAN-TOSM03348.pdf>. Acesso em: jun. 2021. p. 86-122); dentre os citados como vinculados à VPR e ALN está Sinval de Itacarambi Leão (cf. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/prontuarios/BR_SP_APESP_DEOPS_SAN_P006558_01.pdf. Acesso em: maio 2021; Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOP-SOS001057.pdf. Acesso em: maio 2021. p. 53.58.72, em recorte de jornal anexado ao dossiê de diversas organizações “terroristas”, entre as quais a VPR e a ALN; no depoimento de Frei Fernando de Brito, dominicano, preso em 19 de novembro de 1969, ele diz que a AP fora criticada entre os outros confrades no início de 1968 como sectarista e com marxismo contrário à religião, e o PCB como burocrático, dogmático e com muitas cisões internas. Por isso, o grupo dos dominicanos optara por atuar junto à ALN (cf. MF 30-Z-160, Pasta 29, p. 3184); Geraldo Rodrigues Álvares, aluno do IFT em 1968, fora preso em 1974 por suspeita de militância na APML. Cf. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEX-SNA001186.pdf. Acesso em: maio 2021.

³⁸⁵ AÇÃO Popular. Apostila mimeografada. P12-2. (não datada, 20 páginas).

zados pelo movimento da esquerda católica Ação Popular, que se definia como “movimento de ação revolucionária”³⁸⁶ e cujos objetivos foram assim expressos ao final do primeiro texto:

AAP opta, assim, basicamente, por uma política de preparação revolucionária, consistindo numa mobilização do povo, na base do desenvolvimento de seus níveis de consciência e organização, firmando esta mobilização numa luta contra a dupla dominação capitalista (nacional e internacional) e feudal. Fortalecendo progressivamente seus quadros, a AP desempenhará cada vez mais papel de promover e orientar cada mobilização apoiando-a em intervenções diretas e pela atuação coordenada de seus militantes dentro das estruturas atuais do poder. Ela se propõe a tarefa de elaborar com o povo, na base da contribuição desta, a nova sociedade.³⁸⁷

Segundo Michel de Certeau, o uso dessa categoria “povo” se tornou mais frequente a partir do século XVIII. Inicialmente, referia-se à oposição entre os “esclarecidos” pela racionalidade científica versus o “popular”, identificado então como “ignorante”. Com a Revolução Francesa, no entanto, “povo” tornou-se um “Deus oculto”, revolucionário por excelência.³⁸⁸ Após o Concílio Vaticano II, a categoria “Povo de Deus” ganhou força, assim como “Nova Sociedade”. O advento da Teologia da Libertação, a partir do início da década de 1970, dará grande impulso a essas categorias. Nela, a categoria “povo”, enquanto agente revolucionário, e o caráter utópico da “sociedade socialista” foram revestidos de uma interpretação teológica e escatológica cristãs.

O conteúdo e a linguagem do texto, como documento-base para os militantes do meio intelectual, contendo uma introdução e quatro capítulos, estão numa perspectiva da fenomenologia hegeliana e da dialética marxista, possivelmente uma influência ou elaboração do próprio Padre Henrique Cláudio Lima Vaz. A formação intelectual desse jesuíta era na metafísica clássica e se desenvolveu depois numa busca

³⁸⁶ *Id.*, p. 16.

³⁸⁷ *Id.*, p. 19, o texto sublinhado é do original;

³⁸⁸ Cf. DE CERTAU, Michel. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 179-182.

de compreensão e crítica da modernidade, utilizando-se do pensamento de Hegel e Marx para suas análises políticas.³⁸⁹

Assim como a Ação Católica se utilizava do método “Ver, julgar e agir”, a proposta metodológica da AP consistia em três momentos articulados em um só movimento: “Visão, opção e ação”. Propunha-se ao militante não ser simplesmente um espectador, mas sim, um ator consciente, num movimento “que, por sua vez, é luta, e só em termos de luta pode ser interpretado”.³⁹⁰ Tal combate seria pelo ser humano, deformado e desumanizado pelas forças sociais que o exploravam, aviltavam e mutilavam. O “compromisso único” do movimento seria, pois, com o ser humano, concretamente com o homem brasileiro, condenado prematuramente à morte sob a ameaça de fome e teto miserável, embrutecido e analfabeto. A expectativa do movimento era de que “só na consciência do humilhado e do escravo nascerá a flama da libertação”.³⁹¹ Um grupo de alunos do IFT elaborou um trabalho sobre a “Libertação do homem”,³⁹² com referências a artigos do Padre Lima Vaz. Essa visão de agente e construtor da História conflui com as discussões dos estudantes nas assembleias do IFT seja no incentivo à participação nas ações de resistência ao regime militar, seja na crítica interna daqueles que ficavam como meros “expectadores”.³⁹³ Nas discussões dos estudantes do DAXIX, desde 1967, realçou-se esse compromisso com o humanismo, contra o capitalismo e a tecnologia que “se esquecem” do ser humano.³⁹⁴

A abordagem histórica, evolucionista e teleológica, cuja finalidade seria atingir a socialização, não excludente de uma personalização nem da liberdade, conteria um ritmo dialético interno³⁹⁵ contra o projeto de exploração da natureza e dominação do

³⁸⁹ Cf. Disponível em: <http://www.padrevaz.com.br/index.php/biografia/depoimentos-sobre-lima-vaz/394-padre-vaz-filosofo-de-um-mundo-em-busca-de-sentido>. Acesso em: maio 2021.

³⁹⁰ AÇÃO Popular. Apostila mimeografada. P12-2. (Não datada). p. 1; como já dito anteriormente, o termo “luta” aparece com frequência nas atas do DAXIX, sobretudo nos anos de 1967 e 1968.

³⁹¹ *Id.*, p. 1; possivelmente uma referência à chamada “dialética do Senhor e do Escravo” na obra “Fenomenologia do Espírito”, de Hegel, fundamental no desenvolvimento do pensamento de Marx. Cf. HEGEL, G. W. F. A - Independência e dependência da consciência-de-si: dominação e escravidão. In: HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito**: Parte I. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 126-134.

³⁹² CLÉBER, Terezinha; ARISTEU, José Maurício. **Libertação do homem**: 1a. Parte. Texto datilografado. P19-20. (Não datado, 6 páginas). possivelmente do ano de 1968.

³⁹³ Livro de Atas do DAXIX, p. 85.

³⁹⁴ *Ibid.*, p. 50.

³⁹⁵ AÇÃO Popular. Apostila mimeografada. P12-2 (não datada). p. 2. Desde uma perspectiva da dialética hegeliana e marxista, o socialismo é destacado como uma evolução do capitalismo; a humanidade em fase de “socialização”

homem sobre o homem, incrementado pelo capitalismo industrial moderno. Frei Betto, frade dominicano, relatou uma discussão sua com o Padre Lima Vaz, na qual discor- dava do jesuíta quanto a essa primazia da liberdade num ambiente de pobreza e fome.³⁹⁶ Os processos econômicos surgiram como agentes mais poderosos de domi- nação ou de libertação, uma vez que se teciam sobre as necessidades do homem e sua sobrevivência. As leis do mercado, da acumulação e do lucro, acima de toda boa intenção, reta consciência ou assistência paternalista, seriam os responsáveis pelas distorções no processo evolutivo de socialização.

Dessa forma, tanto o socialismo como o capitalismo não seriam sistemas pura- mente abstratos, mas possibilidades concretas do homem em processo de socializa- ção. As relações capitalistas do mundo moderno, no entanto, teriam se constituído como forças poderosas e instrumentos gigantescos de exploração da natureza e acu- mulação de riquezas, pois a grande indústria absorvera a produção artesanal. Dentro das contradições do mundo moderno capitalista, porém, estariam contidos os elemen- tos que evoluiriam para o socialismo. O marxismo, como crítica ao capitalismo e inter- pretação teórica da passagem para o socialismo, fora implantado a partir de 1917 sobre um terço da humanidade. Devido às distorções ocorridas nas primeiras formas de implantação política dos ideais socialistas e comunistas, seria importante manter a exigência crítica do socialismo desde suas origens, dar primazia à realidade histórica em movimento sobre as limitações das ideologias. A AP assumiu o socialismo como um humanismo contra a alienação capitalista e ponto de convergência naquele mo- mento histórico.³⁹⁷ Como movimento, surgira exatamente quando o comunismo histó- rico passava por uma revisão interna tanto no leste europeu como na China. A guerra do Vietnã e os movimentos culturais de 1968 acirraram a crítica ao capitalismo e co- laboraram na formação da Nova Esquerda.³⁹⁸

aparece em fala de Frei Tito Alencar, como presidente do DAXIX na sua primeira assembleia em 1968 (cf. Livro de Atas do DAXIX, p. 65).

³⁹⁶ Depoimento de Frei Betto na CNV-2013.pdf, p. 27.

³⁹⁷ AÇÃO Popular. Apostila mimeografada. P12-2 (não datada). p. 3-6.

³⁹⁸ RIDENTI, Marcelo. 1968: rebeliões e utopias. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (org.). **O século XX: o tempo das dúvidas. Do declínio das utopias às globalizações**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civiliza- ção Brasileira, 2002. v. 3, p. 133-159; RIDENTI, Marcelo. Intelectuais e romantismo revolucionário. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 13-19, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-88392001000200003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/b6LpHRFprmYrBPDSfK9McCQ/>. Acesso em: 20 mar. 2020.

A apostila apresentou também uma perspectiva histórica latino-americana, enfatizando o capitalismo mercantil e a política colonial das nações ibéricas que submeteram o continente a um impiedoso processo extrativista de suas riquezas naturais. O capitalismo industrial se implantara tardiamente, porém, num momento de precária independência política e sob dominação econômica europeia e norte-americana. Esse se constituía essencialmente como fonte de matérias-primas dentro de um capitalismo mundial, no qual o continente permaneceu submetido aos interesses imperialistas. Uma característica da América Latina seria a alienação permanente de sua capacidade de auto decisão e de constituir-se como sujeito de sua própria história. A crise de 1929 precipitara as condições revolucionárias no Terceiro Mundo, fraco em sua estrutura econômica mundial, instável nos seus quadros sociais e sob investimentos estrangeiros predatórios, sobretudo dos EUA. Sobre a América Latina pesava ainda a dominação econômica, política e ideológica. Durante os anos 50, porém, iniciara-se a luta anti-imperialista, efetivada de modo radical na “Revolução Cubana”, posteriormente sob o esquema marxista-leninista.³⁹⁹ Sob a chave de compreensão de um projeto “nacional-estatista”, Daniel Aarão Reis contextualizou o avanço do socialismo na América Latina, na Ásia e na África nesse período sob a perspectiva da “esperança” e da “utopia terceiro-mundista”,⁴⁰⁰ que por sua vez suscitara também o medo ante o sucesso da Revolução Cubana e de outros movimentos de libertação nacional na China, no mundo árabe, no Vietnã e nas ex-colônias portuguesas.⁴⁰¹ Essa perspectiva de um estatismo nacionalista, socializante e popular, entendido como efetivação da democratização da propriedade privada e do poder perpassa também a síntese histórica que o texto faz da realidade latino-americana e brasileira.⁴⁰²

A revisão do marxismo, desde fins da década de 1950, com as críticas ao Partido Comunista e ao modelo soviético de socialismo, fortemente reprimidas durante a “Primavera de Praga” em 1968, e a busca de uma sociedade alternativa sob o jargão de um “Homem Novo”, expressão utilizada por Che Guevara referindo-se ao jovem

³⁹⁹ AÇÃO Popular. Apostila mimeografada. P12-2 (não datada). p. 7-8; a forma como a revolução cubana foi abordada sugere que o país já se encontrava sob o comunismo soviético.

⁴⁰⁰ REIS, Daniel Aarão, **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**, Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 2014, p. 18-27

⁴⁰¹ *Id.* **Ditadura Militar, esquerdas e sociedade**, p. 47; *Id.* A ditadura faz cinquenta anos: história e cultura política nacional-estatista. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). **A Ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 21-26.

⁴⁰² AÇÃO Popular. Apostila mimeografada. P12-2 (não datada). p. 15-18.

Marx, constituíram-se elementos da nova esquerda em ascensão, segundo M. Ridenti.⁴⁰³ Essa perspectiva filosófica, antropológica e revisionista sobre o Homem, a História e a Cultura, mas sob uma leitura hegeliana, típica do Padre Lima Vaz, está presente no texto. Nela, o ser humano foi discutido desde categorias como “sujeito”, consciência de si e do mundo, não podendo ser submetido à manipulação instrumental. A ação sobre a natureza, através do trabalho, num processo dialético de distintos momentos de consciência, revela a originalidade do ser humano: a possibilidade, o risco, o desafio, a aventura, a História e a cultura. Embora a cultura se constituísse como o espaço vital propriamente humano, existiria sempre o risco da degradação pela dominação. A História e a Cultura surgiriam da relação do ser humano, enquanto ser consciente e sujeito, com a natureza, que se daria como objeto de compreensão e transformação pelo trabalho. Essa relação aconteceria por vínculos sociais e de solidariedade. A ação humana uniria àquilo que foi feito, o produto, uma significação que o universalizaria. Ela se situaria no espaço da liberdade, da opção e do valor. Essa relação poderia, no entanto, degradar-se em dominação. A dialética interna da consciência entre a necessidade e a liberdade colocaria o ser humano num processo de libertação, personalização, socialização e universalização. Assim foram analisadas a Revolução Russa, as repúblicas populares e a revolução cubana: ruptura com o capitalismo, controle social dos meios de produção a fim de criar uma “democracia econômica real”. Os erros devido à ortodoxia rígida, no entanto, suscitaram a busca de novas experiências socialistas no leste europeu pós-Stalin. Ainda assim, mesmo nos processos revolucionários na América Latina, a existência de um partido único ou da ditadura do proletariado, seriam simplesmente circunstanciais, porém, necessários para executar o projeto estatista, nacionalista, popular e democrático.⁴⁰⁴

Com o foco voltado para o Brasil, o falido projeto estatista, nacionalista, popular e democrático, incapaz de mobilizar as massas, levou à discussão em torno de uma

⁴⁰³ RIDENTI, Marcelo. 1968: rebeliões e utopias. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (org.). **O século XX: o tempo das dúvidas. Do declínio das utopias às globalizações**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 3, p. 133-159; RIDENTI, Marcelo. Intelectuais e romantismo revolucionário. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 13-19, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-88392001000200003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/b6LpHRFprmYrBPDSfK9McCQ/>. Acesso em: 20 mar. 2020; RIDENTI, Marcelo. Cultura e comunistas no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 28, n. 80, p. 295-300, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142014000100025>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/3KRTT3tcqRK8SbbDjdZTYzz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2020.

⁴⁰⁴ AÇÃO Popular. Apostila mimeografada. P12-2 (não datada).p. 8-15;

estratégia revolucionária de acordo com as condições da estrutura brasileira, a “revolução brasileira”.⁴⁰⁵ Segundo M. Ridenti, o PCB iniciou essa discussão que, extrapolada para as múltiplas organizações de esquerda, divergia em diversos aspectos: o caráter nacional-democrático ou socialista; as formas do processo revolucionário pacífico ou armado; se armado, guerrilheiro ou insurrecional, centrado no campo ou na cidade; e quanto ao tipo de organização política para conduzir o processo revolucionário, se um partido marxista, leninista, maoísta ou uma organização guerrilheira.⁴⁰⁶ Tais divergências, nítidas nas fontes aqui pesquisadas, levaram à ruptura dentro da Ação Popular em 1968 e à sua definição posterior como APML, Ação Popular Marxista Leninista.

A análise da realidade brasileira, feita em moldes semelhantes à da América Latina, abordou a inserção e dependência em relação ao capitalismo internacional, o desequilíbrio social entre a miséria rural, o proletariado em formação, a urbanização descontrolada, a industrialização recente, a insuficiência das instituições políticas e jurídicas, e a emergência da sensibilização de setores das classes médias, com o surgimento de grupos progressistas e revolucionários. Tudo isso como parte de um processo evolutivo para uma socialização.⁴⁰⁷ Esses mesmos elementos sob essa ótica se encontravam presentes em outras fontes do clero como no abaixo-assinado intitulado “Carta de Belo Horizonte”,⁴⁰⁸ de agosto de 1967, e nos resultados de um seminário promovido pela CNBB sobre a encíclica “*Populorum Progressio*”, em maio de 1968.⁴⁰⁹ Os discursos da AP circulavam também entre o clero e reverberava forte em alguns setores.

⁴⁰⁵ *Id.*, p. 19; o dossiê do DOPS sobre a APML, a partir de 1971, ao elaborar o breve histórico do movimento, apresentou-o como defensor de uma revolução brasileira integrada à Revolução Mundial do Proletariado, orientada pelo Partido Comunista Chinês e pelo movimento comunista internacional. Cf. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/DOPSSANTOSM03348.pdf>. Acesso em: jun. 2021. p. 4.

⁴⁰⁶ RIDENTI, Marcelo. As oposições à ditadura: resistência e integração. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). **A Ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 32-33.

⁴⁰⁷ AÇÃO Popular. Apostila mimeografada. P12-2 (não datada). p. 16-19.

⁴⁰⁸ CARTA de Belo Horizonte, agosto de 1967. **Jornal Última Hora**, São Paulo, 24 out. 1967, 1o Caderno, p. 8(?). P13-3. Texto datilografado. (9 páginas).

⁴⁰⁹ SEMINÁRIO “*Populorum Progressio*”: Síntese dos grupos de trabalho. São Paulo: [s. n.], 07 de maio de 1968. P22-25. Texto datilografado. (20 páginas).

As estratégias do movimento propunham um processo revolucionário lento, progressivo pela via cultural: organização e conscientização das massas operárias e camponesas; utilização dos instrumentos de força e pressão radicalizados; diálogo com outros setores anti-imperialistas e revolucionários, apoio à radicalização das contradições do poder em vigência, atuação nos movimentos de cultura e alfabetização popular, de forma a acentuar entre operários e camponeses o espírito de luta. O movimento estudantil seria o agente principal nessa revolução cultural:

O movimento estudantil tem se fundado gradualmente numa linha de aliança com as classes populares e da remoção de obstáculos à criação de uma consciência revolucionária na intelectualidade. O próprio fato da radicalização de suas perspectivas é útil para demonstrar a possibilidade de avanços das organizações estudantis como órgãos de pressão e agitação política.⁴¹⁰

Toda a abordagem histórica, filosófica e ideológica da apostila visava a preparação revolucionária, com a participação de outros movimentos ou organizações de esquerda, sem espírito sectário ou discriminatório. O intuito seria, assim, afirmar a integridade da luta político-ideológica e situar a militância da AP na vanguarda da ação revolucionária. Segundo E. Verón, o processo entre a produção de um discurso e o seu reconhecimento, entre os enunciadores e os leitores implicam imagens de quem fala, imagens para quem o discurso é dirigido, as leituras e os efeitos possíveis, sem, no entanto, uma relação de causalidade necessária. Uma vez que “ler é fazer”, importa sobretudo compreender as razões pelas quais se lê.⁴¹¹

Numa conjuntura de profundas mudanças sociais, políticas, culturais e eclesiais, em 1968, a radicalização de alguns estudantes do IFT no DAXIX, quanto à participação nos movimentos estudantis e no congresso da UNE, teve momentos tensos e com troca de acusações. Mesmo sob pressão das forças policiais, o movimento

⁴¹⁰ AÇÃO Popular. Apostila mimeografada. P12-2. (Não datada). p. 20.

⁴¹¹ VERÓN, Eliseo. Quando ler é fazer: a enunciação no discurso da imprensa escrita (1992). In: VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. cap. 8, p. 215-238.

estudantil ganhava força, expressava o descontentamento social e tornava os estudantes, segundo M. Ridenti,⁴¹² os agentes mais visíveis da oposição ao regime militar. Nas eleições da nova diretoria do DAXIX em 14 de agosto de 1968, as chapas concorrentes se chocaram com emoções afloradas entre os estudantes. Frei Tito, ainda presidente, e sua diretoria foram acusados de impor suas posições e ações políticas. A solução para uma transição entre as chapas concorrentes se deu pela criação de uma “diretoria interina” até que nova assembleia eletiva pudesse se realizar.⁴¹³ À nova diretoria coube a organização dos grupos de discussão visando a realização do XXX Congresso da UNE, em Ibiúna, São Paulo, prevista para meados de outubro seguinte. O ambiente de desânimo e desinteresse entre os estudantes do IFT, como registrado nas duas assembleias realizadas no início de setembro era bastante generalizado.⁴¹⁴ O texto da AP possivelmente fosse de conhecimento de poucos estudantes do IFT. Algumas de suas ideias, no entanto, circulavam e suscitavam adesão de uns e contestação em outros, como é perceptível nas falas registradas nas atas, mormente durante o ano de 1968.

A outra apostila, intitulada “Ação Cultural”,⁴¹⁵ elaborou um estudo estratégico, de matiz marxista, gramsciano e talvez com inspiração na “Pedagogia do Oprimido”, de Paulo Freire.⁴¹⁶ O texto não cita os autores e visava a formação de agentes populares de pastoral, pois contém muitas referências bíblicas numa linguagem bastante simplificada e acessível a um público analfabeto ou pouco alfabetizado. Cita também dados do Chile,⁴¹⁷ local de exílio de Paulo Freire por cinco anos, desde 1964, e onde escreveu “Pedagogia do Oprimido”.⁴¹⁸ Se num primeiro momento, o movimento “Ação Popular” pretendia uma ação fora dos ambientes e do controle eclesiástico, essa

⁴¹² RIDENTI, Marcelo. As oposições à ditadura: resistência e integração. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). **A Ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 35.

⁴¹³ Livro de Atas do DAXIX, p. 75-80

⁴¹⁴ *Ibid.*, p. 85-88

⁴¹⁵ AÇÃO Cultural. P12-1. Apostila mimeografada. (Não datada, 9 páginas).

⁴¹⁶ A obra “Pedagogia do Oprimido”, de Paulo Freire, foi lançada em 1968. Expressões como “invasão cultural”, “agentes de transformação”, “ação” como práxis transformadora e síntese cultural remetem a esta obra do autor.

⁴¹⁷ AÇÃO Cultural. P12-1. Apostila mimeografada. (Não datada). p. 2. Nas fontes selecionadas, há como que um triângulo de veiculação de ideias em vista de uma renovação da Igreja Católica sob a perspectiva social de viés marxista: Setores da Igreja Católica no Brasil (movimentos como a AP, o IFT, setores da vida religiosa, como os dominicanos), pensadores católicos chilenos e o centro de documentação em Cuernavaca, México, sob a orientação de Ivan Illich.

⁴¹⁸ <https://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/paulo-freire/>. Acesso em: fev. 2023.

apostila se apresenta como uma ação pastoral popular da Igreja, um braço estratégico na execução de uma ação revolucionária cultural. Certamente, o texto é de ou posterior a 1968, pois faz uma referência ao transplante de coração.⁴¹⁹ Na época ainda uma novidade, o primeiro transplante de coração ocorreu em 03 de dezembro de 1967, pelo médico Christiaan Barnard, na África do Sul. A forma como trata as estratégias e a linguagem utilizada sugerem elementos que constituirão a Teologia da Libertação, o que situaria o texto próximo ao início da década de 1970. As discussões dos estudantes no diretório acadêmico, sobretudo a partir do segundo semestre de 1967, no entanto, já continham elementos semelhantes ao conteúdo desse texto, quando se buscava uma nova forma de ser teólogo num mundo capitalista em processo de revolução socialista e de se estar junto com as camadas populares.⁴²⁰

Assim como outros textos anteriores, o conteúdo da apostila traz uma visão binária da sociedade, ou seja, de um lado, um grupo minoritário e dominador participante nas estruturas de poder, e, de outro, um grupo majoritário dominado sem participação nos meios e estruturas desse poder. Entre eles, no entanto, existiria os setores “médios”, os “herodianos”,⁴²¹ uma nova representação da classe média e suas ambiguidades, utilizando-se da expressão bíblica. Esses teriam vindo do polo dominado, participariam de alguma forma dos privilégios dos dominantes através do emprego público, estudos ou apadrinhamento, imitariam o estilo de vida dos países ricos, mas viveriam em tensão, pois, apesar dos privilégios a que teriam acesso, viveriam os problemas dos povos dominados. A síntese histórica da América Latina e da evangelização visava mostrar ambas como dominação europeia: “Evangelizar era colonizar exatamente porque se identificava o conquistador como o que era portador da civilização cristã”.⁴²²

O autor, em determinados momentos, utiliza o “eu”, tratando-se de forma singular; em outros momentos, quando se identifica como “cristão”, utiliza o “nós”; em se

⁴¹⁹ AÇÃO Cultural. P12-1. Apostila mimeografada. (Não datada). p. 3.

⁴²⁰ Livro de Atas do DAXIX, p. 49-51.54-56.68-70

⁴²¹ Referência ao partido dos defensores da política de Herodes, o grande (73-04 a.C.), e que se constituiu como um dos opositores de Jesus. A figura de Herodes igualmente era ambígua, uma vez que não era judeu, mas edomita, reinou sobre Israel apoiado pelo império romano. Cf. Disponível em: https://www.ebiografia.com/herodes_i_o_grande/. Acesso em: fev. 2023.

⁴²² AÇÃO Cultural. P12-1. Apostila mimeografada. (Não datada). p. 1.

tratando de uma apostila pastoral identifica-se, assim, com seu público-alvo. Após identificar os meios de comunicação, os bancos, a propriedade privada dos meios de produção e do acesso à cultura como formas de dominação, o texto propõe uma democratização da cultura e o acesso dos analfabetos à participação no poder.⁴²³ Figura em destaque na apostila é o “Agente de transformação”, termo repetido frequentemente em todo o texto, cuja ação se assemelha a de um “apóstolo”.⁴²⁴ As suas estratégias de ação junto ao povo foram apresentadas desde a perspectiva das categorias “invasão cultural”,⁴²⁵ “submissão cultural”⁴²⁶ e “síntese cultural”,⁴²⁷ tendo como referência bíblica o diálogo entre Deus e Moisés, no capítulo 3 do livro do Êxodo, uma das passagens de maior referência na constituição futura da Teologia da Libertação. Sob os mesmos parâmetros do livro do Êxodo, a ação cultural foi apresentada como construção da “Nova Sociedade”,⁴²⁸ cujo sujeito “coletivo” seria o “povo”, mediante um processo revolucionário, cujos “custos” em relação à violência precisariam ser minimizados.⁴²⁹ Um dos sinais de “reconhecimento” da ação do agente de transformação, que consistia em “conscientizar”, e da luta popular seria quando estes passassem a ser considerados como “comunistas”.⁴³⁰ Talvez esteja aí uma possível referência a uma frase muito difundida de D. Hélder, quando passou a sofrer difamação após críticas ao regime militar a partir de 1965: “Quando dou pão aos pobres, me chamam de santo. Se mostro por que os pobres não têm pão, me chamam de comunista e subversivo”.⁴³¹ Um outro elemento presente na apostila é o relativismo entre cultura e fé, numa crítica à “civilização cristã ocidental”, que teria confundido essas categorias, constituindo a estrutura religiosa rígida, tradicional e “velha”, em oposição a um novo

⁴²³ Os analfabetos tiveram direito ao voto somente em 1985 com a Emenda Constitucional número 25, de 15 de maio de 1985, aprovada com 423 votos na Câmara dos deputados e 61 votos no Senado Federal. Cf. BRASIL. **Emenda Constitucional nº 25, de 15 de maio de 1985.** Altera dispositivos da Constituição Federal e estabelece outras normas constitucionais de caráter transitório. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc_anterior1988/emc25-85.htm. Acesso em: out. 2022.

⁴²⁴ AÇÃO Cultural. Apostila mimeografada. P12-1. (Não datada). p. 2.

⁴²⁵ *Id.*, p. 1.3.5. Cf. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17.ed., Rio de Janeiro, 1987, p. 78-107 (versão em PDF). O capítulo 4 dessa obra tem como um dos focos discutir a “invasão”, a “manipulação” e a “síntese” cultural.

⁴²⁶ AÇÃO Cultural. Apostila mimeografada. P12-1. (Não datada). p. 3

⁴²⁷ *Ibid.*, p. 3.

⁴²⁸ Mesma expressão ao final da apostila AÇÃO Cultural. Apostila mimeografada. P12-1. (Não datada). p. 19.

⁴²⁹ *Id.*, p. 5-6; a questão dos “custos” humanos em uma revolução é também uma das referências ético-morais nos outros textos já apresentados no capítulo anterior

⁴³⁰ *Id.*, p. 7.

⁴³¹ Cf. <https://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/dom-helder-camara/>. Acesso em: fev.

humanismo emergente na Igreja.⁴³² O relativismo moral também é outro elemento presente no final da apostila, quando o termo “moralismo”, enquanto “serena esfera dos princípios”,⁴³³ expressão hegeliana, constou como um dos obstáculos ao processo revolucionário.

Embora as discussões entre os estudantes do IFT no DAXIX considerassem a “revolução” numa perspectiva política, o momento pós-concílio foi assumido também como uma oportunidade de uma “revolução” interna na estrutura eclesial, no modo de compreender e praticar a fé e a religião. “Consciência” social, comprometimento com a “Justiça” e um humanismo gerador de indignação ante a situação política e econômica estiveram como apelos para o engajamento nas manifestações e para uma nova forma de ser “teólogo” no mundo, entre os anos de 1967 e 1968.⁴³⁴ O ambiente teológico acadêmico fora do convento, com bibliografias novas e atualizadas, com uma estrutura intercongregacional na diretoria, no corpo docente e discente, transformou o modo de perceber os símbolos religiosos, inclusive as vestes eclesial, e de vivenciar as relações hierárquicas tanto entre formadores e formandos, professores e alunos, como entre os religiosos do IFT e o Cardeal Arcebispo D. Agnelo Rossi,⁴³⁵ segundo os entrevistados. A proposta de uma “revolução cultural” em âmbito interno à Igreja Católica, de alguma forma, efetivava-se através do IFT.

Como apostila de difusão da Ação Popular e formação de “agentes de transformação”, o conteúdo da “Ação Cultural” mostra a opção do movimento por um processo revolucionário cultural a longo prazo e agindo como uma ação pastoral dentro da Igreja Católica. Diferentemente, outros grupos cogitaram a guerra ou a guerrilha armada como forma de execução imediata da revolução e ainda assim projetando um processo a longo prazo, estabelecendo as fases no seu planejamento. Assim aparecem

⁴³² AÇÃO Cultural. Apostila mimeografada. P12-1. (Não datada). p. 6-7.

⁴³³ *Id.*, p. 6. Essa expressão se refere à discussão de Hegel, em *Fenomenologia do Espírito*, no capítulo VI, quando esse filósofo trata sobre o Espírito a partir do reino tranquilo da eticidade em oposição à tensão que se estabelece na prática dos princípios éticos, ou seja, a moralidade, desde o indivíduo ao Estado de Direito. Cf. HEGEL, G. W. F. *O Espírito*. In: HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito**: Parte II. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 7-10. O Padre Henrique Cláudio Lima Vaz fez a apresentação dessa publicação em português; é um especialista em filosofia hegeliana e foi um dos fundadores e integrante do movimento “Ação Popular”. Provavelmente, ele tenha colaborado ou seja o autor da apostila.

⁴³⁴ Livro de Atas do DAXIX, p. 56-57.62-64.69.71-72

⁴³⁵ Entrevista com Sr. RL; Entrevista com Padre PHG; Entrevista com Padre LRB; Entrevista com Professor CARN

num material da Vanguarda Popular Revolucionária, a VPR, e noutro do Partido Comunista do Brasil, o PCdoB. Provavelmente, esses textos sejam um indício da proximidade da AP com a VPR e com o PCdoB em fins da década de 1960 e início da década seguinte. As diferenças entre eles estavam no entendimento das formas do processo revolucionário, se pela cultura ou pelas armas; de quem seriam os seus agentes, entre eles o papel das classes populares, a saber, os camponeses e os operários, das classes médias e dos intelectuais; e qual seria o partido político a dirigir todo esse processo, se um já existente, mesmo que na clandestinidade, ou outro a ser formado num futuro próximo. Mesmo aqueles que optaram pela luta armada mantiveram, além de suas estratégias de guerra, o foco na educação e na formação do partido político visando o poder para consumir todo projeto revolucionário.⁴³⁶ Segundo Daniel Aarão Reis:

A partir de 1967, através da expropriação de armas e de dinheiro, começou a tomar corpo uma outra organização revolucionária, a Ação Libertadora Nacional (ALN), constituída por ex-militantes do PCB e dirigida por Carlos Marighella. Em 1968, paralelamente às passeatas estudantis, e sem ligação orgânica com elas, a ALN e outras organizações afins, como a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), já atuavam, atacando bancos e instituições comprometidos com a ditadura, executando representantes do regime e realizando operações de agitação e propaganda protegidas pelas armas (propaganda armada).⁴³⁷

Pulverizada em vários movimentos, as ações de “expropriação de armas e de dinheiro” e de execução de representantes do regime,⁴³⁸ caracterizados e minimiza-

⁴³⁶ cf. RIDENTI, Marcelo. As oposições à ditadura: resistência e integração. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). **A Ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 33.

⁴³⁷ REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 72.

⁴³⁸ Há uma tendência generalizada entre os historiadores desse período, alinhados com as ideologias de esquerda, em utilizar esses termos da esquerda revolucionária como uma espécie de eufemismo para significar assaltos, roubos, assassinatos, sequestros, praticados por esses grupos, alegando que seus fins eram meramente “políticos”. Acentuam os excessos do governo militar e sempre minimizam os excessos das organizações armadas, realçando o caráter da desigualdade de forças e da repressão dos aparelhos de Estado. Cf. REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 71-92; cf. também *Id.* **Ditadura Militar, esquerdas e sociedade**, p. 52-62.

dos como crime político e maximizados como feitos de resistência heroica, eram práticas estabelecidas nesses grupos de esquerda radical. “Pequenas ações” de “organizações muito pequenas”, marcadas pelo “ineditismo e pelo simbolismo do desafio”, provocando sempre uma “imensa repercussão midiática”, nutrindo a “utopia do impasse”. Assim é a leitura feita por Daniel Aarão Reis e, de forma semelhante, por Marcelo Ridenti, praticamente banalizando as ações violentas por eles praticados. A forma como estes historiadores trataram as ações dos movimentos de esquerda radical os coloca num mesmo alinhamento, quase que num “acorde”, em relação aos documentos da VPR e do PCdoB, que projetaram tais estratégias para desacreditar e desmoralizar o regime militar.

AAP consistia num movimento que tinha entre seus orientadores alguns frades dominicanos. Em São Paulo, um dirigente expressivo da esquerda progressista no clero o dominicano era Frei Carlos Josaphat com o “Brasil Urgente”, jornal dirigido por ele.⁴³⁹ Entre os estudantes do IFT, Frei Tito Alencar manteve contato com esse jornal ainda como estudante secundarista e líder da Ação Católica.⁴⁴⁰ Posteriormente, quando estava preso pela Operação Bandeirantes em 1970, devido às implicações em atividades na Ação Libertadora Nacional, ALN, e no “Caso Marighella”, seu nome foi incluído na lista dos exilados no Chile, em troca da libertação do embaixador suíço Giovanni Enrico Bucher.⁴⁴¹ O sequestro desse diplomata fora uma ação organizada pela VPR, sob o comando de Carlos Lamarca, no dia 07 de dezembro de 1970, no Rio de Janeiro. Sua liberdade ocorreu sob a exigência de uma troca por 70 presos políticos.⁴⁴² Outro estudante do IFT, registrado nos documentos do DEOPS como tendo contatos com a ALN e as ações da VPR, igualmente envolvido no “Caso Marighella”, procurando vinculá-lo a estes grupos, foi Sinval de Itacarambi Leão, preso e depois absolvido pela justiça militar.⁴⁴³ O diretório acadêmico do instituto tinha à frente, desde o segundo semestre de 1967, Frei Tito Alencar e Frei Domingos Guimarães; o diretor do IFT em 1968 era Frei José de Freitas Neves, todos dominicanos e talvez

⁴³⁹ SOUZA, Ney de (org.). **Catolicismo em São Paulo: 450 anos de presença da Igreja Católica em São Paulo (1554-2004)**. São Paulo: Paulinas, 2004.

⁴⁴⁰ **Pasta 37 (MF 30-Z- 160)**, p. 4844; **Pasta 38 (MF 30-Z-160)**, p. 4999

⁴⁴¹ DOPSSANTOSL01067 - n° prontuário: 9951– digitalizado no dia 05 de abril de 2022, p. 3

⁴⁴² Cf. Disponível em: <http://fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/bucher-giovanni-enrico>. Acesso em: maio 2021.

⁴⁴³ Cf. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOPSOS001057.pdf. Acesso em: maio 2021.

integrados à AP. As discussões entre os estudantes indicam também a familiaridade de alguns, não só dominicanos, com a AP e, talvez, com outros movimentos de guerrilha armada.

O texto “Vanguarda Armada e Massas na Primeira Fase da Revolução”⁴⁴⁴ traz como autor “Jamil Rodrigues”, um dos codinomes de Ladislau Dowbor.⁴⁴⁵ O material está incompleto; inicia-se na página 10 até 22 e não contém data de publicação; traz referências aos anos de 1968 e 1969 e talvez seja de fins de 1969. Em manuscrito, na última página está anotado: “Apud Temps Modernes”, provavelmente, publicado na revista francesa “Les Temps Modernes”, de grande alcance durante a Guerra Fria, e tinha Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir como nomes a ela vinculados em seu corpo editorial.⁴⁴⁶

A VPR foi definida como uma organização armada que contribuiu para uma mobilização no interior das esquerdas e nas “minorias conscientes”. O grupo, cujo nome fora criado em 1966,⁴⁴⁷ já contaria com três anos de experiência em combate e

⁴⁴⁴ RODRIGUES, Jamil. **Vanguarda armada e massas na primeira fase da revolução**. P24-11. Texto datilografado. (Não datado, 13 páginas).

⁴⁴⁵ Ladislau Dowbor nasceu em 1941 em Banyoles, cidade localizada na fronteira entre França e Espanha. Filho de pais poloneses, imigrou junto com a família para o Brasil em 1951. Em 1964 viajou para Israel, onde viveu em semiclandestinidade com a companheira Pauline Reichstul, assassinada pela ditadura civil-militar em 1973. Retornou ao Brasil no final da década de 1960 ingressando no Comando Nacional da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR). Preso pelo DOI-CODI em 21 de abril de 1970, sem registro oficial de sua prisão, foi interrogado e torturado no DEOPS/SP. Em junho de 1970 foi banido para a Argélia juntamente com outros 43 companheiros trocados pelo embaixador alemão sequestrado em uma ação conjunta de organizações da esquerda. Viveu no exílio durante 11 anos com passagem por vários países na África e Europa. Formado em Economia Política e doutor em Ciências Econômicas, trabalhou durante o exílio como conselheiro técnico das Nações Unidas e como consultor do Secretário Geral da ONU na área de Assuntos Políticos Especiais. Retornou ao Brasil em 1981 e foi professor titular em economia e administração na PUC-SP. (cf. <http://memorialdaresistencia.org.br/entrevistas/ladislau-dowbor/>) Acesso em: maio de 2021

⁴⁴⁶ Cf. Disponível em: <https://www.gallimard.fr/Catalogue/GALLIMARD/Revue-Les-Temps-Modernes#> . Acesso em: 2 mar. 2023.

⁴⁴⁷ A data de origem do grupo é discutível. “O nome do grupo, criado em 1966, foi dado por Joaquim Quartim, também idealizador da estratégia de luta. Em dezembro de 1968, durante um congresso da VPR, o grupo optou pela luta armada com ações nos centros urbanos e planos de articulação e guerrilha rural”. Cf. Disponível em: <https://www.infoescola.com/ditadura-militar/vanguarda-popular-revolucionaria/>. Acesso em: maio 2021.

“Organização político-militar criada em 1968 por dissidentes da Política Operária (Polop) e ex-integrantes do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), em sua maioria estudantes e ex-militares. Seu objetivo era lutar contra o regime militar instalado no Brasil em abril de 1964, após a derrubada do governo constitucional de João Goulart. Seu principal líder foi o capitão Carlos Lamarca”. Cf. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbete-tematico/vanguarda-popular-revolucionaria-vpr>. Acesso em: maio de 2021. “Não é tarefa fácil definir com clareza o momento em que a VPR foi fundada. Pedro Lobo (codinome de Jason de Oliveira) faz um relato a partir da versão de militante que foi um dos fundadores da VPR. De origem militar, junto com Onofre Pinto, ambos tinham afinidades com o Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR)”. SILVA, Carla Luciana.

teria se constituído como uma organização eficaz e instrumento de luta no que chamaram de primeira fase da revolução. Esses anos, sob o ambiente intelectual e ideológico que Daniel Aarão Reis chamou de “utopia do impasse” e M. Ridenti colocou como “romantismo revolucionário”, segundo os dirigentes da VPR teriam sido suficientes para mostrar a possibilidade de uma organização armada no Brasil, mas não a sua eficácia política, por ser ainda um grupo muito reduzido e difamado pela imprensa “imperialista”. O documento propôs estabelecer as medidas necessárias para romper o isolamento das massas e definir melhor os objetivos políticos, estratégicos e táticos.⁴⁴⁸ Com o endurecimento da repressão pelo regime militar, os movimentos expressos de resistência haviam sido desmantelados, sobretudo após 1968 e o AI5. Mesmo o movimento estudantil ficou afetado após a prisão dos estudantes no XXX Congresso da UNE em Ibiúna e o clima de medo instaurado.⁴⁴⁹

A situação da luta armada “na América Latina” foi analisada no texto exatamente sob o viés do “impasse” tanto militar como político. De um lado, a repressão sobre os movimentos de luta armada repercutiriam e tornariam os regimes militares insuportáveis, arruinando assim o seu prestígio. De outro, as guerrilhas não teriam a necessária repercussão política para desafiar os regimes militares. Daí demandaria a necessidade de reagrupar as forças de oposição em uma vanguarda revolucionária, tendo como base um exército e uma política populares. A partir de ações locais que evidenciassem a vulnerabilidade do governo, procurar-se-ia uma abrangência nacional. Daí a necessidade da propaganda da luta armada e da organização da guerrilha, com grupos especializados em sabotagem econômica e militar, como tática regular e estratégica, que, no entanto, constituíssem-se também como um partido político nacional. Esse partido fundamentaria suas ações na educação popular em grande escala e nos acordos com as autoridades, de forma a isolar o governo e fazer avançar a ditadura do proletariado, numa frente de luta a partir das cidades, enquanto teatro

Vanguarda Popular Revolucionária: massas, foquismo e repressão. **História, Debates e Tendências**, Passo Fundo, v. 19, n. 3, p. 492-512, 2019.

O ano de 1968 foi decisivo nas formas de ação da organização, com sua fusão e união com outros grupos revolucionários.

⁴⁴⁸ RODRIGUES, Jamil. **Vanguarda armada e massas na primeira fase da revolução**. p. 10 (a numeração das páginas segue a que consta no documento).

⁴⁴⁹ Cf. RIDENTI, Marcelo. 1968: rebeliões e utopias. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (org.). **O século XX: o tempo das dúvidas**. Do declínio das utopias às globalizações. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 3, p. 149-153.

principal da vida política e econômica. A conquista das camadas populares, através de infiltrados nas usinas, indústrias e favelas, dar-se-ia à medida que o governo se tornasse cada vez mais impopular e esses outros setores, movidos por consciência política e revolta, tivessem condições de apreciar sua própria combatividade. O recrutamento nas camadas populares, facilitado pela popularização da luta armada, teria como objetivo a inserção e a formação de um quadro de pessoal político-militar, organizado, eficaz, diversificado em quadros menores atuantes em áreas como universidades, faculdades, bairros, favelas, usinas, fábricas e indústrias, e capazes de perceber o espírito das camadas da população e de criar as condições políticas favoráveis.⁴⁵⁰

A organização de todo aparato revolucionário para a primeira fase da luta armada exigiria investimentos apreciáveis: equipamentos, armas, vanguarda de segurança, redes de contato com os outros setores da organização, serviços de imprensa para evitar o isolamento e uma complexa infraestrutura administrativa, com vários postos de trabalho. Nessa fase, o fundamental consistiria em distribuir os “quadros” do movimento de massa nas usinas e nos setores econômicos mais representativos como as instituições de ensino universitário, os bairros populares e as favelas, estabelecendo relações constantes para perceber o estado de espírito das diversas camadas da população. A formação de “quadros” mais avançados visaria a execução de um trabalho de agitação política, seguido de um trabalho militar de preparação.

Ele [membro do quadro de pessoal avançado] deverá examinar no lugar em que ele trabalha e em que habita a possibilidade de eventuais ações armadas que possam ir, segundo as circunstâncias, de sabotagens e expropriações às simples distribuições de panfletos. Deverá também notar o número de guardas, as vias de acesso, os nomes e endereços dos diretores e proprietários, os números de seus carros, o nome de seus ‘gorilas’, etc.⁴⁵¹

Com estratégias semelhantes, os frades dominicanos presos sob acusação de participarem da ALN, no grupo liderado por Carlos Marighella, teriam sido incumbidos

⁴⁵⁰ RODRIGUES, Jamil. **Vanguarda armada e massas na primeira fase da revolução**. p. 10-18.

⁴⁵¹ *Id.*, p. 18; “gorila” era gíria comum sobretudo entre os movimentos de esquerda para designar os militares durante o regime militar no Brasil.

por ele em abril de 1968 na execução de um levantamento político, militar e topográfico no norte do Estado de Goiás até Imperatriz, no Maranhão. O convento dominicano em Conceição do Araguaia, no sul do Estado do Pará, seria uma base de apoio⁴⁵² e as despesas foram financiadas por Marighella. Esse levantamento consistia em “saber a localização e a disponibilidade de efetivos policiais e militares nessas regiões”,⁴⁵³ visando estudar a viabilidade do emprego de guerrilhas no local. Os seguintes frades participaram dessa tarefa: Frei Oswaldo, Frei Fernando, Frei Tito, Frei Yves, Frei Ratton, o seminarista Nestor e um outro, chamado Hélio. Exceto Frei Oswaldo e Frei Fernando, que eram padres, os outros eram seminaristas e estudavam no IFT. Frei Tito e Frei Ratton foram para Goiânia. Dali, dirigiram-se para Araguacema, Araguaína, Tocantinópolis e Imperatriz, além de vilas intermediárias. Durante o levantamento, que durou 17 dias, alugaram veículos, utilizaram taxis e ônibus para se locomoverem e dormiram em casas paroquiais. Através de conversas informais com autoridades locais, como párocos, prefeitos e policiais, obtinham as informações. Cada grupo fez um relatório, entregue depois a Frei Oswaldo que elaborou o relatório final para Marighella.⁴⁵⁴

A VPR contava com a ação armada como um instrumento de propaganda à medida que criasse um clima de tensão, de expectativa ou agitação. Ações de sabotagem, como destruir uma central elétrica, o sequestro para exigir a soltura de presos políticos, o confisco de víveres estavam entre as estratégias para atrair a simpatia popular.⁴⁵⁵ A presença da organização armada seria mais efetiva nos momentos de crise para levar as massas a se identificar com ela e suas aspirações de liberdade, de dignidade, de bem-estar. Em todo recrutamento, o foco estaria em conhecer e avaliar os indivíduos politizados “capazes de obedecer a critérios mais rígidos”⁴⁵⁶ para uma fase posterior como partido organizado. A guerrilha urbana e propaganda armada,

⁴⁵² Conforme o depoimento de Frei Betto in **MF 30-Z- 160**, Pasta 37, p. 4956, ele não participou desse evento por estar com a saúde debilitada. Na p. 4958, teria dito que o Convento em Conceição do Araguaia teria sido definido por Marighella, em contato com Frei Catão, então prior provincial, como “área estratégica” para abrigo de pessoas procuradas pela polícia e outros integrantes da ALN.

⁴⁵³ **MF 30-Z- 160**, Pasta 37, p. 4842 (relatório das atividades “esquerdistas” de Frei Tito Alencar)

⁴⁵⁴ **MF 30-Z- 160**, Pasta 38, p. 4997, Depoimento de Frei Tito Alencar – 20 de novembro de 1969.

⁴⁵⁵ RODRIGUES, Jamil. **Vanguarda armada e massas na primeira fase da revolução**. p. 20.

⁴⁵⁶ *Id.*, p. 18.

com a utilização da imprensa em níveis interno, para as massas e para setores específicos, estratégias essenciais para a VPR, em relação ao apoio político foram assim descritas:

A guerrilha urbana é uma forma de luta que aproveita do apoio político (franco-atiradores, combate de ruas, concentrações e dispersão rápida das forças, etc), enquanto a propaganda armada é um meio para a vanguarda obter o apoio político para suas ações.⁴⁵⁷

Embora os movimentos de esquerda revolucionária tivessem se constituído num “mosaico”⁴⁵⁸ ou numa “miríade”⁴⁵⁹ de organizações divergentes entre si, com tendência a agir isoladamente, eles estavam atentos às ações de uns e de outros. Referindo-se ao PCdoB e a propaganda da luta armada:

O Partido Comunista do Brasil lançou recentemente na Radio de Tirana um excelente manifesto, explicando ao povo a necessidade de se organizar: como formar grupos, como pôr em stock as armas, como realizar ações elementares e guardar a clandestinidade, que importância dar à guerrilha rural e aos movimentos de massa, etc.⁴⁶⁰

Durante a Guerrilha do Araguaia, o então coronel Lício, que coordenou as ações do Exército Brasileiro nessa operação entre 1972 e 1973, vinculado ao Centro de Informações do Exército, CIE, sob o codinome “Doutor Asdrúbal”,⁴⁶¹ disse, em uma de suas obras,⁴⁶² ter confiscado a aparelhagem de uma rádio clandestina no convento dos dominicanos na região. Interceptada pelo Exército, essa rádio mantinha contatos com o Partido dos Trabalhadores da Albânia, em Tirana, e difundia a propaganda da

⁴⁵⁷ *Id.*, p. 19

⁴⁵⁸ RIDENTI, Marcelo. As oposições à ditadura: resistência e integração. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). **A Ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 30-47. p. 33.

⁴⁵⁹ REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 59.

⁴⁶⁰ RODRIGUES, Jamil. **Vanguarda armada e massas na primeira fase da revolução**. p. 19.

⁴⁶¹ Disponível em: <http://memorialdaresistencia.org.br/pessoas/licio-augusto-ribeiro-maciell/> Acesso em: fev. 2023.

⁴⁶² MACIEL, Lício. **Guerrilha do Araguaia: relatos de um combatente**. São Paulo: Ed. Schoba, 2008.

guerra armada e do socialismo, tal como a VPR e o PCdoB estabeleciam em seus projetos.

Uma organização armada, segundo Jamil Rodrigues, não poderia deixar de ter três componentes essenciais: um serviço de informação e pesquisa interno trabalhando em relação estreita com seus quadros no movimento de massa, uma imprensa eficaz e uma guerrilha tática reduzida e especializada em sabotagem. Era necessário assegurar que os “quadros” nos movimentos de massa não fossem destruídos, “enquadrando” diretamente as massas ou as organizações de massa. Propunha-se evitar o idealismo, realizando um vasto trabalho de educação política juntamente com outras organizações ou grupos de vanguarda que contribuíssem para a unificação do movimento revolucionário.⁴⁶³ Após essa unificação, o processo revolucionário visaria a organização política, a tomada do poder e sua manutenção. Ao projeto de uma luta armada, somava-se o engajamento de intelectuais, artistas e dramaturgos que se embrenhavam nas diversas vias do sistema para opor-se a ele utilizando-se de outras armas para difundir o socialismo que, após a Primavera de Praga, buscava “uma face humana”.⁴⁶⁴

Juntamente com esse documento parcial da VPR, um caderno⁴⁶⁵ em formato brochura, datilografado e mimeografado a álcool, tendo como autoria o Comitê Central do Partido Comunista do Brasil, traz o projeto do grupo sobre sua opção pela luta armada segundo uma orientação maoísta. Esse texto, de 1969, provavelmente se relaciona à aproximação entre Ação Popular e o PCdoB, uma vez que ambos optaram

⁴⁶³ RODRIGUES, Jamil. **Vanguarda armada e massas na primeira fase da revolução**. p. 21-22.

⁴⁶⁴ RIDENTI, Marcelo. 1968: rebeliões e utopias. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (org.). **O século XX: o tempo das dúvidas. Do declínio das utopias às globalizações**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 3, p. 152-155; RIDENTI, Marcelo. Intelectuais e romantismo revolucionário. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 13-19, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-88392001000200003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/b6LpHRFprmYrBPDSfK9McCQ/>. Acesso em: 20 mar. 2020; RIDENTI, Marcelo. Cultura e comunistas no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 28, n. 80, p. 295-300, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142014000100025>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/3KRTT3tcqRK8SbbDjdzTYzz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2020; RIDENTI, Marcelo. Cultura e política: enterrar os anos 60? In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 25., 2001, Caxambu. **Anais [...]**. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/25-encontro-anual-da-anpocs/st-4/st06-3/4582-mridenti-cultura/file>. Acesso em: 20 mar. 2020; RIDENTI, Marcelo. Intelectuais e artistas brasileiros nos anos 1960/70: “entre a pena e o fuzil”. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 185-195, jan.-jun. 2007. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1457>. Acesso em: 20 mar. 2020.

⁴⁶⁵ COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. **Guerra Popular: caminho da luta armada no Brasil**. Rio de Janeiro: [s. n.], jan. 1969. P16-15. Texto mimeografado. (52 páginas).

por seguir uma linha marxista-leninista e, no final da década, passaram a integrar em seu perfil ideológico as contribuições de Mao Tse Tung.⁴⁶⁶ A opção pelas classes populares como agente e por um processo revolucionário adaptado à cultura brasileira⁴⁶⁷ são pontos de convergência entre ambos. Considerando alguns elementos da história do Brasil e do status quo econômico e social sob a perspectiva socialista naquele momento, o documento traçou o projeto e as expectativas desse setor da esquerda sobre a luta armada visando a implantação de um modelo comunista, apresentando-se como um movimento nacional, democrático e anti-imperialista em relação aos Estados Unidos e Europa Ocidental⁴⁶⁸ numa perspectiva semelhante à do “nacional-estatismo” discutido por Daniel Aarão Reis.⁴⁶⁹ O foco e a linguagem do documento se encontram no futuro, qual a de uma utopia executável, dentro de um contexto de forte repressão. O recurso às armas como única alternativa para derrubar o regime militar⁴⁷⁰ se adequa ao que Daniel Aarão Reis chamou de “utopia do impasse” e Marcelo Ridenti de “romantismo revolucionário”. Tratava-se de um momento de polarizações extremas e intensificação programada de crises institucionais através da guerrilha, da formação de um exército popular e do uso de sabotagens.⁴⁷¹

Os líderes pelo PCdoB se pronunciaram como voz do “povo brasileiro” ao apresentar de forma dicotômica a situação do país sob o regime militar: ditadura, opressão, assassinatos e torturas de presos políticos, ataques às universidades, igrejas e conventos, detenção de padres, movimento estudantil na clandestinidade, censura aos intelectuais, discriminação dos políticos de oposição. Em todo documento, o uso das categorias “povo” e “popular” como reprimidos é abundante. “O povo brasileiro, que sempre desejou construir uma pátria livre da opressão, da miséria e do atraso não aceita o infame regime que vigora no Brasil”.⁴⁷² Isso justificaria os protestos contra o

⁴⁶⁶ *Ibid.*, p. 3. Na Biblioteca Padre Lebrecht encontra-se também um caderno mimeografado a álcool em formato brochura com um texto traduzido de Mao Tse Tung, **Sobre a ditadura democrática popular**, P4-26

⁴⁶⁷ *Ibid.*, p. 9. O Comitê propôs organizar uma guerra armada como “guerra do povo”. Cf. sobre a “Revolução brasileira”: RIDENTI, Marcelo. As oposições à ditadura: resistência e integração. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). **A Ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 30-47. p. 32-33.

⁴⁶⁸ *Ibid.*, p. 3-8.

⁴⁶⁹ REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 17-46.

⁴⁷⁰ COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. **Guerra Popular: caminho da luta armada no Brasil**. Rio de Janeiro: [s. n.], jan. 1969. P16-15. Texto mimeografado. (52 páginas). p. 3.

⁴⁷¹ *Ibid.*, p. 30-39.

⁴⁷² *Ibid.*, p. 2.

“banditismo dos militares” e o “imperialismo ianque”. A situação exigia a derrubada da ditadura através da luta armada sob o slogan “Socialismo ou barbárie”.⁴⁷³ Uma carta do “Comitê de Solidariedade aos Presos Políticos do Brasil”, de fevereiro de 1973, sem nenhuma assinatura, dirigida “Aos bispos do Brasil” se manifestou à Igreja Católica como “defensora e representante dos que NÃO TÊM VOZ”.⁴⁷⁴ Ante a repressão dos “anos de chumbo”⁴⁷⁵ e o recuo da esquerda, estrategicamente esses grupos que se colocavam como “voz” do povo brasileiro recorreram à Igreja Católica e utilizaram-se de sua força moral, fazendo-a “voz” do que não tinham mais voz.

A leitura da História do Brasil elaborada pelo comitê do PCdoB, apresentada de forma muito sintética, realçou as lutas promovidas desde a criação do Partido Comunista do Brasil em 1922.⁴⁷⁶ Teria sido graças a ele a ascensão das massas até 1964 e a aquisição de experiência suficiente para a luta armada ante o regime militar e para a formação de um exército popular. A tática de guerrilha durante a fase inicial da guerra armada, teria sua base histórica nos movimentos de resistência como os quilombos, Canudos e Contestado.⁴⁷⁷ A experiência recente de prática do foquismo devia seu fracasso ao idealismo “burguês”.⁴⁷⁸ Se a guerrilha tinha manifestações semelhantes na história do país, o exército popular seria uma novidade e o grande investimento do partido.⁴⁷⁹ As contradições sociais e econômicas entre o ambiente rural atrasado e o urbano moderno, entre o litoral mais povoado e o interior desabitado levou o PCdoB a agregar o estilo maoísta de guerra popular aos seus projetos de movimento revolu-

⁴⁷³ REIS, Daniel Aarão, **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 74.

⁴⁷⁴ COMITÊ DE SOLIDARIEDADE AOS PRESOS POLÍTICOS DO BRASIL. **Aos bispos do Brasil**. fev. 1973. P12-13. Texto datilografado. (6 páginas).

⁴⁷⁵ Expressão utilizada para o período inicial de execução do AI5, entre os governos dos generais Costa e Silva e Médici. Cf. REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 79-92.

⁴⁷⁶ COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. **Guerra Popular: caminho da luta armada no Brasil**. Rio de Janeiro: [s. n.], jan. 1969. P16-15. Texto mimeografado. (52 páginas). p. 23-28. A dissidência interna no Partido Comunista Brasileiro, PCB, que deu origem ao Partido Comunista do Brasil, ocorreu em 18 de fevereiro de 1962, tendo à frente João Amazonas, Maurício Grabois e Pedro Pomar, constituindo-se o primeiro partido comunista latino-americano a aproximar-se do Partido Comunista Chines sob Mao Tsé-Tung. A partir de 1966, dedicou-se a estruturar a guerrilha na região do Araguaia. Cf. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/pcdob-nasce-e-prega-cerco-a-cidade-pelo-campo>. Acesso em: 15 mar. 2023.

⁴⁷⁷ *Ibid.*, p. 15.

⁴⁷⁸ *Ibid.*, p. 25-26.

⁴⁷⁹ *Ibid.*, p. 7.

cionário e de guerra armada a longo prazo, partindo do interior, do campo e das camadas populares.⁴⁸⁰ Daí o realce ao projeto como “guerra do povo” e “guerra de libertação”⁴⁸¹ convergindo com a VPR quanto ao uso das armas e das táticas de guerrilha e com a AP, quanto ao processo revolucionário de caráter prolongado e popular. Operários, camponeses e assalariados seriam as forças motrizes, aproveitando-se da combatividade adquirida pelo movimento estudantil, conforme já havia sido definido pela VI Conferência Nacional do Partido, realizada em junho de 1966.⁴⁸² Assim, apesar da opção pelos camponeses, a organização popular nas cidades teriam também um papel ativo.⁴⁸³ Após a revisão de ações históricas, o comitê do partido percebeu, assim como os líderes da VPR, que para forjar a união do povo e organizar as massas seria necessária uma organização política; e tal, obviamente, era o Partido Comunista,⁴⁸⁴ com o apoio do Partido Comunista Chinês e do Partido dos Trabalhadores da Albânia.⁴⁸⁵ Como que num grito de guerra, com a atenção projetada para o futuro utópico, o documento termina:

Que os militares fascistas e os imperialistas ianques espumem de ódio! A guerra popular será uma realidade! E o povo vencerá!⁴⁸⁶

A orientação do PCdoB desde 1966 por uma guerra popular, aproximando-se do maoísmo, focando sua atenção no campo, porém tendo como apoio os movimentos populares junto aos operários e assalariados urbanos e o movimento estudantil encontrava reflexos nos mesmos moldes nas discussões dos estudantes do IFT no DAXIX em 07 de agosto de 1968,⁴⁸⁷ sob a presidência de Frei Tito Alencar, dominicano e secretariada por Terezinha de Lisieux Vasconcelos. Frei Tito levantara a questão das “faixas largas” de inserção da Igreja e dos estudantes de Teologia no mundo e no Brasil cada vez mais urbano. Não só o movimento estudantil, mas também o meio rural e operário, seriam áreas de engajamento do “ifitiano”, enquanto aquele que daria

⁴⁸⁰ *Ibid.*, p. 11.

⁴⁸¹ *Ibid.*, p. 9.13.

⁴⁸² *Ibid.*, p. 10-11.46.

⁴⁸³ *Ibid.*, p. 48.

⁴⁸⁴ *Ibid.*, p. 30-46.

⁴⁸⁵ *Ibid.*, p. 52.

⁴⁸⁶ *Ibid.*, p. 52.

⁴⁸⁷ Livro de Atas do DAXIX, p. 70-75.

uma “orientação” nesses meios.⁴⁸⁸ Na linguagem da AP, o estudante de Teologia, atuaria como um “agente de transformação”. Ermélio, outro estudante, levantou a questão da necessidade do engajamento dos estudantes de Teologia no Movimento Revolucionário para não ficarem apenas como meros expectadores, ante a violência reinante.⁴⁸⁹ Antônio Alves salientou que isso era parte da função profética, essencialmente cristã. Para José Aparecido, o cristão teria que se identificar com as classes mais oprimidas, tais como os operários e os camponeses. Aurélio levantou os problemas no meio rural, tratados dentro do “Movimento camponês” e da necessidade de “entrar de sola” contra a opressão.⁴⁹⁰ Jarbas destacou que estudantes, intelectuais e padres não eram agentes revolucionários, uma vez que estes seriam apenas “pequenos burgueses”. Esses setores poderiam apenas apoiar a luta dos operários e camponeses. “Zé” Luiz apoiou a fala de Jarbas para quem operários e camponeses seriam os realizadores da revolução, porém, os intelectuais e os universitários seriam os agentes verdadeiramente conscientes. As discussões teóricas intermináveis, no entanto, para ele, atravancavam a conscientização do povo.

Os intelectuais devem ser o incentivadores da Revolução que o povo realizará, sob a influência deles.⁴⁹¹

O estudante “Teodoro”, nome religioso do beneditino Sinval Itacarambi Leão, em ata de 25 de abril de 1967,⁴⁹² levantou a questão dos convênios e planos dos países desenvolvidos para “segurar e abafar os subdesenvolvidos” como a grande guerra “e não a luta entre EUA e Rússia”.⁴⁹³ Tais convênios eram pauta de discussão no diretório acadêmico, mormente no ano de 1967, sobretudo devido ao acordo MEC-USAID⁴⁹⁴ e aos projetos que culminaram na reforma universitária em 1968. Nesse contexto da Guerra Fria e das medidas econômicas e de apoio às ditaduras pelos EUA

⁴⁸⁸ *Ibid.*, p. 71.

⁴⁸⁹ *Ibid.*, p. 71.

⁴⁹⁰ *Ibid.*, p. 72.

⁴⁹¹ *Ibid.*, p. 73.

⁴⁹² *Ibid.*, p. 49-51.

⁴⁹³ *Ibid.*, p. 50.

⁴⁹⁴ *Ibid.*, p. 46.50; cf. também FRANZON, Sadi. Os acordos MEC-USAID e a Reforma Universitária de 1968 – As garras da águia na legislação de ensino brasileira. In: EDUCERE - CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 12., 2015, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: PUCPR, 2015. p. 40619-40632. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/plugin-file.php/5070059/mod_resource/content/1/ACORDOS%20MEC%20USAID%20E%20REFORMA%20UNIVERSIT%C3%81RIA%20DE%201968.pdf. Acesso em: jun. 2021.

para manter sua hegemonia sobre a América Latina na segunda metade da década de 1960, quando setores radicais da esquerda brasileira partiram para a efetivação das ações de guerrilha e movimentos armados contra o regime militar, um outro texto, provavelmente da AP, tratou da chamada “Operação Triângulo”.⁴⁹⁵ No documento, fez-se uma crítica a essa “operação” na linha da vigilância, da desconfiança e dos ataques às tentativas promovidas sobretudo pelos EUA no sentido de impedir o avanço do comunismo através de medidas econômicas e sociais de cunho “capitalista”, tais como a “Aliança para o Progresso” e o “Plano Camelot”,⁴⁹⁶ no Chile, e a “Operação Simpático”,⁴⁹⁷ na Colômbia. Texto incompleto, em manuscrito consta “Frei Chico”⁴⁹⁸ e “Doação Fr. Benevenuto Sta Cruz - 28/2/72”, ambos frades dominicanos. O documento carimbado com a insígnia da Escola Dominicana de Teologia, tem a anotação “Eclesiol. (Dout. Social Ig.),⁴⁹⁹ indicando assim as disciplinas onde fora utilizado.

A referência ao “Seminário Triângulo” realizado entre 21 e 26 de janeiro de 1965 em Santiago do Chile, sob o patrocínio do Partido Democrata Cristão, como iniciador da “operação” pode situar a produção do texto nos fins da década de 1960. Em 11 pontos, o autor, que fala em nome de um grupo de “brasileiros interessados na libertação de nosso povo”,⁵⁰⁰ mostra como se articulou a “Operação Triângulo”, quais eram os seus objetivos e registra as posições tomadas em relação a ela pelo grupo que a discutiu. A crítica ao projeto foi feita sob a perspectiva da “libertação” frente aos EUA, ameaçado em sua hegemonia. O objetivo central do documento seria o de revelar a “Operação Triângulo” como uma forma de ideologia de dominação sob a aparência de

⁴⁹⁵ TRIANGLE Operation: o que se deve saber sobre os fundamentos da “Operação Triângulo” e seus objetivos no Brasil. P24-2. Texto datilografado. (Não datado, 12 páginas).

⁴⁹⁶ Cf. ROMERO, Ramiro Hernández. La polémica del Proyecto Camelot em Chile. **De Raíz Diversa**, Mexico, v. 7, n. 13, p. 111-136, en.-jun. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.22201/ppela.24487988e.2020.13.72349>. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/Deraizdiversa/2020/vol7/no13/5.pdf>. Acesso em: fev. 2023

⁴⁹⁷ Citada no texto, buscas realizadas na internet não me deram nenhuma informação a respeito dessa operação.

⁴⁹⁸ Provavelmente o mesmo “Frei Chico”, cuja prisão motivou a manifestação dos estudantes do IFT em frente ao DEOPS, no dia 03 de agosto de 1967, como solidariedade aos frades dominicanos. Cf. Livro de Atas do DAXIX, p. 56. Segundo a reportagem “Preventiva para 7 do Grupo Marighella”, no jornal “Correio da Manhã”, do dia 06 de novembro de 1969, primeiro caderno, p. 9, Frei Chico já não era mais frade dominicano e teria sido o iniciador do esquema que envolveu frades dominicanos com a ALN. Cf. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_07&pagfis=105341&url=http://memoria.bn.br/docreader# Acesso em: fev. 2023.

⁴⁹⁹ TRIANGLE Operation: o que se deve saber sobre os fundamentos da “Operação Triângulo” e seus objetivos no Brasil. P24-2. Texto datilografado. (Não datado, 12 páginas). p. 1.

⁵⁰⁰ *Ibid.*, p. 12; o termo “libertação” encontrava-se em difusão sobretudo dentro da AP e de determinados setores da Igreja Católica, sob influência da obra “Pedagogia do Oprimido” de Paulo Freire, e das discussões em torno da encíclica “Populorum Progressio”, do Papa Paulo VI, como já abordado anteriormente.

garantir a liberdade, com as contribuições da ciência e da técnica. O padre Vekemans,⁵⁰¹ jesuíta belga, que viveu no Chile de 1956 a 1971, recebeu as críticas do grupo por ser o organizador da operação, quem inclusive lhe deu o nome e que prestava assim um “desserviço” aos povos latino-americanos.⁵⁰² As críticas foram dirigidas também ao Partido Democrata Cristão chileno e a Eduardo Frei como aliados das estratégias norte-americanas e canal financeiro do projeto para frear o avanço socializante de Allende. Além de diversas fundações norte-americanas, entre as quais a Fundação Rockefeller e a Fundação Ford, o projeto contou também com o apoio de instituições alemãs como o Instituto de Solidariedade Internacional e a Miserior. Tendo o Partido Democrata Cristão chileno como catalizador dos recursos, o projeto visava estender suas ações a outros países da América Latina, entre os quais, o Brasil⁵⁰³ como “promoção popular”, com a criação de sindicatos e cooperativas entre operários e camponeses e com financiamentos de projetos industriais num período de cinco anos. A partir de parâmetros conceituais como a “Justiça” e seu imperativo categórico e o marxismo como “justa revolta dos oprimidos”, diz o documento:

Como de costume o imperialismo chama por outros nomes a profunda exigência de justiça das massas latino-americanas e tentam sufocar em nome da Democracia Cristã a justa revolta dos oprimidos.⁵⁰⁴

O projeto contemplava também a contratação de economistas, advogados, cooperativistas, agrônomos; aquisição de equipamentos de escritório e veículos financiados pela Miserior. E tudo isso com apoio de organismos cristãos, como o Seminário

⁵⁰¹ Segundo Iraneidson Santos Costa, o Padre Vekemans tinha uma intensa atuação social em obras e revistas dirigidas pelos jesuítas desde uma perspectiva conservadora. Cf. COSTA, Iraneidson Santos. Entre o espectro aterrorizante do comunismo e as desigualdades sociais: teoria e prática dos Centros Sociais da Companhia de Jesus na América Latina (1950-1966). *História Unisinos*, São Leopoldo, v. 25, n. 1, p. 94-107, jan.-abr. 2021. DOI: doi: 10.413/hist.2021.251.08. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/hist.2021.251.08/60748263>. Acesso em: fev. 2023.

⁵⁰² TRIANGLE Operation: o que se deve saber sobre os fundamentos da “Operação Triângulo” e seus objetivos no Brasil. P24-2. Texto datilografado. (Não datado, 12 páginas). p. 1.

⁵⁰³ *Ibid.*, p. 2-3

⁵⁰⁴ *Id.*, p. 8; a linguagem binária como termos como “opressor” / “oprimido” se assemelha aos outros documentos elaborados pela AP.

realizado no Brasil de 01 a 09 de abril de 1966, tendo como um dos líderes principais Tibor Sulik,⁵⁰⁵ alinhado à democracia cristã, com a seguinte estratégia:

A Operação utilizará como ideologia a democracia cristã e orientará seus trabalhos fundamentalmente para as regiões de tensão social mais aguda, onde tentará aplicar a ideologia da submissão mascarada de 'humanização' democrata cristã que serve na prática à liberdade dos dominadores, à liberdade do capitalismo.⁵⁰⁶

O propósito de impedir a “ameaça marxista”, apresentando-a sob a forma de um espantinho e perigo, nada mais seria para esse grupo que uma estratégia dos interesses capitalistas que se utilizavam da democracia cristã em nome da liberdade para desarticular a “luta de libertação dos povos subdesenvolvidos da América Latina”.⁵⁰⁷ Mesmo que a operação tivesse dificuldades no Brasil até surgirem as possibilidades de sua implantação através de uma complexa articulação de instituições e líderes internacionais como Tibor Sulik, o grupo apresentou sua crítica à Operação Triângulo como um dever em denunciar e desmascarar o que considerava seus verdadeiros propósitos.⁵⁰⁸

Esse texto, mesmo que não tenha sido usado diretamente no IFT indica que dentro de certos ambientes teológicos ou pastorais tais discussões estavam presentes, como no âmbito da Eclesiologia e da Doutrina Social da Igreja. Ao menos os estudantes dominicanos, que eram os líderes do DAXIX, e alguns frades da diretoria do IFT, estariam, possivelmente, à par de tais discussões e poderiam ser seus propagadores e incentivadores.

⁵⁰⁵ Tibor Sulik (1927-2013) nasceu na Tchecoslováquia, sindicalista militante, fundador da “Comissão Brasileira Justiça e Paz”, da CNBB. Cf. Disponível em: <https://www.radiocoracao.org/noticias/falece-fundador-da-comissao-brasileira-justica-e-paz>. Acesso em: maio 2021.

⁵⁰⁶ TRIANGLE Operation: o que se deve saber sobre os fundamentos da “Operação Triângulo” e seus objetivos no Brasil. P24-2. Texto datilografado. (Não datado, 12 páginas). p. 11.

⁵⁰⁷ *Id.*, p. 11.

⁵⁰⁸ *Id.*, p. 12.

6. Outras questões em emergência: a urbanização, a mulher, o homem do campo

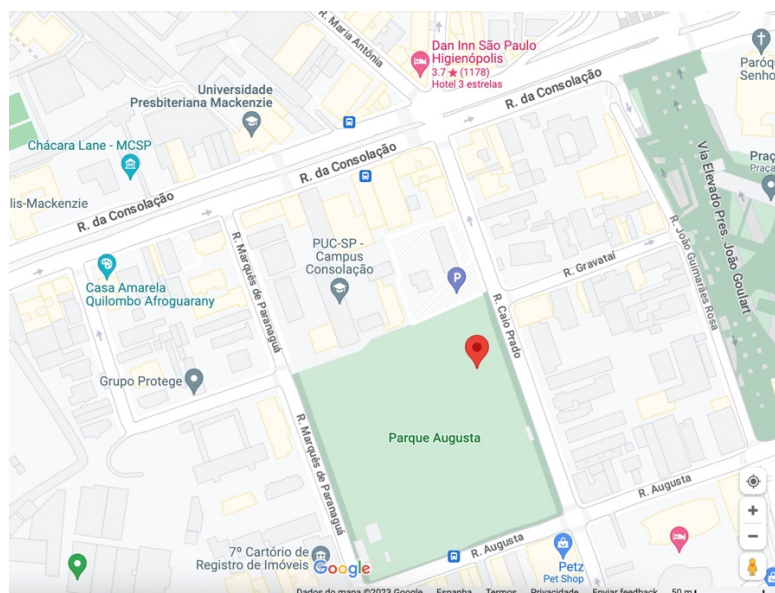
Da série de fontes relativas ao contexto histórico, algumas fazem referência a temas diversos de debates e discussões emergentes na década de 1960. O IFT, localizado na região central de São Paulo, funcionando no Colégio Des Oiseaux, no bairro da Consolação até o ano de 1967, e depois no Convento carmelita, no bairro da Bela Vista nos dois anos seguintes, estava imerso numa grande metrópole em fase de rápido e descontrolado crescimento. Os bairros da Consolação e República se caracterizavam como um polo artístico, cultural, intelectual e universitário. Muitos cinemas, teatros, bares, cafés, livrarias e sede de grandes jornais nessa região e proximidades dinamizavam a vida cultural de São Paulo. Ali se concentravam e, às vezes, confrontavam-se estudantes da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, FFLCH, da USP, na Rua Maria Antônia, enquanto universidade pública, da Universidade Mackenzie, na Rua da Consolação, enquanto universidade confessional presbiteriana, e, ainda nas proximidades, no bairro de Perdizes, a Pontifícia Universidade Católica.

Cenário de muitos eventos do movimento estudantil, por ali circulavam professores e intelectuais que foram cassados pela onda repressiva do regime militar, sobretudo após o AI5, em fins de 1968. Dentre esses estiveram professores renomados como Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, Octávio Ianni, Paula Beiguelman, José Arthur Giannotti, Mário Schenberg, Emília Viotti e Ada Natal Rodrigues. “Outras unidades e instituições científicas pagaram seu tributo ao autoritarismo”, disse o Professor emérito da FFLCH José de Souza Martins.⁵⁰⁹

Antes dos grandes movimentos juvenis e dos anos críticos de 1968 e 1969, Marialice Mencarini Foracchi já se dedicava aos estudos em torno da juventude, sua busca de ascensão social e a atuação ambígua da classe média em transformação. Tanto nas discussões acadêmicas como nas expressões artísticas, temas como o amor livre, a liberação sexual, a contestação às convenções da família tradicional e

⁵⁰⁹ MARTINS, José de Souza. 1968, nas entrelinhas do silêncio. *Jornal da USP*, São Paulo, 11 out. 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/1968-nas-entrelinhas-do-silencio/>. Acesso em: 04 abr. 2023.

do modelo de sociedade patriarcal emergiam de forma polêmica e explosiva. Os conflitos entre os próprios estudantes, como os ocorridos na chamada Batalha da Rua Maria Antônia em 03 de outubro de 1968, iniciaram-se, segundo o Professor José Martins de Souza, no ano anterior. Outras universidades, além da USP, passavam por momentos semelhantes de conflitos internos entre os estudantes, de reforma universitária e de resistência ao regime militar. Tais situações eram também calorosas e tensas em universidades confessionais como a Mackenzie e a PUC. José Dirceu, líder da UNE, estudante de Direito da PUC e um dos organizadores do movimento estudantil, era uma das figuras em destaque.⁵¹⁰



Fonte: Extraído do *Google Maps*.

Figura 2. Mapa atual com a localização do Parque Augusta, onde era o Colégio Des Oiseaux

No prédio do Colégio Des Oiseaux, na Rua Caio Prado, em linha contínua com a Rua Maria Antônia, separadas pela Rua da Consolação, as Cônegas de Santo Agostinho mantiveram também o Instituto de Filosofia, Ciências e Letras “Sedes Sapientiae”. Primeira Faculdade de Filosofia aprovada pelo governo federal em 1932, o Instituto Sedes Sapientiae iniciou suas atividades no ano seguinte e inaugurou a sede

⁵¹⁰ MARTINS, José de Souza. 1968, nas entrelinhas do silêncio. *Jornal da USP*, São Paulo, 11 out. 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/1968-nas-entrelinhas-do-silencio/>. Acesso em: 04 abr. 2023.

própria em 1942, no mesmo quarteirão, porém, situada na Rua Marquês de Paranguá. A partir de 1946, integrou-se à Pontifícia Universidade Católica.⁵¹¹ Nesse mesmo ambiente geográfico do Colégio Des Oiseaux e do Instituto “Sedes Sapientiae”, as Cônegas de Santo Agostinho mantinham o Centro de Estudos Teatrais para suas alunas. Posteriormente, em 1971, a sede do Instituto Sedes Sapientiae foi cedida à PUC de São Paulo.⁵¹² O Colégio Des Oiseaux encerrou suas atividades em 1969 e o prédio foi demolido em 1974. Até então, essas entidades das Cônegas de Santo Agostinho visavam a educação, a profissionalização e a emancipação das jovens mulheres da elite paulista. Por ali passaram algumas figuras muito conhecidas, como a socióloga e ex-primeira-dama D. Ruth Cardoso, e a ex-prefeita de São Paulo Marta Suplicy.⁵¹³



Figura 3. Demolição do Colégio Des Oiseaux - Acervo do Estadão⁵¹⁴

A demolição do Colégio Des Oiseaux foi o reflexo de uma cidade que, numa autofagia, destruía sua memória em nome de uma modernização e de uma reorganização urbana. Um dos entrevistados, o Sr. RL, em tom de lamento, disse:

Era um prédio centenário. Realmente, eu não quero imaginar que São Paulo fez isso com aquele prédio. Era um marco histórico, era pra ser um museu; era pra ser tudo, menos virar sucata.

⁵¹¹ Cf. Disponível em: <http://condephaat.sp.gov.br/benstombados/antigo-instituto-de-filosofia-ciencias-e-letras-sedes-sapientae/> . Acesso em: mar. 2023.

⁵¹² Cf. Disponível em: <https://www5.pucsp.br/puc-tour/consolacao.php> . Acesso em: mar. 2023.

⁵¹³ Cf. Disponível em: <http://m.acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,era-uma-vez-em-sp-colegio-des-oiseaux-,11116,0.htm> . Acesso em: maio 2021.

⁵¹⁴ Disponível em: <http://m.acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,era-uma-vez-em-sp-colegio-des-oiseaux-,11116,0.htm> Acesso em: maio 2021.

Realmente é lamentável! E o terreno está lá abandonado; ninguém é dono de nada e também não sei o porquê que colocaram no chão aquilo.⁵¹⁵

O mesmo Sr. RL, lembrou o complexo educacional mantido pelas Cônegas de Santo Agostinho onde “fazia palestras para as meninas da Madre Iva” sobre temas da época. Como gratificação, e dando risadas, recebia “um pacote de cigarro Luiz XV”.⁵¹⁶ Acrescentou ainda, sob as incertezas da memória:

No Colégio da Madre Iva, ao lado do Des Oiseaux...tinha uma parte que era da PUC ali, não sei se era ... naquela época era clássico ou científico; tinha aulas ali, então eu ia. Eram só meninas, né. Então eu fazia palestras lá.⁵¹⁷

Sobre a atuação cultural avançada das Cônegas de Santo Agostinho, o incentivo das atividades teatrais e o cenário acadêmico diversificado e tenso, que teria influenciado o IFT, assim disse o ex-aluno Padre LRB:

Parece que não ... mas a presença das irmãs da Congregação de Nossa Senhora ... dos agostinianos ... das Cônegas de Santo Agostinho. Eram religiosas de uma linha de frente, ao lado ficava uma entrada para a Marquês de... Marquês de Paranaguá... ficava a Faculdade “Sedes Sapientiae”. Nessa época, o TUCA, o Teatro da Universidade Católica, ganhou prêmio em Paris, no Festival Mundial do Teatro Universitário ... a PUC – São Paulo. A Marquês de Paranaguá, junto com o IFT, a faculdade das irmãs Cônegas de Santo Agostinho, que depois pra passou pra PUC, encenaram, junto com estudantes do IFT, a peça “As troianas”, de Eurípedes, que teve muita assistência. Foi uma peça de muito sucesso na época. Quer dizer, você percebe que essa colaboração com... essa proximidade com a Marquês de Paranaguá, com Filosofia da USP, com Mackenzie menos ... a gente ficou sabendo tudo que aconteceu no Mackenzie depois que mataram o estudante lá ... na briga entre Filosofia e Mackenzie... lá na Maria Antônia⁵¹⁸. Então,

⁵¹⁵ Entrevista com Sr. RL; “Luiz XV” era uma marca de cigarro.

⁵¹⁶ *Ibid.*, p. 18.

⁵¹⁷ *Ibid.*, p. 19.

⁵¹⁸ Esse fato é descrito como a “Batalha na Maria Antônia”, no dia 03 de outubro de 1968, iniciado depois de um “pedágio” cobrado pelos alunos da USP para levantar fundos para o 30º Congresso da UNE, que seria realizado

veja bem, isso foi rico, mas como eu disse não foi resultado do IFT. Mas tudo isso influenciou o IFT... o IFT ... isso influenciou o IFT ... vamos ser meio dialético aí.⁵¹⁹

A peça “As Troianas”, apresentada pelo TESE, grupo teatral do “Sedes Sapientiae”, foi citada num artigo, escrito por Hiroto, do Jornal “Porandubas”, da PUC de São Paulo, em 1980.⁵²⁰ Todo esse exemplar do jornal se refere à premiação obtida pelo TUCA em Nancy, França, por ocasião da apresentação da peça “Morte e Vida Severina”, no ano de 1965. Assim, são distintas a apresentação da peça “As Troianas”, pelo TESE, e a premiação da peça “Morte e Vida Severina” pelo TUCA.

Segundo Sérgio Zanella, que fora aluno do IFT,⁵²¹ o Teatro TESE foi criado em 1966 sob a orientação de Paulo Villaça, com universitários do Sedes Sapientiae (PUC-SP), da Mackenzie e do Instituto de Filosofia e Teologia (IFT). Numa foto digitalizada com a lista dos nomes que compunham o elenco da peça “As Troianas”, integrada ao seu artigo, aparecem o seu nome e o nome de Agostinho Casagrande,⁵²² igualmente aluno do IFT.⁵²³ Como artigo comemorativo dos 50 anos da apresentação da peça “As Troianas”, publicado em 2016, isso a coloca então como encenada provavelmente a partir de fins do ano de 1966, o mesmo da fundação do grupo teatral TESE e do diretório acadêmico do IFT, o DAXIX. Talvez tenha sido a primeira peça apresentada pelo grupo do Instituto Sedes Sapientiae.

Com a proposta de trazer as questões do mundo moderno e da realidade brasileira para dentro do ambiente teológico, o processo de urbanização⁵²⁴ pelo qual o

em Ibiúna no dia 12 seguinte (cf. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/batalha-na-maria-antonia-acaba-em-morte>). Acesso em: fev. 2023.

⁵¹⁹ Entrevista com Padre LRB

⁵²⁰ HIROTO. A saída possível. **Porandubas**, São Paulo, ano 4, n. 32, 11 set. 1980, p. 15. Disponível em: <https://www.pucsp.br/comissaodaverdade/downloads/tuca/do-tibirica-ao-tuca/jornal-porandubas.pdf>. Acesso em: out. 2022.

⁵²¹ Cf. Livro de Atas do DAXIX, p. 19. Seu nome consta como o de número “80”, na lista dos presentes na assembleia de fundação do diretório acadêmico.

⁵²² *Ibid.*, p. 35. O nome de “José Agostinho Casagrande” aparece numa segunda lista de nomes que não constaram na primeira e estiveram presentes na assembleia de fundação do diretório acadêmico.

⁵²³ Cf. ZANELLA, Sérgio. **Teatro Tese – 50 anos – “As Troianas”**. 2016. Disponível em: https://sergiozanella.wordpress.com/2016/09/01/__trashed-11__trashed/. Acesso em: out. 2022.

⁵²⁴ Marcelo Ridenti trata do conceito de “romantismo revolucionário” dentro do contexto da Guerra Fria, das perspectivas libertadoras no Terceiro Mundo e dos processos de acelerada urbanização e modernização da sociedade. Cf. RIDENTI, Marcelo. Intelectuais e romantismo revolucionário. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 13-19, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-88392001000200003>. Disponível em:

Brasil passava suscitar também novas questões pastorais. A arquidiocese de São Paulo se encontrava num momento de reorganização pastoral devido a esse fenômeno, com a criação dos institutos “Mater Ecclesiae” e “Paulo VI”, cuja finalidade era assistir material e pastoralmente as regiões periféricas, que cresciam muito desordenadamente.⁵²⁵ Frei Tito, presidente do DAXIX, numa assembleia fez referência à Igreja no Brasil cada vez mais urbana. E ainda disse, sem outros registros que pudessem esclarecer melhor o sentido da fala: “O problema do ‘clericalismo’ é essencialmente urbano”.⁵²⁶ Um dos entrevistados, ao falar da distância entre o seminário camiliano no bairro do Jaçanã, onde residia, e o IFT, no centro da cidade, onde estudava, e o deslocamento diário para as aulas, referiu-se às transformações que São Paulo sofria na sua paisagem urbana, dentro de um processo de “modernização”, e os problemas de tráfego e mobilidade entre o centro e a periferia.⁵²⁷

Em uma conexão perceptível nas fontes entre as discussões dos estudantes e o pensamento teológico que se desenvolvia no Chile, o problema da urbanização e seu impacto na ação pastoral da Igreja na América Latina havia sido levantado num artigo do teólogo Segundo Galilea,⁵²⁸ escrito para a revista *Pastoral Popular* em 1965, da qual fora diretor. A figura desse teólogo é importante no sentido de apontar para uma rede de comunicações existente nesse período no âmbito eclesial entre pensadores católicos chilenos, o Centro de Documentação em Cuernavaca no México e teólogos brasileiros. Nessa conexão, desenvolveram-se reflexões que foram um campo de semeadura para o desenvolvimento da Teologia da Libertação desde o início da década de 1970.

<https://www.scielo.br/j/spp/a/b6LpHRFprmYrBPDSfK9McCQ/>. Acesso em: 20 mar. 2020; RIDENTI, Marcelo. Cultura e política: enterrar os anos 60? In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 25., 2001, Caxambu. **Anais [...]**. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/25-encontro-anual-da-anpocs/st-4/st06-3/4582-mridenti-cultura/file>. Acesso em: 20 mar. 2020; RIDENTI, Marcelo. 1968: rebeliões e utopias. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (org.). **O século XX: o tempo das dúvidas. Do declínio das utopias às globalizações**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 3, p. 133-159;

⁵²⁵ SOUZA, Ney de. Cardeal Rossi e a recepção do Vaticano II em São Paulo. **ATeo**, Rio de Janeiro, v. 23, p. 730-749, set./dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.46368>. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/46368/46368.PDF>. Acesso em: maio 2021; SOUZA, Ney de (org.). **Catolicismo em São Paulo: 450 anos de presença da Igreja Católica em São Paulo (1554-2004)**. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 503-508.

⁵²⁶ Livro de Atas do DAXIX, p. 71

⁵²⁷ Entrevista com Sr. RL

⁵²⁸ GALILEA, Segundo. La Urbanización y la Iglesia (Reflexión Pastoral). **Pastoral Popular**, n. 86-87, p. 8-17, mar.-abr. 1965. P5-5. Texto datilografado.

No artigo, possivelmente copiado por um frade dominicano, o autor⁵²⁹ abordou o fenômeno da urbanização crescente na América Latina como um fato dinâmico no continente até então marcadamente agrário. Isto inauguraria uma nova mentalidade, nova cultura e nova religiosidade, uma vez que trazia novas implicações psicológicas, sociais e teológicas, e exigia uma nova prática pastoral, a Pastoral Urbana.⁵³⁰ A destruição dos sinais religiosos tradicionais, a pluralidade cultural, a diversidade de ideias e de atividades no mundo urbano, apresentavam novos desafios para atingir públicos distintos através da imprensa católica, dos meios de difusão e propaganda cristã. A Igreja, por sua vez, estaria cada vez mais sujeita à opinião pública. O êxodo rural impactava na vivência religiosa daqueles que se deslocavam do campo para cidade, onde a convivência era mais despersonalizada. O deslocamento entre a moradia e o trabalho, quase sempre uma verdadeira viagem com o transporte público precário, alterava o senso de comunidade. A demanda por uma liturgia mais familiar, menos formal e jurídica, supriria a despersonalização das novas relações urbanas. A desinstitucionalização da Igreja e do seu exercício de poder religioso fatalmente seriam afetados. As formas tradicionais se tornariam obsoletas, incompreensíveis e inaceitáveis, dando lugar a um novo modelo eclesial mais evangélico, mistérico e servidor.⁵³¹ A religião sob a forma de um Deus que se revelava na História e buscava o ser humano seria o novo viés. A reflexão apresentada por S. Galilea o coloca em sintonia com a desenvolvida dez anos antes pelo rabino Heschel.⁵³² A vida urbana demandava uma nova antropologia:

⁵²⁹ **Segundo Galilea**, (Santiago, 3 de abril de 1928 – Santiago, 27 de maio de 2010) foi um sacerdote católico chileno. Em 22 de setembro de 1956, foi ordenado como sacerdote. Trabalhou no Centro de Formação Missionária e no CIDOC em Cuernavaca (México). Colaborou com o Instituto Pastoral Latino-americano (IPLA), do Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM), e com a Confederação de Religiosos de América Latina (CLAR). Foi diretor da revista "Pastoral Popular". Ministrou cursos a missionários latino-americanos enviados ao extremo oriente. Foi diretor espiritual do Seminário de San Carlos, em Havana (Cuba). É considerado um dos fundadores da Teologia da Libertação, juntamente com José Comblin, Gustavo Gutiérrez e Juan Luís Segundo. Fez contribuições importantes nos estudos de temas como a evangelização, a religiosidade popular, a pastoral libertadora, a espiritualidade e da mística. Cf. "Lembranças de Segundo Galilea, dois meses após sua morte" Disponível em: <https://pt.zenit.org/articles/lembrancas-de-segundo-galilea-dois-meses-apos-sua-morte/>. Acesso em: 04 jun. 2021; cf. também CONVERT, Rock. Segundo Galilea, padre, sacerdote e teólogo chileno. **O Explorador**, 18 dez. 2014. Disponível em: <http://www.oexplorador.com.br/segundo-galilea/>. Acesso em: jun. 2021.

⁵³⁰ GALILEA, Segundo. La Urbanización y la Iglesia (Reflexión Pastoral). **Pastoral Popular**, n. 86-87, p. 8-17, mar.-abr. 1965. P5-5. Texto datilografado. p. 1.

⁵³¹ *Ibid.*, p. 3-6.

⁵³² O rabino Dr. Abraham Joshua Heschel publicou em 1955 a obra "Deus em busca do homem: uma filosofia do judaísmo". O título da obra, segundo ele, resumiria toda a história humana, segundo a Bíblia, e seria um elemento profundamente enraizado na tradição rabínica. Segundo Galilea, ao fazer uma referência indireta ao pensamento de Heschel, indica que a influência desse teólogo, filósofo e rabino já alcançava bastante difusão. Cf. HAZAN, M. G.; PONDÉ, L. F. A presença de Deus no ser humano segundo Heschel. **Veritas (Porto Alegre)**, Porto Alegre, v. 63,

Na cidade, o homem busca libertar-se das escravidões da natureza e do primitivo, ainda que à custa de submeter-se ao poder de outros homens (que representa o tipo de ‘escravidão pessoal’ da vida urbana).⁵³³

Eliseo Verón, ao tratar da produção, da circulação e do reconhecimento de um texto, destacou a defasagem de sentidos geradora de múltiplas leituras durante o processo.⁵³⁴ Uma das formas como se compreendeu e interpretou os documentos conciliares, mais especificamente o documento sobre a renovação da formação sacerdotal “Optatam Totius”,⁵³⁵ ia na direção de um diálogo com as filosofias e ciências modernas, de uma adequação da formação em vista da pastoral e da realidade própria de cada país, e de um ambiente mais familiar nas casas de formação. Esse foi o viés dos relatórios sobre o IFT apresentados no capítulo da Província de Santa Rita de Cássia, em 1966.⁵³⁶ Outros textos do mesmo período encontrados na Biblioteca Padre Lebreton discutiram a questão de uma estrutura institucional eclesial e religiosa menos jurídica ou até mesmo orientada somente por alguns “princípios”. A familiaridade e informalidade tanto na formação eclesial quanto nos trabalhos pastorais foi um dos assuntos bastante levantados na época.⁵³⁷

Nas atas do DAXIX, as discussões sobre a relação do IFT com o movimento estudantil, sobretudo a UNE, aparecem com bastante frequência. Duas personagens femininas constam em algumas atas e, estranhamente, não estiveram na memória

n. 1, p. 121-149, 2018. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-6746.2018.1.29723>. Disponível em: <https://revistas.eletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/view/29723>. Acesso em: jun. 2021.

⁵³³ GALILEA, Segundo. La Urbanización y la Iglesia (Reflexión Pastoral). *Pastoral Popular*, n. 86-87, p. 8-17, mar.-abr. 1965. P5-5. Texto datilografado. p. 5, tradução livre.

⁵³⁴ VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. p. 51-54.70-71.215-238.

⁵³⁵ DECRETO “Optatam Totius”. In: COMPÊNDIO DO CONCÍLIO VATICANO II: constituições, decretos e declarações. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 507-525.

⁵³⁶ PAULA, Sérgio Peres de. O IFT e os Agostinianos Recoletos, a partir dos documentos do Capítulo Província da Província de Santa Rita de Cássia – 1966. *Recollectio: Annuarium Historicum Augustinianum*, Madrid, n. 43, p. 73-88, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7688259.pdf>. Acesso em: maio 2021.

⁵³⁷ Dentre eles, há dois artigos datilografados de autoria de Ivan Illich, então diretor do Centro de Documentação Intercultural de Cuernavaca, México, em 1967: “O sacerdote desertor” e “O clero, uma ‘espécie’ que desaparece”; cf. também o RELATÓRIO preparado a pedido da Associação dos Religiosos da Holanda. Haia, abril de 1967. P22-9. Texto datilografado. (15 páginas); outros serão apresentados na próxima parte.

dos ex-alunos entrevistados:⁵³⁸ Terezinha de Lisieux Vasconcelos, que secretariou algumas reuniões,⁵³⁹ e Beatrice,⁵⁴⁰ sem citação de sobrenome. Isso remete a uma presença feminina num ambiente que seria ainda estritamente masculino, um instituto de formação religiosa e sacerdotal. Nos últimos anos da década de 1960, questões relacionadas à mulher e sua emancipação no mundo urbano e moderno foram intensamente debatidas.⁵⁴¹ Os meios de comunicação e a situação do homem do campo igualmente encontravam-se problematizados e discutidos.

A questão da mulher na sociedade moderna assim era um dos assuntos em pauta, inclusive dentro do ambiente eclesiástico do IFT.⁵⁴² Um texto datilografado e sem data, tendo como autor Lauro de Oliveira Lima⁵⁴³ trouxe à tona exatamente essa questão.⁵⁴⁴ Trata-se de uma conferência realizada no Auditório da Fundação Alvarez Penteado, promovida pela “Juventude Independente Católica”, JIC.⁵⁴⁵ No texto, há uma referência indireta à música “A banda”,⁵⁴⁶ de forma que sua produção só poderia

⁵³⁸ Dois dos entrevistados fizeram referência às freiras, uma vez que o Colégio Des Oiseaux pertencia às Cônegas de Santo Agostinho, que mantinham atividades educacionais e acadêmicas sobretudo para “moças”. Cf. Entrevista com Sr. RL; Entrevista com Padre LRB. Outro entrevistado negou com certa veemência a presença delas no IFT, comparando-o ao “Clube do Bolinha”, reforçando que se tratava de uma instituição exclusivamente masculina. Cf. Entrevista com Padre PHG.

⁵³⁹ Livro de Atas do DAXIX, p. 56-80, atas redigidas por Terezinha de Lisieux Vasconcelos.

⁵⁴⁰ *Ibid.*, p. 80-86. “Beatrice Laurette Wittner”, presa em 1971 e cujo depoimento faz referências a suas amizades com padres e estudantes do IFT. Cf. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOPSOS000269.pdf. Acesso em: jun. 2021. p. 370.370;373.375.379.

⁵⁴¹ RIDENTI, Marcelo. 1968: rebeliões e utopias. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (org.). **O século XX: o tempo das dúvidas. Do declínio das utopias às globalizações**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 3, p. 136, 138-142;

⁵⁴² Um trabalho feito por dois estudantes, GIRARDI, Waldir; MARIGA, Sabino. **Amor Livre**. P5-6. Texto datilografado. (Não datado, 26 páginas). Possivelmente o tema foi discutido em 1968, em disciplina do professor Padre Hugo Assman, na disciplina de “Moral”.

⁵⁴³ Lauro de Oliveira Lima nasceu em 12 de abril de 1921, em Limoeiro do Norte, Ceará; faleceu no dia 29 de janeiro de 2013, na cidade do Rio de Janeiro; foi um pedagogo brasileiro, conhecido pela sua atuação política na educação e pelo desenvolvimento do Método Psicogenético, estruturado a partir da Epistemologia Genética de Jean Piaget. Em 1949, formou-se em Direito e em 1951 em Filosofia. No texto, foi identificado como “Professor de Psicologia Social e Dinâmica de Grupo”. Cf. Disponível em: <https://www.piaget.com.br/p.php?p=lauro>. Acesso em: jun. 2021.

⁵⁴⁴ LIMA, Lauro de Oliveira. **A mulher no Brasil de hoje**. P7-8. Texto datilografado. (Não datado, 14 páginas).

⁵⁴⁵ Sobre a JIC: “A Juventude Independente Católica (JIC) foi um dos Movimentos da Ação Católica Especializada. Seu segmento de atuação era a juventude das classes média e alta que não se enquadrava na JOC e nem na JUC. A JIC era um Movimento diocesano de atuação nas paróquias, tendo por finalidade a recristianização do meio social burguês. Os problemas com os quais a JIC trabalhou entre seus militantes foram: individualismo, falta de solidariedade, egoísmo e indiferença religiosa, entre outros do gênero.” cf. Disponível em: http://www4.pucsp.br/cedic/semui/fundos/juventude_independente.html. Acesso em: jun. 2021.

⁵⁴⁶ LIMA, Lauro de Oliveira. **A mulher no Brasil de hoje**. P7-8. Texto datilografado. (Não datado, 14 páginas). p. 11.

ser a partir de 1966, ano do seu lançamento. É possível que o texto fora cedido pelo próprio autor.

Lauro de Oliveira Lima abordou a questão de como a literatura mistificou a imagem da mulher durante séculos e a tornou prisioneira num “estado de narcotização secular”.⁵⁴⁷ Falando para um público paulista, ele destacou São Paulo como o Estado onde a mulher teria tomado consciência da nova era através da imagem de uma mulher participante e dinâmica numa sociedade urbana e industrial. Através de estatísticas forneceu uma visão quantitativa da situação da mulher no Brasil naquela ocasião, mostrando o crescimento da nova realidade: uma mulher menos presente nas fainas domésticas e cada vez mais alfabetizada e culta. Perspectivas tradicionais discutidas por homens a respeito da feminilidade e sua relação com a maternidade, com estereótipos deformados pela propaganda e meios de comunicação encontravam-se num momento de contestação.⁵⁴⁸ Defensor da “Puericultura”, enquanto especialidade com profissionais mais capazes da formação e educação da criança,⁵⁴⁹ Lauro de Oliveira Lima afirmou a incapacidade da pequena família, residente cada vez mais em apartamentos, e da moral familiar em transição, na criação dos filhos para o mundo urbano e industrial.⁵⁵⁰ Sob a perspectiva de quatro pontos, a saber, a igualdade, a liberdade, o sexo e o trabalho, o palestrante resumiu a um só: a resistência à maioridade sociológica da mulher. Para ele, aquela juventude dos anos 60 mostrava que uma atração entre um casal não se restringia ao aspecto sexual e biológico. Olhando para o futuro, dentro do espírito demolidor do passado, muito comum naquela ocasião, e numa perspectiva utópica disse o autor:

O amor entre os homens e as mulheres virá a ser um ato cada vez mais perfeito de inteligência e não mera secreção glandular ou impulso resultante de modificações humorais... O amor do casal humano virá a ser muito menos denso de emocionalidade

⁵⁴⁷ *Ibid.*, p. 1.

⁵⁴⁸ *Ibid.*, p. 2-3.8.

⁵⁴⁹ A forma como o autor coloca a questão da Puericultura e a criação e educação moral das crianças remete à obra “Utopia” de Tomas Morus, no “Livro Segundo” (Cf. MORUS, Tomás. **A Utopia ou o tratado da melhor forma de governo**. Porto Alegre: L&PM, 2011; Cf. PEROZA, Juliano; MESQUIDA, Peri; HORVATH, Wilson Agnaldo. Thomas Morus e a Utopia como anúncio de uma comunidade virtuosamente educativa. **Acta Scientiarum. Education**, Maringá, v. 42, n. 1, p. e45842. DOI: <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v42i1.45842>. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/45842>. Acesso em: 7 abr. 2023.

⁵⁵⁰ *Ibid.*, p. 4-9.

básica, mais fluido, menos possessivo, mais íntimo, mais saudável, em resumo, mais feliz.⁵⁵¹

Sob a projeção de um mundo mais feliz, tecnicamente mais avançado, com o cinema e a televisão se sobrepondo à educação familiar, a figura da “dona de casa” não teria mais lugar e o “tabu da fidelidade feminina” nada mais seria que uma forma de dominação sobre a mulher. A discussão em torno da liberdade sexual visava colocá-la num patamar de diálogo com o homem de igual para igual. Nos diversos âmbitos culturais, acadêmicos, tecnológicos e até dentro da Igreja, as mulheres se especializavam com a formação superior. Os novos posicionamentos da mulher na sociedade transformavam as figuras da “avó” e da “sogra” e muito ainda estava por ser “conquistado”.⁵⁵²

Numa metrópole dinâmica em sua indústria e comércio, em contínua transformação e “autofagia”,⁵⁵³ a figura da mulher passou por uma revisão de seus papéis tradicionais em relação à família, à forma de criação dos filhos, ao trabalho e à liberdade sexual. O feminismo estava em processo de emergência. As falas do autor situam alguns elementos em discussão que serão posteriormente abraçados pelo movimento feminista.⁵⁵⁴ O evento, promovido por um grupo de jovens católicos, pode ter tido suas repercussões no ambiente teológico do IFT, uma vez que o que se buscava era exatamente trazer para o “diálogo” as questões levantadas pelo mundo moderno,

⁵⁵¹ *Ibid.*, p. 8.

⁵⁵² *Ibid.*, p. 9-12; Marcelo Ridenti usa a expressão “sociedade tecnificada”, situando também os outros aspectos que influenciavam os jovens em 1968 e seus movimentos de protesto contra a sociedade tradicional. Cf. RIDENTI, Marcelo. 1968: rebeliões e utopias. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (org.). **O século XX: o tempo das dúvidas. Do declínio das utopias às globalizações**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 3, p. 148 (“1968 estudantil e operário na França”)

⁵⁵³ Chamo de “Autofagia” aqui ao fenômeno de destruição de edifícios, calçamentos e outros vestígios antigos, dando lugar aos arranha-céus e a uma nova configuração urbana e visual; trata-se de uma metáfora do fenômeno biológico, como se a cidade se consumisse para se recriar sob novas formas. No caso de São Paulo, esse fenômeno se dava em nome daquilo que era considerado como “moderno”. Quando se trata de destruição de edifícios e outros vestígios históricos, a memória da cidade pode ficar altamente comprometida.

⁵⁵⁴ O ano de 1968 foi emblemático quanto às manifestações de diversos movimentos culturais, entre os quais o do feminismo. Cf. Id. 1968: rebeliões e utopias. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (org.). **O século XX: o tempo das dúvidas. Do declínio das utopias às globalizações**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 3, p. 156-157 (“1968 no Brasil”); RIDENTI, Marcelo Intelectuais e romantismo revolucionário. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 13-19, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-88392001000200003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/b6LpHRFprmYrBPDSfK9McCQ/>. Acesso em: 20 mar. 2020.

onde ao menos uma “leiga”, Beatrice, apresentava-se claramente de forma inaudita como estudante de Teologia.⁵⁵⁵

O Padre LRB, durante a entrevista, fez referências às questões de gênero, em ebulição atualmente, com alguns elementos que já se colocava na época em relação à mulher e aos papéis sociais do masculino e feminino construídos culturalmente. Também fez referências às encíclicas papais “Pacem in Terris”, de João XXIII, e “*Marialis Cultus*”, de Paulo VI, que apontavam como os “grandes sinais dos tempos” a liberação dos trabalhadores, a liberação da mulher e seu novo lugar na sociedade, os processos de descolonização. Enfatizou na questão da mulher a forma inovadora como o Papa Paulo VI apresentou a figura de Maria e o seu “Fiat”⁵⁵⁶ como mulher consciente e livre, tal como uma mulher moderna, ao dizer o “Sim”, poderia também ter dito “Não”.⁵⁵⁷ Referiu-se também às Cônegas de Santo Agostinho como mulheres intelectualmente muito preparadas, mesmo nas áreas teológicas, como Catequese e Liturgia. Ao mesmo tempo, muitas assumiam posições políticas ousadas, como aquela da qual ele só se recordava do apelido que lhe deram os estudantes do IFT: irmã “Carcará”, por causa de uma música da moda na época,⁵⁵⁸ por ser nordestina e muito politizada.⁵⁵⁹

Por fim, um último tema que aparece nas discussões dos estudantes é a questão do ambiente rural, camponês.⁵⁶⁰ Dentre os textos selecionados, um deles traz

⁵⁵⁵ O nome de Beatrice consta como representante do Primeiro ano Propedêutico, juntamente com “Pedro”, no segundo semestre de 1968; eleita vice-presidente do DAXIX, com Frei Domingos Guimarães, dominicano, como presidente; numa das suas “falas”, identificava-se explicitamente como estudante de Teologia; representou o diretório acadêmico do IFT em reuniões da UEE. Cf. Livro de Atas do DAXIX, p. 79.82-83.85-86.

⁵⁵⁶ Verbo latino para designar a resposta de Maria ao Anjo no Evangelho de Lucas: “Faça-se”

⁵⁵⁷ Entrevista com o Padre LRB.

⁵⁵⁸ A canção “Carcará”, de João do Vale e José Cândido, produzida em 1964, fez muito sucesso na voz de Maria Bethânia em shows durante os anos de 1965 e 1966; lançada também em disco compacto pela RCA e com apresentações na televisão: “Sua interpretação foi tão marcante que demorou até que ela conseguisse desvincular sua imagem da música”, conforme a publicação HISTÓRIA DE CARCARÁ – João do Vale e José Cândido. 2022. Disponível em: <https://cantodampb.com/historia-de-carcara-joao-do-vale-e-jose-candido/>. Acesso em: 7 abr. 2023; Cf. também MARIA BETHÂNIA: A história da canção ‘Carcará’. 2022. Disponível em: <https://novabrasilfm.com.br/especiais/foras-de-serie/maria-bethania-a-historia-da-cancao-carcara/>. Acesso em: 7 abr. 2023.

⁵⁵⁹ *Ibid.*, p. 16.

⁵⁶⁰ As discussões que implicavam os camponeses se situava em torno dessa classe como oprimida, ameaçada e abandonada pelo regime militar, e como agente revolucionária, juntamente com os operários, com a qual os estudantes deveriam se identificar, inserir-se e participar de suas lutas, como nas duas primeiras assembleias em 02, presidida por Jarbas, e 07 de agosto de 1968, presidida por Frei Tito, ambas secretariadas por Terezinha de Lisieux Vasconcelos. Cf. Livro de Atas do DAXIX, p. 68-75.

como título “Comunicação e Massificação no meio rural”.⁵⁶¹ Um dos documentos do Concílio Vaticano II, “Inter Mirifica”, de 1963, tratou dos meios de comunicação com orientações para seu uso pastoral. O impacto dos meios de comunicação na sociedade moderna já apresentava também grandes discussões, sobretudo a partir da perspectiva da “cultura de massas”. A Escola de Frankfurt era um dos difusores dessa questão, tendo Theodor Adorno e Max Horkheimer como expoentes nesse debate.

O texto citou os seguintes autores e obras: Edgar Morin, “Cultura de Massa no Século XX”, lançada em 1962, publicada em português pela Editora Forense, Rio, com a primeira edição em 1969; Paulo Freire, “Pedagogia do Oprimido”, da Editora Paz e Terra, lançado no Chile em 1968, com a primeira edição em português em 1974; e Louis Althusser, “Sobre os Aparelhos Ideológicos do Estado”, lançado em francês em 1970, obra de referência do autor. Provavelmente, o texto seja da segunda metade da década de 1970, já como um aprofundamento das questões emergentes e discutidas calorosamente na década de 1960, como a situação precária do homem do campo, o êxodo rural e a consequente urbanização da sociedade brasileira. E assim, com essas questões, o texto iniciou a problemática a ser discutida.

A sociedade brasileira, segundo o autor, teria passado muito rapidamente de sociedade rural à urbana. O êxodo rural se apresentava como “fato social explicável pelas condições econômicas e divisão de classes”; na urbanização, constatava-se uma indiferença com o homem do campo, relegado a ‘resto social’. Isto seria perceptível na forma como os meios de comunicação veiculavam a posição dos setores e instituições brasileiras. O deslocamento de uma economia rural para uma economia urbana não se teria dado por uma evolução natural, mas fora provocado pela luta de classe e visava “deter o poder do Estado em função dos seus objetivos de classe”.⁵⁶²

O “Aparelho Ideológico do Estado”, através das instituições no âmbito religioso, familiar, político, sindical, jurídico, cultural e midiático, funcionaria tanto pela ideologia e persuasão como pela repressão e violência para manter sua hegemonia. Assim, ele se constituiria também como local de luta de classe. Os meios de comunicação não

⁵⁶¹ COMUNICAÇÃO e Massificação no meio rural. P13-19. Texto datilografado. (6 páginas).

⁵⁶² *Ibid.*, p. 1.

seriam neutros e serviriam também para domesticar a grande massa e defender os interesses da classe dominante, de forma sutil, natural e dissimulada. Com a saída do homem do campo para a cidade, os vínculos patriarcais da família e os mitos religiosos que a integravam estariam rompidos. A divisão de classes no campo seria violenta e concentrada, com a classe dominante vista como “superiores”. Um certo complexo de inferioridade do homem do campo estaria assim estabelecido. A cidade, no entanto, fornecedora de outros mitos, sofria um processo de invasão cultural no campo. A cultura de massa desenraizava histórica e sociologicamente as populações do terceiro mundo através de um imaginário pré-fabricado e difundido nos meios de comunicação. Tal difusão no meio rural ocorria sobretudo pelo rádio, que o homem do campo ouvia mais como entretenimento.⁵⁶³

Os programas dirigidos ao homem do campo, chamados de “caipiras”, imitavam o ambiente rural, ofereciam novas orientações e técnicas agrícolas, porém, sempre numa via monologal. Com isso, estimulava-se de forma massificante o consumo, as novas formas de lazer, de prazer e de realização sexual.

Não constitui nenhum absurdo falar que a Cultura de Massa muda também o comportamento da população rural. O campo-nês antes era só ‘ignorante’; agora também é massificado. Os Meios de Comunicação ditam as normas de comportamento para a cidade e esta transmite para o campo.⁵⁶⁴

A “invasão cultural” da cidade, no entanto, deixaria o homem do campo ainda em situação de marginalização. Os Meios de Comunicação, enquanto Aparelho Ideológico do Estado, visavam somente levar a ideologia dos dominadores até as classes oprimidas. Como a comunicação seria elemento essencial do processo de educação, para a classe oprimida isso implicava a necessidade de tirá-la da situação de objeto e lhe dar instrumentos para sua libertação, o que implicaria também “uma ação e a coragem de afirmar o amor que nasce do homem livre”.⁵⁶⁵

⁵⁶³ *Ibid.*, 2-4.

⁵⁶⁴ *Ibid.*, p. 5.

⁵⁶⁵ *Ibid.*, p. 6.

A popularização dos aparelhos de televisão ocorreu no Brasil a partir da década de 1970. Até então, o rádio ocupava um lugar predominante entre os meios de comunicação. Marcelo Ridenti destacou a consolidação dos meios de comunicação de massa como um dos fatores nas mudanças comportamentais em fins da década de 1960.⁵⁶⁶ Assim como em outras fontes pesquisadas, a religiosidade popular e a figura do camponês associadas à “ignorância” encontram-se presentes nesse texto. Embora seja uma reflexão posterior, mais elaborada, e utilizando outras categorias, os elementos centrais em questão estavam presentes desde a década anterior: a figura do homem do campo como classe oprimida, a vida precária no mundo rural, a situação de abandono do camponês tendo como consequência o êxodo para as cidades e a difusão dos meios de comunicação de massa.

O “Aggiornamento”, estabelecido como uma espécie de “ordem do dia” desde meados da década de 1950, conduziu a um processo crescente de autocrítica na Igreja Católica. As demandas suscitadas pela reconstrução da economia mundial após a Segunda Guerra, as inovações científicas e tecnológicas, a polarização ideológica e militar da Guerra Fria, suscitaram novos comportamentos e rupturas em relação ao passado “tradicional”. O Concílio Vaticano II produziu novos sentidos para a Igreja no mundo em rápidas e profundas transformações. O IFT, criado nesse contexto, impactou profundamente na cosmovisão e nos comportamentos dos seus estudantes de teologia. Sob os critérios da História Oral, as entrevistas realizadas forneceram alguns elementos que mostraram quão dramática foram as experiências vividas na instituição. Geralmente vindos dos interiores do país e de um estilo de vida conventual e interno, o ambiente metropolitano, diversificado, profundamente dinâmico e uma instituição intercongregacional impactaram suas vidas.⁵⁶⁷

O modelo ultramontano-tridentino estabelecido desde fins do século XIX, estabeleceu gradativamente relações cada vez mais fortes com o Estado republicano bra-

⁵⁶⁶ RIDENTI, Marcelo. 1968: rebeliões e utopias. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (org.). *O século XX: o tempo das dúvidas. Do declínio das utopias às globalizações*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 3, p. 136.

⁵⁶⁷ Na entrevista, o Sr. RL falou algumas vezes sobre o isolamento midiático na vida do convento, a ausência de meios de informação, como jornal, rádio e TV, que os mantivesse atualizados quanto aos acontecimentos. Cf. Entrevista com Sr. RL

sileiro, a ponto de ter um período caracterizado como “neocristandade” por historiadores da Igreja Católica. Colocado em xeque ao longo da década de 1950, considerado como modelo atrasado e obsoleto, o advento do Concílio Vaticano II polarizou a Igreja Católica com a busca de novos modelos mais “evoluídos” e adequados ao mundo moderno. Em São Paulo, sob o cardinalato de D. Agnelo, ocorreram as primeiras leituras dos documentos conciliares e medidas de adequação da pastoral eclesiástica na cidade. A tendência conservadora do cardeal de um lado e os setores progressistas do clero, mesmo que ainda minoritários, de outro, deixava explícito a tensão que se estabelecia entre eles, sobretudo no que tangia ao relacionamento com o Estado sob o regime militar.

A década de 1960 caracterizou-se como um período extremamente fértil em debates que emergiram do mundo em rápidas transformações políticas, sociais, intelectuais, culturais, tecnológicas, científicas, econômicas e religiosas. O comportamento “revolucionário” e a diversidade de movimentos da juventude, mormente no ano de 1968, evidenciou a profundidade do fenômeno.⁵⁶⁸ As fontes pesquisadas e selecionadas, mostram como a Revolução Cubana, dentro da efervescência de vários outros movimentos revolucionários na América Latina e Terceiro Mundo, levantou discussões em torno de uma “revolução intelectual”. O momento de crescimento do número de universidades no Brasil, entre elas as universidades católicas, gerou críticas e revisões de suas estruturas pedagógicas e funcionais. O avanço do comunismo como fato e sua possibilidade de expansão em todo continente gerou a discussão em torno da necessidade de preparação de uma nova intelectualidade católica que contemplasse e abraçasse as questões sociais, sob uma nova visão da Doutrina Social da Igreja. Assim, somente com os movimentos sociais ela passaria de uma “doutrina” para um “modus operandi” efetivo do “socialismo cristão”. A linguagem binária disjuntiva utilizada nas fontes reduzia a complexidade dos problemas em questão. Certa-

⁵⁶⁸ Cf. RIDENTI, Marcelo. 1968: rebeliões e utopias. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (org.). **O século XX: o tempo das dúvidas. Do declínio das utopias às globalizações**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 3, p. 133-159; cf. também RIDENTI, Marcelo. Intelectuais e romantismo revolucionário. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 13-19, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-88392001000200003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/b6LpHRFprmYrBPDSfK9McCQ/>. Acesso em: 20 mar. 2020; RIDENTI, Marcelo. Cultura e política: enterrar os anos 60? In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 25., 2001, Caxambu. **Anais [...]**. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/25-encontro-anual-da-anpocs/st-4/st06-3/4582-mridenti-cultura/file>. Acesso em: 20 mar. 2020.

mente, assim se buscava atingir novos públicos, sobretudo aqueles vindos de camadas sociais “populares”, com menor acesso aos ambientes acadêmicos e literários, cuja intelectualidade produzia discursos tidos como estéreis em relação às transformações sociais necessárias para o que se cogitava como “Justiça Social”.

A adesão da vitoriosa Revolução Cubana ao comunismo soviético aumentou a preocupação com a possibilidade do avanço do marxismo. Ativistas cristãos como J. Chonchol e o casal Goss-Mayr levantaram a necessidade de encarar a situação procurando respostas e estratégias autenticamente cristãs, indo além do tradicional discurso anticomunista. Teólogos como os jesuítas J. Aldunate e G. Claps fizeram abordagens desde o ponto de vista da moral cristã a respeito da pertinência, viabilidade ou mesmo necessidade da adesão a um processo revolucionário. Num primeiro momento, procuraram demarcar os parâmetros éticos que o legitimariam ou não.

Ao final da década, as discussões e as formas de ação assumiram outros rumos. As apostilas da AP e os documentos da VPR e do PCdoB mostram diferentes estratégias utilizadas pelos grupos que cogitavam um processo revolucionário. A AP focava na “revolução cultural a longo prazo”, fazendo emergir novas interpretações bíblicas e novos meios de preparação de “agentes de transformação” em vista de uma “libertação”, dentro do ambiente pastoral eclesial. A VPR cogitou as formas de guerra armada a longo prazo, inicialmente dirigida por uma vanguarda revolucionária, visando a formação de um exército popular, com estratégias próprias para o campo e para as cidades, bem como de uma ação política através de um partido que efetivasse a sociedade socialista e comunista. O PCdoB, assumindo um alinhamento ao maoísmo, cogitou a guerra armada popular, partindo do interior rural e menos habitado, como era a região do Araguaia. Alguns desses grupos mantiveram vínculos mais diretos com a Igreja Católica, não necessariamente com sua hierarquia, como a AP. Em vista de arregimentar os “agentes de transformação” nos meios pastorais, a AP utilizou-se do estudo e das formas práticas de ação do marxismo leninista e maoísta, a partir dos quais se cogitaram novas interpretações e abordagens bíblicas, cristológicas, eclesiológicas e pastorais, com ênfase na questão da “justiça social”. A aproximação com grupos mais radicais que aspiravam a guerra armada se dava pela integração de pessoal, ou seja, de elementos vindos dos movimentos e associações eclesiais, nos seus quadros, e pelas discussões ideológicas de cunho socialista nos

ambientes de formação sacerdotal e de agentes de pastoral. Naquela ocasião, com os grupos radicais que partiram para ações de guerrilha e guerra armada na clandestinidade e sob forte repressão do regime militar, a aproximação ideológica do discurso socialista com a moral e a doutrina social cristã sob a perspectiva da “Justiça Social” e da “Libertação” eram bastante convenientes uma vez que as instituições católicas ainda gozavam de forte credibilidade e peso cultural na sociedade brasileira.

O movimento estudantil, dinâmico e organizado, altamente combativo e reprimido, a situação da mulher, a urbanização, o êxodo rural e os meios de comunicação numa sociedade em acelerado processo de transformação de valores culturais estiveram na pauta das discussões no ambiente acadêmico, teológico e pastoral. As fontes pesquisadas apontam para diversos elementos sob um processo de revisão e formação de novas perspectivas na história, nas estruturas e papéis sociais tradicionais, na religião e na Igreja. Como instituição eclesiástica, o IFT surgiu com o propósito de oferecer uma formação religiosa e sacerdotal “modernas”, envolvidas com as ciências e os problemas próprios do mundo contemporâneo, suscitando novas abordagens teológicas e pastorais. O Concílio Vaticano II era considerado o motivador das mudanças que se criam necessárias e urgentes.

As motivações para a criação do IFT, Instituto de Filosofia e Teologia, ao reunir várias congregações e ordens religiosas num único local, concentrando ali seus seminaristas conforme as etapas de cada um, de certa forma, convergiu com a questão da urgência de um centro católico de formação intelectual, acadêmica e pastoral com novas estruturas pedagógicas que incorporassem as ciências modernas e as questões econômicas, sociais e políticas. Isso supostamente reduziria custos e ofereceria, com professores diversificados e mais qualificados, uma formação intelectual mais consistente, moderna e adequada aos novos tempos. A Conferência dos Religiosos do Brasil, CRB, órgão que congregava diversas instituições religiosas católicas, absorveu a ideia e a colocou em prática com o IFT, cujas atividades se iniciaram em 1965, no Colégio Des Oiseaux, numa região de intensa atividade cultural e acadêmica. Os seminaristas religiosos, conforme o Padre PHG,⁵⁶⁹ absorvidos por atividades próprias da vida conventual, não desfrutaram tanto desse meio. Através do DAXIX, no

⁵⁶⁹ Cf. Entrevista com Padre PHG

entanto, muitos deles participaram ativamente do movimento estudantil. Alguns sofreram a prisão e os horrores da tortura.

II – ENTRE SONHOS E FRUSTRAÇÕES, DA UTOPIA AO PESADELO

Nesta segunda parte, o foco se concentra no entendimento do IFT e como as conjunturas eclesiástica, social, cultural e política colaboram na sua tecedura e moldaram os desenhos em sua existência histórica, apesar de poucas fontes diretas. Daí o uso dos critérios da História Oral, através dos testemunhos dos entrevistados, da Prosopografia, observando a representação e o modo de agir dos agentes institucionais e individuais, e da Micro-história que, a partir dos elementos internos das fontes, nos remete a dados culturais e sociais mais amplos.

Criado dentro da conjuntura eclesiástica do Concílio Vaticano II, da “ordem do dia” de “Aggiornamento” da Igreja, o IFT resultou de um espírito de colegialidade entre congregações e ordens religiosa. A Conferência dos Religiosos do Brasil, CRB, o criou, mas, quem seriam os seus inspiradores? Quem levou avante o projeto? Que relações mantinha com a CNBB e a Arquidiocese de São Paulo? Como se configurava o exercício da autoridade e do poder nas relações do IFT com essas instituições? Essas são algumas das questões a serem exploradas nessa parte.

Mirando o objetivo de criar um “novo jeito” de formar religiosos e padres e de fazer Teologia, os renomados professores do IFT trouxeram para dentro propostas em voga no mundo moderno: dessacralizar, demitizar, desclericalizar e desinstitucionalizar a Igreja. Tanto no ambiente político, social e cultural como dentro da Igreja Católica a autoridade e aqueles que a representavam foram colocados em xeque quanto às formas de exercício do poder. As leituras dos documentos conciliares e de documentos papais seguintes, como as encíclicas “Sacerdotalis Coelibatus”, “Populorum Progressio” e “Humanae Vitae” suscitaram efeitos e questionamentos impactantes. Impactantes foram também as primeiras experiências dos estudantes não acostumados com um ambiente plural nem com os novos métodos de ensino, de pesquisa e estudo.

Situado numa região de intensas atividades acadêmicas e culturais, o IFT, enquanto um seminário central, tinha como proposta era fornecer aos estudantes um curso de Filosofia e Teologia integrados, com uma visão “crítica”, moderna e mais “científica”, considerados mais adequados à cultura secularizada. No embate entre a “tradição tridentina” e as “novidade do Concílio”, temas polêmicos de um mundo convulsionado por revoluções políticas e movimentos culturais foram levados para dentro do ambiente acadêmico do IFT. Mesmo as disciplinas que vinham da longa tradição

da Igreja foram reformuladas sob novas perspectivas filosóficas, teológicas e pedagógicas.

O Diretório Acadêmico Onze de Outubro, DAXIX, criado pelos estudantes, com o apoio da diretoria do IFT, aglutinou várias atividades, sobretudo no que se refere à inserção no movimento estudantil e sua resistência ao regime militar. A sua estrutura institucional e sua organização interna, nos três anos de sua existência, passou por fases distintas. O DAXIX refletiu e reverberou internamente a conturbada conjuntura externa em transformação rápida e dinâmica. Os conflitos existiram tanto em relação às autoridades políticas e eclesiásticas como entre os próprios estudantes.

Alguns estudantes do IFT, membros do DAXIX, ao participarem ativamente nas do movimento estudantil sofreram a prisão, os inquéritos e as torturas. Os conflitos com o Cardeal Arcebispo de São Paulo, D. Agnelo Rossi, o envolvimento com o XXX Congresso da UNE e o Caso Marighella estiveram entre os fatores que conduziram o IFT à agonia, esvaziamento e extinção.

Esta parte resultou do que foi possível averiguar quanto à trajetória histórica do IFT. Breve recorte temporal, entre 1965 e 1969, porém, profundamente intenso, tenso e dinâmico, entre alegrias e tristezas, expectativas e frustrações, palavras, discursos e ação.

1. Novos tempos e a criação do IFT

A pesquisa em torno da criação do IFT contém uma série de lacunas devido ao não acesso aos arquivos da CRB em São Paulo. O contato por telefone e e-mails desde 2016 resultou numa negativa de “inexistência de documentos” nos seus arquivos segundo os secretários responsáveis. “Nunca ouvi falar dele” foi sempre a primeira resposta. A pesquisa “in loco” tanto na sede da CRB em São Paulo como na sede nacional no Rio de Janeiro foram comprometidas pelo fechamento durante a pandemia da COVID-19. Essa busca certamente poderia trazer novos elementos e informações. Assim, a memória daqueles que passaram pela instituição se apresentou como um dos recursos disponíveis e com certa urgência, dado a idade avançada dos personagens envolvidos.

As entrevistas realizadas forneceram informações relevantes para compreender o desenvolvimento histórico do IFT. Quanto à sua criação, muito pouco pôde ser levantado. Os entrevistados foram um professor, o ex-frade dominicano CARN, que lecionou no IFT em dois momentos distintos, no ano de 1965 e em 1969, respectivamente o primeiro e o último ano de sua existência; os outros três foram alunos de diferentes ordens religiosas: Padre PHG, sacramentino, hoje incardinado na Arquidiocese de São Paulo; Padre LRB, camiliano, hoje incardinado na Diocese de Campinas; Sr. R.L., agostiniano recoleto, deixou a ordem em fins de 1967. Estes três vivenciaram os primeiros anos do IFT; nenhum deles estava na instituição quando ela foi extinta.

O recurso à memória como fonte histórica pode trazer uma desconfiança quanto à suposta objetividade dos fatos. A História Oral como gênero historiográfico avançou bastante nas últimas décadas, aperfeiçoando as formas de pesquisa e as questões em torno dos elementos humanos e técnicos envolvidos. Muito já se escreveu sobre a relação entre o entrevistador e o entrevistado; sobre os condicionamentos nas entrevistas, seja a maneira como é conduzida, seja pelos instrumentos utilizados; sobre os problemas quanto à transcrição e sobre a necessidade de recorrer a outras fontes como forma de comparação e possíveis correção e adequação de informações. A memória daqueles que vivenciaram os fatos e o seu registro traz consigo fatores complexos. Dentre estes, é imprescindível considerar o “ontem” memorado no “hoje” da entrevista, como bem expresso por Marilena Chauí:

Lembrar não é reviver, mas re-fazer. É reflexão, compreensão do agora a partir do outrora; é sentimento, reaparição do feito e do ido, não sua mera repetição.⁵⁷⁰

A provisoriedade de toda investigação histórica permite que, a partir do que já se abordou anteriormente, novas fontes e informações permitirão uma releitura e reelaboração dos fatos. Assim, nem o testemunho daqueles que os vivenciaram nem a elaboração do historiador são definitivos. A subjetividade do entrevistado, sem desconsiderar a do entrevistador e historiador, comportam paixões, sentimentos e sensibilidades dificilmente registradas nos documentos escritos. No trabalho da transcrição das entrevistas, quão complexo é registrar emoções, ritmos e velocidades ao falar, hesitações, silêncios, profundamente significativos naquele momento da entrevista. A memória e a História Oral, mesmo com suas paixões e subjetividades, trazem de volta a humanidade dos sujeitos históricos, com suas dúvidas, incertezas, contradições, inseguranças. Também os sonhos, as expectativas, os desejos em relação ao futuro, consolidados ou frustrados, tornam-se mais vivos na expressão dos que vivenciaram os fatos.

Os documentos oficiais frequentemente são frios, com uma objetividade nas informações que, frequentemente oculta os elementos dramáticos da existência humana. Mesmo assim, tanto na historiografia baseada em documentos escritos como na História Oral, métodos e critérios apropriados são necessários ao historiador. Ao transcrever uma entrevista, o historiador realiza a operação de transformar uma fonte oral em escrita. As fontes escritas, mesmo os documentos oficiais, igualmente exigem análises criteriosas. As fontes orais tornam os sujeitos históricos parte da escrita da história.

A sociedade em seu conjunto, como protagonista vital, não pode ser excluída desta atividade. Caso contrário, teríamos uma histó-

⁵⁷⁰ CHAUÍ, Marilena de Souza. Os trabalhos da memória. In: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1987. p. XVIII-XXXIII

ria incompleta, parcializada, despojada de vozes dos povos, propulsores indiscutíveis de sua própria história. É por isto que a História Oral valoriza as fontes orais e recupera deste modo um espaço para a história não oficial.⁵⁷¹

Mediante a ausência ou a escassez de documentos diretos do IFT, a metodologia e os critérios da Micro-história fornecem um caminho para o entendimento dos fatos. A percepção da existência de confluências intelectuais, como apresentado na primeira parte, e a ausência de contatos diretos, cuja demonstração é uma operação nada fácil,⁵⁷² constituem desafios na escrita da história do IFT. A busca não realizada em arquivos importantes, as negativas da existência de fontes dadas pelos funcionários destes arquivos, a recusa de muitos que foram alunos ou professores na instituição em falar sobre ela suscita a pergunta sobre o “por quê” de tal ausência ou silêncio de fontes. Algumas hipóteses podem ser levantadas quanto aos arquivos da CRB ou da Cúria Metropolitana: os documentos existem, porém, estariam ainda sob sigilo; os documentos encontram-se em arquivo não pesquisado e ignorado; ou os documentos teriam sido destruídos, dada a repressão dos órgãos de Segurança do Estado. A hipótese inicial de que os documentos teriam sido confiscados pelo DOPS foi parcialmente descartada. Na busca realizada no Arquivo Público do Estado, um possível dossiê do IFT não foi encontrado. Embora alguns estudantes do IFT estivessem atuando no movimento estudantil, alguns tenham sido presos e dentre esses, alguns submetidos à tortura, o IFT como instituição não foi investigado pelo DOPS. E aí permanece outra incógnita: por que o IFT não foi investigado pelo DOPS, que, por sua vez, o fez com outras instituições eclesiásticas? Os documentos nos arquivos do DOPS se referem ao movimento estudantil, ao XXX Congresso da UNE em Ibiúna, em 1968, e aos estudantes do IFT investigados e presos por ocasião do Caso Marighella, em fins de 1969. Ainda assim, o silêncio daqueles que passaram pelo IFT torna-se igualmente significativo.

⁵⁷¹ BARELA, Liliana; MIGUEZ, Mercedes; CONDE, Luis García. História oral, história desde el presente. In: BARELA, Liliana; MIGUEZ, Mercedes; CONDE, Luis García. **Algunos apuntes sobre historia oral y como abordarla**. Buenos Aires: Dirección General Patrimonio e Instituto Histórico, 2009. cap. 1, p. 6-8. Disponível em: https://www.comisionporlamemoria.org/archivos/archivo/archivo-oral/bibliografia/Barela_Miguez_conde.pdf. Acesso em: 12 abr. 2023.

⁵⁷² GINZBURG, Carlo. Microhistoria: dos o tres cosas que sé de ella. **Manuscrits**, Paris, n. 12, p. 13-42, 1994. Disponível em: <https://www.raco.cat/index.php/Manuscrits/article/download/23233/92461/>. Acesso em: 12 abr. 2023.

Os entrevistados, ao serem questionados sobre a documentação do IFT demonstraram surpresa quanto à não localização dela. Para o Sr. R.L., deveria existir alguma “ata”, que teria sido recolhida pela CRB. Uma vez que, segundo ele, as orientações para o IFT vinham da CRB Nacional, cuja sede era o Rio de Janeiro; algum documento deve existir lá. Sendo uma instituição, mesmo formada por diversas congregações, para ele o IFT deveria ter alguma personalidade jurídica oficial junto aos órgãos públicos,⁵⁷³ o que não foi encontrado. O Professor CARN, mesmo sendo frade dominicano, não fez parte da diretoria nem na administração do IFT. Por isso, sua relação com os demais professores, com os alunos e com a diretoria, segundo ele próprio, caracterizou-se pela formalidade e, ainda assim, um tanto “restrita”.⁵⁷⁴ O Padre LRB comentou que, ao deixar a vida religiosa, permaneceu um tempo “exclausurado”.⁵⁷⁵ Antes de ir para a Diocese de Campinas, buscou seu histórico curricular acadêmico com as disciplinas e as respectivas notas na sede da CRB em São Paulo; e lhe foi cedido um documento com o timbre do IFT.

Tem que existir alguma documentação porque eles não iriam inventar aquilo. Agora se tiver alguma documentação, não deve ser uma documentação bem ... tecnicamente bem feita. É um amontoado de coisas.⁵⁷⁶

Para o Padre LRB, pelo fato de várias congregações, ordens religiosas e dioceses terem enviado seus estudantes para o IFT, o IFT precisava emitir os documentos acadêmicos dos seus alunos. Muitos que saíram depois, foram buscar seus currículos lá. Alguns se tornaram bispos, como D. Joviano de Lima Júnior⁵⁷⁷, sacramentino, bispo em São Carlos e depois arcebispo de Ribeirão Preto, D. Joel Ivo Catapan,⁵⁷⁸ verbita e bispo auxiliar de São Paulo, e D. Manuel Parrado Carral,⁵⁷⁹ bispo de São Miguel

⁵⁷³ Entrevista com Sr. RL.

⁵⁷⁴ Entrevista com o Professor CARN.

⁵⁷⁵ Dentro do ambiente eclesialístico, este termo significa a permissão para deixar o convento.

⁵⁷⁶ Entrevista com Padre LRB.

⁵⁷⁷ Joviano de Lima Júnior secretariou duas assembleias do IFT em agosto de 1968 e fez algumas intervenções na penúltima assembleia registrada em ata. Cf. Livro de Atas do DAXIX, p. 80-83.93-95. Ele foi citado diversas vezes também em entrevista com o Padre PHG, uma vez que era seu colega de turma. Cf. Entrevista com Padre PHG

⁵⁷⁸ Cf. Entrevista com Padre PHG.

⁵⁷⁹ Seu nome consta na lista de alunos do IFT de 1969, assim como em alguns trabalhos cedidos pelo Professor CARN.

Paulista. Quando foram escolhidos para ser bispos, certamente a Nunciatura Apostólica buscou informações na sede da CRB.⁵⁸⁰

Na cidade de São Paulo, muitas ordens religiosas e congregações mantinham suas obras específicas, como nas áreas da educação, da comunicação e imprensa e da assistência social. Mediante o crescimento acelerado da cidade, muitas delas assumiram paróquias na arquidiocese dentro do espírito de renovação conciliar e como forma de integração ao clero local. Como forma de inserção e colaboração da vida religiosa no clero local, muitas ordens e congregações cederam, muitas vezes sem a devida formalização, seus conventos e igrejas próprias para sediarem paróquias. No clero paulistano, os religiosos eram numerosos.⁵⁸¹ Também em São Paulo, o número de casas religiosas destinadas à formação filosófica e teológica era bastante grande. Além do Seminário Central do Ipiranga, reativado por D. Agnelo Rossi,⁵⁸² segundo um autor anônimo já abordado anteriormente,⁵⁸³ existiam 12 seminários de formação teológica na metrópole. Nenhum deles suficientemente capacitado com professores para todas as áreas nem com teólogos renomados ou com produções significativas de eventos e obras teológicas. Os intelectuais católicos encontravam-se envelhecidos e não respondiam mais às novas demandas. Com o pessoal capacitado disperso, o autor se referiu à urgência de um centro de formação de uma nova intelectualidade católica mais adequada e capaz de “pensar um cristianismo adaptado a seu tempo e país”.⁵⁸⁴ Tendo escrito o seu texto sobre “A Revolução Intelectual e a Igreja na América Latina” possivelmente em 1961, a proposta última do autor seria exatamente o que pediria o Concílio Vaticano II, mormente no documento “Optatum Totius” (abreviado como OT) destinado à formação sacerdotal, promulgado em sessão conciliar no dia 28 de outubro de 1965, quando o IFT já contava com quase um ano de funcionamento.

O documento preparatório sobre a formação sacerdotal foi discutido na III Sessão do Concílio, em 1964. Possivelmente, esse documento ou suas linhas mestras fossem conhecidos e difundidos por teólogos assistentes dos bispos conciliares, entre

⁵⁸⁰ Entrevista com Padre LRB.

⁵⁸¹ SOUZA, Ney de (org.). **Catolicismo em São Paulo: 450 anos de presença da Igreja Católica em São Paulo (1554-2004)**. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 498.

⁵⁸² *Ibid.*, p. 499.

⁵⁸³ A REVOLUÇÃO Intelectual e a Igreja na América Latina. Texto datilografado. [1961?]. P41-1418. p. 13-18.

⁵⁸⁴ *Ibid.*, p. 17.

os quais estava D. Agnelo Rossi, recém chegado na Arquidiocese de São Paulo. O elo entre a produção de discursos e seus efeitos constitui a circulação, cujas condições variam de acordo com o suporte material e tecnológico, segundo Eliseo Verón.⁵⁸⁵ Há uma convergência entre a demanda apontada pelo autor do texto anônimo citado e o que foi aprovado no conteúdo do documento OT.

Ainda segundo Eliseo Verón, cada polo entre a produção e o reconhecimento tem suas gramáticas, enquanto produção nunca exaustiva de sentidos e discursos. Igualmente, os efeitos de um texto são resultados das várias leituras possíveis. Os seus efeitos são também produção de sentidos, mesmo em comportamentos não verbais. Esses efeitos permitem avaliar a dimensão do poder de um discurso.⁵⁸⁶ O documento conciliar OT, numa leitura feita por frades agostinianos recoletos em trabalhos apresentados ao capítulo⁵⁸⁷ da Província de Santa Rita de Cássia em junho de 1966, foi utilizado como uma luva para vestir a mão. Ou seja, a província havia enviado seus estudantes para o IFT desde o ano anterior, quando iniciou suas atividades. Ao capítulo cabia a avaliação do IFT como instituição de formação sacerdotal e religiosa, e a revisão da manutenção dos estudantes nela. A apresentação foi feita de modo que ao final se deliberou pela manutenção dos estudantes, uma vez que o IFT correspondia aos “desejos do Concílio”, citando abundantemente o documento nas notas de rodapé. Assim, quem apresentou o trabalho sobre o IFT no capítulo, o fez de tal forma a mostrar que os seus objetivos, sua existência, seus métodos e seus fins eram corroborados pelo documento conciliar OT.⁵⁸⁸

Não se pode entender os rumos tomados pelo IFT e seus estudantes sem conhecer este documento conciliar. O tema central do documento é a formação humana,

⁵⁸⁵ VERÓN, Eliseo. Dicionário das ideias não-feitas (1979). In: VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo, Editora UNISINOS, 2004. cap. 3, p. 53-54.

⁵⁸⁶ *Ibid.*, p. 51-52.60.68.

⁵⁸⁷ «Capítulo» é o nome dado a certas reuniões periódicas de ordens religiosas, com níveis e jurisdições diversas e com a representatividade definida nos documentos jurídicos de cada ordem. Capítulo Provincial é então uma instância oficial, deliberativa e normativa, de uma «província», na qual se faz uma avaliação da gestão anterior, discutem-se os temas em pauta, e são definidas as «ordenações» para a próxima gestão. Entre os convocados para os capítulos existem aqueles definidos pelo direito próprio e os representantes dos diversos setores da província eleitos de acordo com os critérios estabelecidos e aprovados pelo capítulo anterior e o superior geral da Ordem.

⁵⁸⁸ PAULA, Sérgio Peres de. O IFT e os Agostinianos Recoletos, a partir dos documentos do Capítulo Província da Província de Santa Rita de Cássia – 1966. **Recollectio: Annuarium Historicum Augustinianum**, Madrid, n. 43, p. 73-88, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7688259.pdf>. Acesso em: maio 2021.

acadêmica, e religiosa dos seminaristas. Já no proêmio, permitiu-se introduzir no currículo formativo dos seminários novos elementos que correspondiam ao que já havia sido aprovado pelo Concílio e “às novas condições dos tempos”.⁵⁸⁹ Assim, os bispos conciliares recomendaram adaptar as leis às circunstâncias de tempo e de lugar “para que a formação sacerdotal corresponda às necessidades pastorais das regiões em que deve ser exercido o ministério”.⁵⁹⁰ Caberia às conferências episcopais definir os métodos, revisá-los periodicamente e encaminhá-los a aprovação da Santa Sé.

No que se refere ao cultivo de vocações, os bispos conciliares recomendaram como auxílio útil os avanços oferecidos pela Psicologia e Sociologia. Nos seminários menores,⁵⁹¹ a direção “paternal” dos superiores deveria contar com a cooperação dos pais e “levar uma vida conveniente à idade, ao espírito e à evolução dos adolescentes, plenamente adaptada às normas da sã psicologia, sem omitir uma adequada experiência das realidades humanas e o contato com a própria família”.⁵⁹²

Em todos os aspectos da formação, a saber, espiritual, intelectual e disciplinar, foi proposta uma ação conjunta ordenada ao fim pastoral: o ministério da Palavra, o ministério sacramental e o cuidado pastoral.⁵⁹³ Os formadores seriam escolhidos entre aqueles considerados “educadores idôneos” por sua solidez doutrinal, adequada experiência pastoral, boa formação espiritual e pedagógica. Os bispos conciliares pediram que se promovessem os institutos com tal finalidade e, para atingir os fins de renovação nos seminários, os reitores, superiores e professores realizassem reuniões para agirem conjuntamente como “família”, numa “estreita união de pensamento e ação”.⁵⁹⁴

⁵⁸⁹ DECRETO “Optatam Totius”. In: COMPÊNDIO DO CONCÍLIO VATICANO II: constituições, decretos e declarações. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 507-525.

⁵⁹⁰ OT 1 (nas citações do documento serão utilizados a abreviatura e o número corresponde ao parágrafo, tal como no documento).

⁵⁹¹ Entenda-se a etapa anterior à formação acadêmica de nível superior (Filosofia e Teologia).

⁵⁹² OT 3

⁵⁹³ OT 4

⁵⁹⁴ OT 5

Estabelecidos os critérios de seleção,⁵⁹⁵ os bispos incentivaram os “seminários comuns”, podendo-se entender aí as várias dioceses, ordens e congregações religiosas, regidos pelas normas dos bispos e aprovados pela Santa Sé.⁵⁹⁶ Apontaram os critérios para formação espiritual, pedindo que não se ocultassem as dificuldades da vida sacerdotal e se fortalecesse a vida espiritual através da ação pastoral. A formação seria adequada ao celibato sacerdotal, com as devidas advertências aos perigos da “sociedade atual”. Para isto, a Psicologia e Pedagogia poderiam ser instrumentos complementares e auxílio numa disciplina que visasse o autodomínio e uma maturidade sólida.⁵⁹⁷

Quando aborda sobre a reestruturação dos estudos eclesiais, os bispos conciliares pediram uma formação humanística e científica adequada como estudos superiores, com disciplinas filosóficas e teológicas articuladas entre si e que favorecessem um “abrir as mentes” ao mistério de Cristo.⁵⁹⁸

Tratando da reestruturação dos estudos filosóficos, os bispos solicitaram que, para um conhecimento sólido e coerente do homem, do mundo e de Deus, fossem também consideradas: as investigações filosóficas dos tempos modernos, sobretudo aquelas de maior influência “na respectiva nação”; o progresso recente das ciências “para que os alunos conheçam de maneira exata a índole da época presente e se preparem convenientemente para o diálogo com os homens de seu tempo”;⁵⁹⁹ o conhecimento dos limites do saber humano; e a relação da filosofia “com os verdadeiros problemas da vida e também com as questões que agitam a mente dos estudantes”.⁶⁰⁰

Sobre a formação teológica, os bispos determinaram que fosse ministrada à luz da Fé e do Magistério da Igreja, como alimento espiritual, para anunciá-la, expô-la e defendê-la no ministério sacerdotal; e que fosse aplicada às realidades humanas e comunicada “aos homens de hoje”. Assim, o diálogo ecumênico e inter-religioso poderiam ser incentivados. Lembraram ainda que a formação teológica não se tratava

⁵⁹⁵ OT 6

⁵⁹⁶ OT 7

⁵⁹⁷ OT 8 a 11

⁵⁹⁸ OT 13 e 14

⁵⁹⁹ OT 15

⁶⁰⁰ OT 15

de mera transmissão de conceitos; por isso, solicitaram a reformulação dos métodos didáticos, citando como exemplo as preleções, colóquios, exercícios, estudos em particular e em equipes.⁶⁰¹

Quanto à formação pastoral, afirmaram os bispos conciliares: “a solicitude pastoral, que deve penetrar toda formação dos estudantes, exige que eles também se instruem diligentemente” ... sobretudo na “capacidade de ouvir os outros”.⁶⁰² Nessa formação pastoral, seriam cultivadas as aptidões para o diálogo com os homens e às várias situações humanas, considerando a autoridade eclesiástica e os meios pedagógicos, psicológicos e sociológicos. Por fim, os bispos conciliares solicitaram que a prática pastoral fosse incluída no currículo dos estudos e, mesmo durante o exercício do ministério, houvesse uma formação e atualização contínuas.⁶⁰³

É notável no documento o desejo de adaptação, renovação e atualização dos currículos formativos e acadêmicos aos tempos modernos. A credibilidade na eficácia das ciências modernas, no caso aqui, sobretudo, da Psicologia, Sociologia e Pedagogia, colocou-as como ferramentas importantes tanto nos processos de seleção como de formação, bem como na criação de um ambiente interno de diálogo e familiaridade nos seminários, que tornasse o sacerdote capaz de dialogar com o mundo. O documento enfatizou também o papel das autoridades nos seus diversos níveis, superiores, reitores, bispos, conferências episcopais e Santa Sé, quanto à elaboração e aprovação das mudanças e experiências novas. O “Aggiornamento” far-se-ia, assim, sob o controle e a vigilância das autoridades competentes.

Como instituição de formação sacerdotal multidisciplinar e intercongregacional, a iniciativa da criação do IFT coube aos provinciais que pertenciam à CRB do regional de São Paulo. Muito do que foi dito como sendo os seus objetivos foram efeitos das leituras dos documentos aprovados anteriormente pelo Concílio. Quando o documento OT foi aprovado, seguiu-se uma linha de coerência com os anteriores. Esta “gramática” conciliar se consolidava de tal forma que as leituras conduziram a efeitos

⁶⁰¹ OT 16 e 17

⁶⁰² OT 19

⁶⁰³ OT 20 a 22.

como a novidade de uma instituição intercongregacional. Quando no documento OT se recomendavam os “Seminários Comuns”,⁶⁰⁴ o IFT já existia como tal.

Segundo o Padre PHG, em 1964, ele estudava Filosofia com os Barnabitas,⁶⁰⁵ que mantinham um colégio na Avenida do Contorno em Belo Horizonte, Minas Gerais. O costume das congregações muito pequenas era enviar seus estudantes para fazer Filosofia e Teologia na Europa.

E o último que foi, foi o padre Haddad⁶⁰⁶ que foi um ano antes de mim; ele era um ano acima de mim, ele foi fazer em Roma seu curso, na Gregoriana, né, seu curso de Teologia.⁶⁰⁷

Tal procedimento, no entanto, tinha um custo muito elevado. Assim, prosseguiu o padre, dizendo:

E pelo que eu me lembro bem, os provinciais achavam que se juntassem todos, principalmente de ordens e congregações pequenas, né... se juntassem todos, formariam um grande seminário, né. E sairia muito mais barato do que mandar para a Europa, os seus seminaristas para estudar Teologia ... Filosofia e Teologia. E o que eu sei, né, naquela época, é que os provinciais se reuniram e fundaram o IFT, né.⁶⁰⁸

Um dos que esteve à frente da iniciativa de criação do IFT, em suas memórias, teria sido um agostiniano assuncionista holandês, cujo nome não se recordava, o Padre Alcuíno Derks.⁶⁰⁹ Para o Padre PHG, ele foi o primeiro reitor do IFT, seguido depois

⁶⁰⁴ OT 7

⁶⁰⁵ Trata-se da Ordem dos Clérigos Regulares de São Paulo, fundada por Santo Antônio Maria Zaccaria.

⁶⁰⁶ Padre Antônio Haddad (1942-1990). Num artigo da “Folha de São Paulo”, de 22 de outubro de 2004, Padre Haddad foi citado por ocasião de um sequestro e suposto escândalo no qual estaria envolvido: “No início dos anos 80, outro padre foi alvo de sequestro por parte de arapongas ligados à linha dura do regime militar. Em Belo Horizonte, o padre Antônio Haddad foi sequestrado e levado para um motel, onde foi fotografado com uma mulher”. Cf. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2210200403.htm> Acesso em: set. 2021.

⁶⁰⁷ Entrevista com Padre PHG.

⁶⁰⁸ *Ibid.*

⁶⁰⁹ Padre Alcuíno Derks (1914-1991), religioso assuncionista holandês, trabalhou durante várias décadas no Brasil; assumiu a presidência da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB, em 1962. (cf. FREI ALCUÍNO DERKS. Disponível em: <https://www.assomption.org/biographie/alcuino-henri-derks-1914-1991/>. Acesso em: 17 abr. 2023.

pelo dominicano Frei José Neves.⁶¹⁰ Segundo o Padre LRB, o Padre Olinto Pegoraro era um dos que estavam à frente da ideia de se criar o IFT, mas o “pai da iniciativa” e quem se empenhou em sua execução fora o Padre Alcuíno Derks, que era o presidente da CRB no regional São Paulo.⁶¹¹ Segundo ele, tal como estava, cada congregação com sua própria casa de formação, “havia uma grande dispersão de forças em termos de qualidade intelectual”. Cada congregação teria que manter um número grande de professores para várias disciplinas, sem, no entanto, a devida especialização para todas elas. A ideia de criação de um “Studium Theologicum” comum teria se iniciado em 1963 e ganhado força em 1964.⁶¹² O Professor CARN não soube como se deu a criação do IFT. Nas incertezas da memória, talvez tenha sido o Padre Olinto Pegoraro que o convidara para dar aulas no IFT em 1965, uma vez que lhe era um “velho conhecido”. Se foi o Padre Olinto Pegoraro, no entanto, o fez através dos superiores hierárquicos dos dominicanos.⁶¹³

Com a ideia e o projeto de criação do IFT elaborados e executados ainda durante o Concílio Vaticano II, muito do que se compreendeu como sendo sua proposta e “seus desejos” tiveram um peso expressivo. Como já foi citado, o Padre José Oscar Beozzo, levantou vários dos elementos que caracterizaram o Concílio Vaticano II, seu reconhecimento, leituras e efeitos no Brasil: a percepção da complexidade semântica de “Igreja Católica”, a reestruturação interna com novas formas de conceber a hierarquia eclesial, dando ênfase à colegialidade em torno dos bispos e das conferências episcopais, a reforma litúrgica, a eclesiologia de “Povo de Deus”, um novo estilo

⁶¹⁰ Entrevista com Padre PHG. Segundo o Livro de Atas do DAXIX, em 1966 e 1967, o reitor era o camiliano Padre Olinto Pegoraro, que frequentemente estava nas assembleias dos estudantes. Cf. Livro de Atas do DAXIX, p. 12-64. A ele sucedeu o dominicano Frei José Neves, cujo nome só aparece na ata do dia 20 de setembro de 1968, por ocasião do conflito com o cardeal arcebispo D. Agnelo Rossi. Não há registro nas atas de sua participação nas assembleias. Cf. Livro de Atas do DAXIX, p. 88-95. Não foi encontrado em nenhuma fonte o registro de que fora reitor no ano de 1965. Conforme o Sr. RL, quando estudou no IFT, a partir do ano de 1966, o reitor era Padre Olinto Pegoraro. E não fez referência a quem ocupava o cargo no ano anterior. Também citou a CRB como responsável pela criação do IFT e abordou sobre o impacto comportamental nos estudantes devido ao contato com ordens e congregações diferentes. Cf. Entrevista com o Sr. RL

⁶¹¹ Entrevista com o Padre LRB

⁶¹² Ibid., p. 2. Normalmente, as funções de presidente da CRB eram por 2 anos. Assim, a gestão nacional em 1962-1963 teria sido do Padre Alcuíno Derks. Terminada sua gestão, provavelmente então ele ocupou a presidência da CRB-Regional São Paulo. Sendo o autor da ideia já em 1963, encontrou eco entre os provinciais da CRB em São Paulo.

⁶¹³ Entrevista com o Professor CARN.

pastoral, internamente desde uma pastoral orgânica e de conjunto, incluindo o ecumenismo e diálogo inter-religioso.⁶¹⁴ Dentro do que se compreendeu no conceito de “colegialidade”, organismos institucionais como a CNBB e a CRB, fundadas na década anterior, ganharam força moral, embora cada diocese, ordem e congregação mantivesse sua autonomia. A CNBB, sobretudo, obteve uma força verdadeiramente imperativa. Não seguir suas orientações tornou-se como uma ferida à colegialidade. As ordens e congregações que não se adequavam à renovação conciliar nos moldes propostos pela CRB passaram a ser vistas como “tradicionais”, retrógradas e empecilho.

Desde uma perspectiva prosopográfica,⁶¹⁵ pode-se constatar a relação existente entre as instituições CNBB e Arquidiocese de São Paulo, suas figuras representativas, enquanto arcebispos e cardeais, e a implantação do Concílio Vaticano II no Brasil e na metrópole. Em São Paulo, a figura do Cardeal Arcebispo D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta era de grande notoriedade. Ele tornou-se o décimo quinto bispo de São Paulo, seu terceiro arcebispo e o primeiro na sede paulistana a ser nomeado cardeal pelo Papa Pio XII, em 1946. Empenhou-se pela criação da Pontifícia Universidade Católica, estimulou o Movimento Familiar Cristão e a Ação Católica, deu sequência à construção da nova catedral e fundou a Radio Nove de Julho. O cardeal

⁶¹⁴ BEOZZO, José Oscar, **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II (1959-1965)**, São Paulo: Paulinas, 2005, p. 43-62.

⁶¹⁵ Lawrence Stone assim a define: “a prosopografia é a investigação das características comuns de um grupo de atores na história por meio um estudo coletivo de suas vidas” Cf. STONE, Lawrence. Prosopografia. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 19, n. 39, p. 115-137, jun. 2011. p. 115.

Esta investigação se constitui em estabelecer um universo a ser estudado e investigar um conjunto de questões uniformes. O objetivo da Prosopografia é encontrar tanto correlações internas quanto correlações com outras formas de comportamento ou ação. Como ferramenta na história, foi utilizada em estudos relacionados a origens da ação política, na investigação da estrutura e mobilidade social e dos movimentos intelectuais e religiosos. O propósito fundamental da Prosopografia é dar sentido à ação política, ajudar a explicar a mudança ideológica ou cultural, identificar a realidade social e descrever e analisar com precisão a estrutura da sociedade e o grau e a natureza dos movimentos em seu interior. Cf. OLEGÁRIO, Thaís Fleck. Aportes e limites da prosopografia para o estudo da história. **Revista Outras Fronteiras**, Cuiabá, v. 4, n. 2, p. 24-40, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/outrasfronteiras/index.php/outrasfronteiras/article/view/277>. Acesso em: maio 2020; BONTEMPI JUNIOR, Bruno. Usos da prosopografia para a história dos intelectuais da educação. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 33, n. 67, p. 57-82, jan./abr. 2019. DOI: <https://doi.org/10.14393/REVE-DFIL.v33n67a2019-47897>. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/47897>. Acesso em: maio 2020.

A Prosopografia como método de análise para construção da narrativa histórica auxilia na demonstração do papel e atuação dos diversos “personagens”, como o IFT enquanto instituição que convergiu ideais de diferentes ordens e congregações religiosas, associadas à complexidade da hierarquia da Igreja Católica. Na década de 1960, no Brasil, a complexidade hierárquica da Igreja Católica passou a integrar outras instâncias institucionais colegiadas, como a CNBB e a CRB, que se tornaram personagens relevantes na condução da Igreja no Brasil.

Motta, um dos fundadores da CNBB, ocupou o cargo de sua presidência desde a criação em 1952 até 1958. Mesmo antes das reformas conciliares, erigiu muitas paróquias em São Paulo, chegando a mais de 100 quando deixou a sede e foi transferido para a Arquidiocese de Aparecida, em 1964.⁶¹⁶

A sequência, na implantação da renovação conciliar, coube ao Arcebispo D. Agnelo Rossi, nomeado cardeal em 1965. Desde um ponto de vista conservador, segundo o Padre Ney de Souza, ao mesmo tempo D. Agnelo teve iniciativas fundamentais para a dinâmica pastoral da metrópole em sua complexidade, com a reorganização do clero, a criação das regiões episcopais e a fundação de instituições próprias para fins pastorais.⁶¹⁷ Também ele foi presidente da CNBB entre os anos de 1964 e 1970.⁶¹⁸ Ou seja, durante quase duas décadas de existência até então, e por todo período de realização do Concílio Vaticano II e anos seguintes, a figura do presidente da CNBB esteve associada à do cardeal arcebispo de São Paulo. A crescente força moral da CNBB, em nome da colegialidade episcopal, atingia a figura do cardeal arcebispo. Os conflitos internos na CNBB, em fins da década de 1960, devido aos descontentamentos de setores da hierarquia ante a postura de D. Agnelo em relação ao regime militar, punha em questão o peso moral associado a essas figuras. D. Agnelo evitava os enfrentamentos diretos com o Estado. Isto lhe custou acusações de condescendência com as lideranças políticas e militares ante as crescentes denúncias de tortura de presos políticos. Esse teria sido um dos motivos de sua transferência para a direção da Sagrada Congregação para a Evangelização dos Povos, em Roma, no ano de 1970.⁶¹⁹

⁶¹⁶ Cf. Disponível em: <https://arquisp.org.br/historia/dos-bispos-e-arcebispos/arcebispos/cardeal-dom-carlos-carmelo-de-vasconcelos-motta>. Acesso em: 15 abr. 2023.

⁶¹⁷ Cf. SOUZA, Ney de. Cardeal Rossi e a recepção do Vaticano II em São Paulo. **ATeo**, Rio de Janeiro, v. 23, p. 730-749, set./dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.46368>. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/46368/46368.PDF>. Acesso em: maio 2021.

⁶¹⁸ Cf. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/dom-agnelo-rossi-o-presidente-que-tinha-como-submissao-o-amor-ao-santo-padre/> e também Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/dom-agnelo-rossi-e-dom-jose-da-costa-tempos-delicados-a-frente-da-cnbb/> Acesso em: 15 abr. 2023.

⁶¹⁹ SOUZA, Ney de. Cardeal Rossi e a recepção do Vaticano II em São Paulo. **ATeo**, Rio de Janeiro, v. 23, p. 730-749, set./dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.46368>. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/46368/46368.PDF>. Acesso em: maio 2021.

Quanto à CRB e ao IFT, existe também uma atuação bastante expressiva de algumas ordens e congregações, tais como os carmelitas, os camilianos e os dominicanos. Nelas se entrecruzam tendências de pensamento teológico vinculados a países europeus com os quais essas entidades religiosas mantinham estreitas relações.

Frei Alcuíno Henri Derks (1914-1991), agostiniano assuncionista, ocupou a presidência da CRB nos anos de 1962 e 1963. Holandês de nascimento, teve sua formação teológica conturbada, devido à Segunda Guerra Mundial, em Lovaina e Bergeijk, onde foi ordenado padre em 1943. Enviado para o Brasil, exerceu diversos cargos internos na congregação e destacou-se por um trabalho junto a imigrantes holandeses no Brasil. Sua experiência como presidente da CRB foi descrita como “não bem acolhida e onde ele fez a experiência do ‘Galileu’ que não é bem recebido em sua própria casa”. Nos anos de 1960, passou por momentos de crise institucional interna entre os confrades de língua francesa e os de língua holandesa.⁶²⁰

Os carmelitas, cujo convento situado no bairro da Bela Vista, em São Paulo, sediou o IFT nos anos de 1968 e 1969, mantiveram seus estudantes na entidade. A presença de holandeses entre os carmelitas era numerosa, uma vez que a Província Carmelita da Holanda havia assumido, desde 1904, a restauração da Província Fluminense da Ordem do Carmo no Brasil.⁶²¹ Entre os professores no IFT encontrava-se o holandês, teólogo e biblista, Frei Carlos Mesters (1931...). Veio para o Brasil em 1949, aos 18 anos de idade. Estudou Filosofia em São Paulo e completou seus estudos teológicos no Colégio Internacional de Santo Alberto Magno e na Universidade São Tomás de Aquino, em Roma. Regressou ao Brasil em 1963, atuando como professor de Sagrada Escritura até 1973 no convento carmelita.⁶²² Ao menos dois estudantes carmelitas do IFT foram investigados pelo DEOPS: Antônio Ramos Gomes,

⁶²⁰ Cf. FREI ALCUÍNO DERKS. Disponível em: <https://www.assumption.org/biographie/alcuino-henri-derks-1914-1991/>. Acesso em: 17 abr. 2023. O texto no site está originalmente em francês; a citação é uma tradução livre.

⁶²¹ Cf. FREI CARLOS MESTERS. **Carmelitas**. Disponível em: <https://carmelitas.org.br/conheca-a-historia-da-ordem-do-carmo-no-brasil/>. Acesso em: 16 abr. 2023.

⁶²² Cf. Disponível em: <https://verbodivino.es/autores/2198/carlos-mesters>. Acesso em: 16 abr. 2023. Cf. também Entrevista com Padre LRB

Por duas ocasiões tive contato pessoal com Frei Carlos Mesters. A primeira vez, quando eu era estudante em Angra dos Reis, no ano de 1984, e participei de um encontro de jovens, no qual ele ministrou uma palestra. Na segunda vez, em 1993, estava eu a passear por essa cidade no sul fluminense, quando o encontrei pela rua e ele, muito gentilmente, como era seu jeito de ser, me convidou para tomar um café no centenário convento do Carmo. E ali passamos um agradável momento de boa conversa. Homem simples, afável, encontra-se com a

secretário na primeira diretoria eleita do DAXIX,⁶²³ preso em 1966 e investigado posteriormente por participação na APML,⁶²⁴ e José Augusto Braga, preso também em 1966 por panfletagem de material considerado “subversivo”.⁶²⁵ Entre as fontes, encontram-se dois documentos relacionados à Holanda: um texto anônimo, datilografado e intitulado “Relatório preparado a pedido da Associação dos Religiosos da Holanda”, Haia, abril de 1967;⁶²⁶ e um trabalho manuscrito em fichas pautadas do estudante José Luiz dos Santos sobre “O Novo Catecismo”, referindo-se ao polêmico “Catecismo Holandês”.⁶²⁷

Os camilianos abriram o Seminário Pio XII, no distante bairro do Jaçanã, periferia de São Paulo, para receber seminaristas de outras ordens e congregações. Ali, pelo menos em 1965 e 1966, eles residiam e os estudos eram feitos no IFT, no Colégio Des Oiseaux.⁶²⁸ Entre os camilianos que atuavam na CRB, o Sr. RL fez referência ao trabalho missionário organizado pelo Pe Fillipeli.⁶²⁹ O Padre Júlio Munaro consta como secretário da CRB, representando o presidente da entidade na reunião com o Cardeal Arcebispo de São Paulo D. Agnelo Rossi, em 23 de setembro de 1968.⁶³⁰ Padre Olinto Pegoraro, falecido em 2019,⁶³¹ foi o reitor do IFT ao menos nos anos de 1966 e 1967. Durante o período em que esteve à frente na reitoria, deu ao DAXIX um grande apoio e presença. O primeiro presidente do diretório acadêmico, Francisco Ansiliero,⁶³² era

idade avançada e bastante enfermo. Contatado para dar entrevista, disse não se recordar de quando deu aulas no IFT. A pandemia da COVID-19 impediu de ir até ele, em Unaí, no norte de Minas Gerais.

⁶²³ Cf. Livro de Atas do DAXIX, p. 1, sendo secretário, ele escreveu a abertura do livro, fez a transcrição do Estatuto e redigiu as primeiras atas do diretório acadêmico até a página 35.

⁶²⁴ Cf. MF 50-C-022, p.6642-6639, no APESP, digitalizado no dia 05 de abril de 2022; cf. também Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOP-SOS001034.pdf. Acesso em: jun. 2021. p. 86-122.

⁶²⁵ Cf. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/DE-OPSSPJ013054.pdf>. Acesso em: maio 2021; seu prontuário de número 143612, no APESP, foi completamente digitalizado in loco no dia 05 de abril de 20022.

⁶²⁶ RELATÓRIO preparado a pedido da Associação dos Religiosos da Holanda. Haia, abril de 1967. P22-9. Texto datilografado. (15 páginas). Datilografado em camadas, utilizando o “papel carbono”, frente e verso, com legibilidade comprometida; o relatório propriamente contém cinco páginas, com um anexo de 10 páginas, comparando a “Vida Religiosa tradicional” com a nova visão proposta pela renovação conciliar, num total de 15 páginas.

⁶²⁷ SANTOS, José Luiz dos. **O Novo Catecismo**. São Paulo: IFT, 1969. Manuscrito em ficha pautada, cinco fichas numeradas frente e verso, 09 páginas. Cedido pelo Professor CARN.

⁶²⁸ Entrevista com Sr. RL

⁶²⁹ *Ibid.*

⁶³⁰ Livro de Atas do DAXIX, p. 96

⁶³¹ Cf. Disponível em: <http://nucleodememoria.vrac.puc-rio.br/noticia/2019/01/falecimento-prof-olinto-pegoraro-professor-departamento>. Acesso em: jun. 2021.

⁶³² Cf. Livro de Atas, p. 3

estudante camiliano. Outro estudante, Albino de Bortoli,⁶³³ detido no dia 03 de agosto de 1968, dia da manifestação dos estudantes em frente ao DOPS, consta como residente no Jaçanã em ficha nos seus arquivos no APESP. Possivelmente era estudante camiliano, uma vez que esses eram numerosos no IFT, geralmente ítalo descendentes do sul do país, sobretudo de Santa Catarina. O entrevistado Padre LRB fora camiliano, tendo deixado a ordem em fins da década de 1960.

O dominicanos constituem um dos grupos mais expressivos e atuantes na relação entre CRB, IFT e DAXIX. O então dominicano Frei Lucas Moreira Neves, depois Cardeal Arcebispo Primaz de Salvador, foi citado pelo Sr. RL como presidente da CRB;⁶³⁴ no entanto, nos anos de 1966 e 1967, ele atuou como responsável pelo Departamento de Formação da CRB Nacional.⁶³⁵ Na reitoria do IFT, em 1968, encontrava-se Frei José Neves. No corpo docente, muitos dominicanos atuaram, permanecendo na memória de alguns como brilhantes professores. Frei “Bernardo” Catão⁶³⁶ (1927-2020), formado em Ciências Sociais pela PUC-Rio antes de entrar para a Ordem dos Pregadores, fez doutorado em Estrasburgo, na França. Nesse período, presenciou os debates teológicos sobre o Concílio Vaticano II, estabelecendo contatos com Karl Rahner, Henri de Lubac, Hans Urs von Balthazar e teólogos mais jovens como Joseph Ratzinger e Hans Küng.⁶³⁷ O francês Luciano (Lucien) Parise, membro da diretoria e professor, consta como Diretor da Filosofia e depois como Diretor da Teologia no Livro de Atas do diretório acadêmico. Fez uma intervenção numa assembleia, procurando amenizar o clima tenso entre os estudantes⁶³⁸. Considerado professor de excelência, sobretudo em Liturgia, marcou a memória dos entrevistados.⁶³⁹ Seu confrade, o entrevistado Professor CARN, recordou-se dele como “de boa lembrança”.⁶⁴⁰ Outro dominicano que atuou como professor foi Frei Gilberto Gorgulho,⁶⁴¹

⁶³³ *Ibid.*, p. 19. Cf também Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXSNB003348.pdf. Acesso em: maio 2021.

⁶³⁴ Entrevista com Sr. RL

⁶³⁵ Cf. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/lucas-moreira-neves-dom/biografia>. Acesso em: maio 2021.

⁶³⁶ Citado como provincial na Entrevista com o Professor CARN; como professor de Cristologia, grande teólogo, que fora provincial e depois deixou o sacerdócio, na Entrevista com o Padre LRB.

⁶³⁷ Cf. Disponível em: <https://unisal.br/iii-coloquio-de-teologia-teologo-francisco-catao/>. Acesso em: 17 abr. 2021.. Seu nome era Francisco Augusto Carmil Catão; deixou de dar aulas no IFT quando foi eleito provincial

⁶³⁸ Livro de Atas do DAXIX, p. 12.29

⁶³⁹ Entrevista com Sr. RL; Entrevista com Padre PHG; Entrevista com Padre LRB;

⁶⁴⁰ Entrevista com Professor CARN

⁶⁴¹ Cf. Entrevista com Padre PHG; Entrevista com Padre LRB

também teólogo especializado em Sagrada Escritura, que suscitava grande admiração.

O IFT se constituía como um nó na rede de relações desse cruzamento de personalidades institucionais, tais como CNBB, CRB, ordens e congregações religiosas e Arquidiocese de São Paulo. Todos envolvidos com outro acontecimento institucional que suscitava expectativas de renovação, por um lado, e incertezas estruturais e jurídicas, por outro: o Concílio Vaticano II. E nessa rede os grandes debates teológicos circulavam entre os professores, brasileiros formados na Europa, ou de origem europeia. Assim, documentos eclesiais conciliares e produções textuais de teólogos renomados suscitavam leituras e debates, com o poder de alimentar as críticas sobre a tradição tridentina e estimular utopias frente ao futuro, mediante às incertezas, inseguranças e ausência de limites bem definidos naquele presente.

A segunda metade da década de 1960, tendo o ano de 1968 como um marco de referência, caracterizou-se por inúmeras manifestações culturais e políticas, como já abordado anteriormente. No Brasil, não foi diferente! No âmbito da própria Igreja Católica, em nome da renovação conciliar, havia muitas formas de contestação da autoridade eclesial. Isso se acentuou pelo fato de a Igreja Católica encontrar-se no vácuo jurídico devido à revisão do Código de Direito Canônico, concluída somente em 1983,⁶⁴² e à pouca clareza das relações entre bispos e vida consagrada, entendida aqui como o conjunto de ordens, congregações e institutos seculares. O documento “*Mutuae Relationes*”, que oferecia os critérios pastorais entre os bispos e os institutos de vida consagrada, foi aprovado e decretado em maio de 1978.⁶⁴³

Em meio às incertezas, crises e contestações, CNBB e CRB como instituições eclesiais se fortaleceram, embora os limites de ação de um e de outro nem sempre estivessem claros. A própria discussão sobre a compreensão de autoridade, apresentadas tanto por Hannah Arendt em fins da década de 1960, como por Norberto Bobbio

⁶⁴² BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II (1959-1965)**. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 52-53.

⁶⁴³ Cf. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccscrife/documents/rc_con_ccscrife_doc_14051978_mutuae-relationes_sp.html Acesso em: abr. 2023.

nos anos 1990, não dão uma dimensão da complexidade de exercício de poder dentro da Igreja, reduzindo-o de forma a compreendê-lo sempre como “autoritarismo”.⁶⁴⁴

Traduzindo em imagens, H. Arendt se utiliza da “pirâmide” e da “cebola” para falar sobre os modelos de caráter autoritário. Na forma piramidal, a sede do poder está no topo, a partir da qual “a autoridade e o poder se filtram para a base”, em camadas com poder cada vez menor em relação às camadas superiores, mas que se inter-relacionam com o ponto comum: o topo da pirâmide; e à fonte transcendente de autoridade acima dela. Tal seria, para ela, o modelo cristão de governo autoritário. A “estrutura da cebola” seria a imagem para o governo e organização totalitários. No centro, está o líder. O que quer que ele faça, seja integração do organismo político, seja opressão dos súditos, ele o faz de dentro, e não de fora ou de cima. Tal estrutura se apresenta como “ficção de um mundo normal”, onde supostamente fanatismos e extremismos estão ausentes.⁶⁴⁵ A partir dessas estruturas, ela aborda algumas tendências no mundo ocidental, como o liberalismo, focado na liberdade, o conservadorismo, centrado na questão da autoridade, e as “Ciências Sociais”, caracterizadas pela funcionalização dos conceitos e ideias. Em todas estas, frequentemente a violência é exercida em função da autoridade.⁶⁴⁶

Sobre o autoritarismo, N. Bobbio estabelece uma oposição entre os regimes autoritários e democráticos. A característica de um regime autoritário seria a ausência de um Parlamento, de eleições populares e de liberdade de subsistemas, sendo a oposição suprimida ou obstruída. Em relação à democracia, diz N. Bobbio: “Um sistema político democrático pressupõe uma sociedade democrática”.⁶⁴⁷ A simples congruência entre sociedade e regime político não implica necessariamente um “isomorfismo”.

⁶⁴⁴ Cf. PAULA, Sérgio Peres de. Autoridade, autoritarismo, política, poder, liberdade e violência no Instituto de Filosofia e Teologia (IFT): uma análise através de Hannah Arendt e Norberto Bobbio. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, São Paulo, v. 5, n. 7, p. 64-92, jul. 2022. DOI: <http://doi.org/10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/filosofia/autoridade>. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/filosofia/autoridade>. Acesso em: 04 abr. 2023.

⁶⁴⁵ ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. p.135-136.

⁶⁴⁶ *Ibid.*, p. 138-140.

⁶⁴⁷ BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política**. 11. ed. Brasília, DF: Ed. UnB, 1998. p. 103.

A CNBB, a CRB, e o IFT eram instituições eclesiais e, enquanto tal, não democráticas, no sentido de que não se amparavam necessariamente em decisões por maioria de seus componentes. A organização eclesial é baseada num senso de autoridade, com uma complexidade de níveis e pesos diversos, que vão desde instâncias colegiais, como os concílios, sínodos, conferências episcopais, conferências de religiosos, capítulos nas ordens e congregações religiosas, conselhos diocesanos, paroquiais e comunitários, até os graus hierárquicos dos bispos, padres e diáconos. E ainda por cima, nessas instâncias, há uma variedade muito grande entre o que se estabelece como normativo e o que é orientativo, sem obrigatoriedade; entre órgãos consultivos e deliberativos. A imagem da pirâmide, e muito menos a da cebola, utilizadas por H. Arendt, não dá uma visão exata da dimensão do senso de autoridade e exercício do poder na Igreja, sendo demasiadamente simplista. A década de 1960, no entanto, é um período em que as formas rígidas de compreensão da autoridade e do exercício de poder foram incisivamente questionadas em busca de novas formas de organização institucional. O que se deu foi uma tensão entre as formas estabelecidas e a busca de novas experiências em meio a um vácuo jurídico após o Concílio Vaticano II.

Os vínculos entre Santa Sé, em Roma, e a Arquidiocese de São Paulo, enquanto igreja local, estavam pautados sobre uma longa tradição jurídica. Mesmo em revisão, eles eram melhor definidos que a relação entre dioceses e a CNBB, enquanto instância colegial recente e em vigor crescente. A CRB, por sua vez, assim como as ordens e congregações, também estavam vinculadas a outros organismos da Santa Sé, que lhes dava certa autonomia jurídica frente ao bispo local. Assim, o IFT pôde ser criado sem problemas ante a autoridade eclesial local, o arcebispo de São Paulo, que se encontrava também em fase de transição. D. Agnelo Rossi assumiu a cátedra em São Paulo em novembro de 1964. O IFT, de simples ideia e projeto, entrou em atividade em março de 1965. Mesmo com certa autonomia, a CRB muito provavelmente contou com o apoio do Cardeal Motta. Em seus escritos, citados pelo Padre Ney de Souza, D. Agnelo teria apontado que o clero progressista em São Paulo se compunha de cerca de 70 padres e seu antecessor era benevolente com eles.⁶⁴⁸ Em

⁶⁴⁸ SOUZA, Ney de (org.). **Catolicismo em São Paulo**: 450 anos de presença da Igreja Católica em São Paulo (1554-2004). São Paulo: Paulinas, 2004. p. 498.

junho de 1966, num trabalho intitulado “Respostas às questões apresentadas por Fr. Lauro sobre o IFT e nossos Teólogos que nele estudam”,⁶⁴⁹ apresentado no capítulo provincial da Província de Santa Rita de Cássia, Frei Lauro de Carvalho Borges, agostiniano recoleto, abordou a questão de um possível “boato” de que D. Agnelo teria o desejo de fundir o IFT com o Seminário Central do Ipiranga. Por não ter nada que corroborasse isso, manifestou sua opinião de que o IFT caminharia para ser uma universidade eclesiástica.⁶⁵⁰ D. Agnelo, de fato, levou o Seminário Maior, que o Cardeal Motta transferira para Aparecida, de volta para São Paulo;⁶⁵¹ iniciou a reformulação curricular do curso de Teologia e a atualização estatutária da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, concluída em 1968.⁶⁵²

A escassez de fontes diretas não impede de compreender a convergência de vários fatores, tendo o Concílio Vaticano II como um dinamizador, que favoreceram a criação do IFT. A memória de alguns que passaram pela instituição e os critérios da História Oral oferecem outras perspectivas. Se a memória é falível, ela é, no entanto, rica em sentidos. A Micro História e os documentos transversais, entendidos como aqueles que não visavam o IFT, mas por serem relativos a pessoas ligadas a ele indiretamente forneceram alguma informação. A Prosopografia e a rede institucional que envolvia a CNBB, a Arquidiocese de São Paulo, a CRB, o IFT, a diversidade de ordens e congregações, seus personagens, sejam eles bispos, teólogos brasileiros formados na Europa ou teólogos europeus, todos estavam sob os “ares” soprados pelo Concílio Vaticano II. As discussões e leituras dos documentos preparatórios das sessões conciliares e daqueles que foram produzidos e aprovados provocaram um gigantesco repensar da Igreja Católica, de suas estruturas e de sua pastoral. A vida religiosa, ordens e congregações que compunham o IFT, encontravam-se dentro de um contexto de

⁶⁴⁹ Esse trabalho é um dos anexos que compõe o volume das Atas do Capítulo Provincial da Província de Santa Rita de Cássia, Ordem dos Agostinianos Recoletos, junho de 1966, que, quando consultados, encontravam-se no Arquivo Provincial em Ribeirão Preto. Com a extinção da província em 2018, encontra-se atualmente na sede provincial da Província de Santo Tomás de Vilanova, Rio de Janeiro.

⁶⁵⁰ PAULA, Sérgio Peres de. O IFT e os Agostinianos Recoletos, a partir dos documentos do Capítulo Província da Província de Santa Rita de Cássia – 1966. **Recollectio: Annuarium Historicum Augustinianum**, Madrid, n. 43, p. 73-88, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7688259.pdf>. Acesso em: maio 2021.

⁶⁵¹ SOUZA, Ney de (org.). **Catolicismo em São Paulo: 450 anos de presença da Igreja Católica em São Paulo (1554-2004)**. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 499.

⁶⁵² Cf. Disponível em: <https://arquisp.org.br/noticias/uma-historia-a-servico-da-evangelizacao>, publicado em 18/09/2019 e Acesso em: 17 abr. 2023. A Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção está no mesmo prédio do Seminário Central do Ipiranga e hoje constitui o “Campus Ipiranga” da PUC-SP.

ebulição de movimentos culturais, sobretudo juvenil. Os ventos conciliares e o contexto histórico da segunda metade da década de 1960 consistiram num processo cheio de um olhar esperançoso para o futuro, ao mesmo tempo em que as turbulências e crises alimentavam os medos, as inseguranças e as frustrações.

Como disse o Padre PHG:

Essa ideia de liberação, de modernização ou de mudança ... a gente não sabia mudar. Sabia que devia mudar; mas como deveria ser, ninguém sabia! Foi assim um ... um salto no escuro, né. Foi uma reforma feita com muita fé. Um salto no escuro! Eu sei que foi um período muito confuso....⁶⁵³

Os ventos conciliares em turbilhão haviam se tornado um furacão.

⁶⁵³ Entrevista com o Padre PHG, p. 9.

2. “Deus está solto”: novas formas de organização institucional pós-concílio

O mundo que se recompunha da destruição não só material, mas sobretudo “humana”, após a Segunda Guerra Mundial, encontrava-se ainda ameaçado pela Guerra Fria e pelo perigo de extinção por armas nucleares. Alguns teólogos trouxeram um novo viés de reflexão para a recuperação da dignidade humana. Por um lado, apoiavam-se nos escritos das antigas tradições, buscando um retorno às fontes; por outro, através do “aggiornamento”, relativizavam ou se opunham às formas atuais instituídas das religiões. O “Deus em busca do homem”, escrito pelo rabino Heschel em 1955, não passaria mais, na década seguinte, pelas vias institucionais tradicionais das religiões. E assim, o teólogo chileno Segundo Galilea, dez anos depois dessa obra, já propunha a “desinstitucionalização” da Igreja Católica.⁶⁵⁴

As filosofias humanistas e autores como Martin Buber, Emanuel Mounier e Jacques Maritain encontravam-se nas apostilas dos professores, nos trabalhos dos alunos e nas discussões dos estudantes do IFT durante as assembleias do DAXIX⁶⁵⁵. Cogitava-se, dentro das instituições religiosas, como no texto datilografado do rabino Henrique Lemle,⁶⁵⁶ uma antropologia alicerçada na autonomia, no protagonismo, na livre consciência e responsabilidade do ser humano ante suas escolhas. Nesse perfil, a Bíblia e as tradições seriam referências e não instâncias de coação sobre o ser humano. Tradição e Moral se tornaram palavras “non gratas”. A música de Caetano Veloso “É proibido proibir”, apresentada no III Festival Internacional da Canção em 1968,⁶⁵⁷ transmitido também pela TV, sintonizada com os protestos juvenis em maio

⁶⁵⁴ GALILEA, Segundo. La Urbanización y la Iglesia (Reflexión Pastoral). *Pastoral Popular*, n. 86-87, p. 8-17, mar.-abr. 1965. P5-5. Texto datilografado.

⁶⁵⁵ Martin Buber foi citado como fonte no texto de ASSMAN, Hugo. **Fé e experiência religiosa**. [1965-1966?]. Texto datilografado. (7 páginas); e nos resumos de livro de ALVES, Irmã Leocádia; CARRAL, Manuel Parrado. **A jornada interior**. 1969. Texto datilografado. (4 páginas); e GUIMARÃES, Domingos F. E. **Pesquisa em torno de Deus**. 1969. Trabalho manuscrito. (4 páginas);

Jacques Maritain foi citado no texto de CHONCHOL, Jacques. **Os fatores de aceleração revolucionária**. P2-29. Texto datilografado. (9 páginas); e no resumo datilografado de livro do autor feito pelo aluno FIORINI, Ércio Antônio. **Caminhos para Deus**. 1969. (9 páginas); e no final do trabalho individual datilografado de PANCOTO, João Elias. **Deus**. 1969. (Pesquisa bibliográfica, 6 páginas);

Emmanuel Mounier foi citado por Frei Tito em assembleia. Cf. Livro de Atas do DAXIX, p. 63-64. Além disso, era um dos pensadores chave no pensamento de Jacques Chonchol.

⁶⁵⁶ LEMLE, Henrique. **O conceito de ser humano na Bíblia**. P26-1. Texto datilografado. (Não datado, 5 páginas).

⁶⁵⁷ Cf. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2018/05/e-proibido-proibir-como-o-maio-de-1968-mudou-para-sempre-os-limites-do-possivel/>. Acesso em: 19 abr. 2023.

na França, cuja pichação mais popular era “Il est interdit d’interdire”, foi uma expressão da onda de rebeldia daquele ano. Em uma de suas apresentações no TUCA, o Teatro da Pontifícia Universidade Católica, em São Paulo, com a polêmica participação de John Dandurand,⁶⁵⁸ que entrou de repente emitindo berros, Caetano bradava: “Deus está solto”.⁶⁵⁹ Entre vaias, o cantor discursou ainda sobre o conservadorismo do público.⁶⁶⁰ As estruturas sociais, religiosas e eclesiais eram questionadas tanto interna como externamente. A relativização das tradições projetava ao futuro a construção de novas formas religiosas, menos institucionais e mais familiares.

Segundo Eliseo Verón, tratando sobre a produção de discursos na mídia como um processo entre a produção de sentidos e a sua consumação, ou seja, a recepção, reconhecimento e efeitos, a mensagem é o ponto de passagem que sustenta a circulação social das significações. A mensagem por si, no entanto, nunca produz automaticamente um efeito. O que o discurso produz é um campo de efeito de sentidos e não um único efeito. Entre a produção e a recepção não existe uma causalidade linear e nem um discurso produz um efeito qualquer, mas o que é possível dentro do campo de efeitos.⁶⁶¹ O notável nas fontes selecionadas e pesquisadas na Biblioteca Padre Lebrecht é que elas são compreensíveis dentro desse campo de sentidos da década de 1960 e do ambiente eclesial nesse recorte temporal. As formas como foram elaboradas a relativização das tradições, da moral, da própria Bíblia, e seus efeitos só são compreensíveis assim.

Segundo H. Arendt, o mundo moderno, em ruptura com as grandes tradições filosóficas do Ocidente, caracteriza-se por uma crise constante, crescente e cada vez profunda da “autoridade”, resultante dos próprios regimes ou movimentos políticos, como a tensão entre os regimes totalitários e os sistemas de partidos políticos. Esta crise de autoridade afeta até mesmo as áreas “pré-políticas”, como a criação dos filhos

⁶⁵⁸ Cf. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/musica/noticia/2018/05/13/john-dandurand-o-objeto-nao-identificado-do-tropicalismo-338986.php>. Acesso em: 19 abr. 2023.

⁶⁵⁹ Cf. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/musica/noticia/2018/05/13/e-proibido-proibir-foi-a-declaracao-de-guerra-do-tropicalismo-338984.php>. Acesso em: 19 abr. 2023.

⁶⁶⁰ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/publicfolha/363271-ha-40-anos-caetano-veloso-vaiado-apresentou-e-proibido-proibir-no-tuca-em-sp.shtml>. Acesso em: 19 abr. 2023.

⁶⁶¹ VERÓN, Eliseo. Quando ler é fazer: a enunciação no discurso da imprensa escrita (1992). In: VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. cap. 8, p. 215-238.

e a educação, as quais eram entendidas como “necessidade natural” para a sobrevivência tanto do indivíduo-criança como do grupo social. Esta forma de pensar se constituiu tradicionalmente como base para muitas formas autoritárias de governo.

Tanto prática como teoricamente, não estamos mais em posição
de saber o que a autoridade realmente é.⁶⁶²

Uma das formas que N. Bobbio trata o conceito de autoridade é como “poder estabilizado”. O termo deriva do latim “auctoritas”, que originalmente mantém uma estreita relação com a noção de “poder”, sendo utilizado às vezes como sinônimos ou distinguindo-se como uma espécie ou uma fonte de poder. Assim, a autoridade pode ser entendida como “poder estabilizado” e “institucionalizado”, a quem os súditos prestam “obediência incondicional”. Geralmente, tal compreensão se aplica claramente no âmbito da administração, implicando com frequência a sujeição às ordens sem avaliação do conteúdo delas. A obediência aí é entendida como recepção de uma ordem ou sinal emitido por alguém, que transmite a mensagem sem dar as razões desta, e espera que seja aceito incondicionalmente.⁶⁶³

A noção de autoridade, tanto para H. Arendt,⁶⁶⁴ como para N. Bobbio, contrasta com a noção de poder por persuasão, ou seja, o uso de argumentos em favor do dever ou da oportunidade de certo comportamento na relação de autoridade.⁶⁶⁵ Para H. Arendt, não só contrasta, como autoridade e persuasão são incompatíveis, uma vez que esta pressupõe a igualdade e opera mediante a argumentação. “Onde se utilizam argumentos, a autoridade é colocada em suspenso”.⁶⁶⁶ Isto porque, segundo ela, a ordem igualitária da persuasão não se compagina com a ordem autoritária, sempre hierárquica.

⁶⁶² Cf. PAULA, Sérgio Peres de. Autoridade, autoritarismo, política, poder, liberdade e violência no Instituto de Filosofia e Teologia (IFT): uma análise através de Hannah Arendt e Norberto Bobbio. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, São Paulo, v. 5, n. 7, p. 64-92, jul. 2022. DOI: <http://doi.org/10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/filosofia/autoridade>. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/filosofia/autoridade>. Acesso em: 04 abr. 2023.

⁶⁶³ AUTORIDADE. In: BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política**. 11. ed. Brasília, DF: Ed. UnB, 1998. p. 88.

⁶⁶⁴ ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 128.

⁶⁶⁵ *Ibid.*, p. 89.

⁶⁶⁶ *Ibid.*, p. 129.

Entre a questão da autoridade, facilmente degenerada em autoritarismo e com limites pouco claros entre eles, outros problemas estavam em jogo nas manifestações culturais da segunda metade da década de 1960, incluindo a crise pós-conciliar da Igreja Católica. Entre estes, a questão da “Liberdade”, que é uma categoria decisiva para H. Arendt. Para ela, a ação política é expressão da espontaneidade e começo da liberdade. A manifestação da liberdade exige a comunicação com outras pessoas e contrasta com a “liberdade interior da Vontade”, tema comum na tradição filosófica. Se as pessoas desejam ser livres, devem renunciar precisamente à soberania, pois suas ações são intrinsecamente imprevisíveis e não podem ser forçadas. A liberdade existe entre pessoas e é externa ao espírito individual.⁶⁶⁷

A crise de autoridade, acentuada pela busca de liberdade, evidenciava-se nos movimentos contestatórios da década de 1960 e na violência neles implicados, seja de que lado for. No âmbito político e cultural, essas demandas estiveram expressas na onda de protestos em maio de 1968, em Paris, assim como nas crescentes manifestações contra o regime militar no Brasil. Essas, sob diversas formas, eram promovidas tanto pelo movimento estudantil quanto pelos intelectuais e artistas.⁶⁶⁸ No âmbito interno da Igreja, as expectativas de renovação conciliar se converteram numa grande crise institucional, com a autoridade eclesiástica colocada em xeque. Dois documentos do Papa Paulo VI, ambos publicados em 1967, estão em congruência com os elementos dessa crise: “*Populorum Progressio*”, publicada em 26 de março, dedicada à cooperação entre os povos e aos problemas econômico-sociais dos países em

⁶⁶⁷ FRY, Karin A. **Compreender Hannah Arendt**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010. p. 89-91.

⁶⁶⁸ Cf. REIS, Daniel Aarão. Ditadura ou democracia: a busca de uma identidade (1964-1968). In: REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. cap. 3, p. 47-73. Cf. também *Id.* **Ditadura Militar, esquerdas e sociedade**, p. 33-51; *Id.* A ditadura faz cinquenta anos: história e cultura política nacional-estatista. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). **A Ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 11-29; RIDENTI, Marcelo. As oposições à ditadura: resistência e integração. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). **A Ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 30-47; *Id.* Cultura e comunistas no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 28, n. 80, p. 295-300, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142014000100025>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/3KRTT3tcqRK8SbbDjdzTYzz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2020; *Id.* 1968: rebeliões e utopias. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (org.). **O século XX: o tempo das dúvidas. Do declínio das utopias às globalizações**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 3, p. 133-159; *Id.*, Intelectuais e romantismo revolucionário. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 13-19, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-88392001000200003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/b6LpHRFprmYrBPDsfK9MCCQ/>. Acesso em: 20 mar. 2020; *Id.* Intelectuais e artistas brasileiros nos anos 1960/70: “entre a pena e o fuzil”. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 185-195, jan.-jun. 2007. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1457>. Acesso em: 20 mar. 2020.

desenvolvimento; e “Sacerdotalis Coelibatus”, de 24 de junho, sobre a permanência do celibato dos sacerdotes na Igreja Católica. Um estimulou os debates em torno da Justiça Social, sobretudo em suas vertentes mais radicais e revolucionárias; outro teve um efeito de “balde de água fria” sobre aqueles que cogitavam o fim do celibato sacerdotal obrigatório, resultando na saída de inúmeros sacerdotes e religiosos que deixaram o ministério, e assim seminários ficaram vazios um tanto repentinamente. O questionamento sobre um documento papal pelo então reitor do IFT, o dominicano Frei José Neves, foi o estopim da crise que culminou na extinção do IFT: a encíclica “Humanae Vitae”, publicada em 25 de Julho de 1968, sobre o controle de natalidade e os posicionamentos da Igreja em relação aos nascituros.

Como reflexo da crise vocacional, o diretório acadêmico do IFT realizou apenas duas assembleias durante o primeiro semestre em 1967. Com a saída de estudantes, a diretoria eleita no ano anterior teve que ser recomposta provisoriamente sob a presidência de Frei Tito Alencar, para organizar e revisar as manifestações em frente ao DOPS no início de agosto. Na assembleia eletiva e de posse da nova diretoria, em 15 de setembro, a instabilidade vocacional, um dos temas debatidos, foi apresentada como motivo para o “acefalamento” da diretoria anterior e causadora do baixo entusiasmo entre os estudantes.⁶⁶⁹ Com os dominicanos Frei Tito Alencar e Frei Domingos Guimarães à frente, as assembleias do DAXIX se pautaram sobretudo por questões políticas, sociais e econômicas, alinhadas à UNE e a seu representante, José Dirceu.

Dentre os efeitos da publicação dos documentos papais, a crítica à autoridade da Igreja e ao Magistério eclesial foi tema discursivo em várias fontes selecionadas na Biblioteca Padre Lebrecht sob diversas formas de texto: artigos, cartas e abaixo-assinados. Antes mesmo das encíclicas do Papa Paulo VI, as leituras feitas dos documentos conciliares acirravam a crítica e a oposição à tradição tridentina visando à renovação eclesial e pastoral.

Uma enquete, intitulada “Depoimentos sobre a situação do clero”,⁶⁷⁰ marcado como “Estritamente confidencial”, traz em escrito à mão: “Carlos Alberto Christo -

⁶⁶⁹ Cf. Livro de Atas do DAXIX, p. 60-64

⁶⁷⁰ DEPOIMENTOS sobre a situação do clero. P14-10. Texto datilografado. (4 páginas).

11/65". Trata-se de Frei Betto, frade dominicano, que teve breve passagem pelo IFT em 1967; a data do texto ao lado talvez seja da apresentação final do trabalho. Também manuscrito está "254 - Sacerdócio",⁶⁷¹ seguido do carimbo da Biblioteca da Escola Dominicana de Teologia. O documento consiste em uma síntese de respostas a um questionário entre o clero secular do Paraná, sem identificação de quem o elaborou nem informação da metodologia utilizada para a seleção e análise dos depoimentos.

O documento se baseou em prognósticos demográficos estatísticos para fins da década de 1960 e a década seguinte, reforçando a questão da escassez sacerdotal, da evasão nos seminários diocesanos, com reduzido número de ordenados, e do clero majoritariamente religioso, com grande presença de estrangeiros. Dentre situações vivenciais do clero na região, deu ênfase à sobrecarga de trabalho devido ao atendimento sacramental de estilo missionário nas numerosas capelas rurais em oposição aos sacerdotes "urbanos", mais sensíveis "às realidades terrestres",⁶⁷² apesar da pastoral de conservação.⁶⁷³ Tratava-se de padres que trabalhavam muito, sobretudo em obras caritativas, mas rezavam pouco; tinham pouco relacionamento entre si; os sacerdotes mais velhos enfrentavam conflitos frequentes com os jovens e lhes faltava uma preparação para um mundo pluralista. Em muitos, eram nítidos os problemas afetivos mal resolvidos alegando-se o alheamento das famílias em sua formação. A maioria ignorava os documentos conciliares de forma que nesse aspecto muitos leigos estariam mais atualizados. Entre os padres, distinguia-se entre os "conservadores" tridentinos e os "evoluídos". A distinção era tal que se propôs a criação de uma "equipe volante de peritos que orientassem a 'massa' do clero com as linhas básicas"⁶⁷⁴ do concílio. O texto traz um vocabulário próprio do ambiente religioso e indícios de que quem sintetizou as respostas, o fez desde um ponto de vista daqueles que visavam as renovações propostas pelo concílio. O estilo tridentino e tradicional é apre-

⁶⁷¹ Segundo a Tabela de Classificação Decimal de Dewey – CDD, o código "254" corresponde a "Administração de Paróquia". Cf. Disponível em: <http://editoraigp.com.br/publicandosonhos/indice-cdd> Acesso em: 21 abr. 2023.

⁶⁷² *Ibid.*, p. 1.

⁶⁷³ A expressão "Pastoral de conservação" é bastante utilizada no meio eclesial atualmente, e já se encontra nesse documento, praticamente com o mesmo sentido de exercício pastoral apenas em função a manutenção paroquial.

⁶⁷⁴ DEPOIMENTOS sobre a situação do clero. P14-10. Texto datilografado. (4 páginas). p. 2. Elementos destacados presentes também nas páginas 3 e 4.

sentado sempre de forma negativa, como atrasado, desumanizador na dimensão afetiva, e ineficaz tanto no processo formativo e na estrutura eclesial quanto no atendimento pastoral. Isso em função de fazer urgir a renovação conciliar.

Ainda no período de fins do Concílio Vaticano II, um documento de autoria de D. Pedro Paulo Koop, Bispo de Lins, no interior do Estado de São Paulo, intitulado “Pela Salvação católica da América Latina”,⁶⁷⁵ marcado em manuscrito como “Confidencial”, talvez seja cópia de texto encaminhado à Santa Sé. Não está datado, porém, diz o autor: “No ano 2.000, isto é, daqui a 35 anos...”,⁶⁷⁶ o que remete ao ano de 1965. O tema central do documento trata da escassez de sacerdotes, da lentidão no processo de seleção e formação sacerdotal e da proposta de um “sacerdócio pastoral” para homens casados. Recorrendo a estatísticas, o autor mostrou a desproporção entre o crescimento demográfico e o número de sacerdotes, agravada pelo crescimento “das heresias” devido a um clero segregado e separado do povo. Para solucionar tais problemas, D. Pedro Paulo fez a seguinte proposta: criar “comunidades de base” menores “do tipo patriarcal ou familiar”. O diaconato permanente para homens casados, que havia sido aprovado recentemente, não resolveria o problema da escassez de sacerdotes. Para ele, não se tratava de suprimir o sacerdócio celibatário.

Infelizmente, para o nosso caso, o Sacerdócio celibatário é sacerdócio de ‘elites espirituais’, de número mui limitado, de preparação lenta, de formação caríssima e demorada.⁶⁷⁷

O que ele propunha era centuplicar o sacerdócio pela instituição de um “sacerdócio pastoral”⁶⁷⁸ para homens casados há mais de 10 anos, disponíveis em tempo livre, porém, que mantivessem a primazia de sua vida conjugal e familiar. Eles exerceriam as funções pastorais e litúrgicas, como um “sacerdócio de tipo supletivo e auxiliar”, para a “Liturgia da Palavra e da Eucaristia em favor das comunidades de

⁶⁷⁵ KOOP, D. Pedro Paulo, Bispo de Lins. **Pela Salvação católica da América Latina**. P6-21. [1965?]. Texto datilografado. (4 páginas); sobre esse texto, cf. Entrevista com Padre PHG.

⁶⁷⁶ *Id.*, p. 1

⁶⁷⁷ *Id.*, p. 2

⁶⁷⁸ *Id.*, p. 3

base”.⁶⁷⁹ Assim, não se modificaria a hierarquia e a tradição católica e se reservaria o sacramento da penitência ao sacerdote celibatário.⁶⁸⁰

A preocupação de D. Pedro Paulo Koop com a escassez de clero e a insuficiência da Igreja no atendimento pastoral dos fiéis é uma constante na Igreja no Brasil de longa data. A sua proposta de ordenação sacerdotal para homens casados era um dos temas discutidos de forma a alimentar a expectativa de que o Concílio extinguisse o celibato obrigatório. O Papa Paulo VI, ao reservar para si a questão e definir sua continuidade com a encíclica “Sacerdotalis Caelibatus”⁶⁸¹, fez as discussões entrarem em efervescência.

Em 1967, dias antes da publicação da encíclica sobre o celibato, Ivan Illich (1926-2002), naquela ocasião ainda sacerdote e diretor do Centro de Documentação Intercultural de Cuernavaca, CEDIC, México, escreveu dois textos⁶⁸²: “O sacerdote desertor” e “O clero, uma ‘espécie’ que desaparece”. Ambos são quase idênticos, sendo o primeiro escrito em língua inglesa e o segundo em língua espanhola. O texto original, parece ser o dirigido ao público latino-americano, reforçando o aspecto do poder clerical ante a sociedade e o anacronismo estrutural da Igreja. O texto em inglês tem aspectos de uma reorganização do texto em castelhano para o público anglo-saxão e norte-americano, realçando mais o aspecto atrasado da organização eclesial em relação ao mundo moderno urbano e industrial e a necessidade de autonomia econômica, financeira e intelectual do sacerdote.

Nesses textos, a Igreja foi vista como “a maior burocracia não-governamental do mundo” e analisada desde a perspectiva institucional como uma empresa multinacional semelhante à General Motors e à Chase Manhattan ou à ESSO. Sob esse formato, ela teria se desviado de sua missão e, embora empregasse milhões de funcionários em tempo integral, a saber, padres, irmãos, irmãs e leigos, ela se encontrava como um gigante titubeante e confuso a sofrer uma deserção massiva. A razão dessas

⁶⁷⁹ *Id.*, p. 3

⁶⁸⁰ *Id.*, p. 4

⁶⁸¹ Tema que surgiu na Entrevista com o Padre PHG.

⁶⁸² ILLICH, Ivan. **O sacerdote desertor**. Tradução: Ana Maria Abreu de Oliveira. Cuernavaca: CIDOC INFORMA, 1967. P6-09. Texto datilografado. (10 páginas); *Id.* **O clero, uma ‘espécie’ que desaparece**. Traduzido da edição em espanhol do Doc 67/19 da CIDOC. P6-10. Texto datilografado. (11 páginas).

“deserções” estaria na inadequação dos conceitos do “sacerdócio” na Igreja em relação ao mundo moderno. Tal se constituiria assim um problema na estrutura interna da Igreja e não no “espírito do mundo” ou nos “desertores”. Assim, para o autor,

há a necessidade de um reexame da relação entre sacerdócio sacramental e o pessoal de tempo integral, entre sacerdócio e celibato e entre sacerdócio e a educação teológica.⁶⁸³

Em ambos os textos, o autor examina o problema da redução radical do número de pessoas que dependem da Igreja para sua subsistência. A Igreja já não era mais espaço de segurança econômica e social. No entanto, havia se transformado numa gigantesca máquina burocrática a exigir cada vez mais pessoal especializado. Propôs a ordenação de homens que tivessem um emprego independente de forma a não necessitar do culto para sua subsistência. Isso implicaria um novo modelo de Igreja: uma Igreja sem padres, sem celibato obrigatório e com menos estrutura jurídica e burocrática. No texto em espanhol, o autor fez abordagens em relação à situação anacrônica da Igreja no mundo moderno comparando-a ao personagem Dom Quixote, de Miguel de Cervantes. A ação da Igreja no mundo moderno se manifestava como uma obra quixotesca. Na versão em língua inglesa, o autor acentuou o problema da urbanização, com os crescentes momentos de lazer disponíveis, relegando a Igreja a um último plano. Nessa versão, utilizou a figura do “Pai Tomás” (Uncle Tom), em referência à obra “A Cabana do Pai Tomás”, da escritora Harriet Beecher Stowe, publicada em livro no ano de 1852, e impactou o sistema escravagista norte-americano⁶⁸⁴.

Preocupações semelhantes e argumentos similares foram levantados por Marc Oraison, médico, psicanalista e padre francês, no artigo “O debate sobre o Celibato dos Padres”⁶⁸⁵, publicado em 1968. Nesse texto, o autor expôs um profundo mal-estar latente havia algum tempo e que aparecia claramente entre os padres naquela ocasião. O movimento dos padres operários havia sido a primeira tentativa de manifestação desse mal-estar, questionando o celibato eclesiástico institucional obrigatório. A

⁶⁸³ *Id.*, **O sacerdote desertor**, p. 1; *Id.*, **O clero, uma ‘espécie’ que desaparece**, p. 1-2

⁶⁸⁴ Cf. Disponível em: <https://nationalgeographic.pt/historia/grandes-reportagens/3072-a-cabana-do-pai-tomas-o-romance-que-mudou-a-historia-da-america>. Acesso em: 21 abr. 2023.

⁶⁸⁵ ORAISON, Marc. O debate sobre o Celibato dos Padres. **Jornal “Le Monde”**, 18 a 24 de abril de 1968, tradução de Yves do Amaral Lesbaupin. P9-09. Texto datilografado. (9 páginas).

Encíclica “*Sacerdotalis coelibatus*”, no ano anterior, confirmou essa impressão. A publicação de uma encíclica sobre o tema mostrava, segundo o autor, que era um problema crucial. Mal recebida, reafirmava a argumentação tradicional a favor do celibato sacerdotal; percebia que algo não estava bem; o tom geral e as perspectivas do documento somente sublinhavam o mal-estar, ao invés de dar resposta. O autor afirmou que dificuldades semelhantes havia entre os protestantes com o desequilíbrio e afrouxamento entre pastores, além da dificuldade crescente de recrutamento de novos integrantes. A questão do celibato institucional, no entanto, não se colocava entre eles. Embora tradicionalmente o clero celibatário tenha assumido a estrutura e a função de poder político e civilizador, isso fez do sacerdote, como na crítica de Ivan Illich, um funcionário de uma poderosa administração, segregado da sociedade, em distinção ao leigo. Para ele, era urgente dessacralizar e desclericalizar o sacerdócio e superar o celibato, uma vez que sacerdócio e casamento não seriam incompatíveis. Para isso, urgia uma mutação radical na linguagem teológica e pastoral e uma organização coerente, informal e igualitária, a começar pelos bispos com seus títulos e vestes, para uma igreja inserida no mundo moderno. A tradição tridentina, a seu ver, em consonância com Ivan Illich, teria infantilizado os padres e religiosos, gerando neles um sentimento de inferioridade ante o homem moderno profissional e autônomo.

Um outro texto que se constitui como resumo de um artigo de Mário von Galli⁶⁸⁶ tratou da crise da autoridade na Igreja Católica como fato recorrente não somente naquela ocasião. A natureza dessa crise “atual” estaria nas opiniões divergentes, na falta de fé própria dos tempos, nos leigos amadurecidos na fé, e no conflito entre autoridade abusiva e autoridade fraca, sem coragem de se impor. Uma nova perspectiva, dada pelo Concílio Vaticano II já existia em relação à autoridade da Igreja que não residiria apenas no Papa, mas na colegialidade episcopal.

Além disso, as leis eclesiásticas comportariam um duplo aspecto enquanto normas e decisões que exigiam assentimento e obediência dos fiéis: a distinção entre o que era considerado infalível e o que era falível. Questionou o autor: se não eram infalíveis, com que direito exerciam essa autoridade? Sendo falível, constituía-se

⁶⁸⁶ VON GALLI, Mário. Crise de Autoridade na Igreja, tradução e condensação de um artigo publicado em “*Orientierung*”, n. 1, 1968, baseado numa pesquisa de Bruno Schueller. P14-5. Texto datilografado. (3 páginas).

como verdadeira autoridade? O risco do erro compensaria o assentimento a uma decisão autêntica?⁶⁸⁷ O acento exagerado na autoridade por parte de teólogos e da hierarquia eclesiástica teria se dado muitas vezes à custa das pessoas, como se na prática nunca ocorressem erros. O Magistério e as instruções em relação à ordem e governo deveriam ser aceitos somente numa atitude cautelar. Em caso claro de erro, no entanto, a decisão do Magistério deveria ser rejeitada e até combatida.

Segue-se disto que o fiel em seu assentimento a uma decisão doutrinal e disciplinar da autoridade eclesiástica corre sempre um risco. Deve-o tomar sobre si cientemente... caso, porém, aparecer o erro, deve o fiel negar o seu assentimento interno e a obediência, e até deve combater a decisão errada da Igreja.⁶⁸⁸

A autoridade eclesiástica, segundo Von Galli, enfatizando a figura dos leigos, não seria um fim em si mesma, mas um meio de conhecimento da “revelação” e da vontade divina; esse meio, porém, foi concedido também aos fiéis. Ela não teria como fim favorecer a preguiça ou privar o fiel de pensar. O que ocorrera ao longo da História, teria sido a redução do fiel à imaturidade de um menor, e de Deus a um guarda de prisão. Os detentores da autoridade eclesiástica se acostumaram a nunca reconhecer publicamente seu próprio erro. Frequentemente, os justificavam, sobretudo se argumentando do “contexto histórico” e viam a vida ordenada na sociedade unicamente por leis, ordens, ameaças de castigos e decisões claras em questão de fé. Infelizmente, não existia um estudo científico para avaliar quantas vezes e com que frequência o magistério da Igreja errou ou erra no seu ensino autêntico. Teólogos antes tidos como hereges foram os grandes vitoriosos no Concílio Vaticano II. A história dos erros do Magistério da Igreja aconselharia um uso mais prudente de decisões, ordens e leis. A ideia de um controle da vida pela autoridade poderia torná-la exposta à humilhação. Por fim, não só a autoridade devia mudar suas atitudes; os súditos também, sobretudo quanto a ficar opinando sobre aquilo que não entendiam absolutamente nada. O preço da liberdade seria a maior responsabilidade, que, por sua vez, “exige conhecimento de causa, maturidade moral, ordem e disciplina”.⁶⁸⁹

⁶⁸⁷ *Id.*, p. 1

⁶⁸⁸ *Id.*, p. 2.

⁶⁸⁹ *Id.*, p. 3.

Os documentos do Concílio Vaticano II propunham a atualização teológica, filosófica e estrutural da Igreja Católica em diversos âmbitos. Nos seus quatro anos de duração, as sessões conciliares debateram desde o modo de celebrar a liturgia, de compreender as Sagradas Escrituras, a sua estrutura interna, a sua missão no mundo, o processo de formação sacerdotal, a integração das ordens e congregações religiosas em sua organização institucional, o diálogo ecumênico e inter-religioso e os meios de comunicação. Cada um desses aspectos, sob a força e o poder que representa um concílio para Igreja Católica, resultou num documento oficial, que, por sua vez, foi lido, relido, debatido, provocando efeitos diversos, inclusive não verbais.⁶⁹⁰

O então teólogo, também professor no IFT, Frei “Bernardo” Catão, dominicano, escreveu um texto no qual expôs sua leitura sobre as novas perspectivas em relação à Igreja, sua vocação e sua missão no mundo.⁶⁹¹ O texto consistiu num comentário à Constituição Dogmática do Concílio Vaticano II sobre a Igreja, intitulada “Lumen Gentium”, um ano após sua promulgação em 21 de novembro de 1964. Em primeiro lugar, como destaque, o autor tratou daquilo que chamou de “grande descoberta”: a “universalidade da Igreja”. Segundo ele, até então se vinculava a compreensão do termo “católica” como adjetivo “para designar uma determinada religião bem estruturada, histórica e culturalmente bem definida”.⁶⁹² Assim, como instituição, distinguia-se nela, de forma piramidal, três camadas. O topo consistia numa elite que fazia parte integralmente da Igreja: os sacerdotes e religiosos. Abaixo desse topo estariam os leigos, subdivididos em duas camadas. Dentre os leigos, alguns cristãos eram notórios por sua participação nos grupos e associações, como Ação Católica, Congregação Mariana e outras similares. Os demais fiéis constituíam “de fato, uma espécie de católico de segunda categoria”.⁶⁹³ A catolicidade da Igreja, segundo o autor, enquanto universalidade da mensagem de salvação dirigida a todos os homens, tal como ensinada na Lumen Gentium, rompia com essa visão. Uma das consequências dessa universalidade seria quanto à “vocação universal à santidade”. A Igreja, agora compreendida

⁶⁹⁰ VERÓN, Eliseo. Dicionário das idéias não-feitas (1979). In: VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. p. 49-75. [verbete: Poder (do discurso)]

⁶⁹¹ CATÃO, Frei Bernardo. **Vocação do mundo e missão da Igreja**. São Paulo, 06 de novembro de 1965. P2-23. Datilografado. (13 páginas).

⁶⁹² *Id.*, p. 1.

⁶⁹³ *Id.*, p. 1.

como Povo de Deus, era chamada à santidade. As distinções entre Hierarquia e Leigos seriam secundárias. A mensagem da salvação e a santidade transpunham “os muros dos conventos e as nominatas das associações religiosas, para se derramarem nas ruas, nas fábricas e nas lojas, nos bares e nos clubes”.⁶⁹⁴

Sob três perspectivas, o teólogo e professor do IFT abordou a universalidade ou a catolicidade da Igreja, através de uma síntese exegética. Primeiro, sob a Razão para compreender a unidade dos “desígnios” de Deus num mundo plural. Em segundo lugar, a perspectiva teleológica da fé a partir do mundo presente. Nesse mundo moderno, “a aspiração pela verdade, pela justiça e pela fraternidade, pela liberdade e pela autonomia digna, que caracteriza a melhor parte, senão a totalidade ativa, da humanidade de hoje”,⁶⁹⁵ expressava os “sonhos da democracia moderna”, contra toda hipocrisia daqueles que utilizavam o nome de Deus em prol da dominação e das injustiças. Outra característica do mundo moderno a ser considerado na perspectiva da fé seria “a aspiração pela unidade, a própria consciência que temos da unidade da humanidade, do estreito parentesco que nos une e da faixa cada vez mais de interesses comuns de todos os habitantes do planeta”.⁶⁹⁶ Assim, as conquistas científicas e tecnológicas e o perigo de uma catástrofe universal, de formas diferentes, favoreciam uma consciência ampla, dialogal, tolerante e ecumênica. A fé não seria mais uma ação proselitista, mas um dever missionário para com toda a humanidade. Por fim, a partir daí, numa terceira perspectiva, a missão da Igreja se daria desde um testemunho de vida, mais que de autoridade sacerdotal, jurisdicional ou magisterial da Hierarquia. O que definiria a ação da Igreja como “catolicidade” não seria uma ação particular de uma confissão religiosa, mas a busca da verdade, da justiça e da unidade em prol do bem de toda a humanidade “num incansável e sempre renovado testemunho de amor...”⁶⁹⁷

Frei Bernardo Catão deixou de lecionar quando foi eleito provincial dos dominicanos em 1968. Ele escreveu o referido texto, uma leitura de um documento conciliar,

⁶⁹⁴ *Id.*, p. 2.

⁶⁹⁵ *Id.*, p. 5.

⁶⁹⁶ *Id.*, p. 5.

⁶⁹⁷ *Ibid.*, p. 13.

ainda durante o Concílio Vaticano II, cujo encerramento ocorreu no dia 08 de dezembro de 1965. O IFT finalizava seu primeiro ano de funcionamento, no Colégio Des Oiseaux. Na sua abordagem, a nova compreensão da Igreja, em relação a si mesma, partindo do princípio da “catolicidade” como “universalidade”, relativizava a sua organização institucional e mesmo a diversidade de suas obras e associações. Estas, segundo ele, tinham um papel secundário, enquanto particularidades. Entre o otimismo científico e o temor da guerra nuclear, o autor ofereceu uma visão de Igreja em diálogo e inserida “no mundo” desde um ponto de vista de uma esperança utópica. As formas organizacionais e os símbolos próprios da Igreja Católica foram vistos como empecilhos ao diálogo entre a Igreja e o Mundo, pois a “particularizariam”, a tornariam uma denominação institucional a mais.

A busca por novas formas organizacionais e de atuação pastoral levou muitas congregações e ordens religiosas a abandonar obras educativas, assistenciais e outras consideradas tradicionais; a fundar pequenas comunidades sobretudo nas zonas periféricas e a deixar suas casas de formação buscando outras formas de preparação de seus membros ao sacerdócio. O entrevistado, Padre LRB, disse, sobre a formação de pequenas comunidades e de um estilo de vida religiosa que buscava um sustento independente do culto:

Eu estava nessa época numa chamada “pequena comunidade” ... abandonar o “seminário”, que não quer dizer nada, segundo nós. Segundo nós, era necessário largar o seminário, essas comunidades grandes, e se engajar em um trabalho próprio, um sustento próprio.⁶⁹⁸

O IFT nasceu dentro do ambiente conciliar como um projeto de um outro estilo de formação filosófica e teológica, distinto do modelo tridentino. O Colégio Des Oiseaux, da Cônegas de Santo Agostinho, foi uma dessas obras revistas e colocada à venda.

⁶⁹⁸ Cf. Entrevista com o Padre LRB. Esse fenômeno de abandonar as “grandes obras” e formar “pequenas comunidades” foi uma tendência em diversas ordens e congregações religiosas após o Concílio Vaticano II, posteriormente chamadas de “Comunidades inseridas no meio popular”. Cf. Disponível em: <https://teologianordeste.net/publicacoes/artigos/122-sobre-a-historia-das-pequenas-comunidades-inseridas-no-meio-popular-pcis-crb-regional-recife.html>. Acesso em: out. 2021.

A crescente agitação que se deu com a expansão no centro da cidade, 'a balbúrdia do intenso tráfego de veículos nas proximidades' e o acelerado desenvolvimento imobiliário da região, com '**enormes prédios de apartamento**' que passaram a cercar o colégio 'por todos os lados', levou as freiras a buscarem um novo local para o colégio.⁶⁹⁹

Embora no texto Frei Bernardo Catão se referisse à “dialética agostiniana” de superação constante das formas históricas, do modo de ser e fazer,⁷⁰⁰ ele não considerou as complexidades étnicas, culturais, éticas, morais, econômicas, sociais e religiosas, frequentemente em conflito. Paradoxalmente, uma expectativa muito confiante na capacidade de diálogo entre os povos para a construção de um mundo melhor estava ao lado do medo de uma guerra catastrófica e apocalíptica. Tratava-se de um mundo que se reconstruía dos horrores da Segunda Guerra, projetava-se para o futuro utópico e voltava-se para o passado longínquo das “fontes” das tradições. O passado próximo ainda era doloroso demais para ser encarado. Juntamente com a esperança de um mundo melhor,⁷⁰¹ restava o medo sob a Guerra Fria.

⁶⁹⁹Cf. BATISTA, Liz. Era uma vez em São Paulo ... Colégio Des Oiseaux. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 29 maio 2015. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,era-uma-vez-em-sp-colegio-des-oiseaux,11116,0.htm>. Acesso em: 12 maio 2020.

⁷⁰⁰ CATÃO, Frei Bernardo. **Vocação do mundo e missão da Igreja**. São Paulo, 06 de novembro de 1965. P2-23. Datilografado. (13 páginas). p. 9.

⁷⁰¹ Duas instâncias moldaram essa categoria da “Esperança” no mundo pós-guerra. No ambiente católico, o Movimento por um Mundo Melhor ganhou força e se expandiu desde o início da década de 1950. No Brasil, recebeu apoio do Cardeal Arcebispo de São Paulo, D. Motta. Cf. FARIAS, Damião Duque. **As primeiras iniciativas reformistas católicas no Brasil: a experiência do M.M.M. (Movimento por um Mundo Melhor) na Arquidiocese de São Paulo**. In: ANPUH – SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA., 23., 2005. Londrina. **Anais [...]**. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206571_d6287cdcc2d130fa0ddf773d04059a38.pdf. Acesso em: 22 abr. 2023.

“Das Prinzip Hoffnung”, “O Princípio Esperança”, é o título da obra principal do filósofo alemão Ernst Bloch, escrita em sua maior parte na biblioteca de Harvard, entre 1939 e 1947, período do seu exílio nos Estados Unidos e revisada entre 1953 e 1959 na Alemanha Oriental, numa perspectiva atea e marxista. Cf. VIEIRA, Antônio Rufino. Princípio Esperança e a “Herança intacta do marxismo” em Ernst Bloch. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX-ENGELS, 5., 2007, Campinas. **Anais [...]**. Campinas: Unicamp, 2007. Disponível em: https://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt1/sessao6/Antonio_Rufino.pdf. Acesso em: 22 abr. 2023.

No ambiente protestante, o teólogo Jürgen Moltmann (1926...) escreveu o livro “Teologia da Esperança” em 1968, oferecendo uma perspectiva cristã e escatológica contemporânea, de grande impacto na Teologia da Libertação. Cf. CARVALHO, Ricardo Rubens Fernandes de. **A esperança cristã na teologia da esperança de Jürgen Moltmann**. 2021. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2021. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/1486>. Acesso em: 22 abr. 2022.

Hugo Assmann, teólogo gaúcho, após conflitos com o arcebispo de Porto Alegre, o conservador D. Vicente Scherer, deixou Porto Alegre e se mudou para São Paulo.⁷⁰² Ele lecionou no IFT até fins de 1968, quando foi embora do país por temor de prisão devido ao AI5. Ele foi para a Alemanha e depois refugiou-se no Uruguai, onde recebeu a visita da ex-aluna do IFT, Beatrice.⁷⁰³ O texto de sua autoria, intitulado “Fé e experiência religiosa”,⁷⁰⁴ pela forma de abordagem temática e pelos autores citados, foi escrito provavelmente nos primeiros anos pós-concílio, quando lecionava no IFT.

Para ele, o Concílio impusera uma tarefa à Teologia: ser uma reflexão a partir da realidade à luz da Fé, aclarada pela Revelação e orientada para a transformação da mesma realidade. Isso imprimiria um caráter provisório e incompleto na reflexão teológica, dadas as dificuldades de estabelecer uma ponte entre a análise da realidade e as alternativas de sua transformação. O essencial à Teologia cristã seria o realismo da Encarnação, essencialmente profética. Assim, a proposta do texto era discutir o que significaria ter fé cristã “hoje” na realidade brasileira, e agir segundo essa fé; e, por fim, apontar as características dessa fé para que fosse uma autêntica experiência religiosa.

Como pressupostos fenomenológicos, ele elencou sete pontos. Primeiro, o laicato mais consciente, cujo eixo já se deslocara da prática religiosa para um compromisso de ação histórica para um futuro mais humano. Segundo, a existência dilacerada em muitos cristãos, cuja fé fora colocada em dúvida por lhes parecer distante de sua ação histórica. O problema entre fé e instituição eclesial foi o terceiro ponto discutido. A evolução do mundo, tratado em seguida, via o mundo moderno como a era da “História” e do papel do sujeito criador da história, a era das ciências exatas e da técnica. Ainda para ele, seria constatável o fim do humanismo ingênuo e abstrato, que não considerava o ser humano no plano político, para um novo humanismo que

⁷⁰² PUCCI, Bruno; OLIVEIRA, Cleyton de; BETTY, Christine. HUGO ASSMAN: da Teologia da Libertação à Educação para a sensibilidade. **Comunicações**, Piracicaba, v. 15, n. 1-2, p. 11-38, jan.-dez. 2008. DOI: <https://doi.org/10.15600/2238-121X/comunicacoes.v15n1-2p11-38>. Disponível em: <https://www.meto-dista.br/revistas/revistasunimep/index.php/comunicacoes/article/view/351/120>. Acesso em: set. 2021.

⁷⁰³ Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/prontuarios/BR_SPA-PESP_DEOPSOS000269.pdf. Acesso em: jun. 2021. p. 368-373

⁷⁰⁴ ASSMAN, Hugo. **Fé e experiência religiosa**. [1965-1966?]. Texto datilografado. (7 páginas).

partiria da análise científica da realidade. Estaria também no fim a era “sacral” como consequência da secularização e “morte dos deuses tapa-buracos e a demitização do sagrado-mágico” e das “pseudo-divindades substitutivas da incompetência humana”. Por fim, o Concílio que, com acentuado otimismo, teria colocado em xeque as bases tradicionais da visão de experiência religiosa; daí a necessidade um “reinventar a fé”.⁷⁰⁵

Como pressupostos teológicos, o autor destacou três pontos. Primeiro, ele afirmou a unidade do plano da criação e redenção em Cristo sem a distinção real entre natureza e sobrenatural.

Onde quer que os homens, na luta pela justiça, pela paz, pelo desenvolvimento, pela fraternidade, estiverem construindo o amor universal, aí está o Mistério de Cristo.⁷⁰⁶

Isso, no entanto, não seria privilégio cristão. A História, porém, seria ambígua e nela se manifestariam trevas, egoísmo e dominação. A Igreja não seria dona da Verdade e da salvação. De forma semelhante ao texto de Frei Bernardo Catão, a Igreja seria a humanidade consciente; sua existência seria relativa aos homens, como serviço para a humanidade. Um segundo pressuposto abordado se referiu à perspectiva evolutiva da História. “Deus não é Alguém ‘lá fora’ e ‘lá em cima’, mas seria um aliado do homem na construção constante de sua história”;⁷⁰⁷ jamais se deixaria domesticar em nomes, fórmulas e instituições. O cristianismo não seria uma religião fixista, mas um movimento religioso. A Igreja como instituição tendia a se fixar e a se divinizar, a fazer autodefesa de seu direito divino, a se constituir como sociedade sacral, a transformar seus ministérios em chefia e seria conivente com as estruturas e poderes do mundo. Por fim, um terceiro pressuposto, seria a capacidade autossuperação e negação do passado no presente para construir o futuro.⁷⁰⁸

⁷⁰⁵ *Id.*, p. 1-2.

⁷⁰⁶ *Id.*, p. 2.

⁷⁰⁷ *Id.*, p. 2. Em 1969, Hugo Assmann não lecionava mais no IFT. Essa expressão “Deus lá em cima” e a perspectiva de fé abordada nesse texto apareceram nos trabalhos de alunos, na disciplina administrada por “Frei Gabriel”, o entrevistado Professor CARN. Cf. PANCOTO, João Elias. **Deus**. 1969. (Pesquisa bibliográfica, 6 páginas). p. 1-2; FIORINI, Ércio Antônio; SANTOS, José Luiz dos. **O jovem e o problema de Deus**. São Paulo, 08 de dezembro de 1969. Datilografado em papel ofício; síntese de pesquisa de campo. (3 páginas). Síntese de pesquisa de campo;

⁷⁰⁸ ASSMAN, Hugo. **Fé e experiência religiosa**. [1965-1966?]. Texto datilografado. (7 páginas). p. 3.

Como características de uma autêntica experiência religiosa, no último ponto sobre “O que é crer?”, o autor parte do que isso significaria para muitos: a adesão a verdades, normas éticas e jurídicas. Baseando-se em dois autores, o teólogo relativizou esse significado primário. Utilizando-se de Martin Buber, ele afirmou, no entanto, que não se trataria da relação verdade-coisas, mas de uma relação pessoal entre o ser humano e Deus e os seres humanos entre si, construída e realizada como história. Para não cair num horizontalismo, fundamentou-se no teólogo dominicano belga Edward Schillebeeckx, segundo o qual “Deus é o futuro maior de cada compromisso”.⁷⁰⁹ A fé, no ambiente secularizado e urbano, em revisão constante, teria se tornado mais voltada ao essencial, mais simples, desparamentada e nunca totalmente domesticada. Ela estaria também presente nos “Cristãos anônimos”, ou seja, em todas aquelas pessoas comprometidas com o próximo, e não dependeria apenas de um ato intelectual, mas antes de um compromisso histórico de aliança fraterna. Enquanto experiência humana e religiosa, a fé poderia se expressar externamente como instituição religiosa, no entanto, “a Igreja é objeto indireto da fé, cremos em Deus que revelou algo acerca da Igreja e que nela se manifesta”.⁷¹⁰ A instituição eclesial tal como ela aparece num dado momento histórico requereria “maior noção do realismo histórico da Encarnação”.⁷¹¹ Por isso, concluiu o autor, seria fundamental perguntar onde a Igreja estaria mais visível e onde estaria como sinal do futuro do homem.⁷¹²

Desinstitucionalização, dessacralização, demitização, desclericalização, democratização e socialização sob a perspectiva da antropologia da construção histórica seriam tendências próprias do mundo moderno. O humanismo que se assentava sobre a liberdade, a responsabilidade, a autonomia do ser humano adulto, amadurecido, em oposição ao religioso infantilizado, foram critérios a partir dos quais não só Hugo Assmann e Frei Bernardo Catão questionaram a relação entre a Fé cristã e a instituição eclesial. O caráter organizacional, institucional e o status jurídico da Igreja, na década de 1960, mormente após o concílio, tornavam-se secundários, ambíguos e mesmo empecilhos em relação à fé como consciência e expressão de compromissos

⁷⁰⁹ *Id.*, p. 4.

⁷¹⁰ *Id.*, p. 5.

⁷¹¹ *Id.*, p. 6.

⁷¹² *Id.*, p. 7.

fraternos. Pautava-se um estilo de vida mais espontâneo, familiar e semelhante ao do homem trabalhador comum que precisava lutar para se sustentar.

No ano de 1967, vários padres publicaram uma carta aberta dirigida aos bispos do Brasil e a vários órgãos de imprensa. Em São Paulo, ela foi publicada no jornal “Última Hora”, em 24 de outubro de 1967.⁷¹³ O texto encontrado na Biblioteca Padre Lebrecht, é uma cópia datilografada, anterior à publicação, e intitulada: “Carta de Belo Horizonte”,⁷¹⁴ datada de agosto de 1967. Nesse abaixo-assinado, os padres, estimulados pela encíclica “*Populorum Progressio*”, manifestaram o seu propósito de comunicar “algumas sérias preocupações que afligem nossas consciências”, num “espírito de diálogo e busca da verdade” em relação a questões tidas como “graves apreensões”. Informaram que a carta seria publicada na imprensa do país, depois de levada aos bispos, para que fosse de “conhecimento do povo de Deus”.⁷¹⁵ A carta está dividida em duas partes: “Vida e Fé”, e “Limitações e compromissos”.

A linguagem utilizada nas abordagens histórica, social e econômica se assemelha ao documento da AP⁷¹⁶ e aos artigos e textos teológicos utilizados nesse capítulo, como o de Ivan Illich, quanto à visão de Igreja como máquina burocrática e do sacerdote em relação ao trabalhador comum. O método utilizado, mais que o já tradicional “Ver – Julgar – Agir” da Ação Católica, assemelha-se ao “Visão, Opção e Ação” da AP.⁷¹⁷ O viés crítico do texto segue numa linha de pensamento político-social muito própria dos dominicanos, ao estilo de Frei Carlos Josaphat. Embora ele tenha deixado o Brasil em 1965, com seu jornal “Brasil Urgente” extinto, sua ação junto à Ação Po-

⁷¹³ A manchete do jornal, no alto, letras grandes, sugere o destaque à carta: “300 padres denunciam aos bispos quadro de miséria e opressão”. A carta foi publicada na página 02 do primeiro caderno, em lugar do editorial, em 07 colunas. Como a versão digitalizada do jornal se encontra com visibilidade muito comprometida, será utilizado o texto encontrado na biblioteca Pe Lebrecht. Cf. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/uh_digital/index/3581; Acesso em: out. 2021.

⁷¹⁴ AAVV, CARTA de Belo Horizonte, agosto de 1967. **Jornal Última Hora**, São Paulo, 24 out. 1967, 1o Caderno, p. 8(?). P13-3. Texto datilografado. (9 páginas).

⁷¹⁵ *Id.*, p. 1.

⁷¹⁶ AÇÃO Popular. Apostila mimeografada. P12-2. (Não datada, 20 páginas).

⁷¹⁷ *Id.*, p. 1.

pular, à esquerda católica, a jornalistas e à imprensa em São Paulo havia sido marcante e continuada pelos frades do convento em Perdizes,⁷¹⁸ São Paulo. Os dominicanos também tinham convento e mantinham uma ação intelectual e pastoral em Belo Horizonte.

A primeira parte do texto, seguindo o momento metodológico da “Visão”, sob a afirmativa de que o Brasil não seria uma terra cristã, traz uma abordagem do contexto sociológico de herança colonial em extinção ante às novas estruturas sociais. A partir de estatísticas e respaldado pela encíclica “*Populorum Progressio*”, apontaram os problemas constatados na sociedade brasileira, tais como: a alta mortalidade infantil, sobretudo por doenças infecciosas e parasitárias; a fome crônica por ingestão insuficiente da alimentação diária necessária; a população rural sem salário-mínimo, obrigada a trabalhar em dias de folga para complementar renda; o desequilíbrio na lei orçamentária, com poucos recursos destinados ao bem-estar (saúde e educação) em relação ao destinado às despesas militares; os altos encargos sobre a população rural.⁷¹⁹ As relações econômicas internacionais e desiguais seriam as causas desses problemas em toda a América Latina: seu empobrecimento; sua posição de dependência; e sua situação ante o neocolonialismo, dissimulada sob a forma de auxílio financeiro e assistência técnica sob pressão política e domínio econômico em vista de uma hegemonia dominadora. A partir dessa forma de constatar a realidade, a vida, o ser humano e a Justiça se tornariam um imperativo moral no âmbito religioso e de fé, mesmo que os militantes cristãos fossem chamados de subversivos. Assim, os padres fizeram várias críticas em relação às atitudes da Igreja: ao assistencialismo e paternalismo de suas obras; à fé comercializada e exploração das devoções populares; ao “Espírito do Povo” resignado, fatalista e conformista; à religiosidade sacramentalista e supersticiosa, assentada num Deus arbitrário e vingador; aos bens da Igreja e à excessiva preocupação com construções, cujos edifícios não eram sinal de pobreza e nem se dava a eles uma dimensão social.⁷²⁰

⁷¹⁸ Cf. FREI CARLOS Josaphat Pinto de Oliveira O.P. (1921-2020). São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos, 2020. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/78-noticias/604551-frei-carlos-josaphat-pinto-de-oliveira-o-p-1921-2020>. Acesso em: 23 abr. 2023; cf. também IGREJA e a PUC: Igreja e a Ditadura. [19--]. Disponível em: <https://www.pucsp.br/comissaodaverdade/igreja-e-a-puc-igreja-e-a-ditadura.html>. Acesso em: 23 abr. 2023.

⁷¹⁹ AÇÃO Popular. P12-2. Apostila mimeografada. (Não datada). p. 1-2; as perspectivas históricas, sociológicas e econômicas se assemelham ao que foi abordado nos capítulos 3, 4 e 5 da primeira parte.

⁷²⁰ *Id.*, p. 3-5; algumas críticas se sintonizam com os textos encontrados na Biblioteca Padre Lebrecht, sobretudo no que se refere à “Revolução Intelectual” e o perigo do comunismo no Brasil, quanto à forma como critica as

Prosseguindo dentro do método, os padres assinalaram aquilo que chamaram de “Limitações e compromissos”. Manifestaram que se sentiam “prisioneiros de seu estilo de vida”: longe da vida do povo, num nível de classe média, bem localizados no seu conforto, na sua mentalidade e na sua educação; longe das preocupações vitais do povo, dos problemas de manutenção da família; com “emprego estável”, salários, saúde, educação; distantes da luta sindical, da juventude operária e universitária, da luta do camponês e do trabalhador urbano. Colocaram-se também como “prisioneiros de uma máquina pastoral” para sacramentalizar e doutrinar, sempre com preocupações internas à própria Igreja.

Não se parte dos problemas da vida e das necessidades espirituais do homem... a insuficiente encarnação na vida dos estudos teológicos dificulta uma maior sensibilidade e aprofundamento dos valores teológicos da vida cotidiana no mundo.⁷²¹

Criticaram assim as linhas mestras da pastoral renovada, que vinham de cima pra baixo, prontas, sem elaboração, revisão e participação de padres que exerciam a pastoral de base, direto com o povo. Quanto à participação dos leigos nos planejamentos, os padres a consideravam uma necessidade.

Como compromissos, os padres do abaixo-assinado assumiram não só sacramentalizar, mas evangelizar com sensibilidade aos valores do Povo, com presença efetiva nas grandes preocupações da vida operária e universitária; exercer o ministério como missão profética, ou seja, crescer naquilo que chamaram de consciência e ação proféticas; em relação à pobreza, viver como o povo comum, desvinculado dos poderes econômicos e políticos, revendo as fontes de sustento e ver a possibilidade de trabalho como meio de sustento para padres e bispos; propuseram também uma “Pastoral ambiental”, ou seja, para eles era urgente uma pastoral conforme os diversos

obras sociais da Igreja e as perspectivas de sua Doutrina Social, como abordado no capítulo 3. Um trabalho de alunos do IFT, ao analisar artigos da revista “Realidade”, traz críticas semelhantes à Igreja, ante a demanda de renovação conciliar. Cf. ÁLVARES, Geraldo Rodrigues; AMARAL, Carlos Alberto. **Religião na “Realidade”**. São Paulo: Instituto de Formação Teológica, maio 1968. P1-5. (07 páginas). II ano de Propedêutica.

⁷²¹ *Id.*, p. 6.

ambientes em que viviam os homens e não só paróquias territoriais; quanto ao Laicato, os leigos deviam ser sujeitos da pastoral e não meros executores; por fim, pronunciaram-se sobre o celibato, pedindo o sacerdócio também para homens casados,⁷²² talvez com a expectativa de que o Papa Paulo VI revogasse a decisão tomada recentemente ou de que a “colegialidade episcopal” se sobrepusesse à autoridade papal. Publicado no polêmico jornal “Última Hora”, fundado por Samuel Wainer em 1951, com características de periódico sensacionalista e de “defesa do povo”,⁷²³ em linhas gerais, todo o conteúdo dessa carta moldará o discurso próprio das correntes teológico-pastorais relacionadas à Teologia da Libertação nas décadas seguintes, inclusive da própria CNBB.

Poucos meses depois da Carta de Belo Horizonte, a CNBB, sob a presidência do Cardeal Arcebispo D. Agnelo Rossi, promoveu um “Seminário ‘Populorum Progressio’”,⁷²⁴ em maio de 1968. Em manuscrito na capa do texto na Biblioteca Padre Lebrecht está a indicação da disciplina em que fora utilizado: “Eclesiologia - Igreja e desenvolvimento”. Seguindo o método “Ver-Julgar-Agir”, a ênfase no texto encontra-se nas duas primeiras etapas (Ver-Julgar). O texto está dividido em dois blocos; cada bloco, em duas partes. O primeiro bloco discutiu aspectos socioeconômicos do desenvolvimento a partir do que se considerava como “constatações” (Ver). Em seguida, fez-se uma breve análise do subdesenvolvimento brasileiro, desde a perspectiva da dependência, intitulada como “o desenvolvimento do subdesenvolvimento” (julgar). O segundo bloco focalizou a discussão a partir de constatações e análises de alguns aspectos culturais e educacionais do desenvolvimento (ver e julgar) e de alguns aspectos pastorais, procurando compreender a missão da Igreja no processo de desenvolvimento brasileiro. Esta última parte apontou para alguns direcionamentos da ação pastoral da Igreja, dentro daquilo que consistia na terceira parte do método, o “agir”, desde três perspectivas: “A Igreja Deve”, “A Igreja Pode” e “A Igreja Quer”.

⁷²² *Id.*, p. 7-9.

⁷²³ Sobre o Jornal “Última Hora”, cf. SIQUEIRA, Carla. A novidade que faltava: sensacionalismo e retórica política nos jornais Última Hora, O Dia e Luta Democrática no segundo governo Vargas (1951-1954). **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 46-66, 2005. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/download/1108/1049. Acesso em: 22 abr. 2023; cf. também o verbete “Última Hora” do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/ultima-hora>. Acesso em: out. 2021.

⁷²⁴ SEMINÁRIO “Populorum Progressio”: Síntese dos grupos de trabalho. São Paulo: [s. n.], 07 de maio de 1968. P22-25. Texto datilografado. (20 páginas).

A apresentação do texto, logo de início, trouxe uma ressalva:

O texto que segue não é um manifesto, nem um documento oficial ou oficioso. São notas redigidas pelos grupos de trabalho que estiveram estudando os problemas do desenvolvimento à luz da Encíclica “Populorum Progressio” num Seminário promovido pela CNBB.⁷²⁵

Os temas, tanto na abordagem histórico-sociológica-econômica quanto na dimensão religiosa e da pastoral eclesial, assemelham-se aos da “Carta de Belo Horizonte”. Possivelmente, esse abaixo-assinado provocara grande repercussão no meio eclesial. Por isso os participantes do seminário estariam “pisando em ovos”, ainda mais por se tratar de um evento promovido por uma instância de grande peso moral e institucional da Igreja, a CNBB. Uma das questões que deriva da própria encíclica e foi destacada nos estudos neste seminário é a “justiça social”. Para os participantes, refletir a realidade brasileira à luz do magistério da Igreja implicaria em tomar posições e fazer opção cristã pela justiça social, utilizando instrumentos analíticos aplicáveis às circunstâncias concretas. Ao mesmo tempo, apesar da cautela inicial, eles apresentaram fortes críticas à hierarquia eclesial e ao regime militar.

As teorias do desenvolvimento econômico, na linha da Comissão Econômica para a América Latina, CEPAL, e de Celso Furtado,⁷²⁶ foram um “pano de fundo” nas discussões. Os participantes desse seminário, alinharam-se a outros setores da esquerda que discutiam a criação de um poder central de decisão “comprometido com os anseios do povo”.⁷²⁷ Tal orientação permanente na década seguinte facilitou o apoio da Igreja Católica à criação do Partido dos Trabalhadores,⁷²⁸ como cumprimento

⁷²⁵ SEMINÁRIO “Populorum Progressio”: Síntese dos grupos de trabalho. São Paulo: [s. n.], 07 de maio de 1968. P22-25. Texto datilografado. (20 páginas). p. 1.

⁷²⁶ Cf. CYPHER, James Martín. As origens da teoria desenvolvimentista: a economia política empiricamente baseada e historicamente contextualizada de Furtado. **Revista de Economia**, Curitiba, v. 40, n. 3, p. 7-27, set./dez. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/re.v40i3.42923>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/economia/article/view/42923>. Acesso em: 23 abr. 2023.

⁷²⁷ SEMINÁRIO “Populorum Progressio”: Síntese dos grupos de trabalho. São Paulo: [s. n.], 07 de maio de 1968. P22-25. Texto datilografado. (20 páginas). p. 7.

⁷²⁸ Cf. BARBOSA, Imerson Alves. **A esquerda católica na formação do PT**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Paulista, Marília, 2007. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciasSociais/Dissertacoes/barbosa_ia_me_mar.pdf. Acesso em: set. 2021; MACHADO, Adriano Henrique. A influência dos setores católicos na formação do Partido dos Trabalhadores: da relação com os movimentos sociais à ideia de formar um novo partido. In: ANPUH –

desse requisito. As discussões no primeiro bloco se basearam em anexos com estatísticas do ano de 1966 referentes à natalidade, média de vida, longevidade, crescimento urbano, propriedades rurais, demografia, analfabetismo, escolarização e acesso ao ensino superior.⁷²⁹

O segundo bloco, mais específico para os setores que trabalhavam com a Educação, converge notoriamente com as propostas da AP: do Padre Lima Vaz, quanto à visão antropológica e cultural, e de Paulo Freire, quanto à relação entre educação e libertação, nas abordagens sobre os aspectos culturais e educacionais do desenvolvimento. No encerramento da primeira parte do segundo bloco, os participantes manifestaram um apoio explícito ao MEB, Movimento de Educação de Base,⁷³⁰ surgido com o apoio da CNBB em parceria com o Ministério da Educação. O projeto de revolução cultural da AP estava em execução.

Na última parte desse bloco, os participantes discutiram os “Aspectos Pastorais”⁷³¹ no processo de desenvolvimento brasileiro. A Igreja, dentro das “novidades” do Concílio Vaticano II definida como “Povo de Deus”, fiéis em Cristo, teria em seu interior aqueles que exerciam a função administrativa, e que, no Brasil, participaria de sua história e não poderia se recusar a participar do desenvolvimento nacional. Nessa

SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. **Anais** [...]. Fortaleza: UFC, 2009. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772192_daba181636a5d62bc8ce8d1aba0c2267.pdf. Acesso em: set. 2021; REIS, Daniel Aarão. **O Partido dos Trabalhadores – trajetória, metamorfoses, perspectivas**. 2007. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/culturaspoliticas/files/daniel4.pdf>. Acesso em: set. 2021.

⁷²⁹ SEMINÁRIO “Populorum Progressio”: Síntese dos grupos de trabalho. São Paulo: [s. n.], 07 de maio de 1968. P22-25. Texto datilografado. (20 páginas). p. 1-7.

⁷³⁰ *Ibid.*, p. 3.

Segundo Luís Antônio Cunha, o MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE (MEB) consistiu num “programa nacional nascido da experiência com escolas radiofônicas, lançada pelo bispo Eugênio Sales em Natal em 1958. Jânio Quadros, quando presidente da República, determinou que o governo federal fornecesse recursos para a generalização desse movimento por intermédio das emissoras católicas, através de convênios com o Ministério da Educação e Cultura e outros órgãos da administração federal.

O MEB, criado pelo Decreto nº 50.370, de 21 de março de 1961, deveria executar um plano quinquenal (1961-1965), que previa inicialmente 15 mil escolas radiofônicas, e deveria expandir-se nos anos subseqüentes. Para cumprimento do decreto, foi assinado no mesmo dia um convênio entre o Ministério da Educação e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Cf. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/movimento-de-educacao-de-base-meb>. Acesso em: maio 2021.

⁷³¹ SEMINÁRIO “Populorum Progressio”: Síntese dos grupos de trabalho. São Paulo: [s. n.], 07 de maio de 1968. P22-25. Texto datilografado. (segundo bloco, segunda parte, 4 páginas).

perspectiva, minimizando a hierarquia aos aspectos funcionais e administrativos, foram elaborados os tópicos com as orientações para a ação da Igreja, sempre num tom de autocrítica, opondo-se ao velho e tradicional estilo tridentino em função de novas estruturas eclesiais e de sua ação pastoral, com a obrigação moral de usar todos os seus recursos humanos, materiais, institucionais e culturais para superar a sociedade viciada e a mentalidade alienada e atrasada. Praticamente, nenhum setor da Igreja escapou da crítica e da ênfase imperativa em se renovar segundo a leitura que os participantes faziam do Concílio Vaticano II e da Encíclica “*Populorum Progressio*”. Assim como nos textos de J. Chonchol, do casal Goss-Mayr e dos teólogos chilenos,⁷³² o texto manifestou em tom fatal que “sem nós ou contra nós a história imporá uma nova sociedade”.⁷³³

O “*Aggiornamento*”, a reconstrução do mundo pós-guerra e o Concílio Vaticano II, com as tradições e instituições repensadas, conduziram à ênfase de renovação eclesial pós-conciliar. As manifestações culturais, mormente em 1968, com o slogan e canção “É proibido proibir” e os gritos de que “Deus está solto”, foram elementos de um campo de sentido para compreender a crise de autoridade não só nos ambientes políticos e sociais, mas também dentro da própria Igreja Católica. Se o Concílio Vaticano II reforçara o sentido de colegialidade episcopal, a autoridade papal se viu questionada mediante os efeitos das leituras da encíclica “*Sacerdotalis Coelibatus*”. Mesmo nas leituras e nos efeitos da encíclica “*Populorum Progressio*”, a estrutura eclesial se viu pressionada a uma renovação em função da “Justiça Social”. A crise “vocacional” tanto nos seminários como entre os sacerdotes e religiosos, sob o termo “diáspora”, na fala do Sr. RL,⁷³⁴ acentuada por uma divisão no clero entre “tradicionais e conservadores tridentinos” e os “evoluídos”, aumentou a demanda pela ordenação de homens casados. “Os melhores foram os que deixaram, os que abandonaram o barco”, disse o Padre LRB.⁷³⁵ Isso constituía mais um desafio à autoridade eclesial, com discussões que relativizavam o celibato e o sacerdócio. As “deserções” também foram apontadas como um problema interno da instituição eclesial

⁷³² Confere Primeira Parte, Capítulo 4.

⁷³³ SEMINÁRIO “*Populorum Progressio*”: Síntese dos grupos de trabalho. São Paulo: [s. n.], 07 de maio de 1968. P22-25. Texto datilografado. (segundo bloco, segunda parte). p. 1.

⁷³⁴ Cf. Entrevista com o Sr. RL; Cf. também Entrevista com Padre PHG, que não usa o termo, mas fala de uma “debandada geral”; e Entrevista com Padre LRB.

⁷³⁵ Entrevista com Padre LRB.

ante resistência em renovar-se. A crise no senso de autoridade da Igreja sofreu ainda a relativização da função hierárquica em função da valorização do “laicato consciente”.

A catolicidade da Igreja, indo além de um adjetivo e compreendida como um substantivo cujas fronteiras ultrapassavam os limites institucionais, procurava abarcar um sentido de universalidade em prol da “humanidade”. A secularização foi abraçada como uma experiência “moderna” de fé, que superaria o mundo sagrado, mágico e mítico, tido como supersticioso, através de uma visão de historicidade e construtivismo sob uma antropologia de autonomia do ser humano.

A “Carta de Belo Horizonte” pode ser considerada um símbolo da ousadia daquela geração de padres em se manifestar independentemente da hierarquia. Apregoavam uma missão da Igreja em prol das questões sociais e a identificação do clero com o trabalhador comum. O “Seminário Populorum Progressio”, apesar das cautelas iniciais, pressionou a hierarquia eclesiástica em prol dos problemas político-sociais destacados no evento, colocando a Igreja Católica como corresponsável pelo desenvolvimento do país. Tal corresponsabilidade, para eles, implicava o investimento de todos os recursos da Igreja rumo à construção de uma “nova sociedade”.

Tendo sido criado e existido nesse ambiente de renovação, inovação e rebeldia, a formação teológica do IFT procurou oferecer novos modelos de sacerdócio e de vida religiosa. O projeto de criação do IFT vislumbrava responder à demanda de uma Igreja em diálogo com o mundo moderno, através de uma reflexão teológica adaptada a ele.

3. Entre Anjos e Homens, as “Asas do desejo”: IFT e os “desejos do Concílio”

O uso da entrevista, da fonte oral e da memória comporta uma “heteroglossia”, uma pluralidade de vozes: a daquele que “diz”, “lembra”, relembra e narra, e a do historiador que ouve, transcreve, escreve e reconstrói a narrativa. Das falas em “pedaços”, episódicas, à narrativa histórica ocorre a transmutação da oralidade ao texto escrito. A fonte oral se torna escrita; a memória se torna texto. Entre “vidas significativas” e facticidade, apesar das imprecisões da memória, se coloca o desafio da estética.⁷³⁶

A Prosopografia, também utilizada nas Ciências Sociais, voltou-se para os movimentos de opinião popular, preocupando-se mais com questões sobre “quem” diz “o que sobre o quê”, procurando compreender quem foram os atores. Isto permite uma explicação mais profunda do funcionamento das instituições a que pertenceram; revela verdadeiros objetivos atrás do fluxo da retórica política e institucional. Esse método facilita o entendimento das suas realizações e permite interpretar mais corretamente os documentos que produziram. O “relativismo cultural” desenvolvido ao longo do século XX mostrou a existência de poucas normas universais para o comportamento humano ou para a organização social. As teorias comportamentalistas e a redução da confiança na integridade dos políticos, assim como o declínio da crença na importância das constituições foram fatores relevantes que contribuíram para o uso da Prosopografia nas Ciências Sociais. Na área da Antropologia, a Prosopografia também foi utilizada em estudos antropológicos sobre a família, parentescos e arranjos familiares com elos políticos se beneficiaram do método.

L. Stone também mostrou os limites e perigos no uso da Prosopografia⁷³⁷. Ele deu um destaque à deficiência de dados, às generalizações e às distorções baseadas em evidências fragmentadas, quando não se tem informações suficientes para um quadro mais completo. Erros na classificação dos dados são igualmente possíveis,

⁷³⁶ PAULA, Sérgio Peres de; FRAGA, Estefania Knotz Canguçu. História oral e o ofício do historiador: análise histórica do Instituto de Filosofia e Teologia – IFT. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, São Paulo, v. 5, n. 10, p. 37-63, out. 2022. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/historia/oficio-do-historiador>. Acesso em: 04 abr. 2023.

⁷³⁷ Cf. STONE, Lawrence. Prosopografia. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 19, n. 39, p. 115-137, jun. 2011.

dadas a mutabilidade, incongruências, instabilidades e inadequações ao classificar um indivíduo conforme as categorias pesquisadas. Como as partes podem não corresponder ao todo, erros na interpretação dos dados provocam uma imagem distorcida da realidade. A inabilidade do pesquisador pode negligenciar as relações entre as partes e o todo. Toda análise comporta pontos de vista que podem afetar a compreensão histórica, sobretudo quando se trata daqueles a quem se dá menos importância no funcionamento dos processos sociais.

O método prosopográfico se relaciona com a complexidade do ser humano. A relutância na inserção da perspectiva histórica para as ideias, os preconceitos, as paixões, as ideologias, os ideais e os princípios, e a negligência quanto à natureza da política e da moldura institucional dentro da qual o sistema funciona pode evidenciar uma visão simplista da motivação humana.

O indivíduo é movido pela convergência de forças em constante alteração, um aglomerado de influências como o parentesco, a amizade, os interesses econômicos, os preconceitos de classe, os princípios políticos, a convicção religiosa e assim por diante, todas as quais desempenham seus papéis e que podem ser utilmente separadas para fins analíticos.⁷³⁸

Faz-se fundamental no método prosopográfico distinguir com nitidez entre os temas relativamente menores e questões maiores; ter a disposição para reconhecer a inconstante complexidade da natureza humana, o poder das ideias e a influência persistente das estruturas institucionais. Desta forma, a Prosopografia ajuda a revelar as redes de vínculos sociopsicológicos que mantêm o grupo unido e contribui para a história social ao considerar a relevância de indivíduos ou instituições.

Assim, tanto a História Oral como a Prosopografia, mesmo que não houvesse escassez de fontes, permitem uma narrativa histórica sob ângulos existenciais dramáticos, complexos e profundamente humanos. As poucas fontes diretas do IFT mostram muito da dramaticidade e complexidade vivida por aqueles que tiveram parte de sua existência nele. Essa passagem, mesmo que breve, marcou profundamente as vidas

⁷³⁸ *Ibid.*, p. 128.

daqueles que ousaram falar e, muito provavelmente, talvez mais, daqueles que silenciam ou se recusam expor suas memórias.

O Sr. Francisco de Assis Resende, ex-padre camiliano, era meu vizinho na Vila Hamburguesa, em São Paulo. Eu morava na Rua Brentano e ele, num condomínio na Rua Carlos Weber, na mesma calçada, apenas dobrando a esquina. Nós nos encontramos algumas vezes na padaria ou no supermercado, onde “proseamos” um pouco. No fim do ano de 2019, ele me presenteou com um livro de suas memórias. Para minha surpresa, nesta sua autobiografia, ele conta que havia estudado no IFT. Estava entre os que seriam convidados a dar entrevista, quando se iniciou a pandemia da COVID-19. Com o “lockdown”, no entanto, nunca mais tive contato ou informação a respeito dele.

Na apresentação de sua obra, ele manifestou, como ex-padre casado com uma ex-freira, sua posição em relação à Igreja Católica, ao Concílio Vaticano II e as expectativas criadas e frustradas, dentro daquele contexto da década de 1960 e seguintes:

Estivemos sempre inseridos em nossa matriz religiosa, a Igreja Católica. Para nós a igreja não pode estar atrelada a formas culturais do passado. A fé cristã deve se expressar com os símbolos do tempo presente e utilizá-los para mostrar a verdadeira face de Jesus ao mundo atual.⁷³⁹

No seu diário, no dia 28 de março de 1965, ele deixou o seguinte registro:

VAMOS ESTUDAR NUM SEMINÁRIO CENTRAL DE RELIGIOSOS EM SP: ... Ano de 1965: é nele que se inicia uma experiência muito importante para mim e para meu amadurecimento espiritual no Cristo. O estudo do Curso de Teologia no IFT (Instituto de Filosofia e Teologia da Conferência dos Religiosos do Brasil de SP), no prédio do Colégio Des Oiseaux, das Cônegas de Santo Agostinho, lá no centro de São Paulo, pegado à Faculdade Sedes Sapientiae, uma escola superior feminina. Interessante é que minha carteira escolar, no período da manhã, é ocupada por

⁷³⁹ RESENDE, Francisco de Assis. **Vidas que se cruzam em diários e ditaduras**: processo de laicização de um padre camiliano. São Paulo: Ed. Scortecci, 2017. p. 9.

uma aluna da quarta série ginasial, que tem o mesmo nome de mamãe: Maria Cristina.⁷⁴⁰

Naquele dia, ele fez sua primeira prova, enfrentando a dificuldade em se adaptar a um novo sistema de estudos que envolvia pesquisa e muitas leituras. Sentia-se como se não soubesse mais estudar. Juntamente com ele, numerosos outros seminaristas camilianos e de outras ordens e congregações começaram essa nova experiência. O Padre LRB, um dos seus colegas camilianos, falou da diversidade de situações entre os estudantes e de como isso exigiu um difícil arranjo de turmas e disciplinas curriculares a ponto de atrasar sua ordenação sacerdotal. Apesar de numerosos, a quantidade dos que abandonaram o ministério foi tal que poucos permaneceram:

Mas eu entrei no IFT ... em 1965. Portanto, no primeiro ano pós Concílio.⁷⁴¹ [...] Na minha classe, éramos mais de 16 ... só camilianos. Padres, fiquei eu e um peruano. Os agostinianos... eu tenho a impressão de que ficou o Fontanella.⁷⁴² [...] O Fontanella era artista; era muito inteligente, muito querido pelo pessoal. Então, o que que acontece... acontece que às vezes você estava no primeiro ano e ao teu lado, na mesma classe, estudava um do quarto ano. No fim do ano, ele se ordenava e dois ou três anos depois, ele abandonava o ministério [...] Houve um padre camiliano ... chegou a ser padre ... ele escreveu um livro. [...] Eu não me lembro, o título que era pra provocar mesmo ..., mas no fundo tinha uma ideia de que a Igreja era mesmo uma prostituta⁷⁴³ ... talvez fosse ... inclusive ... faz muito tempo ... que eu não me lembro ..., mas a frase existia.⁷⁴⁴

⁷⁴⁰ *Ibid.*, p. 61.

⁷⁴¹ O Concílio Vaticano II se realizou em Roma durante o outono europeu, entre outubro e dezembro; a primeira sessão ocorreu em 1962 e a última em 1965 (Cf. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/601643-vaticano-ii-nao-e-o-unico-concilio-controverso-diz-teologo-catolico>. Acesso maio 2021). O IFT iniciou as atividades no início de 1965, portanto, ainda durante o último ano do Concílio.

⁷⁴² Frei José Alberto Fontanella (+1996), religioso agostiniano recoleto; seu nome consta entre os fundadores do diretório acadêmico do IFT, conforme o Livro de Atas do DAXIX, p. 2.18. Os três ex-alunos do IFT entrevistados citaram o seu nome em suas recordações, sempre associado à alegria, ao canto, à música e ao violão.

⁷⁴³ Possível referência à Sérgio Zanella, aluno do IFT, conforme o Livro de Atas do DAXIX, p. 19, que escreveu um livro em 1968, intitulado “Igreja Traída”. Em 2016, a Editora Prismas publicou uma terceira edição do livro; quando escreveu o livro era recém ordenado sacerdote e era diretor do Seminário Camiliano Pio XII, no Jaçanã. (Disponível em: <https://www.travessa.com.br/a-igreja-traida-3-ed-2016/artigo/d5230899-7aa5-4899-9bbb-f6fd464d5052>). Acesso em: out. 2022.

⁷⁴⁴ Entrevista com o Padre LRB.

Como o IFT se propunha oferecer a formação em Filosofia, outros iniciaram sua trajetória ali com esse curso, como recordou o Padre PHG:

E o primeiro local foi lá mesmo no Colégio Des Oiseaux, das irmãs Cônegas Agostinianas, né. E desde o primeiro dia, nós entramos, né ... era eu e o Joviano⁷⁴⁵ e depois acho que mais um... Pedro... Pedro, é! ... era um cearense. Era eu, Joviano, mineiro de Uberaba ... eu de São Paulo ... e um cearense, né. Começamos o IFT lá, fazendo **Filosofia** juntos.⁷⁴⁶

O IFT foi fundado com o objetivo de ser um “seminário central”. Talvez tenha sido uma concretização daquela ideia cogitada pelo autor anônimo quando tratou da necessidade de um centro de intelectualidade católica mais atualizado.⁷⁴⁷ Assim, cada ordem e congregação religiosa tinha sua própria casa de formação, onde residiam os seminaristas. De suas casas, espalhadas pela Grande São Paulo,⁷⁴⁸ eles se deslocavam para realizar os seus estudos no centro da cidade.⁷⁴⁹ Algumas dessas casas, que eram seminários muito grandes, abriram suas portas para receber seminaristas de outras ordens, congregações e dioceses que não tinham local próprio na capital. Os agostinianos recoletos enviaram sua primeira turma para estudar no IFT em 1965. Em São Paulo, esse grupo residiu, nos anos de 1965 e 1966, com os camilianos, no Seminário Pio XII, no distante bairro do Jaçanã. O deslocamento era feito em ônibus próprio, tendo que enfrentar o caótico trânsito da metrópole. Como as aulas eram na parte da tarde, a partir das 13:00, eles almoçavam cedo e o deslocamento podia durar até duas horas, aliviado pela alegria da música em violão de Frei Fontanella,⁷⁵⁰ conforme lembrou o Sr. RL:

⁷⁴⁵ Joviano de Lima Júnior (1942-2012), religioso sacramentino e depois bispo na diocese de São Carlos e arcebispo de Ribeirão Preto.

⁷⁴⁶ Entrevista com Padre PHG; a marcação em negrito é do historiador, com a finalidade de destacar o curso, uma vez que inicialmente, o IFT se propôs a oferecer os dois cursos necessários para a formação sacerdotal: Filosofia e Teologia.

⁷⁴⁷ A REVOLUÇÃO Intelectual e a Igreja na América Latina. P41-14. Texto datilografado. p. 17-18.

⁷⁴⁸ “Grande São Paulo” compreende as cidades circunvizinhas, uma vez que alguns estudantes pertenciam a outras dioceses, como a Diocese de Santo André, na região do ABC paulista.

⁷⁴⁹ Entrevista com Sr. RL; Entrevista com Padre PHG;

⁷⁵⁰ Entrevista com Sr. RL; Cf. PAULA, Sérgio Peres de. O IFT e os Agostinianos Recoletos, a partir dos documentos do Capítulo Província da Província de Santa Rita de Cássia – 1966. **Recollectio: Annuario Historicum Augustinianum**, Madrid, n. 43, p. 73-88, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7688259.pdf>. Acesso em: maio 2021.

Nós chegamos aqui [em São Paulo] e fomos morar com os padres Camilianos, lá no Jaçanã, onde uma turma de 65 já estava lá. Ficamos lá em 66; quando foi em 67, terminou o contrato com os Camilianos, fomos com os padres Verbitas, lá da igreja São José, no bairro do Ipiranga.⁷⁵¹

O Padre LRB se lembrou da pluralidade de seminaristas que moravam no Seminário Pio XII dos camilianos e estudavam no IFT, que tinha um propósito de uma formação teológica de cunho mais arrojado e progressista:

Os agostinianos, a sua congregação, moravam conosco, camilianos, porque eram poucos, tinha lugar no seminário; dois estudantes da diocese de Manaus; quatro, que fizeram a Teologia conosco, saíram do Ipiranga, porque o Ipiranga era considerado muito conservador até pelos bispos; e também a diocese de Santo André. Os estudantes de Santo André estudaram no IFT nessa época. O ponto dessa partilha de várias congregações criou um clima relativamente comum muito marcado, fortemente marcado por aquilo que já existia em embrião....⁷⁵²

O relatório para o capítulo provincial da Província de Santa Rita de Cássia em 1966, intitulado “Como procede la vida de nuestros estudiantes en el Instituto de Filosofía y Teología (I.F.T.) de São Paulo”, escrito originalmente em espanhol, assinado por Fr. Agostinho Borges e Fr. Adaury Fiorotti, em duas páginas datilografadas traz algumas informações sobre o IFT até aquele momento. O primeiro item, aborda sobre a vida comunitária dos seminaristas no Seminário Pio XII, dos camilianos, no bairro do Jaçanã, em São Paulo. Além dos seminaristas agostinianos recoletos, havia um salesiano e 04 seculares do norte do Brasil, num total de mais de 40 seminaristas. As aulas no IFT eram à tarde e saíam da residência às 14h.⁷⁵³ Um dos problemas que os seminaristas agostinianos enfrentavam era a falta de um lugar para praticarem os atos próprios da Ordem. Sendo seu segundo ano de existência e atividades, o IFT seria já considerado um dos melhores seminários maiores do Brasil, com um corpo docente

⁷⁵¹ Entrevista com Sr. RL.

⁷⁵² Entrevista com Padre LRB.

⁷⁵³ Outra divergência aqui, talvez por um lapso de redação, uma vez que o Sr. RL afirma que as aulas começavam às 13 horas.

inteiramente especializado em suas respectivas disciplinas; com um programa de estudos dentro da linha do Concílio Vaticano II. A ideia central do curso era “A História da Salvação e o Plano de Deus na História”. Havia falhas, uma vez que o programa era ainda experimental. Ao todo, eram cerca de 160 seminaristas. Todo esse relatório enfatiza o conteúdo programático, a pedagogia e as didáticas alinhadas ao Concílio Vaticano II, procurando uma formação atualizada que proporcionasse uma consciência e responsabilidade pessoal ante a escolha do sacerdócio.⁷⁵⁴

O período vespertino de aulas provavelmente tenha sido durante os anos em que o IFT esteve nas dependências do Colégio Des Oiseaux, uma vez que de manhã havia as atividades educacionais regulares das Cônegas. Ao se mudar para o convento dos carmelitas, no bairro do Bela Vista, as aulas podem ter passado para o período matutino. Outra possibilidade, era de que haveria turmas também pela manhã, talvez o curso de Filosofia, pois disse o Padre PHG: “Horário, dia de aula, de manhã, todo dia, menos sábado. Há tempos que já não tinha mais [aulas] de sábado”.⁷⁵⁵

As Atas do Capítulo Provincial da Província de Santa Rita de Cássia e seus anexos, do ano de 1966, contêm informações relevantes sobre o IFT e sua proposta de formação religiosa e sacerdotal. Utilizar atas como fontes de uma pesquisa histórica é uma das possibilidades do historiador.

Eleger atas como fontes primárias é uma grande oportunidade de verificar as intenções, as escolhas e as prioridades dos sujeitos responsáveis por esse registro, bem como um estudo aprofundado do contexto histórico vigente.⁷⁵⁶

Atas são documentos de caráter oficial nos quais estão registrados formalmente os encontros promovidos por um órgão, uma associação, uma entidade ou

⁷⁵⁴ PAULA, Sérgio Peres de. O IFT e os Agostinianos Recoletos, a partir dos documentos do Capítulo Província da Província de Santa Rita de Cássia – 1966. **Recollectio: Annuarium Historicum Augustinianum**, Madrid, n. 43, p. 73-88, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7688259.pdf>. Acesso em: maio 2021.

⁷⁵⁵ Entrevista com Padre PHG.

⁷⁵⁶ SANTOS, Cláudia Pereira dos; CORSO, Ângela Maria; ZANLORENZI, Cláudia Maria Petchak. Estado de conhecimento: atas como fonte histórica. In: SEPED – SEMANA DE ESTUDOS DO CURSO DE PEDAGOGIA DE IRATI, 3., 2012, Irati. **Anais [...]**, p. 5. Disponível em: <https://anais.unicentro.br/seped/pdf/iiiv3n1/87.pdf>. Acesso em: maio 2020.

grupo de sujeitos com fins a deliberar sobre assuntos de interesse comum ou repassar informações.

Encaradas como potenciais documentos de valor jurídico, as atas têm a necessidade de consubstanciarem-se enquanto fiel registro do que ocorreu na reunião (deliberações, decisões, discussões).⁷⁵⁷

As informações contidas, colhidas sob o filtro daquele que secretariou, corrigidas, aprovadas e assinadas pelos presentes dão ao documento alta confiabilidade, cabendo ao pesquisador o olhar atento e crítico.⁷⁵⁸ Para Walter Montanhini, as atas podem revelar a história de uma coletividade e como essa história é fruto de seu vir-a-ser cultural, evidenciando muitas vezes as preocupações do cotidiano, a estrutura da organização social, política e religiosa na qual estão imersas.⁷⁵⁹ As atas podem apontar também traços de personalidade de quem as redigiu e daqueles, cujas falas emergem no texto.

Dentre os documentos do Capítulo Provincial,⁷⁶⁰ encontram-se os dois anexos: “Respostas às questões apresentadas por Fr. Lauro sobre o IFT e nossos Teólogos que nele estudam” e “Reflexão em termos de formação”, esse último consta como elaborado pelos seminaristas e encaminhado aos padres capitulares. Esses documentos, datados de maio de 1966, serviram de base para os demais relatórios apresentados pelo padre provincial e pelos padres capitulares responsáveis pela formação nos seminários, uma vez que os temas se repetem e há frases iguais “ipsis litteris”.

⁷⁵⁷ ESQUINSANI, Rosimar Serena Siqueira. As atas de reuniões enquanto fontes para a história da educação: paupando a discussão a partir de um estudo de caso. **Educação Unisinos**, São Leopoldo, v. 11, n. 2, p. 103-110, maio/ago. 2007. p. 104.

⁷⁵⁸ SANTOS, Cláudia Pereira dos; CORSO, Ângela Maria; ZANLORENZI, Cláudia Maria Petchak. Estado de conhecimento: atas como fonte histórica. In: SEPED – SEMANA DE ESTUDOS DO CURSO DE PEDAGOGIA DE IRATI, 3., 2012, Irati. **Anais [...]**. p. 6. Disponível em: <https://anais.unicentro.br/seped/pdf/iiiv3n1/87.pdf>. Acesso em: maio 2020

⁷⁵⁹ MONTANHINI, Wagner. O documento e o historiador: As ATAS da Câmara de São Paulo nos séculos XVI e XVII como referencial. **UNAR**, Araras, v. 1, n. 1, p. 79-85, 2007. p. 79.

⁷⁶⁰ PAULA, Sérgio Peres de. O IFT e os Agostinianos Recoletos, a partir dos documentos do Capítulo Província da Província de Santa Rita de Cássia – 1966. **Recollectio: Annuarium Historicum Augustinianum**, Madrid, n. 43, p. 73-88, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7688259.pdf>. Acesso em: maio 2021. As fontes pesquisadas estão em um volume único encadernado com todas as atas e anexos, sob o título “Atas do Capítulo Provincial da Província de Santa Rita de Cássia – junho de 1966”, do Arquivo da Cúria Provincial da Província de Santa Rita de Cássia, em Ribeirão Preto.

Será destacado aqui somente aquilo que se refere ao IFT e à formação acadêmica ali ministrada.

Frei Lauro de Carvalho Borges era um dos frades que defendeu fortemente a ida dos estudantes para o IFT em São Paulo. Considerado um “intelectual”, pensador e “filósofo” da província, sua palavra gozava de peso e respeito.⁷⁶¹ Por isso, ele foi consultado e era um dos padres capitulares nesse capítulo de 1966. As perguntas abordavam cinco temas referentes ao IFT: a formação científico-cultural do IFT; a atualização da formação oferecida em relação às orientações do Concílio Vaticano II; o IFT e a formação específica; a situação dos seminaristas agostinianos recoletos em São Paulo; as garantias e consolidação do IFT para o futuro.

Com relação à organicidade e a adequação do programa de disciplinas do IFT em ambos os currículos, de Filosofia e Teologia, segundo Fr. Lauro, os cursos se articulavam visando um todo da formação sacerdotal. Todos os professores tinham títulos em universidades “no estrangeiro”. Uns eram mais eficientes que outros. Um foi tido como deficiente mais pela didática que pela capacidade e já se encontrava afastado do IFT. Quanto ao aproveitamento dos alunos, o sistema do IFT era “liberal”, mas ainda não havia tempo suficiente para uma avaliação mais profunda do curso e do aproveitamento dos alunos. Dentre os temas muito debatidos nas reuniões do corpo docente estavam as formas de consultas e o contato mais pessoal entre professor e aluno. Nas aulas, os alunos dispunham de uma ampla margem de diálogo. Os trabalhos de pesquisa requeriam mais contatos entre professor e aluno. Assim, o IFT estabeleceu uma hora na semana, “na quarta-feira, na terceira hora” para revisão de matérias. Aos poucos estavam implantando o sistema de seminários para diversos temas de pesquisa. Nesse ponto, Frei Lauro sugeriu que cada comunidade dispusesse de dois padres para orientar os estudantes em casa.⁷⁶²

Dentre os professores que marcaram a memória dos estudantes entrevistados foram citados: Padre Olinto Pegoraro, camiliano, reitor e “grande filósofo”; Frei José

⁷⁶¹ Entrevista com Sr. RL.

⁷⁶² PAULA, Sérgio Peres de. O IFT e os Agostinianos Recoletos, a partir dos documentos do Capítulo Província da Província de Santa Rita de Cássia – 1966. **Recollectio: Annuario Historicum Augustinianum**, Madrid, n. 43, p. 73-88, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7688259.pdf>. Acesso em: maio 2021.

Neves, dominicano, último reitor do IFT; Frei Carlos Mesters, carmelita; Padre Benedito Ulhoa Vieira, secular;⁷⁶³ Frei Adauri Fiorotti, agostiniano recoleto, que viveu 10 anos na Europa e “veio preparadíssimo para lecionar”;⁷⁶⁴ Frei Gilberto Gorgulho, que dava aulas junto com Ana Flora Andersen e cujas aulas suscitavam admiração; Padre Antônio Marcos Girardi, missionário da Consolata; Padre Edênio do Vale, verbita; um psiquiatra, Paulo Gaudêncio;⁷⁶⁵ Padre José Comblin; Padre Sebastião Neves, formado em Eclesiologia na França,⁷⁶⁶ um professor da Igreja Reformada Armênia, protestante, o Reverendo Aharon Sapsezian,⁷⁶⁷ diretor da ASTE, Associação dos Seminários Teológicos Evangélicos. Além destes, havia outros professores protestantes e rabinos.⁷⁶⁸

Alguns foram bem destacados, como o dominicano Frei Luciano Parise,⁷⁶⁹ professor de Liturgia, que exigia dos alunos não só ler, estudar e interpretar a liturgia, mas “fazê-la”.⁷⁷⁰ O Padre Hugo Assmann, de saudosa memória pelo Padre LRB, foi chamado de “gaúcho valentão” ou “Catão gaúcho”.⁷⁷¹ E, por fim, o Frei Bernardo Ca-
tão:

Ele fazia ler os textos dos Santos Padres na Cristologia, a refutação dos hereges aos Santos Padres e a refutação dos Santos Padres aos hereges. E era um tal de ... de procurar onde ler isso

⁷⁶³ Lembrado pelo Sr. RL como “Ulhoa Cintra”, com dúvidas quanto ao nome. Cf. Entrevista com Sr. RL. Parece tratar-se de Benedito Ulhoa Vieira (1920-2014), nascido em Mococa, SP; estudou Filosofia e Teologia no Seminário Central do Ipiranga, São Paulo, SP, ordenando-se padre a 8 de dezembro de 1948 pelo Cardeal D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Costa. Em 1953 doutorou-se em Teologia; assumiu relevantes cargos em São Paulo: Professor e Capelão da PUC; Reitor do Seminário Central do Ipiranga; Vice-reitor da PUC e Pároco dos Universitários; bispo auxiliar em São Paulo de 1972 a 1978, quando foi nomeado arcebispo de Uberaba-MG.

⁷⁶⁴ Entrevista com Sr. RL.

⁷⁶⁵ Paulo Gaudêncio (1934-2017) foi um psiquiatra, psicoterapeuta, palestrante e escritor brasileiro. Formado em medicina pela USP, foi professor na graduação e na pós-graduação da PUC de São Paulo e Sorocaba, na Faculdade de Filosofia Sedes Sapientiae e no curso de pós-graduação em Medicina Esportiva da Faculdade de Educação Física da USP. Cf também Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/06/1894519-mortes-o-medico-que-nao-receitava-> Acesso em: set. 2021.

⁷⁶⁶ Citado em entrevista pelo Padre LRB; talvez esteja confundindo com Frei José Neves.

⁷⁶⁷ Reverendo Aharon Sapsezian (1926-2012), nasceu num campo de refugiados e veio pra o Brasil com um ano e meio de vida; formado em Letras Clássicas pela USP e em Teologia pela Universidade Metodista, pastor da Igreja Central Evangélica Armênia de São Paulo (Cf. Disponível em: <https://estacaoarmenia.com.br/5799/a-nacao-armenia-perde-o-rev-aharon-sapsezian/>) Acesso em: set. 2021.

⁷⁶⁸ Cf. Entrevista com Sr. RL; Entrevista com Padre PHG; Entrevista com Padre LRB.

⁷⁶⁹ Frade dominicano, compunha a direção do IFT na gestão 1966/67 como “Diretor da Filosofia”. Cf. Livro de Atas do DAXIX, p. 12.

⁷⁷⁰ Entrevista com Padre PHG; Entrevista com Padre LRB.

⁷⁷¹ Entrevista com Padre LRB.

... ou em francês... no caso aí, em francês... quer dizer, um excelente professor.⁷⁷²

Nas palavras do Padre LRB, os professores do IFT foram “luminares”, homens preparados e de grande densidade teológica, que criaram um clima teológico sério, responsável e aberto.⁷⁷³ “O que tem de duro na história do IFT é a saída de muita gente, de muitos padres formados no IFT, mas, não foi só lá. Quer dizer, não se pode por nada de culpa no IFT”,⁷⁷⁴ lamentou o padre.

Sobre o IFT e a atualização segundo as orientações do Concílio Vaticano II, a primeira questão apresentada por Frei Lauro referia-se à formação pastoral em conformidade com as necessidades de cada país. Para ele, essa era uma questão difícil de se verificar na prática naquele momento, mas no IFT existia essa preocupação e uma orientação nesse sentido. Todo o curso foi formulado conforme as exigências pastorais. Corria-se o risco de um ativismo em detrimento do conteúdo doutrinário. Na composição da direção do IFT, procurou-se selecionar diretores e professores adequados para cada área. Entre professores e alunos existiria um espírito franco e familiar. Os alunos estariam muito satisfeitos com “esse espírito”. As disciplinas filosóficas e teológicas estavam bem coordenadas e formavam um todo orgânico da formação sacerdotal superior. O corpo docente se reunia com frequência para corrigir falhas. O curso de Filosofia se encontrava bastante afetado pela falta de “curso médio superior” em quase todos os alunos. O curso de Teologia havia se processado muito bem.

Todas as disciplinas convergem para a ideia central do curso: o “mistério da salvação”. Os métodos didáticos foram radicalmente reformulados, dando-se importância maior para a pesquisa pessoal e a ampla participação nas aulas pelos alunos.⁷⁷⁵

“Frei Gabriel” nome religioso do Professor CARN, que já lecionava Lógica e Metafísica na “Escola Dominicana de Teologia” desde 1962, começou também a dar

⁷⁷² *Ibid.*

⁷⁷³ Entrevista com Padre LRB.

⁷⁷⁴ *Ibid.*

⁷⁷⁵ PAULA, Sérgio Peres de. O IFT e os Agostinianos Recoletos, a partir dos documentos do Capítulo Província da Província de Santa Rita de Cássia – 1966. **Recollectio: Annuario Historicum Augustinianum**, Madrid, n. 43, p. 73-88, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7688259.pdf>. Acesso em: maio 2021.

aulas no IFT em 1965, cursos que ele datilografou e os manteve consigo, consultando-os posteriormente de vez quando.⁷⁷⁶ Embora não tivesse problemas com seus alunos, ele narrou um episódio de uma provocação de um estudante, ao entregar as folhas mimeografadas:

E um aluno no começo da aula disse: ‘Professor, o que que eu faço com isso?’ Aí eu disse: ‘Se você não tiver outra utilidade, pendura no banheiro da sua casa’ (risadas). Isso era talvez um extremo. Esse aluno, né, ... eu acho que era um camiliano, se não me engano, né ... Que era o oposto do Olinto! O Olinto era um professor, um intelectual, né. E esse aluno pelo menos aparentemente não era tanto isto, né.⁷⁷⁷

Para sua estranheza, recordava-se do interesse demonstrado por dois senhores que cursaram suas disciplinas: o Professor Mário Sproviero⁷⁷⁸ e um outro chinês ou vietnamita, que se chamava “Ho”. O grupo de alunos era diversificado, no entanto, nunca precisou tomar atitudes disciplinares severas ou coisa do gênero⁷⁷⁹. Como teve um relacionamento muito “restrito” e formal com o IFT, não se recorda de ter participado de reunião de professores.⁷⁸⁰

Embora houvesse um diálogo muito “sossegado” e tranquilo com os professores, coisa a que os seminaristas não estavam acostumados nos seus conventos, a metodologia utilizada pelos professores seguia o “esquema tradicional”. Tais foram as lembranças do Sr. RL, que estudou no IFT nos anos de 1966 e 1967:

Então, realmente era o professor falando na frente e você ouvindo e questionando, tudo, mas é o tradicional; lá na lousa é o professor, é o próprio da época, né? É o tradicional.⁷⁸¹

⁷⁷⁶ Entrevista com o Professor CARN.

⁷⁷⁷ Entrevista com Professor CARN.

⁷⁷⁸ Mário Bruno Sproviero “possui graduação em Matemática pela Universidade de São Paulo(1965), graduação em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira(1969) e doutorado em Filosofia pela Universidade de São Paulo(1984). Atualmente é professor titular da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Línguas Clássicas. Atuando principalmente nos seguintes temas: Lao zi, filosofia chinesa antiga”. Cf. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4522964559655058>. Acesso em: maio 2021.

⁷⁷⁹ Entrevista com Professor CARN.

⁷⁸⁰ *Ibid.*

⁷⁸¹ Entrevista com Sr. RL.

A novidade nas formas de estudar não só deixou o Sr. Francisco meio perdido e acreditando que já não sabia mais estudar, como impressionou o jovem sacramentino. O esforço pela pesquisa, inclusive em outras línguas contrastava com o estilo muito duro de antes:

Eu me lembro que os professores diziam: ‘agora nós vamos fechar todos os manuais de Teologia que vem tudo prontinho, a matéria mastigada, e nós vamos fazer a Teologia’. Me lembro disso, né. Os professores falavam isso. E a gente começou ... tinha que estudar, mas quase não tinha livros em português. Era em francês, né, em italiano, livros em inglês. Livros de Teologia. E a gente tinha que se virar, pesquisar; era uma Teologia ... antigamente a Teologia era bem mastigadinha, tudo prontinho, né, nos livros, né. E nós fomos, acredito, fomos uns dos ... dos primeiros a começar querer fazer Teologia, construir a Teologia de teólogos soltos, aqui e ali. Foi uma experiência muito interessante nesse sentido do estudo.⁷⁸²

No IFT, havia a oportunidade de uma convivência diária com religiosos de ordens diversas e influência de professores de formação em ordens e congregações diferentes. Para Frei Lauro, isto favorecia uma abertura para uma formação eclesial e maior compreensão em relação à diversidade de ordens e clero secular. Não competia ao IFT a formação específica. Essa não era sua preocupação. Cada ordem deveria se preocupar com a sua. O contato mais aberto com o mundo (ônibus, encontros, liberdade sem vigilância contínua, professores leigos) fatalmente prejudicava a forma tradicional como se entendia “recolhimento”. Os estudantes alojados no seminário no Jaçanã, no entanto, dispunham de momentos para recolhimento pessoal. Para ele, o IFT não formaria religiosos sem amor à Ordem. Favorecia, isso sim, uma vocação específica mais autêntica e “maduramente deliberada”.⁷⁸³

As memórias do Sr. RL convergem com o relatório de Frei Lauro, quando ele disse que se as aulas eram no estilo tradicional na relação professor e aluno, o fato

⁷⁸² Entrevista com Padre PHG.

⁷⁸³ PAULA, Sérgio Peres de. O IFT e os Agostinianos Recoletos, a partir dos documentos do Capítulo Província da Província de Santa Rita de Cássia – 1966. **Recollectio: Annuario Historicum Augustinianum**, Madrid, n. 43, p. 73-88, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7688259.pdf>. Acesso em: maio 2021.

de estarem fora do convento, numa “Babilônia” de ordens e congregações, em contato mais direto com os meios de comunicação e o mundo urbano da metrópole mudou o modo de pensar e de se comportar dos seminaristas.⁷⁸⁴ Essa mesma diversidade foi realçada pelos outros entrevistados como um fator de ampliação de visão do mundo e da própria Igreja Católica. Também favorecia a participação dos seminaristas nos órgãos internos da Igreja, nas organizações de seminaristas e no diálogo ecumênico.⁷⁸⁵ Dentre as ordens e congregações religiosas lembradas estiveram: dominicanos, camilianos e carmelitas, como os “carro-chefe” da instituição; agostinianos recoletos; sacramentinos; beneditinos; olivetanos; verbitas; missionários da Consolata; missionários do Sagrado Coração de Jesus; e ainda as dioceses de Manaus e Santo André. Uma pesquisa em outros arquivos, possivelmente aumentariam essa lista, uma vez que, ao menos em 1969, algumas freiras também faziam Teologia no IFT, como Irmã Leocádia, que consta na lista de alunos inscritos e fez vários trabalhos individual e em grupo para o Professor CARN.⁷⁸⁶

Em relação à situação dos “coristas”, como eram chamados os estudantes agostinianos recoletos, em São Paulo, o fato de estarem hospedados num seminário “estranho” prejudicava a formação própria da Ordem. Os estudantes faziam trabalhos pastorais na Vila Hamburguesa e a distância “é desoladora”, demandando uma “perda de tempo enorme”. Assim, o quanto antes possível a Ordem deveria construir ou adquirir e adaptar um prédio para este fim em São Paulo. Os estudantes de Filosofia de Franca, na sua opinião, só deveriam fazer Filosofia no IFT quando houvesse uma casa própria.⁷⁸⁷ Segundo o Sr. RL,

⁷⁸⁴ Entrevista com Sr. RL.

⁷⁸⁵ Entrevista com Padre LRB; Entrevista com Padre PHG.

⁷⁸⁶ Lista de “Livros a fichar”, mimeografado a álcool, com 23 nomes; ALVES, Irmã Leocádia. **Edward Schillebeeckx, Deus e o Homem**. Fichamento datilografado em fichas pautadas, 03 fichas, frente e verso, numeradas de 1 a 6; ALVES, Irmã Leocádia; CARRAL, Manuel Parrado. **A jornada interior**. 1969. Texto datilografado. (4 páginas); ALVES, Irmã Leocádia; CARRAL, Manuel Parrado; STEFANI, Antônio Benedito. **O Deus de alguns jovens**. Capa com data de 03 de dezembro de 1969. Texto datilografado em 04 páginas numeradas e assinado com data de 04 de dezembro de 1969, acompanhado de 55 questionários da pesquisa realizada entre alunos de 1º colegial e primário (3ª e 4ª séries).

⁷⁸⁷ PAULA, Sérgio Peres de. O IFT e os Agostinianos Recoletos, a partir dos documentos do Capítulo Província da Província de Santa Rita de Cássia – 1966. **Recollectio: Annuarium Historicum Augustinianum**, Madrid, n. 43, p. 73-88, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7688259.pdf>. Acesso em: maio 2021.

a província através do Frei Adaury, compraram uma casa no José Candido de Sousa,⁷⁸⁸ onde fizeram um núcleo de moradia, ... mas 68 já transferiram todos pra casa, rua José Candido de Souza, ali na, uma travessinha da avenida Santo Amaro, bem próximo de Santo Amaro.⁷⁸⁹

Um dos problemas tratava-se do envio de mais padres para acompanhar os estudantes. Para Frei Lauro, existia essa possibilidade, mas também a província já enfrentava o problema da escassez de pessoal. Era necessário, no entanto, um padre versado em Filosofia para acompanhar os estudantes, que necessitavam e buscavam orientação extra-classe.⁷⁹⁰ Embora, “as palavras constantes numa peça documental não podem ser tomadas como verdade pelo historiador e não têm sentido fora do contexto de sua produção”,⁷⁹¹ as informações presentes nos trabalhos de Fr. Lauro e dos seminaristas se repetem com frequência nos demais relatórios. Isso faz deles uma referência e, sendo Frei Lauro um defensor da manutenção dos estudantes no IFT, mostra a sua intencionalidade.

Outro anexo, “Reflexão em termos de formação”, consta como elaborado pelos seminaristas agostinianos recoletos, porém, não nomeia nem contém assinaturas, sob a orientação de Frei Adaury Fiorotti, datado de 22 de maio de 1966. São oito páginas datilografadas; o texto é composto de uma introdução e quatro partes: “Constatação”, “Igreja”, “Vida Religiosa” e “Nossa Formação”. Percebe-se que foi utilizado o método “Ver, Julgar e Agir”. As partes de interesse em relação a informações sobre o IFT são a primeira e a quarta; as partes segunda e terceira são praticamente uma série de

⁷⁸⁸ Em 1966, quando a Província de Santa Rita de Cássia, da Ordem dos Agostinianos Recoletos, decidiu no Capítulo pela permanência dos estudantes de Filosofia e Teologia no IFT, alguns imóveis foram adquiridos para locação e, assim, ajudar na manutenção dos seminaristas em São Paulo. Nessa ocasião, uma casa foi comprada no bairro de Santo Amaro para residência dos seminaristas. Essa residência no bairro de Santo Amaro foi chamada posteriormente de “Seminário Santa Mônica I”, pois em 1975 a província construiu na Vila Hamburguesa, Lapa, um seminário próprio, também chamado de “Seminário Santa Mônica”. Nesse caso, seria “Seminário Santa Mônica II”, onde o Sr. Regis fez a entrevista.

⁷⁸⁹ Entrevista com Sr. RL.

⁷⁹⁰ PAULA, Sérgio Peres de. O IFT e os Agostinianos Recoletos, a partir dos documentos do Capítulo Província da Província de Santa Rita de Cássia – 1966. **Recollectio: Annuarium Historicum Augustinianum**, Madrid, n. 43, p. 73-88, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7688259.pdf>. Acesso em: maio 2021.

⁷⁹¹ LEONARDI, Paula; BITTENCOURT, Águeda Bernardete. De documento religioso a Fonte Histórica: as Atas do I Concílio Plenário da América Latina. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 30, n. 59, p. 135-158, jan./jun. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.v30n59a2016-p135a158>. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/32306>. Acesso em: 12 abr. 2023.

citações bíblicas e de documentos da igreja, sobretudo do Concílio Vaticano II,⁷⁹² com o intuito de reforçar a sintonia entre a instituição e os documentos conciliares.

Na “Introdução Geral”, eles manifestaram a consciência de que a Igreja passava por um momento de revisão de si mesma e sentiam a Igreja vivificada com o desafio da realidade brasileira a ser enfrentado. Era inaudito que um grupo de seminaristas se dirigissem diretamente aos padres capitulares ou que houvesse algum tipo de consulta prévia a eles.

Queremos apenas fazer chegar aos nossos padres capitulares o que pensamos sobre nós e nossa vocação, sobre nossa formação e nossa Ordem, e o que desejamos ser.⁷⁹³

No primeiro item, apresentaram uma série de críticas à formação que haviam recebido antes de serem enviados a São Paulo, procurando confirmar essas críticas com citações dos documentos do Concílio Vaticano II. Os documentos utilizados para referendar suas perspectivas foram: “Perfectae Caritatis” (sobre a vida consagrada), “Lumen Gentium” (sobre a Igreja) e “Optatam Totius”, já abordado anteriormente. Eles se referiram à “crise” nas diversas etapas da formação. No seminário menor, eles tinham a consciência de crianças, adolescentes e jovens. No noviciado, experimentaram a “alienação da personalidade”, que não teria criado consciências responsáveis; não formara para uma escolha consciente. O “coristado” constituía a fase após o noviciado que, na época implicava os estudos de Filosofia e Teologia. Eles já haviam feito os estudos de Filosofia no convento Nossa Senhora Aparecida em Franca, interior de São Paulo. Para eles, essa etapa havia sido marcada pela imaturidade. Assim, despreparados, para eles, a crise que enfrentavam era de “estrutura”.⁷⁹⁴

⁷⁹² PAULA, Sérgio Peres de. O IFT e os Agostinianos Recoletos, a partir dos documentos do Capítulo Província da Província de Santa Rita de Cássia – 1966. **Recollectio: Annuarium Historicum Augustinianum**, Madrid, n. 43, p. 73-88, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7688259.pdf>. Acesso em: maio 2021.

⁷⁹³ *Ibid.*, p. 81.

⁷⁹⁴ PAULA, Sérgio Peres de. O IFT e os Agostinianos Recoletos, a partir dos documentos do Capítulo Província da Província de Santa Rita de Cássia – 1966. **Recollectio: Annuarium Historicum Augustinianum**, Madrid, n. 43, p. 73-88, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7688259.pdf>. Acesso em: maio 2021; a argumentação como um problema estrutural remonta ao que será elaborado posteriormente por Ivan Illich nos textos citados anteriormente.

Um outro anexo, intitulado “Exigências de Renovação e atualização nos métodos formativos de nossos seminários. Normas Práticas”, igualmente assinado por Frei Agostinho Borges e Fr. Adaurý Fiorotti, em nove páginas datilografadas, foi escrito em língua portuguesa. O ponto de interesse se refere ao “Seminário Maior”, uma das etapas realizadas no IFT. Como todos os demais, insistiram na necessidade de atualização e adequação da formação sacerdotal aos “novos tempos”, acompanhando os movimentos da Igreja Católica; e se respaldaram abundantemente no documento conciliar “Optatam Totius”. Como se tratava de buscar normatizações, reconheceram a complexidade da questão em tempos em que tudo era muito provisório. Para eles, a etapa de seminário maior referente ao curso de Teologia, realizado no IFT, cujo curso sacerdotal era ministrado numa “linha unitária de todas as disciplinas articuladas entre si”, fazia com que a instituição atendesse ao desejo do Concílio. Procurava-se uma formação teológica e filosófica que implicasse na pesquisa e leitura de temas contemporâneos para dar-lhes uma resposta cristã e proporcionasse um contato maior com a juventude estudantil, cujos problemas a surgir demandariam uma reflexão posterior. Buscavam-se novos métodos e trabalhos em equipe, uma vez que os métodos tradicionais não despertavam mais o interesse dos formandos. Toda formação era dada visando o engajamento pastoral, de forma a capacitar mais para o diálogo com o homem moderno.⁷⁹⁵ Todo documento visou justificar a necessidade de se evitar esquemas rígidos, artificiais, que não correspondiam mais às exigências atuais; de ter a coragem para romper com “certos atos que condicionam fatalmente a rotina”. Segundo eles, deixar como estava, “tudo condicionado por esquemas estereotipados” era mais fácil que assumir a “responsabilidade duma opção consciente”.⁷⁹⁶ Esta parte do relatório terminou com algumas sugestões apresentadas pelos relatores, convergentes com suas justificativas: maior flexibilidade de horário, menos rigidez e mais liberdade; que o seminarista escolhesse o tempo e o lugar para “certos atos de piedade”, uma vez que essa escolha constituía a “base duma opção deliberada e livre”. No que se referia à vida comunitária, sugeriram um ambiente onde houvesse o calor

⁷⁹⁵ BORGES, Frei Agostinho; FIOROTTI, Frei Adaurý. **Exigências de renovação e atualização nos métodos formativos de nossos seminários. Normas Práticas**. 9 páginas datilografadas. p. 1-2.

⁷⁹⁶ *Ibid.*, p. 3

humano de uma família e “amor de família ao serviço”. Para eles, faltar a um ato comunitário quando se estava prestando um serviço em outro lugar era por si um “ato comunitário”.⁷⁹⁷

Para a elaboração destes relatórios, além dos documentos do Concílio Vaticano II, utilizou-se vários artigos da “Revista Eclesiástica Brasileira”, editada pela Editora Vozes, dos frades franciscanos, em Petrópolis, e que, além de documentos da Igreja Católica, publicava artigos de pessoas consideradas renovadas e especializadas em diversos assuntos da Igreja, como formação, espiritualidade e pastoral. Nas revistas de 1963 a 1965, diversos artigos relacionados às crises de vocações e também nos seminários, fazendo análises da situação e propondo sugestões foram citados.

O Padre Provincial, no seu relatório, reproduziu as informações anteriores insistindo na urgência de uma renovação e aprimoramento na formação sacerdotal de acordo com os “apelos” do Concílio Vaticano II. Essa era a justificativa da ordem deixar sua formação em casa própria e levá-los, em 1965, a uma instituição que os preparasse melhor para enfrentar os problemas contemporâneos em vista de uma necessidade pastoral. Na sua visão, o IFT “quer ser uma escola de cristianismo autêntico”; nele, os professores se empenham em formar uma “comunidade de fé, de amor, de culto e de trabalho”; estava “sincronizado” como aquele momento histórico e atento à doutrina da Igreja. Quanto ao aproveitamento acadêmico, os seminaristas agostinianos recoletos mantiveram um “comportamento louvável” e ainda:

Tanto os nossos coristas de S. Paulo, como os de Franca, adquirem, através de encontros com seminaristas de outras Ordens e Congregações, uma mentalidade e uma personalidade que os torna mais conscientes e responsáveis nos seus deveres.⁷⁹⁸

⁷⁹⁷ Ibid., p. 4. Cf. também PAULA, Sérgio Peres de. O IFT e os Agostinianos Recoletos, a partir dos documentos do Capítulo Província da Província de Santa Rita de Cássia – 1966. **Recollectio: Annuarium Historicum Augustinianum**, Madrid, n. 43, p. 73-88, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7688259.pdf>. Acesso em: maio 2021.

⁷⁹⁸ PAULA, Sérgio Peres de. O IFT e os Agostinianos Recoletos, a partir dos documentos do Capítulo Província da Província de Santa Rita de Cássia – 1966. **Recollectio: Annuarium Historicum Augustinianum**, Madrid, n. 43, p. 73-88, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7688259.pdf>. Acesso em: maio 2021.

As discussões no capítulo provincial, relativas à formação e ao IFT, aconteceram durante a terceira e quarta sessões, realizadas no dia 03 de junho de 1966, na parte da manhã e na parte da tarde, respectivamente, após as leituras dos relatórios do padre provincial e de Frei Agostinho Borges. Logo se estampou a incongruência entre o que se entendia como “aberturas” e “orientações conciliares” com as normas vigentes, ainda não adaptadas. Aberta a discussão, Fr. Hilton Miranda Rocha fez uma intervenção, dizendo que muitas das sugestões contidas na dissertação não se compatibilizavam nem com o Código de Direito Canônico nem com as leis internas que deviam ser respeitadas. Frei Lauro disse ter havido uma abertura gradual e prudente na instituição em relação aos alunos. Frei Agostinho Borges comentou que a abertura para os estudantes do IFT era necessária “ante a realidade das coisas” para não se entrar em choque. O padre presidente do capítulo, Fr. Jenaro, disse que a estrutura dos estudos e a pragmática de vida das ordens religiosas dependiam das cúrias gerais e lembrou a “Ratio Institutionis”, que regia os estudos na ordem. Ele sugeriu que fossem designados um ou mais religiosos para estudar o decreto “Optatam totius” e propusesse à Cúria Geral uma nova estrutura e pragmática de formação, tendo em conta as circunstâncias do Brasil.

O tema seguinte foi apresentado por Frei Lauro e fora elaborado por ele juntamente com Fr. Aurélio Ochoa: “Instituto Filosófico e Teológico de São Paulo”. Nele expuseram, após uma introdução, um breve resumo histórico e algumas noções gerais sobre o IFT “como instituição pioneira na renovação da formação sacerdotal conforme o Concílio Vaticano II”, a situação da província no setor da formação, a necessidade e a conveniência do IFT para a formação sacerdotal e os inconvenientes a serem superados.

Após a apresentação, abriu-se uma nova discussão. Frei Hilton ponderou que no início era contra a ida dos estudantes para São Paulo pelo fato de se hospedarem em casa fora da Ordem e não poderem ter a formação espiritual e específica da Ordem “absolutamente necessárias”. Frei Aurélio acrescentou que era muito difícil ter “capítulos” (de formação) sobre “coristas” que viviam em lugares distantes. O padre presidente insistiu a todos que o momento era de “transição”, de abertura e “não podemos ficar à margem”. Segundo ele, retirar os estudantes de São Paulo poderia ter um efeito negativo, desorientador e psicologicamente prejudicial. Os inconvenientes

deveriam ser resolvidos da melhor maneira possível e apresentou como sugestão que se construísse um seminário em São Paulo, de “planta nova”, nada de comprar prédio antigo e reformar. Em continuação às discussões da sessão anterior, os padres capitulares manifestaram um parecer favorável quanto à continuação dos estudantes no Seminário Pio XII dos Camilianos. O padre presidente apresentou uma sugestão: “como sede provisória dos estudantes, se alugasse uma casa, onde pudessem levar vida de comunidade dentro da Ordem, observando-se a devida disciplina”. Frei Lauro interveio e lembrou que a permissão dada pelo Superior Geral para que os estudantes estudassem no IFT determinava que residissem num seminário.⁷⁹⁹ Essa tarefa consistiu depois na aquisição da casa provisória pra ser o Seminário Santa Mônica, até a construção do novo edifício, concluído em 1975.

As decisões finais de um capítulo têm caráter normativo e de tarefas a serem cumpridas pela próxima gestão. Na redação dessas decisões sobre a formação, buscou-se respaldá-las, mais uma vez, com os documentos do Concílio Vaticano II, sobretudo pelo decreto “Optatam Totius”. Em consonância com os relatórios apresentados e as discussões em sala, o capítulo aprovou a experiência de envio dos estudantes para o IFT e determinou as formas para encaminhar as pendências constatadas.

É perceptível nos documentos uma série de ideias comuns que se repetiram com frequência, quase que nos mesmos termos. O decreto “Optatam Totius” foi utilizado abundantemente como forma de dar força ao desejo de se apoiar o IFT como uma instituição que, antes do próprio decreto, já estaria alinhado àquilo que fora determinado nele.

A ideia mais constante apresentava a necessidade de adaptação das leis, de atualização das normas e de reestruturação acadêmica segundo os tempos atuais, modernos, conforme a realidade brasileira, no caso, e em vista do ministério pastoral, da “ação”. Para isso, os currículos e disciplinas acadêmicas deveriam buscar novos métodos, revisados periodicamente pelas devidas autoridades. Nos seminários, no

⁷⁹⁹ PAULA, Sérgio Peres de. O IFT e os Agostinianos Recoletos, a partir dos documentos do Capítulo Província da Província de Santa Rita de Cássia – 1966. **Recollectio: Annuario Historicum Augustinianum**, Madrid, n. 43, p. 73-88, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7688259.pdf>. Acesso em: maio 2021.

que tangia à formação interna, seria conveniente buscar o auxílio das ciências modernas, como a Psicologia, Sociologia e Pedagogia. A atualização convinha abranger todos os aspectos da formação: intelectual, comunitário, espiritual e pastoral. Em todos os ambientes, tanto internos dos seminários, quanto da formação acadêmica e pastoral, havia uma demanda por uma “ação conjunta”, um trabalho orgânico, coordenado harmonicamente com pessoas devidamente preparadas e especializadas nas suas respectivas áreas. No exercício da autoridade, falou-se muito na “direção paternal”, diálogo e criação de um ambiente familiar. A palavra “diálogo” se referia tanto ao exercício da autoridade quanto à capacitação para a vida acadêmica e pastoral em relação aos “homens de hoje”. A iniciativa de “seminários comuns” foi assumida como em vista de uma formação acadêmica mais sólida e profunda bem como para um maior senso de “Igreja”, dada a sua diversidade de expressões e organizações internas. Incentivou-se também dentro da busca de novos métodos, não só a ampla participação dos alunos em sala de aula, mas também nas pesquisas individuais ou em grupo.

Além das ideias constantes, houve uma referência, que passou despercebida, a um possível boato do desejo do Cardeal D. Agnelo Rossi em unir o IFT ao seminário arquidiocesano no Ipiranga. Seria já alguma insatisfação da parte do Cardeal em relação ao IFT? Teria isso influenciado no conflito posterior? Os discursos nos documentos apontaram uma certa insatisfação e encorajamento para uma ruptura em relação às tradições existentes até então; para a busca de experiências novas e a construção de novas expressões acadêmicas, formativas e pastorais. O desafio fora lançado, mas não se desenrolaria sem tensões e frustrações. O que predomina nesse capítulo de 1966 ainda é um clima de expectativa e esperança nas novas expressões e formas acadêmicas e pastorais. Esse clima de confiança num futuro renovado e moderno confirmou e aprovou as experiências já em andamento.

Os dois primeiros anos de existência do IFT parecem ter sido de muita expectativa de uma instituição que “encarnasse” a reflexão teológica. Como disse o Padre LRB,⁸⁰⁰ antes eram como anjos, que agora queriam ser “homens”. O desejo de viver sua humanidade os levou a experiências contraditórias. Por um lado, um “clima” de

⁸⁰⁰ Cf. Entrevista com Padre LRB; em seu depoimento, ele fez referência a uma tese de um padre xaveriano que estudara com ele na USP e cujo título era “Anjos querem ser homens”; essa memória o fez lembrar-se também do filme “Asas do Desejo”, dirigido pelo alemão Ernst Wilhelm (“Win”) Wenders em 1987, que também se refere a anjos que querem fazer uma experiência como seres humanos. Cf. Disponível em: http://www.auto-bahn.com.br/filmes/asas_do_desejo.html. Acesso em: maio 2022.

amizades profundas, de anseios de informalidade e familiaridade nos seus relacionamentos, sonhos e utopias. Por outro, a dor da decepção, do desencanto e da frustração. O ardor juvenil e revolucionário da contestação política, social e cultural levou uns ao episcopado e outros aos porões do DOPS.

4. Entre o antigo e o novo: do Instituto de Filosofia e Teologia ao Instituto de Formação Teológica

Categorias como "libido", "Eros" e "Thanatos" sobretudo no sentido utilizado nas obras de Freud "O Futuro de uma ilusão" e "O Mal-estar na civilização" são dinâmicas. Sua compreensão freudiana frequentemente é perturbada por um reducionismo sexista. Agostinho de Hipona (354-430) apontava três formas de uma mesma "libido": a dos sentidos, a do conhecimento e a da dominação e poder na construção da cidade terrena ou da cidade celestial. Freud a discute como "impulso à vida e ao ódio", ao "Eros" e ao "Thanatos". As relações conflitivas e cheias de ressentimento podem ser consideradas sobre este prisma do "Eros" e do "Thanatos", das alegrias e esperanças e das tristezas e angústias do ser humano em sua existência limitada no espaço e no tempo.⁸⁰¹

Dois amores fundaram, pois, duas cidades, a saber: o amor de si, levado ao desprezo a Deus, a cidade terrena; o amor a Deus, levado ao desprezo de si próprio, a cidade celestial.⁸⁰²

Na dialética agostiniana dos dois amores, o motor dinâmico é a "libido", o "desejo", o "impulso" aos sentidos, ao conhecimento, ao poder. Sobre estas três manifestações da "libido" pode-se construir tanto uma como outra cidade. A cidade terrena se constrói com base, sobretudo, no "desejo do poder", ou "libidus dominendi" (desejo de dominar), no dizer do bispo de Hipona. Cidade celestial e cidade terrena são construídas conforme o desejo que as impulsiona. Para Freud é a "libido" que produz a cultura e constrói a civilização; é o impulso instintivo à vida e à morte, ao amor e ao ódio; é o "Eros" e o "Thanatos".⁸⁰³ A "libido", o "desejo", o impulso à vida e à morte, ao "Eros" e ao "Thanatos", qual Hércules em luta contra a "Hidra de Lerna", metamorfoseia-se, cria "prósopons", "faces", máscaras.⁸⁰⁴ Na luta entre o antigo e o novo na

⁸⁰¹ PAULA, Sérgio Peres de. **Operários da undécima hora**: os Agostinianos Recoletos no Brasil: criação da província de Santa Rita de Cássia e o impacto do Concílio Vaticano II. 2012. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2012. p. 30.

⁸⁰² SANTO AGOSTINHO. **A cidade de Deus**: contra os pagãos. 4. ed. Petrópolis: Vozes: FABRA, 2001. pte. 2. p. 169.

⁸⁰³ PAULA, Sérgio Peres de. **Operários da undécima hora**: os Agostinianos Recoletos no Brasil: criação da província de Santa Rita de Cássia e o impacto do Concílio Vaticano II. 2012. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2012. p. 294.

⁸⁰⁴ *Ibid.*, p. 295.

década de 1960, a tradição tridentina foi considerada das piores formas possíveis em face aos anseios de uma Igreja renovada ainda por se fazer.

Herbert Marcuse, o filósofo da contracultura, elaborou nos anos de 1950 e 1960 uma leitura marxista de Freud, unindo-o à teoria crítica da Escola de Frankfurt.⁸⁰⁵ Ele repensou a questão da repressão e da agressividade sob parâmetros estéticos e como transformação social a partir da utopia.⁸⁰⁶ Tanto Agostinho como Freud e Marcuse tratam sobretudo da tensão entre os impulsos primordiais do indivíduo e as formas culturais nas civilizações. Elas coexistem, no entanto, de modo conflitante. A insuficiência para regular as relações sociais estão entre as fontes do sofrimento. A civilização e a ordem institucional teriam essa função de tirar o ser humano da vontade tirânica de um só ao poder de todos, da comunidade. Para isso, algo dos instintos precisariam ser sacrificados.⁸⁰⁷

Os estudos em N. Bobbio e H. Arendt⁸⁰⁸ mostram a presença da personalidade e da atitude autoritária tanto nas ideologias “fascistas” como nas ideologias de esquerda. As fronteiras entre os significados de “Direita” e “Esquerda” são muito discutíveis. Existe, no entanto, uma tendência em minimizar a aplicação do termo “autoritário” às ideologias de esquerda, que podem ao menos ser incluídas dentro das ideologias “totalitárias”. As personalidades e atitudes autoritárias se caracterizam normalmente pela sensibilidade à propaganda antidemocrática; pela crença na autoridade e na obediência voltada para os superiores e desprezo pelos inferiores; pela disposição

⁸⁰⁵ Cf. PISANI, Marília Mello. Marxismo e psicanálise no pensamento de Herbert Marcuse: uma polêmica. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 4, n. 1, p. 23-64, mar. 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482004000100003. Acesso em: 01 maio 2023;

⁸⁰⁶ *Id.* Utopia e psicanálise em Herbert Marcuse. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 203-217, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-31732006000200014>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/BdFC7HYMcVsYJf7rRSTLYSg/?lang=pt>. Acesso em: 01 maio 2023; cf. também BIRMAN, Joel. A imaginação, a fantasia e o sublime em psicanálise: uma leitura de Eros e a civilização de H. Marcuse. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 75-99, 1998. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73311998000100005>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/hPPBJ4Jtng99FK7rBmsxfSm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 maio 2023.

⁸⁰⁷ cf. SUSIN, Fernanda Prux; FLEITAS, Horácio Francisco Rodríguez de. O mal-estar na civilização e a gênese da violência. In: MODENA, Maura Regina (org.). **Conceitos e formas de violência**. Caxias do Sul: Educus, 2016. p. 116-122; Considerações sobre a agressividade a partir de Mal-estar e Civilização e Totem e Tabu de Freud.

⁸⁰⁸ PAULA, Sérgio Peres de. Autoridade, autoritarismo, política, poder, liberdade e violência no Instituto de Filosofia e Teologia (IFT): uma análise através de Hannah Arendt e Norberto Bobbio. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, São Paulo, v. 5, n. 7, p. 64-92, jul. 2022. DOI: <http://doi.org/10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/filosofia/autoridade>. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/filosofia/autoridade>. Acesso em: 04 abr. 2023.

em atacar pessoas débeis; pela aguda sensibilidade pelo poder de forma rígida e conformista; pelo “pensar” voltado para o poder; pela intolerância ambígua, que busca refúgio numa ordem estruturada de modo elementar e inflexível, sob estereótipos de pensamento e comportamento; pela ambivalência em relação à autoridade com atitudes de submissão de um lado, e hostilidade e agressividade de outro. As ideologias autoritárias, muitas vezes sob o nome de “democráticas” ou “populares”, não só defendem uma organização hierárquica da sociedade, mas fazem dessa organização o princípio exclusivo para alcançar a ordem, considerada um bem supremo. Em geral, as doutrinas autoritárias são antirracionalistas e anti-igualitárias, com preocupação obsessiva pela ordem ou pelo controle social.⁸⁰⁹ Para H. Arendt, as ideologias modernas se constituem como os atuais “ópios do povo”.

As ideologias modernas, sejam elas políticas, psicológicas ou sociais, são muito mais qualificadas para imunizar a alma do homem contra o impacto traumatizante da realidade do que qualquer religião tradicional que conheçamos.⁸¹⁰

As diversas leituras dos documentos conciliares provocaram dentre seus efeitos um repensar a Igreja Católica como um todo, desde seus conceitos basilares e sua estrutura institucional até as formas de sua prática pastoral. Na tecedura da História, entre desejos, anseios, expectativas do novo e utopias e ideologias,⁸¹¹ estabeleceu-se uma luta contra o “antigo”, o “tradicional”, a ser demolido. Isso não poderia ocorrer sem crises e tensões entre sentidos estabelecidos e produção de novos sentidos.

O “Relatório preparado a pedido da Associação dos Religiosos da Holanda”,⁸¹² constando na capa a citação da cidade de Haia, Holanda, e a data de abril de 1967, consiste num texto datilografado em camadas com uso de papel carbono, frente e

⁸⁰⁹ AUTORITARISMO. In: BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política**. 11. ed. Brasília, DF: Ed. UnB, 1998. p. 95.

⁸¹⁰ ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 179.

⁸¹¹ Conforme o entendimento Ideologia e Ideológico segundo VERÓN, Eliseo. Dicionário das idéias não-feitas. In: VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. p. 49-75.

⁸¹² RELATÓRIO preparado a pedido da Associação dos Religiosos da Holanda. Haia, abril de 1967. P22-9. Texto datilografado. (15 páginas).

verso, com a legibilidade comprometida,⁸¹³ sem identificação de quem o produziu. Esse relatório contém cinco páginas, acrescido de um anexo de 10 páginas, que compara a “Vida Religiosa tradicional” com a nova visão proposta pela renovação conciliar. Ao evidenciar as supostas diferenças entre elas, o autor demonstra uma clara intenção em demolir as formas tradicionais e apresentar o novo modelo a ser construído qual “fruto desejado”, agradável ao paladar, brilhante para os olhos e que abre a inteligência, como na passagem bíblica da tentação no Jardim do Éden.⁸¹⁴

Conforme o relatório, o Concílio Vaticano II, ao tratar sobre a Igreja e o mundo moderno, contemplou as mudanças profundas sobre o homem e o mundo nos últimos 50 anos, devido à influência do desenvolvimento das ciências, da técnica e de fatores filosóficos e sociológicos.⁸¹⁵ Isso gerou uma nova visão sobre os valores terrestres e levou o cristão a ver Deus e a prática religiosa sob nova perspectiva. A concepção de ser humano havia mudado:

O homem de hoje tomou consciência de que ele pode e deve se formar, se construir a si mesmo com toda liberdade, sendo ele próprio responsável de seu desenvolvimento.⁸¹⁶

O dualismo corpo-alma se mostrava incompatível; o “personalismo” e um maior senso comunitário, no qual o homem se torna “pessoa” nas e pelas relações com os outros e com o mundo predominava na cultura moderna. Igualmente, a concepção de mundo se mostrava incompatível com a tradição tridentina, como a superação da visão negativa dos valores terrestres e do mundo; “o ser humano não pode se realizar senão no mundo e pelo mundo, e que trabalhar para o mundo é uma tarefa essencial

⁸¹³ Possivelmente uma das últimas camadas usadas na datilografia do texto.

⁸¹⁴ Gn 3, 6: “A mulher, vendo que o fruto da árvore era bom para comer, de agradável aspecto e mui apropriado para abrir a inteligência, tomou dele, comeu, e o apresentou também ao seu marido, que comeu igualmente”. Disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/genesis/3/> Acesso em: 1 maio 2023.

⁸¹⁵ Sobre as transformações em seus diversos aspectos na década de 1960, confere RIDENTI, Marcelo. 1968: rebeliões e utopias. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (org.). **O século XX: o tempo das dúvidas. Do declínio das utopias às globalizações**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 3, p. 155-157; e Cf. RIDENTI, Marcelo. Intelectuais e romantismo revolucionário. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 13-19, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-88392001000200003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/b6LpHRFprmYrBPDSfK9McCQ/>. Acesso em: 20 mar. 2020.

⁸¹⁶ RELATÓRIO preparado a pedido da Associação dos Religiosos da Holanda. Haia, abril de 1967. P22-9. Texto datilografado. (15 páginas). p. 1.

para todo homem”, oferecendo assim uma “perspectiva dinâmica de um contínuo processo de crescimento e de evolução”.⁸¹⁷

As transformações ocorridas afetaram igualmente a prática religiosa através de uma atitude diferente frente ao mistério da existência. Deus não aparecia mais como o todo-poderoso amigo nas necessidades, nem como juiz terrível amedrontador, mas “como o fundamento transparente da existência concreta, que se revela em tudo que existe, em tudo o que acontece, no próximo e em nós mesmos”.⁸¹⁸ A Igreja passou a ser concebida como a primeira realização do autêntico pertencer ao mundo ou ao Reino Divino. O sentido de sua existência seria o serviço ao homem e ao mundo pelo exemplo de vida moldada pela fé, colaborando para que as necessidades concretas do homem e do mundo fossem sanadas. A Igreja, tal como no artigo de Frei Bernardo Catão,⁸¹⁹ seria assim uma comunidade de amor aberta ao mundo e à sociedade como instrumento do amor divino. A vida religiosa, ou seja, a diversidade de ordens e congregações, não deixou de sofrer sérias tensões internas devido à não concordância em relação às mudanças nas concepções em relação ao homem, ao mundo e à Igreja.

Dentre os problemas provenientes da “ideia personalista sobre o Homem” o relatório elencou várias situações em que a “visão personalista do ser humano” afetava as instituições religiosas: dúvida quanto à capacidade das instituições religiosas “tradicionais” de desenvolverem harmonicamente a personalidade humana; as concepções tradicionais relativas à obediência seriam incompatíveis com a “ideia personalista do homem”; as estruturas de governo e direção das instituições religiosas não seriam conformes à exigência de uma responsabilidade pessoal e autonomia de consciência; a formação e educação tradicionais visariam pouco o desenvolvimento de personalidades livres e responsáveis; as práticas ascéticas e espirituais tradicionais teriam uma visão dualista antiquada sobre o Homem e o Mundo; as religiosas, que não tiveram as mesmas oportunidades que à demais mulheres na sociedade profana atual.

⁸¹⁷ *Id.*, p. 1.

⁸¹⁸ *Id.*, p. 1.

⁸¹⁹ CATÃO, Frei Bernardo. **Vocação do mundo e missão da Igreja**. São Paulo, 06 de novembro de 1965. P2-23. Datilografado. (13 páginas).

Quanto ao sentimento comunitário, o relatório destacou: a angústia ante a salvação individual, no modelo tradicional, dispensaria cuidados em relação à felicidade do outro; as motivações à virgindade não consideravam que o ser humano é essencialmente orientado para seu próximo e para a sociedade; dar-se-ia pouco lugar à caridade num plano autenticamente humano; as instituições tradicionais se constituiriam muito mais como soma de indivíduos que como verdadeiras comunidades; haveria uma confusão entre práticas e exercício “em comum” com o verdadeiro senso comunitário; as grandes instituições não seriam comunidades de vida e de pessoas. “É necessário, para isso, comunidades bem pouco numerosas”.⁸²⁰

Em relação à nova concepção de mundo, o relatório propôs a substituição da tradicional renúncia ao mundo pela coexistência de uma relação dialética de abnegação e de uma aceitação positiva do mundo. A pobreza religiosa precisaria de uma nova compreensão ante a visão positiva do homem moderno em relação aos valores terrestres. O trabalho não era visto como algo que impedia a atenção para Deus, mas como o que tornaria Deus presente no mundo. Os religiosos deveriam participar no processo de trabalho sem querer ocupar cargos de autoridade. As formas tradicionais de clausura e silêncio seriam incompatíveis com o mundo moderno. Uma visão positiva do mundo comportaria “necessariamente” um engajamento social e político do religioso na sociedade.⁸²¹

Sobre a nova prática de fé, esta não estaria mais orientada para uma realidade fora ou acima deste mundo, mas a atitude de transcendência da nossa existência exigiria uma nova orientação da religião. A experiência do divino adquirida no mundo e no humano exigiria uma nova orientação da vida espiritual. As novas perspectivas em relação à Sagrada Escritura trariam diferentes reflexões sobre o Evangelho e a pessoa de Jesus.

Considerando a nova concepção sobre a Igreja, o relatório afirmou a necessidade de harmonia entre as estruturas verticais hierárquicas e a estrutura horizontal de diálogo; a Igreja como Povo de Deus e não um corpo hierárquico e jurídico exigiria

⁸²⁰ RELATÓRIO preparado a pedido da Associação dos Religiosos da Holanda. Haia, abril de 1967. P22-9. Texto datilografado. (15 páginas). p. 3.

⁸²¹ *Id.*, p. 4.

que a vida religiosa não se sobrecarregasse mais do fardo jurídico; seria preciso desligar os votos religiosos do seu caráter jurídico e assumi-los antes como engajamento pessoal na comunidade, despir o valor dos documentos históricos (Regras, constituições...) e seus princípios teológicos do caráter absoluto e rever as relações entre religiosos, leigos e mundo. Cogitou-se ver a possibilidade de formar “mosteiros ecumênicos”. Em relação às obras, a evolução e o desenvolvimento iriam conduzir ao abandono de algumas delas para disponibilizar religiosos às reais necessidades. O acento excessivo no “próprio” de cada instituição religiosa teria conduzido a uma alienação e concorrência, mais que a um sentido comunitário. Via-se como oportuna a fusão de certas congregações para realizar mais eficazmente suas tarefas comuns. O relatório concluiu que não se tratava de corrigir ou retocar a vida religiosa, mas de uma mudança fundamental de estrutura. Os estatutos jurídicos não deveriam existir; apenas, sim, algumas regras e princípios fundamentais para orientar a vida religiosa adaptada aos tempos modernos.

O anexo, mais extenso que o próprio relatório, traçou alguns dados comparativos, tais como está exposto acima, no entanto, sob a forma de tabela, visualizando melhor as características destacadas em um e outro estilo. Uma introdução fez um resumo das mudanças ocorridas “no decorrer deste último quarto de século”, destacando o confronto das mudanças:

Este confronto não tem outra finalidade senão a de constatar uma evolução, sem pretender de nenhuma maneira ser um julgamento de valor.⁸²²

Não diminuiria o valor da concepção tradicional da vida religiosa, mas apresentaria as concepções “atuais” como “ideal”. Pode-se observar que em todo o relatório pouco se usa a palavra “castidade”, termo muito utilizado nas congregações e ordens religiosas. Antes de fazer a comparação entre a vida religiosa tradicional e a vida religiosa moderna, o anexo destaca quatro considerações. Primeiro, a vida religiosa não se caracterizaria pelo primado da renúncia ao casamento e virgindade como única

⁸²² RELATÓRIO preparado a pedido da Associação dos Religiosos da Holanda. Haia, abril de 1967. P22-9. Texto datilografado. (15 páginas). Anexo, p. 1.

expressão, com a obediência e pobreza em função dela. A vida celibatária, em segundo lugar, não impedia ou atrapalhava a missão humana e eclesial, que exigiria as relações com as outras pessoas do mundo. O estado de vida celibatário, abordado no terceiro ponto, encontrava-se em crise no mundo contemporâneo e secularizado. Se ele fosse o primado da vida religiosa, a colocaria também em crise e, por isso, seria preciso repensar muitos dos valores fundamentais e tradicionais e o “valor real da forma exterior atual da vida religiosa”. Por fim, o conjunto de atividades e o trabalho apostólico deveriam ser prioritários, conservando cada instituto o seu caráter próprio.

Através de uma linguagem binária e bipolar, como em fontes anteriores, a forma como o autor do relatório entendeu a renovação das ordens e congregações religiosas estava diretamente relacionada com as leituras dos propósitos de formação teológica e sacerdotal do Concílio Vaticano II e do IFT, como o diálogo com as filosofias e ciências do mundo moderno e as novas perspectivas em relação à religião num mundo secularizado. A inserção nos ambientes de trabalho, a autonomia econômica e financeira, a ação segundo a liberdade de consciência, da qual derivaria a responsabilidade pelos atos, a vida comunitária como algo distinto de atos comunitários, foram alguns elementos constantes no relatório e encontrados em outras fontes apresentadas anteriormente. Esse relatório apresentado em Haia, Holanda, sintetizou uma visão corrente nos setores progressistas no Brasil. Em se tratando de um documento sobre a vida religiosa, provavelmente algum setor da CRB o produziu.

O relatório “Reflexão em termos de formação”, apresentado no capítulo provincial da Província de Santa Rita de Cássia da Ordem dos Agostinianos Recoletos, em junho de 1966, tratou da questão dos seus seminaristas estarem morando em um seminário que pertencia a outra ordem religiosa, o Seminário Pio XII, dos camilianos, no Jaçanã. Naquela ocasião, os seminaristas experimentaram uma tensão entre superiores e súditos e questionavam os conceitos de comunidade e autoridade, uma vez que, segundo eles, não havia diálogo, nem solução bilateral. Quanto ao entendimento de “comunidade”, questionaram que “não [era] familiar, mas jurídico e físico”, ou seja, havia uma valorização excessiva do ato comunitário como presença física. Eles viam

o exercício da autoridade como “militarista e paternalista”, no qual os superiores criavam atividades ao invés de coordená-las”.⁸²³ Na relação entre a Ordem e a Igreja, os seminaristas afirmaram que existia uma “visão triunfalista da Ordem dentro da Igreja” e um desconhecimento do “sentido de Igreja e do sentido de serviço da Ordem dentro da Igreja”, com pouca ou nenhuma detenção aos valores humanos, uma “alienação” da realidade da vida dos homens e uma pastoral não integrada na formação. Quanto à estadia dos seminaristas em São Paulo, na perspectiva dos que participaram desse relatório, eles disseram: “vemos claramente nossa vocação agostiniana quando entramos em contato com outras vocações”; com isto, teriam adquirido igualmente uma maior responsabilidade pela vocação. “A nossa situação moveu-nos a refletir sobre o que escolhemos”. Os coristas viram o IFT como uma “resposta ao OT 7”, que incentivava a criação de seminários comuns entre dioceses e ordens religiosas.⁸²⁴ Era seu segundo ano de atividade e já seria considerado um dos melhores seminários do Brasil. Os professores eram devidamente preparados para cada matéria e com uma coordenação das disciplinas eclesiais. “Não vemos essa estadia como experiência, mas como contribuição positiva para nossa formação”. Demonstraram também como um dos seus maiores desejos uma casa própria em São Paulo: “pensamos numa casa de formação agostiniana em São Paulo”. Sobre a própria formação, eles afirmaram a necessidade de se valorizar a pessoa humana e seus múltiplos valores, observando a singularidade do indivíduo e desenvolver os valores de suas singularidades. Para eles, a formação seria um processo interior em vista de um engajamento, no qual a pessoa age segundo a fé e os valores do silêncio e do retiro como convergência das forças interiores. O agir humano implicaria uma consciência moral que, por sua vez, implicava a liberdade e a consciência como essenciais. Quando se tratava de “consciência do Plano de Deus sobre o homem”, igualmente “a liberdade seria fundamental e característica essencial da formação”. Na visão deles, eles estavam na Ordem como uma “opção na liberdade com responsabilidade”.⁸²⁵ Em todo esse relatório, há uma

⁸²³ PAULA, Sérgio Peres de. O IFT e os Agostinianos Recoletos, a partir dos documentos do Capítulo Província da Província de Santa Rita de Cássia – 1966. **Recollectio: Annuarium Historicum Augustinianum**, Madrid, n. 43, p. 73-88, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7688259.pdf>. Acesso em: maio 2021.
 as Constituições da Ordem foram revistas e adaptadas ao Concílio Vaticano II no Capítulo Geral em 1968.

⁸²⁴ O IFT começou a funcionar como seminário central cerca de um ano antes da publicação da OT.

⁸²⁵ PAULA, Sérgio Peres de. O IFT e os Agostinianos Recoletos, a partir dos documentos do Capítulo Província da Província de Santa Rita de Cássia – 1966. **Recollectio: Annuarium Historicum Augustinianum**, Madrid, n. 43, p. 73-88, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7688259.pdf>. Acesso em: maio 2021.

presença acentuada das palavras “liberdade”, “consciência”, responsabilidade” e “opção”. Nos últimos parágrafos, por exemplo, em três frases a palavra “liberdade” aparece quatro vezes.

As entrevistas, sob diferentes perspectivas, trouxeram à tona diversas situações que colocavam os estudantes do IFT no “front” entre a tradição tridentina e as perspectivas alimentadas pelas leituras do Concílio Vaticano II.⁸²⁶ Aqueles jovens, que viviam sob rígida disciplina conventual, ao realizar seus estudos num seminário central e conviver com outras ordens e congregações, experimentaram mudanças comportamentais e passaram a ter conflitos com seus superiores. E não só os estudantes, mas o próprio IFT como instituição, entrou em conflito com o cardeal arcebispo de São Paulo, D. Agnelo Rossi.

O Sr. RL tratou das mudanças desde sua perspectiva religiosa mais conservadora, pela forma de respeito hierárquico como conviveu e trata ainda sobretudo as autoridades eclesiais. Os conflitos com o cardeal foram encarados por ele como uma forma desrespeitosa da autoridade.⁸²⁷ O Padre PHG, por sua vez, fez uma crítica ao cardeal, pois o que os estudantes solicitaram seria um “diálogo” com a autoridade. A forma como D. Agnelo reagiu e se portou foi comparada com a do General Costa e Silva, Presidente da República, um dos “linha dura” do regime militar. As atitudes do cardeal teriam incentivado o clima de animosidade entre eles.⁸²⁸

A “ausência de diálogo” entre superiores e os jovens religiosos foi manifestada quando o Sr. RL tratou a respeito do trabalho missionário que tomou a frente sem a autorização do seu superior, além da entrevista dada com repercussão negativa. Até a realização de trabalho pastoral nas regiões periféricas em São Paulo era ocasião de suspeitas e divergências. Ele próprio dava aulas de religião numa escola pública, sem

⁸²⁶ PAULA, Sérgio Peres de; FRAGA, Estefania Knotz Canguçu. História oral e o ofício do historiador: análise histórica do Instituto de Filosofia e Teologia – IFT. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, São Paulo, v. 5, n. 10, p. 37-63, out. 2022. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/historia/oficio-do-historiador>. Acesso em: 04 abr. 2023.

⁸²⁷ Entrevista com Sr. RL.

⁸²⁸ Entrevista com Padre PHG.

remuneração. Esse contato com a juventude alterou suas perspectivas de entendimento da vida religiosa:⁸²⁹ “Então mudou totalmente o comportamental. Aí você começava a ter uma participação mais efetiva com a comunidade”.⁸³⁰ No complexo educacional das Cônegas de Santo Agostinho, onde estava o Colégio Des Oiseaux, ele dava palestras e recebia cigarros como gratificação.⁸³¹ O ato de fumar e o comportamento mais livre e informal em relação aos superiores e até com os próprios colegas, no entanto, também havia sido motivo de conflito com alguns superiores.⁸³²

Nós tínhamos uma hierarquia e nós acatávamos aquela hierarquia e ninguém falava. E quando chegou ali [em São Paulo, no IFT], o pessoal ficou meio solto e o Vaticano II já estava... já tinha iniciado. Então o pessoal passou a não ter o mesmo comportamental que tinha dentro de seus colégios ⁸³³



Fonte: Acervo do Estadão⁸³⁴

Figura 4. Colégio Des Oiseaux – Sede do IFT de 1965 a 1967

A saudade dos tempos em que o Sr. RL, qual alfaiate, costurava as vestes dos frades no convento⁸³⁵ se mostrava no uso da palavra “hábito”. Durante a entrevista, ele a usou, como veste religiosa, 11 vezes. O Padre LRB a usou com esse sentido

⁸²⁹ Entrevista com Sr. RL.

⁸³⁰ *Ibid.*, p. 7.

⁸³¹ *Ibid.*, p. 18.

⁸³² *Ibid.*, p. 16.

⁸³³ *Ibid.*, p. 8.

⁸³⁴ BATISTA, Liz. Era uma vez em São Paulo ... Colégio Des Oiseaux. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 29 maio 2015. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,era-uma-vez-em-sp-colegio-des-oiseaux,11116,0.htm>. Acesso em: 13 jun. 2023.

⁸³⁵ Entrevista com Sr. RL.

apenas uma vez.⁸³⁶ O Padre PHG usou a palavra 13 vezes, mas apenas em duas situações diferentes e em ambas para criticá-la como veste distintiva e realçar o fato de se estar a abandonar o seu uso.⁸³⁷ O Sr. RL, no entanto, enquanto foi estudante no IFT, o usava com regularidade. Na manifestação dos colegas em frente ao DEOPS, criticou o fato deles o usarem para essa finalidade, quando não o faziam em outros momentos. Naquele dia, ele não usou o hábito; apenas assistiu de longe a manifestação dos estudantes. Mais duro ainda foi ver os colegas, mesmo os que tentaram fugir da repressão, sendo presos e levados a inquérito exatamente por não ter como se esconder devido ao fato de estarem de hábito.⁸³⁸

Da ausência de meios de comunicação na vida interna conventual, numa vida simples e até ingênua, à inserção na vida política, iniciada ainda como estudante, através do contato com políticos, a perspectiva do Sr. RL durante a entrevista foi a de crítica à esquerda radical.⁸³⁹ Seus colegas que se envolveram politicamente com grupos radicais enfrentaram muitos problemas depois. O estilo pedagógico inovador do IFT, incentivador do diálogo ecumênico, no entanto, estimulou o Padre PHG a especializar-se em Ecumenismo.⁸⁴⁰ A nova forma de estudar e “fazer” a Teologia e a Liturgia o encantou.⁸⁴¹ Ele teve também uma atuação no DAXIX, no movimento estudantil e nos protestos contra o regime militar.⁸⁴² Soube, no entanto, não se envolver ingenuamente, distinguindo que certas atividades radicais poderiam prejudicá-lo nos seus projetos de formação no exterior.⁸⁴³ O contexto de instabilidade e confusão política e institucional, sobretudo dentro da própria Igreja, com a saída de seminaristas, de padres e de professores afetaram diretamente o IFT.⁸⁴⁴ A disciplina de Direito Canônico teria sido a mais afetada. Tanto Padre PHG como o Padre LRB falaram que tiveram essa disciplina mal feita devido ao vácuo jurídico. O professor de Direito Canônico certa vez saiu durante o intervalo de aula e não retornou mais, deixando o ministério pouco depois.⁸⁴⁵

⁸³⁶ Entrevista com Padre LRB.

⁸³⁷ Entrevista com Padre PHG.

⁸³⁸ Entrevista com Sr. RL.

⁸³⁹ *Ibid.*

⁸⁴⁰ Entrevista com Padre PHG.

⁸⁴¹ *Ibid.*

⁸⁴² *Ibid.*

⁸⁴³ *Ibid.*

⁸⁴⁴ *Ibid.*

⁸⁴⁵ Entrevista com Padre LRB.

O nome do Padre LRB consta no Livro de Atas do DAXIX.⁸⁴⁶ Suas memórias se compõem de um misto de sofrimento e dor devido à rigidez institucional da Igreja,⁸⁴⁷ por um lado, e alegria e gratidão, sobretudo pelos excelentes professores, grandes “luminares”,⁸⁴⁸ que marcaram sua vida e lhe deram uma orientação intelectual, teológica e pastoral. Foi a entrevista mais longa, que demandou um período largo de transcrição, e a mais analítica. Padre LRB, habituado com o ambiente acadêmico além do eclesiástico, não se fixou apenas na lembrança de fatos passados, mas fez muitas comparações e análises de cunho sociológico, antropológico e teológico entre aquele momento e outras fases posteriores da Igreja Católica.⁸⁴⁹ Ítalo-descendente tanto pelo lado materno quanto paterno, filho de imigrantes,⁸⁵⁰ originário de Amparo,⁸⁵¹ interior paulista, sentiu a rigidez familiar estendida depois nas estruturas eclesiásticas. Sob a ideia de “clima”, realçou o ambiente contestador, tanto “intra” como “extra” eclesiástico, e em busca de uma nova orientação para a Igreja e sua prática pastoral, menos institucionalizada, mais simples e informal. As falas do entrevistado reforçam a perspectiva de como, em um curtíssimo espaço de tempo, o ambiente geral na Igreja passou do otimismo conciliar com expectativas intensas de transformação eclesiástica imediata para uma crise profunda. O abandono generalizado da vida religiosa e sacerdotal e o sentimento de frustração ante a lentidão ou medidas do Magistério e da hierarquia eclesiástica consideradas um “retrocesso” nesse processo foram expressões da insatisfação e frustração. Para se referir ao contexto próprio da época, tanto eclesial como nos demais ambientes culturais, políticos e sociais, utilizou a categoria de “clima”: “... eu gosto muito de trabalhar com essa ideia de ‘clima’...”,⁸⁵² mostrando familiaridade com a categoria de hegeliana de “espírito do tempo”.⁸⁵³ E assim utilizou-

⁸⁴⁶ Livro de Atas do DAXIX, p. 19, seu nome encontra-se na lista de estudantes presentes na assembleia de fundação do diretório acadêmico.

⁸⁴⁷ Entrevista com Padre LRB.

⁸⁴⁸ *Ibid.*

⁸⁴⁹ Isto ocorreu ao longo de toda a entrevista, em que ele fez algumas digressões analíticas e referências a autores, como Max Weber e Hannah Arendt, a teólogos, como Congar, Ivo Storniolo e Hans Küng, citou obras, como “Igreja, Túmulo de Deus?”, de Robert Adolfs, e filmes, como “Asas do Desejo”, além de referências e críticas ao Magistério da Igreja, como encíclicas dos papas João XXIII e Paulo VI, e atuação disciplinar e pastoral do Papa João Paulo II, do seu assessor cardeal Ratzinger, e do Papa Francisco.

⁸⁵⁰ Entrevista com Padre LRB.

⁸⁵¹ *Ibid.*

⁸⁵² *Ibid.*

⁸⁵³ *Ibid.*

a para falar do pontificado de papas como João XXIII,⁸⁵⁴ Paulo VI,⁸⁵⁵ João Paulo II,⁸⁵⁶ Bento XVI⁸⁵⁷ e o atual Papa Francisco,⁸⁵⁸ realçando as semelhanças entre o primeiro e o último quanto à abertura na Igreja, o caráter conciliador do segundo e conservador nos terceiro e quarto. Para compreender o IFT, usou-a para se referir ao ambiente de contestação à autoridade política e religiosa, à crítica às formas tradicionais de costume familiar e eclesiástico, e à busca de inovação, sobretudo na reflexão teológica. Para isto, recorreu também à Hannah Arendt,⁸⁵⁹ ao magistério dos referidos papas, a teólogos com os quais mantinha contato, como o Padre Ivo Storniolo e Hugo Assmann,⁸⁶⁰ a vários outros teólogos como Congar e Hans Küng,⁸⁶¹ e a artigos da revista “Humanitas” da Universidade Jesuíta de São Leopoldo, UNISINOS, Rio Grande do sul.⁸⁶²

Um outro grupo de fontes se referem a uma apostila sobre o “Sacramento da Conversão”, com timbre do IFT, e a trabalhos de alunos nos anos de 1968. A partir desse ano, o IFT, Instituto de Filosofia e Teologia entre 1965 e 1967, teve o seu nome alterado para Instituto de Formação Teológica. De alguma forma, provavelmente pela instabilidade institucional e saída de grande número de religiosos e professores, a proposta de formação em Filosofia fracassou. Subsistiu por mais dois anos o curso de Teologia. Os trabalhos dos alunos constituem excelentes instrumentos para compreender o desenvolvimento do projeto institucional e pedagógico do IFT dentro do seu tumultuado contexto histórico. Nesse grupo de fontes, encontrado na Biblioteca Padre Lebrecht, o critério de seleção foi a referência direta que eles fazem ao IFT, tanto a apostila timbrada como os trabalhos dos alunos.

A apostila está incompleta e seu uso refere-se à disciplina relativa ao sacramento da confissão, com o título de “O Sacramento da Conversão”.⁸⁶³ Inicia-se na página 10 e contém um timbre: “Instituto de Formação Teológica - CRB - Seção São

⁸⁵⁴ *Ibid.*

⁸⁵⁵ *Ibid.*

⁸⁵⁶ *Ibid.*

⁸⁵⁷ *Ibid.* Não cita o nome “Bento XVI” mas se refere a ele como “Ratzinger”.

⁸⁵⁸ *Ibid.*

⁸⁵⁹ *Ibid.*

⁸⁶⁰ *Ibid.*

⁸⁶¹ *Ibid.*

⁸⁶² *Ibid.*

⁸⁶³ O SACRAMENTO da Conversão. P23-3. Apostila mimeografada. (Não datado, 3 páginas).

Paulo - Rua Martiniano de Carvalho, 114 - Bela Vista - São Paulo - Capital - Tel. 36-2209". Com o nome e o endereço do convento carmelita, a situam nos dois últimos anos de existência do IFT. O conteúdo trouxe uma releitura do sacramento da confissão a partir da perspectiva da “conversão” e, como era comum na reflexão teológica nesse momento, acentuou o aspecto da vivência da fé como um compromisso de toda a vida do fiel, além dos aspectos formais. Aliás, a formalidade tridentina constituía um dos pontos que se critica em praticamente todos os aspectos da vivência, da liturgia e da ritualidade na Igreja Católica. Depois de distinguir as formas de “confissão”, o autor forneceu orientações atualizadas para a prática desse sacramento, minimizando a ação ritual do sacerdote e acentuando a vivência da fé do fiel no seu cotidiano.



Figura 5. Convento do Carmo – Rua Martiniano de Carvalho – Bairro Bela Vista. Sede do IFT em 1968 e 1969⁸⁶⁴

Um trabalho dos estudantes Waldir e Sabino para a disciplina do Professor Hugo Assmann⁸⁶⁵, intitulado “Amor livre”⁸⁶⁶ e “dedicado à Juventude”, situa-o no ano de 1968. A temática era emergente no final dos anos 60. Outros elementos internos reforçam esta possibilidade. Ao discutir sobre as transformações do mundo moderno,

⁸⁶⁴ Foto extraída de Basílica e Convento de Nossa Senhora do Carmo. Disponível em: <https://carmelitas.org.br/basilica-e-convento-de-nossa-senhora-do-carmo/>. Acesso em: 13 jun. 2023.

⁸⁶⁵ O então Padre Hugo Assmann foi professor no IFT até dezembro de 1968. Com o AI5, foi para a Alemanha, onde em 1970 deixou o ministério sacerdotal e se casou com Melsene Ludwig, com quem teve 02 filhos. Refugiou-se depois no Uruguai (cf. PUCCI, Bruno; OLIVEIRA, Cleyton de; BETTY, Christine. HUGO ASSMAN: da Teologia da Libertação à Educação para a sensibilidade. **Comunicações**, Piracicaba, v. 15, n. 1-2, p. 11-38, jan.-dez. 2008. DOI: <https://doi.org/10.15600/2238-121X/comunicacoes.v15n1-2p11-38>. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistasunimep/index.php/comunicacoes/article/view/351/120>. Acesso em: set. 2021).

⁸⁶⁶ GIRARDI, Waldir; MARIGA, Sabino. **Amor Livre**. P5-6. Texto datilografado. (Não datado, 26 páginas). (capa e introdução não incluídas na numeração do corpo do trabalho, constando 24 numeradas)

os alunos escreveram: “o homem que tenta chegar a outros mundos”⁸⁶⁷, referindo-se à corrida espacial. Tal como está a referência, dá a entender que a missão Apollo 11, que levou os astronautas norte-americanos à Lua em julho de 1969, ainda não tinha ocorrido. O trabalho traz outras referências aos movimentos reivindicatórios dos direitos civis e políticos,⁸⁶⁸ talvez às manifestações da juventude em várias partes do mundo, no que foi chamado de “Primavera de Praga”, “Primavera de Paris”, ao eventos ocorridos nos Estados Unidos, e àqueles com os quais alguns estudantes do IFT estiveram envolvidos no Brasil. O filme “Belle de Jour”⁸⁶⁹ foi citado no texto.⁸⁷⁰ Entre a bibliografia utilizada, há algumas de 1967 e uma revista Vozes de 1968, na qual o Padre Hugo Assmann escrevia artigos. Na capa, em manuscrito está “Moral”, indicando a disciplina, que num curso de Teologia costuma ser subdividida em áreas, como “Moral Fundamental”, “Moral Sexual”, “Moral Social”, e, mais recentemente, aborda também temas de bioética e ecologia.

O trabalho era uma síntese de pesquisa de campo. Na introdução, os estudantes explicitaram o objeto em questão: a família como um problema em evidência, segundo eles. O objetivo seria discutir o “Amor Livre e o Matrimônio”. Entre as dificuldades encontradas estava a ausência de bibliografia para a pesquisa, uma vez que tanto o tema quanto a metodologia eram muito recentes. Quanto aos resultados: mais de 80% das pessoas pesquisadas, sendo jovens de nível colegial, tanto masculino e feminino, eram contrárias ao amor livre; as respostas positivas tiveram um índice maior entre universitários. Eles perceberam que o tema era pouco esclarecido e normalmente visto como desordem e anarquia. A proposta do trabalho, ousada com certeza para um ambiente eclesiástico, seria trazer uma nova abordagem sobre o Amor. O texto contém expressões muito espontâneas dos estudantes; algumas palavras com significados distintos em relação ao momento presente, como o termo “bissexual”, para referir-se à dualidade homem e mulher; e alguns neologismos, como “cordeirismo”, que possivelmente seriam gírias daquele momento. Ora o texto aparece em primeira pessoa do singular; ora em primeira pessoa do plural, não sendo possível

⁸⁶⁷ *Ibid.*, p. 6.

⁸⁶⁸ *Ibid.*, p. 18.

⁸⁶⁹ A BELA da tarde: Belle de Jour. Direção: Luís Buñuel. Intérprete: Catherine Deneuve. Paris, 1967. 100 min. Disponível em: <https://ims.com.br/filme/bela-da-tarde/>. Acesso em: set. 2021.

⁸⁷⁰ *Ibid.*, p. 20.

detectar se teria sido escrito apenas por um estudante. Há uma uniformidade de estilo e de datilografia na fonte.

A abordagem bíblica e filosófica, sob a perspectiva existencialista e personalista, seguiu as linhas mestras da tradição católica, visando afirmar o matrimônio como sacramento⁸⁷¹ fundado no amor, na intersubjetividade e geração e educação dos filhos.⁸⁷² Os aspectos mais críticos e contestados, em relação aos quais os estudantes se manifestaram muito espontaneamente no trabalho, apareceram ao abordar o tema “Família e Matrimônio”, pois, para eles, as grandes transformações no mundo moderno, tais como as invenções, as técnicas, o avanço das ciências, a mecanização e as pesquisas espaciais teriam colocado a infalibilidade da Igreja e da Bíblia em questão:

Hoje um bom exegeta deve antes de tudo saber criticar a Bíblia, saber realmente entender a S. Escritura. O Cordeirismo é um mal inadmissível dentro de uma Igreja dinâmica de povo de Deus, que procura Deus e que não faz de Deus um brinquedinho vermelho para crianças. Deus deve ser procurado, deve ser encontrado. Deus não é um ‘pateta’ que vamos encontrar lá numa caixinha sacra. Deus é amor e como tal deve ser procurado no amor. E este amor não está no alto, mas está aqui.⁸⁷³

A tendência dessacralizadora, demitizadora e secularizante se evidencia ao tratar um objeto considerado na tradição católica como de máxima sacralidade de “caixinha sacra”. A ideia da sociedade em um processo implacável de evolução, que implicava a ruptura com o passado em prol das novidades do “mundo moderno”, afetaria a Igreja, a Sociedade,⁸⁷⁴ os modelos de família patriarcal aos novos modelos do mundo industrializado, racionalizado e planejado. Nesse processo, a autoridade dos pais foi questionada, relativizando o sentimento de pertença a ela em prol de uma autonomia direcionada à sociedade,⁸⁷⁵ tal como na palestra de Lauro de Oliveira

⁸⁷¹ *Ibid.*, p. 1-3.

⁸⁷² *Ibid.*, p. 4-5.

⁸⁷³ *Ibid.*, p. 6.

⁸⁷⁴ *Ibid.*, p. 6.

⁸⁷⁵ *Ibid.*, p. 8.

Lima⁸⁷⁶. A expectativa era a de superação dos aspectos jurídicos do casamento pelo Estado e pela Igreja em favor de relações mais afetivas e “humanistas”.⁸⁷⁷ Trataram de vários problemas do modelo familiar brasileiro a ser superado e da necessidade de afirmação da mulher, não mais “teleguiada” pelos pais e onde pudesse se afirmar como sujeito.⁸⁷⁸ Num momento histórico em que a ordem do dia era “Quebrar tabus”, a forma como a quebra do “tabu da virgindade” feminina estava em execução poderia, segundo eles, ser uma pseudoliberdade, mas já manifestava um desejo de tornar-se livre e libertada pelo trabalho.⁸⁷⁹

Sobre o tema “Amor livre”, segundo eles, o filme “Belle de Jour” de Luís Buñuel teria sido na ocasião um dos fatos que mais movimentara a opinião pública e sobretudo a juventude estudantil em São Paulo ao acender uma discussão sobre a “prostituição” nas religiões antigas em relação à sociedade moderna. Naquelas, a relação sexual seria o rito central do mito na liturgia e a prostituta se confundiria com a sacerdotisa. Na sociedade daquele momento haveria, porém, apenas dois modelos para a mulher não casada: a virgem e a prostituta, sem modelos intermediários. O uso de anticoncepcionais cada vez mais aceitos favoreciam a liberdade sexual. A sociedade brasileira, no entanto, favorecia a libertinagem dos rapazes e não aceitava as relações sexuais pré-matrimoniais das jovens. As relações pré-matrimoniais para eles seriam aceitáveis desde que não fosse um ato de submissão ou coisificação do ato sexual.⁸⁸⁰

A projeção de expectativas utópicas e de confiança positiva e otimista nas ciências e no avanço técnico, frequente nas fontes utilizadas, está presente no final do desenvolvimento do tema: “Não quero duvidar do futuro e até acredito, muito proxima-mente, que a mentalidade social seja muito diferente...”.⁸⁸¹ As transformações na família ocorriam no mundo inteiro, evoluíam como fato constatado e irreversível e seriam “indiscutivelmente benéficas”.⁸⁸² A crítica à Igreja foi destacada pelo fato de acompanhar essas transformações a passos lentos; a legislação civil permanecia rígida; a

⁸⁷⁶ LIMA, Lauro de Oliveira. **A mulher no Brasil de hoje**. P7-8. Texto datilografado. (Não datado, 14 páginas).

⁸⁷⁷ GIRARDI, Waldir; MARIGA, Sabino. **Amor Livre**. P5-6. Texto datilografado. (Não datado, 26 páginas). p. 15.

⁸⁷⁸ *Ibid.*, p. 18-19.

⁸⁷⁹ *Ibid.*, p. 19-20.

⁸⁸⁰ *Ibid.*, p. 19-22.

⁸⁸¹ *Ibid.*, p. 22.

⁸⁸² *Ibid.*, p. 23.

relação afetiva na família patriarcal continuava reduzida à mãe-filho, com uma figura do pai meramente econômica. Os filhos modernos, mais autônomos e rebeldes, posicionavam-se contra todo tipo de autoridade.

Tudo quanto é simplesmente legal passa ser discutido e desobedecido pela nova geração. Tudo quanto é imposto, pré-estabelecido, arcaico ou medieval, entra em crise com as novas gerações que desejam discutir as causas, modificar o velho e substituí-lo pelo novo.⁸⁸³

Assim, o caminho mais seguro para solidificar um casamento no futuro seria o uso dos meios científicos para que os noivos pudessem manter suas relações íntimas. Dessa forma, o amor livre entre homem e mulher, enquanto sujeitos conscientes e encontro entre dois indivíduos não poderia ser proibido por nenhuma lei.⁸⁸⁴ O vigor, a energia, a ansiedade por formas mais espontâneas de vida se apresentaram em cada parágrafo do trabalho e faz pensar no ambiente de contracultura, na expressão de gíria hippie que sintetiza os anseios de grande parte daquela juventude: “Paz e Amor, bicho!” e no “É proibido proibir”. Nesse trabalho o foco estava na crítica aos modelos familiares, na situação da mulher, na liberação sexual e busca de novos modelos de relação afetiva e matrimonial.

Um outro trabalho, realizado por quatro estudantes, Cléber, Terezinha, Aristeu e José Maurício, com um foco mais antropológico e político, foi intitulado como “Libertação do Homem”.⁸⁸⁵ Em manuscrito, na primeira página, sublinhando no título a palavra “libertação”, está a indicação da disciplina teológica à qual o trabalho se vinculava: “Moral Social”.⁸⁸⁶ Ao final, os estudantes indicaram a bibliografia básica utilizada: “Este trabalho foi baseado no artigo de Michel Blaise, franciscano, *Frère du Monde*”.⁸⁸⁷

⁸⁸³ *Ibid.*, p. 23.

⁸⁸⁴ *Ibid.*, p. 24.

⁸⁸⁵ CLÉBER, Terezinha; ARISTEU, José Maurício. **Libertação do homem**: 1a. Parte. Texto datilografado. P19-20. (Não datado, 6 páginas).

⁸⁸⁶ *Ibid.*, p. 1.

⁸⁸⁷ “**Frère du Monde**” era uma revista franciscana bimestral francesa, lançada em 1959, atingindo países de língua francesa como Bélgica e Canadá, assim como alguns países da América do Sul, de caráter político e ‘apostólico’, com a pretensão de uma atitude de escuta aos problemas e aos conflitos, atenta em dar-lhes uma formulação radical. Cf. DOMERGUE, Raymond. Foi et Révolution: itinéraire de “Frère du Monde”. **Esprit: Comprendre Le Monde qui vient**, Paris, n. 21, p. 70-87, Sep. 1978. Disponível em: <https://esprit.presse.fr/article/domergue-raymond/foi-et-revolution-l-itineraire-de-freres-du-monde-30113>. Acesso em: 23 abr. 2023; posteriormente, a

Entre os estudantes, consta o nome de “Terezinha”. Seria a mesma Terezinha de Lisieux Vasconcelos, secretária do DAXIX entre 1967 e 1968? Provavelmente sim, pois a forma como o texto aborda a questão do apoio da Igreja à “revolução de 1964”, ao conflito ocorrido entre “F. Zé Neves” e a carta de D. Agnelo Rossi sobre o seu pronunciamento a respeito da *Humanae Vitae*,⁸⁸⁸ alinham-se perfeitamente ao conteúdo das atas do DAXIX⁸⁸⁹ quase que “*ipsis litteris*”. As referências principais dentro do trabalho se remetem a 1968 ou antes: a Marcha da Família e o apoio da hierarquia eclesiástica à “Revolução de 1964”, já em processo de revisão e fortes críticas;⁸⁹⁰ o Romance Quarup, de Antonio Callado, lançado em 1967;⁸⁹¹ a citação da revista Paz e Terra, número 6, de 1968, com o tema principal “O Cristianismo em Questão”, com um documentário sobre a “A Igreja no Brasil”, artigos do Padre Henrique Claudio Lima Vaz e do Padre Camilo Torres, fazendo questionamentos sobre os rumos da Igreja no mundo moderno e na América Latina.⁸⁹²

revista esteve vinculada à Teologia da Libertação (cf. ROUSSEAU, Sabine. “Frères du Monde” et la guerre du Vietnam: du tiers-mondisme à l'anti-impérialisme (1965-1973). *Le Mouvement Social*, Paris, n. 177, p. 71-88, Oct.-Dec. 1996. Doi: <https://doi.org/10.2307/3778953>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3778953>. Acesso em: out. 2021.

⁸⁸⁸ CLÉBER, Terezinha; ARISTEU, José Maurício. **Libertação do homem**: 1a. Parte. Texto datilografado. P19-20. (Não datado, 6 páginas). p. 3-4.

⁸⁸⁹ Terezinha de Lisieux Vasconcelos secretariou as reuniões do diretório acadêmico do IFT no segundo semestre de 1967 a agosto de 1968, quando Frei Tito Alencar era o presidente, conforme LIVRO DE ATAS DO DAXIX, P. 56-80. Nessas reuniões tem algumas “falas” dela registradas, supostamente por ela mesma. Referindo-se às manifestações dos estudantes em frente ao DEOPS no dia 03 de agosto de 1967, ela se manifestou dizendo que “últimos fatos” teriam sido positivos “pois em 1964, os padres instigaram os leigos e depois, abandonaram-nos ‘no fogo’. Agora, parece que a Hierarquia entenderá a advertência de que ela, também, deve praticar o que ‘fala’ em seus documentos” (p. 59) e criticou os dizeres dos cartazes por não corresponderem “à verdade”. O protesto deveria ser mais geral, na opinião dela, desde que os presos já tivessem sido liberados. A crítica à hierarquia na “fala” dela está presente nas atas tal como no trabalho.

⁸⁹⁰ CLÉBER, Terezinha; ARISTEU, José Maurício. **Libertação do homem**: 1a. Parte. Texto datilografado. P19-20. (Não datado, 6 páginas). p. 2-3.

⁸⁹¹ *Ibid.*, p. 5.

⁸⁹² *Ibid.*, p. 3.



Figura 6. Revista Paz e Terra⁸⁹³

O trabalho, escrito numa linguagem espontânea, informal e livre de rigores metodológicos, traz também referências ao artigo da revista “Realidade”, de julho de 1968⁸⁹⁴ e à visita da imagem de Nossa Senhora Fátima, que veio ao Brasil pela segunda vez em abril de 1968.⁸⁹⁵ O conflito entre o diretor do IFT e o cardeal D. Agnelo Rossi em setembro de 1968⁸⁹⁶ também aparece como fato consumado. Assim, o trabalho pode ter sido elaborado em fins de 1968 e supõe uma continuidade por tratar-se de uma “1ª Parte”.⁸⁹⁷

⁸⁹³ Imagem extraída do site <https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1131052194-paz-e-terra-o-cristianismo-em-questo-n-6-JM>. Acesso em: out. 2021.

⁸⁹⁴ CLÉBER, Terezinha; ARISTEU, José Maurício. **Libertação do homem**: 1a. Parte. Texto datilografado. P19-20. (Não datado, 6 páginas). p. 4.

⁸⁹⁵ cf. LESSA, Mônica. Santuário de Nossa Senhora de Fátima atrai milhões de católicos a Portugal. **O Globo**, Rio de Janeiro, 5 maio 2017. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/santuario-de-nossa-senhora-de-fatima-atrai-milhoes-de-catolicos-portugal-21298165>. Acesso em: out. 2021. Cf. também **MANIFESTO Abril de 1968**, Texto datilografado, duas páginas, 26 de abril de 1968, dirigido ao cardeal por um grupo de sacerdotes da arquidiocese, sem assinaturas, parece incompleto, encontrado na P22-7, Biblioteca Padre Lebre, convento dominicano em Perdizes, São Paulo.

⁸⁹⁶ CLÉBER, Terezinha; ARISTEU, José Maurício. **Libertação do homem**: 1a. Parte. Texto datilografado. P19-20. (Não datado, 6 páginas). p. 4.

⁸⁹⁷ *Ibid.*, p. 6.

Os estudantes pretenderam fazer uma abordagem antropológica no desenvolvimento do tema, uma vez que o objeto em questão era o “Homem”, mais precisamente o brasileiro, prisioneiro das instituições da igreja constantiniana.⁸⁹⁸ O trabalho teria como objetivo investigar se o cristão seria livre, “de quê libertar a consciência cristã” e da “luta do cristão pela libertação total do homem”.⁸⁹⁹ Como trabalho de “Moral”, trata do agir cristão e seu comportamento e sua orientação política à luz do mistério de Cristo. Assim, a concepção de Igreja como reino deste mundo e instituição eclesial buscava uma ordem que garantisse sua estabilidade. Daí o apoio da hierarquia da Igreja à Revolução de 64 e aos regimes governamentais, com poucas referências aos injustiçados e às classes oprimidas. A ênfase na “ordem estabelecida” seria um perigo à própria sobrevivência da Igreja, ante o avanço dos movimentos revolucionários.⁹⁰⁰ A Igreja priorizava demasiadamente a instituição tanto no nível moral como na consciência individual, no caso da encíclica “*Humanae Vitae*” e da “Carta de D. Agnelo Rossi sobre o pronunciamento do F. Zé Neves”,⁹⁰¹ então diretor do IFT e que fora o estopim do conflito entre ambos.

Os estudantes, no trabalho, consideraram e relacionaram como hipocrisia da hierarquia católica, cujos pronunciamentos não passavam de boas intenções,⁹⁰² a prioridade de uma moral legalista aprisionadora da consciência “da grande massa dos católicos”, aparentemente segura, cheia de soluções prontas, individualista, mantenedora de uma “religião ópio”, supersticiosa, dualista e conformista.⁹⁰³ Somente uma moral social autenticamente evangélica e desconfessionalizada poderia libertar o cristão dessa prisão. Como moral social, ela seria também política. Camilo Torres,⁹⁰⁴ sacerdote católico e guerrilheiro colombiano foi citado como exemplo de uma liberdade

⁸⁹⁸ Por Igreja constantiniana se entende o momento em que o imperador Constantino no século IV deu liberdade de culto aos cristãos e intensificou um processo de absorção do clero católico nas estruturas institucionais do império. Cf. dissertação de mestrado RAIMUNDO, Mariana de Matos Ponte. **A virada constantiniana e a consolidação da identidade cristã no século IV: uma análise sócio-histórica**. 2013. Dissertação [Mestrado em Ciência da Religião] - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/993>. Acesso em: out. 2021.

⁸⁹⁹ CLÉBER, Terezinha; ARISTEU, José Maurício. **Libertação do homem**: 1a. Parte. Texto datilografado. P19-20. (Não datado, 6 páginas).

⁹⁰⁰ *Ibid.*, p. 2-3.

⁹⁰¹ *Ibid.*, p. 4.

⁹⁰² *Ibid.*, p. 4.

⁹⁰³ *Ibid.*, p. 4-6.

⁹⁰⁴ Camilo Torres Restrepo, 1929-1966, sacerdote católico colombiano e guerrilheiro, considerado um dos precursores da Teologia da Libertação e dos movimentos de insurgência armada na colômbia, como FARC-EP e ELN.

moral cristã e como “combate libertador pela justiça, em nome mesmo do amor”.⁹⁰⁵ Vivia-se num momento em que nos bastidores da política brasileira sob o regime militar, vários movimentos de guerrilha, luta armada e guerra popular estavam a ser organizados pela VPR, PCdoB, com a participação da AP e seu projeto de “Ação cultural” e outros. A repressão do regime militar sobre movimentos como esses iria se intensificar com o AI5 a partir de 13 de dezembro de 1968.

Num terceiro trabalho desse grupo de fontes, três outros alunos, Luiz Orlando, Edson e Hemetério, discutiram a relação entre moral e religião amparados por uma filosofia existencialista num mundo onde o ateísmo já se impunha cada vez mais.⁹⁰⁶ Segundo eles, moral e religião se tornaram ao longo dos séculos um binômio inseparável em que o transcendente aparecia como fundamento último e insubstituível de tal forma que sem religião não haveria moral. O trabalho buscava então discutir a possibilidade de uma Moral e uma Ética apoiada num elemento exterior, tal como propunha o ateísmo contemporâneo, como a consciência humana individual ou coletiva, prescindindo de qualquer referência religiosa.⁹⁰⁷ A ênfase do pensamento ateu em geral para sustentar uma moralidade estaria na relação entre liberdade e responsabilidade na reconstrução da humanidade, palavras muito em voga nas fontes.⁹⁰⁸ O homem moderno revoltado, qual profeta da solidão, seria o que levaria a humanidade de volta à sua existência concreta,⁹⁰⁹ libertando-o das convenções e ideias prontas, das ilusões de segurança, e da esperança de uma ajuda exterior para agir autenticamente

Cf. AVILEZ ALVAREZ, Maurício José. **Camilo Torres e o amor eficaz**: as origens da teologia da libertação e a insurgência armada colombiana. 2013. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2013. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/handle/BR-SIFE/403>. Acesso em: 23 nov. 2021.

⁹⁰⁵ CLÉBER, Terezinha; ARISTEU, José Maurício. **Libertação do homem**: 1a. Parte. Texto datilografado. P19-20. (Não datado, 6 páginas).

⁹⁰⁶ RODRIGUES, Luiz Orlando; GONÇALVES, Edson Lima; SANTIAGO, Hemetério Alexandre. **Reflexões sobre a Moral sem Deus**. São Paulo, 04 de junho de 1968, P22-2. Texto datilografado. (8 páginas).

O nome de “Padre Hemetério Alixandre Santiago” (sic!) se encontra na relação de padres falecidos na Arquidiocese de Fortaleza, ordenado diácono em 28 de dezembro de 1968 e sacerdote em 19 de janeiro de 1969; dentre as atividades em seu histórico pessoal consta que foi capelão naval entre 1979 e 1993; não há referência quanto ao ano de sua morte. No site, na síntese de sua biografia diz: “Curso Completo de Teologia realizado no Instituto de Filosofia e Teologia na cidade de São Paulo no ano de 1968” (cf. <https://www.arquidiocesedefortaleza.org.br/presbiterio/padres-falecidos/pe-hemeterio-alixandre-de-santiago/>). Acesso em: nov. 2021. Padre Hemetério foi, portanto, da primeira turma do IFT a concluir o curso de Teologia inteiramente na instituição.

⁹⁰⁷ *Ibid.*, p. 1.

⁹⁰⁸ *Ibid.*, p. 2.

⁹⁰⁹ *Ibid.*, p. 3.

no engajamento pelo qual o homem cria seu próprio destino, numa obediência voluntária a Cristo.⁹¹⁰ O Amor, livre e responsável, constituiria o fundamento da moral cristã.⁹¹¹ O ateísmo teria colaborado na libertação da moral legalista e jurídica e conduziria o homem moderno a encarar seus problemas de forma realista. E aí se abriria a possibilidade de diálogo entre a moral cristã e a moral atéia.⁹¹²

Por fim, num último trabalho⁹¹³ desse bloco de fontes, os estudantes Geraldo e Carlos Alberto fizeram uma análise de artigos publicados na seção de “Religião” da revista mensal “Realidade”, da Editora Abril. Essa revista, lançada em abril de 1966, teve 120 números publicados, sendo o último em março de 1976. De Geraldo, constam 04 fichas nos arquivos do DEOPS, segundo as quais ele fora preso no dia 14 de fevereiro de 1974 por suspeita de militância na APML; prestou depoimento no dia 13 de março de 1974; foi citado no inquérito de Teófilo Tavares Paes e Joaquim Martins da Silva Filho por “atividade subversiva”, ambos membros da AMPL; e era, na ocasião, professor no Morumbi,⁹¹⁴ sem referência ao local de trabalho. O outro estudante não tem registros no DEOPS.

O índice do trabalho traz a divisão em quatro partes: artigos lidos; análise crítica; relacionamento dos temas com “nosso modo pessoal de vê-los”, e “Pontos urgentes”.⁹¹⁵ A pesquisa fora realizada sob a perspectiva moral a partir de artigos da seção de “Religião” da revista “Realidade” que, em 26 números, teve 15 artigos publicados.

Após fazer uma relação e sinopse dos 15 artigos, os estudantes observaram que a maioria tratava diretamente da religião católica e suas transformações pós-conciliares; outros discutiam a teologia cristã em geral; um era especificamente sobre os evangélicos e outro sobre as grandes religiões mundiais.⁹¹⁶ O objetivo dessa seção,

⁹¹⁰ *Ibid.*, p. 4-5.

⁹¹¹ *Ibid.*, p. 6.

⁹¹² *Ibid.*, p. 6-7.

⁹¹³ ÁLVARES, Geraldo Rodrigues; AMARAL, Carlos Alberto. **Religião na “Realidade”**. São Paulo: Instituto de Formação Teológica, maio 1968. P1-5. (07 páginas). II ano de Propedêutica (numeração não inclui a capa).

⁹¹⁴ Cf. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTXSNA001186.pdf. Acesso em: maio 2021.

⁹¹⁵ *Ibid.*, p. 1.

⁹¹⁶ *Ibid.*, p. 2.

segundo os estudantes, seria o de “captar o senso religioso do povo e levá-lo a uma conscientização” ... e apresentar os novos problemas em relação à religião.⁹¹⁷ É somente sob esse viés que irão fazer a leitura crítica dos artigos sem nenhuma outra consideração ao próprio veículo de imprensa, seu corpo editorial e seus autores.

Como análise crítica geral dos artigos, os estudantes destacaram que os temas foram apresentados de forma dinâmica, aberta e com múltiplas informações. Os seus autores teriam a preocupação em levar o leitor a refletir sobre sua opção religiosa. Não se alinhando às autoridades religiosas, quais novos sacerdotes, tais jornalistas “procuram mostrar caminhos novos para o futuro, aderindo à corrente mais avançada de cada sistema religioso”, indo além do “tradicionalismo vago”.⁹¹⁸ Os artigos davam um panorama histórico, com o papel de cada religião na vida do homem e sua atitude perante a vida e perante Deus. Um artigo tratava da religião sob sua forma popular; da necessidade de uma vida espiritual profunda, do desaparecimento do “Deus-Mito” e do “pecado-mito”. “As alas conservadoras não estão tendo lugar nesses artigos”,⁹¹⁹ uma vez que os autores procuravam não se identificar com o “status quo” e dar uma “mensagem profética”. Para os estudantes, esse seria o método “que sem dúvida é o melhor”: parte-se dos fatos, entrevistas e pesquisas, sem especulações teóricas.

Com o intuito de dar cientificidade ao seu conhecimento, destacando aspectos que seriam empíricos e factuais, contra especulações tradicionais meramente intelectuais ou racionalistas, os estudantes destacaram em suas “Constatações” que o senso de transcendência estaria desaparecendo; que monges que fizeram psicanálise abandonaram o convento ao descobrir suas intenções e que seria cada vez mais necessário repensar a fé com dados da realidade “nua e crua”.⁹²⁰ Ao apresentar seus pontos de vista pessoais sobre os artigos selecionados, eles realçaram a questão da comercialização da fé em Aparecida do Norte, onde os atos religiosos mantinham uma religião alienada e infantil. Sobre a presença do repórter Narciso Kalili⁹²¹ no convento dos

⁹¹⁷ *Ibid.*, p. 3.

⁹¹⁸ *Ibid.*, p. 3.

⁹¹⁹ *Ibid.*, p. 3.

⁹²⁰ *Ibid.*, p. 4.

⁹²¹ Sobre a trajetória jornalística de Narciso Kalili, seu filho Sérgio Kalili, também jornalista, escreveu um longo artigo no jornal “Folha de São Paulo” no dia 12 de agosto de 2021: KALILI, Sérgio. Idealista e libertário, Narciso Kalili inovou na imprensa e desafiou a ditadura. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 ago. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2021/08/idealista-e-libertario-narciso-kalili-inovou-na-imprensa-e->

dominicanos em São Paulo, num artigo intitulado “Revolução na Igreja”,⁹²² eles constatarem que lá estariam homens que buscavam uma libertação interior, um “Deus que não é um olho frio debruçado sobre as nuvens a observar os nossos atos para anotar no livro de nossa conta corrente os atos bons e maus que determinarão nossa salvação ou perdição”, não um “Deus-ópio que aliena”; homens engajados, comprometidos e com uma fé adulta em Deus buscado no encontro com os homens.⁹²³

Os artigos teriam mostrado também, segundo eles, a existência de movimentos de renovação na Igreja: no modo de participar da missa; de padres trabalhando em fábricas; na busca de democratização do regime político atingindo a opinião pública; no combate ao pauperismo; em tornar a religião “vida” e adequada aos tempos; na libertação de formas ultrapassadas, “de lei que escraviza”; de informalidade nas celebrações, sobretudo nas periferias; novo “querigma”: a humanidade do Jesus-histórico e sua encarnação.⁹²⁴ A relação entre Religião e Ciência foi encarada pelos estudantes de forma positiva e como sinal de fé madura.⁹²⁵

Dentre os pontos tidos como urgentes, os estudantes destacaram que a moral tradicional não oferecia mais respostas aos problemas da época; a visão ultrapassada de pecado permanecia tanto nos fiéis por ignorância como nos padres por má formação do clero. Seria notável, no entanto, um esforço para renovar a visão de pecado em muitos católicos; uma nova mentalidade de libertação no clero buscava um alargamento da consciência moral além do cumprimento de preceitos. Em relação a temas novos como Controle de Natalidade, as pesquisas mostravam as incertezas nos entrevistados; e aí os estudantes apontavam como mérito da revista: “colocação do problema e a consequente possibilidade de sua conscientização”.⁹²⁶ A “morte de Deus” era o que se constatava numa época de “irreligiosidade”, de profunda angústia

desafiou-a-ditadura.shtml. Acesso em: nov. 2021) destacando a sua atuação no jornal “Última Hora”, na revista “Realidade” e contra a censura sobretudo após o AI-5.

⁹²² Longa reportagem sobre o dia-a-dia dos frades dominicanos no convento, sua vida de oração, sua formação e sua atuação de ponta na formação da esquerda católica sob novas perspectivas marxistas e socialistas em relação à fé, à Igreja, à sociedade, à economia e à política, KALILI, Narciso. *Revolução na Igreja*. **Realidade**, São Paulo, ano 1, n. 7, p. 34-42, out. 1966. Cf. acervo digital da revista “Realidade”.

⁹²³ ÁLVARES, Geraldo Rodrigues; AMARAL, Carlos Alberto. **Religião na “Realidade”**. São Paulo: Instituto de Formação Teológica, maio 1968. P1-5. (07 páginas). II ano de Propedêutica. p. 4-5.

⁹²⁴ *Ibid.*, p. 5.

⁹²⁵ *Ibid.*, p. 6.

⁹²⁶ *Ibid.*, p. 6.

existencial, de esboço de uma teologia sem Deus. A relação entre a visão tradicional de Deus e de pecado não se ajustava à vida moderna. O que morria, portanto, era o teocentrismo.

“Assim, o homem de hoje, percebendo seu papel transformante no mundo, do qual ele mesmo é contra, não aceita aquele Deus dirigindo e normalizando tudo”.⁹²⁷

Urgia, dessa forma, uma conscientização não só em relação ao que não acreditava em Deus mas também para aquele que construía um Deus falso.

Na tecedura da História, seja a libido dos sentidos, a libido do conhecimento ou a libido do poder, da visão agostiniana, seja os freudianos Eros e Thanatos ou Id em oposição ao Supergo, reelaborados por Marcuse, que vislumbra a repressão sublimada na utopia, as forças motrizes constroem os desenhos no tecido. “Prósopons” se formam nos movimentos entre a trama e a urdidura. Tensão, crises afetivas, de valores, de poder e autoridade assumem as formas de expectativas, esperanças, sonhos, utopias, mas também de frustrações, agressividade e violência nas suas mais diversas faces.

A “vida religiosa”, nesse tear da História, colocada em xeque-mate, teve seus valores tradicionais, simbolizados nos votos de castidade, pobreza e obediência, repensados sob uma nova ordem. A palavra castidade quase desapareceu nas discussões sobre o “celibato” voluntário e sobre as relações entre sacerdócio e matrimônio. A pobreza se tornou uma crítica às obras sociais eclesiais e passou a ser entendida como adesão solidária em movimentos em prol dos empobrecidos e injustiçados. A obediência, na crise entre as relações hierárquicas e as novidades colegiais, não como submissão, mas diálogo responsável entre iguais. Tudo, em nome de um “amor universal” no qual estariam todos os verdadeiros cristãos independentemente da religião ou confissão eclesial. Ao mesmo tempo em que se falava tanto de “realidade concreta”, nua e crua, vislumbrava-se um amor universal utópico e abstrato.

⁹²⁷ *Ibid.*, p. 7.

Dentre as discussões presentes nos trabalhos dos estudantes no ano de 1968, as ideias mais comuns se relacionam com a oposição entre “pessoa” e “instituição”. O aspecto pessoal seria base para uma participação consciente na vida eclesial. A dimensão institucional estava relacionada à tradição tridentina, vista como formal, impessoal, alienante, paternalista e infantilizadora. A pretensão de cientificidade através de observações empíricas e de constatações objetivas da realidade igualmente aparece como diálogo com a Sociologia, Economia, Política, Psicologia e Pedagogia, dando a estas mais força de credibilidade e embasamento que o ensino tradicional nos seminários. Esse, duramente criticado, foi chamado de racionalista e especulação teórica.

A visão filosófica hegeliana e marxista, talvez uma influência da AP, pautada na ideia de “consciência” e da ação histórica transformadora com participação local ativa em movimentos sociais se estendendo a uma visão de sociedade universal dentro de um “processo de conscientização” perpassa também várias dessas fontes. Assim, as diversas formas de recursos existentes na Igreja foram vistas sob um imperativo ético em prol da transformação social. Mesmo com essa visão de fundo, buscou-se separar a forma de leitura e de entendimento do Magistério da Igreja e do Evangelho das ideologias em curso.

Com relação às muitas críticas que aparecem nas fontes, as formas tradicionais de vivência do sagrado foram avaliadas desde uma perspectiva de infantilização e alienação do fiel com uma linguagem à beira do deboche. Nos padrões familiares postos em xeque, fez-se a oposição entre as estruturas da família e as formas legais do Estado e da Igreja com novos padrões a serem construídos, baseados no valor do indivíduo como pessoa, sobretudo da mulher, num novo papel do pai ou da figura masculina, sem formalidades excessivas ou rígidas.

A forma como se cogitou a sociedade faz pensar numa manifestação de uma espécie de “vontade interior”, expressa sobretudo no “amor”, semelhante a um “id” freudiano. Seria uma influência do filósofo Herbert Marcuse? A reação a tudo que seria superestrutura e ordem institucional presume sujeitos maduros e capazes de estabelecer uma sociedade sem violência. A juventude foi vista como o auge dessa maturação afetiva e transformadora do indivíduo. Sexo e dinheiro, nas formas tradicionais,

seriam aprisionadores. As novas formas visariam uma libertação das tradicionais, sobretudo da figura da mulher. As normas morais seriam relativas sob uma visão antropológica existencialista do “homem revoltado”, único responsável por si mesmo e por sua ação no mundo. Assim, a circulação de ideias nas fontes remete a um momento de busca de modelos alternativos de sociedade, como o movimento hippie, e de confiança e otimismo nos avanços científicos.

A ação revolucionária, que nas fontes não aparecem explicitamente como marxista, mas como ação moral cristã, estaria em oposição à estrutura hierárquica eclesial, resistente ou moderada, que buscava somente manter seu poder. No caso do Brasil republicano, tal poder não seria propriamente constitucional e jurídico, mas de peso consuetudinário histórico e moral. Somente a ação revolucionária seria efetivamente libertadora. A análise “crítica” dos estudantes sobre os artigos selecionados na revista “Realidade” se alinharam aos posicionamentos dos seus jornalistas e do seu corpo editorial sem nenhuma oposição a eles. Em geral, como no IFT, a revista acentuava as novas perspectivas revolucionárias e inovadoras da Igreja pós-conciliar e as polarizava com os seus vestígios tradicionais.

E assim, entre o antigo e o novo, entre novos métodos e pedagogias, entre estudantes sob novos padrões comportamentais, como administrar uma disciplina “tradicional” e metafísica?

5. “De Deo Uno”: o Antigo em busca do novo

Sobre o IFT e seu projeto pedagógico a partir das fontes consultadas, um outro grupo de fontes se refere ao material cedido pelo Professor CARN, que deu aulas em 1965 e 1969. Assim, nesses dois anos, respectivamente o primeiro e o último ano de existência do IFT, o professor, então religioso dominicano “Frei Gabriel”, esteve presente em duas fases significativas do Instituto de Filosofia e Teologia. A primeira, no ano de sua criação e todo entusiasmo em ser uma “resposta” aos desejos do Concílio Vaticano II no Colégio Des Oiseaux; a segunda, do Instituto de Formação Teológica, no convento carmelita do bairro Bela Vista, uma fase de crises e agonia.

As disciplinas que “Frei Gabriel” administrava no “Studium Theologicum” dominicano desde 1962 consistiam basicamente em áreas sistemáticas da Filosofia, como Lógica, Metafísica e Teoria do Conhecimento. Como frade dominicano, entre os quais São Tomás de Aquino é um dos expoentes, seguia a tradição tomista própria de sua ordem.⁹²⁸ Ainda com o Concílio em andamento, já em sua fase final, suas disciplinas e a tradição tomista encontrava-se no rol do que se identificava como estilo tridentino, num momento de rejeição e ataque. Na entrevista, ele fez referência a uma indisposição com um estudante camiliano que questionou o material que ele distribuía aos alunos em classe. Embora seu relacionamento com os estudantes tenha sido tranquilo, sem nunca ter tomado atitudes disciplinares rígidas, segundo ele disse, o fato marcou sua memória.⁹²⁹ Frei Lauro de Carvalho Borges, no Capítulo Provincial da Província de Santa Rita de Cássia, em 1966, deixou registrado:

Todos os professores tinham títulos em universidades ‘no estrangeiro’. Uns eram mais eficientes que outros. Um foi tido como deficiente mais pela didática que pela capacidade e já se encontrava afastado do IFT.⁹³⁰

⁹²⁸ Entrevista com Professor CARN.

⁹²⁹ *Ibid.*

⁹³⁰ Relatório “Respostas às questões apresentadas por Fr. Lauro sobre o IFT e nossos Teólogos que nele estudam», apresentado por ele. Cf. PAULA, Sérgio Peres de. O IFT e os Agostinianos Recoletos, a partir dos documentos do Capítulo Província da Província de Santa Rita de Cássia – 1966. **Recollectio: Annuario Historicum Augustinianum**, Madrid, n. 43, p. 73-88, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7688259.pdf>. Acesso em: maio 2021.

Em 1966, Frei Gabriel iniciou seus estudos de especialização em Filosofia e Teologia Medieval no Instituto de Estudos Medievais de Montreal, Canadá. Seria ele a quem Frei Lauro se referiu em seu relatório? Ainda no Canadá, ele, que se dizia “um perfeito alienado”,⁹³¹ participou, falando sob risadas, das manifestações juvenis contra a Guerra do Vietnã, engrossando o coro dos estudantes que gritava “Johnson assassino”.⁹³² Retornando ao Brasil no turbulento ano de 1968, seguiu dando aulas de Metafísica. De imediato, sentiu a diferença não só pelo momento de tensão no país, mas no próprio modo de administrar as aulas:

Então, é ... quando eu voltei no segundo semestre de 68, eu dei aulas também de Metafísica no estúdio dos dominicanos e aí o ambiente do estúdio era completamente diferente.⁹³³ Então eu comecei tentando retomar o meu curso que eu tinha dado anteriormente e não deu nada certo, né. Depois de alguns meses, dois ou três meses de aula, os alunos pediram pra fazer uma reunião; e então nós passamos a propor um curso... monográfico, né.⁹³⁴

Os moldes escolásticos já não cabiam mais. O curso foi remodelado, com a distribuição de leitura de livros e comunicação sobre um autor, algo como um “seminário”⁹³⁵. Essa foi exatamente a proposta para os alunos do IFT no ano seguinte, conforme o material que ele, muito gentilmente, cedeu. Com algumas distinções, em relação às demais fontes, elas exigem outras perspectivas metodológicas. Pode um calendário de aulas, uma folha escrita à lápis, ou fichamentos de estudantes se constituírem como fontes? Independentemente do conteúdo, a própria materialidade desse “pacote” cedido pelo professor já diz muita coisa quanto aos tipos de papel, aos “tipos” de máquina de datilografia ou de canetas utilizadas para escrever, e mesmo aos diferentes modos de multiplicação de textos, os mimeógrafos a álcool e à tinta. Embora

⁹³¹ Entrevista com Professor CARN.

⁹³² *Ibid.*

⁹³³ O conflito entre o reitor do IFT e o Cardeal Arcebispo D. Agnelo Rossi ocorreu na segunda quinzena de setembro de 1968; nesse ano, o DAXIX foi presidido por Frei Tito Alencar, no primeiro semestre, e por Frei Domingos Guimarães, no segundo semestre, ambos dominicanos. Em outubro de 1968, alguns frades dominicanos, que eram estudantes do IFT foram presos por causa da participação no XXX Congresso da UNE em Ibiúna.

⁹³⁴ Entrevista com Professor CARN. Talvez ele tivesse a intenção de dizer “curso bibliográfico”, no sentido de distribuir bibliografias entre os alunos para discuti-las em sala de aula.

⁹³⁵ *Ibid.*

já existissem máquinas fotocopadoras, essas só chegaram ao Brasil nos anos de 1980.⁹³⁶

Para Jörn Rüsen, historiador e filósofo alemão, a construção da narrativa histórica pelo historiador é um esforço “por descobrir em que consiste o passado humano, do modo mais racional possível”,⁹³⁷ o que implica o uso de metodologias diversas, a interdisciplinaridade de várias áreas do conhecimento, a hermenêutica, a crítica às ideologias, de forma que a argumentação em relação ao objeto histórico seja sustentável,⁹³⁸ não somente um produto da arbitrariedade subjetiva, mas como um resultado da “tradição”, enquanto aquilo que se herda do passado e está dado no presente, e como crítica a ela. Esta crítica tem pretensões de verdade e de validade, amparadas por um “conteúdo experiencial”, com significados e intenções. A narrativa histórica está garantida pela experiência, cuja facticidade é discutida sob determinados critérios normativos.⁹³⁹ Para a construção da narrativa histórica, a materialidade das fontes, a crítica e a interpretação são elementos relevantes na busca não só do “porquê”, mas do “como isso acontece”.⁹⁴⁰ A narrativa histórica não prescinde da estética e da retórica, com o intuito de dar mais vivacidade, desde que o sentido da narrativa adquira uma “relevância cognitiva”.⁹⁴¹ A relação entre o rigor metodológico e a construção da narrativa histórica como “literatura do real” é amplamente discutida também pelo historiador francês Ivan Jablonka.⁹⁴²

Ao tratar sobre a relação entre fotografia, filme e História na obra de Siegfried Kracauer num dos seus artigos, Carlo Ginzburg destaca nesse autor uma “emancipação da fotografia do simples registro dos acontecimentos, da acumulação dos detritos das realidades naturais: uma possibilidade atribuída ao filme que (tal como o sonho e

⁹³⁶ Cf. VOCÊ SABE qual a história da fotocopadora? 2023. Disponível em: <https://www.unodata.com.br/historia-da-fotocopiadora/>. Acesso em: 5 maio 2023.

⁹³⁷ RÜSEN, Jörn. **Razão histórica**: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Brasília, DF: Ed. UnB, 2001. p. 16.

⁹³⁸ *Ibid.*, p. 18-19.

⁹³⁹ *Ibid.*, p. 81-93.

⁹⁴⁰ *Id.* **Reconstrução do passado**: teoria da história II: os princípios da pesquisa. Brasília, DF: Ed. UnB, 2007. p. 13.

⁹⁴¹ *Id.* **História viva**: teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília, DF: Ed. UnB, 2009. p. 28.

⁹⁴² Cf. JABLONKA, Ivan. **A história é uma literatura contemporânea**: manifesto pelas Ciências Sociais. Brasília, DF: Ed. UnB, 2020.

a obra de Kafka) seria capaz de recombina de uma maneira imprevisível os fragmentos da realidade, trazendo à luz uma ordem superior”.⁹⁴³ Cada uma das fontes desse grupo oferecem perspectivas de um momento do IFT e daqueles que as produziram. Mesmo os fichamentos e resumos de uma mesma obra, dão um ponto de vista do aluno e do momento vivido em relação ao assunto em discussão. Um desafio do historiador na construção da narrativa histórica é buscar os sentidos e as perspectivas diversas das e nas fontes.

Esse grupo de fontes traz algumas informações importantes. Do ano de 1969, cedidas pelo Professor CARN, encontram-se um calendário do ano letivo da sua disciplina, as anotações a respeito da distribuição de trabalhos de pesquisa, leituras e fichamentos de livros, a tabela de notas para a formação da média final e, em uma metade de folha avulsa, as observações a um aluno não identificado a respeito do seu trabalho. Outros trabalhos feitos pelos seus alunos dão uma ideia de alguns conteúdos administrados e discutidos então, trazendo elementos do ambiente cultural e religioso na sua prática, as expectativas quanto a novas formas de pensar teologicamente e de viver a fé cristã. Tais fontes permitem pensar na reconstrução do dia a dia de uma sala de aula no IFT no seu último ano, da relação professor-aluno, das exigências acadêmicas, da reação dos alunos em uma disciplina “non grata” pela sua relação com a “tradição” eclesiástica e a criatividade para adequá-la ao que se entendia então como “mundo moderno”. Com os devidos critérios, é possível passar da literatura das fontes para uma “literatura do real”, com uma narrativa histórica que mostra algo da experiência factual a partir da materialidade das fontes, e uma racionalidade que traduz a vivacidade e a dinâmica dos personagens históricos envolvidos.

Hannah Arendt via na década de 1960 a consumação de uma ruptura com a “tradição” intelectual, que já se manifestava desde os fins do século XIX. Dentre as várias crises que ela discute nos seus textos, está a “crise na educação”. Embora seu foco seja a sociedade norte-americana, onde ela vivia, vários pontos abordados por ela são relevantes para entender a crise que se estabelece no ambiente acadêmico teológico e na formação religiosa e sacerdotal entre o “antigo” modelo tridentino e o “novo” modelo pós-conciliar, a ser construído.

⁹⁴³ GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Cia das Letras, 2007. p. 233.

Uma crise nos obriga a voltar às questões mesmas e exige respostas novas ou velhas, mas de qualquer modo julgamentos diretos. Uma crise só se torna um desastre quando respondemos a ela com juízos pré-formados, isto é, com preconceitos. Uma atitude dessas não apenas aguça a crise como nos priva da experiência da realidade e da oportunidade por ela proporcionada à reflexão.⁹⁴⁴

Para ela, a crise no ambiente educacional geral no mundo e em cada país com características próprias se devia à “ilusão emergente do ‘páthos do novo’”.⁹⁴⁵ Por essa expressão, ela chamou a forma não suficientemente refletida como que se estabeleceu o “complexo de modernas teorias educacionais originárias da Europa Central e que consistem em uma impressionante miscelânea de bom senso e absurdo levar a cabo, sob a divisa da educação progressista, uma radical revolução de todo o sistema educacional”.⁹⁴⁶ Isso, num mundo onde o senso comum desaparecera, o senso de autoridade se rompera e novas interpretações e práticas políticas do conceito de igualdade emergiram.

A crise da autoridade na educação guarda a mais estreita conexão com a crise da tradição, ou seja, com a crise de nossa atitude face ao âmbito do passado.⁹⁴⁷

A tensão estaria presente no ambiente educacional, uma vez que ele se colocava como mediador entre o mundo “pronto” no qual um ser humano nasce e o mundo a ser renovado por cada geração.

Carlos Antônio Aguirre Rojas, historiador mexicano, discute o surgimento de uma “contra história” radical na historiografia a partir de 1968, que teria sido derrotada no âmbito político e imediato, mas vencedora posteriormente, uma vez que os movimentos sociais e políticos de então “conseguiram desencadear uma transformação

⁹⁴⁴ ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 223.

⁹⁴⁵ Uma ânsia extremamente sofrível por construir algo “novo” está muito presente e notavelmente observável nas fontes.

⁹⁴⁶ *Ibid.*, p. 226-227.

⁹⁴⁷ *Ibid.*, p. 243.

profunda e irreversível do conjunto das estruturas da reprodução cultural de todas as sociedades do planeta”.⁹⁴⁸ “Contra” é uma palavra expressiva no contexto existencial do IFT, sobretudo nos anos de 1968 e 1969: contra cultura, contra tradição, contra autoridade, contra regime militar, contra usos e costumes estabelecidos, contra “Trento”. Os trabalhos elaborados pelos estudantes apontam para esse “clima” de “contra”, ao mesmo tempo que manifestam os anseios por algo novo e, em um deles, uma reação defensiva discreta às “novidades” teológicas do momento.

A quase totalidade das fontes desse grupo consiste em fontes textuais cuja autoria nem sempre é expressa, ou é remetida à instituição. Tratando da “literatura”, José Carlos d’Assunção Barros diz que “o autor pode se esconder atrás de um personagem, e podem mesmo se distribuir discursivamente nos diversos personagens. Mas a autoria existe muito claramente”.⁹⁴⁹ Uma apostila anônima remete diretamente aos personagens institucionais; os trabalhos dos alunos, mesmo aqueles pretensamente mais objetivos, como o caso de fichamentos e resumos, revelam traços daqueles que os produziram. “Ao historiador cabe decifrar as inversões, contradições e silêncios”,⁹⁵⁰ diz Barros. Ao fazer a leitura, o historiador também se torna sujeito do processo, uma vez que “a leitura é também um ato criador, e está longe de ser uma ação passiva”.⁹⁵¹ Como J. Rüsen, Barros também trata da necessidade de se observar a intencionalidade das fontes; essas fontes como suporte e mensagem; e a variedade e polifonia presente nelas.

Nessas fontes, ecoa a voz de uma instituição que se alinha ao coro contrário àquilo que era considerado “tridentino”, aos movimentos emergentes e suas críticas culturais, políticas e sociais, ao mesmo tempo que se vê ameaçada pela autoridade eclesiástica local e com a qual buscou um “diálogo”, sem deixar os novos parâmetros do pensamento teológico e pastoral desde uma perspectiva de “libertação”. Cada fonte, na sua materialidade, traz indícios de algumas inovações técnicas, refletidas pela variedade de tipos de papéis, pelos instrumentos de escrita, como as canetas

⁹⁴⁸ AGUIRRE ROJAS, Carlos Antônio. **Antimanual do mau historiador**. Londrina: EDUEL, 2007. p. 65.

⁹⁴⁹ BARROS, José d’Assunção. **Fontes históricas**: introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 97.

⁹⁵⁰ *Ibid.*, p. 100.

⁹⁵¹ *Ibid.*, p. 100-101.

tinteiros aos poucos substituídas pelas esferográficas, pela popularização das máquinas de datilografar e dos recursos multiplicadores, como os mimeógrafos. As bibliografias citadas, trabalhadas em sala de aula e fichadas pelos estudantes ou utilizadas em suas pesquisas, reforçam a tendência intelectual da busca do diálogo com as filosofias e teologias em efervescência, bem como com os novos estilos de vida propostos então. As formas de trabalhos dos alunos apontam para algumas novidades no ambiente teológico: a prática de fichamentos e resumos, desconhecida por alguns estudantes, e as pesquisas de campo, na busca de dar mais “cientificidade” e praticidade numa área do pensamento tradicionalmente abstrata e metafísica, como a Teologia.

A primeira fonte trata-se de uma folha de papel ofício, datilografada e mimeografada a álcool, o “Calendário do ano letivo – 1969”, entre parênteses e manuscrito: “(IFT)”. Constam 34 semanas de aula e 170 dias letivos. O início das atividades ocorreu com a aula inaugural no dia 07 de março, “Dia de São Tomás de Aquino”, segundo o antigo calendário litúrgico da tradição dominicana.⁹⁵² O encerramento estava agendado para o dia 05 de dezembro e os exames finais entre 08 e 12 de dezembro. Quatro feriados religiosos, Semana Santa de 02 a 07 de abril, Ascensão do Senhor, dia 15 de maio, Corpus Christi, 05 de junho, e Assunção de Maria, 15 de agosto. Dois feriados civis, Tiradentes (21 de abril)⁹⁵³ e Dia do Trabalho (01 de maio)⁹⁵⁴ constam no calendário como folga. Enquanto momentos específicos de atividades acadêmicas estão a “Semana de Estudos Intensivos” em setembro, sem especificar data ou detalhes, e a “Semana de Aprofundamento Pessoal”, de 03 a 07 de novembro. Igualmente não há mais detalhes sobre o que seria esse segundo evento.

⁹⁵² Cf. DIA DE SÃO TOMÁS DE AQUINO. 2014. Disponível em: <https://juventudedominicana.wordpress.com/2014/03/07/dia-de-sao-tomas-de-aquino/>. Acesso em: fev. 2023. A celebração do dia São Tomás de Aquino em 7 de março pelos dominicanos se deve ao fato de que, nesta data, faz-se a memória de sua morte. No dia 28 de janeiro, data do calendário litúrgico da Igreja Católica, se comemora em razão da transferência de seu corpo para o Convento Jacobinos de Toulouse.

⁹⁵³ “O dia 21 de abril tornou-se **feriado** nacional em 9 de dezembro de 1965. Isso foi feito pelo presidente marechal Castelo Branco por meio da Lei N. 4.897. Tal lei também instituiu o título de “Patrono da Nação Brasileira” a **Tiradentes**”. Cf. <https://mundoeducacao.uol.com.br/datas-comemorativas/tiradentes.htm>. Acesso em: nov. 2021.

⁹⁵⁴ “Em 1924, o então presidente Artur Bernardes decretou feriado oficial. Além de ser um dia de descanso, o 1º de maio é uma data com ações voltadas para os trabalhadores. Não por acaso, a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) foi anunciada no dia 1º de maio de 1943, pelo então presidente Getúlio Vargas.” Cf. <https://paginas.uepa.br/nas/?p=451>. Acesso em: nov. 2021.

Outra fonte consiste numa lista de “Livros a fichar (IFT)”, em manuscrito como título. Sem nenhuma indicação institucional, a folha mimeografada a álcool traz no alto alguns campos a serem preenchidos como “2º ano de Propedêutica – aula de..... data... Matéria lecionada... Professor.... assinatura”. A não indicação clara da instituição suscita algumas perguntas. No ano de 1969 o AI5 encontrava-se em pleno vigor. Seria uma forma de evitar a exposição do IFT da mira dos órgãos de segurança do Estado? Uma falha, descuido ou despreocupação da própria instituição? Era uma folha sem maiores formalidades, apenas instrumental, útil ao professor? Abaixo, seguem os nomes dos alunos com o espaço para indicação dos trabalhos a serem realizados. Em manuscrito estão bibliografias a serem fichadas ou trabalhadas; ao lado de algumas, a nota ou a divisão para a formação da média. A fonte parece ser um rascunho feito pelo professor. A relação oficial de médias deve ter sido passada em outro documento. Algumas bibliografias são em francês e espanhol. Os nomes e as bibliografias estão assim indicados:

1. Antônio Benedito Stefani - M. Lelong - Diálogo com os ateus
2. Antonio Favarin (riscado)
3. Casimiro Novacoski (riscado)
4. Domingos F. E. Guimarães - Henri Bouillard, La Connaissance de Dieu
5. Êrcio Antônio Fiorini - Etienne Gilson, Existencia na Filosofia de Santo Tomás
6. Francisco de Assis Cunha - John A. T. Robinson, Pesquisa em torno de Deus
7. Francisco Negrini Romeiro - (Perspectiva -?- Sociológica) J. Lacroix, Posições do Ateísmo Contemporâneo
8. Gabriel Arcanjo Nogueira - Lenita de Oliveira, O Deus absenteísta (? - grafia duvidosa)
9. Jairo Antônio de Andrade - Schillebeeckx, Dios y el hombre
10. João Elias Pancoto - Cornélio Fabro, Deus - Edições Paulinas
11. José Aparecido de Oliveira - Schillebeeckx, Dieu et l'homme
12. José Luiz dos Santos - Catecismo Holandês
13. José Maria de Araújo Valente (riscado)
14. José Pereira dos Santos (riscado)
15. Luis Silvestre Peres - Lumière et Vie – Secularização e Morte de Deus
16. Manoel Parrado Carral - John A. T. Robinson, Pesquisa em torno de Deus
17. Norberto Sorato (riscado)
18. Otávio Gobatto (riscado)
19. Pedro Correa Toledo - Cornélio Fabro, Deus
20. Quinto Piazza - Charles Moeller, Mentalidade Moderna e Evangelização
21. Renato Pavão - John A. T. Robinson, Pesquisa em torno de Deus
22. Leocádia - Henri de Lubac, Sur les Chemins de Dieu
23. Eládia (ou Eladir?) - (Psicologia) Victor White, Dios y el inconsciente

No ano de 1969, a crise de evasão de candidatos, de sacerdotes e religiosos no âmbito da formação nos seminários já manifestava seus efeitos. Os seis nomes riscados possivelmente eram de candidatos inscritos no curso e que teriam deixado os seminários. O maior grupo, por congregação, parece ser o de seminaristas agostinianos recoletos, ao menos seis estudantes: Antônio Benedito, Ércio Fiorini, Francisco Cunha, Jairo Andrade, João Elias Pancoto e José Luiz dos Santos. Os dois últimos nomes da lista são femininos e encontram-se manuscritos. Leocádia era freira e seu nome aparece em trabalhos realizados. O outro nome possivelmente também seria de uma freira, no entanto, seu nome não consta nos trabalhos cedidos. Embora os entrevistados não se recordassem da presença feminina no IFT, elas aparecem nessas fontes, tais como os de “Terezinha” e “Beatrice” nas atas do DAXIX. O silêncio quanto à memória dessas mulheres na instituição é uma incógnita. Eni Puccinelli Orlandi⁹⁵⁵ trabalhou as diversas formas de variação de sentido do silêncio sobretudo como resistência a um ambiente de censura. O AI5 se estabelecia em 1969, no entanto, censurar a presença feminina num ambiente eclesiástico não seria de interesse do Estado. Seria então um temor de censura “eclesiástica”?

Uma folha avulsa de papel almaço manuscrita com observações do professor, a lápis, possivelmente a última página de um trabalho de um aluno não identificado, traz os seguintes dizeres:

O seu trabalho não está de todo mal. Precisaria explicitar mais o placar -? ⁹⁵⁶ (Ordem da exposição);

2) evitar frases longas - diga uma coisa de cada vez - o conjunto de sua redação é bastante confuso.

3) Não separar as sílabas da mesma palavra.

Nota: 6. ⁹⁵⁷

⁹⁵⁵ Cf. ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

⁹⁵⁶ Dúvida quanto à grafia da palavra que parece ser “placar”.

⁹⁵⁷ Folha de papel almaço avulsa com observações sobre o trabalho do aluno.

A palavra em dúvida parecer ser “placar”. O futebol não só era uma prática esportiva comum nos seminários como as conversas e discussões sobre times e campeonatos eram frequentes e calorosas.⁹⁵⁸ Tratava-se de um ano de vésperas de campeonato mundial. O próprio diretório acadêmico do IFT dispunha de um “Departamento Esportivo” que se encarregava de organizar campeonatos como forma de arrecadar fundos para o DAXIX.⁹⁵⁹ As referências sobre o departamento e suas atividades apareceram nas atas de 1966 e 1967. À medida que as discussões em torno da política e das manifestações se tornaram mais acaloradas, as atividades esportivas não tiveram mais registros nas atas.

A quarta fonte de uso próprio do professor trata-se de uma folha manuscrita na frente e no verso, de forma esquemática. Na parte que está sendo chamada aqui de “Frente” traz nos nomes de partes ou livros da Bíblia e o respectivo aluno:

Trabalhos -

1. Sabed. - Domingos (riscado)
2. Rom. - Aparecido
3. Velho I - Leocádia

Em letras grandes, de caneta tinteiro de ponta grossa ou pincel fino, sublinhadas, está: IFT. No “verso”, uma lista de trabalhos com cinco indicações de temas, bibliografia e datas, todas de junho de 1969, talvez se referindo à entrega pelo aluno. Alguns parecem ter sido feitos em grupo. Nenhum trabalho citado foi entregue no pacote cedido pelo professor. Três nomes não constam na lista referida acima.

Trabalhos

1. Evolução do Conceito de Deus no A. T. - cf. Artigo de CT Dieu - Kihal Sob - LTK - Texto IFT
Giovanni - 2/6
Jairo - 2/6
2. O nome de Yavé - S.D. Goitein, YHWH the passionate. The monotheistic meaning and origin of the name YHWH, in VT 6 (1956) p. 1-9 - Texto IFT
Alfonso - 9/6 (este nome não consta na lista)
Gabriel - 9/6
3. A Santidade de Deus – Ed. Jacob, Theologie de l’A.T... p. 69-74 (1e. Partie, chap. VI)
P. Celar - 15/6 (este nome não consta na lista)
J. Luiz - 9/6

⁹⁵⁸ Entrevista com Sr. RL.

⁹⁵⁹ Livro de Atas do DAXIX, p. 12.15.36.50.

4. Deus no N.T. - Rahner, Dieu dans le N. T. - Texto IFT (Espanhol)
Rezende - 23/6 (este nome não consta na lista)
A. Benedito - 16/6
5. 23/6 - Exp. Domingos Guimarães sobre o livro de H. Bouillard, La connaissance de Dieu

Todas as bibliografias indicadas são em língua estrangeira; a maioria delas em francês, uma em inglês e outra em espanhol. As indicações em três delas sugerem uma prática frequente no meio acadêmico: deixar os textos disponíveis para os alunos na instituição. Nessa época, possivelmente os textos teriam sido datilografados e talvez ainda mimeografados.

Por fim, uma tabela manuscrita de notas, feita com o traçado por régua, com campos para os meses de aula do segundo semestre de 1969, de nota do primeiro semestre, trabalhos, livros e a média final dos aprovados. São listados 18 alunos, coincidindo com os não riscados na lista de alunos datilografada e mimeografada. Quatro alunos têm os campos totalmente em branco. Apenas outros quatro têm as notas do primeiro semestre. De um, consta uma nota referente ao mês de agosto, possivelmente se referindo a aluno desistente. Dessa forma, treze alunos tiveram a formação da média final, todas acima de “sete”. Essa tabela parece também ser um rascunho utilizado feito pelo professor antes de entregar a relação definitiva na instituição. Segundo o relatório de Frei Agostinho Borges e Frei Adaury Fiorotti “Como procede la vida de nuestros estudiantes en el Instituto de Filosofía y Teología (I.F.T.) de São Paulo”,⁹⁶⁰ o IFT contava com 160 alunos em 1966. Quantas turmas teria o IFT em 1969, após as evasões de seminaristas e padres e após o conflito com o cardeal?

Os trabalhos individuais somam um total de doze, sendo que alguns têm conteúdo mais denso. Os temas se relacionam à busca de um entendimento de “Deus” dentro de perspectivas filosóficas e teológicas que circulavam no ambiente acadêmico, tais como os teólogos holandeses e o francês Jacques Maritain. Oito foram datilografados, sendo quatro em fichas pautadas. Todos os trabalhos foram entregues em fins de novembro ou início de dezembro de 1969, época em que os dominicanos

⁹⁶⁰ Cf. PAULA, Sérgio Peres de. O IFT e os Agostinianos Recoletos, a partir dos documentos do Capítulo Província da Província de Santa Rita de Cássia – 1966. **Recollectio: Annuarium Historicum Augustinianum**, Madrid, n. 43, p. 73-88, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7688259.pdf>. Acesso em: maio 2021.

foram atingidos pelo “Caso Marighella”, com a prisão de alguns de seus frades, incluindo alunos e ex-alunos do IFT.

Antônio Benedito Stefani,⁹⁶¹ estudante agostiniano recoleto, fez um fichamento do livro “Diálogo com os ateus”, de Michel Lelong. Datilografado em folha ofício, com capa e duas páginas. Extremamente sintético, ele introduz e encerra o trabalho dirigindo-se diretamente ao professor, manifestando suas dificuldades e escusas. Primeiro, ele expôs seu desconhecimento de uma prática metodológica, provavelmente nova naqueles anos, ao menos no ambiente de formação eclesiástica:

Como nunca fiz o fichamento de um livro, tentarei fazer alguma coisa que não é propriamente um fichamento.⁹⁶²

Na nota final, tratando o professor apenas pelo nome, sem formalidades, ele escreveu:

Nota: Carlos, quero aqui neste final de página dizer alguma coisa sobre o seu curso. Em primeiro lugar, sem demagogia, devo dizer que o seu curso foi dos que mais exigiu de nós e isto só veio nos enriquecer. Peço desculpas por talvez não ter correspondido com o que você esperava. Agradeço por tudo que fez por mim, ou melhor, por nós. Obrigado.⁹⁶³

Frade dominicano, Domingos F. E. Guimarães,⁹⁶⁴ o último presidente do DA-XIX, fez um trabalho extenso em relação aos demais sobre “A busca de Deus”. Ao final, traz uma relação de 24 bibliografias como referência do seu trabalho, dois capítulos sobre o conhecimento de Deus a partir de determinadas passagens bíblicas, a saber: Sabedoria 13, 1-9 e Romanos 1, 18-23 e conclusão. No seu primeiro capítulo, intitulado “O conhecimento de Deus a partir das coisas criadas”,⁹⁶⁵ trouxe uma visão

⁹⁶¹ STEFANI, Antônio Benedito. **Diálogo com os ateus**. São Paulo: IFT, 1969. Trabalho individual, datilografado em folha ofício, capa e duas páginas, fichamento do livro de LELONG, Michel. **Diálogo com os ateus**. São Paulo: Editora Duas Cidades, 1968. (Coleção Igreja sem Fronteiras, 4).

⁹⁶² *Ibid.*, p. 1.

⁹⁶³ *Ibid.*, p. 2.

⁹⁶⁴ GUIMARÃES, Domingos F. E. **A busca de Deus**. São Paulo: IFT, 1969. Trabalho individual para o curso de “Dogma”, datilografado, 12 páginas, incluindo a capa, que não foi contada na enumeração do trabalho.

⁹⁶⁵ *Ibid.*, p. 1.

antropológica existencialista, hegeliana e marxista bastante semelhante ao conteúdo da apostila da “Ação Popular”⁹⁶⁶ e da reportagem de Narciso Kalili na revista “Realidade”,⁹⁶⁷ após esse jornalista passar uma semana no convento dominicano em 1966. O uso frequente do verbo “engajar”, a ênfase na referência hegeliana ao aspecto da “consciência” inquisidora, formadora da “ciência”, do universo como totalidade no qual o ser humano estaria inserido, ao caráter evolutivo do Absoluto e do processo de construção e consciência histórica, ao darwinismo, como a luta pela sobrevivência, tudo isso reflete a visão filosófica da AP à qual, como dominicano, provavelmente estaria vinculado. Estabeleceu críticas às tradições filosóficas e religiosas, nas quais o estudante via a insuficiência da metafísica da criação e da metafísica panteísta para explicar a multiplicidade dos seres: “colações tidas como verdades religiosas”.⁹⁶⁸ Igualmente, a visão “crítica”⁹⁶⁹ seria insuficiente, porém, já representaria um avanço e uma evolução em relação à visão metafísica. Na sua conclusão, o estudante destacou o “Absoluto” como questão fundamental para o ser humano e o mundo, numa perspectiva teleológica: “todas as coisas caminham para um fim certo. Talvez num processo violento de mutação”,⁹⁷⁰ no qual Deus falaria a cada um no seu interior, independente da época e do status social. Sobre a ruptura com o passado e um processo de libertação rumo à utopia, escreveu o estudante:

O homem de hoje deve se libertar do passado e viver uma dinâmica que o lance ao futuro escatológico do mundo com um profundo enraizamento na ação presente de cada um.

Com uma interrogação, ele levanta um tema muito discutido na época no ambiente teológico, apresentado pelo Concílio Vaticano II e presente no artigo de um dos professores do IFT, o então dominicano Frei Bernardo Catão:⁹⁷¹ “A vocação do mundo é o homem e a vocação do homem qual seria?” Com temas e formas semelhantes, o

⁹⁶⁶ AÇÃO Popular. Apostila mimeografada. P12-2. (Não datada, 20 páginas).

⁹⁶⁷ KALILI, Narciso. Revolução na Igreja. **Realidade**, São Paulo, ano 1, n. 7, p. 34-42, out. 1966. Cf. acervo digital da revista “Realidade”.

⁹⁶⁸ *Ibid.*, p. 2; “colação” aqui tem o sentido de colóquio, discurso.

⁹⁶⁹ Eni P. Orlandi tratou sobre as diversas formas de silêncio em ambientes de censura em obra já referida anteriormente. Provavelmente aqui, o termo “crítica” é uma forma referir-se à Escola de Frankfurt ao invés de dizer diretamente “marxista”, num momento de censura e repressão em relação ao comunismo, socialismo e o próprio marxismo.

⁹⁷⁰ *Ibid.*, p. 10.

⁹⁷¹ CATÃO, Frei Bernardo. **Vocação do mundo e missão da Igreja**. São Paulo, 06 de novembro de 1965. P2-23. Datilografado. (13 páginas).

mesmo estudante fez um fichamento do livro em espanhol de Olegário González de Cardedal, “Teología Y Antropología”.⁹⁷² Para isso, ele se utilizou de fichas pautadas em papel cartão, escrevendo na frente e no verso, fazendo uma conexão para compreender o “problema de Deus” entre São Tomás de Aquino e as antropologias filosóficas mais recentes, a partir da expressão “imagem de Deus”.

Ércio Antônio Fiorini⁹⁷³ elaborou um resumo, sem manifestações pessoais explícitas, datilografado em papel ofício do livro de Jacques Maritain, “Caminhos para Deus”. Dessa obra, ele realçou como o autor tratou das várias vias para se chegar a Deus, porém, destacando o conhecimento de Deus pela Razão ou forças naturais do espírito humano. Partindo do conhecimento natural e pré-filosófico de Deus, como “intuição”, passando pelo conhecimento filosófico, como as cinco vias de Santo Tomás, ele tratou de outros caminhos, tais como a experiência poética e a criação estética; a vida moral e a liberdade; o testemunho e o exemplo dos ‘amigos de Deus’; e, por fim, o desejo “transnatural” de ver a Deus.

Irmã Leocádia Alves⁹⁷⁴ resumiu o livro “Deus e o Homem”, de um dos teólogos mais influentes na época, o holandês Edward Schillebeeckx. Datilografado em fichas pautadas, a estudante destacou que para o autor a salvação se realizaria no cotidiano da vida no mundo, na relação com o ‘terrestre’. A ciência queria desmascarar a religião e desmorróná-la. O “Homem de hoje” seria alguém com consciência de seu lugar no mundo e se sentia plenamente autônomo nele. A liberdade se constituía no elemento que daria sentido à vida do homem no mundo, a dignificaria e permitiria criar valores para uma existência verdadeiramente humana. O fenômeno do ateísmo moderno se devia como consequência da forma como os “crentes” vivenciaram a sua fé com visões deformadas de Deus. A intervenção livre, responsável e corajosa do ser humano

⁹⁷² GUIMARÃES, Domingos F. E. **Teología y antropología**. São Paulo: IFT, 1969. Fichamento do Livro de GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegário. **Teología Y antropología**, 1967. 13 fichas pautadas, manuscritas frente e verso, num total de 25 páginas.

⁹⁷³ FIORINI, Ércio Antônio. **Caminhos para Deus**. 1969. (9 páginas). Trabalho individual, datilografado, capa (capa não incluída na numeração), resumo do livro MARITAIN, Jacques. **Caminhos para Deus**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1962.

⁹⁷⁴ ALVES, Irmã Leocádia. **Edward Schillebeeckx, Deus e o Homem**. Fichamento datilografado em fichas pautadas, 03 fichas, frente e verso, numeradas de 1 a 6.

no mundo se fundaria em Deus e no “diálogo” com Ele, não bastando a oração fari-saica.⁹⁷⁵ O mundo atual exigiria uma nova forma de santidade: a atuação responsável dos leigos. A experiência humana, mesmo não religiosa, traria certo caráter teísta, de forma que mesmo num humanismo não-religioso haveria uma ação de Deus. Dessa forma, o autor tratou da questão da secularização cristã.⁹⁷⁶ Por fim, o autor do livro discutiu com o teólogo inglês John Robinson⁹⁷⁷ sobre o mundo secularizado. E concluiu a aluna do IFT:

O material aqui encontrado nos dá pistas a fim de que possamos continuar em busca de novos caminhos. Vivemos numa sociedade bastante complexa, daí a necessidade de uma criatividade muito maior, sendo necessário evitar o ‘unilateralismo’.⁹⁷⁸

O trabalho de João Elias Pancoto,⁹⁷⁹ estudante agostiniano recoleto, também consistiu num fichamento do livro de Cornélio Fabro, intitulado “Deus”. Para o estudante, o autor oferecia uma exposição do tema focada no aspecto psicológico da relação Deus e consciência humana; apresentou as diversas formas de ateísmo (prático, teórico, agnosticismo) e discutiu sobre as “provas” da existência de Deus, o “conhecimento analógico” e a “vida do espírito” como base para a ética e o “direito natural”. Por fim, na conclusão do autor, ele tratou da questão de Deus no pensamento contemporâneo com uma “saturação teológica”, que afastaria as “massas” da procura pela “verdade teológica”, fixando-se nas formas mais imediatas e práticas ou na realização do “reino de Deus” neste mundo, através da justiça social e da paz entre os povos. Para o aluno, a especialidade do autor em Filosofia deixava o texto confuso no jogo de termos e na argumentação e ele disse, sem aprofundar mais, que sentia que “faltava algo”. Do mesmo estudante,⁹⁸⁰ há um outro trabalho individual, datilografado em papel ofício. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica sobre o mesmo tema do fichamento anterior. A bibliografia fichada encontra-se entre outras utilizadas pelo aluno.

⁹⁷⁵ *Ibid.*, Ficha II, p. 3.

⁹⁷⁶ *Ibid.*, Ficha II, p. 4.

⁹⁷⁷ O livro de ROBINSON, John A. T. **Pesquisa em torno de Deus**. Lisboa: Ed. Moraes, 1968, será resenhado pelos estudantes nos trabalhos em grupo, como será tratado mais adiante.

⁹⁷⁸ *Ibid.*, Ficha III, p.6.

⁹⁷⁹ PANCOTO, João Elias. **Deus**. 1969. (Pesquisa bibliográfica, 6 páginas). Manuscrito em ficha pautada, 04 fichas, numeradas na frente com algarismos arábicos e no verso com letras; fichamento do livro de FABRO, Cornélio. **Deus**. São Paulo: Editora Herder, 1967.

⁹⁸⁰ *Ibid.*

Na introdução, de maneira bastante espontânea e informal, com uma linguagem coloquial e direta ao professor, o estudante expôs novamente suas dificuldades em elaborar o trabalho:

Carlos Arthur, passo-lhe às mãos o meu trabalho. Confesso que encontrei bastante dificuldades para escrever, poderia dizer que uma delas foi enquanto à assimilação onde não fui feliz. Procurei vários temas, não sendo possível desenvolvê-los caí finalmente neste que é fruto de algumas leituras sobre o assunto... Nota-se que não usei método para escrever, há meses que venho dando pulo sem saber onde pisar... Sinto-me meio perdido no meio de tudo e não [sei] como capta”.⁹⁸¹

Toda a dissertação encontra-se em uma linguagem informal sobre “Deus”, sobre as diversas formas como as civilizações se relacionaram com ele e as tendências atuais de negação e intolerância em relação a ele. O estudante retomou a ideia da “saturação da Teologia” nas investigações filosóficas e metafísicas nos tempos atuais, que privilegiavam os problemas culturais e fenomenológicos, e realçou os limites da ciência, que traziam conforto, mas também fracassavam. Num tom irônico em relação à viagem do primeiro astronauta ao espaço, escreveu o aluno:

Yuri Gagarin que pela primeira vez esteve em órbita terrestre disse aos jornalistas que ‘não encontrou Deus lá em cima’. Creio que ele quando estava no espaço nem pensou em Deus, e se pensasse não o encontraria nunca porque estava procurando em lugar errado.⁹⁸²

O estudante prosseguiu com uma discussão em torno da palavra “Deus” e sua existência. Ao final, citando Jacques Maritain e o Papa Paulo VI, concluiu que o lugar de Deus seria no coração do ser humano, de tal forma que para conhecê-lo seria preciso conhecer o homem. “O Deus que os ateus negam é um Deus de caricatura, um falso deus”.⁹⁸³ A linguagem coloquial do estudante traz à luz suas dificuldades em

⁹⁸¹ *Ibid.*, introdução em página não numerada.

⁹⁸² *Ibid.*, p. 1-2.

⁹⁸³ *Ibid.*, p. 5.

relação à pedagogia acadêmica e certa resistência em relação às reflexões teológicas em voga, em geral absorvidas com entusiasmo pelos demais.

Dirigindo-se de maneira mais formal ao professor, José Aparecido de Oliveira⁹⁸⁴ escreveu o trabalho, “A existência de Deus hoje”, mantendo uma “Introdução” com linguagem coloquial e pessoal. De forma direta, manifestou ao professor os objetivos e justificativas do trabalho. Tratava-se de um resumo de um artigo de Frei M. Corvez, OP, em que o autor procurou fundamentos lógico-rationais, desde científicos até filosóficos, para a existência de Deus, num mundo onde o ateísmo avançava cada vez mais. A escolha do artigo se deveu a uma necessidade pessoal, expressa pelo estudante várias vezes.

Sr. Professor: Este trabalho surgiu de uma necessidade pessoal... notei, na minha formação pessoal, uma lacuna: uma visão do tratado de Deus segundo a forma tradicional aristotélico-tomista...

Tendo pesquisado outras fontes, focou no artigo referido

... que atendia minhas necessidades pessoais de momento. Pus mão à obra. Resumi, interpretei, e em alguns pontos, não consegui ir além de uma simples tradução, por exemplo, nas conclusões finais, dada a linguagem sintética e precisa do autor”.⁹⁸⁵

Além da linguagem fenomenológica hegeliana na visão antropológica e científica, à semelhança da apostila da AP, o autor resenhado trouxe uma discussão sobre o “Acaso” e a “Necessidade”, cujo tema seria publicado em livro pelo cientista francês Jacques Monod no ano seguinte,⁹⁸⁶ com grande repercussão.

⁹⁸⁴ OLIVEIRA, José Aparecido de. **A existência de Deus hoje**. São Paulo: IFT, 1969. Trabalho individual, datilografado em papel ofício, 08 páginas (capa e introdução não foram numeradas); Fonte bibliográfica: Nouvelle Revue Théologique, n. 4, abr. 1969, tomo 89.

⁹⁸⁵ *Ibid.*, introdução não numerada

⁹⁸⁶ “O Acaso e Necessidade”, publicado em 1970 por Jacques Monod, impactou na forma de avaliar os processos biológicos e a evolução; em língua portuguesa existem muitas edições da obra nas últimas três décadas.

O “Novo Catecismo - A fé para adultos”,⁹⁸⁷ também chamado “Catecismo Holandês” foi publicado em 1966, pelos bispos holandeses, inspirado nas obras do teólogo flamengo Edward Cornelis Florentius Alfonsus Schilleebeckx (1914-2009), dominicano, dentro do clima de “aggiornamento” e dessacralização das estruturas da Igreja Católica. Polêmica, a obra repercutiu ainda pelas décadas seguintes. O estudante agostiniano recoleto José Luiz dos Santos⁹⁸⁸ fez uma síntese manuscrita em fichas pautadas de alguns pontos sobre “Deus” a partir dessa obra. O fichamento consistiu numa reprodução “ipsis litteris”, devidamente entre aspas e com citação da página, sobre as referências a Deus no catecismo holandês, sem nenhum texto pessoal do aluno, datado de 08 de dezembro de 1969.

Quinto Piazza⁹⁸⁹ fez um resumo do livro “Mentalidade Moderna e Evangelização - Deus”, abrindo seu texto com uma fala pessoal e impressões do aluno em relação ao texto fichado dentro do contexto polêmico da juventude de sua época:

Estou diante dum livro bastante árduo para ser fichado. Nele são abordados temas por demais profundos. Para isto, basta pensar nas dificuldades que se tem hoje para falar de Deus com todos os problemas a seu respeito, levantados por nossa geração. Apesar disto, tentei fazer o que está dentro das minhas possibilidades, esquecendo um pouco as deficiências e limitações.⁹⁹⁰

No resumo, com linguagem coloquial e sem citações diretas, o aluno destacou o problema do ateísmo contemporâneo; a rejeição moderna por uma possibilidade de um Deus como verdade espiritual, objetiva, universal e absoluta em tempos em que não se procurava a verdade mas valores imediatos. Ainda o mesmo estudante fez

⁹⁸⁷ Cf. MARUJO, António. O teólogo best-seller que quis pôr o catolicismo a falar com o mundo. **Público**, Lisboa, 27 dez. 2009. Disponível em: <https://www.publico.pt/2009/12/27/jornal/o-teologo-bestseller-que-quis-por-o-catolicismo--a-falar-com-o-mundo-18484753>. Acesso em: 4 abr. 2023.

⁹⁸⁸ SANTOS, José Luiz dos. **O Novo Catecismo**. São Paulo: IFT, 1969. Manuscrito em ficha pautada, cinco fichas numeradas frente e verso, 09 páginas.

⁹⁸⁹ PIAZZA, Quinto. **Mentalidade moderna e evangelização – Deus**. São Paulo: IFT, 10 de dezembro de 1969. Datilografado em papel ofício, fichamento, primeira parte, 07 páginas. Baseado no livro de MOELLER, Charles. **Mentalidade moderna e evangelização**. Petrópolis: Vozes, 1966. v. 1.

⁹⁹⁰ *Ibid.*, p. 1.

outro trabalho⁹⁹¹ sobre a “Doutrina do Vaticano II sobre o Ateísmo”, expondo também suas dificuldades para elaborá-lo.

O último trabalho individual desse conjunto de fontes é de Renato Pavão,⁹⁹² intitulado “Como ter fé em Deus hoje”. Uma vez que não há referências bibliográficas, pode ser uma reflexão pessoal e, talvez, uma síntese das aulas. O texto foi datilografado sem preocupação com o alinhamento da margem direita nem espaçamento entre parágrafos. A partir da questão se seria sensato crer em Deus nos tempos atuais, o aluno buscou uma compreensão a respeito de “Deus” e as possibilidades de crer nele. Com o problema levantado por alguns pensadores de que “Deus morreu” no mundo desmistificado, secularizado e dessacralizado, o aluno discutiu que “Deus” ou quais “deuses” teriam morrido, uma vez que o ser humano os criara por necessidade de proteção e segundo as projeções de seus desejos; e teceu também uma crítica ao moralismo e ao sistema capitalista como criadores de “ídolos”.⁹⁹³ Dissertou, em seguida, sobre o “Deus cristão” sob a perspectiva buberiana do relacionamento pessoal EU-TU, cuja expressão de amor foi Jesus, que “sofreu conosco pra uma libertação”.⁹⁹⁴ E concluiu: “Vemos, portanto, o Deus não é um Deus alienado do homem, mas um Deus que está presente em amor junto dos homens” através de uma experiência pessoal, a fé, que não seria irracional nem contra a razão, mas “acima da razão”.⁹⁹⁵

Nesse conjunto de fontes, enquanto trabalhos individuais, as relações entre professor e aluno trazem muitos acentos de informalidade no trato interpessoal, na liberdade de expressão de suas dificuldades quanto à elaboração e às metodologias, novas para alguns deles pelo menos, assim como na apreciação dos temas pesquisados pelos alunos. A metodologia de elaboração de “trabalhos científicos” e acadêmicos não apresentava tanto rigor ou, provavelmente, o professor admitia a ausência dela. A disciplina para a qual foram elaborados os trabalhos tinha forte tradição especulativa e metafísica, que exigia igualmente uma base filosófica bem alicerçada, e que

⁹⁹¹ PIAZZA, Quinto. **Doutrina do Vaticano II sobre o Ateísmo**. São Paulo: IFT, 1969. Trabalho individual, datilografado, 09 páginas, excluindo a capa; baseado em artigo referido mas não citado de Karl Rahner na revista internacional de Teologia “Concilium”.

⁹⁹² PAVÃO, Renato. **Como ter fé em Deus hoje**. São Paulo: IFT, 1969. Trabalho individual, datilografado em papel ofício, capa com manuscrito “trabalho semestral - Dogma - (De Deo Uno), 07 páginas não numeradas.

⁹⁹³ *Ibid.*, p. 2 (considerando a capa como “página 1”)

⁹⁹⁴ *Ibid.*, p. 3.

⁹⁹⁵ *Ibid.*, p. 7.

foi alvo de manifestação de dificuldades para sua absorção por alguns alunos. Os temas recorrentes nos trabalhos, seja de pesquisa bibliográfica, seja de fichamento de livros indicados pelo professor, foram o fenômeno do ateísmo moderno e a busca de novas formas de compreender “Deus”. Uma vez que o ateísmo já estaria consolidado, a postura de confronto foi encarada como a não mais adequada. Era um fenômeno que precisava ser discutido a partir do diálogo com os ateus, trazendo à reflexão teológica até mesmo a possibilidade da “salvação dos ateus”. O tema sobre “Deus” foi trabalhado desde a perspectiva de novos entendimentos sobre as possibilidades de seu conhecimento segundo as filosofias “modernas”. Assim, a afirmação do antropocentrismo constituiu uma temática discutida com insistência, juntamente com a valorização das ciências humanas e dos avanços tecnológicos. De forma paradoxal, criticava-se e buscava-se romper tanto com a reflexão teológico-filosófica tradicional, o “Deus dos filósofos”, como com a religiosidade e as manifestações de fé populares, considerada infantil e imatura. Um aluno, no entanto, reclamou da ausência de um conhecimento dessa tradição. A formação nos seminários não atenderia mais às necessidades daquele momento, pois, estaria ainda sujeita ao “Deus dos filósofos” e a prática pastoral da igreja, igualmente estaria inadequada, uma vez que presa à estrutura tridentina tradicional, que alimentaria um relacionamento infantil com Deus na prática sacramental e na vivência popular da fé.

Nas fontes, algumas filosofias perpassam como pano de fundo, tais como o existencialismo, a fenomenologia hegeliana, o marxismo e o evolucionismo, não só naturalista, mas “social”. Ante os novos desafios filosóficos, científicos e tecnológicos, presentes na “corrida espacial” e na demanda por organizações sociais alternativas, em ruptura com as estabelecidas tanto nos costumes e nos códigos jurídicos dos Estados como da Igreja Católica, a reflexão teológica urgia se atualizar e “dialogar” com essas situações; as práticas pastorais precisavam ser mais adequadas ao “homem moderno”. No mundo dessacralizado, as manifestações de fé não poderiam mais ser as do modelo tridentino.

O uso de máquinas de datilografar encontrava-se mais difundido, uma vez que a maioria dos trabalhos utilizaram esse recurso. Nos trabalhos manuscritos, o uso de canetas esferográficas colocou em desuso as antigas canetas tinteiro. O uso mais

difundido tanto de papel ofício quanto de fichas pautadas provavelmente seja reflexo de barateamento desses recursos.

Todos os trabalhos realizados em grupo, exceto o de “Frei” Domingos Guimarães, consistiram no fichamento total ou parcial do livro então recém-publicado “Pesquisa em torno de Deus”, de John A. T. Robinson.⁹⁹⁶ Em seu trabalho⁹⁹⁷ manuscrito, o estudante resumiu os capítulos VI (A jornada interior) e VII (Para além do Deus do Teísmo)⁹⁹⁸ do livro referido. No seu resumo, o estudante ressaltou dois autores. Em M. Buber,⁹⁹⁹ destacou na oração o aspecto de uma relação “Eu-tu”. De Nikolai Berdiaev,¹⁰⁰⁰ autor ortodoxo menos conhecido, considerado como um “subversivo” e bastante destacado nos resumos dos demais estudantes, ressaltou a necessidade de uma “nova espiritualidade”, que não fosse o misticismo do amor e nem o misticismo profético, mas a mística da justiça, como compromisso ativo com a ordem social, econômica e política. No resumo do outro capítulo, o estudante destacou os problemas linguísticos para tratar sobre Deus sem cair em equívocos. E concluiu: “Em última análise, quando se fala de Deus, todas as coisas são imperfeitas”.¹⁰⁰¹ Os destaques feitos pelo aluno do IFT se sintonizam com as demandas do momento de busca de

⁹⁹⁶ John Arthur Thomas Robinson, 1919-1983, foi um escritor, pesquisador do Novo Testamento, e bispo anglicano de Woolwich, Reino Unido, e professor da Universidade de Cambridge, até sua morte em 1983, em virtude de um câncer. Juntamente com o teólogo Harvey Cox, de Harvard, Estados Unidos, John Robinson foi um dos construtores da assim chamada “teologia secular”. Seu livro, “Pesquisa em torno de Deus”, publicado em 1968 em português pela Moraes Editores em 230 páginas, foi a obra utilizada pelos estudantes do IFT. Cf. <http://trinitycollegechapel.com/about/memorials/brasses/robinson/> Acesso em: 6 maio 2023.

⁹⁹⁷ GUIMARÃES, Domingos F. E. **Pesquisa em torno de Deus**. 1969. Trabalho manuscrito. (4 páginas) (numeradas na página de frente como 1 e 2; o verso não foi numerado)

⁹⁹⁸ ROBINSON, John A. T. **Pesquisa em torno de Deus**. Lisboa: Ed. Moraes, 1968. p. 171-230.

⁹⁹⁹ Martin Buber (1878-1965), judeu, jornalista e teólogo, publicou várias obras, sendo a mais conhecida “Eu e Tu”, de 1923. Cf. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1938/martin-buber-um-teologo-que-prega-o-dialogo>. Acesso em: nov. 2021.

¹⁰⁰⁰ Nikolai Berdiaev, 1874-1948, foi um filósofo e religioso russo. Teve uma infância solitária e dedicou-se com afinco aos livros da biblioteca de seu pai. Foi leitor de Hegel, Schopenhauer e Kant. Logo ao ingressar na Universidade de Kiev, tornou-se marxista. Em uma das manifestações estudantis que participou acabou sendo preso, e pouco depois foi expulso da universidade. Por conta de outros envolvimento ilegais, foi condenado ao exílio em Vologda, por três anos. Quando Nikolai Berdiaev se casou com Lydia Yudifovna Trusheff, o casal foi morar em São Petersburgo. Nesta época, Berdiaev se afastou do marxismo e retornou à filosofia e ao cristianismo. O escritor russo foi também professor da Universidade Estadual de Moscou, embora por poucos meses, pois foi mais uma vez preso. Dois anos depois, foi expulso da Rússia. Exilado, partiu primeiro para Berlim. Logo depois, foi viver em Paris. Passou o período da Segunda Guerra Mundial escrevendo livros – ao todo, quinze volumes! – que foram publicados aos poucos após o término da guerra até depois de sua morte. Berdiaev morreu em Clamart, região próxima de Paris, em 1948. (Disponível em: <https://www.erealizacoes.com.br/blog/nikolai-berdiaev-ortodoxo-e-subversivo/>). Acesso em: nov. 2021.

¹⁰⁰¹ GUIMARÃES, Domingos F. E. **Pesquisa em torno de Deus**. 1969. Trabalho manuscrito. (4 páginas). p. 2, verso.

novos entendimentos, linguagens e práticas em relação à fé e à religião em confronto com o antigo “inadequado”.

Os mesmos capítulos foram resumidos por Irmã Leocádia Alves e Manuel Parrado Carral.¹⁰⁰² Pela forma como está datilografado o trabalho, provavelmente um fez o resumo de um capítulo e outro fez a outra parte, justapondo ambas as partes. Igualmente eles destacaram a via da investigação teológica como a via da oração. Além de M. Buber, os estudantes deram um realce à mística de Teilhard de Chardin como o autêntico misticismo profético, extensível a outros ambientes seculares, como a política.¹⁰⁰³ A crise da espiritualidade tradicional e a busca de uma nova espiritualidade “revolucionária” condensam os aspectos destacados pelos estudantes.

José Aparecido e Renato Pavão¹⁰⁰⁴ foram além dos outros estudantes. Fizeram um resumo de todo o livro em dois trabalhos distintos, com praticamente o mesmo conteúdo. No texto, os alunos trouxeram um resumo de cada um dos capítulos, sendo a última página um conjunto de citações entre aspas, sem a indicação das páginas do livro. À parte, há um bilhete em papel cartão, explicando os motivos pelos quais não entregaram o trabalho em mãos, além de uma falha de secretaria, que não o entregou depois ao professor. O outro trabalho dos mesmos alunos¹⁰⁰⁵ está assinado somente por Renato Pavão com duas notas datilografadas ao final do trabalho explicando alguns equívocos na sua redação. Parece que ambos fizeram um fichamento do livro em separado, tendo feito os dois capítulos resumidos pelos demais estudantes juntos, e cada um datilografou o seu trabalho, ficando dois textos em nome dos dois estudantes.

¹⁰⁰² ALVES, Irmã Leocádia; CARRAL, Manuel Parrado. **A jornada interior**. 1969. Texto datilografado. (4 páginas), resumo dos capítulos VI e VII - “Para além do Deus do Teísmo” do livro de John A. T. Robinson, *Pesquisa em torno de Deus*, São Paulo, IFT, 1969, 04 páginas (03 páginas para o capítulo VI, datilografado, com espaçamento duplo entre as linhas, e 01 página para o capítulo VII, com espaçamento simples entre as linhas; assinatura de ambos na última página)

¹⁰⁰³ *Ibid.*, p. 1-3

¹⁰⁰⁴ PAVÃO, Renato; OLIVEIRA, José Aparecido de. **Pesquisa em torno de Deus**. São Paulo: IFT, 1969. Datilografado em papel ofício, 13 páginas e um bilhete datilografado em anexo em papel cartão.

¹⁰⁰⁵ PAVÃO, Renato; OLIVEIRA, José Aparecido de. **Trabalho de fichamento do livro Pesquisa em torno de Deus de John A. T. Robinson**. São Paulo: IFT, 1969. 12 páginas datilografadas (incluindo a capa).

Os estudantes agostinianos recoletos, João Elias Pancoto, Ércio Antônio Fiorini, José Luiz dos Santos e Antônio Benedito Stefani,¹⁰⁰⁶ elaboraram um resumo sem reflexões do grupo. Trata-se de uma síntese centrada no texto, com algumas correções à caneta, possivelmente em consequência de uma leitura posterior pelos alunos ou feitas pelo professor. As correções são sobretudo de traço em palavras escritas sem o espaçamento, algumas pontuações como vírgulas e palavras com ortografia errada. O final contém citações diretas sem as referências das páginas do livro.

O último trabalho em grupo, em nome de Quinto Piazza e Gabriel Nogueira,¹⁰⁰⁷ consiste em 12 páginas manuscritas em folha de caderno espiral, grampeadas e com muitas rasuras. As folhas foram arrancadas do caderno sem o cuidado de acertar a borda esquerda com os furos para a espiral. Muito semelhante ao resumo apresentado por outros, como o de João Elias Pancoto e colegas, com os mesmos pontos destacados e as mesmas citações, parece ter sido uma cópia. As assinaturas foram feitas por um dos alunos, uma vez que a letra é a mesma. O trabalho não traz comentários pessoais, que dariam uma percepção própria dos estudantes em relação ao tema.

O livro proposto pelo professor para ser resumido, mais exatamente, os dois capítulos indicados enquadrava-se dentro do contexto de revisão da reflexão teológica e suas consequências práticas. Uma nova compreensão sobre “Deus” atingiria também as formas de entender a oração e suas práticas. Propunha-se tanto na relação com Deus como na oração uma experiência mais pessoal e assentada no “amor”. A partir daí, derivaria uma mística da justiça com um compromisso de engajamento social, econômico e político. As novas abordagens teriam para a época um aspecto “subversivo”, “revolucionário” e mais “humanista”, numa tentativa de superação de uma fé considerada infantil e paternalista. Alguns trabalhos se apresentam mais fixados no texto, com extratos sem a citação da página, não trazendo reflexões que mostrassem um posicionamento do grupo sobre o tema em questão. As poucas referências mais pessoais se alinham ao pensamento do autor. Não há críticas ou posicionamentos

¹⁰⁰⁶ PANCOTO, João Elias; FIORINI, Ércio Antônio; SANTOS, José Luiz dos; STEFANI, Antônio Benedito. **Pesquisa em torno de Deus**. São Paulo: IFT, 1969. Datilografado em papel ofício, 07 páginas. (06 páginas numeradas, excetuando a capa); assinado pelos alunos.

¹⁰⁰⁷ PIAZZA, Quinto; NOGUEIRA, Gabriel. **A Jornada interior**. São Paulo: IFT, 1969. 12 páginas manuscritas em folha de caderno espiral, grampeadas; muitas rasuras.

que discordem de suas propostas. Alguns resumos parecem ter sido “partilhados” entre os estudantes. A “pressa” na entrega dos trabalhos se faz perceber na forma como alguns foram datilografados ou manuscritos. Não só há uma ausência de uma metodologia científica, com a qual os estudantes pareciam não estar ainda muito familiarizados, sem mesmo uma estética, sobretudo no trabalho manuscrito que fora entregue.

Por fim, dois trabalhos de pesquisa de campo se encontram nesse grupo de fontes. As pesquisas visavam uma percepção sobre “Deus” entre estudantes tanto do nível primário como secundário. O trabalho realizado por Ércio Antônio Fiorini e José Luiz dos Santos,¹⁰⁰⁸ “O jovem e o problema de Deus”, traz uma síntese de pesquisa de campo entre estudantes de nível secundário com o objetivo de perceber a visão dos jovens em relação a Deus. O texto dos estudantes, datilografado em duas páginas e capa, consiste nas observações que eles elaboraram a partir da pesquisa realizada. Não há questionários anexos. A linguagem é bastante informal e traz algumas expressões próprias daquela ocasião. Utilizaram a imagem de um “mapa” para retratar a forma como os estudantes se relacionavam com Deus, dentro ou fora dele. Segundo os pesquisadores, quase todos os estudantes entrevistados pensavam a mesma coisa: um Deus carrasco ou um Deus “bãozinho”, um “Deus quebra-galho”, um “Deus fora do mundo”, longe deles, cuja função seria castigá-los ou “dar-lhes tudo o que desejam”. Tendiam também a não aceitar um Deus que exigisse algo deles. Seria um deus “completamente fora do mapa”, um deus mítico, que não está com eles e só tem sentido quando seria para satisfazer suas necessidades:

É uma opinião nossa, não sabemos se está correta. Estes jovens acreditam em Deus, mas ‘é Ele pra lá e nós para cá’. A fé em Deus deles é assim.¹⁰⁰⁹

A pesquisa feita por Irmã Leocádia Alves, Manuel Parrado Carral e Antônio Benedito Stefani¹⁰¹⁰ teve como suporte um questionário, mimeografado a álcool, sem

¹⁰⁰⁸ FIORINI, Ércio Antônio; SANTOS, José Luiz dos. **O jovem e o problema de Deus**. São Paulo, 08 de dezembro de 1969. Datilografado em papel ofício. (3 páginas). (incluindo a capa).

¹⁰⁰⁹ Ibid., p. 2

¹⁰¹⁰ ALVES, Irmã Leocádia; CARRAL, Manuel Parrado; STEFANI, Antônio Benedito. **O Deus de alguns jovens**. Capa com data de 03 de dezembro de 1969. Texto datilografado em 04 páginas numeradas e assinado com data de 04 de dezembro de 1969, acompanhado de 55 questionários da pesquisa realizada entre alunos de 1º colegial e primário (3ª e 4ª séries).

nome dos entrevistados, e os seguintes dados: idade, sexo e série. As questões propostas foram:

1. Sua família tem uma religião definida?
2. Qual o dia mais feliz de sua vida?
3. Qual a concepção que você tem de Deus?
4. Como você faria para explicar a um colega a existência de Deus?
5. O que você entende por ter fé em Deus?
6. Deus é importante na sua vida? Você já o descobriu na sua vida, em algum importante acontecimento?
7. Se Deus não existe, por que será que os ateus o combatem tanto?

Mais amplo e sistemático, o texto final está dividido em cinco tópicos e acompanhado de 55 questionários respondidos. Na Introdução, os pesquisadores apontaram o objetivo do trabalho, a saber, analisar a pesquisa realizada com os jovens dos cursos ginásial e colegial em dois colégios (Vila Matilde e Vila Mariana), com o intuito de “desvendar no mundo jovem a concepção que ele tem do absoluto” e buscar formas mais eficientes de transmitir a mensagem evangélica. Destacaram ainda que as generalizações feitas no trabalho só seriam aplicáveis aos entrevistados.¹⁰¹¹ A análise da pesquisa foi realizada a partir de autores como John A. T. Robinson, cujo livro eles estavam estudando e resumindo, e Harvey Cox, ambos teólogos “do mundo secular”. Os estudantes do IFT avaliaram as respostas, destacando três concepções que perceberam nos estudantes entrevistados:

1. “Um Deus do além”, distante, “anti-histórico e acósmico”, que criou o mundo e não participava de mais nada, dirigindo-o como “bonecos”; e que apenas “visita” a terra, em consequência de uma visão de transcendência que não respeitaria a imanência das criaturas;¹⁰¹²
2. Panteísmo: provavam a existência de Deus pela natureza, identificando-o com ela de forma mítica;
3. “Um Deus comercial”: um Deus distante, mas que agiria nas horas difíceis e em certas ocasiões. “E solucionados os problemas, Deus é engavetado”.¹⁰¹³

¹⁰¹¹ *Ibid.*, p. 1.

¹⁰¹² *Ibid.*, p. 1-2.

¹⁰¹³ *Ibid.*, p. 2.

Na apreciação, disseram ter percebido nos jovens entrevistados uma visão de Deus “bastante desvirtuada”, que não atuava na história, buscado fora do ser humano. Apontaram a possibilidade de uma catequese deficiente, inapropriada para um mundo urbano, e “tradicional”, própria de um ambiente rural, em processo de revisão pelo Concílio Vaticano II, que procurava considerar o contexto social onde os catequizados estariam inseridos.¹⁰¹⁴ Uma característica em comum com as fontes encontradas nesse período é o olhar para o futuro, a expressão de expectativas de mudanças e a busca de formas de ação que conduzissem as transformações históricas esperadas. Num ponto, intitulado “Busca de novos caminhos para a evangelização”, os pesquisadores disseram que, mediante a constatação nos jovens de um Deus distante e “quebra-galho”, que “ainda conduz o homem pela mão”, num mundo secularizado e que conquistava sua “maioridade”, eles, estudantes de Teologia, propunham-se a mostrar um Deus presente na vida, além das formas metafísica e mitológica tradicionais, sem dependências infantis, e que fazia o ser humano responsável pelo mundo.

Atualmente, ao fazermos teologia, não podemos ignorar as mudanças sociais que se processam tão rapidamente no mundo moderno.¹⁰¹⁵

Com a visão de um Deus “desencarnado da realidade” na qual viviam os jovens, os estudantes do IFT concluíram:

Nós só conseguiremos falar de Deus ao homem secular quando deixarmos nossos guetos e partirmos para um autêntico inserimento (sic!) na comunidade pela qual Ele restaura os homens uns para os outros em responsabilidade e respeito mútuos.¹⁰¹⁶

Dois trabalhos de pesquisa sobre uma mesma temática, com produção textual distintas. Um, com linguagem mais informal, ao não trazer os questionários anexos, suscita a dúvida se os estudantes teriam efetivamente realizado a pesquisa. Pode ser que os referidos questionários não foram conservados pelo Professor CARN. O outro, metodologicamente mais elaborado, trouxe elementos da linguagem informal da

¹⁰¹⁴ *Ibid.*, p. 2-3.

¹⁰¹⁵ *Ibid.*, p. 3.

¹⁰¹⁶ *Ibid.*, p. 4.

época. Ambos afirmaram de forma semelhante as perspectivas que teriam encontrado nos jovens pesquisados sobre o tema “Deus”. Tais perspectivas foram analisadas na mesma linha e de acordo com as reflexões dos autores que estudavam.

Todas essas fontes mostraram alguns procedimentos de praxe no ambiente acadêmico, novos, no entanto, para um grupo de estudantes procedentes de ordens e congregações distintas. A instituição fornecia ao professor o calendário anual e não é possível saber até que ponto o docente administrava sua disciplina segundo as orientações da direção ou o fazia com inteira liberdade quanto ao conteúdo programático, à abordagem temática e as metodologias utilizadas. Numa época em que se procurava dar ao estudo de Teologia uma maior “cientificidade”, através do “diálogo” com as diversas filosofias, ciências e os problemas sociais, econômicos, políticos e culturais com os quais se defrontavam, a linguagem informal e a inabilidade com relação aos procedimentos metodológicos são nítidas na maioria dos trabalhos.

Naquele ambiente de rejeição total ao que se considerava “tradicional”, metafísico e especulativo, geradores de uma praxe religiosa infantilizada e dependente em relação à Igreja como instituição ou a Deus como relação fundamental, a busca por novas reflexões e práticas pastorais tidas como mais adequadas aos tempos modernos se deu no alinhamento às tendências progressistas e “críticas”. Isso se deu absorvendo um tanto acriticamente as propostas de algumas tendências filosóficas como o existencialismo e o marxismo e, no plano religioso, do fenômeno do ateísmo e dos movimentos de contestação da juventude nos fins da década de 1960, como a contracultura, o feminismo, a luta pelos direitos civis, a liberdade sexual, as formas de vivência menos institucional e as contestações políticas. Como a reflexão teológica e as práticas sacramentais e pastorais do modelo tridentino foram consideradas totalmente inadequadas, as filosofias e os movimentos emergentes no período se tornaram a referência para a busca de novos modelos, novas orientações e novas experiências religiosas.

Em 1969, o DAXIX parece ter deixado de existir. Seu último presidente ainda estudava no IFT. Como surgiu o diretório acadêmico e qual foi o seu desenvolvimento? Que implicações políticas ele trouxe ao IFT e a seus membros? Não é possível entender totalmente a extinção do IFT sem considerar a atuação do DAXIX.

6. Entre discussões e ações: o Diretório Acadêmico Onze de Outubro - DAXIX

Michel de Certeau, ao tratar sobre as transformações nas práticas religiosas na França nos séculos XVII E XVIII, o fez com alguns parâmetros úteis para compreender as transformações ocorridas na Igreja no Brasil e as mudanças ocorridas na década de 1960. Mesmo que esse recorte temporal seja muito mais curto, ele é, no entanto, extremamente denso e marcado por mudanças sociais, econômicas, culturais, tecnológicas, científicas e eclesiais muito rápidas. O IFT, Instituto de Filosofia e Teologia, como uma instituição eclesiástica, reflete a complexidade dessas mudanças. Apesar de sua curta existência, o Diretório Acadêmico do IFT passou por um processo de gradativa e cada vez mais intensa “politização”,¹⁰¹⁷ no sentido de que as discussões e as ações políticas daquele momento se fizeram presentes entre os estudantes e se buscou um diálogo, nada tranquilo, com o discurso teológico, as estruturas e práticas eclesiais.

Dentre alguns processos significativos de transformação nas práticas religiosas da França entre os séculos XVII e XVIII, Michel de Certeau¹⁰¹⁸ tratou da questão das rupturas entre a religião e a moral social, com posterior primado da ética sobre as religiões devido sobretudo à inaptidão das igrejas como integradoras sociais, uma vez que ocorrera uma fragmentação das práticas religiosas conforme os diversos grupos e camadas sociais. De um período em que a religião era o grande irradiador de sentido e de práticas morais e sociais passou-se ao predomínio de uma “Razão de Estado” e de formalidades religiosas caracterizadas por uma religião a serviço da política. À obediência religiosa substituiu-se a obediência ao “Rei”; a prática cultural deu lugar às “práticas civis” com a segregação e isolamento dos lugares de vida cristã a lugares específicos, tais como o interior dos templos como local de práticas devocionais e os locais de retiro como práticas de espiritualidade; e a piedade e a moral assumiram uma configuração burguesa. Outro processo apontado pelo autor, denominado por ele de “profetismo marginalista”, abordou a questão do moralismo místico, alicerçado na

¹⁰¹⁷ Conforme o dicionário Michaelis, “Politizar” é a ação dar um caráter político a algo ou ainda o “fazer alguém ou a si próprio ter consciência de seus deveres e direitos de cidadão e reconhecer a importância da ação política”. Cf. POLITIZAR. In: MICHAELIS: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. 2023. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/politizar/>. Acesso em: 8 maio 2023. O termo “politização” aparece três vezes nas atas; o verbo “politizar”, duas vezes. Cf. Livro de Atas do DAXIX, p. 23.78.85-86

¹⁰¹⁸ DE CERTEAU, Michel. A formalização das práticas. In: DE CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. cap. 4, p. 152-208.

prática da fé como obra em oposição à vida política; os símbolos religiosos tomaram uma significação de oposição às políticas vigentes. Assim, dois direcionamentos gerais ocorreram nas transformações das práticas religiosas nesse período: por um lado, a politização da religião a moldar uma religião “esclarecida” e útil ao Estado; por outro, a folclorização das práticas religiosas. No contexto da revolução francesa e do romantismo, a secularização ocorrida nesse período fez emergir um “deus oculto”: o “Povo”. Mediante as novas práticas, a religião assumiu um caráter defensivo, interior, com os ministros religiosos cada vez mais identificados como “funcionários” do culto e da religião. À medida em que a religião se tornou mais funcional, ocorreu um distanciamento entre a cultura popular e a elite clerical. O clero e a religião se tornaram os vigilantes dos costumes; a formação clerical tornou-se uma repetição de citação de livros sob o argumento da “autoridade”, sem referência às experiências pessoais e à vida local real, estabelecendo-se um corte entre as “massas populares” e as autoridades eclesiásticas. Aí temos a formação daquilo que se compreendeu como tradição tridentina. Trata-se, em verdade, de uma releitura de Trento durante e após esses processos de transformação. Na década de 1960, essa tradição tridentina foi revista e bombardeada mediante as leituras que se fazia do “Aggiornamento” proposto antes do Concílio e impulsionado por ele. Novos elementos comporão o front de batalha contra a tradição tridentina: a nova “Razão de Estado”, sob a Lei de Segurança Nacional e os Atos Institucionais do regime militar; a releitura da Doutrina Social da Igreja sob a categoria da “Justiça Social”, qual nova religião esclarecida, em oposição à religiosidade popular ignorante, o fortalecimento da esquerda católica até a radicalização de alguns de seus setores com as propostas de luta armada. Assim, alguns setores na Igreja assumiram práticas identificadas como “progressistas”. As antigas oposições internas entre conservadores e liberais ganharam novas formas que foram de um tradicionalismo pré-conciliar, um conservadorismo moderado ao progressismo mais arrojado. Nesse catolicismo progressista, o “profetismo” da Igreja se manifestava como contestação política e ação social, conforme a visão da esquerda católica. Vários historiadores pesquisaram tais processos de transformação internos à Igreja Católica, nas suas práticas devocionais e pastorais e nas suas relações com o Estado.¹⁰¹⁹

¹⁰¹⁹ PAULA, Sérgio Peres de. A politização do diretório acadêmico do IFT. In: MOL, Elias Perigolo; SILVA, Lucas Souza (org.). **Rumos da História**: compreensões do passado e pesquisas entre áreas. São Paulo: Dialética, 2022. v. 1, p. 10-12.

A História se faz com documentos, sejam eles escritos ou vestígios outros do passado. Cabe ao historiador situar, discutir, analisar e aprofundar os diversos aspectos materiais, sociais, culturais e o contexto dos documentos que utiliza como fontes de sua pesquisa.¹⁰²⁰ As fontes documentais não são objetos naturais, mas construções e produções humanas, carregados de sentidos e intencionalidades conforme o momento em que foram forjados e segundo o grupo que as legitimou.¹⁰²¹ Enquanto documentos pensados à luz da História, o conhecimento do passado se dá sob a intervenção e a interpretação do presente do historiador, cuja pesquisa tem sempre o intuito de contribuir para um conhecimento maior que está no interior ou por detrás de um determinado ato.¹⁰²²

Além de oferecer possibilidades para verificar as intenções, as escolhas e as prioridades daqueles que elaboraram os registros, um estudo a partir das atas pode ser desdobrado ao seu contexto histórico,¹⁰²³ pelo conteúdo dos assuntos e informações nelas contidas,¹⁰²⁴ colhidas sob o filtro daquele que secretariou.¹⁰²⁵ Esse estudo a partir de atas pode também revelar a história de uma coletividade, vários elementos

¹⁰²⁰ Cf. *Ibid.*, p. 34-36.

¹⁰²¹ ESQUINSANI, Rosimar Serena Siqueira. As atas de reuniões enquanto fontes para a história da educação: pautando a discussão a partir de um estudo de caso. **Educação Unisinos**, São Leopoldo, v. 11, n. 2, p. 103-110, maio/ago. 2007. p. 104; cf. SANTOS, Cláudia Pereira dos; CORSO, Ângela Maria; ZANLORENZI, Cláudia Maria Petchak. Estado de conhecimento: atas como fonte histórica. In: SEPED – SEMANA DE ESTUDOS DO CURSO DE PEDAGOGIA DE IRATI, 3., 2012, Irati. **Anais [...]**. p. 2-3. Disponível em: <https://anais.unicentro.br/seped/pdf/iiiv3n1/87.pdf>. Acesso em: maio 2020.

¹⁰²² ESQUINSANI, Rosimar Serena Siqueira. As atas de reuniões enquanto fontes para a história da educação: pautando a discussão a partir de um estudo de caso. **Educação Unisinos**, São Leopoldo, v. 11, n. 2, p. 103-110, maio/ago. 2007. p. 104; cf. MONTANHINI, Wagner. O documento e o historiador: As ATAS da Câmara de São Paulo nos séculos XVI e XVII como referencial. **UNAR**, Araras, v. 1, n. 1, p. 79-85, 2007. p. 80.

¹⁰²³ SANTOS, Cláudia Pereira dos; CORSO, Ângela Maria; ZANLORENZI, Cláudia Maria Petchak. Estado de conhecimento: atas como fonte histórica. In: SEPED – SEMANA DE ESTUDOS DO CURSO DE PEDAGOGIA DE IRATI, 3., 2012, Irati. **Anais [...]**. p. 5. Disponível em: <https://anais.unicentro.br/seped/pdf/iiiv3n1/87.pdf>. Acesso em: maio 2020.

¹⁰²⁴ ESQUINSANI, Rosimar Serena Siqueira. As atas de reuniões enquanto fontes para a história da educação: pautando a discussão a partir de um estudo de caso. **Educação Unisinos**, São Leopoldo, v. 11, n. 2, p. 103-110, maio/ago. 2007. p. 104;

¹⁰²⁵ SANTOS, Cláudia Pereira dos; CORSO, Ângela Maria; ZANLORENZI, Cláudia Maria Petchak. Estado de conhecimento: atas como fonte histórica. In: SEPED – SEMANA DE ESTUDOS DO CURSO DE PEDAGOGIA DE IRATI, 3., 2012, Irati. **Anais [...]**. p. 6. Disponível em: <https://anais.unicentro.br/seped/pdf/iiiv3n1/87.pdf>. Acesso em: maio 2020.

de sua cultura, suas preocupações, estruturas e organizações social, política e religiosa,¹⁰²⁶ e traços de personalidade de quem as redigiu e daqueles cujas falas emergem no texto. Rosimar S.S. Esquinsani¹⁰²⁷ elencou algumas categorias úteis para a pesquisa a partir de atas. Dentre elas, algumas podem ser adaptadas ao IFT e às atas do seu diretório acadêmico como: os rituais da reunião (aspectos formais de produção das atas, estatutos vigentes e regulamentos para as reuniões); as presenças e ausências; os elementos contextuais; as rupturas e permanências; a relação institucional entre o DA e a diretoria do IFT, entre a diretoria do IFT e a autoridade eclesiástica (cardeal, superiores das ordens e congregações): ingerências e autonomias; as temáticas ordinárias presentes nas reuniões; e, por fim, as temáticas extraordinárias. Tais categorias não serão todas exploradas aqui e se constituem como elementos para futuros aprofundamentos e desdobramentos.

O Livro de Atas do DAXIX consiste num conjunto encadernado com capa preta, de folhas pautadas e numeradas na frente e no verso, num total de 100 páginas, sendo 98 páginas escritas; faltam as páginas 39 e 40 (percebe-se que foram arrancadas, porém, há continuidade textual entre a página 38 e 41); as páginas 52, 53 e 84 encontram-se em branco. A fonte contém a Ata de Fundação e o Estatuto, ambos datados de 23 de abril de 1966, o resultado das eleições e uma relação de 102 inscritos, com o acréscimo de outros 17 nomes em ata posterior. Ao todo, foram escritas 27 atas de reuniões. Anexado ao livro, em folhas separadas e soltas, estão uma cópia de carta dirigida ao Cardeal Arcebispo D. Agnelo Rossi, datada de 23 de setembro de 1968, na qual o DA o convida para uma visita de "diálogo" com os estudantes; e uma relação de perguntas a serem dirigidas ao cardeal com outras questões para reflexão entre os estudantes.

Uma primeira abordagem em relação ao DAXIX e sua organização institucional se refere aos aspectos formais das reuniões, diretorias, presidentes, secretários e os

¹⁰²⁶ MONTANHINI, Wagner. O documento e o historiador: As ATAS da Câmara de São Paulo nos séculos XVI e XVII como referencial. **UNAR**, Araras, v. 1, n. 1, p. 79-85, 2007. p. 79.

¹⁰²⁷ ESQUINSANI, Rosimar Serena Siqueira. As atas de reuniões enquanto fontes para a história da educação: pautando a discussão a partir de um estudo de caso. **Educação Unisinos**, São Leopoldo, v. 11, n. 2, p. 103-110, maio/ago. 2007. p. 104.

conflitos internos, destacando as temáticas ordinárias e extraordinárias.¹⁰²⁸ Quanto ao âmbito interno da Igreja Católica, os capítulos anteriores já situaram o IFT como instituição da CRB, multicongregacional, vinculada ao cardeal arcebispo apenas no âmbito pastoral, com certa autonomia e num momento de um vácuo jurídico, de revisões e reeleições diversas das estruturas eclesiais, do pensamento teológico e do modo de conceber a ação da Igreja no mundo. Com relação ao Estado, no entanto, não existiu nenhum tipo de reconhecimento “oficial” do IFT durante toda sua existência. Assim, enquanto instituição eclesial, “informal” em relação ao Estado, o IFT não estava sujeito às normas, orientações e controle do ministério da educação e seus órgãos reguladores. Sendo o Estado republicano laico, a Igreja Católica, porém, ainda detinha um peso moral nas questões públicas. Na assembleia do DAXIX de 15 de setembro de 1967, Padre Olinto Pegoraro, então diretor do IFT, falou que estava em estudo entre a diretoria uma proposta de torná-lo uma faculdade no próximo ano.¹⁰²⁹ Na assembleia de 01 de março de 1968 se deu uma discussão entre os estudantes sobre a questão do IFT e o encaminhamento para a integração da Teologia na PUC de São Paulo. Segundo a fala de um dos estudantes, vice-presidente do DAXIX, isto implicava alguns riscos: “a PUC pode querer enquadrar o IFT em seus quadros”.¹⁰³⁰ Tal proposta, no entanto, não se efetivou.

O DAXIX, cuja data de criação se efetivou na assembleia dos estudantes do IFT em 23 de abril de 1966, foi descrito como “órgão oficial e representativo do Instituto de Filosofia e Teologia de São Paulo (IFT)”,¹⁰³¹ situado então à rua Caio Prado 232, no bairro da Consolação, no prédio do Colégio Des Oiseaux, de propriedade das Cônegas de Santo Agostinho. A ata de fundação, que abriu o livro de atas, considerou o DAXIX como “órgão representativo dos alunos do Instituto de Filosofia e Teologia de São Paulo”.¹⁰³² Efetivamente, enquanto diretório acadêmico dos estudantes, a ata de fundação foi mais precisa que a abertura do livro. A criação do DAXIX foi precedida por duas assembleias dos estudantes, realizadas nos dias 09 e 16 de abril de 1966.

¹⁰²⁸ PAULA, Sérgio Peres de. A politização do diretório acadêmico do IFT. *In*: MOL, Elias Perigolo; SILVA, Lucas Souza (org.). **Rumos da História**: compreensões do passado e pesquisas entre áreas. São Paulo: Dialética, 2022. v. 1, p. 10-12.

¹⁰²⁹ Livro de Atas do DAXIX, p. 63.

¹⁰³⁰ *Ibid.*, p. 65.

¹⁰³¹ *Ibid.*, p. 01.

¹⁰³² *Ibid.*, p. 02.

Uma comissão ficou encarregada de elaborar o projeto de estatuto, aprovado na mesma assembleia de fundação da entidade. Nessa mesma ocasião, foi aprovado o nome “Diretório Acadêmico Onze de Outubro”, sob a sigla DAXIX, por ser a data de abertura do Concílio Vaticano II. A escolha do nome vinculou o órgão ao evento que alterou os rumos da Igreja Católica no Brasil e às expectativas de renovação eclesial e pastoral que ele propunha. No ano anterior, no entanto, na mesma data de 11 outubro, ocorrera um conflito entre reitor, professores e alunos que resultou na intervenção militar na Universidade de Brasília.¹⁰³³ A partir daí, os movimentos estudantis e diretórios acadêmicos das universidades passaram a atuar com maior resistência ao regime militar. Teria tido a escolha do nome alguma referência a esse fato? DAXIX e movimento estudantil se vincularam, de alguma forma.

O Estatuto do DAXIX transcrito no livro de atas, apresentado, discutido e aprovado na mesma assembleia de criação do diretório acadêmico, definiu a entidade como “órgão autônomo e legítimo de representação dos alunos do Instituto de Filosofia e Teologia de São Paulo”, com uma ressalva logo a seguir: “O diretório é uma entidade autônoma, mas existente dentro do I.F.T.”.¹⁰³⁴ Essa autonomia se mostrou muito limitada em determinadas ocasiões, como quando se discutiu a questão dos recursos financeiro do DAXIX e a escolha entre estabelecer uma taxa de inscrição ou outras formas de obtenção de recursos, como a venda de rifas,¹⁰³⁵ pois, como seminaristas, não dispunham de recursos próprios. Mesmo nas constantes discussões sobre a filiação aos movimentos estudantis, como a UNE, que já se encontrava na “ilegalidade”, a relação de autonomia do órgão frente à diretoria e às autoridades eclesiais emergiu como questão a ser ponderada. Na assembleia de 03 de setembro de 1966, o reitor do IFT, Padre Olinto Pegoraro, num esclarecimento aos estudantes, afirmou a autonomia do diretório acadêmico dentro do princípio da “liberdade na responsabilidade”.¹⁰³⁶

¹⁰³³ Nesse período, houve duas intervenções. A primeira, em abril de 1964. A segunda, durante a greve dos professores, iniciada no dia 08 de outubro. As tropas tomaram conta do campus no dia 11 de outubro de 1965. Cf. INVASÕES históricas. Disponível em: <https://unb.br/a-unb/historia/633-invasoes-historicas?menu=423>. Acesso em: 8 maio 2023.

¹⁰³⁴ Livro de Atas do DAXIX, p. 3.

¹⁰³⁵ *Ibid.*, p. 16.20-21.

¹⁰³⁶ *Ibid.*, p. 23.

Quanto à filiação, “ele respeita totalmente a resolução da assembleia, mas quer alertar para um problema: a autoridade eclesiástica¹⁰³⁷ (com amplos poderes sobre o I.F.T.) é totalmente contra o ingresso de seminaristas nos movimentos liderados pela UNE”.¹⁰³⁸ E pediu para se refletir bem sobre executar logo a deliberação ou esperar mais um pouco. Um posicionamento diferente apresentou Frei Luciano Parise, dominicano, diretor do Curso de Filosofia, na assembleia de 01 de outubro de 1966, quando foram aprovadas também algumas emendas ao Estatuto. Ele questionou a falta de liberdade de expressão na assembleia anterior, ocorrida em 09 de setembro, convocada em regime de urgência devido à prisão de alguns estudantes no dia 07 de setembro em Brasília. Segundo ele, a liberdade de expressão teria sido comprometida pelo “clima de emoção psicológica”, aliás, um diferencial notório nas atas do DAXIX. Também afirmou que “não compete aos estudantes decidir sobre a greve pelo fato de serem religiosos e dependerem de seus superiores”.¹⁰³⁹ Essa fala de Frei Luciano foi contestada por estudantes que realçaram a necessidade do engajamento político e a liberdade pessoal dos estudantes. Um deles, Abel Abati, “achou válida a submissão à hierarquia, mas não a vê engajada na realidade”.¹⁰⁴⁰ A discussão em torno do movimento estudantil, sua filiação à UNE e a participação em suas atividades foi a grande constante durante toda existência do DAXIX.

As finalidades do DAXIX, segundo o estatuto, visariam a promoção e coordenação das atividades dos alunos do IFT “em vista de sua união integral”, com o objetivo de formar “uma comunidade única onde cada um dos membros sinta-se integrado e valorizado”; contribuir para uma complementação intelectual, espiritual e social dos seus membros; contatar outros centros culturais, sociais, esportivos, científicos e artísticos “numa linha de presença e de testemunho cristãos”; “trabalhar para o entrosamento perfeito, na base de um ‘espírito adulto, dialogante e responsável’ entre o corpo Docente e o corpo Discente do I.F.T.”, e, por fim, defender os interesses dos alunos em vista de sua formação integral.¹⁰⁴¹

¹⁰³⁷ A autoridade eclesiástica com amplos poderes sobre o IFT seriam, no caso, a CRB e os provinciais de cada uma das ordens e congregações religiosas com estudantes na instituição; o Cardeal Arcebispo de São Paulo não dispunha dessa autoridade ampla e direta.

¹⁰³⁸ Livro de Atas do DAXIX, p. 24.

¹⁰³⁹ *Ibid.*, p. 29.

¹⁰⁴⁰ *Ibid.*, p. 29.

¹⁰⁴¹ *Ibid.*, p. 4.

No início de suas atividades, o livro de atas relacionou uma lista de 102 inscritos como membros do DAXIX.¹⁰⁴² Em outubro, 05 estudantes já haviam deixado o IFT e se desligado também do DA; e mais 17 nomes foram acrescentados à lista de membros, pois não haviam sido colocados na primeira lista por um “descuido casual”. Por ocasião da primeira comemoração da “data magna” da entidade, 11 de outubro, a avaliação feita pelo reitor, Padre Olinto Pegoraro, em sua mensagem, soou bastante positiva, praticamente repetindo expressões contidas nas finalidades estatutárias, realçando o “crescimento dos estudantes” com a criação do grêmio estudantil “na base de um espírito ‘adulto, dialogante e responsável’”. Esse aspecto do ser adulto e do clima de diálogo foram colocados em destaque pelo reitor como forma de eliminação da “massificação” e da “mediocridade”. Ele terminou sua mensagem, conforme recolhida pelo secretário, afirmando que com o DAXIX, o IFT e o próprio diretório permaneciam “embebedos na mentalidade sadia do Concílio Vaticano II”.¹⁰⁴³

Quanto à sua organização interna, o DAXIX era composto de uma diretoria que compreendia o Presidente, Vice-presidente, 1º Secretário, 2º Secretário, Tesoureiro e os chefes dos departamentos Cultural, Social e Esportivo. O primeiro presidente eleito foi Francisco Ansiliero,¹⁰⁴⁴ camiliano, com seu colega Antônio Ramos Gomes como secretário. Sucedeu-o Everaldo Deprá,¹⁰⁴⁵ agostiniano recoleto, e José Maurício Moura de secretário. Essa diretoria teve que ser recomposta devido à evasão dos seus membros. Frei Tito Alencar assumiu provisoriamente o cargo de presidente no início do segundo semestre,¹⁰⁴⁶ até ser eleito e empossado em 15 de setembro de 1967,¹⁰⁴⁷ tendo Terezinha de Liseux Vasconcelos como sua secretária. Após uma transição polêmica, Frei Domingos Guimarães foi eleito¹⁰⁴⁸ um ano depois, e consta como último presidente do diretório acadêmico, tendo como secretário o agostiniano recoleto Ivanir Manzano.

¹⁰⁴² *Ibid.*, p. 17-20.

¹⁰⁴³ *Ibid.*, p. 31.

¹⁰⁴⁴ *Ibid.*, p. 12.

¹⁰⁴⁵ *Ibid.*, p. 38.

¹⁰⁴⁶ *Ibid.*, p. 54.

¹⁰⁴⁷ *Ibid.*, p. 60.

¹⁰⁴⁸ *Ibid.*, p. 85.

Na última assembleia de 1966, já com a segunda diretoria eleita, sob clima de tensão, Padre Olinto reafirmou o papel da diretoria do diretório acadêmico como “equipe de trabalho, de diálogo e de vontade de realização”. Na sua mensagem, ele falou que as modificações no IFT entre os anos de 1965 e 1966 mostravam um “salto da infância para a adolescência” e que se caminhava para uma “idade adulta”.¹⁰⁴⁹ O presidente da diretoria anterior, Francisco Ansiliero, reclamou que teve apoio dos “camilianos, agostinianos e carmelitas nas equipes de trabalho e não de todo IFT”.¹⁰⁵⁰ Falas de estudantes recolhidas nessa ata insistiam no engajamento de todos, menos brigas, e se referiam a protestos contra uma “oposição gangster”, solicitando que tal oposição agisse “honestamente”.¹⁰⁵¹

Nos anos seguintes, reclamações constantes pela não participação de todos nas atividades¹⁰⁵² tanto internas como externas, ausência ou passividade nas assembleias, nos debates e estudos promovidos, “falta de vontade para realizar algo”,¹⁰⁵³ mostravam a existência de conflitos internos e insatisfação de muitos estudantes com o DAXIX. O número mais reduzido de inscritos tanto pode ser um sinal dessa insatisfação como devido à desistência e abandono da vida religiosa a partir de 1967. Quando as atividades foram reiniciadas no segundo semestre, tendo Frei Tito à frente, um estudante de nome Pedro reclamou, em assembleia no dia 04 de agosto, do número insignificante de participantes no protesto em frente ao DEOPS no dia anterior.¹⁰⁵⁴ Um ano mais tarde, na assembleia de 07 de agosto de 1968, o estudante José Maria, dentro de uma discussão sobre o “Movimento Revolucionário”, criticou a não participação dos ifitianos, a apatia e o preconceito contra o DAXIX.¹⁰⁵⁵ Na assembleia seguinte, no dia 14 de agosto, sob clima de tensão e grandes discussões devido a “irregularidades a entravar as eleições”¹⁰⁵⁶ por não observância das formalidades es-

¹⁰⁴⁹ *Ibid.*, p. 38-41. É nessa ata que falta uma folha com a numeração das páginas 39-40. Existe, no entanto, uma sequência textual, porém, a tinta usada na escrita é diferente. Possivelmente a página foi arrancada e reescrita. Dado que no Livro de Atas do DAXIX não se ocultaram falas “emocionais”, teria algo que não deveria ter sido escrito?

¹⁰⁵⁰ *Ibid.*, p. 44.

¹⁰⁵¹ *Ibid.*, p. 44-45.

¹⁰⁵² *Ibid.*, p. 49.55.72.80.

¹⁰⁵³ *Ibid.*, p. 66.

¹⁰⁵⁴ *Ibid.*, p. 58.

¹⁰⁵⁵ *Ibid.*, p. 72.

¹⁰⁵⁶ *Ibid.*, p. 75.

tatutárias, o vice-presidente reclamou das acusações que sofria por ser “a atual Diretoria fruto de uma imposição, gerada pela apatia e descaso de todo IFT”.¹⁰⁵⁷ Antônio Alves, estudante, falou sobre a indiferença que o IFT demonstrou sempre particularmente em relação às eleições¹⁰⁵⁸ do DAXIX; “não adianta uma Diretoria altamente politizada e ativa, se não há participação da base”¹⁰⁵⁹ foi a reclamação de Frei Domingos Guimarães; um terceiro, chamado Cleber, chegou a acusar o próprio DAXIX de ser um “blefe”, não se referindo à diretoria mas “ao IFT em sua totalidade”, uma vez que, apesar dos esforços da Diretoria, a turma não participava.¹⁰⁶⁰ As tensões prosseguiram na assembleia seguinte, realizada no dia 26 de agosto de 1968, quando mediante a renúncia da diretoria, elegera-se uma “diretoria interina”. Esta diretoria também fora acusada de ter sido imposta e se discutiu intensa e emotivamente sobre sua legitimidade. Como os protestos vinham de um grupo de estudantes do IFT não inscritos no DAXIX, o presidente interino, Rubens, foi categórico pedindo que não se manifestassem.¹⁰⁶¹ Com isso, alguns estudantes teriam se retirado e as discussões sobre as eleições da nova diretoria prosseguiram. Após a eleição da nova diretoria para a gestão do DAXIX no período 68/69, uma ata de setembro, sem citar o dia, registrou novamente a questão do desinteresse geral dos estudantes do IFT em preparar os estudos em vista da participação no XXX Congresso da UNE a ser realizado no mês seguinte, em Ibiúna, São Paulo. Segundo o estudante Antônio Alves, os politizados eram minoria e, para Quinto,¹⁰⁶² estavam na estaca zero.¹⁰⁶³

Por ocasião do conflito gerado com o Cardeal Arcebispo D. Agnelo Rossi, devido a uma entrevista dada pelo então reitor do IFT, o dominicano Frei José de Freitas Neves, no dia 17 de setembro de 1968, no programa de TV “Diálogo com Blota Júnior”, canal 7, na qual ele fez algumas críticas à Encíclica *Humanae Vitae*, do Papa Paulo VI, estopim para a agonia e extinção do IFT, as assembleias contaram com presença massiva de todos os estudantes. Esses, após calorosas discussões entre eles, deci-

¹⁰⁵⁷ *Ibid.*, p. 76.

¹⁰⁵⁸ *Ibid.*, p. 78.

¹⁰⁵⁹ *Ibid.*, p. 78.

¹⁰⁶⁰ *Ibid.*, p. 78-79.

¹⁰⁶¹ *Ibid.*, p. 81.

¹⁰⁶² Possivelmente o mesmo Quinto Piazza, que constou na lista dos inscritos na disciplina do Professor CARN, no ano de 1969.

¹⁰⁶³ Livro de Atas do DAXIX, p. 85.

diram se organizar para um debate com o cardeal para esclarecimentos sobre a polêmica gerada pela nota por ele emitida e publicada na imprensa.¹⁰⁶⁴ A última ata, de 23 de setembro de 1968, registrou a reunião dos integrantes do IFT com o cardeal, em caráter fechado, com a presença do Padre Júlio Munaro, secretário da CRB. Para essa reunião, os estudantes se municiaram das perguntas pré-elaboradas e discutidas previamente entre eles para o confronto com o cardeal.

Entre os estudantes do IFT, com a formação do diretório acadêmico, existiu a preocupação em criá-lo de acordo com as formalidades necessárias, tais como estatuto e regimento para orientar as reuniões. Houve, no entanto, entre eles uma dificuldade em lidar com estes aspectos formais, que, por sua vez, constituíram-se como um dos fatores de divergência interna: de uma aparente relação tranquila com as discussões para aprovar o estatuto à troca de acusações de “ditadura” pelo seu cumprimento ou não, sobretudo quando se tratava de assembleias eletivas. Formalidades estatutárias passaram a ser vistas como herança tradicional sob o aspecto religioso ou como instrumento de dominação política. Uma vez mudado o foco das questões e dos problemas, estando o próprio IFT ameaçado, o interesse e a participação se tornaram plenos e unânimes, independente dos inscritos no DAXIX.

Dentro de um contexto de mudanças devido ao Concílio Vaticano II e de expectativas de novas formas de organização eclesial, de trabalho pastoral e formação sacerdotal, o livro de atas do DAXIX apresenta algumas falas, tais como recolhidas pelos respectivos secretários, que mostram algo da visão eclesial dos estudantes e suas formas de ver e pensar a instituição e sua ação, sobretudo social e política.¹⁰⁶⁵ Na última assembleia do primeiro semestre de 1966, o presidente eleito, Francisco Ansiliero disse que o seu compromisso seria com a união entre os centros acadêmicos. Em seguida, os eleitos para os departamentos do diretório apresentaram, sem detalhes, suas propostas. Antônio Metteler, do departamento cultural, falou em organizar seu departamento em cinco comissões, com o intuito de programar palestras como complemento intelectual extracurricular; criar um jornal como órgão oficial do DAXIX;

¹⁰⁶⁴ ENTREVISTA revolta o cardeal. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 19 set. 1968. p. 15. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19680919-28664-nac-0015-999-15-not>. Acesso em: 22 abr. 2023.

¹⁰⁶⁵ PAULA, Sérgio Peres de. A politização do diretório acadêmico do IFT. In: MOL, Elias Perigolo; SILVA, Lucas Souza (org.). **Rumos da História**: compreensões do passado e pesquisas entre áreas. São Paulo: Dialética, 2022. v. 1, p. 10-12.

formar uma equipe de Liturgia responsável pela “vida litúrgica” do IFT; e, iniciar uma biblioteca, com a aquisição de livros. O responsável pelo departamento social, José Giovani Gomes,¹⁰⁶⁶ no seu programa colocou algumas diretrizes que seriam constantes durante a existência do DAXIX: o contato com outros centros acadêmicos, a participação nos movimentos estudantis, como MOVE (Movimento Estudantil da USP), MUD (Movimento Universitário de Desfavelamento) e USMAS (União dos Seminaristas Maiores), e campanhas sociais.¹⁰⁶⁷ Os programas destes dois departamentos concentravam, quanto ao primeiro, mais em atividades internas e outras voltadas à inserção política e social, no segundo. Na assembleia seguinte, realizada em 03 de setembro de 1966, ao se discutir a filiação do diretório à UEE e UNE, as USMAS já não existiam mais, cabendo ao DAXIX a “orientação do movimento seminarístico”.¹⁰⁶⁸ Nessa mesma assembleia, tratou-se da organização de um trabalho missionário durante as férias, juntamente com a CRB, nas regiões do Acre, Solimões¹⁰⁶⁹ e Araguaia. Os recursos financeiros para este trabalho dependiam da venda de rifas promovidas pelo diretório acadêmico.¹⁰⁷⁰ Na assembleia do dia 11 de outubro, estava em pauta a questão deste trabalho missionário: 10 vagas para ir ao Acre e Solimões, sob a responsabilidade e organização da CRB.¹⁰⁷¹

O momento político mostrava-se em tensão crescente devido à prisão de alguns estudantes. As discussões a respeito no DAXIX quanto à participação em passeatas aconteceram em “clima de tensão emocional”.¹⁰⁷² Mesmo que a hierarquia da Igreja Católica se manifestasse contra o ingresso de seminaristas na UNE,¹⁰⁷³ que naquela ocasião se encontrava na ilegalidade, como fora lembrado pelo padre reitor na assembleia anterior, as discussões iam numa direção contrária. Filiar-se à UNE seria dar ao seminarista um status de “atuante e qualificado” frente a uma Igreja alienada.¹⁰⁷⁴ Os termos recolhidos e utilizados para expressar a fala do presidente do

¹⁰⁶⁶ José Giovani Gomes foi citado na entrevista com o Sr. RL como um frade agostiniano recoleto, apelidado de “Amendoim”, que se envolveu com grupos radicais, chegando a ocultar armas numa casa no Bairro de Santo Amaro, antes de ser habitada pelos outros estudantes da Ordem. Permaneceu um tempo desaparecido. Reapareceu muitos anos depois, após a anistia política em 1979, residindo no Ceará. Cf. Entrevista com Sr. RL

¹⁰⁶⁷ Livro de Atas do DAXIX, p. 13-15.

¹⁰⁶⁸ *Ibid.*, p. 23; sobre as USMAS, cf. Entrevista com Padre LRB.

¹⁰⁶⁹ Cf. Entrevista com RL.

¹⁰⁷⁰ Livro de Atas do DAXIX, p. 23.

¹⁰⁷¹ *Ibid.*, p. 33.

¹⁰⁷² *Ibid.*, p. 24.

¹⁰⁷³ *Ibid.*, p. 24.

¹⁰⁷⁴ *Ibid.*, p. 25.

DAXIX, Francisco Ansiliero,¹⁰⁷⁵ sugerem uma aproximação com filosofias e práticas marxistas, utilizadas também na esquerda católica. Na assembleia seguinte, em 01 de outubro de 1966, as atas registraram elementos nas discussões nesse mesmo viés marxista. Para os estudantes do IFT, membros do DAXIX, a presença da Igreja no processo revolucionário que se encontraria em fermentação naquela ocasião era necessária, bem como a presença do seminarista no “engajamento em defesa dos direitos da pessoa humana”. Para eles, a própria vida cristã exigiria tal engajamento.

O movimento universitário quer ser sujeito da história, visão esta específica dos cristãos. Estes não podem acompanhar os fatos, aprovando-os ou reprovando-os. A nossa posição é de comandantes do processo histórico.¹⁰⁷⁶

Tal posicionamento não ficou sem a contestação de outro estudante, que via aí uma “massificação”, quando a atuação do cristão seria de ser fermento na massa. “O Cristo jamais foi um líder político”.¹⁰⁷⁷ A questão da atuação política dos seminaristas constituiu-se como assunto polêmico entre os estudantes tanto desde um ponto de vista de uma prática de fé mais tradicional e ligada à submissão à hierarquia da Igreja quanto daqueles que insistiam numa militância como expressão de atuação cristã e presença da Igreja no mundo.

O jornal lançado pelo DAXIX, chamado “Opinião”,¹⁰⁷⁸ teve sua primeira edição impressa e entregue por ocasião da assembleia comemorativa do diretório na mesma assembleia do dia 11 de outubro de 1966. Sob a liderança de Teodoro Itacarambi Leão,¹⁰⁷⁹ com mais de 30 colaboradores, o jornal, segundo ele, inser-se-ia dentro das

¹⁰⁷⁵ Francisco Ansiliero foi detido em São Bernardo do Campo em 07 de setembro de 1966, por participar do congresso da UEE, onde foram distribuídos panfletos “subversivos”, conforme ficha no DEOPS de São Paulo: Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXSNA002509.pdf. Acesso em: maio 2021.

¹⁰⁷⁶ Cf. Livro de Atas do DAXIX, p. 27.

¹⁰⁷⁷ *Ibid.*, p. 28.

¹⁰⁷⁸ *Ibid.*, p. 31. Inicialmente com esse nome, o jornal passou a se chamar “Mini-Opinião” no segundo semestre de 1968. Cf. *Ibid.*, p. 80. Cf. também Entrevista com Padre PHG.

¹⁰⁷⁹ Algumas ordens religiosas mais antigas tem o costume de adotar um “nome religioso” para seus membros; “Teodoro” era o nome religioso de Roberto Sinval de Itacarambi Leão, registrado em documentos do DOPS como “ex-frei” e pertencente à VPR – Vanguarda Popular Revolucionária e à ALN – Aliança Libertadora Nacional; consta também como “jornalista”; sofreu prisão a partir de novembro de 1969; cf. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXNSS000661.pdf. Acesso

problemáticas daquele momento, com a presença da Igreja no mundo da imprensa, num mundo pluralista. “Pretendemos ser uma voz entre outras vozes”,¹⁰⁸⁰ buscando estabelecer um “diálogo com o mundo de hoje”, expressão esta que já era então um dos “slogans” de como se entendia a Igreja Católica pós-conciliar. O presidente do DAXIX, ao informar que iria colaborar com o jornal da UEE com um artigo sobre “a problemática ética no mundo de hoje”, disse que o enfoque seria a ruptura de valores naquele momento: “valores éticos que surgem e valores que estão sendo ultrapassados”.¹⁰⁸¹ Michel de Certeau¹⁰⁸² tratara, dentre as transformações ocorridas na França nos séculos anteriores, da ética, desde a perspectiva iluminista, suplantando os valores religiosos como instância de orientação e comportamento social. Na década de 1960, já não se tratava mais da ética desde a perspectiva iluminista, mas de um conjunto de valores em transformação, além dos valores religiosos, igualmente em questão naquele momento bastante complexo, com variáveis culturais múltiplas, além da perspectiva marxista, os novos esclarecidos, em evidência em algumas falas dos estudantes.

A assembleia em 02 de agosto de 1967, fora convocada em caráter extraordinário pelo primeiro secretário Frei Tito Alencar, dominicano, uma vez que o presidente havia se retirado da instituição. O motivo da convocação se deveu à prisão de monges beneditinos e intervenções dos órgãos de segurança em conventos franciscano e dominicano em Belo Horizonte, Minas Gerais. Mesmo sob a reclamação de poucos no DAXIX, a participação ativa de estudantes do IFT nos movimentos de contestação política se tornou mais radical e constante. A fala de Teodoro Itacarambi Leão relacionou a atitude dos monges e frades sob a intervenção dos órgãos de segurança nos conventos em fins de julho como “profetismo”, por causa do seu engajamento com a

em: maio 2021. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXSNL000421.pdf. Acesso em: maio 2021; <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/DOPSSANTOSL00318.pdf>

¹⁰⁸⁰ Livro de Atas do DAXIX, p. 32.

Em fevereiro de 1973, o Comitê de Solidariedade aos Presos Políticos escreveu aos Bispos do Brasil expondo a situação dos encarcerados e termina, fazendo da Igreja Católica a defensora daqueles que não tinham voz. Cf. “Sobre a situação carcerária dos presos políticos brasileiros”, P12-13, datilografado, 06 páginas, sem nenhuma assinatura. Nota-se aí uma mudança entre “ser uma voz entre outras vozes” e ser “a voz dos sem voz”, jargão assumido pelos setores progressistas da Igreja Católica nas décadas seguintes.

¹⁰⁸¹ Livro de Atas do DAXIX, p. 33.

¹⁰⁸² *Id.* A formalidade das práticas. Do sistema religioso à ética das Luzes (XVII-XVIII). In: DE CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 172-182.

juventude e com os universitários, mesmo com implicações esquerdistas.¹⁰⁸³ Outro estudante, Elói, monge beneditino, também se referiu ao fato como profetismo, relacionando o evento com os primeiros mártires e monges que se rebelavam contra as estruturas injustas.¹⁰⁸⁴ Os posicionamentos não eram unânimes. Alguns viam nos acontecimentos apenas questões políticas e se posicionavam contra os ataques que recebiam aqueles que não participavam das manifestações sob a suspeita de sua masculinidade.¹⁰⁸⁵ No debate, o dominicano Frei Ratton interveio com a afirmação de ser o cristianismo uma participação no processo de desenvolvimento da sociedade e não uma “ideologia alienada”; a “justiça” era um imperativo evangélico com implicações sociais, políticas e econômicas; e aquele era o momento para isto.¹⁰⁸⁶ No dia seguinte, nova assembleia foi realizada. Um novo acontecimento acirrou ainda mais os ânimos de muitos estudantes do IFT: a prisão do dominicano Frei Chico, em São Paulo. Considerava-se urgente um gesto de solidariedade aos frades dominicanos e a um monge beneditino, que continuava preso. O estudante Walmor interveio, protestando que a solidariedade deveria se estender aos estudantes presos.¹⁰⁸⁷ A palavra de ordem naquela ocasião era “Justiça” contra os regimes ditatoriais no Brasil e na América Latina e não só pela classe estudantil ou eclesiástica, como interveio o estudante Giovanni.¹⁰⁸⁸ Mesmo que o cardeal já houvesse se manifestado contrário à prisão dos religiosos,¹⁰⁸⁹ falas críticas dos estudantes contra a hierarquia da Igreja Católica apareceram. Terezinha de Lisieux Vasconcelos, que secretariava a assembleia do dia 04 de agosto, fez uma revisão da postura da Igreja¹⁰⁹⁰ que apoiara o golpe de 1964, teria instigado os leigos e depois os abandonara, não praticando o que dizia nos

¹⁰⁸³ Cf. Livro de Atas do DAXIX, p. 54.

¹⁰⁸⁴ *Ibid.*, p. 55.

¹⁰⁸⁵ *Ibid.*, p. 55.

¹⁰⁸⁶ *Ibid.*, p. 55.

¹⁰⁸⁷ *Ibid.*, p. 56.

¹⁰⁸⁸ *Ibid.*, p. 56-57.

¹⁰⁸⁹ *Ibid.*, p. 56.

¹⁰⁹⁰ O contexto de sua fala traz referências aos protestos dos estudantes contra o regime militar e das manifestações dos estudantes do IFT, vestidos de hábitos, em 03 de agosto de 1967 em frente ao DOPS, quando vários deles foram detidos para inquérito policial. Cf. “Folha de São Paulo”, dia 04 de agosto de 1967, capa, com uma foto em primeiro plano de um frade agostiniano recoleto sendo conduzido ao interior do DOPS por um agente de segurança, e outra foto dos religiosos na manifestação. POLÍCIA aguarda manifestação. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 04 ago. 1967. p. 15. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=2646&anchor=4471468&origem=busca&originURL=>. Acesso em: 21 abr. 2023.

POLÍCIA aguarda manifestação. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 04 ago. 1967. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=2646&anchor=4471479&origem=busca&originURL=&pd=12dd2ac3c1e85410b45091d8c6bacb04>. Acesso em: 21 abr. 2023.

seus documentos.¹⁰⁹¹ Outro estudante, Ângelo, também relacionou o protesto dos estudantes vestidos de hábitos e batinas a um protesto contra a hierarquia da Igreja.¹⁰⁹²

Na última assembleia de 1966, o presidente da diretoria do DAXIX naquele ano, uma vez que já havia nova diretoria eleita para o ano seguinte, fez um informe sobre as atividades desenvolvidas e as opções tomadas: constatou a inexperiência na direção do diretório acadêmico e os motivos que levaram a atuar no campo estudantil, e não nas USMAS, que deixaram de existir naquele ano. Uma de suas falas tocou numa questão bastante presente nas atas seguintes: os seminaristas se sentiam como que “estudantes inferiores” em relação aos universitários. Falava-se de um “sentido pejorativo” de ser seminarista e a inserção no movimento estudantil como uma forma de superação dessa situação.¹⁰⁹³ Num momento de instabilidade vocacional,¹⁰⁹⁴ em que o próprio presidente do DAXIX deixou a instituição, que passou a ser dirigida por Frei Tito, ante às manifestações ocorridas no início de agosto de 1967, as diferenças entre “estudantes” e “seminaristas” eram evidenciadas nas falas: “‘amanhã’ haverá manifestação de todos os estudantes. A de hoje seria dos ‘seminaristas’”.¹⁰⁹⁵ A discussão em torno de um complexo de inferioridade dos estudantes do IFT frente aos universitários ocorreu sobretudo na assembleia de 15 de setembro de 1967, quando a nova diretoria do DAXIX tomou posse. O estudante Teodoro, ao fazer uma avaliação das atividades do DAXIX durante o ano apontou a instabilidade vocacional como um dos obstáculos: “Não sei se volto”, como frase recorrente entre os estudantes, incapacidade de ser coerente, medo de radicalização no próprio meio, medo de criar condições novas.¹⁰⁹⁶ Depois de sua intervenção, o tema do complexo de inferioridade diante dos universitários prosseguiu nas falas de Neydir Aguiar, estudante do Instituto Teológico de Rudge Ramos, da Igreja Metodista, como fato a ser superado pela participação no movimento estudantil;¹⁰⁹⁷ e nas intervenções de Jarbas, vice-presidente eleito do DAXIX, sobre “o estudante de Teologia” que procurava equilíbrio e amadurecimento e não podia descuidar de seus estudos.¹⁰⁹⁸ O então e ainda reitor

¹⁰⁹¹ *Ibid.*, p. 59.

¹⁰⁹² *Ibid.*, p. 59.

¹⁰⁹³ *Ibid.*, p. 43.46.

¹⁰⁹⁴ *Ibid.*, p. 61.

¹⁰⁹⁵ *Ibid.*, p. 57.

¹⁰⁹⁶ *Ibid.*, p. 61.

¹⁰⁹⁷ *Ibid.*, p. 62.

¹⁰⁹⁸ *Ibid.*, p. 62-63.

do IFT, Padre Olinto Pegoraro, em sua fala recolhida na ata, expressou em tom humanista e existencialista, sem respostas prontas, a situação de crise do momento, cujo engajamento formulava sempre novas perguntas.¹⁰⁹⁹

Frei Tito Alencar, presidente eleito do DAXIX, no seu discurso de posse, além dos agradecimentos, falou sobre o engajamento cristão no mundo tomando como ponto de partida o texto bíblico “Vós sois o sal da terra e a luz do mundo”¹¹⁰⁰ e a imagem do “fogo sagrado” em Emmanuel Mounier, relacionando-os ao momento político, eclesial e institucional do IFT e do próprio diretório, e do profetismo da juventude como chama que convidava primeiro à aventura e depois a um plano de ação.¹¹⁰¹ Sobre a personalidade de Frei Tito, o entrevistado Sr. RL se lembrou dele como um líder nato, que reunia os estudantes e, com seu entusiasmo, “ele levantava o bracinho - ele era gordinho - o braço esquerdo assim e chacoalhava o punho assim. Aquilo punha fogo na turma.”¹¹⁰²

Quando as atividades acadêmicas do IFT e do DAXIX retornaram no ano de 1968, o clima de crise e instabilidade vocacional permanecia. Dois membros da diretoria haviam se retirado da instituição. Frei Tito, após saudar os novos colegas que ingressaram no Instituto naquele ano, expôs sobre o valor da comunidade e da inserção do seminarista estudante de Teologia no mundo em socialização como apelo evangélico ao “homem, ativamente criador; atividade organizada e organizadora”.¹¹⁰³ Tratou em seguida sobre as equipes, sobretudo da diretoria do DAXIX, como instâncias para fazer do IFT uma comunidade que promovia a si mesma e os outros; um lugar onde as pessoas teriam a oportunidade de se revelar como pessoas e seus valores. O DAXIX não se constituía como ambiente curricular, mas espontâneo. A discussão sobre o IFT e a universidade, a situação do estudante de Teologia e os universitários entrou novamente em pauta, colocada por Jarbas, vice-presidente. Frei Tito

¹⁰⁹⁹ *Ibid.*, p. 64.

¹¹⁰⁰ Cf. Mt 5, 13-16.

¹¹⁰¹ Livro de Atas do DAXIX, p. 63-64.

¹¹⁰² Entrevista com Sr. RL.

¹¹⁰³ Livro de Atas do DAXIX, p. 65; Linguagem típica da apostila da AP, em sua visão fenomenológica hegeliana ao estilo do Padre Lima Vaz.

insistiu que o DAXIX se posicionasse a favor de uma estrutura universitária “e não por um esquema eclesial”.¹¹⁰⁴

A morte do estudante Edson Luís de Lima Souto, no dia 28 de março de 1968, numa manifestação estudantil no Rio de Janeiro, acirrou os ânimos na assembleia do DAXIX em 02 de abril daquele ano. A eficácia das passeatas foi questionada. O regime militar iniciado em 1964 antecedido por várias manifestações públicas apareceu sob um novo prisma, numa fala atribuída a Jarbas, como “o 1º de abril de 1964. As passeatas ‘sem Deus, sem propriedade, sem família’”.¹¹⁰⁵ O momento político e a forma de atuação do movimento estudantil em confronto com o regime militar elevaram o drama do estudante do IFT e dos membros do DAXIX, enquanto membros de organizações religiosas não reconhecidas oficialmente, em relação aos universitários. Um dos assuntos em pauta para debate na assembleia de 07 de agosto de 1968 era a “participação do estudante de teologia na vida política”.¹¹⁰⁶ A situação do estudante do IFT era vista como mais cômoda em relação aos universitários. O momento, no entanto, exigia dos estudantes do IFT o engajamento político e a luta pelo seu reconhecimento público e oficial como instituição educacional, segundo alguns membros do DAXIX, como o de Jarbas.¹¹⁰⁷ Frei Tito reforçou a sua fala, destacando a situação diferenciada dos estudantes do IFT e a atuação do DAXIX na Igreja no Brasil, cada vez mais urbana, mas que deve estar inserida em todas as áreas, tanto rural, como operária, estudantil e universitária.¹¹⁰⁸ A fala de Frei Tito reforçou a questão do “isolamento” da vida cristã em relação ao mundo moderno. O seminaristas geralmente eram recrutados no meio rural; encontravam-se integrados numa instituição, a Igreja Católica, que não se via mais como capaz de dialogar com o mundo moderno, cada vez mais urbano, e ao mesmo tempo distante do meio operário e do próprio meio rural. Ermélio, membro do DAXIX, nessa relação entre o estudante de Teologia e o movimento estudantil, defendeu a inserção do diretório no Movimento Revolucionário,¹¹⁰⁹ mais uma vez como forma de profetismo, de atuação cristã, identificação com as classes opri-

¹¹⁰⁴ *Ibid.*, p. 67.

¹¹⁰⁵ *Ibid.*, p.68-69.

¹¹⁰⁶ *Ibid.*, p. 70.

¹¹⁰⁷ *Ibid.*, p. 70-71.

¹¹⁰⁸ *Ibid.*, p.71.

¹¹⁰⁹ *Ibid.*, p. 71.

midas e oposição ao comodismo do clero, como também nas falas de José Aparecido,¹¹¹⁰ de Antônio Alves¹¹¹¹ e de Aurélio.¹¹¹² A tensão entre ser seminarista expectador e atuar no movimento estudantil foi apresentada novamente por Jarbas em assembleia no início de setembro, criticando as instituições eclesiais que não favoreciam a inserção no mundo, deixando sempre o estudante de Teologia na condição de seminarista.¹¹¹³ No entanto, quando o último presidente do DAXIX, Domingos Guimarães, participou do congresso regional da UEE, nos dias 14 e 15 de setembro de 1968, em preparação para o congresso nacional que se realizou em outubro seguinte em Ibiúna, São Paulo, disse não ter encontrado nenhuma resistência ou preconceito por parte dos universitários. Os representantes do IFT não tiveram problemas com credenciais.¹¹¹⁴ Os discursos foram no sentido de mexer com o moral dos estudantes e superar sua inferioridade ante os universitários e fazê-los atuar no movimento. “Logoi” e “Erga” ... Palavras e ações...

A animosidade que surgiu entre os estudantes do IFT e o Cardeal Arcebispo de São Paulo, D. Agnelo Rossi, poucos dias depois dessa assembleia levantou outras questões quanto ao modo de se exercer a autoridade e o diálogo na Igreja Católica. Os estudantes viram o pronunciamento do cardeal à imprensa em relação à entrevista dada pelo reitor Frei José de Freitas Neves, num canal de TV, como “medida extrapolatória” e “censura”.¹¹¹⁵ Com o devido cuidado em não criar uma polêmica que chegasse aos órgãos de imprensa e nem fosse politizada pelos movimentos estudantis, num tom de indignação e desafio, decidiram convidar o cardeal para esclarecer seus posicionamentos e ouvir os estudantes, manifestar o apoio ao reitor e ao corpo docente, que oferecia uma Teologia Crítica.¹¹¹⁶ Apesar das “rápidas considerações” feitas pelo secretário da CRB, Padre Júlio Munaro, “sobre o valor do diálogo, elogiando ambas as partes: a nós pelo convite e ao cardeal pela aceitação”,¹¹¹⁷ o resultado foi a agonia do IFT, e com ele, o fim do DAXIX.

¹¹¹⁰ *Ibid.*, p. 72.

¹¹¹¹ *Ibid.*, p. 72.

¹¹¹² *Ibid.*, p. 72.

¹¹¹³ *Ibid.*, p. 85.

¹¹¹⁴ *Ibid.*, p. 88.

¹¹¹⁵ *Ibid.*, p. 90.

¹¹¹⁶ *Ibid.*, p. 92-93.

¹¹¹⁷ *Ibid.*, p. 96.

Um outro aspecto que se pode observar nas atas do DAXIX é sua relação com o ambiente político e como essa relação se transformou durante sua existência, indo de uma aproximação a uma militância alinhada à esquerda católica.¹¹¹⁸ Com as atividades do IFT iniciadas em 1965 e do DAXIX no ano seguinte, a conjuntura política geral era a do regime militar. Para a quase totalidade dos historiadores, trata-se do golpe militar de 31 para 01 de abril de 1964. Existe a discussão, por outro lado, se não teria sido um “contragolpe”.¹¹¹⁹ Uma das medidas do regime militar, foi colocar os movimentos estudantis ligados à UNE na ilegalidade através da Lei Suplicy. Segundo Alexandre Tavares do Nascimento Lira, ela instituiu o funcionamento legal dos “Diretórios Acadêmicos” e suas instâncias organizacionais reduzindo ao máximo sua capacidade de resistência.¹¹²⁰ O IFT, enquanto instituição eclesiástica, não se enquadrava como entidade educacional nos moldes oficiais e públicos. O diretório acadêmico do IFT, mesmo que informal, seguia as leis em vigor. Desde a eleição de sua primeira diretoria, empossada no dia 13 de junho de 1966, o eleito chefe do Departamento Social, José Giovani Gomes, apresentou seu projeto de contato com outros centros acadêmicos e a participação nos movimentos estudantis universitários.¹¹²¹ A discussão em torno da filiação à UEE e UNE ocorreu desde a assembleia de 03 de setembro daquele ano até setembro de 1968. Mesmo na clandestinidade, ela abrangeria 85% dos estudantes, enquanto os organismos permitidos por lei, os DEE e DNE, teriam somente 15% de representatividade. Os filiados ao DAXIX não eram concordes e nem unânimes nessa questão desde o início. A discussão sobre a filiação à uma instituição ilegal e clandestina foi muito polêmica nas primeiras assembleias, descritas como “ferrenha discussão”¹¹²² ou como “clima de tensão emocional”.¹¹²³ A polêmica envolvia sobretudo os posicionamentos das “autoridades eclesiásticas”¹¹²⁴ que “eram contra o

¹¹¹⁸ PAULA, Sérgio Peres de. A politização do diretório acadêmico do IFT. In: MOL, Elias Perigolo; SILVA, Lucas Souza (org.). **Rumos da História**: compreensões do passado e pesquisas entre áreas. São Paulo: Dialética, 2022. v. 1, p. 10-12.

¹¹¹⁹ Cf. SILVA, Hélio. **1964: golpe ou contragolpe?** 4. ed. Porto Alegre: L&PM, 2014.

¹¹²⁰ LIRA, Alexandre Tavares do Nascimento. Reflexões sobre a legislação de educação durante a ditadura militar (1964-1985). **Histórica**, São Paulo, n. 36, 2009. Disponível em: <http://www.historica.arquivos-tado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao36/materia01/>. Acesso em: set. 2020.

¹¹²¹ Livro de Atas do DAXIX, p. 15.

¹¹²² *Ibid.*, p. 21.

¹¹²³ *Ibid.*, p. 24.

¹¹²⁴ A expressão é muito genérica, podendo-se entender desde as autoridades com certa representatividade oficial, como a CNBB, ou de modo local, os bispos em suas dioceses, ou ainda os próprios superiores das ordens e congregações religiosas que mantinham seus estudantes no IFT.

ingresso de seminaristas em movimentos liderados pela UNE”.¹¹²⁵ Colocada em votação e aprovada a proposta de filiação à UEE na assembleia de 03 de setembro de 1966, os vencidos manifestaram um protesto, pois “queriam uma politização sincera e consciente do DAXIX”,¹¹²⁶ o que sugere a insatisfação e posicionamentos díspares entre os estudantes. Apesar das cautelas apresentadas pelo próprio reitor do IFT, Padre Olinto Pegoraro, e Frei Luciano Parisse, diretor do curso de Filosofia, sobre a filiação à UEE e os posicionamentos oficiais das autoridades eclesiásticas, a proposta foi aprovada, gerando ainda críticas à hierarquia da Igreja Católica¹¹²⁷ por parte de alguns estudantes.

Algumas expressões e palavras redundaram nas atas, delineando os posicionamentos dos estudantes em relação aos movimentos estudantis, à hierarquia eclesiástica e ao momento político: “politização sincera e consciente”,¹¹²⁸ “seminarista atuante”¹¹²⁹ e “mostrar que a Igreja não está mais alienada”,¹¹³⁰ “conscientização”,¹¹³¹ “presença da Igreja”, “presença do seminarista”, “engajamento”, “sujeito da História”, “comandantes do processo histórico”,¹¹³² “maior conscientização política coletiva”, “evolução na consciência crítica dos alunos”,¹¹³³ “liberdade de expressão”, “seminaristas devem participar da vida política”, “fator consciência como liberdade pessoal diante dos fatos”,¹¹³⁴ “responsabilidade”, “clima de diálogo”, “perigo da massificação”,¹¹³⁵ “exigência do engajamento do seminarista do mundo de hoje”, “engajamento pluralizado”, “engajamento politizado”, “engajamento no plano da politização num país em desenvolvimento”,¹¹³⁶ “engajamento da atual diretoria no meio estudantil”,¹¹³⁷ “consciência de todos”.¹¹³⁸

¹¹²⁵ Livro de Atas, p. 24.

¹¹²⁶ Livro de Atas, p. 23.

¹¹²⁷ *Ibid.*, p. 24.29.

¹¹²⁸ *Ibid.*, p. 23; a palavra “politização” aparece outras duas vezes na p. 32; o adjetivo “politizado”, duas outras vezes: p. 78.85.

¹¹²⁹ *Ibid.*, p. 25.93.

¹¹³⁰ *Ibid.*, p. 25.45.55.77.9 (“alienado” ou “alienação” num total de 7 vezes).

¹¹³¹ *Ibid.*, p. 23.27-30.45-46.48.57.61.63.69.73-75.88.93 (com as variantes, como conscientizar e consciência, aparece num total de 27 vezes).

¹¹³² *Ibid.*, p. 27; o termo “engajamento” e suas variantes aparece 24 vezes;

¹¹³³ *Ibid.*, p. 28.

¹¹³⁴ *Ibid.*, p. 29.

¹¹³⁵ *Ibid.*, p. 31.

¹¹³⁶ *Ibid.*, p. 32.

¹¹³⁷ *Ibid.*, p. 44.

¹¹³⁸ *Ibid.*, p. 45.

Em relação ao regime militar, no ano de 1966, não apareceram críticas explícitas. Ao se discutir a Lei Suplicy, em 03 de setembro de 1966, utilizou-se mesmo a expressão “revolução de 64”,¹¹³⁹ sem nenhuma objeção. Nem em uma fala de Travassos,¹¹⁴⁰ presidente da UEE, na última assembleia do DAXIX, em 06 de dezembro de 1966, tratou da UEE em relação ao “governo militar” e sua “posição de força”, embora já houvesse o espancamento de estudantes.¹¹⁴¹ Ao fazer uma análise do movimento estudantil, no entanto, o então presidente do DAXIX, Francisco Ansiliero, falou do “momento nacional” como o de uma “fermentação de revolução” irreversível, ao qual deveriam aceitar para que a esquerda radical não impusesse uma ditadura comunista. Para ele o movimento universitário não estaria filiado a nenhum partido e haveria uma conscientização do povo brasileiro a longo prazo, “fazendo-o dono de sua política”¹¹⁴². Essa fala do presidente e as expressões citadas anteriormente, na forma como foram recolhidas pelo secretário, alinhavam-se ao discurso da esquerda católica. A insistência nos termos “presença” e “engajamento” se adequam ao movimento de oposição ao isolamento e distanciamento social e cultural do modelo eclesial tridentino em relação ao “mundo moderno” e de busca de alinhamento às leituras de propostas de mudança do Concílio Vaticano II.

O jornal “Opinião”, impresso com a colaboração dos estudantes do DAXIX, foi apresentado exatamente como um instrumento de “presença da Igreja no mundo da imprensa, num mundo pluralista... estabelecer um diálogo com o mundo de hoje”.¹¹⁴³ Uma das formas que se via para este diálogo era o contato com o movimento estudantil e o “engajamento no plano de uma politização num país em desenvolvimento como o nosso”.¹¹⁴⁴ A primeira assembleia do ano de 1967, realizada em 16 de março,

¹¹³⁹ *Ibid.*, p. 21.

¹¹⁴⁰ Luís Gonzaga Travassos da Rosa nasceu em São Paulo, em fevereiro de 1945. Estudou no Colégio Santo Agostinho, em São Paulo. Posteriormente foi seminarista em Bragança Paulista (SP) e na Freguesia do Ó, bairro paulistano, onde começou sua atividade política em organizações católicas progressistas. Ingressou na Faculdade de Direito da Universidade Católica de São Paulo em 1965. Em seguida foi eleito presidente do Centro Acadêmico 11 de Agosto. Nessa ocasião passou a militar na organização ilegal da esquerda católica, Ação Popular (AP), abandonando a Juventude Universitária Católica (JUC). Teve intensa atuação junto à UNE, à ALN, ao MR-8 e ao PT. Faleceu no Rio de Janeiro, no dia 24 de fevereiro de 1982, vítima de acidente automobilístico.

FONTES: *Flagrante* (3/4/78); *Folha de S. Paulo* (25/2/82); *Globo* (25/2/82); *IstoÉ* (3/3/82); *Jornal do Brasil* (23/9 e 29/10/79); *Realidade* (6/68); *Veja* (16/10/68 e 17/9/69). Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/travassos-luis>. Acesso em: set. 2020.

¹¹⁴¹ Livro de Atas do DAXIX, p. 45.

¹¹⁴² *Ibid.*, p. 27.

¹¹⁴³ *Ibid.*, p. 32.

¹¹⁴⁴ *Ibid.*, p. 32.

sob a presidência de Everaldo Deprá, estudante agostiniano recoleto, contando com novos integrantes, as discussões continuaram em torno da “nossa situação alienada do meio universitário, que se encontra muito além de nós no tocante à consciência crítica”¹¹⁴⁵ e a “passividade da assembleia”, da qual insistia quanto à maior participação nos debates.¹¹⁴⁶ Dentre os assuntos discutidos, estava a reforma universitária. Giovanni fez uma acusação de um “plano do imperialismo yankee” no mundo universitário através do acordo MEC-USAID e outros planos econômicos.¹¹⁴⁷ Críticas explícitas ao EUA, ao que foi chamado de “filosofia pró-capitalismo” e termos como “imperialismo” apareceram como elementos novos nas atas, indicando a proximidade ainda maior de determinados estudantes do IFT à esquerda católica. Um outro ponto de discussão foi sobre o “novo método de ação da UEE”, apresentado pelo estudante Chiroque, que, segundo ele, “ultrapassou a época do grito e se encontrava em momentos de reflexão. Mostrou em poucas palavras a gravidade e a necessidade de nós também refletirmos sobre este imperialismo prático que nos quer dominar”.¹¹⁴⁸ Em seguida, dois novos estudantes, Aparecido Faria e Frei Tito Alencar, reforçaram o que havia sido dito sobre esse novo método; “foram aplaudidos, e mostraram também que tínhamos de partir para uma luta e não fugirmos à realidade dos fatos que se nos apresentavam”.¹¹⁴⁹ A palavra “luta” aparece numa outra fala do estudante Adilson que deu seu testemunho de participação em uma equipe de reflexão do movimento estudantil e “convidou a todos “para esta luta de busca da verdade”.¹¹⁵⁰ Ainda nessa assembleia, as discussões prosseguiram tratando sobre a questão da filiação à UNE, mesmo na clandestinidade, e o conflito que isso implicaria pelo fato de serem estudantes vinculados a ordens e congregações religiosas; a possibilidade de filiação ao DCE da PUC e a necessidade de aprofundar uma “linha política” no DAXIX.¹¹⁵¹ O foco das discussões na assembleia de 25 de abril de 1967 foi novamente o convênio MEC-USAID, visto pelos estudantes como um plano dos países desenvolvidos para segurar e abafar os subdesenvolvidos.¹¹⁵² O convênio foi criticado pois “coloca em relevo a

¹¹⁴⁵ *Ibid.*, p. 46.

¹¹⁴⁶ *Ibid.*, p. 47.

¹¹⁴⁷ *Ibid.*, p. 46.

¹¹⁴⁸ *Ibid.*, p. 47; as referências à UEE aparecem 28 vezes; à UNE, 27 vezes.

¹¹⁴⁹ Livro de Atas do DAXIX, p. 47; a palavra “luta” e suas variantes no verbo “lutar” aparecem 26 vezes, sendo 24 vezes após a fala de Aparecido e Frei Tito, em diferentes contextos, mas em sua maioria, referindo-se às atividades político-sociais.

¹¹⁵⁰ *Ibid.*, p. 47.

¹¹⁵¹ *Ibid.*, p. 48.

¹¹⁵² *Ibid.*, p. 50.

tecnologia e esquece o humanismo”,¹¹⁵³ como um acordo cuja ideologia é o “imperialismo técnico”, sua política era a estrangeira, sua sociologia consistia em manter as universidades nas metrópoles e sua economia visava somente ganhar dinheiro. Frei Tito, citando o presidente Johnson,¹¹⁵⁴ “que colocará nas mãos dos jovens a responsabilidade do futuro, tendo o Brasil uma população na base dos 21 anos como dominante, logo a USAID não tem sentido”.¹¹⁵⁵ Além do debate em torno do convênio, discutiu-se sobre o governo Costa e Silva: “Até agora tem sido democrático, mas faz-se necessário colocar tudo em cheque para se ter certeza”, disse Giovanni, pois as propostas apresentadas não correspondiam “às nossas necessidades”.¹¹⁵⁶ A estudante Leila, do DCE da PUC,¹¹⁵⁷ presente na assembleia, explicou “a situação estudantil em Brasília, os pontos da infiltração imperialista e convoca para um ato público de protesto em frente ao consulado americano”.¹¹⁵⁸ Travassos, líder da UEE, também presente, reforçou muitos dos pontos discutidos e ao final, uma vez aprovada a solidariedade na manifestação, pediu “para não praticarem bagunça”.¹¹⁵⁹

O DAXIX passou por uma crise institucional no fim do primeiro semestre de 1967 com a desistência de vários de seus integrantes, sobretudo na diretoria, inclusive do presidente Everaldo Deprá. Assim, nesse contexto, as atividades foram retomadas no início de agosto com as assembleias presididas por Frei Tito Alencar. O fato de ter ocorrido três assembleias extraordinárias durante três dias seguidos mostrava a urgência de algumas questões, sobretudo referentes à prisão de monges beneditinos

¹¹⁵³ *Ibid.*, p. 50; sobre essa discussão, Cf. GALETTO, Paulo César. A Expansão e mercantilização do Ensino Superior no Brasil. In: GALETTO, Paulo César. **Mercantilização do Ensino Superior Privado: um estudo de caso sobre o adoecimento laboral de Coordenadores de Curso**. São Paulo: Editora Dialética, 2022. p. 28-29.

¹¹⁵⁴ A citação se refere ao discurso do Presidente do EUA em Punta Del Este, por ocasião da reunião de cúpula dos Chefes de Estado americanos, no dia 14 de abril de 1967, cujo discurso foi publicado na íntegra pelo Jornal “O Estado de São Paulo” Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19670414-28219-nac-0002-999-2-not>. Acesso em: set. 2020. Sobre o presidente norte-americano e seus programas sociais e educacionais com informações da “The White House Historical Association” cf. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/biografias/lyndon-b-johnson.jhtm>. Acesso em: set. 2020.

¹¹⁵⁵ Livro de atas do DAXIX, p. 50-51.

¹¹⁵⁶ *Ibid.*, p. 51.

¹¹⁵⁷ Sobre o DCE da PUC-SP, cf. **Do Golpe ao congresso de Ibiúna (1964 – 1968)** Disponível em: <https://www.pucsp.br/comissaodaverdade/movimento-estudantil-periodizacao-1964-68.html>. Acesso em: set. 2020.

¹¹⁵⁸ Livro de atas do DAXIX, p. 49; a crise nas universidades era um dos assuntos constantes em vários números da “Folha de São Paulo” e no jornal “O Estado de São Paulo” entre os dias 12 e 25 de abril mantiveram uma sequência de artigos sobre esse tema, além de outras notícias, como a prisão e a soltura de estudantes da Universidade de Brasília. O foco das discussões era o problema dos “excedentes” e o acordo MEC-USAID.

¹¹⁵⁹ *Ibid.*, p. 51.

em Vinhedo, São Paulo, e frades dominicanos e franciscanos em Belo Horizonte. A partir desse momento, na assembleia de 03 de agosto, a ação política dos religiosos contra a “ditadura” passou a ser vista como “profetismo”; o “engajamento do cristão no plano revolucionário” como uma das suas “implicações esquerdistas”.¹¹⁶⁰ Falando sobre a UNE e seu congresso, o estudante Chiroque falou das “implicações internacionais de nossa sociedade”, dos estudantes organizados em nível mundial na OCLAE, do projeto socialista em um país capitalista, da polarização feita pelo movimento estudantil em torno da revolução a ser feita por operários e camponeses e do papel de liderança dos estudantes nesse processo.¹¹⁶¹ As discussões a partir dessa assembleia relacionavam sempre a ação política da Igreja com o profetismo e o socialismo, a rebeldia contra estruturas injustas como raízes do cristianismo desde os mártires e os primeiros monges. Elaborou-se um discurso de aproximação das propostas da UNE à visão cristã, de forma a identificá-las não como “subversão”, mas como uma exigência de justiça, evangelicamente aceitável.¹¹⁶² No dia seguinte, com a presença do reitor e vários professores, a assembleia do DAXIX continuou a discussão sobre a prisão dos religiosos, a postura da hierarquia, a ação política de protesto como uma exigência de Justiça contra um “regime que impera ditatorialmente no Brasil e na América Latina”.¹¹⁶³ Um dos elementos que surge nas discussões foi a questão da “violência”, por uns considerada lícita somente quando esgotadas as possibilidades pacíficas. Frei Tito interveio lembrando que a violência era exercida sobretudo pela polícia. Ao que Giovani acrescentou que “é utópico recebermos a violência sem revidá-la. Incita a violência recíproca”.¹¹⁶⁴ Na assembleia de 04 de agosto, revendo os acontecimentos do dia anterior, a manifestação diante do DOPS, que teve como um dos resultados a prisão e inquérito de vários estudantes e padres, os estudantes já tinham claro o regime militar como uma “ditadura”. “Diante de uma ditadura expressa é preciso estar bem preparado”,¹¹⁶⁵ disse o estudante Pedro. Terezinha de Lisieux Vasconcelos, que secretariava a assembleia, criticou a postura dos padres que em 1964 instigara os leigos e naquela ocasião os abandonava. Para ela, os protestos dos estudantes eram

¹¹⁶⁰ *Ibid.*, p. 53.

¹¹⁶¹ *Ibid.*, p. 54.

¹¹⁶² *Ibid.*, p. 55.

¹¹⁶³ *Ibid.*, p. 56.

¹¹⁶⁴ *Ibid.*, p. 57.

¹¹⁶⁵ *Ibid.*, p. 58.

protestos também contra a hierarquia da Igreja. Em sintonia com a UNE, os estudantes iriam estudar a carta emitida pela organização estudantil e à tarde participaria de novos protestos.

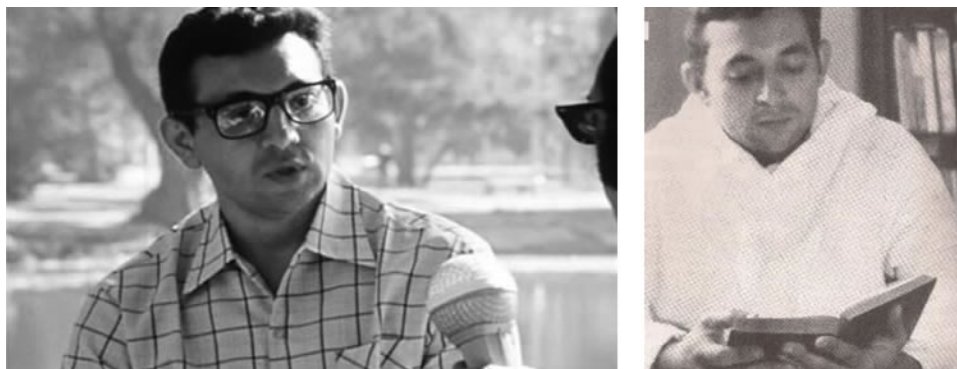


Figura 7. Frei Tito Alencar – Presidente do DAXIX – 1967-1968¹¹⁶⁶

A nova diretoria, sob a presidência de Frei Tito Alencar, tomou posse no dia 15 de setembro de 1967.¹¹⁶⁷ A ação do DAXIX, mesmo passando por uma fase de instabilidade e crise institucional com a saída de vários membros e a incerteza da permanência de muitos outros, continuou na linha do “engajamento”, do “dever de dar a nossa participação” em relação ao IFT, ao próprio DAXIX e ao movimento estudantil. A discussão sobre a identidade do estudante de Teologia e seu “engajamento no movimento estudantil” prosseguiu tendo como meta a organização de uma “executiva nacional de Teologia”. Ao final do ano de 1967, os estudantes do DAXIX viram-se na necessidade de um reacender uma “chama debilitada”. “Engajamento maior fora”, chocar-se “como homens do Evangelho” ante a situação do Brasil, “entrar em sua luta”, tomar “consciência”, reavivar o ardor da juventude, “profetismo da juventude atual”, lutar no IFT como uma conquista no campo da cultura teológica¹¹⁶⁸, são expressões que se encontram na fala do presidente eleito, Frei Tito Alencar, tal como recolhida nas atas. A primeira assembleia em 01 de março de 1968 ainda trouxe vestígios da crise vivida no ano anterior em relação à instabilidade vocacional, uma vez que mais membros do IFT haviam se retirado, incluindo dois membros da diretoria do DAXIX. Para Frei Tito, a finalidade do diretório teria duas direções: a “realidade do

¹¹⁶⁶ Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/frei-tito-de-alencar-lima/>. Acesso em: 13 jun. 2023.

¹¹⁶⁷ Livro de atas do DAXIX, p. 60-64.

¹¹⁶⁸ *Ibid.*, p. 63-64.

problema”, o “valor da comunidade”, o “mundo - a humanidade em fase de socialização”, de um lado; e uma outra direção “evangélica”, o “homem, ativamente criador”, a “atividade orgânica e organizadora”. Seria a partir dessas direções que o DAXIX, mesmo sendo um “ambiente não curricular, mas espontâneo”, iria organizar suas atividades e formas de ação. Para ele, a diretoria tinha uma necessidade de uma “equipe política” como assessoria. Após esclarecimentos sobre a política estudantil e das várias tendências do movimento, falou sobre ouvir a UEE e a importância da discussão política.¹¹⁶⁹ Os contatos com representantes da UEE durante o mês de março de 1968, até a sua assembleia, não haviam sido possíveis por causa de divisões dentro do próprio movimento. Com “problemas de fraude nas eleições de ambas as facções”, o conselho da UEE fez várias tentativas de resolver a questão. Uma reunião seria realizada no dia 23 de março e urgia escolher um representante do IFT. O presidente, Frei Tito Alencar, não poderia representar o DAXIX, pois seu convento estava sob visita canônica, mas ele comunicou a respeito de “contatos mantidos pelo IFT com a ala do José Dirceu¹¹⁷⁰ na UEE”.¹¹⁷¹ Por ocasião da morte do estudante Édson Luiz, a assembleia do DAXIX em 02 de abril de 1968 teve discussões calorosas sobre as passeatas¹¹⁷² como estratégia e forma de protesto contra o “regime”, naquela ocasião já sob uma nova ótica: um “regime que mata, cada dia, operário rural e cidadão”.¹¹⁷³ A identidade do estudante de Teologia foi novamente colocada em questão: “os futuros teólogos que podem fazer?”.¹¹⁷⁴ Mesmo com as divisões internas no movimento estudantil, as atas registram falas que mostravam um novo foco de ação: “o movimento era do povo”, “campo para o nosso trabalho: educação”; “fazer crescer a ‘consciência política’ do nosso povo”. Das discussões sobre a importância das passeatas, vistas

¹¹⁶⁹ *Ibid.*, p. 65-67.

¹¹⁷⁰ José Dirceu de Oliveira e Silva é um advogado e político brasileiro. Chegou a São Paulo em 1961 para trabalhar e estudar. Como secundarista, começou a participar do movimento estudantil e se filiou ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). Em 1965, iniciou o curso de Direito na PUC de São Paulo. Foi vice-presidente do Diretório Central dos Estudantes (DCE) e depois, em 1967, presidiu a União Estadual dos Estudantes (UEE) e atuou junto à UNE. Cf. Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/jose-dirceu/>. Acesso em set. 2020.

¹¹⁷¹ Livro de Atas do DAXIX, p. 67-68.

¹¹⁷² Os grandes jornais de São Paulo noticiaram as passeatas no dia 02 de abril de 1968, com fotos em manchete e reportagem na pág. 16 na Folha de São Paulo (Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=2886&anchor=4458735&origem=busca&originURL=&pd=4c170b35951d31bbbc95fbd17bff3cc6>. Acesso em set. 2020; Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=2886&anchor=4458763&origem=busca&originURL=&pd=3182dced1d702b97ceb01d23db8afb94>. Acesso em set. 2020.) ; o jornal “O Estado de São Paulo” reportou sobre as passeatas na pag. 16 desse mesmo dia (<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19680402-28520nac-0013-999-13-not>).

¹¹⁷³ Livro de Atas do DAXIX, p. 68.

¹¹⁷⁴ *Ibid.*, p. 69.

como insuficientes, partiu-se para a discussão sobre o apoio à greve geral que seria discutida no CRUSP,¹¹⁷⁵ aberta a outros estudantes, e pela reunião de artistas e intelectuais no Teatro Ruth Escobar¹¹⁷⁶ naquele mesmo dia. Tanto o apoio e participação na greve quanto a solidariedade às outras faculdades foram temas sob grandes discussões entre os estudantes do DAXIX.¹¹⁷⁷ Na assembleia no início do segundo semestre de 1968, dia 07 de agosto, discutiu-se ainda sobre os estudantes do IFT, enquanto instituição religiosa não reconhecida oficialmente, protegidos por “faixas largas para nossa inserção no mundo”,¹¹⁷⁸ em relação aos estudantes universitários. A participação do estudante de Teologia na vida política e do IFT no congresso da UNE foram temas em pauta.¹¹⁷⁹ Além da participação do DAXIX no movimento estudantil, Frei Tito falou também sobre outros “pontos e frentes de trabalho”, como os meios rural e operário.¹¹⁸⁰ A questão da ampliação da participação além do movimento estudantil surgiu na fala do estudante José Aparecido quando se refere às “classes oprimidas”: “O padre, o cristão, têm que se identificar com as classes mais oprimidas: operários, camponeses”.¹¹⁸¹ A expressão “Movimento Revolucionário” aparece quatro vezes nessa ata, sendo duas vezes acrescentando o adjetivo “Brasileiro”, com ênfase na figura do camponês como o protagonista dessa revolução, uma vez que também aparece a expressão “Movimento Camponês”.¹¹⁸² Para Ermélio, o engajamento no movimento revolucionário era uma forma do estudante de Teologia entrar na luta com o povo;¹¹⁸³ para José Aparecido, profética e “essencialmente cristã”¹¹⁸⁴. Jarbas, vice-presidente do DAXIX, deu orientações sobre a participação do IFT no Movimento Revolucionário Brasileiro, advertiu sobre o Congresso da UNE que já havia começado em cada escola; lembrou que a Revolução não se fazia por estudantes, intelectuais e padres: “Temos que apoiar a luta dos operários e dos camponeses. Nossa ‘revolução de pequenos burgueses’ já passou...”.¹¹⁸⁵ Ao tratar do temário do Congresso da UNE,¹¹⁸⁶

¹¹⁷⁵ Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo. Alojamento estudantil da USP.

¹¹⁷⁶ Uma busca nos jornais “Folha de São Paulo” e “O Estado de São Paulo” nos dias seguintes não encontrou reportagem alguma sobre tal reunião, ao que parece, ignorada pela imprensa local.

¹¹⁷⁷ Livro de Atas do DAXIX, p. 69-70.

¹¹⁷⁸ *Ibid.*, p. 71.

¹¹⁷⁹ *Ibid.*, p. 70.

¹¹⁸⁰ *Ibid.*, p. 71.

¹¹⁸¹ *Ibid.*, p. 72; cf. também p. 74.75.

¹¹⁸² *Ibid.*, p. 72.

¹¹⁸³ *Ibid.*, p. 71.

¹¹⁸⁴ *Ibid.*, p. 72.

¹¹⁸⁵ *Ibid.*, p. 73.

¹¹⁸⁶ O Congresso da UNE foi realizado no dia 12 de outubro de 1968. Cf. QUEDA DE IBIÚNA: A UNE VAI PARA

em fase de estudos nas escolas e a ser realizado em outubro seguinte, continuou o vice-presidente, fazendo vários questionamentos sobre a reforma universitária e o movimento revolucionário proposto pela UNE.¹¹⁸⁷ Contestando a respeito do papel dos intelectuais no movimento revolucionário, Zé Luiz reafirmou:

É verdade que serão os operários e os camponeses os realizadores da Revolução, mas, os verdadeiramente conscientes são os intelectuais, os universitários. Estes, entretanto, se fecham sobre si mesmos em intermináveis teorias e discussões e não procuram conscientizar o povo. Os intelectuais devem ser os incentivadores da Revolução que o povo realizará, sob a influência deles!.¹¹⁸⁸

Nesse momento, os estudantes estavam se organizando para protestar contra o regime militar que nessa ocasião já era chamado de “ditadura”, com um “esquema repressivo”, diante do qual já viam um “Problema: ‘que condições tem o povo para reagir contra o governo?’”.¹¹⁸⁹ A estratégia era realizar comícios-relâmpagos em horários diferentes durante a semana, concentrando-se em diversos lugares e em dias diferentes. Ciente dos riscos, disse Frei Tito: “Sobre a participação do IFT, o presidente ajuntou: ela só se fará a partir da responsabilidade de cada um. Não fazer cálculo dos riscos, mas, sabê-los!”.¹¹⁹⁰

No segundo semestre de 1968, uma convergência de vários fatores intensificou a crise no IFT e no DAXIX. O momento político em relação ao regime militar estava

A CADEIA. QUEDA de Ibiúna: a UNE vai para a cadeia. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/queda-de-ibiuna-a-une-vai-para-a-cadeia>; noticiado pela “Folha de São Paulo”, na primeira capa “Congresso da UNE: todos presos” (cf. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=3080&anchor=5168040&origem=busca&orinURL=&pd=f96f5e884b0d1832e2dd7ee4d81dcef6>), com reportagem na página 10 (cf. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=3080&anchor=5168061&origem=busca&orinURL=&pd=14e29832d8fd133a2ee50edaca9d794d>. Acesso em: set. 2021.); o jornal “O Estado de São Paulo”, além da manchete na capa, deu ampla cobertura ao episódio nas páginas 27 a 29. (cf. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19681013-28685-nac-0027-999-27-not>. Acesso em: set. 2021.; Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19681013-28685-nac-0028-999-28-not>. Acesso em: set. 2021.; Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19681013-28685-nac-0029-999-29-not>). Acesso em: set. 2021.

¹¹⁸⁷ *Ibid.*, p. 73.

¹¹⁸⁸ *Ibid.*, p. 73.

¹¹⁸⁹ *Ibid.*, p. 74.

¹¹⁹⁰ *Ibid.*, p. 74.

mais tenso; os protestos mais constantes; a repressão, particularmente sobre os movimentos estudantis, mais intensa. A UNE preparava seu congresso com uma forte disputa interna entre a chapa liderada por Luís Travassos e a chapa liderada por José Dirceu.¹¹⁹¹ O DAXIX também passava por uma fase de eleições de nova diretoria, dessa vez com muitos conflitos internos e ataques verbais à diretoria que deixava e à chapa proposta. Os problemas giravam em torno do estatuto, que não teria sido dado a conhecer aos novos integrantes do IFT, à forma e prazos para a constituição das chapas e aos que legitimamente, segundo o estatuto, pertenciam ao DAXIX. Tanto o IFT, quanto a diretoria DAXIX que deixava e a nova chapa eram de integrantes dominicanos: o reitor do IFT, Frei José de Freitas Neves, Frei Tito Alencar, presidente da diretoria que entregava o cargo, e Frei Domingos Guimarães, que seria o presidente eleito. Estudantes agostinianos recoletos também faziam parte das respectivas diretorias, nos cargos de vice-presidente e, depois, de secretário do diretório. Dentre as discussões nas assembleias desse período, na segunda quinzena de agosto de 1968, estava a acusação de que a diretoria “atual” teria sido uma “imposição”. As acusações estavam relacionadas ao cumprimento das formalidades estatutárias. Frei Tito, referindo-se às exigências pelo cumprimento estrito do estatuto e à questão da burocracia como instrumento de alienação, que eles combatiam, lembrando que a assembleia era soberana.¹¹⁹² Após tomar a decisão de renunciar ao cargo e a uma possível reeleição, Frei Tito assim justificou sua atitude como dentro de sua postura sempre democrática “com todas as classes que não lhe deu quase nenhuma acolhida”;¹¹⁹³ e lembrou que ele e o vice-presidente nunca “procuraram impor suas posições políticas, como antes alguns membros das antigas Diretorias fizeram”.¹¹⁹⁴ As discussões, segundo o vice-presidente Jarbas, mostravam a dificuldade em se criar as condições internas para o “engajamento político”.¹¹⁹⁵ O clima era de tensão e incertezas. As atas seguintes, que preparavam as eleições da diretoria, após a constituição de uma comissão provisória, mostram que havia um certo desgaste e insatisfação entre os estudantes, sobretudo com relação aos procedimentos para a eleição e à legitimidade da chapa única e eleita.¹¹⁹⁶ O ambiente era de desânimo e pouco envolvimento nas

¹¹⁹¹ *Ibid.*, p. 87.

¹¹⁹² *Ibid.*, p. 77.

¹¹⁹³ *Ibid.*, p. 78.

¹¹⁹⁴ *Ibid.*, p. 79.

¹¹⁹⁵ *Ibid.*, p. 79.

¹¹⁹⁶ *Ibid.*, p. 80-83.

atividades propostas para a preparação do Congresso da UNE.¹¹⁹⁷ Mesmo assim, representantes foram enviados ao congresso regional da UEE, que ocorreu com a presença de José Dirceu e de Luís Travassos, durante o qual se discutiram sobre o governo, já considerado uma “ditadura constitucional”, a reestruturação universitária e a universidade empresarial, a ação e o papel do movimento estudantil, as formas de organização, as formas de lutas, o cronograma da UNE e seus estatutos, a UNE, a UIE e a OCLAE. Domingos Guimarães, presidente eleito e já empossado, que participou do congresso regional, comentou, na assembleia de 16 de setembro de 1968, sobre a prevalência de José Dirceu para a presidência da UNE, inclusive noticiados nos jornais daquele dia.¹¹⁹⁸ A proposta, aceita em assembleia, era continuar os estudos do programa da UEE em preparação para o congresso da UNE a ser realizado em outubro próximo.¹¹⁹⁹

O livro de atas do DAXIX registra somente duas outras assembleias, realizadas respectivamente nos dias 20 e 23 de setembro de 1968. As discussões aconteceram em torno do conflito gerado após publicação do Cardeal Arcebispo de São Paulo, D. Agnelo Rossi, em jornal, com críticas e medidas contra o IFT, no qual colocava em dúvida a formação sacerdotal e teológica recebida pelos seus estudantes e sua legitimidade em relação à ortodoxia católica. Os estudantes debateram a publicação, manifestaram-se em relação a ela, solicitaram uma reunião com a autoridade da Igreja Católica, organizaram-se e se prepararam para esta reunião, ocorrida em caráter fechado. Uma das discussões teve como foco a questão do apoio da UEE ao IFT. “Isto porque seu presidente, José Dirceu, queria tirar alguma implicação política”.¹²⁰⁰ Após intervenções, a decisão foi de explicar o caso à UEE, mas não permitir nenhuma manifestação política a respeito.

¹¹⁹⁷ *Ibid.*, p. 85-86

¹¹⁹⁸ *Ibid.*, p. 87; o jornal “Folha de São Paulo”, traz como manchete em primeira página nesse dia: “Congresso da UNE sai sem brigas” (cf. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=3053&anchor=5207395&origem=busca&originURL=>. Acesso em: set. 2021) e na página 3, uma extensa reportagem “Congresso da UNE foi sem repressão” (cf. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=3053&anchor=5207396&origem=busca&originURL=&pd=6b8db928bb83f6d2ff2a084a1733fff3>. Acesso em: set. 2021); o jornal “O Estado de São Paulo” não circulou no dia 16 de setembro de 1968. Acesso em: set. 2021.

¹¹⁹⁹ *Ibid.*, p. 88.

¹²⁰⁰ *Ibid.*, p. 95.

Na última assembleia registrada em ata, na qual aconteceu o debate com o cardeal, o clima de tensão elevou-se ao máximo devido a um atraso, que gerou desconfiança. Em presença da autoridade católica local, após fala do secretário da CRB, Padre Júlio Munaro, o presidente do DAXIX apresentou os colegas e a palavra passou em seguida ao cardeal.

A turma estava preparada. Já se tinha distribuído – depois de discutido nas classes no primeiro período – as perguntas elaboradas pela comissão encarregada de preparar o debate.¹²⁰¹

Em sua fala, o cardeal manifestou seu desejo de conversar primeiramente com o Reitor, Frei José de Freitas Neves. Na ausência deste, conversou com o Diretor de Estudos, Padre Hugo Azzender, e este foi o motivo de sua demora. O secretário registrou uma nota entre parênteses, dizendo:

Posteriormente, Padre Hugo nos informou que o Cardeal estava indeciso em dialogar conosco, estava com medo. Fazendo-lhe ver que tal atitude seria muito pior, resolveu ir para o debate, aliás aceito anteriormente pelo Cardeal.¹²⁰²

Foram lidas uma carta do reitor ausente e a nota do cardeal à imprensa, que havia sido “motivo de todo esse barulho”.¹²⁰³ Em seguida, o cardeal respondeu, por escrito, às questões que foram levantadas pelos estudantes do IFT. O livro de atas encerra dizendo “Eis o texto das respostas do cardeal”.¹²⁰⁴ Não consta nenhuma assinatura e tampouco o texto em anexo com as respostas. Ao final desse ano, após esse conflito com o cardeal, o DAXIX deixou de registrar atas e o IFT lentamente agonizou.

As atas do diretório acadêmico do IFT, DAXIX, mostram uma atividade intensa da entidade, enquanto instituição que se organizou e se tornou espaço para discussões que vão de sua política interna, a distribuição do poder entre os diversos grupos,

¹²⁰¹ *Ibid.*, p. 97.

¹²⁰² *Ibid.*, p. 97.

¹²⁰³ *Ibid.*, p. 98.

¹²⁰⁴ *Ibid.*, p. 98.

a representatividade do corpo docente, as discussões relativas à Igreja e sua ação naquele momento pós-conciliar, até as discussões, as estratégias e os envolvimento com o movimento estudantil, os protestos. Foi um espaço aberto para as discussões e às ações políticas. No entanto, a violência fez parte de sua existência, seja como agressão verbal entre seus membros, seja como aquela sofrida nos enfrentamentos com o regime militar. E foi até mesmo tema em suas discussões em assembleia.

H. Arendt é cética em relação à militância estudantil na década de 1960 pois defendiam o uso da violência, como no caso do movimento negro nos EUA, ou, da “nova esquerda”, que defendia o seu uso político para pôr fim à opressão. Revoluções, para ela, frequentemente exigem a violência para estabelecer novas leis, novo governo e para assegurar a liberdade. Assim, se a revolução surge ligada à causa da liberdade, com o consenso dos cidadãos, a violência pode ser admissível. O poder, no entanto, não é algo a ser imposto através da vontade de um único indivíduo, mas surge entre pessoas que chegam a um consenso. A política abre o espaço à livre discussão e à divergência. Assim, os métodos violentos tornam-se desnecessários porque o processo da política produz o poder do povo, que chegou a um acordo através da persuasão.¹²⁰⁵ Num ambiente de crescente repressão e censura, alguns membros do IFT sofreram a violência dos órgãos de repressão, tais como o DOPS e a Operação Bandeirantes. Medidas repressoras foram desde a simples prisão e inquérito até as formas mais violentas de tortura.

¹²⁰⁵ FRY, Karin A. **Compreender Hannah Arendt**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010. p. 100-102; cf. ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 63-74.

7. O IFT, a repressão e o DEOPS¹²⁰⁶

O IFT propriamente não sofreu intervenção dos órgãos de segurança do Estado, nem o diretório acadêmico dos estudantes. Vários deles, no entanto, tiveram passagens pela polícia ou foram investigados pelo DOPS em circunstâncias diversas, nas quais foram identificados como estudantes do IFT. Duas situações levaram esses estudantes, praticamente todos membros do DAXIX, à prisão ou inquérito: a participação no movimento estudantil em seus enfrentamentos, protestos, manifestações e desafios ao Estado sob o regime militar; e o “Caso Marighella”. A participação no movimento estudantil pode ser desdobrada em duas outras situações: aqueles que foram presos por algum tipo de manifestação ou protesto e os que estavam no XXX Congresso da UNE, em Ibiúna. Em todos esses momentos, a violência era sombra presente de alguma forma, seja pela coação seja pelas formas mais agressivas de submissão à tortura.

A origem do termo violência, do latim, *violentia*, expressa o ato de violar outrem ou de se violar. Além disso, o termo parece indicar algo fora do estado natural, algo ligado à força, ao ímpeto, ao comportamento deliberado que produz danos físicos tais como: ferimentos, tortura, morte; ou danos psíquicos, que produzem humilhações, ameaças, ofensas. Dito de modo mais filosófico, a prática da violência expressa atos contrários à liberdade e à vontade de alguém e reside nisso sua dimensão moral e ética.¹²⁰⁷

Existem várias formas ainda, segundo J. Paviani, de distinguir entre a violência possível e a necessária, entre os comportamentos aceitáveis e os não aceitáveis socialmente; entre a violência legal e a que provoca o mal, a humilhação; entre a violência natural e a que impõe dor e sofrimento evitáveis.¹²⁰⁸ Há formas de violência tão sutis, conforme M. R. Modena, que podem estar presentes até mesmo nos supostos discursos de “tolerância”, quando este age sistematicamente sobre a consciência do

¹²⁰⁶ A utilização da sigla DEOPS se refere mais especificamente ao DOPS em São Paulo, como Delegacia Especializada de Ordem Política e Social.

¹²⁰⁷ PAVIANI, Jayme. Conceitos e formas de violência. In: MODENA, Maura Regina (org.). **Conceitos e formas de violência**. Caxias do Sul: Educs, 2016. p. 8-20.

¹²⁰⁸ *Ibid.*, p. 10.

indivíduo e seu universo simbólico e imaginário enquanto, no entanto, a realidade “objetiva” é violenta.¹²⁰⁹ Para Freud, o ser humano está imerso numa fonte de sofrimento que é a própria civilização enquanto repressora dos impulsos instintivos.¹²¹⁰

A violência, para Hannah Arendt, é sempre uma transgressão à esfera política; é sempre exterior a ela e, no caso da revolução, é pré-política. A violência permanece fora da política porque lhe falta o discurso.

Visto que a autoridade sempre exige obediência, ela é comumente confundida como alguma forma de poder ou violência. Contudo, a autoridade exclui a utilização de meios externos de coerção; onde a força é usada, a autoridade em si mesmo fracassou.¹²¹¹

A autoridade, para H. Arendt, implica uma obediência na qual as pessoas mantêm sua liberdade. Ela, a autoridade, equilibra a relação entre a liberdade e a necessidade de obedecer, relação esta necessária para um governo funcionar. Além disso, ela proporciona um senso de durabilidade, estabilidade e de conexão com o passado. A autoridade exige o livre consentimento. Num governo, ela não pode ser identificada com “autoritarismo”, pois é concedida livremente e é necessária para um governo estável. Assim, pensar todos os casos de autoridade em termos de autoritarismo é confundir o poder legítimo com o poder ilegítimo. É impossível impingir a verdadeira autoridade mediante a violência porque a autoridade existe fora daqueles que estão no poder e deve ser concedida pela opção dos cidadãos. Os regimes totalitários se aproveitaram da perda moderna da autoridade para interferir quando a autoridade governamental já não era reconhecida.¹²¹²

¹²⁰⁹ MODENA, Maura Regina. A violência simbólica: reflexão sobre a obra de Slavoj Žižek. In: MODENA, Maura Regina (org.). **Conceitos e formas de violência**. Caxias do Sul: Educs, 2016. p. 21-27; Cf. CALDERONE, Mónica. Sobre violencia simbólica en Pierre Bourdieu. **La Trama de la Comunicación**, Rosario, v. 9, p. 59-65, 2004. DOI: <https://doi.org/10.35305/lt.v9i0.172>. Disponível em: <https://latrama.unr.edu.ar/index.php/trama/article/view/172/167>. Acesso em: 13 maio 2023.

¹²¹⁰ SUSIN, Fernanda Prux; FLEITAS, Horácio Francisco Rodríguez de. O mal-estar na civilização e a gênese da violência. In: MODENA, Maura Regina (org.). **Conceitos e formas de violência**. Caxias do Sul: Educs, 2016. p. 116-122.

¹²¹¹ ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 129; cf. *Id.* ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 73-74.

¹²¹² FRY, Karin A. **Compreender Hannah Arendt**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010. p. 105-107.

Ao abordar sobre os movimentos estudantis na década de 1960, H. Arendt discute o uso político da violência e seu papel negativo na política como supressão da liberdade, em contraste com a violência que pode ser necessária para revoluções que visam à liberdade. Em geral, no entanto, a violência é o oposto da liberdade, uma vez que utilizada por aqueles que estão no comando do governo a fim de pressionar e coagir, resultando na supressão da liberdade do povo. Enquanto a ação política é loquaz, a violência é muda, silencia a troca de opiniões e é usada como meio de obter determinados fins pela força. A violência é ineficaz como instrumento político para a manutenção de um poder soberano, porque os meios podem sobrepujar totalmente o fim. O uso da violência é intrinsecamente imprevisível e perigoso porque jamais garante o resultado adequado. Uma vez introduzida a violência, dor e sofrimento espalham-se em níveis que não podem ser enfrentados ou controlados e, portanto, quaisquer objetivos de longo prazo, buscados por meio da violência, tornam-se na melhor das hipóteses, instáveis. Assim, a prática da violência, como toda ação, muda o mundo, mas a mudança mais provável é rumo a um mundo mais violento.

Para N. Bobbio, a violência é compreendida como intervenção física de indivíduo ou grupo contra outro indivíduo, grupo ou a si mesmo, de forma voluntária, com a finalidade de destruir, ofender e coagir, sendo tal ação sempre contra a vontade da vítima. Distingue-se do poder, uma vez que o poder é a modificação da conduta do indivíduo ou grupo, dotada de um mínimo de vontade própria, e afeta a vontade do outro. A violência, no entanto, caracteriza-se como alteração danosa do estado físico de indivíduos ou grupos; afeta o estado do corpo ou de suas possibilidades ambientais e instrumentais. A violência pode ser distinta como poder coercitivo baseado em sanções ou como violência sob ameaça ou em ato. Para N. Bobbio, outras formas de poder coercitivo com sanções diferentes da força se caracterizam mais especificamente como “manipulação”.¹²¹³ Um poder baseado unicamente na violência não pode existir porque todos os governos precisam de uma base de apoio de crentes para agir. Assim, o uso da violência assinala a impotência dos governantes que não podem convencer o povo através dos meios normais da causa deles e o surgimento da violência indica que o poder está em risco. A tirania constitui-se como a tentativa abortiva de substituir o poder pela violência; tentativa esta frustrada, pois o consenso das pessoas

¹²¹³ VIOLÊNCIA. In: BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política**. 11. ed. Brasília, DF: Ed. UnB, 1998. p. 1291-1292.

não pode ser autenticamente obtido por meio da violência. A violência pode destruir o poder mediante a intimidação e o medo, mas não pode criá-lo para gerar apoio para uma causa. O terror surge quando todo o poder é destruído em uma comunidade política e a violência então jamais declina, como no caso do totalitarismo. Poder e violência são opostos porque, em um estado guiado pelo poder, a violência está ausente, pois é desnecessária; enquanto num estado violento o poder está ausente e não pode ser gerado à força. O declínio de poder em uma comunidade torna-se um convite aberto à violência. Os líderes pensam erroneamente que podem manter o controle através de meios violentos.¹²¹⁴

Mariana Joffily¹²¹⁵ apresenta várias reflexões sobre os limites e possibilidades dos documentos de órgãos de informação e repressão e problematiza a questão da ‘verdade’ no uso desse tipo de acervo. Para ela, é necessário considerar também que “se os arquivos repressivos não possuem a faculdade de esclarecer todos os pontos obscuros, são matéria-prima essencial para nos aproximarmos de uma verdade possível sobre o passado recente”.¹²¹⁶ Gerados num momento de vigilância, perseguição, controle social e repressão política sobre as diversas formas de atuação dos grupos de esquerda, a consulta a tais documentos abrem para as possibilidades e as restrições desse material. A autora se baseia em sua experiência com documentos da Operação Bandeirantes (Oban), em 1969, e do Centro de Operações de Defesa Interna - Departamento de Operações e Informações (DOI-CODI), 1970, órgãos criados para “combater organizações clandestinas de esquerda”.¹²¹⁷ A utilização desse material exige algumas ponderações e estratégias metodológicas. O ponto de partida, para M. Joffily, consiste em investigar a “verdade passível de ser extraída de documentos gerados em um contexto de perseguição política” considerando a “sobrevalorização da suspeita e o uso distorcido das informações sobre o oponente com vistas à autossustentação do regime autoritário”.¹²¹⁸ A prática da tortura para obtenção de informações,

¹²¹⁴ FRY, Karin A. **Compreender Hannah Arendt**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010. p. 99-100; cf. também PAVIANI, Jayme. Conceitos e formas de violência. In: MODENA, Maura Regina (org.). **Conceitos e formas de violência**. Caxias do Sul: Educs, 2016. p. 8-20.

¹²¹⁵ JOFFILY, Mariana. A ‘verdade’ sobre o uso de documentos dos órgãos repressivos. **Dimensões**, Vitória, n. 32, p. 2-28, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/index.php/dimensoes/article/view/8316>. Acesso em: 15 maio 2021.

¹²¹⁶ *Ibid.*, p. 2.

¹²¹⁷ *Ibid.*, p. 3.

¹²¹⁸ *Ibid.*, p. 4.

mesmo sendo um fato, não é registrada nesses arquivos¹²¹⁹ e as altas patentes das Forças Armadas negam a sua existência. Daí a necessidade de se recorrer a outros arquivos de outros órgãos repressivos, como o DOPS, devido à “complementaridade de tarefas” entre eles.¹²²⁰

Uma característica desses documentos é a profusão de papéis sem aparente lógica na ordem de arquivamento. No caso dos documentos do DOPS consultados no Arquivo Público do Estado de São Paulo, eles foram “juntados” em pastas se sobrepondo aos anteriores. Assim, as últimas páginas das pastas constituem os documentos mais antigos. Para uma busca da compreensão lógica da acumulação desses documentos faz-se necessário ter sempre presente: o “sentido de sua produção”; em que órgão é pesquisado; qual é o “principal assunto”; e organizar o material cronologicamente, de acordo com o momento em que foi produzido.¹²²¹ Nos Arquivos do DOPS de São Paulo, tais como os encontrados no Arquivo Público do Estado de São Paulo, faz-se necessário considerar: Por quem é produzido? A quem é destinado? Que carimbos e assinaturas ele traz? Utiliza papel timbrado ou não?¹²²² Como os documentos da Oban nunca trazem seus carimbos ou timbres, a sistematicidade da apresentação gráfica do documento e o interrogatório precedido pela carta de apresentação permitem deduzir sua origem.¹²²³ Com base em outras fontes que dialogam com o interrogatório é possível investigar se as pessoas interrogadas sofreram a violência ou não. Essa tarefa, no entanto, não é simples.¹²²⁴

Para M. Joffily, considerando que majoritariamente os documentos foram produzidos sob tortura e atividade persecutória, há duas direções a serem observadas pelo pesquisador. Primeiro, a tendência inicial, que remete aos meandros das organizações de esquerda e suas atividades políticas; à identidade dos que resistiram à carga de violência sofrida e dos que não resistiram e revelaram informações importantes. Sob essa perspectiva, é possível “procurar encontrar verdades no emaranhado

¹²¹⁹ *Ibid.*, p. 9.

¹²²⁰ *Ibid.*, p. 4.

¹²²¹ *Ibid.*, p. 5.

¹²²² *Ibid.*, p.5-6.

¹²²³ *Ibid.*, p. 6.

¹²²⁴ *Ibid.*, p. 6-11.

das informações ali contidas”.¹²²⁵ sendo que o tipo de fonte pode situar o pesquisador simbolicamente na mesma posição dos “interrogadores” e analistas de informações. Daí a “necessidade de refletir sobre como atuavam os interrogadores ao invés de juntar-se a eles na análise das falas emitidas pelos depoentes”¹²²⁶ e ter em conta algumas questões de ordem ética, tais como o comportamento dos militantes de esquerda sob tortura, muitos dos quais ainda se encontram vivos.

Nos interrogatórios, observa M. Joffily, não se pode negligenciar o fato de que se estabelece um “combate” entre interrogadores, com uma agenda de temas a investigar, e os depoentes, “cujo objetivo, dificilmente atingido, consiste em não revelar nada”.¹²²⁷ Esse enfrentamento, ainda por cima, é desigual e violento, donde se pode considerar que os documentos trazem “parcelas de verdade”. Diante dessa situação, para a autora algumas estratégias de abordagem ao documento são necessárias, tais como: a maior ou menor observância dos padrões formais; focar nos registros que trazem das falas “diretas” dos interrogadores (observações, carta de apresentação, questões do questionário, acréscimos à caneta...); distinguir entre “o interrogatório como ato - cena transcorrida em uma determinada situação do passado - e como transcrição desse ato, o que fica registrado no documento” ... como foi apreendido e transmitido; inferir as questões formuladas pelos agentes repressivos por meio das respostas dos depoentes e acompanhar sua evolução e possível alteração, a maior insistência em determinados temas, as diferenças entre as primeiras e as outras sessões; verificar os horários de trabalho das equipes de interrogatório e a duração das sessões; examinar a linguagem dos registros (construção de frases, vocabulário empregado, sobreposição das vozes dos interrogadores sobre os depoentes; possível reprodução do vocabulário dos interrogadores, as representações sociais...); apreender as regularidades e dissonâncias nas transcrições dos interrogatórios, pois podem refletir as expressões dos depoentes sob tortura; e, por fim, estabelecer cruzamentos com outras fontes para “decifrar” os interrogatórios.¹²²⁸

¹²²⁵ *Ibid.*, p. 11.

¹²²⁶ *Ibid.*, p. 12.

¹²²⁷ *Ibid.*, p. 13.

¹²²⁸ *Ibid.*, p. 13-14.

Tais circunstâncias em uma fonte construída sob tais processos de repressão e violência não implicam a dispensa da noção de “verdade”. Tais fontes, no entanto, requerem métodos de pesquisa e análise essenciais quanto à questão do “regime de verdade”.¹²²⁹ No caso dos documentos dos arquivos do DOPS, é possível encontrar os “espaços entre as mentiras”, considerando: o “ethos da suspeição sistemática” e da presunção de culpa no acusado pela polícia em “busca de provas para confirmar as suspeitas e condenar o suposto culpado”;¹²³⁰ a tendência daqueles que no combate ao crime crerem que “todos mentem o tempo todo” na tentativa de proteger-se e proteger os companheiros da organização; as formas de despistar enquanto “estratégias de resistência dos militantes de esquerda, cujo padrão de conduta exigido pelas organizações era o de não se submeter ao inimigo”, tais como o “contar uma história plausível, mas total ou parcialmente falsa, inventar ‘pontos’ inexistentes para ganhar tempo enquanto a equipe de busca ia verificar sua existência, fornecer falsos endereços de ‘aparelhos’”;¹²³¹ os erros e enganos; o contexto histórico e político de repressão com tendência a superestimar a gravidade das transgressões; a polarização no mundo durante a “guerra fria” e a figura do “inimigo interno” como subversor da ordem.

De fato, as ações da esquerda - fossem armadas ou não - eram dirigidas à alteração radical da ordem instituída, com vistas a uma futura revolução socialista. Contudo, havia uma distância enorme entre a efetividade dessas ações e a maneira como foram perseguidas pelo aparato repressivo.¹²³²

Outros pontos a serem considerados na pesquisa e análise dessas fontes é o fato de que as confissões assumidas como prova, obtidas, no entanto, sob tortura, podem ser falsas e distorcidas, uma vez que são resultantes da necessidade de satisfazer os inquiridores e fazer cessar a violência. Os agentes dos órgãos de repressão, por sua vez, tendiam em acentuar o perigo dos opositores “como mecanismo não apenas de autossustentação do regime, como de autojustificativa do próprio aparelho repressivo”.¹²³³ Essencial se faz ao pesquisador considerar as entrelinhas na

¹²²⁹ *Ibid.*, p. 15.

¹²³⁰ *Ibid.*, p. 16.

¹²³¹ *Ibid.*, p. 16-17.

¹²³² *Ibid.*, p. 17.

¹²³³ *Ibid.*, p. 18.

transcrição dos interrogatórios¹²³⁴ e estar atento também às lacunas não registradas das ações dos órgãos de repressão, tais como a ocultação de métodos violentos para obtenção de informações, dentre outros.¹²³⁵ Não só este tipo de documento e arquivo possui tais dificuldades. Existem outros tipos de arquivo que também possuem dificuldades semelhantes, o que não impossibilita trabalhar com as fontes de repressão política. Mesmo que “difícilmente esses acervos terão condições de responder a todas as perguntas, ou de nos dar a conhecer a verdade de maneira precisa”,¹²³⁶ eles, no entanto, são instrumentos sem os quais não se poderia distinguir ou confirmar elementos importantes de compreensão do que se passou, e assim se constituem matéria-prima essencial para uma aproximação “de uma verdade possível sobre o passado recente” e tem sim, com os devidos critérios metodológicos e analíticos, um caráter “probatório”.¹²³⁷ E insiste a autora:

... é preciso proceder com esses arquivos como os historiadores fazem com qualquer outro tipo de fonte documental: levar em conta seu contexto de produção, fazer a crítica das fontes levando em conta as operações de ocultamento/revelação próprias desse material, evitando tomá-los em seu sentido literal e atentando para os usos a que estava destinado quando foi forjado.¹²³⁸

Estes pontos e considerações estabelecidos por M. Joffily, tornam possível escancarar as armadilhas, estabelecer os limites e abrir as possibilidades de tais fontes.

Segundo o entrevistado Sr. RL, em fins de 1967, a Província de Santa Rita de Cássia havia comprado uma casa para seus estudantes no bairro de Santo Amaro. Enquanto a casa estava ainda desocupada, ali foram feitas algumas reuniões de grupos de resistência ao regime militar, com a participação de alguns estudantes. Com relutância ele disse:

¹²³⁴ *Ibid.*, p. 22.

¹²³⁵ *Ibid.*, p. 18.

¹²³⁶ *Ibid.*, p. 19.

¹²³⁷ *Ibid.*, p. 20.

¹²³⁸ *Ibid.*, p. 21.

... mas, em 68 já transferiram todos pra casa, rua José Candido de Souza, ali na, uma travessinha da avenida Santo Amaro, bem próximo de Santo Amaro. Então lá José Giovani, o Paulo Travassos,¹²³⁹ tinha a Rosa, uma japonesa, o Zé Genuíno, na época, eles faziam reunião de guerrilha ali dentro. Então, isso naquela ep... eu morando na mesma residência. Não participava por uma questão de princípios...

SP: Isso em 1967? 68?

RL: Fim de 67.

SP: ... fim de 67.

RL: Então ele fez, fazia reuniões ali pesadas, pesadas, pesadas.

Até tinha... Punha tudo lá no forro.

SP: ... armamento?

RL: Armamento, é...

SP: Certo.¹²⁴⁰

D. Agnelo Rossi emitiu uma nota de repúdio ao tratamento dado pela imprensa às ordens religiosas e de defesa dos beneditinos e dominicanos no do dia 04 de agosto de 1967, publicada no jornal “O Estado de São Paulo”. Os editores do jornal a contestaram, relataram a manifestação ocorrida no dia anterior e citaram os nomes de 15 estudantes que foram presos e soltos logo em seguida. Desses, onze não têm registros nos arquivos do DEOPS. Foram citados na reportagem, alguns considerados “padres”, sem registros: José Antônio Ruiz, José Giovani Gomes, Raúl Broca, Aldo Piveta, Manuel Nunes da Silva Neto, Carlos de Vitta, José Alberto Fontanella, Antônio

¹²³⁹ Provavelmente trate-se de “Luís Travassos”, que “nasceu em 1945 em São Paulo e faleceu no dia 24 de fevereiro de 1982 no Rio de Janeiro. Estudante de direito da PUC-SP, foi eleito presidente da UNE no XIX congresso da entidade, realizado de forma clandestina em 1967. Travassos foi eleito em um comício-relâmpago realizado na Praça da Sé de São Paulo no dia 10 de agosto, que durou apenas 15 minutos, longe da atenção da polícia, que procurava pelo presidente-eleito da UNE. As outras duas etapas do congresso foram realizadas em um convento em Vinhedo, no interior de SP, em escolas de São Paulo.

Travassos foi um dos líderes e organizadores da Passeata dos 100 Mil, manifestação popular que aconteceu no centro do Rio de Janeiro, em 26 de junho de 1968, contra o governo militar. Preso em outubro do mesmo ano no 30.º Congresso da UNE, em Ibiúna, interior de São Paulo, foi solto com mais 14 presos políticos, em setembro de 1969, em troca da vida do embaixador Charles Elbrick, sequestrado no Rio de Janeiro por guerrilheiros da Ação Libertadora Nacional (ALN) e do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8).

Após dez anos de exílio em Cuba e na Alemanha, Travassos retornou ao país dois meses depois da publicação da Lei da Anistia em 1979. Passou a trabalhar como tradutor de alemão e ingressou no Partido dos Trabalhadores (PT). Morreu no Rio de Janeiro, aos 37 anos, vítima de um acidente de carro no Aterro do Flamengo.” Cf. Disponível em: <https://www.une.org.br/presidentes/luís-travassos/>. Acesso em: out. 2021); de Rosa, japonesa, não foi encontrada nenhuma referência; “Zé Genoíno” trata de José Genoíno Guimarães Neto, cearense, atuou na guerrilha do Araguaia e foi militante do Partido dos Trabalhadores (PT) cf. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-genoino-neto>. Acesso em: out. 2021).

¹²⁴⁰ Entrevista com Sr. RL.

Luiz Chinellato, Afonso Henriques Hargreaves Botti, Osvaldo Augusto Resende Júnior e Sidney Gomes de Oliveira. Outros quatro estudantes tiveram registros por outras situações: Albino de Bortoli, Aparecido Benedito de Faria, Yves do Amaral Lesbaupin e Gaudêncio Caliman.¹²⁴¹

A participação de estudantes do IFT em movimentos de resistência se deu em diversos níveis. Alguns conseguiram escapar da repressão, como o citado “José Giovanni”, que permaneceu desaparecido entre 1968 e 1979, tendo se refugiado no interior do Ceará.¹²⁴² Outros, no entanto, não o conseguiram. O ambiente de insegurança e incerteza, sobretudo após o AI5, em dezembro de 1968, também foi comentado pelo Padre LRB.¹²⁴³ Sua casa havia abrigado alguns dominicanos em fuga; ele teve colegas presos, sem outras notícias a respeito deles; todos sentiam o medo de caírem na suspeição dos órgãos de segurança do Estado, altamente repressores.



Fonte: Acervo pessoal de Magno Vilela.

Figura 8. Protestos em frente ao DEOPS¹²⁴⁴

A consulta aos documentos nos arquivos do DEOPS foi realizada através de links fornecidos pelo próprio arquivo e disponíveis ao público. Alguns outros foram digitalizados in loco. Inicialmente, esses documentos ainda não digitalizados foram

¹²⁴¹ PADRES causam novo problema. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 04 fev. 1967. p. 10. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19670804-28315-nac-0010-999-10-not>. Acesso em: maio 2023.

¹²⁴² Entrevista com Sr. RL.

¹²⁴³ Entrevista com Padre LRB.

¹²⁴⁴ Magno Vilela, professor de História do Cristianismo Antigo e de Patrística, na Escola Dominicana de Teologia, na Faculdade Teologia São Bento e no Instituto Salesiano Pio XI, São Paulo, SP

cogitados como um possível dossiê do IFT. A quase totalidade deles, no entanto, referia-se ao XXX Congresso da UNE e aos dominicanos envolvidos no “Caso Marighella”. Dentre as listas de nomes que constam no Livro de Atas do DAXIX,¹²⁴⁵ havia muitos homônimos encontrados na documentação do DEOPS¹²⁴⁶ que, no entanto, não eram estudantes do IFT. Muitos nomes nas listas, ou que aparecem nas atas, não estão completos. Houve casos de homônimos com numerosos registros, tais como “Joaquim Ferreira” (157 registros), “Luiz Gonzaga” (267 registros), “Nivaldo” (300 registros). Mesmo usando outros filtros para pesquisa on line, não foi possível detectar entre estes possíveis alunos do IFT. Em outros documentos, pelos dados, tais como o ano de registro, foram logo descartados. Alguns, porém, demandaram uma busca mais detalhada, dentre os quais, a dúvida quanto a ter sido estudante no IFT persistiu.

Dentre os homônimos, sete muito provavelmente não foram estudantes do IFT. “José de Araújo Lima”¹²⁴⁷ tem um homônimo, não exatamente igual: “José Albano de Araújo Lima” consta como membro e intelectual do PCB, investigado pela Operação Bandeirantes em 1968-1969, em Salvador. Como engenheiro da Eletrobrás, seu nome está numa relação de funcionários públicos acusados de “subversão” em 1977 pelo General Sylvio Frotta. Essa relação foi publicada no Jornal “Estado de São Paulo” em 24 de novembro de 1977, cujo recorte integra a documentação. Não há referência alguma de que tenha sido religioso e estudante do IFT. “Mauro da Costa”,¹²⁴⁸ como o anterior, tem um homônimo como “Mauro da Costa Telles”. Seu prontuário não estava disponível on line; foi digitalizado in loco e, pelas informações, não foi estudante do IFT. Francisco Teixeira¹²⁴⁹ tem como homônimo um estudante preso no Congresso em Ibiúna, em 1968, cujo nome é “Francisco Canola Teixeira”. Catarinense de Blumenau; consta também como “professor”; mesmo que entre os estudantes do IFT houvesse

¹²⁴⁵ Livro de Atas do DAXIX, p. 17-20.34-35.

¹²⁴⁶ Para as fontes pesquisadas no Arquivo Público do Estado de São Paulo, APESP, será utilizado o nome DEOPS, referindo-se à Delegacia Especializada de Ordem Política e Social, tal como encontra-se nos documentos.

¹²⁴⁷ Livro de Atas do DAXIX, p. 17;

Cf. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOPSOS001022.pdf. Acesso em: maio 2021. p. 52

¹²⁴⁸ Livro de Atas do DAXIX, p. 17;

¹²⁴⁹ *Ibid.*, p. 18.

Cf. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTSNT000387.pdf. Acesso em: maio 2021; Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOPSOS000138.pdf. Acesso em: maio 2021. (pasta com a relação dos nomes dos estudantes detidos no Congresso de Ibiúna) - número de registro: 377, p. 59; BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFICONSF000522

muitos catarinenses, os dados encontrados foram insuficientes para comprovar. Com o nome “Antônio Braga”¹²⁵⁰ foram encontrados 39 registros. Numa ficha em nome de “Antônio Manoel Pimenta Braga”, consta como integrante do MR8, sem outras informações que possam identificá-lo como estudante no IFT. De “Antônio Moura”¹²⁵¹ constaram 48 registros. Um está em nome de “Antônio Divino Moura”, preso no Congresso da UNE em Ibiúna, onde aparece como estudante de engenharia, sem outros dados que o relacionem como possível estudante do IFT. Com o nome de “Rubens dos Santos”,¹²⁵² dentre os 49 registros encontrados, 03 aparecem sob a forma de “Rubens Pereira dos Santos”. Trata-se de um estudante da Faculdade Filosofia da USP, indiciado em 12 de outubro de 1968, no Congresso em Ibiúna. Nem os registros, nem o prontuário digitalizado contém informações como possível religioso e estudante do IFT. Por fim, de “Sebastião Amaral”¹²⁵³ foram encontrados 08 registros, sendo uma do Padre Sebastião Amaral Kroll, com data de 11 de novembro de 1971, referindo-se a um “Curso de desenvolvimento para trabalhadores do campo”; no entanto, segundo um álbum digital de fotos da diocese de Lins, consta como padre desde janeiro de 1960, portanto, não foi aluno do IFT nem consta qualquer outra informação que o vincule à instituição. A outra ficha é de “Sebastião Campos Amaral Filho”, investigado como integrante do MR8 em 1982, sem nenhuma informação ou relação com o IFT. Outros cinco, que com maior probabilidade, podem ter sido alunos do IFT são Aparecido Faria, Adilson Gava, Agostinho Duarte de Oliveira, Abel Abatti e Hélio Garcia.

¹²⁵⁰ Livro de Atas do DAXIX, p. 19.

Cf. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXSNB002006.pdf. Acesso em: maio 2021; Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOPSOS000137.pdf. Acesso em: maio 2021. p. 61.

¹²⁵¹ Livro de Atas do DAXIX, p. 19.

Cf. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXSNM005106.pdf. Acesso em: maio 2021; Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXNSA001421.pdf. Acesso em: maio 2021. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOPSOS000138.pdf. Acesso em: maio 2021; DEOPSSPA015496 - nº prontuário: 145614– digitalizado no dia 05 de abril de 2022

¹²⁵² Livro de Atas do DAXIX, p. 20.

Cf. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXSNS002492.pdf. Acesso em: maio 2021.

As referências levam aos mesmos documentos da ficha abaixo.

BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFICONS001123

¹²⁵³ Livro de Atas do DAXIX, p. 35.

Cf. Ficha no DOPS: Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/DEOPSSP002658.pdf>. Acesso em: maio 2021. e Álbum da Diocese de Lins. Disponível em: http://diocese-linsfotos.blogspot.com/2016/12/con_23.html. Acesso em: 9 jul. 2022.

O nome de Aparecido Faria¹²⁵⁴ consta no Livro de Atas do diretório acadêmico como “calouro” em 1967. Juntamente com Frei Tito, eles foram aplaudidos após uma fala durante uma assembleia, na qual exortavam sobre o “dever de partir para a luta”. Nos Arquivos do DEOPS, foram encontrados 11 registros, sendo 07 em nome de “Aparecido Benedito de Faria”. Nenhum registro, no entanto, o identifica como seminarista, religioso ou ex-aluno do IFT. Trata-se de um militante da APML, nome dado a AP a partir de 1971, natural de Paraisópolis, Minas Gerais, nascido em 1942, acusado de subversão desde o exterior e procurado pela Justiça Militar em 1978,¹²⁵⁵ com o prontuário de número 61.709.¹²⁵⁶ Numas fichas, ele foi apresentado como acusado de atividade subversiva, com distribuição de panfletos na região do ABCD em dezembro de 1971; teve mandado de prisão expedido e condenado a 03 anos de cárcere em 1972.¹²⁵⁷ Exilado no Chile até 1973, seguiu depois para a Suécia.¹²⁵⁸ Duas fichas o identificam como um economista do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos, DIEESE; casado, trabalhava em Campinas; em novembro de 1989, através de fonte não identificada, constava como membro de uma associação comunitária em São Bernardo do Campo e militante no Partido dos Trabalhadores, PT¹²⁵⁹. Se foi estudante no IFT, estaria com 25 anos em 1967. O nome de Aparecido Benedito de Faria¹²⁶⁰ consta em reportagem do jornal “O Estado de São Paulo” como um dos estudantes do IFT preso na manifestação em frente ao DOPS no dia 03 de agosto de 1967. O homônimo na documentação do DEOPS era militante da AP, depois

¹²⁵⁴ Livro de Atas do DAXIX, p. 47.

¹²⁵⁵ Cf. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXNSA002031.pdf. Acesso em: maio 2021; Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/DOPSSANTOSF00164.pdf>. Acesso em: maio 2021.

¹²⁵⁶ Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/DEOPSSPA020943.pdf>. Acesso em: maio 2021.

¹²⁵⁷ Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXNSF000230.pdf. Acesso em: maio 2021.

¹²⁵⁸ Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXNSB000093.pdf. Acesso em: maio 2021.

¹²⁵⁹ Cf. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/DCSF00281.pdf>. Acesso em: maio 2021. e Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/DCSF00282.pdf>. Acesso em: maio 2021.

¹²⁶⁰ Conforme o jornal “O Estado de São Paulo”, do dia 04 de agosto de 1967, foi preso e solto em seguida na manifestação dos estudantes do IFT em frente ao edifício do DOPS no dia anterior. Cf. PADRES causam novo problema. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 04 fev. 1967. p. 10. Disponível em: <https://acervo.estado.com.br/pagina/#!/19670804-28315-nac-0010-999-10-not>. Acesso em: maio 2023.

APML, e algumas acusações se assemelham às sofridas por outros estudantes do IFT. Muito provavelmente que sejam a mesma pessoa.

Adilson Gava,¹²⁶¹ no Livro de Atas, era o nome de um dos integrantes do DAXIX, presente por ocasião da fundação do diretório acadêmico. Atuou como segundo secretário e redator das atas das assembleias nos dias 09 de setembro e 01 de outubro de 1966;¹²⁶² presidiu a comissão eleitoral na assembleia no dia 27 de outubro do mesmo ano.¹²⁶³ Sem referir a nenhum cargo, manifestou-se nas assembleias de 16 de março de 1968, quando deu seu testemunho de participação no movimento estudantil, convidando a todos “para esta luta de busca da verdade”.¹²⁶⁴ Numa outra fala na assembleia de 02 de abril do mesmo ano, sendo este o último registro com este nome, teria dito que

não houve desentendimento entre estudantes e pessoal do teatro. Houve, entre os primeiros, algumas briguinhas de ‘partidos’, perto do Municipal. Valor da passeata: denúncia e protesto. Nossa luta é de cada dia, de cada hora. Campo para nosso trabalho: educação. Movimento da juventude atual: estudar; educação num investimento nacional. Fazer crescer a ‘consciência política’ do nosso povo.¹²⁶⁵

Um homônimo nos arquivos do DEOPS,¹²⁶⁶ consta como natural de Cachoeiro de Itapemirim; fora preso no dia 04 de novembro de 1969, mesmo dia morte de Carlos Marighella e prisão dos dominicanos; posto em liberdade no dia seguinte; identificado como “redator” e residente em São Paulo. Não há referências diretas que o identifiquem como sendo o de mesmo nome do que fora aluno do IFT. O fato de ser “redator” o

¹²⁶¹ Livro de Atas do DAXIX, p. 17.

¹²⁶² Livro de Atas do DAXIX, p. 24-30.

¹²⁶³ *Ibid.*, p. 36-38.

¹²⁶⁴ *Ibid.*, p. 47.

¹²⁶⁵ *Ibid.*, p. 69.

¹²⁶⁶ Fichas meramente informativas, sem fazer remissão a algum documento: Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXSNG000590.pdf. Acesso em: maio 2021; Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFICONS000328.pdf. Acesso em: maio 2021; Prontuário: número 146.111; Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/DEOPSSPA001972.pdf>. Acesso em: maio 2021.

aproxima da atuação do estudante do IFT como secretário; o nome não é muito frequente, o que pode fortalecer a identificação como sendo a mesma pessoa. Os agostinianos recoletos e verbitas tinham muitos seminaristas do sul do Espírito Santo.

Agostinho Duarte de Oliveira,¹²⁶⁷ consta como padre, investigado por suas ações junto ao sistema carcerário de São Paulo. Nas fichas do DEOPS, estão recolhidas referências a um discurso realizado em 1983, quando foi orador na Câmara Municipal sobre “Violação, Direito, Movimento e Questões Raciais”; e a reportagens do jornal “Folha de São Paulo” de agosto de 1987, relativas à ação do Padre Agostinho contra o massacre no presídio do Carandiru¹²⁶⁸ e a outras reportagens no mesmo jornal, entre 1984 e 1988.¹²⁶⁹ Em nenhum documento consta que tenha sido aluno do IFT. Uma publicação de Paulo Sérgio Pinheiro, da Comissão Arns, intitulado “A militância profética do Padre Agostinho: 90 anos”, na seção de “Opinião” do grupo UOL, pertencente à Folha de São Paulo, datado de 17/07/2021, escreveu sobre ele: “Formado em Direito, Marcelo Duarte de Oliveira tornou-se Padre Agostinho quando foi ordenado em 1967, como monge beneditino olivetano...” E que em janeiro de 1969, prestava auxílio religioso aos detentos no presídio Tiradentes, onde se deparou com as ações de tortura e de extermínio pelo “Esquadrão da Morte”.¹²⁷⁰ Como alguns monges olivetanos estudaram no IFT, provavelmente ele tenha feito lá seus últimos anos do curso de Teologia. Um Padre Agostinho, monge olivetano, residente em Ribeirão Preto, estudou no IFT. As tentativas de contato com ele resultaram em fracasso.

Abel Abatti¹²⁷¹ tem uma ficha no DEOPS. Não existem registros, no entanto, que o situem como seminarista, religioso e estudante do IFT. Uma ficha do “Departamento de Comunicação Social” com o nome de “Abel Abatti”, residente em Campo Limpo, São Paulo, traz dados sintéticos de duas reportagens da “Folha da Tarde”, ambas de 1983, que o citam como comunista e membro do PCdoB.¹²⁷²

¹²⁶⁷ Livro de Atas do DAXIX, p. 18.

¹²⁶⁸ Cf. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/DCSD01321.pdf>. Acesso em: maio 2021.

¹²⁶⁹ Cf. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/DCSO00257.pdf>. Acesso em: maio 2021.

¹²⁷⁰ Cf. Padre Agostinho Duarte de Oliveira. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/comissao-arns/2021/07/12/a-militancia-profetica-do-padre-agostinho-90-anos.htm>. Acesso em: maio 2021.

¹²⁷¹ Livro de Atas do DAXIX, p. 35.

¹²⁷² Cf. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/DCSA00010.pdf>. Acesso em: maio 2021.

Um estudante de nome “Hélio”¹²⁷³ estava presente na assembleia do DAXIX em setembro de 1968, quando, juntamente com outros, estavam tentando se organizar para discutir as pautas em preparação para o XXX Congresso da UNE. O ambiente entre os alunos, no entanto, era de desânimo, uma vez que poucos eram “politizados”. Um citado no depoimento de Frei Fernando, dominicano preso por ocasião do Caso Marighella, como “Hélio Garcia”,¹²⁷⁴ provavelmente, seja o mesmo estudante. O jornal “Diário do Paraná” traz uma breve reportagem sobre 18 membros do Partido Comunista, da “linha chinesa”, que teriam feito um curso de guerrilha na Academia Militar de Pequim e procurados pela polícia pernambucana. Entre esses, consta o nome de “Hélio Ramirez Garcia”.¹²⁷⁵ Entre os documentos pesquisados no arquivo do DEOPS no APESP, encontram-se fichas de “Hélio Ramirez Garcia”, ora escrito também como “Hélio Ramiro Garcia”, indiciado em inquérito policial por atividades subversivas relacionadas ao comunismo,¹²⁷⁶ citado como pertencente ao PCdoB e “terrorista com curso na China”, sob o codinome “Elias”,¹²⁷⁷ integrante do PCB, da “Ala Vermelha” e do PCdoB¹²⁷⁸. Nenhuma das fichas traz informações que possam identificá-lo como estudante do IFT.

Dentre os estudantes do IFT que foram fichados pelo DEOPS, alguns o foram por envolvimento na manifestação no dia 03 de agosto de 1967. Esses foram presos, fichados e soltos. Outros foram submetidos a inquérito por participação em alguma atividade do movimento estudantil, seja na UEE ou na UNE. Dos frades dominicanos, alguns foram presos no Congresso da UNE em Ibiúna, em 12 de outubro de 1968;

¹²⁷³ Cf. Livro de Atas do DAXIX, p. 85.

¹²⁷⁴ Cf. MF 30-Z-160, pasta 38, p. 4986.

¹²⁷⁵ Cf. POLÍCIA procura os 18 que fizeram curso de guerrilha. **Diário do Paraná**, Curitiba, 23 nov. 1968. p. 12. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/761672/per761672_1968_04013.pdf. Acesso em: 23 abr. 2023.

¹²⁷⁶ Cf. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXSNG000445.pdf. Acesso em: maio 2021.

¹²⁷⁷ Cf. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXSNG000446.pdf. Acesso em: maio 2021.

¹²⁷⁸ Cf. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/DOPSSANTOSG00245.pdf>. Acesso em: maio 2021. A ficha consta apenas uma remissão à Pasta 3131 onde o citaria como pertencente ao PCB, à Ala Vermelha e ao PCdoB. A pasta não foi pesquisada. As informações constam nos resultados da ferramenta de pesquisa do APESP; uma outra ficha onde consta o nome de “Hélio Garcia” faz remissão à pasta 10.253 – cf. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/DOPSSANTOSG00244.pdf>. Acesso em: maio 2021; ainda numa outra ficha “Hélio Garcia” é citado como integrante das “atividades criminosas da A.L.N.” e remete à Pasta 141, documento 03, sem mais informações – cf. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXSH000186.pdf. Acesso em: maio 2021.

outros, posteriormente, envolvidos no “Caso Marighella”. Nesse caso, encontra-se também Sinval de Itacarambi Leão. Duas mulheres participavam das assembleias do DAXIX, a saber, Terezinha de Lisieux Vasconcelos e Beatrice. Essa última foi submetida a inquérito em 1971 e em seu depoimento ela fez referência a vários padres, religiosos e seminaristas do IFT e freiras com quem mantinha amizade.

Uma vez criado o DAXIX, Francisco Ansiliero foi eleito como seu primeiro presidente, empossado no dia 13 de junho de 1966, para a gestão 66/67,¹²⁷⁹ embora tenha permanecido até 06 de dezembro desse ano, quando Everaldo Deprá assumiu o cargo.¹²⁸⁰ A partir de então, seu nome não consta mais no livro de atas do diretório acadêmico. Em sua ficha no DEOPS, foi identificado como estudante do IFT, “independente”. Provavelmente, não tenha se identificado como membro de alguma congregação religiosa. Foi detido em São Bernardo do Campo por ocasião da tentativa de realização do Congresso da UEE em 07 de setembro de 1966, quando distribuía panfletos considerados subversivos.¹²⁸¹ O Sr. RL o citou em entrevista como religioso camiliano, na época; tinha conhecimento dele como residente em Brasília, onde possuía um restaurante.¹²⁸² O site “Fatura. Gastronomia do Brasil” o apresenta como um “chef” autodidata, catarinense, ítalo-descendente, que cozinhava para seus familiares desde menino. “Depois de percorrer vários estados do país, se estabelece em Brasília, onde inaugurou em 1988, seu primeiro restaurante, na Asa Sul”.¹²⁸³

O “secretário ad hoc” na assembleia de fundação do DAXIX em 23 de abril de 1966¹²⁸⁴, Antônio Ramos Gomes, fez parte da diretoria como secretário até setembro desse ano.¹²⁸⁵ Seu prontuário¹²⁸⁶ o traz como natural de Caçapava, no interior de São

¹²⁷⁹ Livro de Atas do DAXIX, p. 12-20.

¹²⁸⁰ *Ibid.*, p. 38-46.

¹²⁸¹ Cf. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTXSNA002509.pdf. Acesso em: maio 2021. A pasta de estudantes desse caso citada no documento não foi do DEOPS para o APESP. Seria a pasta Estudantes Nº 2, que estaria entre as OS 0085 e OS 0086.

¹²⁸² Entrevista com Sr. RL

¹²⁸³ Cf. Disponível em: <https://www.faturabrasil.com.br/chef/francisco-ansiliero/> Acesso em: 9 jul. 2022. Na foto dele, ele aparece com um avental com o nome do seu restaurante: “Dom Francisco Restaurante”.

¹²⁸⁴ Livro de Atas do DAXIX, p. 2.

¹²⁸⁵ *Ibid.*, p. 20-24.

¹²⁸⁶ Prontuário 143104, digitalizado no dia 05 de abril de 2022; em seu depoimento, no Microfilme da Pasta 50-C-022, digitalizado no dia 05 de abril de 2022, ele consta também como religioso carmelita, estudante do IFT e secretário do DAXIX (MF 50-C-022, p. 6641). A documentação do DEOPS normalmente segue uma paginação inversa, por isso, os números de página decrescem.

Paulo, estudante carmelita, residente no convento na Rua Martiniano de Carvalho,¹²⁸⁷ tendo então 19 anos de idade. Preso “em flagrante” no dia 07 de setembro de 1966, foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional durante a tentativa de realização do Congresso da UEE,¹²⁸⁸ juntamente com Francisco Ansiliero. O auto de prisão em flagrante traz Ítalo Ferrigno como delegado titular e Alcides Cintra Bueno Filho e Benedito Sidney de Alcântara, delegados auxiliares. Como motivo da prisão expuseram que a UNE, União Nacional dos Estudantes, fora extinta pela Lei nº 4.464 de 11 de novembro de 1964, chamada Lei Suplicy; tentara realizar um congresso em Belo Horizonte de 25 a 30 de julho de 1966 para se reorganizar como sociedade civil, mas fora impedida pelo Ministério Público Federal de se constituir como tal. A UEE, União Estadual de Estudantes, presidida pelo estudante Antônio Funari Filho, distribuiu material considerado subversivo no interior da FEI - Faculdade de Engenharia Industrial, em São Bernardo.¹²⁸⁹ Antônio Ramos Gomes, 25º acusado entre os presos nessa circunstância, declarou o motivo de sua aproximação com os estudantes universitários: identificar-se com eles, conhecer suas tendências ampliando sua visão para a carreira sacerdotal. Parecia-lhe mais interessante filiar-se à UEE que ao DCE (Diretório Central de Estudantes), enquadrado pela Lei Suplicy. Por isso, interessou-se pelo congresso da UEE, onde também poderia conhecer os dirigentes de todas as agremiações estudantis. Não imaginava que o congresso da UEE na FEI em São Bernardo não aconteceria. Nada lhe fora comunicado; nenhuma alteração e, por isso, compareceu ao local, onde os estudantes foram presos em flagrante com os materiais considerados subversivos, impedindo a realização do evento. Esteve no congresso da UNE em Belo Horizonte, quando ocorreu também em Betim, um congresso de seminaristas. Mesmo de forma improvisada, o congresso da UNE foi realizado e elaboraram um plano de ação para 1966-67, presidido pelo estudante Altino Dantas.¹²⁹⁰

¹²⁸⁷ *Ibid.*, p. 3.4-5.

¹²⁸⁸ *Ibid.*, p. 2.7.

¹²⁸⁹ MF 50-C-022, p. 6642-6641.

¹²⁹⁰ *Ibid.*, p. 6641-6639.

O tesoureiro do DAXIX, José Augusto Braga,¹²⁹¹ era religioso carmelita, residente no convento na Rua Martiniano de Carvalho, natural de Aimorés, Minas Gerais.¹²⁹² Quando foi preso, tinha 21 anos. No seu prontuário do DEOPS, um Requerimento de antecedentes criminais de Maria José Moura, em 31 de agosto de 1976 o cita como “sindicado” em 1966 por “distribuição de panfletos considerados de caráter subversivo, à entrada do Estado Municipal do Pacaembu” durante partida de futebol entre Corinthians e São Paulo Futebol Clube.¹²⁹³ Os “Autos da sindicância 27/66”¹²⁹⁴ contêm o “Auto de Exibição e Apreensão”, constando que com ele estavam 50 boletins mimeografados com título “Aos torcedores - Ao Povo”, convidando o povo para participar da passeata programada para o dia 04/10/1966 pelos estudantes “contra a farsa eleitoral”;¹²⁹⁵ foi identificado como “estudante de teologia/filosofia”. Um Telegrama do Delegado titular do DEOPS, Ítalo Ferrigno, ao delegado auxiliar da sexta divisão policial pedindo providências, mostra que, no dia anterior à partida, o referido órgão já estava ciente da manifestação dos estudantes.¹²⁹⁶ Na declaração de José Augusto, foi registrado como estudante do terceiro ano no curso de “Filosofia e Teologia do Instituto de Filosofia e Teologia, à rua Caio Prado 232”, ocasião em que o IFT funcionava no Colégio Des Oiseaux. Consta também que desconhecia o comando do movimento estudantil; não tinha convivência com estudantes de outras escolas superiores e sua aproximação ao movimento universitário seria para conscientização das massas.¹²⁹⁷ Segundo o que foi recolhido pelo escrivão, ele teria dito que o objetivo dos estudantes

¹²⁹¹ Livro de Atas do DAXIX, p. 12.17.

¹²⁹² Cf. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/DE-OPSSPJ013054.pdf>. Acesso em: maio 2021. Seu prontuário completo, de número 143.612, foi digitalizado no dia 05 de abril de 2022. Contém uma página com timbre do Arquivo Público do Estado de São Paulo, impresso, com data de 01/10/2011, escrito “Compõe também este prontuário: panfletos de convocatória à greve” (p. 2). Estes panfletos não foram apresentados para digitalização. Na página seguinte, p. 3., está escrito com pincel, e data de julho de 1994: “Material apreendido: 01 maço de panfletos contendo propaganda contra a ditadura”. Este material também não foi apresentado para ser digitalizado. A paginação colocada aqui segue a digitalização feita pelo pesquisador.

¹²⁹³ Prontuário nº 143.612, p. 7.

¹²⁹⁴ *Ibid.*, p. 13. Os “Autos da sindicância 27/66”, datado de 07 de outubro de 1966, estavam anexados ao prontuário e a numeração segue a digitalização em sequência feita pelo pesquisador.

¹²⁹⁵ *Ibid.*, p. 21. O material apreendido está relacionado no “Auto de Exibição e Apreensão”, com data de 02 de outubro de 1966.

¹²⁹⁶ *Ibid.*, p. 31. Assim diz o telegrama: “Tendo chegado ao nosso conhecimento que elementos ainda não identificados, aliados a estudantes esquerdistas pretendem distribuir amanhã, durante a partida de futebol Corinthians X Palmeiras, no Pacaembú, boletins altamente subversivos, recomendo providências no sentido sejam detidas pessoas apanhadas com dito material e encaminhadas para este DOPS.”

¹²⁹⁷ *Ibid.*, p. 32.

seria contribuir para a melhoria da situação do país; pouco sabia sobre a “Ação Popular” e desconhecia suas relações com os “últimos acontecimentos”. Como seminarista, disse não dispor de tempo integral para participar de ações como o congresso da UEE que seria realizado na sede da FEI em São Bernardo ou passeatas “face às naturais limitações impostas pelo curso que frequenta”.¹²⁹⁸ Pelo pouco conteúdo de suas declarações é perceptível que foi interrogado com tentativas de se obter mais informações sobre o movimento estudantil e suas lideranças, com ênfase na AP. No jogo que se estabelece entre inquiridores e inquirido, as negativas apresentadas pelo estudante talvez tenham sido uma forma de não envolver outros colegas. Se de fato ele se referiu à “conscientização das massas”, teria certa familiaridade com as ideologias de esquerda presentes em alguns ambientes católicos. Pode ter sido também uma estratégia intencional dos inquiridores de reforçar o vínculo do estudante com a esquerda católica.

Ivanir José Manzano¹²⁹⁹ Cestaro, falecido no início de 2023, estudante agostiniano recoleto, foi o último secretário do DAXIX. Preso¹³⁰⁰ durante a manifestação dos estudantes do IFT em frente ao prédio do DOPS, próximo à estação da Luz, foi indiciado e não consta em outros inquéritos.¹³⁰¹ Nessa mesma ocasião, Albino de Bortoli¹³⁰², natural de São Luiz, Santa Catarina, provavelmente era religioso camiliano, uma vez que sua ficha no DEOPS o cita como residente no Jaçanã; foi detido

juntamente com outros religiosos que se encontravam a frente do DOPS a pretexto de protestar contra supostas prisões de padres e estudantes envolvidos no anunciado Congresso da UNE, ocasião em que fora desfraldadas faixas exigindo a libertação

¹²⁹⁸ *Ibid.*, p. 33.

¹²⁹⁹ Livro de Atas do DAXIX, p. 18.

¹³⁰⁰ Cf. “Folha de São Paulo”, dia 04 de agosto de 1967, na primeira página, ao centro, está uma foto em primeiro plano de um frade agostiniano recoleto, sendo esse o próprio Ivanir Manzano, conduzido ao interior do DOPS por um agente de segurança, e outra foto dos religiosos na manifestação. POLÍCIA aguarda manifestação. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 04 ago. 1967. p. 15. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=2646&anchor=4471468&origem=busca&originURL=>. Acesso em: 21 abr. 2023; POLÍCIA aguarda manifestação. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 04 ago. 1967. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=2646&anchor=4471479&origem=busca&originURL=&pd=12dd2ac3c1e85410b45091d8c6bacb04>. Acesso em: 21 abr. 2023.

¹³⁰¹ Cf. Prontuário nº 144391 Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/DEOPSSPI003575.pdf>. Acesso em: maio 2021 e também digitalizado no dia 05 de abril de 2022.

¹³⁰² Livro de Atas do DAXIX, p. 19.

dos supostos presos com o que criou confusão e agitação a porte deste departamento.¹³⁰³

Natural de Castelo, Espírito Santo, José Agostinho Casagrande,¹³⁰⁴ era frade agostiniano recoleto, residente então no bairro do Ipiranga, Rua Lino Coutinho, detido e liberado em seguida; segundo seu prontuário, foi indiciado no dia 21 de agosto de 1967.¹³⁰⁵ Oscar Bento Mariano,¹³⁰⁶ identificado como religioso, residente no bairro Casa Verde, foi preso nesse mesmo dia e indiciado também em 21 de agosto.¹³⁰⁷ Gaudêncio Caliman, não tem seu nome no livro de Atas do DAXIX; citado numa das entrevistas,¹³⁰⁸ fora estudante agostiniano recoleto, natural de Conceição de Castelo; teria participado da manifestação em frente ao DOPS; no entanto, consta como fichado no DEOPS em São Paulo, em setembro de 1970,¹³⁰⁹ quando já estava fora da Ordem e trabalhando como “escriturário”. Sua ficha não traz outras informações além de dados pessoais, sem nenhuma referência a ter sido estudante do IFT e participado da manifestação.

¹³⁰³ Cf. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXSNB003348.pdf. Acesso em: maio 2021.

¹³⁰⁴ Livro de Atas do DAXIX, p. 35. Cf. Entrevista do Sr. RL sobre a residência dos seminaristas agostinianos recoletos com os verbitas, no Ipiranga.

¹³⁰⁵ Cf. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/DE-OPSSPJ011956.pdf>. Acesso em: maio 2021; seu prontuário de número 144.390 foi digitalizado no dia 05 de abril de 2022.

¹³⁰⁶ Livro de Atas do DAXIX, p. 35.

¹³⁰⁷ Cf. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/DE-OPSSPO002724.pdf>. Acesso em: maio 2021; seu prontuário de número 144.394 foi digitalizado no APESP no dia 05 de abril de 2022.

¹³⁰⁸ Entrevista com RL.

¹³⁰⁹ Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/DE-OPSSPG000696.pdf>. Acesso em: maio 2021.



Figura 9. Prisão de estudante do IFT - manifestação em frente ao DEOPS 03 de agosto de 1967¹³¹⁰

A primeira das esquecidas mulheres que foram alunas do IFT é Beatrice¹³¹¹ Laurette Wittner. Ela aparece no livro de atas como representante do “Primeiro ano Propedêutico”, juntamente com “Pedro”; compôs a chapa eleita para a diretoria do DAXIX como “vice-presidente”, ao lado de Frei Domingos Guimarães¹³¹², no segundo semestre de 1968. Em suas intervenções durante as assembleias que participara, ela

falou veementemente sobre a força da assembleia que está na vontade de cada participante. Somos estudantes de Teologia, portanto: o que vamos fazer, votar o quê, que nome, por quê?.¹³¹³

Nessa “fala”, ela se identifica como “estudante de Teologia”. Numa outra, a última intervenção sua, ela teria falado sobre uma caixinha de sugestões a respeito de uma viagem ao Rio Grande do Sul, para a “Semana da Secularização”, e sobre um fim de semana sobre a ‘violência’ numa chácara dos beneditinos.¹³¹⁴

¹³¹⁰ Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=2646&anchor=4471468&origem=busca&originURL=>. Acesso em: maio 2021.

¹³¹¹ Livro de Atas do DAXIX, p. 79;

¹³¹² Livro de Atas do DAXIX, p. 82.

¹³¹³ Livro de Atas do DAXIX, p. 85.

¹³¹⁴ Livro de Atas do DAXIX, p. 86.

Nenhum dos entrevistados se recordou dela como estudante do IFT, provavelmente por tratar-se de uma estudante iniciante. Dois dos entrevistados já estariam terminando seus estudos, um já havia se retirado da instituição e, caso ela tenha sido aluna somente no ano de 1968, o que fora professor não deu aulas para ela. Mesmo assim, sendo uma instituição de formação teológica e religiosa propriamente masculina, a presença feminina teria sido algo muito novo para época. Um dos entrevistados, que fez todos os seus estudos teológicos no IFT, atuante no DAXIX, colaborador do Jornal “Opinião, manifestou-se surpreso quando citado os nomes dela e de Terezinha: “Mulher, fazendo Teologia conosco?”¹³¹⁵ No livro de atas, consta apenas o nome “Beatrice”, sem sobrenome. Como essa forma não é usual em língua portuguesa, ao pesquisar nos arquivos do DEOPS no APESP, havia uma ficha com o nome de “Beatrice Laurette Wittner”. Seria a mesma?

Conforme a documentação nos arquivos do DEOPS, Beatrice Laurette Wittner, filha de Siegfried Wittner e Iete Laner Wittner, era belga, nascida em Bruxelas, brasileira naturalizada e residente em São Paulo.¹³¹⁶ Detida pelo DOI-CODI em 19 de abril de 1971 para averiguações, prestou depoimento.¹³¹⁷ Mesmo constando que não pertencia a “nenhuma organização”, possivelmente foi interrogada por sua ligação com alguns dos envolvidos no “Caso Marighella”, em fins de 1969. O relator, na tentativa de vinculá-la de alguma forma, insistiu na possibilidade de “na pior das hipóteses, seja simpatizante ou aliada a elementos da ALN, ou usada como instrumento, por tais militantes daquela organização de esquerda”, embora ela tenha dito que desconhecia totalmente a sigla ALN.¹³¹⁸ Conforme seu depoimento, Beatrice veio para o Brasil em 1949.¹³¹⁹ Judia, seu pai esteve em campo de concentração e, com o falecimento de sua primeira esposa, casou-se com uma católica, Josefina Wittner. Isto provocara um

¹³¹⁵ Entrevista com Padre PHG.

¹³¹⁶ Cf. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXSNW000174.pdf. Acesso em: maio 2021; cf. também Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/DEOPSSPB000769.pdf>. Acesso em: maio 2021.

¹³¹⁷ Seu depoimento consta na Pasta 21, documento 39 do Ministério do Exército, Comando do II Exército, conforme Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOPSOS000269.pdf. Acesso em: jun. 2021. p. 364-381.

¹³¹⁸ *Ibid.*, p. 373.

¹³¹⁹ Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOPSOS000269.pdf. Acesso em: jun. 2021. p. 371.

mal-estar dentro da colônia judaica e ele foi acusado de “antissemita”. Ela se convertera ao catolicismo “porque achou mais calor humano nessa religião do que no judaísmo”.¹³²⁰ Em seu depoimento, disse

que nunca se interessou, ou melhor, sempre tentou não se envolver em política, pois seus pais, por serem judeus, estiveram por 4 anos presos em um campo de concentração e por terem vindo ao Brasil fugindo dos comunistas.¹³²¹

Ao longo do seu depoimento, ela fez referências a vários integrantes do IFT, tanto professores como estudantes. Conheceu Sinval Itacarambi Leão em 1967, quando este era monge beneditino.¹³²² Além deste, conheceu outros não através do IFT, mas quando fizera um retiro no Colégio de Sion, tais como Frei Yves. Assim assentou o relator, destacando os nomes dos envolvidos no “Caso Marighella”:

que todos os contatos e amizades que a depoente dispensava a elementos, que somente depois dos acontecimentos registrados com SINVAL, Padre IVES e outros, veio a saber ligados à subversão, os conheceu quando frequentava as aulas do IFT, os tinha como professores e colegas de estudo.¹³²³

Beatrice afirmou que também conheceu “Chico”, seminarista agostiniano; Padre Hugo Assmann, “Diretor de estudos do IFT - atualmente no Uruguai”¹³²⁴; “Ivênio Costa de Carvalho, IBF - Instituto Brasileiro de Filosofia, emprego de Ivênio C. de Carvalho”,¹³²⁵ Padre Olinto, “ex-professor do IFT”; Nestor, ex-aluno do IFT, e, em letras maiúsculas dando destaque a “TEODORO - nome BENEDITINO DO SINVAL DE ITACOLOMI LEÃO (‘VALDO’)”¹³²⁶ e “... JOSÉ ANTÔNIO RUIZ (preso neste DOI em 15

¹³²⁰ *Ibid.*, p. 374.

¹³²¹ *Ibid.*, p. 371.

¹³²² *Ibid.*, p. 370; cf. também p. 367. O nome de Sinval sempre vem seguido de seu codinome “Valdo”.

¹³²³ *Ibid.*, p. 379.

¹³²⁴ Conforme seu depoimento, o Padre Hugo Assmann exercia a função de “Diretor de Estudos”, além de professor, e o Padre Olinto Pegoraro, diretor do IFT, também dava aulas.

¹³²⁵ Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOPSOS000269.pdf. Acesso em: jun. 2021. p. 366. O Livro de Atas do DAXIX registra o nome de “Ivênio José da Costa Carvalho”, na ata de 27 de outubro de 1966, p. 36-38; e uma intervenção numa assembleia em 06 de dezembro de 1966, sob a forma de “Invênio”, que atuava no jornal “Opinião” do DAXIX, p. 42.

¹³²⁶ Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOPSOS000269.pdf. Acesso em: jun. 2021. p. 367.

Jan 71) em 1968 no IFT, onde a declarante assistia aulas de Teologia”.¹³²⁷ Havia conhecido também Frei Luiz Felipe Ratton de Mascarenhas na Faculdade de Filosofia da USP, onde, em 1969, ele fora reprovado.¹³²⁸ O relator apresentou uma sequência de “fatos”, cuja precisão de dia e horário é duvidosa, uma vez que teriam se passado em 1968, três anos antes do depoimento, ou teriam confiscado alguma agenda, diário ou bloco de notas da depoente:

24/Fev/68 - Itinerário do IFT (Instituto de Formação Teológica) ...
 01/março/68 - carta recebida da irmã ANA MÔNICA DE SION, do IFT; 02/Março/68 - primeiro contacto com Padre Hugo Assmann, 14 e 15/Março aula de ética que IVÊNIO a convidou para assistir na USP; foi à aula; 16/março/68, SINVAL, o HUGO, seria telefonar para o primeiro ir ao encontro do segundo às 1500 horas, que 0930 horas PUC teria sido alguma conferência; 17/março 68, na Igreja de São Bento para despedida do SINVAL que iria para a Bahia, e telefonar para IVÊNIO (seu aniversário)... 23/março/68, festinha de noivado do IVÊNIO E ISOLDA, 19/setembro/68, época em que a depoente tomava parte no Departamento Cultural do IFT, que promoveu a ida de alguns alunos para São Leopoldo RGS; que o seminarista dominicano PAULO DOMINGOS iria entregar o manifesto e artigo do jornal Mini-Opinião do IFT (Instituto de Formação Teológica).¹³²⁹

Presumindo sempre alguma “culpa” e na tentativa de enquadrá-la de alguma forma, o relator realçou a sua ligação com Sinval e Padre Hugo Assmann, levantando suspeitas sobre uma mala que este último deixara com ela e sobre os vínculos afetivos que teria nutrido com eles. Assim escreveu, destacando o nome em maiúsculas: “Acontece que em janeiro de 1969, quando o Padre HUGO ASSMANN viajou para a Alemanha deixou u’a mala de livros fechada na casa da depoente”¹³³⁰ e essa mala que ela guardara conteria “material subversivo”.¹³³¹ Em seu depoimento, Beatrice

¹³²⁷ *Ibid.*, p. 371.

¹³²⁸ *Ibid.*, p. 372.

¹³²⁹ *Ibid.*, p. 368. Sobre o jornal Mini-Opinião, cf. Livro de Atas do DAXIXI., p. 66.80 - conforme ata do dia 27 de agosto de 1968, Beatrice compôs a chapa da diretoria do DAXIXI., como vice-presidente, juntamente com Frei Domingos Guimarães, presidente, p. 82-83). O nome do seminarista dominicano “Paulo Domingos” provavelmente seja de Frei Domingos Guimarães. “Paulo” deveria ser seu nome religioso.

¹³³⁰ *Ibid.*, p. 367.

¹³³¹ *Ibid.*, p. 373.

disse que, em viagem de carona pela América do Sul junto com José Romeu Ciccone, havia visitado o Padre Hugo Assmann em Montevideu, Uruguai, “pessoa que a declarante gostou quando o mesmo exercia o sacerdócio em São Paulo”.¹³³² Indo além das afirmações da depoente, o relator a caracterizou por duas vezes como “amante do Padre ASSMANN e de SINVAL”.¹³³³ Assim, o relator buscava desqualificá-la moralmente e associá-la aos envolvidos em movimentos de resistência.

A outra mulher, Terezinha de Lisieux Vasconcelos,¹³³⁴ secretariou oito assembleias do DAXIX. Eleita secretária em agosto de 1967, atuou no cargo até agosto de 1968 durante o período em que Frei Tito Alencar fora o presidente. Nas atas, registrou algumas de suas próprias falas durante a assembleia no dia 04 de agosto de 1967, quando comentou a manifestação dos estudantes do IFT em frente ao DEOPS realizada no dia anterior. Ela teria dito que os últimos fatos haviam sido positivos “pois em 1964, os padres instigaram os leigos e depois, abandonaram-nos ‘no fogo’. Agora, parece que a Hierarquia entenderá a advertência de que ela, também, deve praticar o que ‘fala’ em seus documentos”,¹³³⁵ criticara os dizeres nos cartazes por não corresponderem à verdade e manifestara sua opinião de que o protesto deveria ser mais geral, desde que os presos já tivessem sido liberados. Provavelmente seja a mesma “Terezinha” que fez um trabalho junto com Cléber, Aristeu e José Maurício, intitulado “Libertação do Homem”,¹³³⁶ talvez no segundo semestre de 1968, após o conflito com o Cardeal Arcebispo de São Paulo D. Agnelo Rossi. Nesse trabalho, os estudantes criticaram o apoio que a Igreja Católica dera à “Revolução de 64” e se referiram à carta de D. Agnelo sobre o pronunciamento que Frei José Neves fizera a respeito da encíclica “Humanae Vitae”.¹³³⁷ Na documentação do DEOPS, este nome consta numa ficha como candidata à presidência do Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo, APEOESP, em 1979.¹³³⁸ Na tese de doutorado de Patrícia Leite Di Iório, “O ensino da Língua Portuguesa em São Paulo na segunda metade do século

¹³³² *Ibid.*, p. 377.

¹³³³ *Ibid.*, p. 373.377.

¹³³⁴ Livro de Atas do DAXIX, p. 56-80.

¹³³⁵ Livro de Atas do DAXIX, p. 59.

¹³³⁶ CLÉBER, Terezinha; ARISTEU, José Maurício. **Libertação do homem**: 1a. Parte. Texto datilografado. P19-20. (Não datado, 6 páginas).

¹³³⁷ *Ibid.*, p. 2-3.4.

¹³³⁸ Cf. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTXSNV000341.pdf. Acesso em: maio 2021.

XX: um caminho historiográfico”, defendida na PUC-SP em 2007,¹³³⁹ “Terezinha de Lisieux Vasconcelos” aparece como coautora do livro “Da teoria à prática. Subsídios à proposta curricular para o ensino de língua portuguesa – 1º grau”, publicado em 1990 e analisado pela pesquisadora.¹³⁴⁰

Segundo o dossiê da “Operação Ibiúna”, do DEOPS, elaborado por ocasião do XXX Congresso da UNE no dia 12 de outubro de 1968, o planejamento contou com três fases. A primeira fase consistiu na obtenção de informações por parte do Serviço Secreto do DOPS, desde a morte do estudante Edson Luiz no Rio de Janeiro, então Estado da Guanabara, segundo as quais a esquerda revolucionária estaria se utilizando do movimento estudantil para integrá-lo ao “Movimento revolucionário, desde que conduzido dialeticamente até sua própria ampliação e consequente absorção ao movimento geral”.¹³⁴¹ Tais organizações clandestinas, com orientações da “linha chinesa” e da OCLAE, Organização Continental Latino-americana de Estudantes, com sede em Cuba, pretendiam atingir esse objetivo com a realização do XXX Congresso da UNE. A partir daí, medidas de vigilância em pontos de embarque e desembarque, tais como aeroportos, ferrovias, rodovias, estações ferroviárias e rodoviárias foram tomadas para observar a movimentação de estudantes. No início de outubro, os órgãos de segurança já teriam conhecimento do local de realização do congresso em Ibiúna, nas proximidades de Sorocaba. Com isso, passou-se a outras medidas como o levantamento topográfico do local, indicações de vias de acesso e saídas e identificação dos postos de observação e segurança dos estudantes.¹³⁴² Na segunda fase, a ação repressiva do DOPS, sob o comando dos delegados José Paulo Bonchristiano, Adjunto da Ordem Política, e Orlando Rozante, Adjunto da Ordem Social, 95 investigadores e a Força Pública do 7º Batalhão de Caçadores, sob o comando do Coronel Divo Barsoti, efetuou a prisão de 693 estudantes no Sítio Murundu. A ação teria sido rápida e sem violência.¹³⁴³ Na terceira fase, contou-se com 11 delegados e

¹³³⁹ DI IÓRIO, Patrícia Leite. **O ensino da Língua Portuguesa em São Paulo na segunda metade do século XX: um caminho historiográfico**. 2007. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/14464/1/Patricia%20Leite%20Di%20lorio.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2023.

¹³⁴⁰ *Ibid.*, p. 196.

¹³⁴¹ Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOPSOS000138.pdf. Acesso em: maio 2021. p. 2.

¹³⁴² *Ibid.*, p. 3.

¹³⁴³ *Ibid.*, p. 3.

uma grande equipe de escrivães e auxiliares para a instauração do inquérito policial. Foram indiciados 695 pessoas, sendo destes 693 estudantes.¹³⁴⁴ Sites como “Acervo da Folha de São Paulo”,¹³⁴⁵ “Memorial da Resistência”¹³⁴⁶ e “Memorial da Democracia”¹³⁴⁷ afirmam a prisão de mais de 900 estudantes. Os líderes Luís Travassos, da UNE, Vladimir Palmeira e Franklin Martins, da União Metropolitana dos Estudantes, e José Dirceu, da UEE, e outros, foram levados diretamente para o DOPS; os outros, conduzidos ao Presídio Tiradentes. Essa ação teria desmantelado o movimento estudantil e permitido às forças de segurança identificar e perseguir posteriormente vários membros das diversas organizações de esquerda.

O início do segundo semestre, último da existência do DAXIX, encontrava-se bastante turbulento, com intensas discussões internas no diretório acadêmico dos estudantes do IFT. A transição da diretoria presidida por Frei Tito Alencar para a nova diretoria eleita e presidida por Frei Domingos Guimarães, ambos frades dominicanos, ocorreu sob muitos protestos e trocas de acusações de descumprimento dos estatutos e imposição de ideias e decisões.¹³⁴⁸ Dentre os temas polêmicos estava a participação do DAXIX no movimento estudantil, através da UEE e UNE, e a preparação para o congresso a ser realizado em outubro próximo. Sob a presidência de Frei Domingos Guimarães e Beatrice como vice, num clima de desânimo entre os estudantes, duas atas do início de setembro, mormente a do dia 16, registraram as discussões em torno da preparação para o congresso, cujos temas incluíam a situação de “ditadura constitucional”, a organização do movimento estudantil e as formas de luta, os estatutos da UNE e os vínculos com a UIE, União Internacional dos Estudantes, e OCLAE. Traçou-se também da integração entre os diretórios acadêmicos das faculdades de Teologia para coordenar as atividades de seus estudantes.¹³⁴⁹

¹³⁴⁴ *Ibid.*, p. 4.

¹³⁴⁵ 1968: LÍDERES universitários são presos em Congresso da UNE em Ibiúna. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 out. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/banco-de-dados/2018/10/1968-lideres-universitarios-sao-presos-em-congresso-da-une-em-ibiuna.shtml>. Acesso em: 15 ago. 2022.

¹³⁴⁶ SÍTIO DE IBIÚNA. Disponível em: <http://memorialdaresistencia.org.br/lugares/sitio-de-ibiuna/>. Acesso em: 15 ago. 2022.

¹³⁴⁷ QUEDA de Ibiúna: a UNE vai para a cadeia Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/queda-de-ibiuna-a-une-vai-para-a-cadeia>. Acesso em: 15 ago. 2022.

¹³⁴⁸ Livro de Atas do DAXIX, p. 75-80.

¹³⁴⁹ Livro de Atas do DAXIX, p. 85-88.

Dentre os estudantes presos em Ibiúna por participarem do congresso clandestino da UNE estavam três frades dominicanos do IFT. Frei Tito Alencar Lima contava com 23 anos e foi identificado como estudante do “Instituto de Filosofia e Teologia de São Paulo”.¹³⁵⁰ Domingos Figueiredo Esteves Guimarães,¹³⁵¹ muito atuante no diretório acadêmico DAXIX sobretudo no segundo semestre de 1968, quando foi eleito presidente,¹³⁵² sucedendo a Frei Tito Alencar e tornando-se o seu último presidente. Contava com 26 anos quando foi preso;¹³⁵³ registrado como frade, residente em Perdizes e, equivocadamente, estudante do “Instituto de Formação Tecnológica de São Paulo”, ao invés de “Instituto de Formação Teológica”;¹³⁵⁴ respondeu processo por atividade contra a Lei de Segurança Nacional.¹³⁵⁵ Luiz Felipe Ratton Mascarenhas teria feito uma intervenção em assembleia do DAXIX, quando os estudantes discutiram a manifestação em frente ao DEOPS:

O cristianismo é participação global no processo de desenvolvimento na sociedade e não uma ideologia alienada. O Evangelho pede justiça. Necessário se faz lutar por ela em todas as implicações sociais, políticas e econômicas. Hoje surgiu a oportunidade. O convite é para todos. Aproveitemos.¹³⁵⁶

¹³⁵⁰ Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOPSOS000138.pdf. Acesso em: maio 2021. p. 90.96; cf também microfilme da “Operação Ibiúna”, digitalizado no dia 05 de abril de 2022 no APESP, MF 50-C-22, p. 3281.3275; sobre ele, será tratado adiante, no Caso Marighella.

¹³⁵¹ Livro de Atas do DAXIX, p. 60, eleito membro do departamento cultural do diretório acadêmico em setembro de 1967, sob o nome “Paulo Domingos Guimarães”, sendo que provavelmente “Paulo” constituiria seu “nome religioso”.

¹³⁵² Livro de Atas do DAXIX, p. 82-83.

¹³⁵³ Cf. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXSNG002456.pdf. Acesso em: maio 2021; Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFICONS000523.pdf. Acesso em: maio 2021. Ficha que remete ao álbum da Operação Ibiúna - álbum 05 - foto 1666.

¹³⁵⁴ Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOPSOS000334.pdf. Acesso em: maio 2021. p. 156 – Foto 642 - “1666”.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOPSOS000138.pdf. Acesso em: maio 2021; Pasta da “Operação Ibiúna”. Os frades dominicanos e estudantes do IFT presos foram: Luiz Felipe Ratton Mascarenhas - número 590, p. 90; Domingos Figueiredo Esteves Guimarães - número 593, p. 90 e Tito Alencar - número 636, p. 96

¹³⁵⁵ Cf. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/DEOPSPD003874.pdf>. Acesso em: maio 2021. Seu prontuário, de número 145240, digitalizado no dia 05 de abril de 2022, o registrou como estudante da “Faculdade de Teologia do Instituto de Teologia de São Paulo”, p. 2

¹³⁵⁶ Livro de Atas do DAXIX, p. 55, seu nome consta como participante na assembleia do dia 02 de agosto de 1967.

Natural de Paraopeba, Minas Gerais, Frei Luiz Felipe Ratton tinha 22 anos quando foi preso. A documentação do DOPS o registra como estudante do “Instituto de Formação Teológica” e ligado às “atividades criminosas da A.L.N.”¹³⁵⁷

Um ano depois do conflito com o Cardeal Arcebispo D. Agnelo Rossi, da prisão dos estudantes em Ibiúna, dentre os quais alguns alunos do IFT, outros estiveram ligados ao “Caso Marighella”. Dentre os que foram alunos do IFT, ou tiveram passagem breve por ele, encontram-se 04 frades dominicanos, um seminarista e Sinval de Itacarambi Leão.

Roberto Sinval de Itacarambi Leão,¹³⁵⁸ natural de Araçatuba, interior de São Paulo, foi monge beneditino e, por isso, aparece nas atas do diretório acadêmico como “Teodoro Itacarambi Leão”. “Teodoro” fora seu nome religioso. Como membro do diretório acadêmico, assumiu o cargo de coordenador da Equipe de Jornal do IFT - “OPINIÃO” em 1966; no departamento cultural do DAXIX foi responsável pela biblioteca e por um curso de liderança em 1967.¹³⁵⁹ Durante o ano de 1968, seu nome não consta mais nas atas, pois teria deixado o mosteiro e tornou-se jornalista e funcionário da Editora Vozes, dos frades franciscanos. Devido ao seu envolvimento no “Caso Marighella”, juntamente com outros frades dominicanos, foi intensamente investigado, suspeito de participação em atividades da VPR, da ALN e do PCB;¹³⁶⁰ preso no dia 03 de novembro de 1969,¹³⁶¹ submetido a inquérito no dia seguinte; condenado, consta

¹³⁵⁷ Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFICONSF000845.pdf. Acesso em: maio 2021; cf. também Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/DEOPSSPL005837.pdf>. Acesso em: maio 2021.

¹³⁵⁸ Livro de Atas do DAXIX, p. 35. Seu nome encontra-se na lista dos que não foram registrados como membros por ocasião da posse da primeira diretoria em 13 de junho de 1966, e solicitaram inclusão posteriormente.

¹³⁵⁹ Livro de Atas do DAXIX, p. 32.50.

¹³⁶⁰ Num dossiê do DEOPS relativo aos grupos considerados então como “terroristas”, o nome de Sinval aparece num recorte do jornal “Diário Popular” de 05 de julho de 1970, sobre os envolvidos com a ALN, cf. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOPSOS001057.pdf. Acesso em: maio 2021. p. 53.58.72.

¹³⁶¹ No seu prontuário de número 146.137, digitalizado no APESP no dia 05 de abril de 2022, consta como preso no dia 04 de novembro de 1969, mesmo dia da morte de Marighella; no entanto, fora detido na filial da Editora Vozes, onde trabalhava, no dia 03 de novembro de 1969 às 17:00 por agentes do CENIMAR – Centro de Investigações da Marinha (p. 8); residência declarada no Rio de Janeiro e jornalista de profissão (p. 4); Indiciado para averiguações em 05 de novembro de 1969 pelo Delegado Fleury (p. 6); removido em 28 de novembro de 1969 (p. 7)

Nos autos do inquérito relativos ao Caso Marighella, o nome de Sinval aparece no depoimento de Takao Amano, e na sua apresentação ao juiz, juntamente com os dominicanos envolvidos. cf. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOPSOS002029.pdf. Acesso em: maio 2021. p. 272-274.342.

entre os que sofreram tortura; apresentado como “ex-frei”.¹³⁶² Quando estava no presídio Tiradentes, assinou uma carta de presos políticos ao XIII Congresso Nacional de Jornalistas Profissionais, datada de 20 de agosto de 1970.¹³⁶³ Na sentença final, foi declarado absolvido das acusações, no dia 13 de setembro de 1971, por ausência de provas.¹³⁶⁴

Tito de Alencar,¹³⁶⁵ cearense, nasceu em 1945. O Livro de Atas do DAXIX traz muitos registros de sua atuação nesse diretório acadêmico desde o início de 1967, quando era calouro no IFT, e, sobretudo, do período em que foi seu presidente durante um ano, a saber, de agosto de 1967 a agosto de 1968. A última ata em que apareceu seu nome foi da assembleia do dia 14 de agosto, quando estava numa atitude um tanto defensiva, rebatendo acusações de que estaria impondo suas posições políticas sobre o DAXIX.¹³⁶⁶ Um dos temas tratados nas últimas atas foi a preparação para o Congresso da UNE, que ocorreria em Ibiúna, no mês de outubro, durante o qual foi preso, juntamente com outros frades dominicanos.¹³⁶⁷ No ano seguinte, no dia 04 de novembro de 1969, foi preso novamente no convento dominicano em Perdizes e indiciado no inquérito dos pertencentes à Ação Libertadora Nacional, ALN, ala Marighella.¹³⁶⁸ Faleceu por suicídio aos 28 anos, exilado na França, onde fazia um acompanhamento devido aos distúrbios psiquiátricos em consequência das torturas que

¹³⁶² Cf. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTESXNL000421.pdf. Acesso em: maio 2021; Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/prontuarios/BR_SP_APESP_DEOPS_SAN_P006558_01.pdf. Acesso em: maio 2021. p. 3; Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOPSOS000117.pdf. Acesso em: maio 2021. p. 89.91.93.

¹³⁶³ Cf. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOPSOS000110.pdf. Acesso em: maio 2021. p. 105-111.

¹³⁶⁴ Cf. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOPSOS000032.pdf. Acesso em: maio 2021. p. 343-344.

¹³⁶⁵ Livro de Atas do DAXIX, p. 47. Seu nome aparece pela primeira vez nas atas do dia 16 de março de 1967 (p.46-49), quando se manifestou juntamente com Aparecido Faria falando sobre o “dever de partir para a luta”, o que suscitou aplausos dos presentes na assembleia.

¹³⁶⁶ Livro de Atas do DAXIX, p. 75-80.

¹³⁶⁷ Prontuário número 145.357, digitalizado no APESP, no dia 05 de abril de 2022, p. 4.

¹³⁶⁸ Prontuário número 9951, p. 3; cf. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOPSOS001057.pdf. Acesso em: maio 2021. p. 53-91; outros estudantes do IFT, quase todos dominicanos, foram também envolvidos: Sinval, Frei Roberto Romano (p. 72), Frei Yves (p. 73) e Frei Luiz Felipe Rattón Mascarenhas (p.90).

O prontuário 9951 traz sete referências a recortes de jornal entre 1970 e 1972 e uma sobre sua anistia em 1979, quando já se encontrava falecido há cinco anos (p. 02). No seu histórico de atividades “políticas”, foi identificado como “padre” e, além de sua prisão por participação no congresso da UNE em Ibiúna em 1968 e pela Operação Bandeirantes em 1970, ligando-o à Ação Libertadora Nacional, o cita como exilado no Chile em troca da libertação do embaixador suíço Giovanni Enrico Bucher, no 12 de janeiro de 1971 (p. 3)

sofreu na prisão durante a Operação Bandeirantes (Oban), sobretudo em fevereiro de 1970.¹³⁶⁹ Seus restos mortais foram trazidos ao Brasil em 1983.

Dois outros dominicanos tiveram passagens breves pelo IFT. Roberto Romano,¹³⁷⁰ segundo seu depoimento, foi aluno do IFT no primeiro semestre de 1968, trancando matrícula por julgar o curso muito fraco. Preso por ocasião do Caso Marighella, foi posteriormente absolvido das acusações.¹³⁷¹ Carlos Alberto Libânio Christo (Frei Betto), frade dominicano, com 08 registros no arquivo do DEOPS, sendo um ainda não digitalizado, foi intensamente investigado até o ano de 1993.¹³⁷² Em suas fichas, consta sobretudo o seu envolvimento no Caso Marighella e atividades da AP, ALN e VPR, valendo-se de sua formação e atuação jornalística para “fazer proselitismo da crença vermelha”. Teria participado do Congresso da UNE em Ibiúna em 1968, utilizando-se de uma identidade falsa, sob o nome de Ronaldo de Mattos.¹³⁷³

O embaixador Giovanni Enrico Bucher foi sequestrado numa ação da VPR, sob o comando de Carlos Lamarca, no dia 07 de dezembro de 1970 no Rio de Janeiro. Os sequestradores exigiram troca da liberdade do embaixador pela liberdade de 70 presos políticos. Foi posto em liberdade no dia 16 de janeiro de 1971.

Cf. Disponível em: <http://fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/bucher-giovanni-enrico>. Acesso em: maio 2021. Considerado então como “preso político”, a relação dos nomes dos presos políticos indicados em troca da liberdade do embaixador suíço traz o seu nome incluso. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOPSOS000975.pdf. Acesso em: maio 2021. p. 55.

O dossiê dos presos políticos trocados pela liberdade do embaixador suíço (Pasta nº 112 - “Elementos banidos do Território Nacional” - Polícia Civil de São Paulo - Departamento Estadual de Ordem Política e Social - Divisão de Ordem Social - DOS - Setor de Análise, Operações e Informações), também o relaciona.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOPSOS001035.pdf. Acesso em: maio 2021. p. 110.

Numa outra relação dos “Elementos banidos do território nacional”, consta como “padre”, subversivo e exilado na Argélia, onde ainda se encontrava. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOPSOS001045.pdf. Acesso em: maio 2021. p. 30.

¹³⁶⁹ “Frei Tito”, texto datilografado, P011-15, título em letras manuscritas, com timbre da “Escola Dominicana de Teologia”, hoje no acervo da Biblioteca Padre Lebrecht, no convento dominicano em Perdizes, São Paulo. Este texto faz um histórico breve da vida de Frei Tito, com destaque às torturas que sofreu na prisão, escrita por Frei Xavier Plassat, dominicano, p. 7-14

¹³⁷⁰ MF 30-Z-160, pasta 39, p. 5129-5125.

¹³⁷¹ Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXSNS006046.pdf. Acesso em: maio 2021.

¹³⁷² Cf. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/DCSC02974.pdf>. Acesso em: maio 2021; Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/DCSC02973.pdf>. Acesso em: maio 2021; Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/DCSAPELIDOS00055.pdf>. Acesso em: maio 2021.

¹³⁷³ Cf. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXSNC003369.pdf. Acesso em: maio 2021. Esse nome não consta no dossiê dos estudantes presos por ocasião do XXX Congresso da UNE, em Ibiúna.

Esse nome, no entanto, não consta entre os que foram presos. Em seu depoimento, disse ter estudado no IFT durante o primeiro trimestre de 1967.¹³⁷⁴

Yves do Amaral Lesbaupin, também chamado de Frei Ivo, foi estudante do IFT ao menos no ano de 1969. Seu nome consta entre os alunos nas aulas do Professor CARN e realizou alguns trabalhos em sua disciplina. Foi um dos mais lembrados pelo professor durante a entrevista, sobretudo por causa do seu nome francês, com o qual eles faziam algumas brincadeiras.¹³⁷⁵

Nestor Pereira da Mota¹³⁷⁶ havia sido seminarista dominicano, natural de Porto Nacional, às margens do rio Tocantins, hoje Estado de Tocantins, outrora Estado de Goiás. Preso no dia 02 de dezembro de 1969 em São Paulo, acusado de infração à Lei de Segurança Nacional por “atividades criminosas da A.L.N.”, indiciado em inquérito policial em março de 1970 e solto um ano depois, sendo absolvido das acusações.¹³⁷⁷ O seu prontuário, datado de 13 de novembro de 1969, o registra como “comerciário” e morador na região central de São Paulo.¹³⁷⁸ Outra ficha o registra como “professor de yoga”. Quando seminarista dominicano no convento em Perdizes, teria participado, em julho de 1968, do levantamento topográfico na região de Gurupi, então Estado de Goiás, até Imperatriz, no Maranhão, “visando conhecer condições para o desencadeamento do curso de guerrilha”, juntamente com Frei Fernando, Frei Yves, Frei Oswaldo e outro estudante, “Hélio Garcia”. Conhecido de Frei Fernando desde quando fora seminarista em Juiz de Fora, teria participado da ALN a convite dele e de Frei Tito,¹³⁷⁹ integrado no “Setor Logístico da ALN”.

¹³⁷⁴ MF 30-Z-160, pasta 38, p. 4962; no Livro de Atas do DAXIX, assembleia 16 de março de 1967, p. 48, aparece um “Carlos Alberto”, questionando a filiação do DAXIX à UNE, devido a sua clandestinidade, e propondo um alinhamento político ao DCE da PUC.

¹³⁷⁵ Cf. Entrevista com Professor CARN.

¹³⁷⁶ Cf. Livro de Atas do DAXIX, p. 69-70.

¹³⁷⁷ Cf. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFICONSN000342.pdf. Acesso em: maio 2021.

¹³⁷⁸ Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/DEOPSSPN002049.pdf>. Acesso em: maio 2021.

¹³⁷⁹ Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTXSNM005065.pdf. Acesso em: maio 2021; cf. também Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/DOPSSANTOSM03348.pdf>. Acesso em: maio 2021; seu nome aparece como arregimentado por Frei Tito nos depoimentos de Frei Fernando (MF 30-Z-160, pasta 38, p. 4986) e nos depoimentos de Frei Tito (MF 30-Z-160, pasta 37, p. 4842 e pasta 38, p. 4997).

O cardeal Arcebispo D. Agnelo Rossi, para Frei Betto, foi omissos e colaborador com o regime militar. Os dominicanos conseguiram o apoio do cardeal Villot, “que era um francês inteligente”, em Roma, e o convenceram “de que nós éramos vítimas injustiçadas”, convencendo também o Papa Paulo VI. “Então, a gente sempre mandando notícia para o exterior. Mandando notícia e denunciando essa cumplicidade do cardeal”, que fora chamado a Roma para dar explicações. No aeroporto, em Roma, quando estava para voltar para São Paulo, soubera da notícia “de que ele foi demitido”, seguindo a prática da Igreja de “promover para remover”.¹³⁸⁰

No jogo de forças entre CRB e os dominicanos, de um lado, e o Cardeal Arcebispo D. Agnelo Rossi de outro, o IFT deixou de existir a partir de fins de 1969, esvaaziado como entidade que não correspondia à ortodoxia católica. O cardeal, no entanto, nas tramas do convencimento, e “cancelado”¹³⁸¹ em sua autoridade como arcebispo, pagou o seu preço nesse enfrentamento.

¹³⁸⁰ DEPOIMENTO de Frei Betto na Comissão Nacional da Verdade. 2013. Disponível em: https://cnv.grauna.org.br/images/pdf/depoimentos/vitimas_civis/Carlos_Alberto_Libanio_Christo_Frei_Betto.pdf. Acesso em: maio 2021. p. 37; Ney de Souza também cita esta influência dos dominicanos sobre o Cardeal Villot e o Papa Paulo VI no que se refere à transferência de D. Agnelo para o Vaticano. Cf. SOUZA, Ney de (org.), **Catolicismo em São Paulo**: 450 anos de presença da Igreja Católica em São Paulo (1554-2004), São Paulo, Paulinas, 2004. [As atividades do dom Agnelo Rossi, segundo cardeal (1964-1970) p. 491-519], p. 518; SOUZA, Ney de. Cardeal Rossi e a recepção do Vaticano II em São Paulo. **ATeo**, Rio de Janeiro, v. 23, p. 730-749, set./dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.46368>. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/46368/46368.PDF>. Acesso em: maio 2021.

¹³⁸¹ O verbo “cancelar” é muito utilizado hoje dentro do fenômeno das redes sociais, designando “a reprovação e o repúdio a falas ou posicionamentos em relação a um tema qualquer. O objetivo do cancelamento é realizar um boicote ao conteúdo que pessoa ou marca produz como punição por suas ações”. Cf. Disponível em: <https://www.significados.com.br/cultura-do-cancelamento/>. Acesso em: maio 2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um fim pode ser um novo começo

O Cardeal Arcebispo D. Agnelo Rossi trocou farpas com o jornal “O Estado de São Paulo” no início de agosto de 1967. O editorial de 03 de agosto, dia da manifestação dos estudantes do IFT em frente ao DOPS, criticava as congregações e ordens religiosas como colaboradoras da “desordem pública”, ameaça à “segurança nacional” e de tentarem se sobrepor, em nome da Igreja Católica, à soberania nacional.¹³⁸² Em resposta, no dia seguinte, o cardeal emitiu uma nota de repúdio à generalização feita pelo articulista e colocando-se em defesa dos beneditinos e dominicanos.¹³⁸³ Tal publicação, no entanto, foi considerada insuficiente por alguns estudantes do IFT,¹³⁸⁴ segundo os quais a hierarquia eclesiástica precisaria ser mais pressionada para posicionar-se contra o regime militar e cumprir o que diziam nos seus documentos. A postura da imprensa em relação à Igreja Católica era geralmente ambígua e em vista de causar publicidade. Um dos possíveis erros cometidos pelo cardeal em relação ao IFT, numa época em que se falava tanto de “diálogo”, foi o de ter usado a imprensa antes de qualquer outro contato direto com a instituição. Tal postura foi a causa de indignação nos estudantes na assembleia do DAXIX no dia 20 de setembro de 1968.¹³⁸⁵ No dia anterior, o mesmo jornal “O Estado de São Paulo” publicara uma reportagem, na qual o cardeal se manifestou indignado com a entrevista dada pelo reitor do IFT, Frei José Neves num canal de televisão, com críticas à encíclica “*Humanae Vitae*”. Na reportagem, o cardeal antecipou publicamente a tomada de algumas medidas contra o IFT: seus estudantes teriam que se submeter a um exame completo de doutrina e moral para serem ordenados sacerdotes e externava também aos superiores das or-

¹³⁸² “Notas e Informações. As Ordens religiosas e a segurança nacional” in “O Estado de São Paulo”, 03/fev/1967, p. 3. Cf. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19670803-28314-nac-0003-999-3-not>. Acesso em: 10 jun. 2023.

¹³⁸³ O jornal colocou como título da reportagem, em fontes grandes e negrito: “Padres causam novo problema”; em fontes menores, “Carta do Cardeal”. Da forma como elaboraram, a princípio pode parecer que é o cardeal quem está fazendo a afirmação do título. Ao final, emitiram uma tréplica, reafirmando o editorial do dia anterior e contestando a postura do cardeal. Cf. PADRES causam novo problema. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 04 fev. 1967. p. 10. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19670804-28315-nac-0010-999-10-not>. Acesso em: maio 2023.

¹³⁸⁴ Livro de Atas do DAXIX, P. 58-59.

¹³⁸⁵ *Ibid.*, p. 88-95.

dens e congregações, que mantinham estudantes na instituição, que ela não era confiável para a formação sacerdotal.¹³⁸⁶ O IFT se encontrava sob a desconfiança do cardeal arcebispo de São Paulo, que por sua vez, era também o presidente da CNBB. Tal desconfiança foi compartilhada com o Núncio Apostólico Sebastiano Baggio. Numa carta ao superior geral dos agostinianos recoletos ele disse:

[...] também me consta que não é para ser alentado o propósito que tinham os Padres Brasileiros de mandar seus alunos ao 'Instituto de Filosofia e Teologia' de São Paulo, pois este inspira as mais graves restrições quanto a sua orientação doutrinal e pastoral e não goza da confiança do Eminentíssimo Senhor Cardeal como tampouco desta Nunciatura.¹³⁸⁷

Além do envolvimento dos estudantes com os movimentos de cunho político, o IFT mantinha entre seus professores vários ex-padres, como denunciava uma carta anônima escrita por um frade agostiniano recoleto ao seu superior geral em 1969,¹³⁸⁸ chamando seus estudantes de “comunistóides”.

Tendo se precipitado em suas medidas, tornando-as públicas antes de qualquer contato com a diretoria e professores, os estudantes tiveram a iniciativa do “diálogo”, cujo tom nas duas últimas atas soa mais como um confronto com o cardeal. No dia 23 de setembro, segundo uma nota do mesmo jornal “O Estado de São Paulo”, o cardeal se reunira com os estudantes pela manhã e com os professores do IFT pela tarde, a partir das 18:30.¹³⁸⁹ Tendo se estabelecido um jogo de forças entre o cardeal e a CRB, foram tomadas medidas de urgência para definir os rumos do IFT. Uma assembleia de provinciais ocorreu em seguida, afirmando seu voto de confiança na diretoria e nos professores, decidindo ainda manter Frei José Neves como reitor. E ainda, conforme uma breve nota no jornal “O Estado de São Paulo” do dia 26 de setembro:

¹³⁸⁶ ENTREVISTA revolta o cardeal. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 19 set. 1968. p. 15. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19680919-28664-nac-0015-999-15-not>. Acesso em: 22 abr. 2023.

¹³⁸⁷ BAGGIO, Sebastiano. *Carta ao Prior Geral Padre Fr. Luís Garayoa*. Rio de Janeiro, 24 jan. 1969, (Prot. 19829). (Arquivo da Cúria Geral da Ordem dos Agostinianos Recoletos, Roma, Itália).

¹³⁸⁸ CARTA em cinco páginas datilografadas no Arquivo da Cúria Geral da Ordem dos Agostinianos Recoletos. Roma, Itália). [1969].

¹³⁸⁹ “Cardeal dialoga com alunos” in “O Estado de São Paulo”, 24/set/1968, p. 17. Cf. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19680924-28668-nac-0017-999-17-not> Acesso em: 10 junho 2023

Foi acentuado ainda que a Assembleia não se sente na obrigação de se pronunciar a respeito das discussões em torno da encíclica, solicitando ainda ao cardeal que permaneça a modalidade em vigor até hoje nos exames para as Ordens.¹³⁹⁰

Os setores progressistas do clero de São Paulo já haviam manifestado sua insatisfação com a atuação do cardeal. Com data de 26 de abril de 1968, padres do clero da Arquidiocese de São Paulo enviaram um manifesto¹³⁹¹ ao Cardeal Arcebispo D. Agnelo Rossi por ocasião da forma como fora celebrada a visita da Imagem de Nossa Senhora de Fátima na cidade no dia 21 daquele mês.¹³⁹² O texto, no acervo da Biblioteca Padre Lebrecht, não traz o nome do cardeal nem as assinaturas dos padres que o elaboraram. A forma de dirigir-se à autoridade eclesiástica simplesmente como “Senhor Cardeal” denota a insatisfação desse setor do clero com o prelado, a crise de autoridade em debate e manifestava naquele momento a insatisfação do clero em relação às posturas da Igreja ante o Estado sob o regime militar. O texto mostra também algumas novas posturas em relação ao comunismo. Citando uma fala do Papa Paulo VI, os padres disseram escrever a carta com o espírito de liberdade e mútua confiança. Nela, manifestam sua perplexidade ante a forma como havia sido celebrada a visita da imagem de Nossa Senhora de Fátima em São Paulo, considerada por eles como incompatível aos ensinamentos do Concílio Vaticano II. Os argumentos foram de “triunfalismo”, com gastos excessivos para “promover manifestações religioso-folclóricas espetaculares” num país com pobreza endêmica; promoção comercial, utilizando a Igreja para propaganda comercial e exploração do “sentimentalismo religioso do povo”. Também os padres se sentiram incomodados pela presença do poder político militar, num momento de impopularidade crescente do governo militar,¹³⁹³ associada a um culto “deturpado pelo integrismo internacional e pelo anticomunismo barato”. Citaram no texto a cobertura que fizeram vários jornais do país sobre o evento e a presença das autoridades civis, militares e eclesiásticas.

¹³⁹⁰ IFT PRESTÍGIO sua Diretoria. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 26 set. 1968. p. 16. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19680926-28670-nac-0016-999-16-not>. Acesso em: 10 jun. 2023.

¹³⁹¹ **MANIFESTO Abril de 1968**, datilografado, datado de 26 de abril de 1968, P22-7, 02 páginas

¹³⁹² Noticiada no jornal “Folha de São Paulo” do dia 22 de abril de 1968, página 5, com cobertura em uma página inteira: “Multidão recebe N.S. Fátima” in <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=2906&anchor=5181932&origem=busca&originURL=&pd=879643429c303ef99b8d7a2a8ade3b09> Acesso em: 10 jun. 2023.

¹³⁹³ **MANIFESTO Abril de 1968**, p. 01.

Perguntamos então: assistimos a uma manifestação religiosa ou militar? Quem organizou o festejo: a Igreja, que pediu a participação das Forças Armadas e do Estado ou estes que se aproveitaram da Igreja? Não podemos subtrair a estas perguntas, quando nos lembramos da Marcha da Família com Deus pela liberdade, de março de 1964, que foi avilmente instrumento político na época.¹³⁹⁴

Esse manifesto de alguns padres do clero de São Paulo reflete não só a crise de autoridade e insatisfação em relação à figura do Cardeal Arcebispo de São Paulo, D. Agnelo Rossi, mas também um posicionamento claro contra os rumos políticos do país sob o regime militar, a aversão às Forças Armadas e órgãos de segurança, uma revisão do ocorrido em 1964, a forma como viam a religiosidade popular e uma nova postura em relação ao comunismo com relação ao que chamaram de “anticomunismo barato”. Buscaram palavras do Papa Paulo VI, como autoridade máxima, para sustentar o discurso como um ato de liberdade de expressão em relação ao cardeal. Não só dentro do clero, mas tais formas de pensar e proceder se encontram nos discursos dos estudantes nas atas do diretório acadêmico do IFT; evidentes quando se deu o conflito com o cardeal em setembro de 1968.

Dentre as lideranças progressistas do clero paulistano estavam os dominicanos, que por sua vez ocupavam a reitoria do IFT e a diretoria do DAXIX. Com a decisão da CRB de manter a diretoria ante o conflito ocorrido, estabeleceu-se uma nova insatisfação. Um novo elemento entraria no jogo de forças de resistência ao cardeal: a CRB. Esse jogo de forças culminará com o “Caso Marighella”. A forma como a Revista Veja, de 19 de novembro de 1969, apresentou os dominicanos traçava uma associação dos religiosos à violência e ao terrorismo. Sua capa trouxe um homem vestido de um hábito monástico com os dizeres em manchete: “Os sacerdotes da violência”. Dando um destaque à figura de Frei Betto, sugeria que a formação nos seminários havia priorizado a política e o “Manual do Guerrilheiro Urbano” à Bíblia e tradição religiosa.¹³⁹⁵ Com sua autoridade cada vez mais minada na arquidiocese e dentro da própria CNBB, o conflito com os dominicanos atingiu as altas esferas do poder eclesiástico em Roma, com a atuação do Cardeal Villot. Ele, que segundo Frei Betto “era

¹³⁹⁴ *Id.*, p. 02.

¹³⁹⁵ Cf. OS SACERDOTES da violência. **Veja**, São Paulo, n. 63, p. 38-41, 19 nov. 1969.

um francês inteligente”,¹³⁹⁶ foi convencido pelos dominicanos de que os envolvidos no “Caso Marighella” eram vítimas injustiçadas, com a cumplicidade do cardeal. Uma vez convencido, tratava-se de convencer o Papa Paulo VI, que, por sua vez, o transferiu para Roma. E ainda disse Frei Betto, depois de comentar a visita de D. Agnelo, quando eles estavam presos no DOPS: “Tanto que ele é removido daqui por nossa causa”¹³⁹⁷.

Assim, desde ao menos o início de 1968, gradativamente a figura do cardeal arcebispo de São Paulo, também presidente da CNBB, D. Agnelo Rossi, foi sendo desgastada, minada e “cancelada” nesse jogo de forças entre ele, o clero progressista, a CRB e os dominicanos. Visita da Imagem de Nossa Senhora de Fátima, conflito com o IFT e depois o Caso Marighella foram componentes desse desgaste, que resultou no desprestígio do próprio cardeal e do IFT em agonia até extinguir-se.

Estaria o silêncio em torno do IFT relacionado a esses fatos, que ao final tiveram ligações com conflitos institucionais eclesiais e políticos, resultando em algumas prisões, torturas e um suicídio? As próprias entrevistas contiveram traços desse silêncio. Na transcrição, é praticamente impossível mostrar devidamente as reticências, as pausas, as mudanças no tom de voz, a cautela com o uso das palavras e as entrelinhas do discurso. O Sr. RL foi o único a explicitar sua discordância em relação aos envolvimento políticos dos estudantes do IFT. Mesmo ao traçar a personalidade de Frei Tito, realçou os aspectos de sua liderança como energia vibrante, contagiante e entusiasmada sobre os demais estudantes. Ao se referir ao colega que se reunia para discutir sobre ação guerrilheira e mesmo usava a casa religiosa para ocultar armamentos, ele o fez sob muita cautela, autocensura e respeito aos colegas. No processo mnemônico, o silêncio e as reticências, segundo Eni Puccinelli Orlandi, são igualmente carregados de significação.¹³⁹⁸ O Professor CARN era frade dominicano e deu aulas no IFT no trágico ano de 1969. Dos nomes dos estudantes, ele citou mais uma vez sob risadas apenas o de Frei “Ivo” Lesbaupin, devido às brincadeiras que faziam com seu sobrenome francês. Enquanto os outros três entrevistados, que foram

¹³⁹⁶ DEPOIMENTO de Frei Betto na Comissão Nacional da Verdade. 2013. Disponível em: https://cnv.grauna.org.br/images/pdf/depoimentos/vitimas_civis/Carlos_Alberto_Libanio_Christo_Frei_Betto.pdf. Acesso em: maio 2021. p. 37.

¹³⁹⁷ *Ibid.*, p. 17.

¹³⁹⁸ ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed., Campinas: Ed. Unicamp, 2007. p. 12-13.27-37.

estudantes, recordavam-se da figura vibrante de Frei Tito, também frade dominicano, e os rumos trágicos de sua vida, não houve qualquer referência a ele pelo professor. Como diz Eni Puccinelli Orlandi, “o silêncio não é interpretável, mas compreensível. Compreender o silêncio é explicitar o modo pelo qual ele significa”.¹³⁹⁹ Situações dolorosas frequentemente implicam no não recordar, no silenciar e no direito de não falar sobre o assunto.

O ano de 1967 foi o “ano da virada”. Aquilo que era antes expectativa de renovação conciliar e projeto de um seminário central a formar uma nova intelectualidade católica em “diálogo” com os “tempos modernos”, muito rapidamente se transformou em frustração e crises. Dentre as crises, a “diáspora” dos sacerdotes, o esvaziamento dos seminários e conventos. Muitos professores do IFT, sacerdotes e teólogos críticos e modernos se laicizaram e continuaram dando aulas na instituição, para escândalo de alguns religiosos. As agitações culturais e políticas, fenômeno mundial em 1968, foram levadas para dentro do IFT, acentuando as crises já existentes. Entre expectativas, sonhos e esperanças de renovação conciliar, os golpes sobre a tradição tridentina foram dados em vista de se construir uma nova “práxis” eclesial. A escatologia cristã se converteu na utopia científica socialista.

Cucos na Europa e chupins no Brasil são aves que têm como característica não chocar os próprios ovos; as fêmeas botam seus ovos em ninhos de outros pássaros, camuflando-os para que o hospedeiro não os perceba como “estranhos”. A busca de “diálogo” com as ciências, o “mundo moderno”, as filosofias contemporâneas teria se resultado no IFT como uma espécie de ninho com ovos de cuco ou de chupim? Entre imanências e transcendências, espiritualismos e materialismos, o “norte” foi perdido; sobreveio a desorientação, a incerteza, a insegurança, os medos, as dores, a violência. E nesse redemoinho estavam a Igreja Católica, a CNBB, a arquidiocese de São Paulo, o IFT, as ordens e congregações, enquanto instituições envolvidas. Mais do que instituições, no entanto, pessoas, na sua humanidade, na sua existência cheia de alegrias, aspirações, sonhos e expectativas em meio a sofrimentos, angústias, inseguranças, incertezas, erros e acertos.

¹³⁹⁹ *Id.* **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2007. p. 50.

O termo “aggiornamento” para se referir à atualização da Igreja aos tempos modernos já era utilizado desde a década de 1950. Tornou-se um “leitmotiv” durante e após o Concílio Vaticano II. A existência do IFT se deveu em grande parte a leituras que se fez desse conceito. Fernand Braudel,¹⁴⁰⁰ no recorte temporal de fins da década de 1950, distinguiu as transformações históricas em “curta duração”, focada no “evento”, na dramaticidade; um tempo “conjuntural”, de períodos mais largos; e a “longa duração”, de amplitude secular. O tempo curto remete ao plano das ilusões, das rápidas tomadas de consciência, ao noticiário, à crônica. As mudanças profundas e estruturais, no entanto, sobretudo no plano cultural, acontecem sob a “longa” ou a “longuíssima” duração. O anseio por rápidas e profundas transformações da década de 1960 resultou em conflitos, às vezes extremamente violentos, mesmo dentro da Igreja Católica. Se a história humana se desenrola sob constantes transformações, existem momentos em que estas são mais rápidas e profundas, como trata Giovanni Levi, na sua obra “A Herança Imaterial”. A década de 1960, e nela a existência do IFT, foi um desses momentos entre a inércia da “tradição”, que tende a permanecer no seu estado, e os desejos de transformá-la ou aboli-la. Isso não se daria sem um investimento de forças, de energia, que resultou em criatividade, mas também em sofrimento e violência.

O esvaziamento repentino de pessoal, necessário para manter o funcionamento institucional básico, com certeza afetou o IFT e colaborou na sua agonia e extinção. Como prover os professores necessários para cada área, se o que se tinha eram poucos religiosos e muitos ex-padres? Para quantos estudantes, se os seminaristas e religiosos estavam a evadir dos conventos e mosteiros? Os problemas iniciais que levaram à criação do IFT se apresentavam novamente em 1969, sob uma nova conjuntura de graves crises institucionais, eclesiásticas e políticas.

Entre os que passaram pelo IFT existem dois polos nas falas sobre ele: um positivo, como projeto ousado e inovador; e outro negativo, o “malfadado”. O aspecto negativo é possível entender sobretudo pelos conflitos institucionais. A partir daquilo que foi possível obter sobre o como seria a Teologia ensinada no IFT, nota-se num

¹⁴⁰⁰ BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais. A longa duração. In: BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre história**. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 41-78.

primeiro momento, o assento na renovação conciliar e nas leituras dos documentos do Concílio Vaticano II. A partir de 1968, a incidência da palavra “libertação” se intensificou nos textos encontrados, entre os quais, os trabalhos de alunos. As categorias utilizadas nesses textos assumiram formas semelhantes ao que se consolidaria na década seguinte como “Teologia da Libertação”. Progressivamente, leituras bíblicas, com ênfase no livro Êxodo, foram elaboradas sob a perspectiva da luta de classes, da dialética histórica, de categorias sociológicas, econômicas e políticas de cunho socialista. Alguns professores, como Hugo Assmann, foram depois eminentes teólogos dessa linha de pensamento. Daí é possível perguntar se o IFT teria sido algo como uma “sementeira” da Teologia da Libertação. A maneira como ali se cruzaram as teologias liberais europeias, como circularam as ideias de teólogos chilenos e do centro de documentação em Cuernavaca no México, tornam possível essa hipótese. Tais formas críticas de pensar, aliadas à formação hegeliana e marxista da AP, uma possível influência da obra “Pedagogia do Oprimido” de Paulo Freire, ou mesmo das ferramentas intelectuais que a comporiam, a fortalecem.

Entre as dioceses que mantinham seus estudantes no IFT estava a diocese de Santo André, cujo bispo era D. Jorge Marcos de Oliveira (1915-1989), seguido por D. Cláudio Hummes. Santo André, na região do ABC paulista, foi palco de intensa ação de sindicalistas e movimentos de esquerda, com apoio de grandes setores da Igreja Católica, geralmente ligados à Teologia da Libertação. O sucessor de D. Agnelo Rossi na arquidiocese de São Paulo foi D. Paulo Evaristo Arns, que era bispo auxiliar dele. Segundo Frei Betto, “era um bispo. Não era de esquerda. Não era progressista, mas um homem intelectualmente honesto”.¹⁴⁰¹ D. Paulo foi um dos grandes nomes de resistência ao regime militar, denunciador das torturas e maus-tratos aos presos políticos e um dos apoiadores da Teologia da Libertação. Segundo o Padre Ney de Souza:

A participação do arcebispo no Concílio Vaticano II contribuiu para uma renovação parcial da vida eclesial em São Paulo, o

¹⁴⁰¹ DEPOIMENTO de Frei Betto na Comissão Nacional da Verdade. 2013. Disponível em: https://cnv.grauna.org.br/images/pdf/depoimentos/vitimas_civis/Carlos_Alberto_Libano_Christo_Frei_Betto.pdf. Acesso em: maio 2021. p. 38 (linhas 1373-1374)

impulso grandioso a esta recepção será dado nos anos 70 durante o bispado de D. Paulo Evaristo Arns.¹⁴⁰²

Com D. Paulo Evaristo Arns à frente da arquidiocese de São Paulo, algumas congregações tiveram a iniciativa de fundar em 1971 o “Instituto Teológico de São Paulo”, ITESP.¹⁴⁰³ Não se tratava mais da CRB, mas de um outro grupo de religiosos com um propósito muito semelhante ao do IFT: oferecer uma formação teológica pós-conciliar renovada. Entre os primeiros a tomar frente da nova instituição estiveram a Congregação dos Missionários de São Carlos, os carlistas, a Congregação do Santíssimo Redentor, os redentoristas, e a Congregação do Verbo Divino, os verbitas. Ao menos estes últimos mantinham os seus estudantes no IFT, conforme os entrevistados. Sob condições eclesásticas mais favoráveis, o ITESP foi criado e muitos dos antigos professores do IFT lecionaram ali,¹⁴⁰⁴ como o verbita Padre Edênio Valle.¹⁴⁰⁵ E ex-alunos também, como o entrevistado Padre LRB:

Muitos professores do IFT ... muitos... alguns, deixaram a ... deixaram a ... o ministério e a vida religiosa. Mas o ITESP eu vejo como continuidade, mais que como criação de ... como recomeço de algo que funcionou ... vejo assim. A linha do ITESP também era uma linha de muita liberdade, no começo, quando eu trabalhei lá. Trabalhei dois anos. Muito engajada, socialmente falando assim no sentido de periferia, opção pelos pobres, esse tipo de coisa. Isso já existia muito ... muito ... muito no IFT.¹⁴⁰⁶

E assim, o que parecia ter sido um fim pode ter se tornado num novo começo.

¹⁴⁰² SOUZA, Ney de. Cardeal Rossi e a recepção do Vaticano II em São Paulo. *ATeo*, Rio de Janeiro, v. 23, p. 730-749, set./dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.46368>. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/46368/46368.PDF>. Acesso em: maio 2021.

¹⁴⁰³ Cf. INSTITUTO SÃO PAULO DE ESTUDOS SUPERIORES (ITESP). *Nossa história*. Disponível em: <https://www.itespteologia.com.br/historico/>. Acesso em: 28 jun. 2022. Acesso em: 28 jun. 2022.

¹⁴⁰⁴ Entrevista com Padre LRB.

¹⁴⁰⁵ João Edênio Reis Valle, sacerdote católico verbita, foi professor no IFT e trabalhou no Programa de Pós-graduação de Ciências da Religião da PUC-SP. Cf. Disponível em: <https://bv.fapesp.br/pt/pesquisador/103872/joao-edenio-reis-valle/>. Acesso em: 28 jun. 2022.

¹⁴⁰⁶ Entrevista com Padre LRB.

ANEXO A - “CASO MARIGHELLA”

Carlos Marighella nasceu em Salvador, no dia 05 de dezembro de 1911, filho de Maria Rita do Nascimento Marighella, negra, e Carlos Augusto Marighella, imigrante italiano. Desde adolescente se envolveu com as questões sociais, sobretudo depois que ingressou na Escola Politécnica da Bahia, aos 18 anos, quando iniciou sua militância no Partido Comunista do Brasil, PCB. Passou uma noite na prisão em 1932, capturado pelas tropas do interventor Juracy Magalhães. Acusado de ser o autor de boletins no interior da faculdade, respondeu a uma comissão de inquérito em 1933, sendo penalizado em 1934 a três meses de afastamento da escola. Isto lhe impediu a carreira que pretendia de engenheiro. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1935, responsável pelo trabalho de imprensa e divulgação do partido. Depois de duas outras prisões com maus tratos e torturas, mudou-se para São Paulo em 1938, onde fez parte do Comitê Estadual do PCB de São Paulo, atuando na reorganização dos revolucionários paulistas e na resistência ao regime de Getúlio Vargas. Preso entre 1939 e 1945 na ilha de Fernando de Noronha, trabalhou pela educação cultural e política de outros no cárcere. Eleito deputado constituinte em 1946, representando a Bahia, seus discursos faziam denúncias das condições de vida do povo, da “crescente penetração imperialista no país” e na defesa das causas operárias. Mesmo na clandestinidade a partir de 1948, Marighella seguiu sua militância no PCB, enviado em 1952 para a China com o objetivo de estudar a experiência da revolução chinesa. Sua ruptura com o PCB começou em 1962, após duras críticas ao partido, por ocasião da renúncia de Jânio Quadros. Preso novamente no Rio de Janeiro em maio de 1964, permaneceu 83 dias no cárcere. Em 1966, escreveu “A Crise Brasileira”, com análises da sociedade brasileira e denúncias à política de alianças do PCB. A partir de 1967, alinhou-se aos revolucionários cubanos e a um projeto de luta armada. Expulso do PCB quando ainda se encontrava em Cuba, criou-se uma ruptura interna no partido. Em 1968, escreveu o “Pronunciamento do Agrupamento Comunista de São Paulo”, base da nova organização, caracterizada por ações políticas armadas, a Ação Libertadora Nacional, ALN, como resistência ao regime militar. Desde meados de 1967, Marighella mantinha contato com alguns frades dominicanos do convento em Perdizes, São Paulo, encarregando cinco deles com a tarefa de elaborar um levantamento na região da estrada Belém-Brasília. Desde o início de outubro de 1969 a Operação Bandeirantes, Oban, e o DOPS haviam conseguido estabelecer a conexão entre os frades dominicanos e

Carlos Marighella, após prisão e tortura de membros da ALN, da VPR e de Frei Fernando e Frei Ivo. Estes dois, presos pelo Centro de Investigações da Marinha, CENIMAR, foram torturados em presença do delegado Fleury, que viera de São Paulo. A partir daí, com as informações sobre Marighella, montou-se um esquema para eliminá-lo, envolvendo outros frades do convento dominicano, no dia 04 de novembro. A execução de Marighella ocorreu na Alameda Casabranca, por volta de 20 horas.¹⁴⁰⁷

Uma vez que informações contidas nos depoimentos foram obtidas sob tortura, antes mesmo da execução de Marighella, e eles foram forjados após todo o esquema montado, a credibilidade do seu conteúdo se torna comprometida. A similaridade entre os depoimentos dos frades dominicanos pode ser um sinal da tentativa de criação de uma narrativa uniformizada. Isto, no entanto, não oculta discrepâncias e inconsistências, como as confusões de datas e períodos, sobretudo nos depoimentos de Frei Fernando e Frei Tito. Em se tratando de um período relativamente curto de dois anos (1968-1969) e de pessoas jovens e saudáveis, as confusões provavelmente são reflexo de instabilidade mental devido à submissão às torturas.

Os depoimentos utilizados encontram-se em cinco pastas microfilmadas,¹⁴⁰⁸ com alguns documentos bastante comprometidos. Muitos depoimentos encontram-se reproduzidos tal e qual em pastas diferentes. As informações extraídas, com as devidas suspeitas quanto à intencionalidade da narrativa contida nos depoimentos, referem-se ao momento em que se buscava vincular a ação religiosa com uma ação política num viés socialista e revolucionário, que convergem com outras fontes, e àquelas que tocam mais diretamente ao IFT e seus integrantes. A linguagem utilizada nos depoimentos refere-se sempre ao grupo e suas ações como um “aparelho” da ALN e a esta como “organização criminosa”, da qual os dominicanos teriam participado enquanto responsáveis pelo apoio logístico¹⁴⁰⁹ no levantamento da região do Araguaia e no abrigo e fuga aos militantes perseguidos.

¹⁴⁰⁷ Cf. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/memorial/carlos-marighella/>. Acesso em: jul. 2022; cf. também Disponível em: <http://comissaoaverdade.al.sp.gov.br/mortos-desaparecidos/carlos-marighella>. Acesso em: jul 2022.

¹⁴⁰⁸ MF 30-Z-160 do acervo do DOPS no APESP, pastas 29, 30, 37, 38 e 39.

¹⁴⁰⁹ MF 30-Z- 160, pasta 37, p. 4844.

Frei Fernando de Brito¹⁴¹⁰ era padre, residente no convento dominicano em Perdizes, responsável pela Livraria Duas Cidades, e não esteve diretamente vinculado ao IFT. Seu depoimento consta com data de 19 de novembro de 1969, no entanto, ele foi preso no dia 01 de novembro, juntamente com Frei Ivo, como era normalmente chamado o Frei Yves, e Sinval, este no dia 03, no Rio de Janeiro, pelo Centro de Investigações da Marinha, CENIMAR. A partir das informações obtidas, após brutais torturas, elaborou-se a forma de captura e execução de Marighella.¹⁴¹¹ O seu depoimento pode ter sido o “fio condutor” para a elaboração dos outros, dadas as semelhanças das informações, quase que repetidas “ipsis litteris”. Natural de Visconde do Rio Branco, Minas Gerais, antes de ingressar nos dominicanos, Fernando havia atuado como membro da JEC no Colégio Santo Antônio, em Belo Horizonte. Nessa cidade fez seu noviciado no convento dominicano em 1957. Ordenado padre em 1963, antes de terminar o curso de Teologia, concluído em 1965, permaneceu no convento em São Paulo até setembro de 1966.¹⁴¹²

Constatou a problemática social quando de seus estudos colegiais, tendo oportunidade de poder analisá-la quando de seu Curso de Filosofia no Convento da Capital...¹⁴¹³

Frei Fernando observara os desníveis sociais da sociedade brasileira, na qual algumas camadas permaneciam na mais absoluta miséria em sua própria cidade natal, onde se cultivava cana e os trabalhadores tinham trabalhos intensos durante seis meses, permanecendo em condições precárias na entressafra. Sem instrução, nem orientação ou iniciativa, sequer possuíam conhecimentos primários de higiene e sem nenhuma entidade para defendê-los ou protegê-los, como um sindicato de classe. Para ele, o regime capitalista, não pessoas ou governos, seria o causador dessa situação. Nos primeiros anos como sacerdote, simpatizou-se também pelo movimento estudantil, como a UNE e o seu congresso realizado em Belo Horizonte em 1966.

¹⁴¹⁰ As páginas utilizadas encontram-se no MF 30-Z-160, pasta 29, p. 3186-3173; pasta 30, p. 3458; pasta 38, p. 4990-4975 (a numeração das páginas nos documentos do DOPS normalmente seguem em ordem decrescente)

¹⁴¹¹ Cf. Disponível em: <http://comissaoaaverdade.al.sp.gov.br/mortos-desaparecidos/carlos-marighella>. Acesso em: maio 2021; cf. também DEPOIMENTO de Frei Betto na Comissão Nacional da Verdade. 2013. Disponível em: https://cnv.grauna.org.br/images/pdf/depoimentos/vitimas_civis/Carlos_Alberto_Libanio_Christo_Frei_Betto.pdf. Acesso em: maio 2021. p. 7; e o Prontuário 146.137 de Sinval Itacarambi Leão, p. 8, digitalizado no dia 05 de abril de 202.

¹⁴¹² MF 30Z-160, pasta 38, p. 4990-4989; pasta 29, p. 3186.

¹⁴¹³ MF 30-Z-160, pasta 38, p. 4989.

Transferido para o Seminário Menor do Dominicanos, em Juiz de Fora, aí permaneceu durante um ano, atuando também como assessor do Movimento Familiar Cristão. Alguns fatos o tornaram mais sensível ao problema social e político: o Seminário Menor fora invadido pelo Exército; o convento dominicano em Belo Horizonte, cercado duas vezes; Padre Lage, em Juiz de Fora, havia sido preso por organizar um sindicato e participar da luta pró reforma agrária; uma entidade do MEB fora perseguida, segundo ele, por levar mais cultura ao povo humilde e conscientizá-lo de sua situação e procurar resolver seus problemas por eles mesmos. A leitura que fazia de documentos como as encíclicas “Pacem in terris”, “Mater et Magistra”, de João XXIII, e da “Populorum Progressio”, de Paulo VI, além de documentos dos Bispos da América Latina e do Brasil, levou-o a ser mais atuante na busca de solucionar os problemas sociais. Sentia, no entanto, resistências e represálias em suas pregações por sua orientação em prol do operário e do camponês. Para ele, era necessário mudar radicalmente a estrutura do regime.¹⁴¹⁴ Quando retornou para São Paulo, em setembro de 1967, para trabalhar na Editora Duas Cidades, percebeu que os frades do convento em Perdizes tinham a mesma preocupação quanto aos problemas sociais. Assim, no início de 1968, debateram o problema e analisaram duas propostas de Frei Oswaldo para ação política e resolução do problema: a Ação Popular e o Partido Comunista Brasileiro. Entre elas, a AP fora criticada como sectarista, cujo marxismo era contrário à religião; estava implantando a experiência do maoismo, sem, no entanto, partir da realidade brasileira. O PCB fora considerado burocrático, caracterizado por um dogmatismo doutrinal em choque com os princípios religiosos e muitas cisões internas, sendo a mais “atuante” a ala chefiada por Carlos Marighella. Nessa reunião estariam os frades que participavam das reuniões dessa ala: Frei Oswaldo, Frei Carlos Alberto Libânio Cristo (Frei Betto¹⁴¹⁵), ele (Frei Fernando), Frei João Antônio Caldas Valença, Frei Tito de Alencar, Frei Luiz Felipe Ratton, Frei Magno José Vilela e Frei Francisco de Araújo.¹⁴¹⁶

¹⁴¹⁴ MF 30-Z-160, pasta 38, p. 4988; pasta 29, p. 3185.3183;

¹⁴¹⁵ A grafia dos nomes de Frei Beto e de Marighella variam, ora aparecendo com letras simples, ora com letras dobradas (Betto; Marighella). Assim, eles são escritos aqui indistintamente.

¹⁴¹⁶ MF 30-Z-160, pasta 29, p. 3185-3184; pasta 38, p. 4987; depoimento de Frei Tito, pasta 38, p. 4998; e pasta 37, 4843.

No início de 1968,¹⁴¹⁷ Frei Fernando passou a residir num apartamento na Rua Rego Freitas com outros frades e, dali, mantinham contato com Marighella. Frei Betto, procurado pela polícia, havia se mudado para São Leopoldo, Rio Grande do Sul, para cursar Teologia. Nessa ocasião, teria participado também de reuniões de padres na casa da Ação Católica, na Avenida Higienópolis, “para tratarem de assuntos relacionados à renovação da Igreja, e ficou decidido em uma delas que os padres participariam das comemorações de 1º de maio, dirigindo-se à Praça da Sé, onde ficariam espalhados”¹⁴¹⁸ e realizariam diversos comícios relâmpagos com os estudantes da UEE, liderados por José Dirceu, formando também uma passeata nas ruas centrais da cidade, terminando na Praça da República. Outros grupos participariam também dessa manifestação, como o de Marighella, da AP e de Miguel Arraes. Eles ficariam espalhados e num determinado momento tomariam o palanque oficial.¹⁴¹⁹ Ainda no primeiro semestre de 1968, Frei Oswaldo e outros freis, como Frei Yves, Frei Ratton e Frei Tito¹⁴²⁰ participaram de um levantamento ao longo da estrada Belém-Brasília, na região do Araguaia, a pedido de Marighella, pois seria o início dos estudos de locais para guerrilhas.

... o levantamento consistia em verificar em cada cidade a produção da indústria, do comércio, da pecuária, número e localização das agências bancárias, população, campos de aviação, linhas regulares de avião, taxis aéreos, localização de Usinas Hidrelétricas, as diversas saídas das cidades, como as estradas de rodagem de acesso a outras cidades, áreas de atrito, que significa áreas de descontentamento existente entre operários e patrões.¹⁴²¹

Esse “grupo dos dominicanos” da Ala Marighella, teria ficado incumbido de

¹⁴¹⁷ O depoimento da pasta 29 e o da pasta 38, p. 4985, não deixa claro se Frei Fernando foi morar na nova residência no início de 1968, teria se ausentado por volta de outubro devido ao falecimento dos pais e retornado no início de 1969, ou se essa ausência teria sido antes de 1968.

¹⁴¹⁸ MF 30-Z-160, p. 3182.

¹⁴¹⁹ *Ibid.*, p. 3181; pasta 38, p. 4985-4984. Essa manifestação, aparece dando a entender que seria em 1968, ano em que o DAXIX, liderado por Frei Tito, manteve contatos com a UEE e José Dirceu.

¹⁴²⁰ Frei Tito era o presidente do DAXIX no primeiro semestre de 1968 e presidiu as assembleias, realizadas nos dias 01 e 20 de março (Livro de Atas do DAXIX, p. 65-68). No dia 02 de abril, a assembleia do DAXIX foi presidida por Jarbas, sem constar as razões da ausência de Frei Tito (*ibid.*, p. 68-70), que foi lamentada pelo estudante Adilson (*ibid.*, p. 69). Devido à morte do estudante Édson Luiz, o ambiente entre os estudantes era de revolta e calorosas discussões contra o regime militar.

¹⁴²¹ MF 30-Z-160, pasta 29, p. 3180.

contato com a Europa, para divulgação do movimento revolucionário no Brasil, com entrosamento com Frei Betto, no Rio Grande do Sul, o escoamento dos elementos pertencentes à organização e que precisavam sair do país, arregimentar novos elementos para a organização e preparar uma nova mentalidade no Clero para apoiar o movimento revolucionário.¹⁴²²

Frei Betto, procurado pela polícia por envolvimento com pessoas ligadas à VPR, estava cursando Teologia no Seminário Cristo Rei, em São Leopoldo. Frei Oswaldo foi enviado para estudar Teologia e Sovietologia, aprofundando-se na doutrina marxista-leninista e sua prática, em Friburgo, na Suíça, no segundo semestre de 1968. Lá, montaria um esquema noticioso referente ao processo revolucionário brasileiro, especialmente voltado para a ALN.¹⁴²³ Frei Yves ficou incumbido das viagens e usaria um carro, comprado com dinheiro de Frei Ratton, para os encontros.¹⁴²⁴ Frei Tito havia saído do grupo da ALN em fins de 1968, mas retornou,

tendo ficado encarregado de manter os contatos dos seminaristas e arregimentá-los para a citada 'Organização', isto porque ele já havia sido presidente do 'IFT', Instituto de Filosofia e Teologia, cuja sede era na Rua Martiniano de Carvalho, de cujo número não se lembrava.¹⁴²⁵

Frei Roberto Romano foi arregimentado pelo grupo após o levantamento na região norte e ficou encarregado por Frei Yves para trabalhar no mimeógrafo, angariar fundos para a organização, arrumar casas para esconder os visados, manter contatos com Sinval, no Rio de Janeiro, que trabalhava na Editora Vozes, "para verificar a possibilidade de uma infiltração no meio religioso daquele Estado".¹⁴²⁶ Nesse grupo teria

¹⁴²² *Ibid.*, p. 3179; pasta 38, p. 4985.

¹⁴²³ *Ibid.*, p. 3181; pasta 38, p. 4984-4983; há uma divergência em relação ao depoimento na pasta 38, 4984. Nesta, Frei Oswaldo teria ido para a Europa em junho de 1969.

¹⁴²⁴ *Ibid.*, p. 3178; pasta 38, p. 4982; as mesmas informações, quase que "ipsis litteris" estão nos depoimentos de Frei Yves do Amaral Lesbaupin, pasta 30, p. 3491-3489 e no depoimento complementar na pasta 39, p. 5060-5057, onde se reforça que tinha conhecido o ex-monge beneditino Sinval no Instituto de Filosofia e Teologia, com quem conversou para integrá-lo ao grupo da ALN e encarregá-lo de montar um "aparelho" no Rio de Janeiro. Este, no entanto, foi preso, antes de acertar detalhes com ele.

¹⁴²⁵ *Ibid.*, p. 3177; pasta 30, p. 3458; pasta 38, 4981.

¹⁴²⁶ *Ibid.*, p. 3173; pasta 38, p. 4977.

se integrado Nestor da Mota,¹⁴²⁷ estudante que fez seminário menor em Juiz de Fora e se encontrava em São Paulo aguardando para prestar exame de vestibular. Outro estudante que passou a fazer parte do grupo chamava-se Hélio.¹⁴²⁸ Eles também teriam participado do levantamento na região norte de Goiás, que fora subvencionado por Marighella. Em fins de agosto de 1968, Frei Oswaldo apresentou a Marighella o relatório final do levantamento.¹⁴²⁹ Através dele, soube que o grupo Marighella tinha em seus planos a prática de assaltos a bancos, roubos de armas, atentados com dinamites e assassinato de algumas pessoas, não sabendo identificar quais desses planos foram executados ou não.¹⁴³⁰

Os depoimentos de Sinval estão entre os que mais se repetem nas pastas,¹⁴³¹ sempre na tentativa de vinculá-lo às atividades da ALN e ao grupo dos dominicanos, utilizando a linguagem que pressupunha uma organização bem articulada. O ex-monge beneditino e ex-aluno do IFT Sinval de Itacarambi Leão, quando foi preso, no dia 03 de novembro de 1969, trabalhava como jornalista na Editora Vozes, Petrópolis, com residência no Rio de Janeiro.¹⁴³² Em seu depoimento, consta que ingressara no IFT em 1966, “da Faculdade Sedes Sapientiae”. Em 1967, no IFT, conheceu os freis Yves do Amaral Lesbaupin, Tito de Alencar Lima, Carlos Alberto Cristo, Magno Vilela, Luiz Felipe Ratton e Mariano. Através da amizade com Frei Yves, tornara-se socialista. Deixou o mosteiro em 1968 e, com o apoio dos monges, conseguiu o trabalho como editor de textos e membro da equipe editorial da Vozes. Em julho de 1969, Frei Yves o convidou a ingressar na ALN, liderada por Carlos Marighella, onde atuaria no “setor de imprensa”. Não chegou, porém, a ter nenhuma atuação no grupo, uma vez que Frei Yves fora detido pela polícia antes de se encontrar com ele. Considerava-se um Social-Democrata, acreditando que o marxismo poderia ser implantando naturalmente

¹⁴²⁷ MF 30-Z-160, pasta 38, p. 4986; provavelmente o mesmo Nestor que estava presente na assembleia do DAXIX, no dia 02 de abril de 1968, com algumas intervenções incentivando a participação dos estudantes numa greve promovida pelos estudantes da USP (Cf. Livro de Atas do DAXIX, p. 69-70). Segundo fichas no DEOPS, “Nestor da Motta” teria participado do trabalho do levantamento na região do Araguaia no mês de julho. Cf. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSS-POSFTEXSNM005065.pdf. Acesso em: maio 2021. p. 1-2.

¹⁴²⁸ Um estudante de nome “Hélio” consta numa ata não datada de setembro de 1968, uma das últimas, quando os estudantes se preparavam para discutir as pautas do XXXº Congresso da UNE, num ambiente de indisposição de muitos do grupo (Livro de Atas do DAXIX, p. 85). Talvez seja o mesmo citado no depoimento.

¹⁴²⁹ MF 30-Z-160, pasta 38, p. 4985.

¹⁴³⁰ *Ibid.*, pasta 38, p. 4984.

¹⁴³¹ MF 30-Z-160, pasta 29, p. 3171-3169; pasta 30, p. 3434-3431; pasta 37, p. 4848-4846; pasta 38, p. 4839-4838.

¹⁴³² *Ibid.*, pasta 29, p. 3171.

através de eleições e ocupações de cadeiras no Congresso e Assembleias legislativas. Afirmou que jamais se vinculara ao movimento estudantil como a UEE e UNE ou qualquer outra entidade estudantil. Já havia participado de passeatas e movimentos de rua, mas nunca fora preso.¹⁴³³

Os depoimentos mais longos, assim como os de Frei Fernando, são os de Frei Tito, um dos mais torturados do grupo. A forma como foi construído o seu depoimento¹⁴³⁴ e como foi apresentado o “Relatório das atividades esquerdistas de Frei Tito de Alencar Lima”,¹⁴³⁵ o mais longo de todos, quase que repetindo seu depoimento, visava incriminá-lo como membro atuante da ALN, inclusive dentro do IFT. Em seu depoimento, acentua-se sua militância em movimentos da esquerda católica, que já lhe custara a prisão devido sua participação no Congresso da UNE em Ibiúna, em 1968, e respondera processo por infringir a Lei de Segurança Nacional.¹⁴³⁶ Procura-se mostrá-lo como militante ativo antes mesmo de concluir o “Científico”, em 1965, em sua cidade natal Fortaleza, Ceará. Nos anos de 1962 e 1963, fora vice-presidente da União Cearense dos Estudantes Secundários e membro da Juventude Estudantil Católica, JEC, uma ala da Ação Católica. Através de Dr. Fausto, um dirigente do Jornal “Brasil Urgente”, teve contato com outras pessoas da JUC e da JOC. Esse senhor falou sobre a necessidade de divulgação da esquerda católica na região através do jornal “Brasil Urgente”, orientado pelo frade dominicano Frei Carlos Josafá de Oliveira, nas organizações católicas. Frei Tito passou a fazer essa distribuição e ganhou projeção entre as lideranças na Ação Católica de Fortaleza em 1964. Através de Frei Baruel de Lagnet, dominicano de Recife, iniciou o noviciado nessa cidade em 1966. Em 1967 foi para São Paulo, mas limitou seus estudos no convento dominicano, onde estudavam Frei Oswaldo, Frei Betto, Frei Ivo e Frei Ratton.¹⁴³⁷ Através de Frei Oswaldo, conheceu Catarina “Melone”.¹⁴³⁸ Ela o solicitou a conseguir autorização para uma reunião da União Estadual de Estudantes - UEE - no convento. Em princípio de 1968,

¹⁴³³ *Ibid.*, p. 3170-3169.

¹⁴³⁴ MF 30-Z-160, pasta 38, 5000-4993.

¹⁴³⁵ MF 30-Z-160, pasta 37, p. 4844-4840.

¹⁴³⁶ MF 30-Z-160, pasta 38, p. 4993.

¹⁴³⁷ *Id.*, pasta 38, 5000-4999; cf. também pasta 37, p. 4844.

¹⁴³⁸ Catarina Meloni é autora do livro: MELONI, Catarina. 1968: O tempo das escolhas. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2009. No qual trata da sua participação na resistência ao regime militar, referido no artigo de TEGA, Danielle. Entre promessas e lembranças: tempos e vozes da militância feminina. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 12, n. 143, p. 4-12, 2013. Disponível em: <https://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/20199>. Acesso em: 4 abr. 2023.

durante a reunião da ala jovem do convento com Frei Oswaldo, este deu uma visão geral das esquerdas em São Paulo e no Brasil, expondo a dissidência da Ala Vermelha do Partido Comunista do Brasil, que passou a ser chamada de Ala Marighella, e seria uma frente de Libertação Nacional Revolucionária que tinha a guerrilha como uma estratégia. Dessa reunião participaram: Frei Oswaldo, Frei Betto, Frei Ratton, Frei Fernando, Frei Maurício, Frei Magno e Yves e ele, Frei Tito. Frei Oswaldo convidou os participantes a ingressarem na Ala Marighella, expondo também as condições para esse ingresso, dentre elas a arregimentação de outros membros de congregações religiosas e doutriná-los, mostrando que só mediante uma revolução armada seria possível alcançar os objetivos.¹⁴³⁹ Conforme seu depoimento, em 1968, ingressou no Instituto de Teologia da Conferência dos Religiosos dos Brasil, seção São Paulo,

que funcionava no convento dos carmelitas na Rua Martiniano de Carvalho, onde foi eleito presidente do diretório acadêmico 11 de outubro, cuja finalidade do seu cargo era desenvolver uma doutrinação entre seus integrantes e, na medida do possível, arregimentar mais elementos para a então Frente Libertadora Nacional da Ala Marighella; que, durante as reuniões administrativas do Diretório Acadêmico, eram preparadas palestras, as quais sempre tinham as características e tendências de violência, onde eram pregadas a luta armada para a mudança da estrutura social e melhoria da situação econômica; que ficou na Presidência do Diretório acadêmico por seis meses, tendo conseguido arregimentar apenas o seminarista NESTOR PEREIRA MOTA; que o trabalho do interrogado e de Nestor seria montar uma Base de Apoio dentro do Instituto, mas não conseguiram os cinco elementos necessários para a base, uma vez que não houve receptividade por parte dos estudantes; que distribuíram um número de "O Guerrilheiro", com 15 exemplares, naquele Instituto; que, como não dera certo a formação da base dentro do Instituto, NESTOR passou a trabalhar com Frei Oswaldo e posteriormente com Frei Fernando, desligando-se do interrogando.¹⁴⁴⁰

¹⁴³⁹ MF 30-Z-160, pasta 38, p. 4999-4998; cf. também pasta 37, p. 4843.

¹⁴⁴⁰ *Ibid.*, p. 4998-4997; cf. também pasta 37, p. 4842.

No relatório das atividades esquerdistas de Frei Tito, baseado no seu depoimento, diz o relator que

Após essa reunião, mais ou menos em fins de 1968, Frei Tito ingressou no Instituto de Teologia da Conferência dos Religiosos do Brasil, Seção de São Paulo, onde foi presidente do Diretório Acadêmico 11 de Outubro, com a finalidade de desenvolver junto aos seus integrantes uma doutrinação e conseguir arregimentar na medida do possível seus integrantes para a A.L.N.¹⁴⁴¹

Além de Nestor, um outro de nome “Hélio” teria sido arregimentado por Frei Tito.¹⁴⁴² Ainda segundo o relator,

Em reuniões aí realizadas, Frei Tito pregava a participação dos cristãos na Luta Armada, para a derrubada do atual governo, e sua substituição por um governo popular.¹⁴⁴³

Conforme o Livro de Atas do DAXIX, Frei Tito ingressou no IFT, quando este funcionava ainda no Colégio Des Oiseaux, em 1967. Ele estava presente na assembleia do diretório acadêmico em 16 de março daquele ano. Devido à saída de membros da diretoria, presidiu a assembleia do diretório como primeiro secretário em 02 de agosto; presidiu outras assembleias e foi eleito presidente do DAXIX em 15 de setembro de 1967 até agosto de 1968, quando o sucedeu o eleito presidente Frei Domingos Guimarães em 27 de agosto de 1968. Entre 20 de março e 02 de agosto de 1968, o livro de atas registrou apenas uma assembleia do DA, na qual Frei Tito não estava presente, no dia 02 de abril, presidida por Jarbas.¹⁴⁴⁴ A atuação de Frei Tito desde o início de 1967 foi de integração do diretório acadêmico ao movimento estudantil e de participação conjunta em suas atividades. Nas últimas assembleias presididas por Frei Tito, o ambiente entre os estudantes era tenso e de insatisfação de vários estudantes quanto à sua atuação. A falta de receptividade apontada no depoimento e no relatório converge com as tensas discussões e troca de acusações entre

¹⁴⁴¹ MF 30-Z-160, pasta 37, p. 4843.

¹⁴⁴² MF 30-Z-160, pasta 37, p. 4842.

¹⁴⁴³ MF 30-Z-160, pasta 37, p. 4842.

¹⁴⁴⁴ Cf. Livro de Atas do DAXIX, p. 47.60-86.

os estudantes na transição da presidência do DAXIX. O depoimento de Frei Tito é o que apresenta mais inconsistências quanto a datas.

Em abril de 1968, Frei Oswaldo comunicou ao grupo que Marighella tinha uma importante tarefa para eles: um levantamento da região Norte relativo à topografia, recursos policiais militares, comunicações e conscientização política dos habitantes da região com o objetivo de verificar as possibilidades da instalação de guerrilhas na área levantada. Segundo o relator:

Uma das maiores preocupações nos levantamentos era saber a localização e disponibilidade de efetivos policiais e militares nessas regiões.¹⁴⁴⁵

Frei Tito e Frei Ratton ficaram incumbidos das regiões de Araguacema, Araguaína, Tocantinópolis, Imperatriz e cidades intermediárias. A viagem durou cerca de 17 dias; utilizaram vários tipos de condução tais como ônibus e táxis; e dormiram em casas paroquiais. As informações eram obtidas através de conversas informais com autoridades locais, a saber: párocos, prefeitos e policiais. As despesas de viagem foram custeadas por Marighella e o relatório entregue a Frei Oswaldo.¹⁴⁴⁶ Este solicitou a Frei Tito que auxiliasse Frei Domingos Guimarães, “novo presidente do Instituto de Filosofia e Teologia” no movimento estudantil, pois ele precisava de sua experiência. Nessa ocasião participou de várias reuniões de estudantes, dentre os quais, José Dirceu e Falcão, da Mackenzie, no CRUSP.¹⁴⁴⁷ Através de Vladimir Palmeira, o grupo dominicano recebeu o convite para participar do Congresso de Ibiúna. Frei Tito, Frei Domingos Guimarães e Frei Ratton participaram “representando a Ala religiosa e apoiando a linha política do José Dirceu”.¹⁴⁴⁸ Após contatos com D. Jorge, Bispo de Santo André, Frei Tito afastou-se do grupo durante cerca de 10 meses por sentir-se inseguro e incerto sobre o movimento revolucionário. Retornou ao grupo após solicitação de Frei Fernando em outubro de 1969, incumbido de arregimentar novos elementos do clero jovem para o movimento. O documento de autoria de Marighella “Caminhos da

¹⁴⁴⁵ MF 30-Z-160, pasta 37, p. 4842.

¹⁴⁴⁶ MF 30-Z-160, pasta 38, p. 4997.

¹⁴⁴⁷ MF 30-Z-160, pasta 38, p. 4996; cf. também pasta 30, p. 3446; pasta 37, p. 4842-4841; Frei Domingos Guimarães assumiu a direção do DAXIX no segundo semestre de 1968. Desde janeiro desse ano, eles já mantinham contatos com a UEE e UNE, sobretudo apoiando José Dirceu.

¹⁴⁴⁸ MF 30-Z-160, pasta 37, p. 4841.

Revolução Brasileira” deveria ser usado na conscientização das novas posições da ALN e introduzido entre o clero jovem através de palestras. Tal não ocorreu devido à sua prisão.¹⁴⁴⁹ Ainda em seu depoimento, ele teria dito que

... a finalidade do grupo de base dos dominicanos era o apoio logístico, ou seja, dar apoio e cobertura nos setores do clero, na comunidade, conseguir ‘aparelhos’, bem como auxiliar a esconder elementos procurados pela polícia; que a Ala Marighela tinha por finalidade instalar em todas as frentes a luta armada, desencadeando uma revolução a fim de transformar a Ordem Social no país.¹⁴⁵⁰

O paranaense, natural de Jaguapitan, Frei Roberto Romano da Silva, foi seminarista no convento dominicano em Juiz de Fora, Minas Gerais, em 1966. Preso no dia 05 de novembro de 1969,¹⁴⁵¹ em seu depoimento,¹⁴⁵² datado de 21 de novembro de 1969, teria dito que em Juiz de Fora conhecera alguns estudantes de Sociologia e Economia de Belo Horizonte, membros da Ação Popular. Em fins de 1967 foi para São Paulo, quando conheceu Frei Tito, e passou a estudar no Instituto de Filosofia e Teologia. Achando o curso fraco, trancou matrícula e ingressou na Faculdade de Filosofia da USP, onde também trancou matrícula para fazer o noviciado (1968-1969). Em 1968, participou das assembleias estudantis no CRUSP, lideradas por Catarina Meloni e depois passou a apoiar a orientação política do movimento estudantil liderado por José Dirceu, quando também participou de passeatas. Um dos frades de maior contato era Frei Yves do Amaral Lesbaupin, com quem fazia o curso de Filosofia na USP, retomado em agosto de 1969. Frei Yves teria lhe dito que “pertencia a uma organização revolucionária para o estabelecimento da revolução brasileira”.¹⁴⁵³ Esse grupo usava para seus fins a luta armada no plano político e a luta ideológica no plano inte-

¹⁴⁴⁹ MF 30-Z-160, pasta 38, p. 4995; cf. também pasta 37, p. 4840.

¹⁴⁵⁰ MF 30-Z-160, pasta 38, p. 4994.

¹⁴⁵¹ Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTXSNS006046.pdf. Acesso em: maio 2021; Cf. também Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFICONS000753.pdf. Acesso em: maio 2021; Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/DEOPSSPR003941.pdf>. Acesso em: maio 2021.

¹⁴⁵² MF 30-Z-160, pasta 39, p. 5129-5125.

¹⁴⁵³ *Ibid.*, p. 5128.

lectual e religioso. Através dele, recebera o “Manual do Guerrilheiro Urbano”, que continha a assinatura de Carlos Marighella e ele lhe esclarecera que o papel dos dominicanos junto à ALN

era a de esconder pessoas pertencentes à organização, visadas e procuradas pela Polícia, a de arrumar fundos para a organização, divulgar documentos revolucionários entre o clero, arrumar casas de pessoas amigas para esconder o pessoal da organização, divulgar o movimento revolucionário através da imprensa.¹⁴⁵⁴

Segundo o relator de suas “atividades esquerdistas”:

Em julho de 1969, voltou a conversar mais sério com Frei Ivo, quando foi por este convidado a ingressar em um grupo político de esquerda, movimento este constituído para a derrubada violenta do atual Governo do Brasil. Após ter nele ingressado, começou a receber documentação referente à luta armada de esquerda no Brasil.¹⁴⁵⁵

O Conselho Permanente de Justiça o absolveu em setembro de 1971.¹⁴⁵⁶

O depoimento que mais contém elaborações intelectuais é o de Carlos Alberto Libanio Christo, Frei Betto, datado de 04 de dezembro de 1969.¹⁴⁵⁷ Natural de Belo Horizonte, onde conhecera Herbert José de Souza, o Betinho, e outros membros da JUC, que haviam fundado um semanário chamado “Ação Popular”, numa linha nacionalista e contrária ao imperialismo norte-americano. A partir daí, criaram um movimento com o intuito de se tornar um partido político legal,

transformando-se em seguida num movimento ideológico, objetivando a conscientização das massas populares, de forma pa-

¹⁴⁵⁴ *Ibid.*, p. 5127.

¹⁴⁵⁵ MF 30-Z-160, pasta 37, p. 4828.

¹⁴⁵⁶ Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPA-PESP_DEOPSSPOSFTXSNS006046.pdf. Acesso em: maio 2021.

¹⁴⁵⁷ MF 30-Z-160, pasta 38, p. 4970-4932.

cífica, principalmente através de sindicatos e atividades estudantis, para, finalmente, adotar a linha maoísta... para que elas por si mesmas assumissem a luta armada, a fim de derrubar o regime vigente.¹⁴⁵⁸

Atuou na organização da Ação Católica e da Ação Popular em nível nacional e na renovação da Igreja Católica no Brasil segundo as orientações do Concílio Vaticano II, juntamente com outros dominicanos, como Frei Yves, Frei Tito e Frei Chico.¹⁴⁵⁹ Em 1965, ingressou no noviciado da Ordem dominicana, quando conheceu Frei Oswaldo, Frei Magno, Frei Ratton e Frei Yves.¹⁴⁶⁰ Ao ingressar na ordem, alinhava-se à “linha francesa’, cuja atividade apostólica não se prende propriamente a instituições, mas se desenvolve junto às atividades normais do homem moderno e tem uma tendência teológica mais progressista”,¹⁴⁶¹ apoiando revolucionários em outros países, “tiveram longos anos de estudo, referindo-se a um trabalho de ética que estava fazendo”.¹⁴⁶²

Para Frei Betto “não existe revolução (seja de direita, centro ou esquerda) sem prévia elaboração filosófica, técnica e científica”.¹⁴⁶³ Não adiantaria o poder nas mãos sem pessoas preparadas para manejá-lo; nem assaltar bancos sem saber administrar e dirigir uma nação. Assim, mais que armas de fogo ou luta armada, o estudo seria a “arma revolucionária, capaz de transformar o homem pela inteligência da realidade social, pela fundamentação de seus argumentos, pela força intelectual de suas posições”.¹⁴⁶⁴ Aqueles que trocavam “as armas pelos copos’ são aqueles que desprezam a força da consciência do homem e creem que o ativismo infundado é capaz de construir algo por si só”.¹⁴⁶⁵

Em 1966, foi para São Paulo para estudar Filosofia no Convento dominicano e em 1967, durante o primeiro trimestre, estudou “no Instituto de Filosofia e Teologia,

¹⁴⁵⁸ *Ibid.*, p. 4969.

¹⁴⁵⁹ *Ibid.*, p. 4968-4965.

¹⁴⁶⁰ *Ibid.*, p. 4964.

¹⁴⁶¹ *Ibid.*, p. 4963.

¹⁴⁶² *Ibid.*, p. 4963.

¹⁴⁶³ *Ibid.*, p. 4962.

¹⁴⁶⁴ *Ibid.*, p. 4962.

¹⁴⁶⁵ *Ibid.*, p. 4962.

que funcionava no Colégio Des Oiseaux, na rua Caio Prado, exclusivo para seminaristas”.¹⁴⁶⁶ Continuou a atuar junto à direção da AP tanto em nível nacional como na cidade de São Paulo. Aí, nesse período, começou a admitir os princípios da AP em relação ao uso da violência para a modificação do governo vigente. Em julho, foi para Belo Horizonte, onde fez uma reportagem para a revista “Realidade”, publicada em setembro de 1967. Ajudou também a preparar o congresso de estudantes que se realizaria no mosteiro beneditino na cidade de Louveira;¹⁴⁶⁷ com Frei Chico, promoveu o “movimento de greve pela paz”,¹⁴⁶⁸ contra a guerra do Vietnã e no Oriente Médio, sem resultados. Manteve contatos com Onofre Pinto, um ex-sargento, organizador da VPR, com quem conversou sobre a Igreja, a realidade nacional e as atividades revolucionárias. Nesse ínterim, conversou com um colega de Frei Oswaldo na Faculdade de Filosofia da USP, João Antônio, que quis convencê-lo de que os religiosos deveriam participar efetivamente da preparação da Luta Armada. Embora ele admitisse a luta armada nos termos da Ação Popular, não podia conceber o envolvimento direto de padres. Através de Frei Oswaldo, conheceu um certo “Menezes”, que disse ter sido do Partido Comunista, rompera com ele e procurava formar um grupo mais eficiente, e interrogava os dois sobre a Igreja e a situação nacional. Soube depois que esse era o próprio Marighella.¹⁴⁶⁹ Atuou também no teatro, na imprensa e no meio estudantil.¹⁴⁷⁰

Através de Frei Oswaldo, soube que Carlos Marighella o incumbira de uma aproximação com Frei Francisco Augusto Carmil Catão, que era o provincial dos dominicanos, e que havia

um plano para desencadear a guerrilha rural na região central do Brasil, através do estabelecimento de núcleos que funcionariam em sucessão geométrica; que a guerrilha rural, de acordo com o pensamento de Carlos Marighella revelado ao interrogado pelo Frei Oswaldo, seria mantida pela guerrilha urbana, cuja função era a de levantar pessoal, armas, dinheiro e abastecimentos; que a região sul, e também litorânea, não entrariam nesse plano

¹⁴⁶⁶ *Ibid.*, p. 4962; no Livro de Atas do DAXIX, assembleia 16 de março de 1967, p. 48, aparece um “Carlos Alberto”, questionando a filiação do DAXIX à UNE, devido a sua clandestinidade, e propondo um alinhamento político ao DCE da PUC.

¹⁴⁶⁷ Mais exatamente, em Vinhedo.

¹⁴⁶⁸ MF 30-Z-160, pasta 38, 4961.

¹⁴⁶⁹ *Ibid.*, p. 4960.

¹⁴⁷⁰ *Ibid.*, p. 4959.

devido à ausência de camponeses em condições sub-humanas e o forte policiamento, sobretudo do Exército; que o sul do país também ficaria de lado por ser afunilado, além de muito policiado e abrigar grande número de colonos estrangeiros; que a tática de ação seria atrair o Exército para o combate em diversos pontos simultaneamente, com operações ligeiras, de surpresa, para facilitar o domínio e a tomada de armas.¹⁴⁷¹

No contato de Marighella com Frei Catão, ficou definido que o convento da Ordem em Conceição do Araguaia, no sul do Estado do Pará, considerada “área estratégica”, ficaria como abrigo para pessoas procuradas pela polícia e integrantes do grupo sob a liderança daquele. Em janeiro de 1968, o provincial autorizou a formação de uma comunidade extra conventual, que passou a residir num apartamento alugado na Rua Rego Freitas, em São Paulo.¹⁴⁷² Quase todos os frades dessa nova comunidade faziam parte do grupo de apoio a Marighella.¹⁴⁷³ Nesse período, trabalhava para o Jornal Folha da Tarde, fazendo coberturas do movimento estudantil, sobretudo os da Faculdade de Filosofia, liderados por Catarina Melone, José Dirceu e Luiz Travassos; passando depois para o setor de Variedades, como crítico de teatro, coberturas de eventos de pessoas famosas no Brasil e no exterior. Não participou do levantamento estratégico na região de Conceição do Araguaia porque sua saúde estava debilitada. Fez uma reportagem sobre o Congresso Eucarístico na Colômbia e a visita do Papa Paulo VI, publicada na revista Realidade.¹⁴⁷⁴ Alguns colegas da redação do jornal estavam envolvidos com a VPR e as ações do grupo na subtração de armas no Quartel de Quitaúna e fuga do Capitão Lamarca. Enquanto se preparava para sua profissão solene dos votos religiosos em Belo Horizonte, soube que policiais estiveram na portaria do prédio na Rua Rego Freitas.¹⁴⁷⁵ Por isso, deixou a redação do jornal e os superiores decidiram enviá-lo para fazer Teologia com os jesuítas em São Leopoldo, Rio Grande do Sul.¹⁴⁷⁶ No sul, elaborou as possibilidades de ajudar foragidos a passar pela fronteira do país, após contatos diretos com Marighella.¹⁴⁷⁷

¹⁴⁷¹ *Ibid.*, p. 4958.

¹⁴⁷² *Ibid.*, p. 4958.

¹⁴⁷³ *Ibid.*, p. 4957.

¹⁴⁷⁴ *Ibid.*, p. 4957-4956.

¹⁴⁷⁵ *Ibid.*, p. 4952.

¹⁴⁷⁶ *Ibid.*, p. 4951.

¹⁴⁷⁷ *Ibid.*, p. 4949.

No depoimento que prestou à “Comissão Nacional da Verdade”¹⁴⁷⁸ em 2013,¹⁴⁷⁹ tendo Anivaldo Padilha¹⁴⁸⁰ como interlocutor, apresentou seus dados pessoais, sua situação como religioso católico e escritor¹⁴⁸¹ e sobre as duas prisões que sofrera.

A primeira vez em 1964, fora preso quando fazia jornalismo na “Universidade do Brasil”, onde hoje é a UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro, mas que havia sido transferida para Brasília, chamada de “Universidade de Brasília”. Nessa ocasião, era dirigente da JEC, Juventude Estudantil Católica, um dos organismos da Ação Católica.

Eu vivia no Rio de Janeiro por conta da CNBB, especificamente por conta de Dom Hélder Câmara, que era bispo auxiliar no Rio e responsável em todo o Brasil pela Ação Católica, num apartamento que servia de apartamento para a equipe nacional da JEC e a equipe nacional da JUC.¹⁴⁸²

Essa residência se constituía como uma “república” com cerca de 12 estudantes, líderes estudantis, entre os quais, o Betinho e o José Serra. Na madrugada de 05 para 06 de junho de 64, o CENIMAR, Centro de Investigações da Marinha, fez uma busca entre os militantes da Ação Popular, fundada por membros da JUC, porém, não

¹⁴⁷⁸ Cf. DEPOIMENTO de Frei Betto na Comissão Nacional da Verdade. 2013. Disponível em: https://cnv.grauna.org.br/images/pdf/depoimentos/vitimas_civis/Carlos_Alberto_Libanio_Christo_Frei_Betto.pdf. Acesso em: maio 2021. 43 páginas.

¹⁴⁷⁹ Cf. <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/todos-volume-1/653-v%C3%ADtimas-civis.html>

¹⁴⁸⁰ Anivaldo Padilha nasceu em 1940 em São Pedro da União, interior de Minas Gerais, em uma família de pequenos agricultores que, em 1945, retirou-se em São Paulo. Em situação de pobreza e isolamento na metrópole, foram acolhidos pela Igreja Metodista, que lhes garantiu um senso de pertencimento e comunidade. Com apoio da Igreja, Anivaldo deu início aos estudos enquanto trabalhava para ajudar no orçamento familiar. Em 1960, militou através da União Cristã de Estudantes do Brasil e em 1963 aderiu à Ação Popular (AP). Ao entrar para a Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo (USP) no ano de 1966, passou a integrar o Movimento Estudantil e acabou por tornar-se um líder do movimento ecumênico da juventude no plano latino-americano. Sequestrado em 1970 pela OBAN, foi preso nas dependências do DOI-Codi/SP, Deops/SP e Presídio Tiradentes. Em 1971, exilou-se do país, retornando somente em 1984. Cf. <http://memorialdaresistencia.org.br/pessoas/anivaldo-pereira-padilha/>

¹⁴⁸¹ DEPOIMENTO de Frei Betto na Comissão Nacional da Verdade. 2013. Disponível em: https://cnv.grauna.org.br/images/pdf/depoimentos/vitimas_civis/Carlos_Alberto_Libanio_Christo_Frei_Betto.pdf. Acesso em: maio 2021. p. 1-2.

¹⁴⁸² *Ibid.*, p. 3.

vinculada à Igreja ... “um organismo laico progressivamente marxista desde o início”.¹⁴⁸³ O ideal histórico do Pe Henrique Vaz era mais hegeliano, mas depois se tornou mais marxista. A maioria dos militantes da AP era da JUC, mas tinha alguns que nunca foram da JUC, como o Serra. Os estudantes foram levados para o quartel dos Fuzileiros Navais na Ilha das Cobras, onde se encontravam vários outros presos, e interrogados individualmente. Inicialmente, sofreu agressões até descobrirem que o estavam confundindo com o “Betinho”, grande líder da AP em Belo Horizonte.¹⁴⁸⁴ Por intervenção do “comandante Aragão” e, talvez, de D. Hélder, foram levados de volta para o apartamento em regime de prisão domiciliar até serem liberados. Não houve processo derivado dessa prisão.¹⁴⁸⁵

Então, a segunda é a seguinte: Eu atuava na ALN – Ação Libertadora Nacional – do Marighella ... Quando o grupo de dominicanos se transformou num grupo de apoio à ALN, nós nunca pegamos em armas, mas sempre escondemos pessoas. Ajudamos a sair do país; dávamos apoio a militantes revolucionários.¹⁴⁸⁶

Esse apoio era dado não só aos militantes da ALN, mas de outros grupos que, no desespero, acorriam ao convento. O primeiro contato com Marighella foi no convento. Ele tinha um projeto de estudar na Alemanha, mas foi para o sul a pedido de Marighella, pois estava sendo procurado em São Paulo, uma vez que, além da atuação clandestina de apoio, era chefe de reportagem da “Folha da Tarde”, que dava cobertura favorável às movimentações estudantis e contra a ditadura. Assim, ele ficava sabendo de determinadas situações com antecedência, o que lhe permitia os “furos” jornalísticos, tais como a bomba no II Exército e o congresso de Ibiúna.

Eu morava com um grupo de frades na Rego Freitas. Era uma época que aqui na Igreja a moda era sair de convento, de pequenas comunidades e tal.¹⁴⁸⁷

¹⁴⁸³ *Ibid.*, p. 3.

¹⁴⁸⁴ *Ibid.*, p. 4.

¹⁴⁸⁵ *Ibid.*, p. 5.

¹⁴⁸⁶ *Ibid.*, p. 6.

¹⁴⁸⁷ *Ibid.*, p. 7.

Uma vez que estava sendo vigiado e fora alertado pelo porteiro do prédio, com o apoio do seu primo jesuíta, João Batista Libanio, professor de Teologia no seminário em São Leopoldo, foi para lá, com perspectiva de aprender o alemão e depois ir para a Alemanha. A pedido de Marighella, montou um esquema para evadir militantes procurados através das fronteiras com a Argentina e o Uruguai “ou aqueles que precisassem ir para o exterior, para Cuba, fazer treinamento de guerrilha”,¹⁴⁸⁸ entre outros, o Franklin Martins, que participara do sequestro do embaixador americano. No dia 02 de novembro, o CENIMAR cercou o Seminário Cristo Rei, em São Leopoldo. Nesse mesmo dia ficou sabendo da prisão dos seus confrades. Marighella, no entanto, só foi morto no dia 04 de novembro. Segundo ele, a derrubada da ALN começou quando descobriram quem eram os sequestradores do embaixador americano.¹⁴⁸⁹ Mantinha uma mala própria para fuga e, alertado da aproximação da polícia, saiu pelos fundos do seminário para pegar ônibus para Porto Alegre. Inicialmente, refugiou-se numa paróquia e, depois, num convento das irmãs de Jesus Crucificado e, posteriormente, num sítio de um grande empresário em Viamão. Denunciado pelo filho do dono do sítio, foi preso no dia 09 de novembro,¹⁴⁹⁰ levado para o DOPS, e interrogado exaustivamente.

Eles me levaram pra uma sala de tortura; estavam todos os instrumentos: pau de arara, maçarico, não sei quê. E aí aconteceu uma coisa. Até hoje eu penso. Ao invés de me torturarem, eles torturavam outro na minha frente.¹⁴⁹¹

Soube depois que o delegado Fleury havia alertado que ele tinha “costas quentes”, um tio que era general da reserva e havia ligado para outros generais amigos, pedindo para não colocarem a mão sobre ele. Assim, “Eu fui o único de todo o grupo de dominicanos que não me tocaram fisicamente”.¹⁴⁹² No DOPS, receberam a visita de D. Agnelo,¹⁴⁹³ acompanhado de uma comitiva de delegados, que interferia quando algum dos frades dizia ao cardeal que haviam sido torturados.

¹⁴⁸⁸ *Ibid.*, p. 7; Cf. também p. 32-34.

¹⁴⁸⁹ Trata-se de Charles Burke Elbriake, sequestrado em 04 de setembro de 1969.

¹⁴⁹⁰ DEPOIMENTO de Frei Betto na Comissão Nacional da Verdade. 2013. Disponível em: https://cnv.grauna.org.br/images/pdf/depoimentos/vitimas_civis/Carlos_Alberto_Libanio_Christo_Frei_Betto.pdf. Acesso em: maio 2021. p. 9.

¹⁴⁹¹ *Ibid.*, p. 10.

¹⁴⁹² *Ibid.*, p. 11.

¹⁴⁹³ *Ibid.*, p. 16.

O cardeal estava convencido que éramos terroristas e deveríamos ser expulsos da Igreja.¹⁴⁹⁴

D. Lucas, que era dominicano e bispo auxiliar de São Paulo, interferiu em favor de Frei Tito, mas não apoiou o grupo.¹⁴⁹⁵ Mesmo na prisão, tanto quando estavam com os presos comuns como quando passaram para um regime especial, encontraram formas de levar denúncias que repercutissem no exterior.¹⁴⁹⁶ Os dominicanos eram assessores de alguns grupos da Ação Católica e haviam assumido uma linha progressista, devido à sua formação na França pós-guerra.

E o catolicismo francês pós-guerra é muito avançado por causa da aliança com os comunistas na resistência francesa.¹⁴⁹⁷

Assim, o movimento teve uma grande influência de Jacques Maritain, de Emmanuel Mounier, do Padre Debrait, e do movimento dos padres operários. Formado na Ação Católica, destacou-se como líder estudantil desde cedo, vinculado ao viés progressista da Igreja, juntamente com Betinho e Serra. Com a AP, constituíram-se como um “braço laico”, desvinculado da hierarquia da Igreja, na formação de lideranças, orientado ideologicamente pelo jesuíta Padre Henrique Vaz. “Eu naquela época estava bem naquela coisa: socialismo, marxismo, vamos conquistar”,¹⁴⁹⁸ com um projeto de fazer a revolução no Brasil como frade dominicano. Nunca pertencera à AP, embora muito ligado ao movimento.

Eu, frade, dava aula de marxismo pra novos militantes da AP lá no convento sábado à tarde. Eles iam lá; tinham entrado para a Ação Popular, um movimento marxista; precisava saber o que era a teoria marxista.¹⁴⁹⁹

¹⁴⁹⁴ *Ibid.*, p. 17.

¹⁴⁹⁵ *Ibid.*, p. 18-19.

¹⁴⁹⁶ *Ibid.*, p. 20-21.

¹⁴⁹⁷ *Ibid.*, p. 26.

¹⁴⁹⁸ *Ibid.*, p. 27.

¹⁴⁹⁹ *Ibid.*, p. 27.

Os dominicanos se constituíam como o grupo mais avançado da Igreja no Brasil por causa dos frades formados na França, que já tinham abertura para o comunismo e para o marxismo, como os padres operários e Frei Carlos Josafá.¹⁵⁰⁰ Nas ordens religiosas na época:

Em todas elas você tinha uma maioria morna, um grande setor de direita e uma minoria progressista de esquerda por causa dos dominicanos. Então, você tinha os camilianos. Tinha gente do nosso lado.¹⁵⁰¹

Tudo devido a uma Teologia progressista que vinha da Europa, mais o contato com a realidade, quando chegaram ao Brasil: indígenas, pobres, periferia, favelas. Frei Osvaldo foi recrutado para a ALN no campus da USP na rua Maria Antônia através de João Antônio, que levou o “Professor Menezes”, que era o Marighella, até o convento.

Apesar de que havia uma elaboração teológica, mas era de caráter político. A gente abraçou o marxismo ... Só não entramos na fase maoísta que atende que a AP embarcou.¹⁵⁰²

uma vez que optaram pelo sistema soviético e mantinham simpatias com Cuba.

Quanto à atuação do Betinho na AP, houve rupturas com Jair. O Betinho, sociólogo e hemofílico, fora trabalhar numa fábrica, como uma forma de unir “ideologia e religião”,¹⁵⁰³ mesmo sob os altos riscos que isso implicava à sua saúde. Por fim, Frei Betto acusou o Cardeal Arcebispo D. Agnelo Rossi de ter sido omissos e colaborador com o regime militar. Com o apoio do cardeal Villot, “que era um francês inteligente”, em Roma, os dominicanos o convenceram “de que nós éramos vítimas injustiçadas”, convencendo também o Papa Paulo VI. No frígido dos ovos, D. Agnelo foi transferido

¹⁵⁰⁰ *Ibid.*, p. 28.

¹⁵⁰¹ *Ibid.*, p. 29.

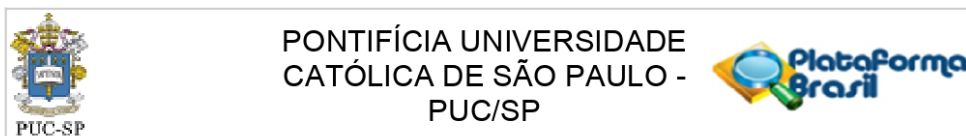
¹⁵⁰² *Ibid.*, p. 30.

¹⁵⁰³ *Ibid.*, p. 36.

para Roma. Na opinião de Frei Betto, seguindo a prática da Igreja de “promover para remover”.¹⁵⁰⁴

¹⁵⁰⁴ DEPOIMENTO de Frei Betto na Comissão Nacional da Verdade. 2013. p. 37. Disponível em: https://cnv.grauna.org.br/images/pdf/depoimentos/vitimas_civis/Carlos_Alberto_Libanio_Christo_Frei_Betto.pdf. Acesso em: maio 2021.

ANEXO B. Parecer Consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: INSTITUTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA - IFT (1965-1969) Expectativas pós-conciliar e as tensas relações entre Igreja e Estado na década de 1960.

Pesquisador: SERGIO PERES DE PAULA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 37784920.5.0000.5482

Instituição Proponente: pontificia universidade católica

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.303.763

Apresentação do Projeto:

Trata-se de protocolo de pesquisa para elaboração de Tese de Doutorado no Programa de Estudos Pós-Graduados em História (PEPG em HIS), vinculado à Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Projeto de pesquisa de autoria de Sérgio Peres de Paula, sob a orientação da Profa. Dra. Estefania Knotz Canguçu Fraga.

A proposta apresenta resumidamente que "(...) O projeto de pesquisa, com o título "INSTITUTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA – IFT (1965-1969) - Expectativas pós-conciliar e as tensas relações entre Igreja e Estadona década de 1960", do Programa de Pós-graduação em História, PUC-SP, tem como objeto um instituto de formação eclesiástica que existiu em São Paulo na segunda metade da década de 1960. Contextualizado num momento de profundas transformações culturais, sociais e eclesiásticas, a curta existência do IFT manifesta uma dinâmica temporal de expectativas e frustrações, envolvimento político e conflitos com o Estado sob o regime militar e a hierarquia da Igreja. A partir de categorias políticas como autoridade, poder, liberdade e violência, tal como abordado por Hannah Arendt, e de "temporalidade", segundo a visão de Santo Agostinho e R. Koselleck, a proposta é tratar as fontes desde a perspectiva da História Oral e da Prosopografia. O objetivo central da pesquisa é compreender o IFT, a partir de sua trajetória, a sua organização institucional e os conflitos existentes em relação ao Estado e à hierarquia da Igreja.

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C

Bairro: Perdizes

CEP: 05.015-001

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3670-8466

Fax: (11)3670-8466

E-mail: cometica@pucsp.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO -
PUC/SP



Continuação do Parecer: 4.303.763

Introdução

O tempo não só é cronológico e linear, mas também pode ter intensidades e dinâmicas variadas, mesmo numa existência breve. Assim foi com o IFT, Instituto de Filosofia e Teologia, objeto desta pesquisa, apresentada ao Curso de Pós-graduação, Doutorado, da PUC-SP. Uma existência de cinco anos, na segunda metade da década de 1960, anos marcados por profundas e rápidas mudanças tanto no plano eclesial católico, quanto nas demais dimensões da vida social, cultural, artística, acadêmica e política. Um dos objetivos da pesquisa é sondar a brevidade deste instituto eclesial nesse contexto de transformações intensas. Algumas fontes já se encontram disponíveis e despertaram o desejo pelo avanço da pesquisa, de forma mais técnica e com os rigores acadêmicos. Outras fontes estão para ser construídas, através de entrevistas, que constituirão os fundamentos de uma narrativa histórica pelos critérios da História Oral e da Prosopografia. Sendo uma instituição, cuja organização institucional subentende o exercício de autoridade e poder, a pesquisa pretende sondar estes aspectos não só no IFT, mas também naquelas outras instituições com as quais esteve relacionada e até mesmo em conflito: o Estado sob o regime militar e a hierarquia da Igreja Católica em São Paulo. Sediado inicialmente na região central de São Paulo, passando depois para o bairro do Bela Vista, o IFT tem uma trajetória marcada por intensas expectativas de renovação interna na Igreja Católica, como resposta a “desejos” do Concílio Vaticano II, mas, qual um pêndulo, de um extremo a outro, experimentou-se também a frustração e a radicalização política de alguns de seus integrantes, que culminou num conflito com o Estado e com a hierarquia da Igreja Católica. O resultado fatal disto foi sua extinção. A pesquisa pretende sondar esta trajetória de sua criação a sua extinção e captar o máximo de vetores que foram determinantes ou influenciadores nesse processo. Uma ampla bibliografia já existente sobre o regime militar, as relações entre a Igreja Católica e o Estado, a Igreja Católica no Brasil e o Concílio Vaticano II, e a formação interna nos seminários e institutos eclesiais contribuirá para a pesquisa. Esta, igualmente, visa ser acrescentar algo mais nestas áreas a partir dos documentos encontrados.

Hipótese:

O IFT surgiu como um instituto de formação eclesial com uma proposta inovadora, a partir de desejos de renovação na formação sacerdotal e pastoral internos à Igreja Católica durante e após o Concílio Vaticano II. Progressivamente, sobretudo os estudantes, se envolveram nos movimentos de contestação ao regime militar. Alguns estudantes mantiveram contatos com a UNE e outras

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C

Bairro: Perdizes

CEP: 05.015-001

UF: SP

Município: SÃO PAULO

Telefone: (11)3670-8466

Fax: (11)3670-8466

E-mail: cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 4.303.763

organizações estudantis ou de resistência ao regime, geralmente de cunho marxista. A radicalização nas contestações ao regime militar e o envolvimento em organizações de resistência, aliados ao clima de crise interna na Igreja Católica (crise vocacional, abandono da vida sacerdotal, tensões entre setores progressistas e conservadores), levaram o IFT ao choque com a hierarquia eclesiástica, na pessoa do Cardeal Arcebispo de São Paulo, D. Agnello Rossi, e a sua extinção.

Metodologia Proposta:

História Oral, através de entrevistas com aqueles que integraram a direção, o corpo docente, o corpo discente e tiveram algum tipo de vínculo com o IFT. Prosopografia, procurando detectar nas falas os vínculos, interesses e formas de ação em rede da instituição. Pesquisa em arquivos institucionais (DEOPS, arquivos eclesiásticos, acervos de jornais e revistas). Pesquisa bibliográfica.

Metodologia de Análise de Dados:

A metodologia dos dados seguirá os critérios da História Oral e da Prosopografia, bem como a crítica das fontes primárias dos arquivos e acervos de meios de comunicação impressos.

Desfecho Primário:

Com as entrevistas, pretende-se colher as informações que colaboram numa melhor compreensão das crises, conflitos, expectativas e frustrações envolvidas na pesquisa."

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Sondar a trajetória do IFT desde sua criação à sua extinção, procurando detectar as fases, a radicalização política de alguns estudantes e as motivações dos conflitos com o regime militar e com a hierarquia da Igreja Católica

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Alguns estudantes foram interrogados e/ou presos pelos órgãos de segurança do Estado na época, como o DEOPS. A pesquisa pode expor algum pesquisado ou entrevistado a certo constrangimento.

Benefícios:

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 4.303.763

Existe um silêncio documental nas instituições envolvidas no IFT. Poucos se aventuram em falar sobre a instituição. As entrevistas podem ser altamente esclarecedoras na compreensão da trajetória da instituição e no que levou vários de seus membros a interrogatórios ou prisão pelos órgãos de segurança. A pesquisa pretende colaborar numa compreensão maior da situação da Igreja Católica no Brasil, mais especificamente em São Paulo, após o Concílio Vaticano II, quanto a suas crises internas e aos conflitos com o Estado, a partir da segunda metade da década de 1960.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O trabalho encontra-se em boa fase de desenvolvimento; é bem estruturado e bem escrito; prenuncia resultados bastante contributivos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A lista de documentos obrigatórios necessários a análise e revisão ética de seu projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP campus Monte Alegre (CEP-PUC/SP) é a seguinte:

1. Folha de Rosto - OK;
2. TCLE - OK;
3. Ofício de Apresentação - OK;
4. Projeto de Pesquisa - OK;
5. Autorização para realização da Pesquisa - OK;
6. Parecer de mérito acadêmico - OK;

Esta lista está disponível no site: www.pucsp.br/cometica/documentos-obrigatorios

Observação: aconselhamos que antes de qualquer procedimento de submissão na Plataforma Brasil, seja consultado o referido site, onde há vídeos tutoriais indicando o correto processo de submissão do projeto de pesquisa de acordo com as orientações do CEP-PUC/SP.

Recomendações:

Recomendamos que o desenvolvimento da pesquisa siga os fundamentos, metodologia, proposições, pressupostos em tela, do modo em que foram apresentados e avaliados por este Comitê de Ética em Pesquisa. Qualquer alteração deve ser imediatamente informada ao CEP-

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C			
Bairro: Perdizes		CEP: 05.015-001	
UF: SP	Município: SAO PAULO		
Telefone: (11)3670-8466	Fax: (11)3670-8466	E-mail: cometica@pucsp.br	



Continuação do Parecer: 4.303.763

PUC/SP, indicando a parte do protocolo de pesquisa modificada, acompanhada das justificativas.

Também, a pesquisadora deverá observar e cumprir os itens relacionados abaixo, conforme indicado pela Res. 466/12:

- a) desenvolver o projeto conforme delineado;
- b) elaborar e apresentar o relatório final;
- c) apresentar dados solicitados pelo CEP, a qualquer momento;
- d) manter em arquivo, sob sua guarda, por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, os seus dados, em arquivo físico ou digital;
- e) encaminhar os resultados para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico participante do projeto;
- f) justificar, perante o CEP, interrupção do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências ou lista de inadequações, portanto, recomenda-se o encaminhamento da aprovação deste protocolo de pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Colegiado do Comitê de Ética em Pesquisa, campus Monte Alegre da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - CEP-PUC/SP, aprova integralmente o parecer oferecido pelo(a) relator(a).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1607268.pdf	05/09/2020 10:23:49		Aceito
Outros	Parecer_Merito_Academico.pdf	05/09/2020 10:14:16	SERGIO PERES DE PAULA	Aceito
Outros	Autorizacao_para_realizacao_de_pesquisa.pdf	02/09/2020 16:48:56	SERGIO PERES DE PAULA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	MODELO_TCLE.docx	24/08/2020 11:30:34	SERGIO PERES DE PAULA	Aceito

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 4.303.763

Ausência	MODELO_TCLE.docx	24/08/2020 11:30:34	SERGIO PERES DE PAULA	Aceito
Outros	Oficio_Apresentacao.docx	19/08/2020 14:53:48	SERGIO PERES DE PAULA	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRosto.pdf	19/08/2020 14:49:34	SERGIO PERES DE PAULA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Doutorado_texto_completo. pdf	07/08/2020 10:24:39	SERGIO PERES DE PAULA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 28 de Setembro de 2020

Assinado por:
Antonio Carlos Alves dos Santos
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br

ANEXO C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Regis Lemos



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo



Campus Monte Alegre (Perdizes)
Rua Monte Alegre, 984 - Perdizes, São Paulo - SP, 05014-901
CNPJ 60.990.751/0001-24

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Sr. Régis Lemos

O(A) Sr(a) está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa **“INSTITUTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA – IFT (1965-1969) - Expectativas pós-conciliar e as tensas relações entre Igreja e Estado na década de 1960”**, cujo pesquisador responsável é Sérgio Peres de Paula, atualmente inscrito no Programa de Pós-graduação em História da PUC-SP, Campus Monte Alegre (Perdizes).

Os objetivos do projeto são pesquisar a trajetória do IFT desde sua criação à sua extinção, procurando detectar as fases, a atuação política de alguns estudantes e as motivações dos conflitos com o regime militar e com a hierarquia da Igreja Católica, e como era sua organização institucional e seu projeto pedagógico.

O(A) Sr(a) está sendo convidado porque participou diretamente do IFT como um dos seus integrantes docente ou discente ou tem algum conhecimento da instituição.

O(A) Sr(a). tem a plena liberdade de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma para o tratamento que recebe neste serviço: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Campus Monte Alegre (Perdizes) Rua Monte Alegre, 984 - Perdizes, São Paulo - SP, 05014-901, Fone: (11) 3670-8000.

Caso aceite participar, sua participação consiste em conceder entrevista(s) ao pesquisador com relação ao objeto da pesquisa, o “Instituto de Filosofia e Teologia – IFT”. As entrevistas poderão ser presenciais ou em formato digital, utilizando-se de

Rubricas _____ (Participante)

_____ (Pesquisador)

Página 1 de 3



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo



PUC-SP

Campus Monte Alegre (Perdizes)
Rua Monte Alegre, 984 - Perdizes, São Paulo - SP, 05014-901
CNPJ 60.990.751/0001-24

alguma plataforma que permita a transmissão on line. As entrevistas serão gravadas, transcritas e as informações utilizadas para a construção de uma narrativa histórica pelo pesquisador, dentro dos métodos da História Oral. As imagens e transcrições serão "fontes" e arquivo pessoal do pesquisador, utilizadas exclusivamente para pesquisa, resguardando a confidencialidade dos depoimentos, a sua privacidade, a proteção da imagem, a não estigmatização enquanto participante da pesquisa, com a garantia de uso exclusivo para a pesquisa sem prejuízos em relação a sua autoestima, prestígio ou algum aspecto econômico-financeiro.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos para o(a) Sr.(a) são a possível exposição a algum constrangimento devido a certas situações conflitivas em relação ao Estado e seus órgãos de segurança, mais especificamente o DEOPS, ou em relação às autoridades eclesásticas na época.

Também são esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: um aprofundamento, maior conhecimento e compreensão dos fatos em relação à História da Igreja no Brasil e em São Paulo no período estudado.

Se julgar necessário, o(a) Sr(a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

Garantimos ao(à)Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica.

O(A) Sr(a). pode entrar em contato com o pesquisador responsável Sérgio Peres de Paula a qualquer tempo para informação adicional no endereço: Rua Brentano, 438, Vila Hamburguesa, São Paulo (SP), Fone (11) 3729-1198

e-mail: sergioppaula@hotmail.com.

Rubricas _____ (Participante)

_____ (Pesquisador)



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo



PUC-SP

Campus Monte Alegre (Perdizes)
Rua Monte Alegre, 984 - Perdizes, São Paulo - SP, 05014-901
CNPJ 60.990.751/0001-24

O(A) Sr(a). também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (CEP/PUC-SP) e com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), quando pertinente. O CEP – Sede Campus Monte Alegre localiza-se no andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello, na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 – Perdizes – São Paulo – SP – CEP: 05015-001 – Tel./FAX: (11) 3670-8466 – e-mail: cometica@pucsp.br. O CEP/PUC-SP é um colegiado multi e transdisciplinar, independente, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo(a) Sr(a)., ou por seu representante legal, e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Li e concordo em participar da pesquisa

Geo Paulo, 15/02/2021

(Local e data)

Assinatura do Participante

Georgio Peres de Paula
Assinatura do Pesquisador Responsável

Rubricas

(Participante)

(Pesquisador)

Entrevista 1 - Regis Lemos

Sr. Regis Lemos

Local da entrevista: Seminário Santa Mônica – São Paulo – SP

Data: 15 de fevereiro de 2021

SP: Então hoje, dia 15 de fevereiro, nós estamos aqui no Seminário Santa Mônica, na presença do Sr. Régis Lemos, que aceitou fazer a entrevista para o projeto de pesquisa do Programa de Doutorado em História na PUC de São Paulo. O programa, o projeto, aliás, é meu, de Frei Sérgio Peres de Paula. O nome do Projeto é “Instituto de Filosofia e Teologia – IFT (1965-1969). As expectativas pós-conciliar e as tensas relações entre Igreja e Estado na década de 1960”. O objetivo do projeto então é pesquisar a trajetória do IFT desde a sua criação até a sua extinção, procurando detectar as fases, a atuação política de alguns estudantes, as motivações dos conflitos com o regime militar, com a hierarquia da Igreja Católica e, principalmente, como era a organização institucional e o projeto do IFT.

Então, bom dia, Sr. Régis. Eu gostaria, primeiro, que o senhor se apresentasse e falasse um pouco também da sua trajetória na época como religioso e como estudante de teologia agostiniano recoleto.

RL: Frei Sérgio com muita satisfação que estamos aqui presentes, voltando a uma casa agostiniana. A minha própria trajetória é longa, pela minha própria existência. Hoje vou fazer, no próximo mês, vou fazer 81 anos de idade. Sempre tive uma vida muito ativa.

O início da minha vida religiosa aconteceu em Franca, porque sou filho de Franca. Na paróquia de São Sebastião, lá da Estação,¹⁵⁰⁵ junto com o Frei Narciso Irigoyen, Aurélio Uchoa, Aduari Fiorotti, recém ordenado; nas férias, Gabriel Belmonte aparecia por lá, Frei Custódio, Frei João José Esquerdo. Então, todos estes fazem parte da minha história.

E, na época, na minha intenção de ser sacerdote, a minha idade não permitia,¹⁵⁰⁶ pelos quesitos da época, tido como vocação tardia; eu fiz o tiro de guerra antes; e eu consegui, inclusive na época, que o Papa João XXIII me autorizasse a entrar. A prin-

¹⁵⁰⁵ Bairro de Franca, onde ficava a estação de trem da ferrovia Alta Mogiana até 1971, passou para FEPASA e foi desativada oficialmente em 1983 (cf. <http://www.estacoesferroviarias.com.br/f/franca.htm>)

¹⁵⁰⁶ Nos procedimentos habituais, aqueles que iam para os seminários tinham normalmente a idade de 11-12 anos; faziam os estudos ginasial e colegial internamente; depois iniciavam a vida religiosa propriamente dita, com o ingresso no noviciado, e, já religiosos de votos “simples” (temporários), faziam os cursos de Filosofia e Teologia. Após o curso de Filosofia, faziam votos “solenes” (permanentes), sendo ordenados diáconos e presbíteros ao final da Teologia. Do início do noviciado ao fim do curso de Teologia compreendia um período de cerca de 08 anos. Nesse período, não se costumava ir de férias para casa dos pais. As discussões sobre admissão de “vocações adultas”, entendendo-se aí jovens em torno de 18 anos, surgiram após o Concílio Vaticano II, sobretudo devido à grande crise de abandono do sacerdócio e esvaziamento de conventos por falta de vocações. Cf. PAULA, Sérgio Peres de. Seminário Santa Rita – Esperanças e Frustrações. **Recollectio: Annuario Historicum Augustinianum**, Madrid, n. 40-42, p. 979-1018, 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6391042.pdf>. Acesso em: maio de 2021. Assim, a admissão do entrevistado já com cerca de 18 anos constituiu uma exceção.

cípio seria para diocesano, que eu Régis, e punho próprio naquela época, assim ingênuo totalmente, apesar de estar com 18, 17-18 anos. Escrevi uma carta ao Papa João XXIII; e ele respondeu a essa carta ao Dom Luiz do Amaral Mouzinho, em Ribeirão Preto. Aí, Dom Luiz do Amaral Mouzinho ligou para Frei Narciso, em Franca: “quem é Régis?” e assim... assim ... assim. E aí Frei Narciso veio e me chamou: “escuta, vamos almoçar, trocar umas ideias?”. E eu falei: “vamos”... “Você escreveu uma carta para Roma, para o papa?”... “Escrevi” ... “Não... porque o Papa respondeu através de D. Luiz do Amaral Mouzinho e autorizou você a ingressar no seminário”. Então, a princípio, eu iria para o Colégio Imaculada Conceição,¹⁵⁰⁷ que era o Colégio diocesano de Ribeirão Preto, que na época era comandado pelo cônego Gilberto Lopes. Hoje, Gilberto Lopes é arcebispo emérito de Campinas. Estive há pouco tempo com ele. Aí que transferi essa vocação minha do colégio diocesano, como convivia com os agostinianos, para o Colégio São José em Ribeirão Preto.¹⁵⁰⁸

E fomos para Ribeirão Preto. Terminei o tiro de guerra. Fiquei lá em Ribeirão Preto em 1960-61, pois já fazia o ensino ginásial da época. Então fiz dois anos em Ribeirão Preto e eu fazia sempre à parte, mesmo em Franca, tinha um professor particular que me ensinava o latim, que era a língua dominante da época; e tanto que, quando fui para o seminário, eu já conhecia bem latim, bem mais que muitos alunos que já estavam ali. Eu usava a gramática Ravizza, que era de um amigo meu que já tinha sido lá do Seminário, Lazineiro, lá de Franca. Trabalhava no Imaculada Conceição. Então ficamos dois anos em Ribeirão Preto.

Depois fomos à Franca, com o noviciado. O nosso mestre de noviços foi Frei José Ribeiro, digo, Frei José Gonçalves. Fizemos noviciado, profissão simples. A “profissão”¹⁵⁰⁹ aconteceu em 63, fevereiro de 63.

Fizemos três anos de Filosofia. No período de Franca, eu sempre fui o sacristão da Capelinha. Também tinha duas funções específicas: alfaiate, eu que fazia hábito para os frades. A princípio era o Fontanella. Aí Fontanella parou, e eu assumi. E a biblioteca também era sob o meu comando. E recordo que em 1963, foi 63 ou 64, não me recordo bem do ano, houve um Congresso de História em Franca. E Frei Lauro determinou que eu fosse, com ordem do superior da época, que eu fosse participar desse Simpósio em Franca. Então eu fiz um material muito bom na época, que eu perdi, e não tenho nenhum comigo. Talvez na Biblioteca lá em Franca haja, sobre a história de muitos livros da biblioteca de Franca. Nós tínhamos livros lá em pergaminho, de 1200-1300, bem antigos,¹⁵¹⁰ então eu fiz um resumo de tudo isso aí. E foi uma participação muito efetiva.

¹⁵⁰⁷ Trata-se do Seminário Arquidiocesano de Ribeirão. Era comum os seminários serem chamados de “colégios”.

¹⁵⁰⁸ Seminário Menor São José, onde residiam estudantes das etapas ginásial e colegial, anteriores ao ingresso na vida religiosa.

¹⁵⁰⁹ Emissão pública dos votos de pobreza, castidade e obediência, que iniciam o ingresso oficial numa ordem religiosa.

¹⁵¹⁰ Existe na Biblioteca do Seminário Nossa Senhora Aparecida, em Franca, um acervo de livros muito antigos. Alguns frades falavam da existência de “incunábulo” nesse acervo. Quando eu era seminarista em Franca, trabalhei na biblioteca. Quando fui prior do seminário (2000-2008), foi realizado um trabalho de digitalização desse acervo em conjunto com a UNESP, Campus de Franca. O mais antigo, no entanto, era um dicionário de latim, de 1555. Não há registros a respeito de como esse acervo chegou lá. Existem duas possibilidades: veio junto com os primeiros frades, que fugiam da revolução nas ilhas Filipinas, em 1899; ou então foi uma forma de preservação do acervo por ocasião a guerra civil espanhola, entre 1936-1939.

E depois, em 64...5, que nós continuávamos em Franca, foi criado em São Paulo o IFT. Aí veio a primeira turma de Franca para São Paulo. E a minha turma veio para São Paulo em 66. E 66 ficamos, em 60... no final do primeiro ano mesmo lá no IFT foi feito um trabalho através dos padres camilianos. Nós morávamos com os padres camilianos aqui em São Paulo no Jaçanã.

Foi o padre Filippelli ... estava promovendo um trabalho de promoção humana, estilo Projeto Rondon, o Projeto Rondon não existia. Padre Filippelli me mandou e eu me inscrevi; e participei. Eu me lembro que na época o superior na Capelinha era Frei Estêvão. Ele não gostou, mas ... decisão tomada perante o IFT e a gente não tinha como voltar atrás. E o padre ... infelizmente durante todo esse processo de montagem, o padre Filippelli perdeu a mãe lá no Sul. Aí ele foi para lá e acabou ficando pra mim todo o processo de fazer esse trabalho para Rondônia. Aí eu vim no mês de janeiro para o Rio de Janeiro devido a Conferência dos Religiosos do Brasil,¹⁵¹¹ onde o presidente na época era o Frei Lucas Moreira Neves,¹⁵¹² que futuramente foi bispo, arce-

¹⁵¹¹ O IFT era um projeto de formação religiosa e sacerdotal sob a responsabilidade da Conferência dos Religiosos do Brasil, CRB.

¹⁵¹² Sexto ocupante da Cadeira 12, eleito em 18 de julho de 1996, na sucessão de Abgar Renault e recebido pelo Acadêmico Marcos Almir Madeira em 18 de outubro de 1996.

Dom Lucas Moreira Neves, O.P. (nome civil: Luiz Moreira Neves), dominicano, sacerdote, prelado, ex-arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, nasceu em São João del Rei, MG, em 16 de setembro de 1925, e faleceu no Vaticano, em 8 de setembro de 2002.

Era filho de Telêmaco Victor Neves, bibliotecário municipal em São João del Rei, professor de música e regente da bicentenária Orquestra Ribeiro Bastos, de São João del Rei, e de Margarida Alacoque Moreira Neves, professora primária. Fez o curso primário no Grupo Escolar João dos Santos (1933-36) e o secundário no Ginásio Santo Antônio (1937-38), ambos em São João del Rei, e no Seminário Menor de Mariana. Continuou os estudos em São Paulo, no Convento Santo Alberto Magno, onde tomou o hábito dominicano, em 6 de março de 1944, fez Profissão simples na Ordem dominicana em 7 de março de 1945 e cursou Triênio de Filosofia (1945-47). Em 1948 iniciou o estudo de Teologia na Escola de Teologia dominicana em Saint-Maximin-la-Sainte-Baume (Var), França. Fez Profissão solene na Ordem dominicana no Convento de Saint-Maximin, em 7 de março de 1948. Recebeu a Ordenação presbiterial das mãos de Dom Alexandre Gonçalves Amaral, Bispo e depois Arcebispo de Mariana, em 9 de julho de 1950.

Exerceu o ministério sacerdotal em São Paulo, como Vice-Mestre de Noviços e contemporaneamente assistente eclesiástico da JEC (Juventude Estudantil Católica Arquidiocesana), em 1952-53. De fevereiro de 1954 a agosto de 1967 residiu no Convento de Santo Tomás de Aquino no Rio de Janeiro, exercendo os cargos de Assistente Eclesiástico da JUC Arquidiocesana (1954-59) e Vice-Prior do Convento. Ensinou na Escola de Teatro da ASA (Ação Social Arquidiocesana) e exerceu ministério junto ao meio teatral e aos intelectuais e artistas. Foi Vice-Assistente Nacional do Movimento Familiar Cristão (1959-65) e responsável pelo Departamento de Formação Religiosa na CRB Nacional (Conferência dos Religiosos do Brasil) de agosto de 1966 a agosto de 1967.

Eleito bispo titular de Feradi Maior e Auxiliar do Cardeal Agnelo Rossi, arcebispo de São Paulo, em 9 de junho de 1967, recebeu a Ordenação episcopal em 26 de agosto de 1967 em São João del Rei, sendo os principais ordenantes o cardeal Agnelo Rossi, então arcebispo de São Paulo, Dom Alano du Noday, O.P., bispo de Porto-Nacional, e Dom Delfim Ribeiro Guedes, bispo de São João del Rei. Na Arquidiocese de São Paulo, foi Vigário Episcopal para a Pastoral Familiar (1967-71) e Vigário Geral para a Pastoral dos Meios de Comunicação Social (1971-74).

Chamado a Roma por Paulo VI, ali exerceu os cargos de Vice-Presidente do Conselho para os Leigos (1974-79) e de Secretário da Congregação para os Bispos e do Colégio dos Cardeais (1979-87). Na Cúria Romana, foi também consultor do Consilium de Laicis (1971-74); membro do Comitê para a Família (1971-76); membro do Conselho do Sínodo dos Bispos (1976-77); membro da Comissão "Justiça e Paz" (1976-81); consultor da Congregação para a Doutrina da Fé (1978-87); membro da Pontifícia Comissão para a Pastoral da Migração e do Turismo (1980-87); membro da Pontifícia Comissão para a América Latina (1980-87); membro do Comitê para os Congressos Eucarísticos Internacionais (1982).

No dia 1º de janeiro de 1987 o Papa João Paulo II lhe atribuiu a Igreja titular de Vescovio em lugar do título de Feradi Maior. Foi nomeado, em 9 de julho de 1987, Arcebispo Metropolitano de São Salvador da Bahia e Primaz

bispo e cardeal primaz de Salvador na Bahia. Fizemos um trabalho na época; conseguimos dois aviões, um para levar medicamentos que nós conseguimos também no Rio de Janeiro mais cinco mil quilos de medicamentos. Em São Paulo não conseguimos nada; foi tudo de um laboratório do Rio de Janeiro. E outro avião foi levar os participantes; e os participantes eram todos da PUC de Campinas. E foram os padres também junto conosco, os padres verbitas, ali da Igreja do Monte Tabor, porque nós fomos para o Acre, em Rio Branco, D. Giocondo era o padre verbita e eles também comandavam religiosamente os padres verbitas. Aí fomos. Participamos desse evento lá no Acre. Recordo que uma equipe foi para Basileia, uma equipe ficou no Acre, na Boca do Rio Branco mesmo; Cruzeiro do Sul não foi possível porque não podia aterrisar avião. E a nossa equipe então foi para o Boca do Acre e ficamos lá mais de 30 dias. Isso foi em 1967.

SP: Janeiro de 67.

RL: Janeiro-fevereiro de 67. Eu tenho inclusive a matéria; esqueci de trazer a matéria que contou... quando fui... quando nós fomos... porque foi o pessoal do Rio de Janeiro também, uma cidadã, evangélica, tinha um trabalho muito grande; foi também junto conosco, religiosos. E quando nós fomos, a CRB, Conferência dos Religiosos do Brasil, comunicou ao Jornal do Brasil. E então eles foram lá fotografaram a gente saindo aeroporto com avião da FAB ...tudo... e quando nós voltamos, eles também nos receberam e eu dei uma entrevista no Jornal do Brasil.

A gente até por ... a princípio, não por maldade, mas por simplicidade, eu relatei ... assim... pintar o quadro como realmente era ... muito claro, sem fazer nenhum retoque e deu uma repercussão muito negativa perante até a própria Ordem nossa, a província. Que eu falei coisas que os padres vinham e não falavam... eu falei... mas não falei por maldade ... falei para registrar... e a gente... naquela questão de uma vida monástica, nós éramos muito ... como dizer... bem puritano. Nós não tínhamos maldade. Você descrevia tudo aquilo e eu percebi que não gostaram muito. Aí... e eu vim ... comecei a fazer uma avaliação da minha vocação ... se deveria continuar ou não. Aí o Frei Adauri numa reunião... você está quieto... o que está acontecendo? Aí eu expliquei para o Adauri o motivo pelo que eu pretendia sair porque para ser conivente com o que estavam acontecendo lá em cima; eu sei que seria muito impossível ser padre e se fosse um dia para lá, não teria condição nem de trabalhar. Não... não... não... mas vai levando... vai levando porque no final do ano vai trabalhar... quem sabe você pensa ... tudo. Aí o Frei Agostinho Belmonte, que era o provincial, veio conversar comigo. Só ouviu... só... Tudo que eu falei ele ouviu ... ele não falou nem nenhum A...

do Brasil. Recebeu o "Pálio" (insígnia dos arcebispos) das mãos de João Paulo II em 5 de setembro de 1987. A tomada da posse da Arquidiocese foi no dia 27 de setembro do mesmo ano.

Foi criado Cardeal no Consistório do dia 28 de junho de 1988 com o título dos Santos Bonifácio e Aleixo, do qual tomou posse solenemente no dia 9 de outubro do mesmo ano.

Foi membro da Congregação para a Educação Católica, desde 1994, e membro da Congregação para a Vida Consagrada, desde 1995. Neste ano foi nomeado presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil CNBB.

Dom Lucas recebeu os títulos de Doutor Honoris Causa em Teologia pela Universidade São Tomás de Aquino de Roma (1986) e pelo College Providence de Rhode Island (EUA); comendador da Ordem de Rio Branco (1986); Grã Cruz da Ordem do Mérito Militar (1988), do Mérito da Aeronáutica (1991) e do Mérito da Marinha (1994); cidadão honorário de Salvador (1988). Foi membro da Academia Romana de Santo Tomás Aquino e membro da Academia de Letras da Bahia. Cf. <https://www.academia.org.br/academicos/lucas-moreira-neves-dom/biografia>

nenhum B ... disse simplesmente: peça ...escreva uma carta para sair. Ele não questionou o porquê que eu fazia aquilo, qual a intenção minha, o que estava acontecendo. Quer dizer, ele não...não... não deu o valor do que eu disse ou subestimou o que eu estava falando. Mas tudo bem.

Pedi a... fiz a carta no final do ano saí. Até hoje não assinei essa carta de Roma. Como com o Adauri aconteceu a mesma coisa. Morreu o sacerdote. E um dia por acaso eu viajando a Franca, entrei num Cometa aqui em São Paulo e por acaso me sentei ao lado de Agostinho Belmonte. Ele tinha hábito, rezando o breviário. Eu me sentei e de fato ele fechou o breviário.¹⁵¹³ E nisso eu bati na perna dele e disse: “o senhor não está lembrado de mim?” Nós conversamos a viagem toda, Frei Sérgio, de Campinas a Franca sobre de vocação. E ele confessou muita coisa para mim que eles ... não ... vou falar abertamente ... eles padres brasileiros não tinham ação, não tinham como dominar os espanhóis. Foi isso que o frei Agostinho confessou para mim no cometa indo a Franca. Vou explicar o porquê que quando eu fui conversar com ele e outros foram falar com ele também e ele não tinha uma palavra de alento, uma palavra de saber, ele simplesmente não tomou conhecimento. Ele falou: “nós éramos pressionados”. Essa foi realmente... Depois de ouvir bastante o Frei Agostinho ... aí depois eu convivia bastante com Frei Agostinho aqui; eu já vivia aqui em São Paulo; ele vinha sempre aqui ... ele...Eu vim no velório dele. Ele foi sepultado no Cemitério da Lapa... e depois o bastante. Muito amigável. Meu filho ficou aqui também. Infelizmente já veio a óbito, mas ficou aqui noventa dias estudando para um concurso; e passou num concurso. Na época, o pároco¹⁵¹⁴ da casa era o Frei Dito. Então essa é uma história; e continuo até hoje vinculado à Igreja. Fiquei um momento um pouco retirado em função de constituir família. Você tem que correr atrás do... do... da parte financeira para manutenção e tudo.

Então eu estou ... tenho um trabalho intenso junto à Diocese de Bragança Paulista. Tem lá os agostinianos também que eu frequento a Paróquia Nossa Senhora Aparecida; tenho uma participação efetiva em todos os momentos ali sem compromisso com nada mais estamos sempre aqui à disposição; na própria catedral, D. Sérgio Aparecido Colombo, nosso Bispo diocesano; é muito amigo, atencioso; nós dialogamos bastante. Inclusive tive um momento em que eu fui vereador dei o título de cidadão Bragantino a ele. Ele é filho de Cajobi, aqui da região de Piracicaba, Limeira, de Americana; ali... sempre agiu e andou por aquela região. E o arcebispo de Ribeirão Preto, que faleceu a questão de uns três, quatro anos, Dom Giovan... Dom... Dom Giovan... Jovi... Joviano¹⁵¹⁵ foi colega nosso de sala de aula de teologia no IFT, primeiro e segundo anos, então várias pessoas subiram, saíram de lá com posições.¹⁵¹⁶

Entrevista RL 2 - continuação

SP: Então continuando a entrevista, né, Sr. Regis, só para dar uma síntese: o senhor entrou no seminário Agostiniano Recoleta em Franca em 1960...

¹⁵¹³ Livro de oração, tanto pessoal quanto comunitário, oficial da Igreja Católica e obrigatório na maioria das ordens e congregações religiosas.

¹⁵¹⁴ Equívoco: Frei Antônio Benedito Stefani, conhecido como Frei Dito, era o “prior” do Seminário Santa Mônica. Pároco era Frei Antônio Jacinto Gomes Junqueira.

¹⁵¹⁵ Estudou no IFT e secretariou algumas reuniões do D.A.XI.X. em agosto de 1968. Cf. Livros de Atas do D.A.XI.X, p. 82-86.

¹⁵¹⁶ A entrevista foi pausada nesse momento. Como era a primeira entrevista e devido a inabilidade do entrevistador com os equipamentos eletrônicos, houve uma pausa para conferir a gravação.

RL: Em Ribeirão preto

SP: Ah, em Ribeirão Preto, no Colégio São José, em Ribeirão Preto, em 1960.

RL: Isso

SP: O senhor foi lá pra o seminário de Franca na Capelinha,¹⁵¹⁷ em...?

RL: Em 62

SP: Em 62 o senhor foi para Capelinha estudar, fazer o noviciado...

SR: Fazer o noviciado. Começamos no dia 22 de fevereiro e terminamos em fevereiro de 63.

SP: Então em 63, 64, 65 o senhor estudou no seminário Agostiniano Recoleta, em Franca.

RL: No curso de Filosofia

SP: Fez a Filosofia lá. Em 1966, o senhor veio para São Paulo para estudar no Instituto de Filosofia e Teologia, o IFT, que é o objeto da nossa pesquisa aqui.

RL: Nós chegamos aqui e fomos morar com os padres Camilianos, lá no Jaçanã, onde uma turma de 65 já estava lá. Ficamos lá em 66; quando foi em 67, terminou o contrato com os Camilianos, fomos com os padres Verbitas, lá da igreja São José, no bairro do Ipiranga.

SP: Foram morar com os verbitas, lá no Ipiranga. Ah! Isso em 67? Começo de 67?

RL: Começo de 67, início do ano...

SP: Então de 65, a 1965, 65 e 66 os estudantes agostinianos recoletos moraram junto com os camilianos lá na Jaçanã... certo? E, Fala um pouco, então, dessa sua experiência enquanto, no ano de 1966, enquanto vocês estavam residindo lá com os camilianos e estudando no IFT, né?

RL: Então, naquela ocasião estava havendo uma reforma muito grande, física, na região de Santana, Tucuruvi; estavam tirando a antiga estada de ferro do Jaçanã. E nós estudávamos no IFT, à tarde; e nós tínhamos ônibus particular, que os padres, os camilianos tinham contratado para nos levar e trazer de volta no seminário; a aula era à tarde, às 13:00; nós almoçávamos mais cedo. Vínhamos todos, os camilianos, nós, tinha o Moura também, um diocesano, morava lá também e o pessoal vinha cantando. Eu lembro quem alegrava o ônibus com o violão era o Alberto Fontanella. Ele ia e

¹⁵¹⁷ “Capelinha” é o nome popular do Seminário Nossa Senhora Aparecida, Franca, SP, da Ordem dos Agostinianos Recoletos. Até meados da década de 1960, era aí que os seminaristas e frades faziam o noviciado, o curso de Filosofia e o curso de Teologia. Com a transferência dos estudantes para o IFT, em São Paulo, deixou de receber novos seminaristas. Voltou a ser seminário de formação para estudantes que terminavam o ensino secundário e reiniciou o curso de Filosofia a partir de 1974.

voltava cantando e todo mundo ia e voltava cantando com ele. (rs), então ele era uma grande festa e tornava a viagem mais leve, porque as vezes nós gastávamos de 2 a 3 horas numa viagem por causa do trânsito ...tudo parada. Naquela época não havia Metrô; não havia essas grandes vias que nós temos hoje, era muito precário. Então as aulas iniciavam e à tardezinha nós retornávamos, era um outro problema sério, porque o fluxo de ônibus era muito grande, trânsito tudo congestionado. Nós saíamos às 16:00¹⁵¹⁸ do IFT, nós chegávamos lá no Jaçanã tipo 7, 7:30, 8:00 da noite. Então, era um trabalho assim como o do cidadão comum da cidade; e quando nós estávamos morando no Jaçanã, nós passamos a ter uma participação mais efetiva também na comunidade com reuniões de trabalho próprio da época...

SP: ... na comunidade que o senhor fala...

RL: ...Jaçanã...

SP: ...ali com o povo

RL: ... com o povo, exatamente, com o povo. Então todos tinham uma participação efetiva. E nós dávamos aula. Eu lembro que eu dava aula numa escola chamada GEPEF- Escola, Ginásio Estadual, que era o nome da época, Ginásio Professor Eurico Figueiredo. Então nós dávamos aula. Falava de religião, mas era praticamente, falava da formação humana, propriamente; era isso aí, pra juventude. Nós não ganhávamos nada; não éramos remunerados, mas todos iam dar aula. Então a gente fazia aquilo com muito carinho com muita determinação; e nós que viemos de uma clausura para ter uma vida aberta. Então mudou totalmente o comportamental. Aí você começava a ter uma participação mais efetiva com a comunidade.

SP: É... O IFT, nesse período então, é, de 1966, funcionava no centro aqui da cidade...

RL: É... no Des Oiseaux, na rua Caio Prado. Era um prédio centenário. Realmente, eu não quero imaginar que São Paulo fez isso, com aquele prédio. Era um marco histórico, era pra ser um museu; era pra ser tudo, menos virar sucata. Realmente é lamentável! E o terreno está lá abandonado; ninguém é dono de nada e também não sei o porquê que colocaram no chão aquilo.

SP: Certo! Com relação ao IFT, né? O senhor sabe alguma coisa a respeito da fundação, da criação? Como que foi esse processo de criação do IFT? O senhor ouviu na época algum comentário?

RL: não, não.

SP: Sabe alguma coisa?

RL: Naquela época o relacionamento, fra... corista¹⁵¹⁹ com a cúpula dos comandantes do convento, não tinha muito diálogo, né? Você sabia das notícias, você sab..., você não tinha a notícia completa: "Ah, no ano que vem os coristas vem pra São Paulo

¹⁵¹⁸ Mais adiante, ele diz que as aulas eram até as 18:00.

¹⁵¹⁹ "Corista" era o nome dado aos seminaristas após o noviciado, com a profissão dos votos e já frades membros da ordem.

fazer Teologia”. Mas iam pra São Paulo fazer o quê? Com quem? Como? Esses detalhes nunca falaram conosco. Nós ficávamos só aguardando o que ia acontecer, mas realmente chegar especificamente e falar o porquê... lógico, depois você vai deduzindo, porque, na época, no caso de Franca, por exemplo o convento de Nossa Senhora Aparecida, chegava ao quarto ano de Teologia você tinha três estudantes de Teologia e tem uma equipe de professores, que na época, eram todos sacerdotes. Era clausura; não entrava ninguém leigo para dar aula lá no convento em Franca. Então eram todos os cursos ali lembro, era o Aurélio, frei Aurélio, frei Luiz Varanda, frei Luiz Gonzaga, frei Estevão Montes, frei Agostinho Belmonte, não... frei Agostinho Belmonte não esteve tanto em Franca, mas em Ribeirão Preto, frei Agostinho Borges, lembro dava psicologia pra nós. Então realmente nós não tínhamos muita participação do que estava acontecendo...

SP: ... as decisões eram sempre...

RL: Da província e, no caso, do superior; e o provincial na época era frei Estevão. Frei Estevão.... O frei Lauro foi um dos incentivadores. Gostava dele; o frei Lauro sempre foi um grande filósofo e tinha a visão aberta pra tudo, né? Então realmente...

SP: Bom, então, assim, o IFT, ele foi ... ele começou a funcionar em 1965?

RL: 1965

SP: Isso! O senhor entrou em 1966?

RL: 1966... Quando eu cheguei, o Magnífico, o Magnífico reitor, né? Era o padre Olinto Pegoraro, que era camiliano, camiliano, camiliano. E quando eles fo..., saíram da Caio Prado, que é o Des Oiseaux, foram para a Martiniano de Carvalho. Eu já não estava mais. Eu acredito que eles devem ter ficado no Des Oiseaux, 65, 66, 67, acho que 68 ainda. Não tenho certeza.

SP: Certo. É... Quais foram, as, então... antes de entrar na ... o IFT era uma iniciativa, como instituição da CRB, da Conferência dos Religiosos do Brasil?

RL: ... Conferência dos Religiosos do Brasil. Então participava lá, ordens religiosas, mosteiro, como no caso Mosteiro de São Bento tinha um representante lá também, que era estudante conosco, Dom Teodoro;¹⁵²⁰ tinham congregações; é... depois começou a aparecer alguns estudantes também da diocese, então, tinha o Silas...então o Silas Esquiliano, se estivesse vivo, eu acredito seria sacerdote. Silas faleceu lá no Brás, na igreja de São João Batista, no Brás. Na Rangel Pestana, parece-me. Então essa participação ali, o que me chama também atenção, frei Sergio, é que todos nós oriundos de congregação ou oriundos de ordens religiosas, nós tínhamos uma hierarquia e nós acatávamos aquela hierarquia e ninguém falava. E quando chegou ali, o pessoal ficou meio solto e Vaticano II já estava... já tinha iniciado. Então o pessoal passou a não ter o mesmo comportamental que tinha dentro de seus colégios ...

¹⁵²⁰ Trata-se de Sinval de Itacarambi Leão, cujo nome aparece com frequência nas atas do D.A.XI.X., membro muito atuante no diretório acadêmico.

SP: Então o Concílio do Vaticano II, ele teve suas últimas sessões exatamente no final de 1965, né? Ou seja, 1966 o Concílio já tinha encerrado ...

RL: ... já tinha encerrado...

SP: Então o senhor diz assim que houve uma mudança de comportamento...

RL: Mudança comportamental. Porque, vamos dar o exemplo nós viemos pra cá, e viemos à São Paulo. Ninguém conhecia São Paulo. Ninguém conhecia nada. Tudo vinha de boca; caía de boca aberta. Eu não vou citar o nome de um frade lá; nós passamos uma ocasião de ônibus perto da Estação da Luz e olhou pra lá e falou “Nossa que igreja bonita”. E era a Estação da Luz. Então... eu não vou citar o nome porque a gente respeita a história das pessoas, mas, nós, eu vou dizer o português claro, vivendo hoje, nós éramos totalmente ingênuos. Totalmente ingênuos! Se muitos não ficaram, foi por ingenuidade; pode ter certeza. Se tivesse alguém conversado ... falo não só dos agostinianos, as congregações de um modo geral, se alguém tivesse na época dialogado com os estudantes, mostrado a realidade total, nós não tínhamos saído, nós tínhamos per..., teríamos persistido e sido sacerdotes.

SP: É ... como que era antes, quais então as congregações que o senhor se lembra que participaram ali do IFT? As congregações e ordens religiosas? Algumas o senhor já falou...

RL: É, os carmelitas, os dominicanos, os camilianos, é que são tidos como os fundadores, os idealizadores, mas aí tinham os agostinianos recoletos, tinham os sacramentinos, tinham os verbitas, tinham os olivetanos, olivetanos... tinha uma congregação que comanda a igreja de Nossa Senhora Aparecida lá de Moema. Não lembro o nome da congregação, também tinha o pessoal daquela igreja ... tinha um pessoal de uma igreja também da Vila Formosa que eu não lembro o nome da congregação, essa era uma congregação também, que mais?

SP: Eram somente congregações masculinas?

RL: É! A princípio, na minha época, só masculina. Eu sei, que parece que depois passou a ter também freiras,¹⁵²¹ tendo a participação fazendo teologia também, teologia e filosofia, mas não estava na minha fase.

SP: Certo...

RL: No meu momento, não. E recordo muito bem de reunião, aí tem um ... eu vou falando... teve um envolvimento político muito grande, na época. E eu recordo muito bem as reuniões comandadas pelo frei Tito. Ele reunia todo o pessoal da filosofia e o pessoal da teologia. Ele era um líder nato! Ele levantava o bracinho, ele era gordinho, o braço esquerdo assim e chacoalhava o punho assim. Aquilo punha fogo na turma. A

¹⁵²¹ Nas reuniões do D.A.XI.X. aparecem dois nomes femininos: “Beatrice” e “Terezinha de Lisieux Vasconcelos”. A primeira, trata-se de “Beatrice Laurette Wittner”, belga e de nascimento, naturalizada brasileira, estudante, interrogada pelo DOPS nos dias 19 e 20 de abril de 1971. Mantinha amizade com padres, freiras e seminaristas do IFT. Sobre “Terezinha”, secretariou várias reuniões do D.A.XI.X.; escreveu um trabalho de uma disciplina relacionada à “moral” em 1968. Estranhamente, nenhum dos entrevistados nem outros que passaram pelo IFT se recordam dela. Em 1969, há registros de outras mulheres no IFT, sendo uma delas “Irmã Leocádia”.

determinação com, como ele falava. Talvez nós, por inexperiência, aplaudimos, envolvemos e muita turma envolveu. Nós tínhamos lá o frei José Giovane, apelidado de Amendoim, que envolveu ... quando saiu a listagem dos cassados na época ele sumiu no mundo. Pra nós ele tinha falecido. Quando se foi a anistia em 79, ele apareceu. Tava lá em Maracanaú, no Ceará (rs). Mas o que mais envolveu mesmo os agostinianos assim, politicamente, consciente do que estava fazendo, foi o José Giovane. Eu lembro ... posso falar?... eu lembro de reunião, que quando nós fomos morar lá no... como se fala... no bairro do Ipiranga, a província através do frei Aduari, compraram uma casa no José Candido de Sousa,¹⁵²² onde fizeram um núcleo de moradia, então, 97, 67 ficaram lá no Ipiranga, mas 68 já transferiram todos pra casa, rua José Candido de Souza, ali na, uma travessinha da avenida Santo Amaro, bem próximo de Santo Amaro. Então lá José Giovane, o Paulo Travassos, tinha a Rosa, uma japonesa, o Zé Genuíno,¹⁵²³ na época, eles faziam reunião de guerrilha ali dentro. Então, isso naquela ep... eu morando na mesma residência. Não participava por uma questão de princípios...

SP: Isso em 1967? 68?

RL: Fim de 67

SP: ... fim de 67

RL: Então ele fez, fazia reuniões ali pesadas, pesadas, pesadas. Até tinha... Punha tudo lá no forro

¹⁵²² Em 1966, quando a Província de Santa Rita de Cássia, da Ordem dos Agostinianos Recoletos, decidiu pela permanência dos estudantes de Filosofia e Teologia no IFT, alguns imóveis foram adquiridos para locação e, assim, ajudar na manutenção dos seminaristas em São Paulo. Nessa ocasião, uma casa foi comprada no bairro de Santo Amaro para residência dos seminaristas. Até então, eles moravam em seminários de outras congregações como os camilianos e os verbitas. Após o Concílio Vaticano II, várias ordens e congregações religiosas deixaram os “grandes seminários” e as “grandes obras” e adquiriram imóveis comuns como “inserção no meio popular”. Essa residência no bairro de Santo Amaro foi chamada posteriormente de “Seminário Santa Mônica I”, pois em 1975 a província construiu na Vila Hamburguesa, Lapa, um seminário próprio, também chamado de “Seminário Santa Mônica”. Nesse caso, seria “Seminário Santa Mônica II”. É a casa onde resido no momento e onde o Sr. Regis fez a entrevista.

¹⁵²³ Provavelmente trate-se de “Luís Travassos”, que “nasceu em 1945 em São Paulo e faleceu no dia 24 de fevereiro de 1982 no Rio de Janeiro. Estudante de direito da PUC-SP, foi eleito presidente da UNE no XIX congresso da entidade, realizado de forma clandestina em 1967. Travassos foi eleito em um comício-relâmpago realizado na Praça da Sé de São Paulo no dia 10 de agosto, que durou apenas 15 minutos, longe da atenção da polícia, que procurava pelo presidente-eleito da UNE. As outras duas etapas do congresso foram realizadas em um convento em Vinhedo, no interior de SP, em escolas de São Paulo.

Travassos foi um dos líderes e organizadores da Passeata dos 100 Mil, manifestação popular que aconteceu no centro do Rio de Janeiro, em 26 de junho de 1968, contra o governo militar. Preso em outubro do mesmo ano no 30.º Congresso da UNE, em Ibiúna, interior de São Paulo, foi solto com mais 14 presos políticos, em setembro de 1969, em troca da vida do embaixador Charles Elbrick, sequestrado no Rio de Janeiro por guerrilheiros da Ação Libertadora Nacional (ALN) e do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8).

Após dez anos de exílio em Cuba e na Alemanha, Travassos retornou ao país dois meses depois da publicação da Lei da Anistia em 1979. Passou a trabalhar como tradutor de alemão e ingressou no Partido dos Trabalhadores (PT). Morreu no Rio de Janeiro, aos 37 anos, vítima de um acidente de carro no Aterro do Flamengo.” Cf. <https://www.une.org.br/presidentes/luis-travassos/>; de Rosa, japonesa, não foi encontrada nenhuma referência; “Zé Genoíno” trata de José Genoíno Guimarães Neto, cearense, atuou na guerrilha do Araguaia e foi militante do Partido dos Trabalhadores (PT) cf. <http://www.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-genoino-neto>.

SP: ... armamento?

RL: Armamento, é...

SP: Certo.

RL: Então, quando estourou em 69 e ele apareceu na lista dos procurados, ele se mandou; foi embora. Ninguém sabia pra onde que estava. A mãe dele faleceu, a família faleceu, ninguém sabia noticiá-lo. Quando deu a anistia em 79, ele deu as caras no mundo. Eu estive na casa dele, inclusive, lá em Maracanaú.

SP: Bom, ainda com relação ao IFT, é, então o funcionamento do IFT era na parte da tarde? As aulas eram administradas à tarde?

RL: ...à tarde, à tarde.

SP: Certo... de que horas a que horas?

RL: das 13 às 18 horas

SP: das 13 às 18?

RL: Eu lembro que nós almoçávamos no Jaçanã. Nós saíamos pra aula depois do almoço.

SP: Com relação aos professores, né... É... Quem eram os professores?

RL: Olha, nós tínhamos na época, acho que José Neves, um dominicano, frei Luciano Parise, um dominicano, porque eu lembro muito bem uma frase do Luciano Parise, que ele citou e me gravou profundamente na cabeça ... Carlos Mesters, Aducci Fiorotti, Frei Olinto mesmo, que era o magnífico reitor, Ulhôa Cintra, acho que era Ulhôa Cintra¹⁵²⁴, diocesano, tinham uns padres que vinham lá da ... que era Colégio Imaculada Conceição, depois transformou na FAI; eram diocesanos que vieram dar aulas pra nós aqui.

SP: Com relação às aulas, o senhor falou do IFT assim como... como sendo após o Concílio e houve uma certa mudança de comportamento; no modo de dar as aulas, de administrar as aulas...

RL: não, foi tradicional mesmo, o esquema tradicional. Então, realmente era o professor falando na frente e você ouvindo e questionando, tudo, mas é o tradicional, lá na lousa é o professor, é o próprio da época, né? É o tradicional.

SP: Certo

¹⁵²⁴ Talvez se trate de Benedito Ulhoa Vieira (1920-2014), nascido em Mococa, SP; estudou Filosofia e Teologia no Seminário Central do Ipiranga, São Paulo, SP, ordenando-se padre a 8 de dezembro de 1948 pelo Cardeal D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Costa. Em 1953 doutorou-se em Teologia; assumiu relevantes cargos em São Paulo: Professor e Capelão da PUC; Reitor do Seminário Central do Ipiranga; Vice-reitor da PUC e Pároco dos Universitários; bispo auxiliar em São Paulo de 1972 a 1978, quando foi nomeado arcebispo de Uberaba-MG.

RL: ...o sistema eletrônico, não havia ainda todo esse processo todinho de modernização.

SP: É, quanto assim a... a diálogo com os alunos...

RL: A não, isso era tranquilo, no diálogo era sossegado. Tranquilo, e, não, é que o pessoal, você, é o que citei agora pouco, quem saia da sua congregação, saía da sua ordem religiosa, ou no caso do Teodoro saía de monge, dos monges beneditinos, então tinha sua vida interna de Congregação e no caso era clausura ainda, naquela época, tudo diferente. Ninguém falava dentro do corredor, fal... Aí você sair fora do Instituto forma uma espécie, uma Babilônia de frades. Então cada um começa a pôr pra fora tudo aquilo que as vezes dentro do convento era reprimido, que ninguém falava, ou nem sabia que estava acontecendo também, porque no que veio pra cá você tinha acesso à jornal, acesso à televisão e tudo. No nosso caso, lá em Franca, nós não assistíamos televisão, nós nem sabíamos o que estava acontecendo; e a televisão era precária naquela época. Eu recordo no noviciado nós sabíamos quando saía gol do Brasil, em 62, por causa dos foguetórios na região do convento (rs) e o frei José falava: “Brasil ganhou”, por causa da quantidade de fogos soltados várias vezes, “Brasil ganhou” (rs).

SP: Ainda assim com relação a questão do ensino, né? Como que o senhor vê o ensino que foi dado no IFT? O senhor foi como estudante de Teologia?

RL: ... Teologia. Mudou bastante do que era dentro do convento nosso lá e dos demais conventos e passou a algo mais aberto, uma bibliografia mais atualizada. Veio muito material já subsídio do Vaticano II. Eu me recordo que tenho livros até hoje que comprei na época para isso, e um grandão deixei inclusive na casa com a turma, seria um resumo de comentários sobre o Vaticano II. Não sei se ficou direto com o grupo, se o Jairo levou pra ele, especificamente, mas é realmente era bem aberto, bem diálogo. E houve aquela mudança da igreja também, né? Nós tínhamos a missa em latim e passou a ser em português. Mudou totalmente o perfil. O altar, o padre ficavam de costas, passou a ficar de frente. Então mudou totalmente.

SP: É... o senhor passou ali pelo IFT, nesse momento que o IFT funcionou no Colégio Des Oiseaux?

RL: ... Des Oiseaux

SP: ... lá na Caio Prado...

RL: ... Caio Prado

SP: ...com a Rua Augusta?

RL: com a Rua Augusta, é... Isso mesmo.

SP: Ali perto da Consolação...

SR: Isto... é.

SP: O IFT... ele teve um diretório acadêmico, né?... Que era formado pelos alunos. O senhor chegou a participar desse diretório acadêmico?

RL: Participei, participei das reuniões e recorde, como citei agora pouco, frei Tito, comandando. Só me lembro do frei Tito fazendo o comando geral de toda movimentação do Instituto. Frei Tito foi a cabeça pra tudo ali. Aí depois vai saber, posteriormente, vai começar a estudar, tudo, as implicações que houve. Na época você envolvia, mas não ficava sabendo das implicações que poderiam acontecer, como aconteceu, houve uma greve realizada e a maior parte dos estudantes, muitos, alguns iam de batina, outros nada e fizeram uma greve e “todo mundo tem que vir de batina e hábito” e chegou todo mundo, lá tinha franciscano também. Che... franciscano não tinha não. Chegou todo mundo lá de hábito. O carmelita ... todo mundo de hábito ali; cada um com o hábito da sua congregação e sua ordem religiosa; e desceram. Saíram pela rua Caio Prado; reunimos no IFT; desceu a rua da Consolação, avenida Ipiranga, avenida Ipiranga pra entrar na Duque de Caxias e depois sair na porta do DOPS. Era uma afronta diretamente ao poder constituído na época.¹⁵²⁵

SP: E qual foi o motivo dessa manifestação?

RL: O conteúdo eu não sei. Realmente não lembro, mas foi alguma coisa contra o governo, de algum ato institucional Nº 5,¹⁵²⁶ alguma coisa por aí. Só que eu acho que, dentro da minha cabeça, eu não fui, mas eu tava, eu fiquei à paisana na rua pra ver o pessoal que tava indo, né? Eu achei um abs... eu na minha avaliação, eu que normalmente que ia de hábito às aulas, esse dia fui à paisana e eles que iam à paisana, foram tudo de hábito. Eu fui mais para ver a movimentação. E foram todos presos e fecharam as ruas de perto do DOPS ali na antiga rodoviária, eu lembro do “Mané” Gaudêncio,¹⁵²⁷ aquele nosso, de união de turma, ele foi pego dentro da rodoviária, não tinha como esconder de hábito, mesmo se tirasse o hábito pra ir embora e enrolar pra por debaixo do braço, não tinha como. Então todos foram envolvidos, tiveram problemas seríssimos com serviço; eu lembro o “Mané” Gaudêncio, ele prestou um concurso público para o Hospital do Servidor público e já estava trabalhando quando surgiu lá, foi pegar documento no DOPS, estava fichado. Todos eles fichados. Aí foi embora para Brasília, o irmão dele, padre Tarcísio, muito relaci... era salesiano, muito relacionado em Brasília, e deu aula lá e ficou por lá.

SP: é, no caso desse, do diretório acadêmico, o senhor falou que chegou a participar então de algumas reuniões, né? Como que eram as reuniões, o que que normalmente se discutia?

¹⁵²⁵ Provavelmente, trata-se da manifestação dos estudantes em frente ao DEOPS, São Paulo, no dia 03 de agosto de 1967. Depois, os estudantes participaram também de outras manifestações, conforme o livro de atas do D.A.XI.X.

¹⁵²⁶ O Ato Institucional nº 5, AI5, foi o quinto dos dezessete decretos baixados durante o regime militar; foi promulgado no dia 13 de dezembro de 1968; portanto, não se trata desse motivo. Caso seja a manifestação em 03 de agosto de 1967, o motivo foi o protesto contra a invasão da polícia em alguns conventos e a prisão de alguns religiosos, entre eles “Frei Chico”, dominicano.

¹⁵²⁷ Trata-se de “Gaudêncio Caliman”, cf. Livro de Atas do D.A.XI.X., que também foi seminarista agostiniano recoleto. Segundo Sr. R. L., eles o chamavam por apelido “Mané”. Paulo Gaudêncio foi um psiquiatra, formado pela USP e pela Faculdade de Filosofia “Sedes Sapientiae”, que deu aulas no IFT, segundo entrevista com Pe. Paulo Homero Gozzi.

RL: Não, não. As reuniões eram...

SP: Onde eram as reuniões?

RL: No salão, o salão grande que nós tínhamos no IFT ali na Des Oiseaux, reunia todos os cursos ali, era reunião específica para isso, agora o conteúdo, conteúdo era política comandado pelo frei Tito. Então mais ninguém falava. Era o frei Tito que comandava. Então ele era a cabeça filosófica e teológica pensando para o grupo. E outros, a turma que se juntou a ele, no caso o Zé Giovane, se tem mais alguém, não lembro realmente para citar nomes, né? Mas tiveram problemas seriíssimos e o frei Tito, viu o que aconteceu com ele, né? Foi embora e acabou fazendo, ficou totalmente neurótico, né? Em função das ações.

SP: É, o frei Tito ele foi preso, sofreu torturas e teve depois distúrbios psiquiátricos por conta...

RL: ... psiquiátricos. E teve muitos que fugiram também do Brasil e foram para o Uruguai ... e foram para Argentina.

SP: O diretório acadêmico, ele, ele promovia algum tipo de atividade de cunho acadêmico dentro do..?

RL: Não lembro, não lembro, não lembro... Eu quero acreditar que se mexer nos anais, deve ter algum livro de atas por aí, aonde e com quem está, nós não sabemos, mas deve ter atas de reuniões, pessoal assinava livro, o que ser era tratado, o que tava programado. Então tem que descobrir onde estão esses livros de atas, se é que o DOPS não pegou.

SP: Certo. No caso do diretório acadêmico, é, como que era o relacionamento do diretório acadêmico com a diretoria do IFT? Com... Havia algum tipo...

RL: Não, não, não. Parece que o Instituto foi criado mesmo com um propósito, né? Depois que eu faço essa análise. Não na época, né? Na época não tinha cabeça para pensar. Mas hoje, quando foi criado o Instituto, até pelo falecimento do próprio Instituto, foi criado com esta finalidade de questionar o governo. Eu faço essa conclusão que eu fui participar de uma reunião na Universidade de São Francisco de Bragança, a pouco tempo, pouco tempo, uns 10, 15 anos, e tava o provincial lá, muito bem postado lá e falando, falando tudo o quando possa imaginar, e eu sentado ali, paletó e gravata, um negócio muito formal e a hora que eu perguntei pra ele "o senhor está citando tanta coisa aí, o senhor não está lembrando do Instituto de Filosofia e Teologia". Ele só não falou, não me disse pra mim calar a boca, mas eu percebi que o termo "Instituto de Filosofia e Teologia" não era pra ser discutido ali. Ele era provincial, não sei se estava em Brasília, onde estava; bem relacionado com o governo, que sei que a Universidade foi bem favorecida com a, com o poder passado, né?

SP: O Senhor acha, é, no caso, não deveria ser discutido, isso que ano mais ou menos teria sido? O senhor se lembra desse fato?

RL: Eu acho que faz uns 20 anos, que eu acho, eu tava no gabinete do prefeito. Fui representar o prefeito.

SP: Uns 20 anos... isso teria sido por volta do ano 2000, então?

RL: É...

SP: Então o senhor fala, sobre o IFT pesava essa questão de algo que surgiu como contestação ao governo...

RL: ... aí comecei a fazer questionamento sobre o IFT pra mim. Aí comecei a fazer questionamento. Ele não deu atenção ao que eu perguntei e todo mundo ficou olhando, né? E percebeu o porquê que ele não respondeu. Aí fui tentar descobrir um pouquinho mais, mas não sei muito o interesse histórico, né?

SP: Esse era um dos superiores franciscanos?

SR: é, o provincial...

SP: ... e os franciscanos não fizeram parte do IFT?

RL: Não, não, não fizeram parte, não. Não fizeram parte. Então, várias congregações não fizeram parte, cada um tinha seus motivos, mas, o que realmente apareceu bastante foram os dominicanos., foram mais ferrenhos. E nós tínhamos professores jesuítas também, mas não lembro de ter visto jesuíta como estudante

SP: Certo... com relação a... a hierarquia da Igreja Católica, é... o IFT, ele praticamente foi extinto depois de um conflito com o Cardeal. O senhor nesta época não estava mais... Já tinha se retirado da vida religiosa...

RL: Não estava... numa ocasião... o Dom Agnelo Rossi, ele foi arcebispo em Ribeirão Preto, então, nós de Franca o conhecíamos, se ele não reconhecia a gente... mas nós convivíamos com ele quando ele ia a Franca. Eu lembro uma das vezes que ele foi a Franca, no convento lá, nós tínhamos o hábito de beijar a mão, o anel. Rapaz, quando eu abaixei, o capuz levantou, ele falou assim: “vem armado me receber?” Eu tinha uma faquinha (rs) que eu carregava no bolsinho do hábito (rs). A gente saía no quintal pra chupar laranja (rs). Eu lembro que ele falou assim “mas você veio me receber armado?” (rs). Então me chama atenção que eu registro, nós estávamos todos sentados,¹⁵²⁸ chegávamos e entrávamos no salão, tinha árvores, bem arborizada, bancos e Dom Agnelo chegou todo, todo... ninguém levantou... ninguém foi cumprimentar o Dom Agnelo. Mas me ... fiquei ... sabe ... você percebe aquilo. Uma mudança de comportamental, de frades, monges, tudo, perante uma autoridade da igreja...

SP: O senhor...havia uma certa indisposição?

RL: ... dos estudantes

SP: ...é... dos estudantes?

RL: ... dos estudantes

¹⁵²⁸ Isto no IFT, no Colégio Des Oiseaux, em São Paulo.

SP: ... uma certa resistência

RL: ...resistência. Sabe que consta... na década de 60, uma década de mudanças, então foi na política, com a revolução de 64, na igreja com o Vaticano II... até então ninguém saía, você sabe, conhece a história. O cara gostava ou não gostava, ficava até o fim como sacerdote. Depois do Vaticano II foi diáspora geral. Diáspora na igreja, diáspora nos conventos, nas congregações de modo geral.

SP: Essa diáspora, essa, essa retirada de muitos frades, de muitos padres, muitos religiosos, o senhor acha que se deve mais exatamente a que?

RL: Eu acho que a própria formação da época. Porque você vivia enclausurado. Vou citar o nosso caso de agostiniano: Ribeirão Preto. O cidadão vinha do Espírito Santo e ficava ali, 4 anos, inclusive de férias, que, mandar pra casa era um custo muito alto. Então ficava ali ... então brincava, jogava bola. E quando eu era criança, tudo bem; você vai ficando jovem tem outras ... a cabeça começa a circular, mas você não tinha contato ... naquele tempo não tinha televisão, não tinha jornal, não tinha nada. Você ouvia falar, no caso de Ribeirão Preto, Botafogo,¹⁵²⁹ é Botafogo, é, radio ligado, Comercial. Aí o pessoal do Rio, do Espírito Santo era Flamengo, Vasco, tudo, quer dizer, era uma pura alienação através do esporte, torcendo e brigando por causa disso aí. Então a hora que você cai no mundo real fora, cai fora da sua instituição, se cai fora e você fica ... agora não tem superior que vai mandar, não tem mestre que vai mandar. Então você começa a pensar; você começa a enxergar com seus próprios olhos. Só que você não foi preparado para encontrar essa realidade fora. Eu recordo, não vou citar o nome do padre, que quando nós estávamos em Ribeirão Preto, quando estávamos, viemos pra São Paulo, eu fui à Franca votar em 66. Eu fiz amizade com a parte política em São Paulo, então tinha um bom relacionamento com eles, porque também, como começou eu não sei, mas se eu precisasse de um ônibus hoje, às 5 horas da tarde, eu ligava para um vereador de São Paulo e falava “preciso de um ônibus para as 5 horas” ... “onde é que é pra mandar?” O ônibus chegava, entendeu? E não tinha aquela burocracia de pegar, é, a autorização do pai, da mãe, nada.

Eu levava, uma ou duas vezes por mês os alunos do Jaçanã pra ir no clube lá em Atibaia (rs). Levava aqui em Itapeverica, eu nem sei onde que é mais, nem sei onde é mais, então...

SP: ... os alunos do seminário?

RL: ... não, não. Os alunos onde a gente dava aula

SP: Onde vocês ... as escolas onde vocês davam aulas?

RL: Então eu fui votar em Franca e a turma lá queria saber, aí e eu lembro ... o Jairo, todo mundo queria saber “como é lá e b...b...b...?” E eu não sei se eu levei um litro de Martini e a hora que terminou as orações da noite, nós fomos tudo, a hora que silenciou, foi todo mundo para o quarto do Jairo; foi todo mundo lá e o Adauri dava cigarro pra nós. Nós começamos a fumar aqui. Então você vê, são umas coisas, bobeira, mas, mudou. E eu acho que o frei Estevão cismou e foi dar uma volta e chegou no

¹⁵²⁹ Trata-se dos clubes de futebol “Botafogo” e “Comercial” da cidade de Ribeirão Preto.

quarto do Jairo, nós estávamos do outro lado e (rs) “mi...mi...mi...miii...mi” ... e, pôs tudo pra correr, né? (rs). Então, mas bobeira. E ele me chama e ... “Vocês aí em São Paulo, vocês estão pecando”. Quer dizer, dentro da ideia dele, nós estávamos pecando em São Paulo. Então, o cara falar isso pra mim com mais de 20 anos de idade. Não tinha muita noção de muita coisa, mas sabia o que era certo e o que era errado. A gente tinha noção dessas coisas. Ele achava que nós saíamos para fazer pastoral nos bairros do Jaçanã e nós estávamos pecando.

SP: Pecando porque estariam fora do convento...

RL: não sei... sei lá...não sei que passa pela cabeça, né? A gente não sabe o que passa pela cabeça das pessoas. Então...

SP: Isso já seria então, o que? 67?

RL: 66...

SP: 66...

RL: Primeiro ano que nós chegamos aqui. É que eu fui votar e teve esse episódio, lá.

SP: Ah sim...

RL: Aí o que aconteceu? No final do ano? Ninguém mais foi passar férias em Franca (rs). Cada um foi pra onde... eu fui pra Franca e fiquei na minha casa e só ia dormir no convento. Não podia ficar o dia inteiro no convento. Coisas... Aí a turma do Espírito Santo, foi tudo para o Espírito Santo de batina e tudo. Isso final de 66.

SP: Bom, seu Regis, é, tem alguma outra coisa em relação ao IFT que o senhor se lembra, o senhor gostaria de falar?

RL: Em questão ao IFT, você tinha lá o Dom Teodoro, que era um monge beneditino, havia saído, ele acabou envol... ele foi preso envolvendo o caso do Marighela. Ele foi trabalhar em Petrópolis lá com os frades, é, franciscanos, envolvido lá e naquela época a contrainformação estava correndo, né/ e ele foi preso e acabou entregando o Marighela na Alameda Casa Branca. Só isso, mas já estava fora da instituição, não estava mais na instituição, não estava na instituição, mas foi produto de toda movimentação interna dali. Por isso que acho seria interessante ter alguém, mas não tem... não sei se o Luiz Roberto Benedetti¹⁵³⁰, focar algum. Tinha bastante gente aqui de São Paulo ... também camilianos. Os camilianos eram muito intensos nessa movimentação.

SP: Uma movimentação política...

RL: ... política. E tem um, que eu quero lembrar o nome dele, Ansilero,¹⁵³¹ está em Brasília com um restaurante.

¹⁵³⁰ Pe. Luiz Roberto Benedetti foi outro entrevistado por ocasião desta pesquisa.

¹⁵³¹ Francisco Ansilero foi o primeiro presidente eleito do diretório acadêmico do IFT, conforme Livro de Atas do D.A.XI.X., p. 3, em 1966

SP: ... Francisco Ansiliero...

SR: acho que o Zanella¹⁵³²... acho que o Zanella... está em São Paulo e foi até assessor de um deputado do PT. Ele sempre foi ligado a essa ala da esquerda, ou a congregação, alguém da congregação, mas... qual que é a turma mais antiga? Está tudo na faixa dos 80 anos, né?

SP: ... sim

RL: Alguns tem menos que eu; eu já era mais de idade, então tem uns aí na faixa dos setenta e tantos que permaneceram, mas o certo mesmo seria a ata do Instituto. Com quem ficou essa ata? Ou se ela foi recolhida pela instituição, se foi recolhida pela CR, pela Conferência religiosa, se foi para a CNBB...

SP: Sendo o IFT uma Instituição ligada a Conferência dos Religiosos do Brasil, é, o vínculo era no caso na época com o Rio de Janeiro, que acho que a sede da CRB era no Rio de Janeiro...

RL: ... no Rio de Janeiro

SP: ... na época, então de lá vinham as orientações para o IFT ou aqui em São Paulo o núcleo da CRB...

RL: ... não sei

SP: ... não sabe?

RL: ... não saberia dizer, não saberia dizer.

SP: Certo.

RL: Porque aí teria que ... acho que tem que achar o contrato da constituição disso, está no Rio? Aqui em São Paulo tem alguma representação do IFT? Tem?

SP: Da CRB? Da CRB...

RL: É...

SP: ... sim

RL: É... mas você já esteve lá?

SP: ... procurando a documentação ainda não. Já me informaram que não há nada lá, mas eu mesmo ainda não estive lá.

RL: Mas eu acho que vamos lá que não tem ... mas tem que passar pela instituição... tem... eles tinham uma hierarquia, as congregações não se reuniram por nada pra montar o Instituto ... então há personalidade jurídica.

¹⁵³² Provavelmente, "Sérgio Zanella", cf. Livro de Atas do D.A.XI.X., p. 19.

SP: ... sim

RL: Interessante! Personalidade jurídica. Tudo isso passa por prefeitura também, passa por cartórios também... Você tem que descobrir o cartório onde foi registrado aquilo ... quem sabe pelo Google, você consegue até o contrato inicial, quem assinava...

SP: uhm hum, certo!

RL: É ... Junta Comercial, talvez, né?

SP: Bom, então, de repente o senhor depois se lembrar mais alguma coisa...

RL: não, tem que lembrar de mais algum nome, né ... que vai, que teve mais participação mais efetiva.

SP: Bom, então, senhor Regis, muito obrigado aí pela sua participação. É, na pesquisa, a gente tem alguns critérios aí, e algumas, é, orientações que tem que passar pelo Comitê de Ética.

RL: Eu sei. É logico, tem que passar pra não fazer ... eu falo aqui e como é que eu vou provar o que eu falei? Se entendeu? Essas coisas eu entendo um pouco.

FS: No caso o senhor teria alguma orientação, assim quanto ao uso do seu nome nessa entrevista e ao conteúdo dessa entrevista? Eu posso citar o seu nome?

RL: Pode, pode citar. Não tem problema nenhum. Se eu mandar a matéria que eu tenho ... só não tem ... perdeu o cabeçalho ... perdeu o cabeçalho do Jornal do Brasil, mas foi em 1967. Eu tenho o conteúdo ... eu tenho uma entrevista que eu fui no Acre, está guardado comigo até hoje.

SP: Certo.

RL: Dá localizar. Alguém especialista em rede social, deve esta tudo digitalizado. Eu lembro que eu fazia palestras para as meninas da Madre Iva, e falava às alunas da Madre Iva, fazia palestras sobre temas da própria época, né? Eu lembro que elas me pagavam, a gente fumava, um pacote de cigarro Luis XV (rs) ...

SP: Onde eram essas...

RL: No Colégio da Madre Iva, ao lado do Des Oiseaux. Tinha uma parte que era da PUC ali, não sei se era, naquela época era clássico ou científico, tinha aulas ali, então eu ia, eram só meninas, né? Então eu fazia palestras lá.

SP: Certo. Então, muito obrigado ... aí ao senhor, qualquer coisa, o senhor se lembrando de mais alguma coisa e queira registrar a gente volta a fazer a entrevista.

RL: Eu fico feliz de ter alguém preocupado em registrar a história do IFT, porque a pouco tempo conversando com alguns frades amigos meus, eles nem sabem que existia o IFT. Eles são padres mais jovens, mas são padres que tem 10, 15 anos de

vida de sacerdote, nunca soube que aconteceu o IFT. Então isso faz parte para resgatar, pra levar um subsídio, inclusive para as congregações e ordens religiosas, pra saber que tiveram trabalhos diferentes nesse país.

SP: Hoje, é, olhando, fazendo exatamente essa retrospectiva, né? Dentro desse período que o senhor vivenciou no IFT, como que o senhor resumiria o IFT, vê o IFT hoje?

SR: Olha, hoje eu vejo, naquela época nós não víamos. Ele veio pra transformar alguma coisa, só que nós não entendíamos isso. Falando nós todos que estávamos ali, não importa a ordem ou congregação religiosa. Nós não tínhamos noção daquilo que estávamos fazendo. Essa é a pura realidade. Quer dizer, você, nós não tínhamos o alcance das consequências dos nossos atos naquele momento. Essa é a pura realidade que vejo hoje.

SP: Certo...

RL: Pela falta de respeito à autoridade, a hierarquia, que eu ainda, apesar de estar de idade, eu respeito muito a hierarquia; primo por esta questão. Então eu recordo que naquela época, ficou ... não deixou marca positiva; eu não vejo marca positiva para a igreja, aquel ... a instituição do IFT. Se ele teve uma intenção, essa intenção não foi, não se validou.

SP: O senhor acha que, dentro dessa sua avaliação, né, então que o IFT não teria sido uma marca muito positiva para a igreja e diante dessa situação de que algo, como o senhor falou de um frade franciscano que via o IFT como um assunto a não ser discutido, o senhor acha que então isto estaria relacionado a este silêncio em torno do IFT?

RL: Pode ser ... pode ser ... pode ser porque eu conversava com o padre, inclusive ele era agostiniano, mas de outra ordem, e falou “nunca ouvi falar”. Só que são mais vinculados à Minas, né? Mas, o Instituto era da Conferência Religiosa que estava por trás, na época era o Dom Lu ... frei Lucas que era o presidente. Então tinha pessoas de peso. Frei Lucas chegou lá a primaz ... chegou a primaz. E na época você tem o Júlio Munaro¹⁵³³ tinha uma expressão nos camilianos, muito bom, junto... O Olinto Pegoraro, um grande filósofo. O Adauri, o Adauri viveu quase 10 anos na Europa. Veio preparadíssimo para lecionar ... pra tudo. Então muitos se perderam, sacerdotes ou frades ou estudantes de filosofia e teologia se perdeu na miscelânea política da época e na insegurança total e até o sacerdócio da época, os quantos saíram? Foram constituir família? Foram infelizes? Porque o sacerdote se põe na cabeça de constituir família, ele não tem nem noção do que vai fazer. Essa é a pura realidade. Não é fácil, eu converso com muitos padres, falo “se sair, se deixar de ser sacerdote, não envolvam de querer casar! Vai ter problema! Você não vai, não vai...” por pior, por pior que seja o sacerdote em termos de formação filosófica, teológica ou contexto religioso, a cidadã que ele arrumar pra casar não tiver a mesma formação dele, vão entrar em conflito. E nós temos experiências homéricas. O senhor como padre conhece várias pessoas que tem esse mesmo problema e o conflito hoje, ninguém aguenta mais. Hoje está difícil.

¹⁵³³ Pe. Júlio Munaro, camiliano, era secretário do Núcleo da CRB-SP por ocasião da reunião com o cardeal D. Agnelo Rossi, no dia 23 de setembro de 1968, devido ao conflito após a entrevista do diretor do IFT Frei José de Freitas Neves sobre a encíclica “Lumen Gentium”. Cf. Livro de Atas do D.A.XI.X., p. 96.

SP: É... muito bem então. Muito obrigado, agradeço aí o seu...

RL: Sempre às ordens!

ANEXO D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Padre Paulo Homero Gozzi



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo



PUC-SP

Campus Monte Alegre (Perdizes)
Rua Monte Alegre, 984 - Perdizes, São Paulo - SP, 05014-901
CNPJ 60.990.751/0001-24

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Sr. Pe. Paulo Homero Gozzi

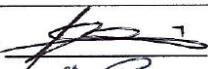
O(A) Sr(a) está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa **“INSTITUTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA – IFT (1965-1969) - Expectativas pós-conciliar e as tensas relações entre Igreja e Estado na década de 1960”**, cujo pesquisador responsável é Sérgio Peres de Paula, atualmente inscrito no Programa de Pós-graduação em História da PUC-SP, Campus Monte Alegre (Perdizes).

Os objetivos do projeto são pesquisar a trajetória do IFT desde sua criação à sua extinção, procurando detectar as fases, a atuação política de alguns estudantes e as motivações dos conflitos com o regime militar e com a hierarquia da Igreja Católica, e como era sua organização institucional e seu projeto pedagógico.

O(A) Sr(a) está sendo convidado porque participou diretamente do IFT como um dos seus integrantes docente ou discente ou tem algum conhecimento da instituição.

O(A) Sr(a). tem a plena liberdade de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma para o tratamento que recebe neste serviço: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Campus Monte Alegre (Perdizes) Rua Monte Alegre, 984 - Perdizes, São Paulo - SP, 05014-901, Fone: (11) 3670-8000.

Caso aceite participar, sua participação consiste em conceder entrevista(s) ao pesquisador com relação ao objeto da pesquisa, o “Instituto de Filosofia e Teologia – IFT”. As entrevistas poderão ser presenciais ou em formato digital, utilizando-se de

Rubricas  (Participante)

 (Pesquisador)

Página 1 de 3



FUNDAÇÃO SÃO PAULO

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC-SP

Campus Monte Alegre (Perdizes)
Rua Monte Alegre, 984 - Perdizes, São Paulo - SP, 05014-901
CNPJ 60.990.751/0001-24

alguma plataforma que permita a transmissão on line. As entrevistas serão gravadas, transcritas e as informações utilizadas para a construção de uma narrativa histórica pelo pesquisador, dentro dos métodos da História Oral. As imagens e transcrições serão “fontes” e arquivo pessoal do pesquisador, utilizadas exclusivamente para pesquisa, resguardando a confidencialidade dos depoimentos, a sua privacidade, a proteção da imagem, a não estigmatização enquanto participante da pesquisa, com a garantia de uso exclusivo para a pesquisa sem prejuízos em relação a sua autoestima, prestígio ou algum aspecto econômico-financeiro.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos para o(a) Sr.(a) são a possível exposição a algum constrangimento devido a certas situações conflitivas em relação ao Estado e seus órgãos de segurança, mais especificamente o DEOPS, ou em relação às autoridades eclesásticas na época.

Também são esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: um aprofundamento, maior conhecimento e compreensão dos fatos em relação à História da Igreja no Brasil e em São Paulo no período estudado.

Se julgar necessário, o(a) Sr(a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

Garantimos ao(à)Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica.

O(A) Sr(a). pode entrar em contato com o pesquisador responsável Sérgio Peres de Paula a qualquer tempo para informação adicional no endereço: Rua Brentano, 438, Vila Hamburguesa, São Paulo (SP), Fone (11) 3729-1198

e-mail: sergioppaula@hotmail.com.

Rubricas




(Participante)

(Pesquisador)

Página 2 de 3



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo



PUC-SP

Campus Monte Alegre (Perdizes)
Rua Monte Alegre, 984 - Perdizes, São Paulo - SP, 05014-901
CNPJ 60.990.751/0001-24

O(A) Sr(a). também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (CEP/PUC-SP) e com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), quando pertinente. O CEP – Sede Campus Monte Alegre localiza-se no andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello, na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 – Perdizes – São Paulo – SP – CEP: 05015-001 – Tel./FAX: (11) 3670-8466 – e-mail: cometica@pucsp.br. O CEP/PUC-SP é um colegiado multi e transdisciplinar, independente, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo(a) Sr(a)., ou por seu representante legal, e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Li e concordo em participar da pesquisa

God Paulo, 10/03/2021

(Local e data)

[Assinatura]
Assinatura do Participante

Georgio Peres de Paula.
Assinatura do Pesquisador Responsável

Rubricas _____ (Participante)

[Assinatura] (Pesquisador)

Entrevista 2 - Padre Paulo Homero Gozzi

Entrevista presencial concedida na residência dele, no bairro Casa Verde, São Paulo, no dia 10 de março de 2020 entre 14:30 e 15:30, em um momento de rigidez de medidas sanitárias por ocasião de nova onda da epidemia de COVID-19.

Sérgio Peres: Nós estamos realizando uma entrevista com o Pe Paulo Homero Gozzi que foi estudante do Instituto de Filosofia e Teologia; e que aceitou dar essa entrevista sobre o IFT dentro do Projeto de pesquisa: “Instituto de Filosofia e Teologia- IFT (1965-69) - expectativas pós-conciliar e as tensas relações entre Igreja e Estado na década de 1960”.

Esse projeto apresentado por mim, Sérgio Peres de Paula, no programa de doutorado em História da PUC.

Então, Padre Paulo, uma alegria revê-lo depois de 30 anos. O senhor foi meu professor de Ecumenismo, no Instituto Pio XI; uma alegria estar aqui entrevistando o senhor. Então, Padre Paulo, gostaria que o senhor se apresentasse, falasse um pouco do senhor e depois a gente conversar sobre o IFT.

Padre Paulo: Meu nome é Paulo Homero Gozzi, né. Homero aquele grande escritor poeta grego, né; e Paulo aquele grande escritor cristão, apóstolo de Jesus Cristo. Então, eu nasci aqui na cidade de São Paulo mesmo, no bairro de Carandiru. Estudei sempre aqui em Santana e depois eu era um, digamos, um leigo atuante jovem, digamos, trabalhando na igreja mesmo dentro de associações religiosas ... a associação religiosa do meu tempo, quando eu era jovem, adolescente, era a Congregação Mariana. E depois em Santana, depois eu passei para a igreja Santa Efigênia. E lá conheci os padres sacramentinos; e entrei para a congregação. Isso em 62, né. Entrei para a congregação e comecei ... fiz o noviciado, depois a Filosofia em Belo Horizonte, quando tiveram a ideia de fundar, os provinciais, né, de ordens e congregações religiosas ... e fundaram o IFT, né. Então eu estudei no IFT e depois me ordenei padre, em 1970, 25 de janeiro. O bispo auxiliar de São Paulo era dom Paulo Evaristo Arns. Ele me ordenou e depois eu continuei, né, na congregação sempre, mas em São Paulo, em paróquias em São Paulo, em vários bairros. E depois, mais recentemente, eu me esqueci quanto tempo, 5 ... 6 anos, eu saí da congregação. Dom Odilo, né, conversou muito comigo e me aconselhou até a ... olha você é bom, é bom pra você, você gosta de trabalhar sozinho, em equipe é mais difícil, complicado. Então ele mesmo sugeriu e eu aceitei. Ele me aceitou na arquidiocese e sou agora padre da arquidi... fiquei mais de 50 anos como religioso sacramentino, né. E, passei por várias paróquias na arquidiocese de São Paulo; e aqui atualmente a Rainha Santa Isabel estou há ... há 15 anos, vai fazer 15 anos, agora em maio, né. E é isso, minha vida... E eu, naturalmente, depois de terminar a Teologia, eu quis estudar, me especializar em Ecumenismo. Aí eu pedi e ganhei uma bolsa de estudos no Conselho Mundial de Igrejas, em Genebra. E fiz lá o meu estudo, minha especialização em Ecumenismo, né. E depois, voltando, em São Paulo, eu ... eu queria fazer Missiologia. E fiz o mestrado de Missiologia aí na Assunção mesmo, né, no Ipiranga. Então, e daí, sempre trabalhando em paróquias e dando aulas, desde que eu voltei de Genebra, com a minha especialização em Ecumenismo, eu passei a dar aulas, né, não só em instituto, assim, seminário mesmo como o Pio XI ... no Pio XI eu trabalhei ... foram, acho que 21 anos eu fui professor lá. Ecumenismo. Depois em outros seminários assim, mas o curso concentrado de Ecumenismo, pra vários ... seminários, fora de São Paulo, né, na Teologia. Eu ia lá e dava o curso, de questão de 15 dias, né. E voltava, né. Dava o curso completo, concentrado.

E depois eu me dediquei ... até hoje estou nas escolas ... escolas de Teologia para os leigos, né. Na região Sé, na Lapa e aqui, aqui mais tempo, agora em Santana. E é isso, minha vida é um resumo, é isso.

SP: Padre Paulo, então, com relação ao IFT, né, que é o objeto dessa pesquisa. Quando que o senhor ... é ... entrou no IFT? O senhor tem, sabe ou ouviu falar alguma coisa sobre o porquê fundaram o IFT, é, o que que ... como que foi essa formação do IFT? O senhor como estudante, quando o senhor estudou lá? Como que era, vamos dizer assim, a estrutura do IFT, o funcionamento do IFT...

PP: Certo. A história é que, pelo o que eu pude ver na época, né, que eu era seminarista, fazendo o primeiro ano de Filosofia, em Belo Horizonte, né ... e nossa igreja lá em Belo Horizonte é a Catedral da Boa Viagem. E nós estudávamos com os “Barnabitas”, que tem um colégio lá em ... em ... na Avenida do Contorno, lá. Começamos a Filosofia. Eu me lembro assim: as congregações, principalmente a nossa, pequenina, mandavam, tinham que mandar os seus estudantes, pra fazer Filosofia e Teologia, na Europa. Na Espanha ... nós mandamos da congregação, mandamos pra Espanha. Mandamos para a Itália, principalmente, né. E o último que foi, foi o padre Haddad¹⁵³⁴ que foi um ano antes de mim; ele era um ano acima de mim, ele foi fazer em Roma seu curso, na Gregoriana, né, seu curso de Teologia. E pelo que eu me lembro bem, os provinciais achavam que se juntassem todos, principalmente de ordens e congregações pequenas, né, se juntassem todos, formariam um grande seminário, né. E sairia muito mais barato do que mandar para a Europa, os seus seminaristas para estudar Teologia ... Filosofia e Teologia. E que eu sei, né, naquela época, é que os provinciais se reuniram e fundaram o IFT, né. E o primeiro local foi lá mesmo no Colégio Des Oiseaux, das irmãs Cónegas Agostinianas, né. E desde o primeiro dia, nós entramos, né ... era eu e o Joviano¹⁵³⁵ e depois acho que mais um... Pedro, Pedro, é ... era um cearense. Era eu, Joviano, mineiro de Uberaba, eu de São Paulo e um cearense, né. Começamos o IFT lá, fazendo Filosofia juntos.

SP: Isso em 1960...

PP: 1965

SP: ...5, né?

PP: 64, no ano da revolução, nós estávamos em BH, né. Depois viemos em 65, no começo do ano ... ahn ... teve o... começou.... Nós morávamos em Santa Efigênia, na Igreja de Santa Efigênia; íamos a pé; ali pertinho ... no Des Oiseaux na Consolação, né... Ali pertinho; e a gente começou estudando lá. E, então, me lembro dos Agostinianos Recoletos, do Fontanella; me lembro bem dele tocando violão. E, eram os camilianos, beneditinos, os dominicanos, todos os grupos pequenos. Os missionários da Consolata, né. Tem aqui agora uma paróquia, são vizinhos nossos. E quem mais?...

¹⁵³⁴ Pe. Antônio Haddad (1942-1990). Num artigo da “Folha de São Paulo”, de 22 de outubro de 2004, Pe. Haddad foi citado por ocasião de um sequestro e suposto escândalo no qual estaria envolvido: “No início dos anos 80, outro padre foi alvo de seqüestro por parte de arapongas ligados à linha dura do regime militar. Em Belo Horizonte, o padre Antonio Haddad foi seqüestrado e levado para um motel, onde foi fotografado com uma mulher”. Cf. <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2210200403.htm>

¹⁵³⁵ Joviano de Lima Júnior (1942-2012), religioso sacramentino e depois bispo na diocese de São Carlos e arcebispo de Ribeirão Preto.

Nossa, todo que era congrega... Ah, o Sagrado Coração de Jesus da Vila Formosa e muitas congregações, ordens. Formamos um grupo bem grande. Eu não tenho ideia de quantos. Você falou um número, cento e poucos né? Do diretório¹⁵³⁶...

SP: ... em 66 do diretório acadêmico tenho, no início, um registro de 102, depois tem mais 17, né, Então dá em torno, em torno de 120 alunos, em 66.

PP: Eu me lembro de um... de um... era um agostiniano da Assunção¹⁵³⁷, que acho que foi o primeiro, primeiro reitor, se bem me lembro, né? E, ele era holandês, né. E depois ... é ...lembro que o frei Neves, o frei José Neves, dominicano, é, foi com ele que houve ... começou um atrito, isso em 68, com o Dom Agnelo Rossi por ... foi uma questão de uma ... de uma entrevista que o frei José Neves deu a respeito da, daquela encíclica de Paulo VI sobre a "Humanae Vitae" isso, sobre a ... a ... controle de natalidade, né. E ele deu uma entrevista, é, um pouco assim ... divergente ... diferente, né. A linha ainda era uma linha muito dura; ainda o concílio, é, tinha acabado ainda de ... ainda de se realizar e foi ... acabou em 65, o concílio ... foi no primeiro ano que nós estudamos. Eu me lembro que os professores diziam: "agora nós vamos fechar todos os manuais de Teologia que vem tudo prontinho, a matéria mastigada, e nós vamos fazer a Teologia". Me lembro disso, né. Os professores falavam isso. E a gente começou ... tinha que estudar, mas quase não tinha livros em português. Era em francês, né, em italiano, livros em inglês. Livros de Teologia. E a gente tinha que se virar, pesquisar; era uma Teologia ... antigamente a Teologia era bem mastigadinha, tudo prontinho, né, nos livros, né. E nós fomos, acredito, fomos uns dos ... dos primeiros a começar querer fazer Teologia, construir a Teologia de teólogos soltos, aqui e ali. Foi uma experiência muito interessante nesse sentido do estudo. Me lembro bem, é ... tinha um dominicano, é, francês; ele era francês, Luciano Parise. Ele ... ele, então, era professor de liturgia. Nós tínhamos que ... a nós, captamos esse ideal da liturgia que ... a gente fazer a liturgia, não estudar a liturgia dos outros, mas nós fazermos a liturgia. E ele era excepcional, que eu me lembro aquela impressão que eu tive, e, dele. A gente tinha que compor orações eucarísticas! Imagine, naquele tempo era uma só, depois apareceram mais, tre..., quatro, né, mais quatro, não, mais três, porque ficaram quatro, só, né, no primeiro missal até 1970, né. Eu pra minha ordenação, já podia ser em português, não existia Missal, não existia Pontifical. A gente tinha ... eu tive que datilografar tudo, pôr em plástico, o ritual, né, em português que era a tradução pura e simples do latim para o português, para Dom Paulo me ordenar padre. Isso eu me lembro. Eu tive que datilografar tudo, não tinha livros, né, daquele tempo. Saiu em 70, né, não sei que mês que saiu, mas foi em 1970, né. E assim ... a gente fazia quase tudo que era matéria, a gente que tinha que compor e os professores todos, olha, o frei Carlos Mesters,¹⁵³⁸ foi meu professor. Ah! Aquele dominicano, frei ... deixe ver ...

¹⁵³⁶ Na ata de fundação do D.A.XI.X, diretório acadêmico do IFT, constam 102 nomes de estudantes inscritos. Cf. Livro de Atas do D.A.XI.X., p. 17-20.

¹⁵³⁷ Provavelmente esteja se referindo ao Padre Alcuino Derks (1914-1991), religioso assuncionista holandês, trabalhou durante várias décadas no Brasil; assumiu a presidência da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB, em 1962. (cf. <https://www.assomption.org/biographie/alcuino-henri-derks-1914-1991/>); foi um dos incentivadores da criação do IFT, mas não reitor.

¹⁵³⁸ Frei Carlos Mesters, nascido Jacobus Gerardus Hubertus Mesters, em Bunde, Países Baixos, em 1931; é frade carmelita holandês, missionário no Brasil desde 1949. Sacerdote desde 1957, doutor em Teologia Bíblica, é um dos principais exegetas bíblicos do método histórico-crítico no Brasil. Vive atualmente em Unaí, MG, com a saúde bastante debilitada.

lembrar ... nossa ... aquela sumidade de Bíblia, cara tranquilo, sabe? É, uma profundidade, um gênio em Bíblia, mas assim pra comunicação, né, ele não ... ele se sentava, a gente admirava o homem, né. Como professor, mas ele se sentava e ficava lendo lá, sabe? Aquela coisa, faltava um pouco de ... de didática, de vivacidade... faleceu... sempre trabalhando junto com aquela irmã...

SP: Ana Flora...

PP: Ana Flora e...

SP: Gorgulho...

PP: Frei Gorgulho, Gilberto Gorgulho,¹⁵³⁹ nooossa! Admirava! E tantos outros, outros professores aí! Ah, o Comblin vinha dar aula aqui; tivemos também aulas com rabino, com, com pastor, é, presbiteriano que ele dava aula, já começou aquele espírito ecumênico, fazer Teologia juntos, as várias igrejas cristãs, né? Eu sei que foi assim, é, pra mim foi aquele encanto, foi aquela ... uma espécie de aventura. Tudo novidade, né? Fazer uma Teologia diferente, né. E a gente, nossa, tinha que estudar mesmo, olha! Era pra estudar mesmo, né. E foi isso. Que mais que pode... vai perguntando e eu vou respondendo...

SP: Bom, o senhor já, é, comentou de alguns professores, de como que eram então as aulas! Ótimo! Com relação ao diretório acadêmico? Né? Os estudantes eles formavam, formaram na época um diretório acadêmico e o senhor fez parte...

PP: A gente chamava de DAXIX, D... A... X... I ...X - Diretório Acadêmico XI de outubro, a data da fund..., da inauguração do Concílio Vaticano II, DAXIX, né. É, então, eu me lembro. E eu lembro que eu participei também, não sei o que que eu fazia lá na diretoria, se eu era tesoureiro, não me lembro bem não, né. E me lembro de camilianos assim muito ativos, na época da ditadura violenta, né. E nós íamos para rua para fazer passeata. E o frei, o Ivo, o frei Tito de Alencar ... ele era um ano antes de mim, Tito de Alencar, cearense, muito esquentadinho, bravinho. E ele também entrou; tava na diretoria, no diretório também. E eu me lembro que ele ia de classe em classe falando assim "nós vamos então pra passeata, todo mundo leva, é..." acho que ... não ... pra tampar o nariz pra cheirar lá um ... que que era? Porque soltavam um gás lacrimogênio, né, a cavalaria. Me lembro um dia de uma correria; eu e o Joviano correndo lá no centro da cidade; nos enfiamos numa galeria lá para nos esconder da polícia, né, da cavalaria em cima da gente, é... Muitos fatos! E o diretório promovia assim, a nossa participação na vida estudantil da cidade de São Paulo, né. E tinha

¹⁵³⁹ Frei Gilberto Gorgulho (1933-2012) nasceu em Cristina, MG, frade dominicano, especializado em Teologia Bíblica, professor na Escola Dominicana de Teologia e em vários outros institutos religiosos; colaborador assíduo da CRB e da CNBB (Cf. <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/516761-frei-gilberto-gorgulho-op-1933-2012>). Dava aulas, palestras e escreveu várias obras juntamente com "Ana Flora Anderson". Florence Mary Anderson nasceu em Nova York, nos Estados Unidos, em 1935. Aos 22 anos, Florence veio para o Brasil para estudar na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL), da USP. Estudou Teologia Bíblica em Jerusalém e foi nomeada pelo cardeal D. Agnelo Rossi a primeira mulher a dar aulas de Teologia no Seminário Central de São Paulo (Cf. <https://www.diopuava.org.br/?id=4234>).

aquelas correrias, né. Era tudo proibido, né. Quando mataram o Vanucchi¹⁵⁴⁰... então a gente saía gritando: “governo assassino, governo assassino”; então, e a gente se misturava. Agora um fato que talvez, você me lembrou, foi, da prisão, né, é... nós decidimos protestar contra a prisão. O frei Neves, não... foi o frei Neves? Não ... Fernando, que foi preso. Inclusive um sacramentino, um padre sacramentino preso. Estavam todos num presídio ali ... ali embaixo ... que demoliram aquilo e sobrou, sobrou lá um portal ali na Luz,¹⁵⁴¹ né, tinha um presídio. E tinha, parece que na época, oito padres presos. Até um, acho que não era padre, né, porque o Tito não, não foi ordenado padre não, né. Acho que morreu diácono, né. Não lembro bem ... foi pra a França, né. Ficou meio perturbado, tadinho! E, eu sei que nós fomos protestar contra a prisão dos padres e religiosos; aí todo mundo decidiu usar hábito. Aliás uma coisa que fez espécie assim, que chamava atenção é que no primeiro ano do IFT, né, todos da gente era obrigado a usar o hábito, cada um o seu. Agostinianos tinham o próprio. Nós tínhamos uma batina com uma “margaridinha” aqui na ... aqui assim... era um ostensório branco, chamávamos de “margaridinha”, né, aqui assim... e os beneditinos... todos ... cada um com o seu, os camilianos com a sua cruz vermelha... Aquilo chamava a atenção. “Nossa, como nós somos diferentes, né?” (rs). E, então ... mas, depois, no mesmo ano de 65, o... os provinciais ... veio a licença pra ... pra abolir a batina e usar o hábito, no caso de vocês, era o hábito, e usar, usar o “clergyman”, que a gente chamava “o colarinho clerical”. Isso foi o que todos nós fizemos, é... um terninho com o colarinho. Só que durou dois, três meses e já não usávamos mais, né. Mas aí, é... quando a gente decidiu fazer o protesto na frente do DOPS, né, é ... então todos vamos de batina ... ou de hábito ... e como eu morava em Santa Efigênia, no centro da cidade, todo mundo, ninguém ia carregar hábito andado nos ônibus, né?

¹⁵⁴⁰ Talvez esteja se referindo a Alexandre Vannucchi Leme, estudante de Geologia da Universidade de São Paulo (USP), militante da Ação Libertadora Nacional (ALN), quando foi assassinado. Conhecido pelos amigos pelo apelido de “Minhoca”, o jovem estava tentando reorganizar o Diretório Central dos Estudantes (DCE) da USP, o que era ilegal na época. Tinha apenas 22 anos quando foi preso pelo DOI-Codi, em São Paulo, em 1973 e morto sob torturas, sepultado como indigente em Perus. No dia 30 de março de 1973, D. Paulo Evaristo Arns celebrou uma missa que reuniu mais de cinco mil pessoas (Cf. <https://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/alexandre-vannucchi-leme/>). Provavelmente, Padre Paulo tenha se confundido com outro estudante, o secundarista Edson Luís de Lima Souto “assassinado por policiais militares que invadiram o restaurante Calabouço, no centro do Rio de Janeiro, no dia 28 de março de 1968, durante uma manifestação estudantil. Edson tinha 18 anos e era um dos 300 estudantes que jantavam no local. Outro deles, Benedito Frazão Dutra, também ferido a bala, foi levado para o hospital, mas não resistiu ao ferimento e morreu. Os estudantes conseguiram resgatar o corpo de Edson Luís e o carregaram em passeata pelo centro do Rio até as escadarias da Assembleia Legislativa, na Cinelândia, onde foi velado. A autópsia foi feita no próprio local, sob o cerco da Polícia Militar e de agentes do Dops. Do velório até a missa, realizada na Igreja da Candelária, em 2 de abril, foram mobilizados protestos em todo o país. Em São Paulo, 4 mil estudantes fizeram uma manifestação na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP). Também foram realizadas manifestações no Centro Acadêmico XI de Agosto, da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, na Escola Politécnica da USP, e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)” (Cf. <https://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/edson-luis-de-lima-souto/>)

¹⁵⁴¹ Trata-se do “Presídio Tiradentes”: “construído em 1852, o Presídio Tiradentes serviu inicialmente como prisão e depósito de escravos. Foi no Estado Novo (1937-1945) que recebeu um pavilhão especial para presos da Lei de Segurança Nacional, passando a ser reconhecido como um presídio político. Essa função se destacou ainda mais durante a ditadura. Após terem suas detenções legalizadas ou serem condenados pela Justiça Militar, os presos políticos eram encaminhados preferencialmente ao Tiradentes. A transferência marcava o fim dos interrogatórios sob tortura e da condição ilegal (não documentada) da prisão, diminuindo as chances de desaparecimento. Por isso, apesar de insalubre, o Tiradentes era um ambiente mais seguro para os presos. Aqui, eles puderam reunir as primeiras denúncias das violências vividas, se organizar para exigir melhores condições de aprisionamento, e mobilizar greves de fome. O Tiradentes funcionou até 1972, quando foi demolido. Único vestígio preservado, seu arco de entrada foi tombado pelo Condephaat”. Cf. <http://memorialdaresistencia.org.br/lugares/presidio-tiradentes/>

Era ônibus que tinha, né? Não tinha ainda Metrô. Então todo mundo trouxe embrulhado e colocou em Santa Efigênia. Guardei o hábito de todo mundo, as batinas, guardei em Santa Efigênia. E quando foi o dia do protesto, a hora do protesto todos foram lá pra se vestir e sair marchando pelo meio da ... pelo centro da cidade, né? Eu lembro que eu e Joviano, né, o Joviano era muito mais assim matreiro, era mais do tipo mineiro bem ... né ... desconfiado! Então ele falou assim: “ah, Paulo, eu não vou não” e eu falei “E eu acho que vou”... Mas eu... “nós que guardamos o hábito para todo mundo, e a gente não vai?” Ele falou: “Eu não vou”, né? (rs). Ele era assim medroso. Aí, eu falei “sabe de uma coisa? Eu também não vou”. Nós demos para todo mundo o hábito, batina. Todo mundo se vestiu lá em Santa Efigênia e a gente ... e eles foram e eu falei “Não vai dar pra ir não”. E eu não fui e não fui fichado, porque no ano seguinte eu tinha um projeto, isso foi em 68,¹⁵⁴² né? Eu tinha um projeto de ir pra Genebra ... fazer o pedido... falei: “vai que eu fico encrocado. Vou ser fichado e eles não vão ... e não vou poder viajar”. Eu pens... acho que eu me lembro; que eu pensei nisso, né. E acabei não indo, né. (rs) Também matreiro como o Joviano, né. E, aí, a gente fez ... foi ... eles foram lá. Fizeram o protesto. Todos foram fichados e, claro, todos soltos na hora, né. E, mas era uma tensão muito grande entre igreja e governo, né. E, mas depois aí ... aí Dom Agnelo era ... quis intervir, mas ele não tinha autoridade para querer abolir ou acabar com o IFT. O IFT, não, é da CRB - Conferência dos Religiosos do Brasil do setor, como que chama? ... Regional São Paulo, né... do Estado de São Paulo. Então, mas ele se indispôs; ele fez força e os provinciais ... é ... fizeram uma reunião e afrontaram ... falaram: “Não! O IFT continua”. E continuou. Mas, né, por causa disso, alguns provinciais, retiraram o apoio e começaram a sair. (Entrevista interrompida por causa da cadela, que quase derrubou o equipamento)

Então ... então esse não foi um evento que mais chamou a atenção. Foi ... é ... enfrentar o governo para participar... E tudo graças ao diretório. Tinha um camiliano. Ele era peruano. Eu não me lembro o nome dele mais. Mas ele era daqueles também bem ... o Tito de Alencar era bem esquentadinho, nervoso, chegava na classe, falava, convencencia todo mundo, tinha um... né... uma argumentação. Era uma época de afirmação mesmo, sabe? E de ... como igreja ... tinha que dar testemunho como igre... como ser cristão perante um ... um ... o “anticristo” né. Para nós, a gente via o anticristo como ... como ... como o governo militar, a ditadura militar. Nós, 67 tava ... tava no auge, né ... 67,68, tava no auge da ... da força da ditadura. Então a gente considerava como a besta do apocalipse, né. E que não, hoje da pra fixar um, mas naquele tempo os militares estavam sempre trocando, né. Não ficava o mesmo, né. Hoje dá pra gente identificar o anticristo, né. E ... o ... a primeira besta já caiu, né? Já caiu a besta número um; continua a besta número dois, né? E aí era a nossa linguagem na época, né. Era bem bíblica, né. Pra falar do governo que ... o livro do apocalipse falava do imperador, do império romano que era ditatorial, né.

(mais uma vez a entrevista foi interrompida pela cadela de Pe. Paulo)

Que mais então, Sérgio? Quanta coisa, vixi! Se for lembrar ... meu Deus! ...

Objetivos ... era realmente formar seminaristas, né. Quem organizava o quadro de disciplinas... Eu sei que era muito completo. Tinha até um psiquiatra; vinha dar aula. Paulo, ele chama Paulo Gaudêncio,¹⁵⁴³ me lembrei. Vinha dar aula de Psicologia Religiosa, né. Nós tivemos um professor que trabalhava no Estadão, no jornal Estadão,

¹⁵⁴² Possivelmente esteja se referindo à manifestação ocorrida no dia 03 de agosto de 1967, conforme Livro de Atas do D.A.XI.X., p. 56-59.

¹⁵⁴³ Paulo Gaudêncio (1934-2017) foi um psiquiatra, psicoterapeuta, palestrante e escritor brasileiro. Formado em medicina pela USP, foi professor na graduação e na pós-graduação da PUC de São Paulo e Sorocaba, na Fa-

um jornalista, um senhor já de muita idade. Ele deu aula sobre História das Religiões, mas desde os egípcios, né. E, história da arte, eu acho que não era arte reli... arte religiosa, desde os templos egípcios aos templos gregos, né. Um tinha ideia pra dentro e outro ideia pra fora, tudo. Me apaixonei muito por arte sacra, que existe a arte religiosa e a arte sacra. Foi por causa desse professor que não me lembro mais o nome. Ele já tinha bastante idade, um senhor forte, gordo. E ele dava aula lá no IFT.

O IFT teve, esse, assim professores excepcionais. O Comblin¹⁵⁴⁴... ele veio ... ele morava lá no Nordeste, daí vinha pra dar um curso curto assim de 15 dias, assim, né. O padre Comblin. Nossa! Quem mais? Grandes, né. Ah, tinha um beneditino, que foi abade depois. Ah ... vice-reitor ... tem um que é vizinho meu. Ele deixou a congregação, também ... dos missionários da Consolata, padre Antonio Girardi, Antonio Marcos Girardi, né. Ele, bom! Eu já estou com bastante idade, imagine ele! Ele deve estar com uns 85, 86 ou mais, né. Só, eu vou fazer 80, né. Então, na época, ele tinha cabelo pretinho, e agora todo branquinho, né. E ele tem uma obra aqui, maravilhosa, chama Maranata, é de ... creche, né, creche, coisas assim; e escola também, não ... não é escola primaria, é só creche mesmo, né. Muito bem-organizada. Tem ele aí, quem sabe...

SP: O IFT, ele começou apenas com congregações masculinas...

PP: Só... claro! E terminou também...

SP: Terminou só...

PP: Só! Mulher não! Era o “clube do Bolinha ... Mulher não entra”. Que eu lembre, o tempo que eu fiquei lá, não tinha mulher estudando não.

SP: No diretório acadêmico aparecem alguns nomes femininos. No diretório acadêmico, na... no livro de atas.

PP: Não diga!

SP: Teresinha Lisieux Vasconcelos e Beatrice.

PP: Mulher fazendo Teologia conosco?

SP: Não sei se faziam Teologia, mas elas atuaram ali, como secretária do diretório acadêmico; tem ... teve algumas reuniões que elas secretariavam, principalmente essa Teresinha de Lisieux Vasconcelos

culdade de Filosofia Sedes Sapientiae e no curso de pós-graduação em Medicina Esportiva da Faculdade de Educação Física da USP. Cf também <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/06/1894519-mortes-o-medico-que-nao-receitava->

¹⁵⁴⁴ José Comblin (1923-2011), sacerdote e teólogo católico, nasceu em Bruxelas, Bélgica. Tornou-se doutor em Teologia pela Universidade de Lovaina em 1950. A pedido do bispo de Campinas, veio para o Brasil em 1958 para auxiliar na formação do clero; tornou-se assistente da JOC; foi professor no Studium Theologicum, dos dominicanos em 1959. Foi professor de Teologia em vários seminários, sobretudo no nordeste brasileiro, e na Universidade Católica de Santiago, no Chile; foi colaborador de D. Hélder Câmara em Recife. Cf. <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/41803-dados-biograficos-de-jose-comblin->

PP: Teresinha de Lisieux... eu não me lembro não. Assim, estudando conosco não... Um que ficou bispo, depois, Dom Joel Ivo Catapan. Ele era verbita. Os verbitas estudavam conosco. E ele foi meu professor de ... foi ainda no ... no primeiro ano de Filosofia. Depois, ele ficou bispo auxiliar de São Paulo; e ficou aqui em Santana. Foi pra ele que eu pedi, né? Que estava querendo fazer uma experiência fora da congregação. Eu pedi uma paróquia pra ele. Eu não aguentava mais trabalhar no centro da cidade. Ali não se conseguia formar comunidade. Ali no centro da cidade é um horror, né. Precisa ... falei: “eu não me formei assistente social”. Eu queria ser padre mesmo. “Aqui eu não consigo”, falei pra ele, né. (rs) Dom Joel ele me acolheu aqui na região de Santana há muitos anos. Olha pra você tem possibilidade de lembrar os nomes dos professores, né?

SP: Eu não tenho essa relação. Eu sei de alguns que foram professores.

PP: Eram gente muito boa, viu?

SP: Eu soube... me mandaram agora uma relação do Carlos Artur Ribeiro do Nascimento, foi professor,

PP: Leigo?

SP: Eu não sei se era leigo. Vou entrevistá-lo semana que vem. Tem a ... a ... essa filosofa da PUC ... é ... como que é o nome dela? Agora me fugiu o nome ... Muchail ... o sobrenome dela ...

PP: Quem sabe foi no último ano.¹⁵⁴⁵ Lá nos dominicanos que tiveram outros, que eu já não fazia mais parte, né. Nós saímos no final de 68 e não, não estudamos mais no IFT. E ... foi quando a gente ordenou diácono, né. Eu e Joviano. Me lembro que Joviano ... bom aí não é nada a ver com o IFT... ele foi à Bahia uma vez, ainda seminarista; estávamos na Teologia; e foi; e me trouxe de presente uma cruz de madeira de jacarandá, da Bahia; uma corrente assim ... de metal, né. E uma cruz bonita assim, escura, preta, jacarandá, né. E falou: “olha! Isso aqui pra você, quando ficar bispo”. Aí eu falei assim “Bom! Eu sei lá se vou ficar bispo”, né. E eu, desde que fiquei padre, usava sempre pendurada aquela cruz preta, né. Com os paramentos, colocava aquela cruz preta, como se fosse bispo, né. E eu falei “eu não vou chegar à bispo. Sei lá se vou ficar bispo”. Então eu passei a usar. Quando eu fiz 40 anos de padre, ele era o arcebispo de Ribeirão Preto”. E aí ele veio; convidei e ele fez a homilia, né. Nos meus 40 anos de padre, já aqui nessa igreja. Lembrei pra ele da cruz que ele me deu de presente quando eu era seminarista. E ele não se lembrava, né. E então ele falou... “tá vendo?”. “Você queria que eu ficasse bispo; me deu de presente uma cruz. Eu não fiquei; você ficou bispo”. Eu era mais velho um ano e ... “você que ficou bispo”. “Das duas que estavam lá trabalhando lá no campo ... uma foi tirada e a outra ficou”.¹⁵⁴⁶ Ah, Joviano! Ele já estava com problemas sérios, né. Três anos ele lutou contra esse câncer, né. No último ano ele passou bem, mas quando veio ... veio duma uma vez. Ele tinha exatamente 70 anos quando ele ... ele faleceu. Ele completou em abril; e morreu em junho; e eu fiz 71 quando ele morreu. Então, eu vou fazer 80 agora ... 9 anos já... 9 anos que ele morreu, em junho ... Joviano. Nossa ... um grande.

¹⁵⁴⁵ O último ano do IFT foi em 1969, no convento carmelita, na Rua Martiniano de Carvalho, no bairro do Bela Vista.

¹⁵⁴⁶ Referência a uma passagem do Novo Testamento: Lc 17,34-36

SP: Ainda assim com relação ao IFT, é, então ele funcionou inicialmente lá no Colégio Des Oiseaux.

PP: Des Oiseaux ... depois eu não sei que ano que foi ... 2 ou três anos do Des Oiseaux, aí, mudamos lá pra ... para os Carmelitas, lá, o Colégio Carmelita da Martiniano de Carvalho. E a gente ia a pé também. Eu e o Joviano, a gente ia de santa Efigênia, subia um pouquinho a Brigadeiro Luis Antonio, né? E ia lá. E também não sei quanto tempo, e... bom ... eu lembro que o frei Carlos Mesters era de lá mesmo ... dos carmelitas; e dava aula quando eu estava lá também. Foi lá que acabou depois. Foi no ano que acabou, 68; quer dizer, não acabou, foi depois transferido para os dominicanos,¹⁵⁴⁷ nas Perdizes, e para ficar mais barato, acho, né? Imagino e aí funcionou então, existiu de 65,66,67,68, 4 anos, e depois eu fiz o último ano de Filosofia e três de Teologia. E o último ano de Teologia já fiz fora do IFT, né, pela congregação. Que mais do IFT? Você pode espremer aí pra gente lembrar.

SP: Na reunião com o cardeal, o senhor estava naquela reunião?

PP: Ele... Ele... Nós, estudantes, seminaristas, pedimos uma conversa com ele. Ele aceitou, mas não foi ... foi uma ... um tipo ... ele queria só ele falar; e a gente queria falar também. Foi uma ... não houve diálogo, né. Ele estava muito assim fechado; e a gente estava muito agressivo. Ele devia estar lá na defensiva. E os seminaristas ... nós tínhamos um estilo diferente né. Hoje em dia já não é mais assim, mas naquele tempo a gente, os seminaristas levantavam muito a voz, sabe? Era muito, assim, era um diálogo com as autoridades. Na época de renovação do Concílio, não se sabia direito como é que devia ficar. Sei que tinha que mudar. Não podia mais ... a igreja do jeito que estava não podia continuar. Mas a gente, os seminaristas, ficou muito assim ... sei lá ... meio agressivos. As perguntas, sei lá se eram ofensivas. Eu sei que eu me lembro do quadro. Ele lá sentado e a gente aqui; e eu me lembro que ele falava alguma coisa e todo mundo falava. Eu sei que não deu muito resultado não. Ele tentou. Ele deve ter tido uma conversa serena, com os provinciais, imagino, né. Não sei. Mas com os seminaristas foi uma coisa muito ... como se diz ... desagradável, muito chata, né. A gente já tinha já aquela oposição ... como me lembro na época que o Costa e Silva, general Costa e Silva, que era o presidente, ele veio ter uma conversa com estudantes, eu me lembro ali na ... não sei bem aonde foi ... ali numa avenida perto do cemitério da Consolação. Não ... mais pra cima, o outro cemitério do Araçá, em frente à Faculdade de Medicina ... acho. E foi ... ele foi ter um diálogo, mas ... não, imagina um general, Costa e Silva não sabia nem falar; era desajeitado, tipo, costumado a mandar e não a conversar. Quem costuma ter autoridade só, não costuma ter diálogo, não sabe... Eu sei que foi uma baderna, uma bagunça, uma gritaria, e mais protesto. Eu sei que tentar diálogo com um general, que era o Presidente da República, Costa e Silva, foi uma ... eu associei as duas coisas, a conversa com Dom Agnelo Rossi, né, e depois a do outro lá, mas com os seminaristas não houve assim, diálogo ou conversa tranquila, não. Houve assim mútua animosidade, eu diria.

SP: Esse período de 65 até 69, não só a nível de Brasil, mas a próprio nível de mundo, ocorre uma série de fenômenos assim ... que apelava pra essa mudança, pra essa

¹⁵⁴⁷ Com a extinção do IFT em fins de 1969, as ordens e congregações que ainda mantinham seus seminaristas lá tiveram que buscar outras instituições para os estudos de Teologia. Ao que tudo indica, a partir de 1970 os dominicanos criaram a "Escola Dominicana de Teologia".

transformação, né? E, no caso, por exemplo ... o IFT, ele surge exatamente no último ano do Concílio Vaticano II, com essa expectativa de mudança, de renovação. É ... depois não sei se o senhor, é, percebe alguma coisa. Sei que durante o Concílio o Papa Paulo VI seguiu pra ele a questão do celibato.

PP: Houve uma proposta no Concílio, de um bispo do Brasil, ele era holandês, mas era bispo brasileiro, é, lá de Lins, né? Dom Pedro Paulo Koop.¹⁵⁴⁸ Eu acho que ele até era religioso da Agostiniano da Assunção, assuncionista. E ele fez a proposta no Concílio, né? de admitir e ordenar homens casados como presbíteros. Já tinha sido aprovado para diácono, e pra presbítero ... e pelo que eu me lembro, o Paulo VI estava assistindo por um circuito fechado de televisão lá no apartamento dele e ele mandou recado lá para interromper o assunto, que esse assunto não seria tratado no Concílio; ele ia cuidar disso. E então ele cuidou disso; e fez aquela encíclica sobre o celibato.¹⁵⁴⁹

SP: Sobre o celibato sacerdotal em 1967.

PP: 67, né. Na época também houve uma debandada generalizada de padres seculares e religiosos ... generalizada. Eu me lembro que o nosso professor de Direito Canônico lá no IFT ... ele ... não me lembro mais o nome dele ... eu sei que ele, no meio do curso de Direito Canônico ele deixou ... ele saiu, né. Deixou pra casar. Naquele tempo pedia licença; e o Papa dava a licença; e ficava reduzido ao estado laical; e podia casar bonitinho na igreja e tudo, né. O João Paulo II é que bloqueou isso tudo, né. Depois abriu, mas com muita dificuldade, né. Um ex... um padre que deixa ... querer casar na igreja e ser reduzido como leigo, né, ficou complicado. Mas naquele tempo, João XXIII e Paulo VI era muito fácil, né. E eu me lembro que ele deixou e nós não tivemos mais Direito Canônico aí... lá... O diretor ... o reitor decidiu dar a nota pra fazer todo mundo passar; e consideramos feita a matéria Direito Canônico. Quer dizer, eu fiz um Direito Canônico muito mal-feito ... Da minha congregação, quanto saíram! Que eu me lembro, parece que sete mil padres saíram. (novamente a entrevista sofreu uma breve interrupção por causa da cadela) ... Eu me lembro que muitos padres saíram. Era uma crise geral. Os padres perderam a sua própria identidade. Tanto que mais pra cá, depois que sou padre há muitos anos, imagina, só, bem pra cá é que começou o desejo de voltar usar o colarinho, o seminarista queria parecer como seminarista, como padre ... que eu sempre tive como uma atitude de insegurança, né. (rs) Principalmente diocesanos, né. Os religiosos sempre foram, nesta parte de hábito, mais liberais, que eu me lembre assim, né. As coisas ... era a crise geral ... o que é ser padre, né? É claro que a questão do celibato também entrou. E a gente queria que época que houvesse liberdade ... só falando de diocesano, né? Poderia ter homens ordenados casados, como tem diáconos hoje, né. E religioso ... é outra história, não tem nada a ver. E é isso! Essa ideia de liberação, de modernização ou de mudança ... a gente não sabia mudar. Sabia que devia mudar; mas como deveria ser, ninguém sabia. Foi assim um ... um salto no escuro, né. Foi uma reforma feita com muita fé. Um salto no escuro. Eu sei que foi um período muito confuso, princ. ... os camilianos,

¹⁵⁴⁸ D. Pedro Paulo Koop, bispo de Lins, fez uma proposta de sacerdócio para homens casados em um documento confidencial, encontrado na Biblioteca Pe. Lebrecht, no convento dos dominicanos em Perdizes. Nesse documento, não assinado (possivelmente seja uma cópia datilografada), aparece a sigla "MSC" ao lado do seu nome. Essa sigla é utilizada pelos "Missionários do Sagrado Coração", congregação religiosa francesa fundada no século XIX. Cf. KOOP, D. Pedro Paulo, **Pela Salvação católica da América Latina**, texto datilografado, P6-21, 04 páginas.

¹⁵⁴⁹ Paulo VI, "Sacerdotalis Coelibatus", 24 de junho de 1967.

eu me lembro, eles eram uma turma enorme, né. Tem um que até hoje é amigo meu. O Osvaldo Pavan,¹⁵⁵⁰ ele fez a Teologia até o fim, né. Até o terceiro ano, pelo menos, até lá no ... nos carmelitas, e depois ele saiu. Hoje ele é médico e é um pouquinho mais novo que eu. Regula comigo. E foi camiliano; e era um dos meus grandes amigos, lá entre os colegas. Eu me lembro bem ... ele usando o hábito camiliano, o hábito preto com a cruz vermelha, né. E depois ele saiu, foi ... estudou, fez medicina, se tornou médico pediatra, casado, com vários filhos, né. Ele continua amigo de uma sobrinha minha que participa da igreja onde ele participa, né. E então ficou esse amigo assim, né. E outros ... o pessoal se espalha, vai embora a gente... de agostiniano recoleto só me lembro do Fontanella, né. Magrinho, narigudo, né. Simpático, muito bonito o rapaz. E no tempo que ainda usava hábito ... ele tocando violão, me lembro dele tocando vilão cantando Roberta ... “Roberta ascoltami”¹⁵⁵¹ ... (cantando um trecho da música) ... uma música italiana. E ele gravou ... era num gravador uma fita e eu tinha esse rolinho da fita que ele gravou cantando muitas músicas pra mim. E depois, ó, não sei onde foi parar e os gravadores eram desse tamanho, com dois rolos de fitas assim, eram coisas antigas ... Fontanella. Que mais...

SP: No, o que eu percebo, parece que o primeiro, segundo ano do IFT, ou seja, 65, 66 foram anos assim bastante tranquilos e com toda essa expectativa de final do Concílio, o imediato pós- concílio e a partir de 67 que parece que houveram assim as grandes crises, né? Me parece que há uma coincidência entre a encíclica sobre o celibato sacerdotal e essa crise de abandono do estado sacerdotal, do estado clerical. E outro momento de crise foi com a “*Humanae Vitae*”, uma foi em junho de 67 e a outra em julho de 68. O diretório acadêmico, ele, ele produziu alguns jornais, teve uns jornaizinhos...

PP: Eu trabalhava no jornal, eu colab ... sempre gostei de desenhar. Eu desenh... Eu lembro de ter feito um desenho de uma bota ... é ... uma bota que representando os militares, né, esmagando, pisando no povo, no trabalhador. É ... eu lembro de fazer desenhos assim e realmente era um ... era um jornalzinho que na época se chamava de subversivo, né, porque não sei se chegou a ser apreendido ... não me lembro ... uma coisa interna nossa ... tinha jornalzinho sim. Não lembro mais o nome não.

SP: “Opinião”...

PP: Opinião ... Opinião. Eu ajudei. Eu colaborava também, né, ... em escrever coisas também. Horário, dia de aula, de manhã,¹⁵⁵² todo dia, menos sábado. Há tempos que já não tinha mais de sábado. Eu, antes de entrar para o seminário, eu trabalhei como bancário. Me formei como professor primário. Eu fiz o magistério, que no meu tempo chamava “escola normal”. Então trabalhava como professor substituto na parte da manhã, no grupo escolar perto de casa; e à tarde eu trabalhava no banco; banco que não existe mais, “Mercantil de São Paulo”. Então eu trabalhava no banco, né, e na parte da tarde. Depois só que eu decidi entrar para o seminário, ne. No meu tempo fiz dois anos de noviciado, na congregação. Primeiro ano, o canônico, e o segundo ano, assim aprofundamento da espiritualidade da congregação.

¹⁵⁵⁰ O nome “Osvaldo Pavan” consta na lista de integrantes por ocasião da criação do D.A.XI.X. Cf. Livro de Atas do D.A.XI.X., p. 19.

¹⁵⁵¹ Música “Roberta”, de Peppino di Capri, gravada em 1963.

¹⁵⁵² Outro entrevistado disse que as aulas eram à tarde, de 13:00 às 18:00.

SP: Ali onde estava o Colégio Des Oiseaux era uma área, na época, que concentrava muita atividade acadêmica, né, porque tinha a Faculdade de Filosofia da USP, tinha Mackenzie, vocês participavam desse mundo acadêmico ou não?

PP: Não. Eu não, não me lembro. De ir em outros lugares assim, outras faculdades, não.

SP: Era uma região de muitas livrarias, de muitos cafés, de pontos de encontro...

PP: Ah, sim, na rua Augusta, por exemplo ... subindo a rua Augusta, né. Me lembro depois, foi demolido e até hoje ... me parece que até hoje não fizeram nada. Está lá, um espaço vazio. Não sei. Compraram das irmãs e elas foram para o Morumbi né. E ali foi demolido; e ficou uma área vazia de estacionamento, até hoje! Ficou por isso mesmo. Agora, nós não tínhamos muito assim ... não dava muito tempo... porque, em se tratando de religiosos, a gente tinha uma vida religiosa também, né. Além do estudo tinha que participar da vida religiosa, tudo, né. E atividades da congregação ou da ordem ... então acho que não sobrava muito tempo extra, fora, fora das aulas em participar de outras coisas. Eu pelo menos não me lembro bem, não, disso.

SP: Bom, está ok, padre Paulo, muito obrigado pelas suas contribuições, caso surja aí mais alguma coisa que a gente possa conversar, a gente faz uma outra entrevista, né?. Então muito obrigado ao senhor.

ANEXO E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Prof. Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo



Campus Monte Alegre (Perdizes)
Rua Monte Alegre, 984 - Perdizes, São Paulo - SP, 05014-901
CNPJ 60.990.751/0001-24

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Sr. Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento

O(A) Sr(a) está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa **“INSTITUTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA – IFT (1965-1969) - Expectativas pós-conciliar e as tensas relações entre Igreja e Estado na década de 1960”**, cujo pesquisador responsável é Sérgio Peres de Paula, atualmente inscrito no Programa de Pós-graduação em História da PUC-SP, Campus Monte Alegre (Perdizes).

Os objetivos do projeto são pesquisar a trajetória do IFT desde sua criação à sua extinção, procurando detectar as fases, a atuação política de alguns estudantes e as motivações dos conflitos com o regime militar e com a hierarquia da Igreja Católica, e como era sua organização institucional e seu projeto pedagógico.

O(A) Sr(a) está sendo convidado porque participou diretamente do IFT como um dos seus integrantes docente ou discente ou tem algum conhecimento da instituição.

O(A) Sr(a). tem a plena liberdade de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma para o tratamento que recebe neste serviço: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Campus Monte Alegre (Perdizes) Rua Monte Alegre, 984 - Perdizes, São Paulo - SP, 05014-901, Fone: (11) 3670-8000.

Caso aceite participar, sua participação consiste em conceder entrevista(s) ao pesquisador com relação ao objeto da pesquisa, o “Instituto de Filosofia e Teologia – IFT”. As entrevistas poderão ser presenciais ou em formato digital, utilizando-se de

Rubricas CA (Participante)

[Assinatura] (Pesquisador)



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo



Campus Monte Alegre (Perdizes)
Rua Monte Alegre, 984 - Perdizes, São Paulo - SP, 05014-901
CNPJ 60.990.751/0001-24

alguma plataforma que permita a transmissão on line. As entrevistas serão gravadas, transcritas e as informações utilizadas para a construção de uma narrativa histórica pelo pesquisador, dentro dos métodos da História Oral. As imagens e transcrições serão "fontes" e arquivo pessoal do pesquisador, utilizadas exclusivamente para pesquisa, resguardando a confidencialidade dos depoimentos, a sua privacidade, a proteção da imagem, a não estigmatização enquanto participante da pesquisa, com a garantia de uso exclusivo para a pesquisa sem prejuízos em relação a sua autoestima, prestígio ou algum aspecto econômico-financeiro.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos para o(a) Sr(a) são a possível exposição a algum constrangimento devido a certas situações conflitivas em relação ao Estado e seus órgãos de segurança, mais especificamente o DEOPS, ou em relação às autoridades eclesiais na época.

Também são esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: um aprofundamento, maior conhecimento e compreensão dos fatos em relação à História da Igreja no Brasil e em São Paulo no período estudado.

Se julgar necessário, o(a) Sr(a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

Garantimos ao(a) Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica.

O(A) Sr(a). pode entrar em contato com o pesquisador responsável Sérgio Peres de Paula a qualquer tempo para informação adicional no endereço: Rua Brentano, 438, Vila Hamburguesa, São Paulo (SP), Fone (11) 3729-1198

e-mail: sergioppaula@hotmail.com.

Rubricas CA (Participante)

[Assinatura] (Pesquisador)

Página 2 de 3



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo



PUC-SP

Campus Monte Alegre (Perdizes)
Rua Monte Alegre, 984 - Perdizes, São Paulo - SP, 05014-901
CNPJ 60.990.751/0001-24

O(A) Sr(a). também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (CEP/PUC-SP) e com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), quando pertinente. O CEP – Sede Campus Monte Alegre localiza-se no andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello, na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 – Perdizes – São Paulo – SP – CEP: 05015-001 – Tel./FAX: (11) 3670-8466 – e-mail: cometica@pucsp.br. O CEP/PUC-SP é um colegiado multi e transdisciplinar, independente, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo(a) Sr(a)., ou por seu representante legal, e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Li e concordo em participar da pesquisa

Gad Paulo, 17/03/2021

(Local e data)

Carlos Artur R. de Vasconcelos

Assinatura do Participante

Georgio Peres de Paula

Assinatura do Pesquisador Responsável

Rubricas CA (Participante)

[Assinatura] (Pesquisador)

Entrevista 3 - Prof. Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento

Local: Sua residência, Pinheiros, São Paulo, no dia 17 de março de 2021.

Em plena época de normas restritivas da pandemia. Sendo o entrevistado do grupo de risco, as medidas cautelares foram devidamente tomadas.

SP: Estou aqui na presença do Professor Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento, que foi professor do IFT. Ele foi um dos convidados e aceitou fazer a entrevista da pesquisa sobre o IFT- Instituto de Filosofia e Teologia, Expectativas pós conciliar e as tensas relações entre Igreja e Estado, na década de 1960.

Essa pesquisa feita por mim, Frei Sérgio Peres de Paula no programa de Pós- graduação, Doutorado, em História pela PUC- Campus Monte Alegre, em Perdizes.

Professor, muito prazer em recebê-lo! Gostaria primeiro que o senhor falasse um pouco da sua trajetória e depois da sua experiência enquanto professor do IFT.

CARN: Então, o meu nome você já mencionou. Então, eu nasci no dia 06 de abril de 1935. Passei minha primeira infância, até 10/11 anos de idade em uma cidade de Minas, entre Belo Horizonte e Ouro Preto, Itabirito de onde é também o Telê Santana.¹⁵⁵³

Então, depois, eu fiz lá em Itabirito ... na realidade, meu pai era químico de uma siderúrgica, então era periferia de Itabirito, Usina Esperança; era o nome na época, depois passou a Queiroz Júnior e atualmente acho que ela não existe mais. Era uma siderúrgica; atualmente acho que é uma fábrica de bicicleta.

Então, é, com mais ou menos 10, 11 anos eu fui para o Rio de Janeiro, morar com meu avô para fazer o ginásio. E quando eu terminei o ginásio, meus pais se mudaram para Belo Horizonte e aí também eu fui fazer o curso colegial em Belo Horizonte. E lá, eu conheci o frei Mateus Rocha.¹⁵⁵⁴ E foi através dele que eu e eu entrei nos Dominicanos; e fiz o noviciado, em 1954. Em 55, eu vim para SP para começar os estudos de Filosofia e aqui nas Perdizes eu fiz o curso de Filosofia e Teologia. Quando eu estava no último ano do curso de Teologia, eu fui indicado para fazer uma dissertação para obter um título interno da ordem dos Dominicanos que é o “Leitorado”¹⁵⁵⁵ que equivale aproximadamente ao mestrado. Então, esse título da o direito de ensinar em

¹⁵⁵³ Telê Santana da Silva (1931-2006) foi um jogador e depois treinador da seleção brasileira de futebol. A referência ao jogador/treinador é interessante não só como contrarrôneo, mas porque a “cultura” das discussões em torno do futebol eram frequentemente calorosas nos conventos.

¹⁵⁵⁴ Mateus Rocha, cujo nome de batismo era José Rocha (1923-1985), foi religioso, teólogo e professor. “Estudou no Seminário Menor de Mariana (MG) e no Seminário de São Vicente de Paulo, em Petrópolis (RJ). Em 1947, trocou a Ordem dos Lazaristas, em Petrópolis, pelo Convento Dominicano, em São Paulo (SP). Entre 1949 e 1952, estudou Teologia em Saint Maximin, no sul da França. Foi eleito prior do Convento de Belo Horizonte, em 1954. Em 1956, aos 33 anos, foi escolhido provincial do mesmo convento. Reelegeu-se quatro anos mais tarde. Foi chamado por Darcy Ribeiro para organizar o Instituto Teológico da Universidade de Brasília (UnB), no ano de 1962. No projeto da universidade, o instituto estava previsto como um centro de pesquisa teológica, de caráter ecumênico. Frei Mateus renunciou ao cargo de provincial e transferiu-se para Brasília. Entre setembro de 1962 e janeiro de 1963, assumiu a reitoria da UnB. Foi vice-reitor da UnB, durante a gestão de Anísio Teixeira, entre junho de 1963 e abril de 1964. Instaurada a ditadura, em 9 de abril 1964, foi afastado da Universidade de Brasília. Em 1981, foi novamente eleito provincial do Convento de Belo Horizonte”. Cf. https://web.archive.org/web/20130127222013/http://unb.br/administracao/reitoria/exreitores/mateus_rocha

¹⁵⁵⁵ Para dar aulas nos conventos, as ordens religiosas exigiam alguns títulos como “Leitor” ou “Lente”, distinto do grau das “ordens menores”, necessárias antes de ser ordenado diácono e presbítero.

qualquer “estúdio”¹⁵⁵⁶ da ordem dominicana. E de fato em 1962, eu comecei a dar aulas na Escola Dominicana de Teologia,¹⁵⁵⁷ que era o estúdio dos dominicanos da província brasileira, né? Nessa época tinha 2 ou 3 províncias. Tinha uma província brasileira de origem francesa; havia também um vicariato italiano, sediado no interior de São Paulo, em Santa Cruz do Rio Pardo principalmente; e posteriormente havia também um vicariato dos malteses, sediado em Curitiba, se não me engano. Mas recentemente essas três instituições, digamos assim né, foram unificadas e atualmente existe apenas uma província dominicana brasileira, né. Então eu comecei a dar aulas em 62. Em 62 e 63 eu dei o curso de Lógica. A Lógica era concebida com uma espécie de ... acho que não era muito inapropriado e ... mas ... Teoria do Conhecimento. Não era simplesmente uma ... um conhecimento elementar das regras da lógica formal; era um pouco mais do que isso. E depois, em 64 e 65 e primeiro semestre de 66 eu dei o curso de Metafísica. Então o ... esses dois cursos estão inteiramente datilografados. Eu de vez em quando eu ainda consulto esses velhos papéis ... estão se desfazendo. No IFT, eu comecei a dar aulas em 1965...

SP: ... que foi o ano de criação do IFT.

CARN: ...é... foi o ano de criação do IFT.

SP: ... primeiro ano em que o IFT esteve em atividade.

CARN: Exatamente

SP: O senhor chegou a participar antes de algum evento que ... é, na ... da criação do IFT?

CARN: Não.

SP: Antes de 64... não.

CARN: Não.

SP: Só atuou como professor?

CARN: É ... e nem tive o conhecimento, sabe, de ... é ... quais eram as providências que estavam sendo tomadas, né, em vista da criação do instituto, né. Eu não sei se o frei José Neves, na época, né, não sei ele já era diretor nessa época. Creio que não, né?

SP- O primeiro diretor do IFT foi o padre Olinto Pegoraro.

¹⁵⁵⁶ “Studium”. Ao que indica no decorrer da entrevista, era assim que os dominicanos chamavam seus conventos dedicados à formação filosófica e teológica necessária para aqueles que seriam sacerdotes. Em geral, o professor pronuncia na forma portuguesa “estúdio”. Num determinado momento ele pronuncia na forma latina “studium”.

¹⁵⁵⁷ Parece que os dominicanos mantiveram seu “studium theologicum” durante a existência do IFT. Alguns frades ao menos fizeram parte do seu quadro discente. Após 1970, vários documentos aparecem com o nome “Escola Dominicana de Teologia”.

CARN: Ah sim, então, esse é velho conhecido também. Então, deve ter sido o Olinto quem me convidou, não diretamente, mas através dos meus superiores, né, para dar aula lá no IFT. E nesse primeiro ano eu dei um curso de Metafísica, que eu já tinha dado no estúdio dos dominicanos no convento das Perdizes. Eu repeti esse curso lá, né. É ... eu tenho a impressão de que era um curso bem dentro das tradições escolásticas, seguindo o pensamento de Tomas de Aquino, né. E a impressão que eu tive de que ... a recepção disso por parte dos alunos era muito variada, né. Teve um dia, eu levava as folhas datilografadas para serem “xerocadas”¹⁵⁵⁸, né. E isso era distribuído aos alunos. E um aluno no começo da aula disse: “professor, o que que eu faço com isso?” Aí eu disse: “Se você não tiver outra utilidade, pendura no banheiro da sua casa” (risadas). Isso era talvez um extremo. Esse aluno, né, ... eu acho que era um camiliano, se não me engano, né ... Que era o oposto do Olinto! O Olinto era um professor, um intelectual, né. E esse aluno pelo menos aparentemente não era tanto isto, né. E por outro lado, havia dois senhores, né, que eu conhecia através do convento e que foram seguir o meu curso lá no IFT, né. É ... um deles, atualmente, que é uma pessoa bastante conhecida, né, Professor Mário Sproviero,¹⁵⁵⁹ é professor de mandarim, na seção de línguas orientais, na USP. Aliás, desde aquela época, eu nunca mais vi o Mario, né. Então, ele e o amigo dele, que acho que era chinês ou vietnamita, chamava-se HO, H... O... Então, ele e o Ho assistiam o curso e eram pessoas que realmente podiam acompanhar aquelas coisas que eu tentava dizer na aula, né. Então ... a ... o grupo de alunos era assim muito diversificado né. Pelo menos era minha impressão, né. E o relacionamento foi bastante tranquilo, né. Nunca houve choques entre o professor e alunos, né. Nunca tive que tomar atitudes mais disciplinares ou coisa do gênero, né.

Em 1966, no começo do segundo semestre eu fui estudar no Canadá, no Instituto de Estudos Medievais que estava ... digamos institucionalmente no convento dos dominicanos, na “Côte Sainte Catharine”, ruas lá que são “Côte” porque elas estão na encosta do Monte Real. Então, eu fui morar nesse convento onde tava oficialmente a sede do instituto, né. Mas, o Instituto era filiado à Universidade de Montreal. Então, nesse momento, eu fiz os cursos pro mestrado; e redigi a dissertação de mestrado, né. E os títulos, né, tanto de Mestre, quanto posteriormente de Doutor são do Instituto afiliado da Universidade de Montreal, né. Então, como eu tinha mencionado anteriormente ... estávamos conversando, o fato de eu ir estudar lá no Canadá tava ligado a um plano da província de qualificar os professores do “Studium”. Eu fui designado pra me especializar em Filosofia e Teologia medieval lá no Instituto de Estudos Medievais de Montreal, né. Outros colegas foram pra França, foram pra Itália, né. É ...

SP: Quando o senhor retornou, o senhor deu aula novamente no IFT, né?

CARN: Exatamente, eu ia dizer isso, né ... Vou tomar um golinho d’água aqui ... Então, eu retornei no segundo semestre de 68; o país estava em polvorosa, né. Não só o país, mas o mundo inteiro. Em maio de 68, eu estava em Montreal. Eu me lembro, por

¹⁵⁵⁸ A difusão de fotocópias, que deu origem ao verbo “xerocar” em português, é posterior. O professor deve estar se referindo a cópias “mimeografadas”, que, na época, eram um meio bastante comum de cópia e difusão de textos e apostilas.

¹⁵⁵⁹ Mário Bruno Sproviero “possui graduação em Matemática pela Universidade de São Paulo (1965), graduação em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira (1969) e doutorado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (1984). Atualmente é professor titular da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Línguas Clássicas. Atuando principalmente nos seguintes temas: Lao zi, filosofia chinesa antiga”. Cf. <http://lattes.cnpq.br/4522964559655058>

exemplo, os estudantes da universidade, e eu no meio deles, nós fomos fazer manifestação diante do consulado americano e o presidente era o Johnson, né. E estava ... era um momento em que as manifestações contra a guerra do Vietnã; tinham assumido um volume bastante grande, né; e os estudantes gritavam “Johnson assassino”... (risadas) Não era ainda genocida, mas era assassino. Então, é ... quando eu voltei no segundo semestre de 68, eu dei aulas também de Metafísica no estúdio dos dominicanos e aí o ambiente do estúdio era completamente diferente. Então eu comecei tentando retomar o meu curso que eu tinha dado anteriormente e não deu nada certo, né. Depois de alguns meses, dois ou três meses de aula, os alunos pediram pra fazer uma reunião; e então nós passamos a propor um curso, monográfico, né. Nós tínhamos, é ... desculpe ... esse curso na volta, não foi ... não, tá certo, no segundo semestre de 68 eu dei o curso de Metafísica que ... não naqueles moldes escolásticos, né; não foi bem aceito pelos alunos. Então a gente passou a fazer um curso monográfico sobre diferentes assuntos ligados ao tema da Metafísica, mas cada aluno apresentava uma comunicação sobre um determinado autor, né. Eu me lembro bem que o frei Ivo, Ives Lesbaupin (pronunciado à maneira francesa), a gente por brincadeira chamava-o de “Lesbaupin” (pronunciando na forma portuguesa). Isso era uma vingança contra os franceses que estropiam como costumeiramente com todos os nomes estrangeiros, né. Pronunciavam a moda francesa qualquer nome estrangeiro. “Einstein” (pronunciado segundo o francês), é “Einstein”; e assim por diante. Então a gente por brincadeira vingativa, era chamar o Ivo de “Lesbaupin” (pronunciando segundo o português). Então, cada um apresentava uma comunicação sobre um determinado tema; anunciava o autor, sempre ligado à metafísica, né, e a gente discutia sobre aquela apresentação. Era uma espécie de seminário, né. E assim o curso foi até o final do semestre, né. Em 69, aí que eu fui de novo convidado a dar aulas no IFT, né, pelo frei José Neves, que era meu colega no convento e que neste momento era o diretor do IFT, né. E o Zé, é que a gente por brincadeira o chamava “o abominável homem das neves”, né. O Zé me pediu pra dar um curso de, na terminologia antiga seria o “De Deo Uno”. Ele queria que eu desse um curso nos moldes tradicionais, né. Mas eu, talvez já descolado pela experiência de dois cursos que não tinham dado muito certo na proposta tradicional, lá no IFT eu propus que a gente iria fazer uma leitura do livro do Bispo Robinson,¹⁵⁶⁰ né, “Honest to God”, em português, “Pesquisa em torno de Deus” ou qualquer coisa assim, né. Então como já havia a tradução em português, era uma tradução de Portugal, se não me engano, é, a gente tomou esse livro como base para o curso. Então, o curso foi durante um ano ou primeiro semestre pelo menos, de 69, uma discussão do livro “Pesquisa em torno de Deus”, né. E, creio eu que ... pelo menos não provocou a ira dos estudantes, né. Então, a minha participação no IFT foi sobretudo, como professor no primeiro ano de existência do IFT e no que teria sido o último ano, né? Que eu tenho dúvidas se foi 69 ou 70. Eu tenho aqui...

SP: Neste último ano o senhor deu aulas no IFT, ele funcionando no convento dominicano?

¹⁵⁶⁰ John Arthur Thomas Robinson, 1919-1983, foi um escritor, pesquisador do Novo Testamento, e bispo anglicano de Woolwich, Reino Unido, e professor da Universidade de Cambridge, até sua morte em 1983, em virtude de um câncer. Juntamente com o teólogo Harvey Cox, de Harvard, Estados Unidos, John Robinson foi um dos construtores da assim chamada “teologia secular”. Seu livro, “Pesquisa em torno de Deus”, publicado em 1968 em português pela Moraes Editores em 230 páginas, foi a obra utilizada pelos estudantes do IFT. O Professor Carlos Arthur cedeu vários trabalhos feitos pelos alunos do IFT, quando administrou a disciplina “De Deo Uno” em 1969. A maioria se refere a fichamentos dessa obra referida.

CARN: Não, não. É ... no primeiro ano o IFT funcionava no prédio que tinha sido o Des Oiseaux, né, o Colégio que tinha sido das Cônegas Agostinianas. E no último ano, ele já estava lá no Convento dos Carmelitas, na Martiniano de Carvalho, né. É... no últ... A ligação com os Dominicanos,¹⁵⁶¹ pelo menos na minha lembrança, é sobretudo, no último ano. No começo, o ... é... havia uma ligação com os dominicanos, mas não muito direta, né? Eu fui convidado para dar aula pelo padre Olinto, como você está, mencionou, né. Porque eu conhecia o Olinto e ele me conhecia por outras circunstâncias, né. É ... reuniões de Filosofia, aqui em São Paulo ou no Rio de Janeiro, e, então não havia com os dominicanos uma ligação mais direta, né. Nessa ocasião no último ano, tanto havia uma ligação bastante direta que o frei José Neves, era o diretor do Instituto, né; e o provincial da época, o frei Bernardo Catão,¹⁵⁶² tinha posto os seus professores do Estúdio Dominicano à disposição do IFT. Então aí havia uma ligação muito maior, né. E alguns estudantes dominicanos, foram mandados para estudar no IFT. Creio eu que alguns de Filosofia e outros de Teologia. Não tenho uma lembrança muito nítida a este respeito, mas eu me lembro bem...

SP: Alguns nomes de dominicanos, de estudantes que eu me recordo agora, por exemplo, tem o frei Tito Alencar, né, e frei Domingos Guimarães, esses são alguns nomes que me vem, que foram assim bem atuantes como estudantes dentro do IFT.

CARN: Sim! Ahan... Então, é, então, apesar dessa ligação mais direta dos dominicanos com o IFT, né, a minha participação era estritamente das aulas. Eu não participei de nenhuma tarefa de administração ou de, digamos assim, de caráter mais...

SP: ... reunião de professores, o senhor se lembra?

CARN: Não, não me lembro de nenhuma reunião de professores, não me lembro também de ter participado em nenhuma manifestação dos alunos ou dos professores, né? É, eu creio que nessa época, por volta de 69, é, o prior do convento era o ... como é que era o nome religioso dele? Era frei Chico, né. Ele era conhecido como frei Chico, né. E ele tinha uma atuação, é ... bastante direta, né. Em ... numa temática de caráter político, quer ... é ... pelas homilias que ele fazia na Igreja dos dominicanos, foram ... nas Perdizes, que é, creio eu, quer ... eram reuniões com os leigos, é ... ele chegou a criar um grupo de leigos, cujo nome eu não me lembro no momento, é ... cuja finalidade, que era de caráter pastoral, religioso, né, mas certamente, a temática política aparecia nas reuniões desse grupo, né. E, nesse momento, eu tenho a impressão de que o frei Chico foi detido pelo DOPS e houve uma manifestação,¹⁵⁶³ é ... que chamou bastante atenção na época, de alunos, creio eu, do IFT e dos dominicanos, né. E todo

¹⁵⁶¹ Conforme o Livro de Atas do D.A.XI.X., inicialmente à frente da direção do IFT estiveram os camilianos. A partir de 1967, a presença dos dominicanos à frente na diretoria do IFT e do diretório acadêmico foi bastante relevante.

¹⁵⁶² Francisco Augusto Carmil Catão (1927-2020), cujo nome religioso era “Frei Bernardo”, foi professor no IFT no seu primeiro ano, pelo menos, até se tornar provincial dos dominicanos.

¹⁵⁶³ Provavelmente esteja se referindo à manifestação ocorrida no dia 03 de agosto de 1967 em frente ao DEOPS, conforme Livro de Atas do D.A.XI.X., p. 54-59, cuja motivação foi protestar contra a intervenção policial em conventos e prisão de frades e padres. Segundo o entrevistado, ele foi para Montreal, Canadá, no segundo semestre de 1966 e retornou ao Brasil em 1968, voltando a dar aulas no segundo semestre desse ano. Portanto, as incertezas quanto à memória desses fatos provavelmente são do não envolvimento direto e por informações posteriores.

mundo foi lá a caráter, né, de hábito, né. Mas eu não tive participação nenhuma, nessas manifestações. A minha participação foi estritamente como professor, né. Poderia dizer assim, de uma maneira, talvez, é ... não sei se injusta para comigo mesmo ... eu era um perfeito alienado (risadas). Enquanto o país estava pegando fogo eu estava mexendo com Metafísica (rs). Você ia perguntar alguma coisa?

SP: O nome que aparece, e me parece que ele era dominicano, era do frei Luciano Parisi.

CARN: Sim...

SP- Ele era um dos que coordenava também o IFT, na época, principalmente nos primeiros anos, em 66, pelo menos o nome dele aparece e em 67 também. O senhor teve convivência, contato com ele?

CARN: Então, eu convivi com o Luciano quando eu voltei do Canadá. É ... ele era da província de Paris; e ele foi, é ... enviado para o Brasil, também aí num plano de colaboração das províncias europeias com a província brasileira. Aproximadamente nessa mesma época, vieram, por exemplo, dois poloneses, frei Rochniac,¹⁵⁶⁴ não me lembro o primeiro nome dele e o frei Tripnich (?), a não, desculpe-me, o Tripnich (?) era croata. Então vieram 2 croatas, o Tripnich e o Karl Zanik. O Karl Zanik (?) queria fazer um trabalho com a colônia Croata. Acontece que a colônia croata aqui em São Paulo, tava cantando samba, comendo feijoada. (risadas) Talvez tivesse até esquecido o croata. Então ele viu que aquilo que ele queria fazer, não existia, né. E ele foi para o Canadá. E... creio que lá ele conseguiu fazer o tipo de trabalho pastoral que ele queria fazer, né? É ... porque lá no Canadá, as colônias estrangeiras são quase que guetos, né. Ao contrário aqui do Brasil que, é, japoneses, italianos, alemães e croatas, muito mais facilmente eles se integram na sociedade, guardam alguma coisa da sua pátria, né. Tem as vezes associações nacionais, né. Promovem certas festas, né, mas não constituem propriamente guetos, né. É ... então vieram 2 croatas, veio o Lucien¹⁵⁶⁵ Parisi; vieram 2 poloneses... eu não me lembro os nomes dos poloneses... Então eram províncias que tinham frades saindo pelo ladrão, né. E que por circunstâncias do país, tanto na Croácia quanto na Polônia, não tinham muito o que fazer. Então eles, creio que, com relativa facilidade, a política ativa dos provinciais, da época, né ... é... aceitaram essa missão de reforçar a província brasileira, né. É ... o Lucien, guardo uma boa lembrança dele, né, ele era formado em Geografia, se não me engano; e depois ele deixou a ordem também, mas bem mais tarde, né. Não sei se depois de mim... acho que sim, depois de mim, né. E ele já não estava mais em São Paulo, ele estava no convento do Rio. Então, eu não tenho uma lembrança muito nítida de que o Luciano estivesse participado do IFT, assim de uma maneira tão direta, mas é bem possível que o Catão, que era o provincial, tenha designado o Luciano para essa atividade, né. Enfim, em relação ao IFT, o que eu tenho a dizer é basicamente isso, né. A minha ligação com o IFT pode ser considerada ... é como muito restrita, na medida em que eu ia lá, dava minhas aulas, né. Eventualmente batia um papo com um ou outro professor ou aluno, né. Mas, nada mais do que isso, né. Então, acredito que o essencial está dito, né?

¹⁵⁶⁴ Perguntado posteriormente, o próprio entrevistado tem dúvidas quanto ao modo de se escrever os sobrenomes referidos.

¹⁵⁶⁵ Pronunciado segundo o nome em francês, aparece em outros documentos como "Luciano".

SP: Tá ok, professor. Muito obrigado aí pela sua contribuição que com certeza traz alguns elementos novos aí, pra pesquisa, né? Sobre tudo nessa parte que o senhor falou nas aulas, né? Agradeço muito a sua participação.

CARN: Muito obrigado.

ANEXO F – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Padre Luiz Roberto Benedetti



FUNDAÇÃO SÃO PAULO

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo



PUC-SP

Campus Monte Alegre (Perdizes)

Rua Monte Alegre, 984 - Perdizes, São Paulo - SP, 05014-901

CNPJ 60.990.751/0001-24

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Sr. Pe Luiz Roberto Benedetti

O(A) Sr(a) está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa **“INSTITUTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA – IFT (1965-1969) - Expectativas pós-conciliar e as tensas relações entre Igreja e Estado na década de 1960”**, cujo pesquisador responsável é Sérgio Peres de Paula, atualmente inscrito no Programa de Pós-graduação em História da PUC-SP, Campus Monte Alegre (Perdizes).

Os objetivos do projeto são pesquisar a trajetória do IFT desde sua criação à sua extinção, procurando detectar as fases, a atuação política de alguns estudantes e as motivações dos conflitos com o regime militar e com a hierarquia da Igreja Católica, e como era sua organização institucional e seu projeto pedagógico.

O(A) Sr(a) está sendo convidado porque participou diretamente do IFT como um dos seus integrantes docente ou discente ou tem algum conhecimento da instituição.

O(A) Sr(a). tem a plena liberdade de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma para o tratamento que recebe neste serviço: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Campus Monte Alegre (Perdizes) Rua Monte Alegre, 984 - Perdizes, São Paulo - SP, 05014-901, Fone: (11) 3670-8000.

Caso aceite participar, sua participação consiste em conceder entrevista(s) ao pesquisador com relação ao objeto da pesquisa, o “Instituto de Filosofia e Teologia – IFT”. As entrevistas poderão ser presenciais ou em formato digital, utilizando-se de

Rubricas  (Participante)

 (Pesquisador)

Página 1 de 3



FUNDAÇÃO SÃO PAULO

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC-SP

Campus Monte Alegre (Perdizes)
Rua Monte Alegre, 984 - Perdizes, São Paulo - SP, 05014-901
CNPJ 60.990.751/0001-24

alguma plataforma que permita a transmissão on line. As entrevistas serão gravadas, transcritas e as informações utilizadas para a construção de uma narrativa histórica pelo pesquisador, dentro dos métodos da História Oral. As imagens e transcrições serão “fontes” e arquivo pessoal do pesquisador, utilizadas exclusivamente para pesquisa, resguardando a confidencialidade dos depoimentos, a sua privacidade, a proteção da imagem, a não estigmatização enquanto participante da pesquisa, com a garantia de uso exclusivo para a pesquisa sem prejuízos em relação a sua autoestima, prestígio ou algum aspecto econômico-financeiro.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos para o(a) Sr.(a) são a possível exposição a algum constrangimento devido a certas situações conflitivas em relação ao Estado e seus órgãos de segurança, mais especificamente o DEOPS, ou em relação às autoridades eclesiásticas na época.

Também são esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: um aprofundamento, maior conhecimento e compreensão dos fatos em relação à História da Igreja no Brasil e em São Paulo no período estudado.

Se julgar necessário, o(a) Sr(a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

Garantimos ao(à)Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica.

O(A) Sr(a). pode entrar em contato com o pesquisador responsável Sérgio Peres de Paula a qualquer tempo para informação adicional no endereço: Rua Brentano, 438, Vila Hamburguesa, São Paulo (SP), Fone (11) 3729-1198

e-mail: sergioppaula@hotmail.com.

Rubricas  (Participante)

Página 2 de 3

 (Pesquisador)



FUNDAÇÃO SÃO PAULO

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC-SP

Campus Monte Alegre (Perdizes)
Rua Monte Alegre, 984 - Perdizes, São Paulo - SP, 05014-901
CNPJ 60.990.751/0001-24

O(A) Sr(a). também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (CEP/PUC-SP) e com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), quando pertinente. O CEP – Sede Campus Monte Alegre localiza-se no andar térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello, na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 – Perdizes – São Paulo – SP – CEP: 05015-001 – Tel./FAX: (11) 3670-8466 – e-mail: cometica@pucsp.br. O CEP/PUC-SP é um colegiado multi e transdisciplinar, independente, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo(a) Sr(a), ou por seu representante legal, e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Li e concordo em participar da pesquisa

Campinas, 08/04/2021

(Local e data)

Reniz Roberto Bene de hi

Assinatura do Participante

Georgio Peres de Paula.

Assinatura do Pesquisador Responsável

Rubricas Rui (Participante)

Paula (Pesquisador)

Entrevista 4 - Padre Luiz Roberto Benedetti

Entrevista realizada no dia 08 de abril de 2021 – via plataforma Skype – on line

SP – Bom dia, Padre Luiz Roberto Benedetti. Desde já então o meu agradecimento pelo senhor ter aceitado esta entrevista... é... para o projeto de pesquisa em História; um projeto de doutorado, cujo nome é, até o momento... é “Instituto de Filosofia e Teologia – IFT (1965-1969). As expectativas pós-conciliar e as tensas relações entre Igreja e Estado na década de 1960”.

Então, Pe. Luiz, eu gostaria que primeiro o senhor se apresentasse e depois, então ... é... ficasse à vontade para falar sobre o IFT, a sua experiência no IFT como estudante ... é ... como que o senhor hoje vê esse passado e essa sua experiência em relação ao IFT.

PLRB – Bem, primeiro eu agradeço porque ... talvez até pela própria ... por ter sido uma experiência muito rica na minha vida. Primeiro, por ter passado por família italiana duramente, de uma ... não ... duramente é uma palavra, um adjetivo, um advérbio meio infeliz, mas é um catolicismo bastante rígido, bastante italiano, que, por sinal eu não desvalorizo, não, muito pelo contrário, porque para quem era neto, como eu, de quatro famílias de imigrantes, tanto por parte de pai como por parte de mãe, o catolicismo deu a eles uma ética do trabalho ... aí a gente contraria um pouco Weber¹⁵⁶⁶ que fala de uma ética do trabalho protestante, daquele trabalho rígido; e a religião que deu uma ética de conduta pessoal muito ... que por um lado era rígida demais; por outro lado sustentava uma sociabilidade da família. Mas, foi muito rígida e a vida religiosa sobretudo no seminário.

Eu passei três anos no seminário diocesano aqui de Campinas, três anos do antigo Ginásio. No quarto ano eu fui para os camilianos. Lá eu fiz o curso Clássico; dois anos mais concentrados, em tempo integral, o que equivale a dizer que são os três anos. Depois, o noviciado.¹⁵⁶⁷ E você sabe que o noviciado não é como é hoje, não sei como é hoje, mas, é um ano horrível. Não dá pra guardar boas recordações. E também não dá pra guardar boas recordações por que o Seminário Menor, no caso, não o noviciado nesse caso, o Seminário Menor era a continuação da rigidez familiar sem nenhum afeto, nenhum carinho; na realidade um regime militar onde tudo era ... tinha aquela coisa horrível ... não sei se tinha lá no seu seminário, mas o que a gente guardava muito era aquele... aquela ... aquele símbolo da Trindade, um triângulo, no meio escrito “Deus me vê”, quer dizer, era uma ... foi muito ... até é bom falar isto... embora seja da história pessoal, da trajetória pessoal... então o clima era esse, quer dizer, de... até ... eu falo... pode ser bobagem, mas eu falo... se você me perguntar “o que que você tem de bom pra contar desses três anos de Seminário Menor?” Eu digo: Você sabe o que é você ter na vida quatro anos e você ter que dizer que não teve nada pra dizer que foi feliz?... é feio isto, mas foi uma experiência muito rica e eu agradeço a Deus até hoje o Papa João XXIII.¹⁵⁶⁸

¹⁵⁶⁶ Referência a Max Weber (1864-1920), sociólogo e economista alemão. Dentre suas obras mais conhecidas está “Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”.

¹⁵⁶⁷ Em geral, o processo de formação nas ordens religiosas e congregações era “Seminário Menor” (estudos fundamental e médio), Noviciado e “Seminário Maior” (Filosofia e Teologia).

¹⁵⁶⁸ Ângelo Giuseppe Roncalli (1881-1963) assumiu o nome de João XXIII quando assumiu o pontificado em 1958.

Ele não fez nada de extraordinário, aparentemente, mas a figura dele ... eu gosto muito de trabalhar com essa ideia de “clima”, depois eu vou falar um pouco disso; o clima que ele criou na Igreja é o clima de que o cristão é feliz, o cristão é um homem de esperança, o cristão é um homem que crê na ressurreição. Como é a vida dele! Até eu tenho um texto que, só não decoro porque a memória não é tão boa mais. Mas é um texto da Hannah Arendt, onde ela fala ... que é um texto provocativo, “um cristão no trono de Pedro”¹⁵⁶⁹.

Então, nesse sentido, quer dizer, tem muita influência também, eu acredito, no IFT e em todas as ordens e congregações religiosas, a mudança da figura papal, não monárquica, hierárquica, no sentido teocrático, mas no sentido de ... a gente experimenta isto muito com Francisco, a experiência que João XXIII passava pra gente era de um homem feliz, um homem que sabia dialogar com o mundo inteiro; contrariamente a tudo que se dizia ... inclusive teve professores que diziam ... o Ivo Storniolo,¹⁵⁷⁰ já falecido, excelente exegeta, ele disse “ainda bem que veio Paulo VI no lugar” ... não no lugar de ninguém, mas como papa, porque João XXIII, é... João XXIII não teria aguentado o concílio. Mas é uma bobagem que se pensa de João XXIII, quer dizer, como é que você pode classificar como não preparado para o papado um papa que foi delegado apostólico na Bulgária, ou foi núncio, eu não sei, na Turquia, Paris, Venezuela, papado... quer dizer, passou por todas as experiências inclusive com países e culturas diferentes. Então, no clima em que foi criado o IFT, era um clima um pouco clima pós João XXIII, acentuado, e bastante, pelo clima do concílio, que contou com Paulo VI.¹⁵⁷¹ Paulo VI dizem que era titubeante, mas não era; ele gostava de ouvir os dois lados e encontrar uma via de conciliação.

Mas eu entrei no IFT... (tosse) ... Desculpem... em 1965. Portanto, no primeiro ano pós Concílio.¹⁵⁷² O IFT surgiu pelo fato de que cada congregação ou ordem religiosa, no caso mais as congregações, acho que de ordem nós tivemos ... bem... depois vou falar disso... de qualquer forma, elas tinham, cada uma, o seu seminário. Havia uma grande dispersão de forças em termos de qualidade intelectual porque ... você entenda bem ... uma ordem ou congregação sozinha man... manter vários professores da própria congregação com quatro, cinco ou seis matérias num... então para ter uma informação bem especializada, a partir de 1964 ... 1963, mas mais 1964, foi tomando corpo a ideia criação de um “Studium Theologicum” comum. E quem levou à frente,

¹⁵⁶⁹ Provavelmente referência a sua obra “Homens em tempos sombrios” na qual ela dedicou um capítulo a João XXIII, intitulado “Ângelo Giuseppe Roncalli: um cristão no trono de São Pedro de 1958 a 1963”, destacando em sua biografia, quando ainda bispo na Turquia, durante a guerra, em contato com organizações judaicas, impediu que o governo turco embarcasse para a Alemanha algumas centenas de crianças judias que haviam escapado da Europa ocupada pelos nazistas. (Cf. ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 67; também em um artigo publicado na revista New York Review of Books, em 1965, ela traça um perfil de João XXIII (Cf. <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/170-noticias-2014/528444-a-verdadeira-forca-de-joao-xxiii-artigo-de-hannah-arendt>)

¹⁵⁷⁰ Ivo Storniolo (1944-2008), teólogo biblista católico (Cf. <https://airtonjo.com/blog1/2008/11/ivo-storniolo-1944-2008.html>)

¹⁵⁷¹ Giovanni Battista Enrico Antonio Maria Montini (1897-1978), papa sucessor de João XXIII, com o nome de Paulo VI

¹⁵⁷² O Concílio Vaticano II se realizou em Roma durante o outono europeu, entre outubro e dezembro; a primeira sessão ocorreu em 1962 e a em 1965 (Cf. <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/601643-vaticano-ii-nao-e-o-unico-concilio-controverso-diz-teologo-catolico>). O IFT iniciou as atividades no início de 1965, portanto, ainda durante o Concílio.

quem ... um dos que estavam à frente da ideia foi o Padre Olinto Pegoraro,¹⁵⁷³ que naquele tempo era padre cam... camiliano, reitor do seminário dos camilianos lá no Jaçanã; e ele foi um dos ... pai da iniciativa, mas quem levou à frente foi o Padre Alcuíno Derks,¹⁵⁷⁴ que era agostiniano da Assunção, que era presidente da CRB na época, no regional São Paulo.

Levaram à frente, só que no primeiro ano houve ... digamos assim... uma mistura de alunos do quarto ano, do segundo... do terceiro... e do primeiro, porque, conforme o currículo de cada seminário, algumas matérias que no IFT supunham serem feitas no primeiro, eles iam refazer no primeiro ou fazer a primeira vez no primeiro, embora estando no quarto. Por que que eu conto isso? Porque isso aí vai ter influência na... no adiamento de muitas ordenações. A minha foi uma. Ou mesmo de ... como é que eu digo... de abandono do ministério e da vida religiosa. Na minha classe, éramos mais de 16 ... só camilianos. Padres, fiquei eu e um peruano. Os agostinianos... eu tenho a impressão que ficou o Fontanella¹⁵⁷⁵ ... não tenho certeza ... talvez mais um ou dois ... o Fontanella já é falecido. O Fontanella era artista; era muito inteligente, muito querido pelo pessoal.

Então, o que que acontece... acontece que às vezes você estava no primeiro ano e ao teu lado, na mesma classe, estudava um do quarto ano. No fim do ano, ele se ordenava e dois ou três anos depois, ele abandonava o ministério. Isso é engraçado ... levava muita gente ou a abandonar ou a pensar melhor se valia a pena ou não ... ou mesmo a ter conversação (???) clara. Quer dizer, houve um padre camiliano ... chegou a ser padre ... ele escreveu um livro ... isso foi lá nos anos 67 ... 66 ... 65... que saiu... Eu não me lembro, o título que era pra provocar mesmo... mas no fundo tinha uma ideia de que a Igreja era mesmo uma prostituta¹⁵⁷⁶ ... talvez fosse ... inclusive ... faz muito tempo ... que eu não me lembro... mas a frase existia. E ele não chegou a ser suspenso porque Paulo VI, nesse aspecto, ele foi um papa ... entenda bem... essa semana que passou agora ... domingo... ou antes faleceu Hans Küng, o grande teólogo suíço e o... veja bem ... o Ivo Storniolo, que era esse biblista que eu já citei, não deu aula pra nós porque mais ou menos nessa época estava estudando em Roma, eu acredito. Que ele disse, quer dizer, que talvez João XXIII não tivesse aguentado o concílio ... seria ... daí veio Paulo VI ... E... o que que acontece... acontece que o clima era esse. Era um clima de muita contestação. Não em 65; não em 66. Eu me lembro que em sessenta e... num desses três anos, o Papa Paulo VI falou pela primeira vez na ONU.¹⁵⁷⁷ Era uma hora... um dia à tarde, no Brasil. E todo mundo se

¹⁵⁷³ Olinto Antônio Pegoraro (+2019) foi religioso camiliano, primeiro reitor do IFT; no Rio de Janeiro atuou como filósofo na área de Ética; trabalhou na UFRJ, UERJ e PUC-RJ. Cf. <http://nucleodememoria.vrac.puc-rio.br/noticia/2019/01/falecimento-prof-olinto-pegoraro-professor-departamento>

¹⁵⁷⁴ Alcuíno Derks (1914-1991), religioso assuncionista holandês, trabalhou durante várias décadas no Brasil; assumiu a presidência da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB, em 1962. (cf. <https://www.assomption.org/biographie/alcuino-henri-derks-1914-1991/>)

¹⁵⁷⁵ Frei José Alberto Fontanella (+1996), religioso agostiniano recoleto; seu nome consta entre os fundadores do diretório acadêmico do IFT, conforme o Livro de Atas do D.A.XI.X, p. 2.18.

¹⁵⁷⁶ Possível referência à Sérgio Zanella, que foi aluno do IFT, conforme o Livro de Atas do D.A.XI.X., p. 19, que escreveu um livro em 1968, intitulado “Igreja Traída”. Em 2016, a Editora Prismas publicou uma terceira edição do livro; quando escreveu o livro era recém ordenado sacerdote e era diretor do Seminário Camiliano Pio XII, no Jaçanã. (<https://www.travessa.com.br/a-igreja-traida-3-ed-2016/artigo/d5230899-7aa5-4899-9bbb-f6fd464d5052>).

¹⁵⁷⁷ O discurso foi feito no dia 04 de outubro de 1965 (cf. https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651004_united-nations.html).

reuniu em torno de um radinho.. de um rádio ... não tão radinho assim ... pra ouvir Paulo VI na ONU. Quer dizer, era uma época em que a gente se sentia “Igreja”.

Mas contestação não era contestar por contestar. Como eu disse, havia um clima que foi culminar em maio de 68, que foi levar a dureza, o endurecimento, não sei se posso usar essa palavra, do Paulo VI em 1968, com a “*Humanae Vitae*”. Gerou uma polêmica dentro da Igreja, uma contestação entre bispos inclusive. E aí então Paulo VI deu uma certa guinada ... uma palavra que pode significar tudo ou nada ... uma guinada conservadora ... teria dado a guinada conservadora. Nesse clima também, eu me lembro bem que no pontificado de João XXIII, quando eu estava na Filosofia, ainda não era IFT portanto... antes de 65... quando saíram as encíclicas ... a “*Pacem in Terris*” e a “*Mater et Magistra*”,¹⁵⁷⁸ a gente já sentia o clima que vinha vindo. Quer dizer, que João XXIII teve coragem de dizer ... um parêntese ... teve coragem de abrir coisas inimagináveis.

Quando ele quis na... na “*Pacem in Terris*”... ele coloca ... o parêntese é o seguinte... eu discuti ... discuto muito ... discuto... falo com seminaristas hoje ... e falo que não se espantem com essa “ideologia de gênero”, que é preciso entender o que quer dizer isso. Eles acham que tanto faz homem com homem ... mulher com mulher ... confundem com homossexualismo... que não tem nada a ver... Mas eu falei... veja bem... é muito simples a ideia fundamental: é que o papel social do que é masculino, do que é feminino não é só biológico; é também cultural. O que significa ser homem? O que significa ser mulher? Não é dado biologicamente, mas tem influência das culturas... Mas aí a turma confunde “Cultura” com “saber coisas”. Aí claro que não bate... “Saber cultura” ou “costumes culturais”... quer dizer... aí veja bem, eles esquecem uma coisa muito importante tanto de João XXIII como de Paulo VI ... quando João XXIII diz na “*Pacem in Terris*” que os grandes sinais dos tempos, portanto, os sinais de Deus na História, são: liberação dos trabalhadores, liberação da mulher, em que a mulher começa a assumir seu lugar na sociedade, e a descolonização, o processo de descolonização... e Paulo VI diz, quando fala do “*Fiat*”¹⁵⁷⁹ de Maria, é o “*Fiat*” próprio pra mulher moderna porque hoje ela quer ter seu lugar na sociedade. E isso supõe um ser consciente, liberdade pessoal pra conscientemente dizer “sim” ou “não” ... aquilo que Paulo VI põe na “*Marialis cultus*”¹⁵⁸⁰ como modelo ... Fecho o parêntese... Quer dizer então... mas nessa época... é muito interessante que o que o Ivo Storniolo disse... eu repeti a coisa mas, uma outra coisa que eu queria dizer, quer dizer, ele disse que esse Papa... por isso que pensei no Hans Küng¹⁵⁸¹ ... teve... ele aguentou o Concílio... quer dizer ... teve as ... o período pós-conciliar, a carga pós-conciliar, sem por nenhum teólogo no exílio... quer dizer, exilar... ele falou: aí é preciso muita grandeza; precisa ter muita... e ontem, eu lendo, o Hans Küng foi... teve uma conversa de mais de uma hora com ele dizia, Paulo VI, eu quero, eu preciso dos teólogos ao meu lado, mas eu gostaria, falando pro Hans Küng, que os teólogos fossem fiéis à Igreja. Ele falou: eu sou muito fiel à Igreja, mas ser fiel não significa ser submisso. E quando

¹⁵⁷⁸ Encíclicas de João XXIII, “*Pacem in Terris*” foi publicada em 11 de abril de 1963; “*Mater et Magistra*”, em 16 de maio de 1961).

¹⁵⁷⁹ Expressão latina que significa “faça-se”, refere-se à resposta de Maria ao Anjo Gabriel, conforme o Evangelho de Lucas 1, 38 (cf. <https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/sao-lucas/1/>).

¹⁵⁸⁰ Encíclica de Paulo VI, publicada em 02 de fevereiro de 1974.

¹⁵⁸¹ Teólogo suíço, nasceu em 1928 e faleceu em 2021 (Cf. <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2021-04/morte-teologo-suico-kung-bento-xvi.html>).

a gente faz críticas, a gente tá mostrando fidelidade. É uma forma de contribuir... de ser fiel.

Então, esse clima, como eu estava falando pra você, explica muito o IFT. Ponto positivo desse primeiro ano: a gente conheceu outras ordens, outras congregações. E eram umas sete ou oito que estavam lá. Os agostinianos, a sua congregação, moravam conosco, camilianos, porque eram poucos, tinha lugar no seminário; dois estudantes da diocese de Manaus; quatro, que fizeram a Teologia conosco, saíram do Ipiranga, porque o Ipiranga era considerado muito conservador até pelos bispos; e também a diocese de Santo André. Os estudantes de Santo André estudaram no IFT nessa época. O ponto dessa partilha de várias congregações criou um clima relativamente comum muito marcado, fortemente marcado por aquilo que já existia em embrião, que era... eram duas coisas, duas realidades muito importantes. Havia entre os filósofos... havia a União dos Seminaristas de São Paulo... Filosofia... os teólogos têm os USMAS, União dos Seminaristas Maiores do Sul... depois se espalhou em nível nacional... Eu fui dos últimos que ocupou... não me lembro se o meu cargo era de secretário... ou tesoureiro, não, não era, porque não sei lidar com dinheiro... era secretário ou vice-presidente, coordenador... praticamente acabou porque acabaram os estudantes de Teologia... Isso foi lá pelos anos de 69... 70... por aí... porque 70 eu deixei os camilianos e não estava mais no IFT.

O IFT funcionava, como eu falei, aí no Des Oiseaux, na Caio Prado, e depois passou pro convento dos carmelitas, lá na Bela Vista, naqueles lados perto do Hospital Beneficência Portuguesa.¹⁵⁸²

O que a gente teve de grande ... de ganho, foi ... Bom, primeiro esse clima da época do ponto de vista eclesial ... era um ponto de vista, digamos assim, o IFT tem toda uma história aí ... havia congregações que... até por preconceito... é verdade, preconceito, porque eram muito conservadoras, muito atrasadas... põe o termo que você quiser ... conservador aí não é o valor positivo de conservar a tradição, mas de fechar a tradição numa caixinha, por a chave e transmitir a chave pra todas as gerações; perde o caráter histórico, de transformação, que aí tradição vem...

E o segundo ponto é que a gente estava vizinho da Faculdade de Filosofia da USP; do Mackenzie, à direita, e à esquerda, da Faculdade de Filosofia da USP.¹⁵⁸³ E é engraçado porque a gente publicava um jornal... não me lembro nem o título, embora eu tenha...

SP: "Opinião"¹⁵⁸⁴

PLRB: Isso... acontece que eu não tenho nenhum exemplar... eu choro porque eu tenho um que deu até o que falar na Faculdade de Filosofia: "Revolução não é golpe militar"... Golpe militar não é revolução"... alguma coisa assim ... de uma... foi matéria de capa ... Só que aí o interessante é que quem estava à frente do jornal, que era o Diretório Acadêmico ... o Diretório Acadêmico foi dirigido algum ... muito tempo... naquele tempo era muito porque durou pouco o IFT, né... , por um beneditino, grande

¹⁵⁸² O IFT funcionou no Colégio Des Oiseaux entre 1965 e 1967; no convento carmelita, na Rua Martiniano de Carvalho, no Bairro do Bela Vista, nos anos de 1968 e 1969.

¹⁵⁸³ As referências quanto a tendências político-filosóficas e não geográficas.

¹⁵⁸⁴ Cf. Livro de Atas do D.A.XI.X., p. 32.

jornalista depois, ele deixou o mosteiro, Sinval Itacarambi Leão¹⁵⁸⁵ ... e o Frei Tito foi presidente do Diretório Acadêmico¹⁵⁸⁶ ... Frei Tito Alencar Lima, um dominicano que foi torturado pelo... pelos militares, depois do golpe de 64 ... agora em 64 houve o golpe militar, havia um clima hostil em relação ao golpe militar sim, mas não vinha tanto de uma postura política, vinha, como eu disse, de uma cultura de contestação... de uma época, entende, isso é explicável sociologicamente, na realidade, porque como tudo vinha pronto, tudo vinha empacotado, é como se você ficasse preso numa caixa... aí quando você sai, você faz qualquer coisa... Quer dizer, aquela rigidez da vida religiosa, de repente é posta em causa. Mas aí, naquela época não é só do ponto de vista eclesial, mas era do ponto de vista, inclusive, político. Isso se refletia muito no jornal e na opinião geral dos alunos. Criava um clima até de contestação nas aulas. Veja bem, um episódio que me recordo com um ... até com uma certa tristeza porque depois eu vi como é duro dar aula e os alunos não estarem nem aí... ultimamente... porque eu dava aula de Sociologia das Religiões e pensava num é Teologia e então... leva de qualquer jeito... mas tenho a alegria de ter tido alunos que hoje são doutores bem melhores que eu na ... foram muito além de onde eu fui... quer dizer... e dizem... “Graças a você que me ensinou a gostar disso”. São universidades tipo USP, UNICAMP... bom... enfim... não é o caso de contar glórias, mas pra dizer o que?

Que bem ou mal nós tivemos muito bons professores. Se repetia um pouco aquilo que existia nos vários seminários. Mas houve gente de renome que deram aulas pra gente. Por exemplo, mais quando eu saí, ou quando estava saindo ... em 69 começou a dar aulas ali o Hugo Assmann.¹⁵⁸⁷ Eu me lembro do Hugo Assmann numa imagem... depois ele veio aqui pra perto... pra Piracicaba... perto de Campinas, ficou muito amigo nosso... ele foi dar uma palestra no IFT em 68 ... antes ... já contratado pra ser professor a partir de 69... e ele... eu me lembro dele de batina, assim todo solene... meu Deus do Céu, não dá pra imaginar que era o Hugo Assmann, porque era um gaúcho muito valentão... valentão sem nada de pejorativo nisso... assim, corajoso melhor... valentão é feio. Corajoso nas posições, mas claro, sabia compreender os outros. Isso eu posso dizer das experiências que a gente teve com ele.

O Frei Carlos Mesters,¹⁵⁸⁸ carmelita, deu aula de Bíblia; o Frei Gorgulho deu aula de Bíblia; o Sebastião Neves, que era um professor de Eclesiologia formado em Paris... formado em Paris... formado na França ... mas com grande influência do Pe. Congar,¹⁵⁸⁹ que era o grande Eclesiólogo da época. A Cristologia foi o Bernardo Catão¹⁵⁹⁰ que entre nós ele está dando aulas até hoje, mas os alunos não suportavam porque ele era rigorosíssimo. Ele fazia ler os textos dos Santos Padres na Cristologia, a refutação dos hereges aos Santos Padres e a refutação dos Santos Padres aos hereges. E era um tal de ... de procurar onde ler isso ... ou em francês... no caso aí, em francês...

¹⁵⁸⁵ *Ibid.*, p. 32.

¹⁵⁸⁶ Frei Tito de Alencar Lima foi muito atuante no D.A.XI.X. durante os anos de 1967 e 1968; assumiu a presidência do diretório em 15 de setembro de 1967, conforme Livro de Atas do D.A.XI.X., p. 60-64.

¹⁵⁸⁷ Hugo Assmann (1933-2008) foi sacerdote católico e um dos grandes expoentes da Teologia da Libertação. Lecionou no IFT em 1967 até dezembro de 1968. Com o AI5, refugiou-se na Alemanha entre 1969 e 1970; e depois no Uruguai (Cf. <http://www.oexplorador.com.br/hugo-assmann/> 18 de dezembro de 2014).

¹⁵⁸⁸ Jacobus Gerardus Hubertus Mesters, cujo nome religioso de frade carmelita é “Carlos Mesters”, nasceu na Holanda em 1931, vive no Brasil desde 1949. Cf. <https://www.olharjornalistico.com.br/index.php/video-cast/11388-frei-carlos-mesters-carmelita-biografia>.

¹⁵⁸⁹ Yves Congar (1904-1995) foi teólogo dominicano francês, muito influente durante o Concílio Vaticano II.

¹⁵⁹⁰ Francisco Augusto Carmil Catão (1927-2020), foi religioso dominicano com o nome de “Frei Bernardo Catão”; escritor e teólogo (Cf. <https://osaopaulo.org.br/brasil/morre-o-teologo-francisco-catao/> 07 de maio de 2020).

quer dizer, um excelente professor, mas ele deu aula somente um semestre de Crisologia, que era um ano todo. O segundo semestre, ele ficou provincial dos dominicanos e teve que deixar.

Então, nesse sentido de ter professores bons, o IFT ... um ou outro não aparecia ... mas teve luminares, que são luminares até hoje, como o Gorgulho,¹⁵⁹¹ que faleceu mais ou menos uns dois ou três anos atrás, mas era referência ainda. O Carlos Masters está vivo até hoje, trabalhando com grupos populares e ... mas estudioso como sempre.

Agora, o que é interessante na experiência do IFT? A primeira coisa é que, como eu disse, eu não falei, mas tinha um episódio guardado na memória... um episódio... não sei se contei... um professor deu a primeira aula sobre Bens da Igreja no Direito Canônico ... era sobre patrimônio... essas coisaradas... e um aluno falou ... sim, sim... isso é patrimônio da Igreja ... é abençoar e condecorar o diretor da Volkswagen ... é que o Agnelo Rossi tinha condecorado... tinha recebido uma condecoração do gerente, do diretor geral da Volkswagen do Brasil... E todo mundo caiu na gargalhada. O frei que dava Direito Canônico, muito competente. Ele não voltou pra segunda aula. Aí foi umas tratativas muito demoradas a convencê-lo a voltar. Mas eu não sei se esse episódio foi feliz; eu estava entre os que riram, fizeram festa porque o clima era este, entende? A turma pode pensar... ah, mas é uma coisa muito episódica, mas não é episódica. Ela reflete o estado de espírito... o estado cultural da época. E que vai culminar com consequências para a Igreja até hoje. Essa geração, eu penso assim, essa geração poderia ter dado um rumo novo para a Igreja, substituindo até essa nova geração que está causando muito problema até para o Papa Francisco. Quer dizer, os melhores foram os que deixaram, os que abandonaram o barco. Eu saí por seis anos. Voltei para a diocese de Campinas. E, nesse período, veja bem a diferença na vida da Igreja. Quando eu vim para Campinas, o responsável pela comissão vocacional, ele tinha um espírito do IFT, nesse sentido, porque ele disse o seguinte: “Benedetti, não deixe de trabalhar. Não abandone seu mestrado na USP. Quer dizer, aí a gente “faz das tripas, coração” e vem com alegria. O seminário não tinha missa todo dia; tinha a celebração da Palavra, distribuição da Eucaristia, o ofício divino era o breviário novo, não tinha saída, era o “Oração do tempo presente”, uma espécie de breviário abreviado, sendo redundante, e sem especificação dos vários tempos.

Depois o que foi interessante. Quer dizer, dos ex-alunos do IFT, ou aluno do IFT nessa época, ninguém foi preso,¹⁵⁹² mas havia soldados vigiando a Rua Caio Prado. Era onde ficava o IFT. Agora, dentro do IFT, várias congregações, professores de várias congregações, um clima de união dos ... que já estava mais ou menos esboçado naquele USMAS, como eu já falei. E a USPC. Os que agrupavam a Teologia eram os USMAS, a Filosofia era USPC. Depois ficou só a USMAS. Os dois se juntaram também. Então o clima “ecumênico” era muito grande. Veja bem que quem deu aula de

¹⁵⁹¹ Frei Gilberto Gorgulho (1933-2012), frade dominicano, teólogo e biblista, colaborador da CRB e da CNBB. Cf. <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/516761-frei-gilberto-gorgulho-op-1933-2012>.

¹⁵⁹² Vários estudantes do IFT foram presos por ocasião da manifestação realizada no dia 03 de agosto de 1967 em frente ao DOPS, noticiada na Folha de São Paulo do dia seguinte, com foto de um frade agostiniano recoleto sendo conduzido ao interior do edifício por um agente de segurança na capa em primeiro plano e reportagem na página 15. Esses estudantes presos foram fichados e liberados. Outros estudantes do IFT foram presos por ocasião do Congresso da Une em Ibiúna, em outubro de 1968.

“Introdução ao Mistério cristão”, durante dois anos, foi um professor católico, do mosteiro de São Bento. Depois foi substituído por um professor da Igreja Reforma Armênia, protestante, que era Aharon Sapsezian,¹⁵⁹³ que era diretor da ASTE, Associação dos Seminários Teológicos Evangélicos. Quer dizer, esse clima de ecumenismo muito grande entre os próprios professores. Agora, com a publicação da “*Humanae Vitae*”, em 1968 ... ou 69... bom... isso aconteceu já em 1969 ... ou não ... não eu acompanhei...

SP: A publicação da “*Humanae Vitae*” foi em 1968, julho de 68.

PLRB: Agora aí que eu num ... eu não sei se eu estou fazendo alguma confusão, mas veja bem, desculpa a confusão de datas, mas o episódio vale. Acontece que três professores ... três meio luminares do IFT, que era o Hugo Assmann, o Frei Sebastião Neves,¹⁵⁹⁴ o terceiro eu realmente não me lembro quem era, fizeram uma crítica na Folha de São Paulo¹⁵⁹⁵ ... num dos jornais do grupo Folha, que publicava seis ou sete jornais na época ... eu sei porque trabalhei lá nesse tempo em que eu saí do seminário... contestando... bom ... contestando ... bom... vou usar um verbo mais radical... contestando a “*Humanae Vitae*”, mostrando que ela era ... tinha um fundamento muito bonito, no começo, até o meio e na parte final, do meio pro fim era puro biologismo. Quer dizer, esquecia um pouco o fundamento que tinha posto, que era ... que estava no Amor e partido para o aspecto puramente biológico. E isso irritou profundamente o Agnelo Rossi que resolveu fechar o IFT como uma medida de força. Mas, deu muita reação por parte de aluno, de professores ... e negociações ... e, enfim, não fechou, mas, segundo o Olinto Pegoraro, já falecido, ele falou, não me lembro em que circunstâncias, mas eu não estava sozinho, mas ele falou assim: bom, o Agnelo foi muito esperto... já falecido ... Deus o tenha... entenda bem ... é a História ... entende ... não estou difamando ninguém ... o Olinto também faleceu. Ele disse o seguinte: bom, o Agnelo não fechou, mas também foi mais esperto. Foi a Roma ... digo, foi à Alemanha e conseguiu bloquear todas as verbas que a “*Miserior*” e a “*Adveniat*”¹⁵⁹⁶ davam para

¹⁵⁹³ Reverendo Aharon Sapsezian (1926-2012), nasceu num campo de refugiados e veio pra o Brasil com um ano e meio de vida; formado em Letras Clássicas pela USP e em Teologia pela Universidade Metodista, pastor da Igreja Central Evangélica Armênia de São Paulo (Cf. <https://estacaoarmenia.com.br/5799/a-nacao-armenia-perde-o-rev-aharon-sapsezian/>).

¹⁵⁹⁴ O reitor que sucedeu o Padre Olinto Pegoraro foi Frei José de Freitas Neves; não há dados para saber se se trata de uma confusão ou não.

¹⁵⁹⁵ “O Grupo Folha é um dos principais conglomerados de mídia do Brasil, consolidado pelo empresário Octavio Frias de Oliveira (1927-2007). Sua história começou em 1921 com a fundação por Olival Costa e Pedro Cunhado jornal Folha da Noite, seguido do Folha da Manhã (1925) e do Folha da Tarde (1948)[1]. Os três jornais foram fundidos em 1960 dando origem à Folha de S. Paulo, que dois anos depois passaria para o controle de Octavio Frias em sociedade com Carlos Caldeira Filho ... O Grupo também foi proprietário dos extintos Última Hora (de 1965), Notícias Populares (também de 1965), Cidade de Santos (de 1967) e Folha da Tarde (de 1967)” extraído do site http://www.meiosnobrasil.com.br/?page_id=559.

¹⁵⁹⁶ Instituições da Igreja Católica alemã que prestam auxílio para projetos de desenvolvimento humano (*Miserior*, cf. <https://www.misereor.org/pt/sobre-nos>) e eclesial (*Adveniat*, cf. https://www.adveniat.org/fileadmin/user_upload/spanische_Seite/POR_Adveniat_-_protecao_de_crianças_jovens_e_adultos_vulneráveis_port.pdf).

A informação de uma viagem de D. Agnelo Rossi à Alemanha pode estar equivocada. Outros entrevistados, como o Sr. Regis Lemos e o Padre Paulo Homero Gozzi disseram que ele escreveu para os superiores das ordens e congregações e, possivelmente, a essas instituições. Não foi encontrada ainda essa carta aos superiores. Um dos que trabalharam no IFT com a finalidade de buscar fundos nessas instituições foi Frei Aduari Fiorotti, já falecido. Conheci Aduari Fiorotti; estive com ele por alguns momentos nos encontros dos ex-frades agostinianos recoletos e algumas visitas que ele fez ao Seminário Santa Mônica, quando eu era estudante lá. Recordo-me de Aduari

o IFT. Com isso, ele não tinha como se manter. Porque, queiramos ou não, as despesas das congregações aumentaram e não eram congregações ricas, que tinham grandes obras. Por exemplo, você pense como são os Missionários do Sagrado de Vila Formosa. Eles não têm escolas ... não tem ... entendam ... e esse tipo de pressão... de manutenção, melhor, do IFT dependia muito do dinheiro estrangeiro. E a gente não sabia disso. Agora, politicamente... politicamente havia o jornalzinho, o diretório acadêmico era muito atuante no meio estudantil. Formou uma geração bastante sofrida, porque era o golpe militar, mas ao mesmo tempo aguerrida, lutadora; ia em manifestações, fazia manifestações.

Primeiro, até 69... talvez você saiba mais eu...

Sérgio está saindo a minha voz? Tá? Ah, é você que está com o microfone desligado?

SP: Sim, sim, pode falar tranquilo. Eu estou ouvindo e deixei o meu microfone desligado.

PLRB: Ah, sim... porque o sinalzinho estava em você, e não em mim.

Mas, aí, veja bem, Frei Tito, por exemplo, ele era dominicano. Ele foi muito atuante no IFT como diretor do ... presidente do diretório acadêmico. O Sinval Itacarambi Leão foi o responsável pelo jornal. E eu trabalhava, no caso, no jornal... trabalhava... ajudava a redigir ... corrigia. A parte gráfica não era nada comigo, mas não era... alguns números só. Eu não sei se em algum lugar se mantém isso.

SP: (fazendo gestos de negação com a cabeça)

PLRB: (rindo) é uma pena... senão eu já ia cobrar...

SP: Eu não conseguir encontrar ainda nenhuma documentação assim do ... em bloco ... do IFT... onde está a documentação oficial do IFT, eu ainda não consegui encontrar.

PLRB: Não está na CRB?

SP: Não sei...

PLRB: Procura na CRB, porque, veja bem, quando eu vim para concluir a Teologia, na hora de voltar pra Campinas... e de entrar em Campinas, eu precisava apresentar o que eu tinha feito de Teologia. Quer dizer, não que não acreditassem em mim, mas, claro, faz parte da documentação do padre diocesano. Eu fui buscar na CRB, que naquele tempo, por conta da... veja tem toda uma... um problema aí que envolve mais que IFT ... era um pouco o abandono... o seminário esvaziando... quer dizer, era um negócio assim... talvez à noite ... algum seminarista que tivesse fora do seminário e tivesse ido à cidade, ou tivesse ido... enfim... voltava à noite com alguma novidade ... Ah, o Catão deixou o ministério ... e o tal professor deixou o ministério... tal padre

comentar de viagens que fez à Europa para contatos com essas instituições alemãs para conseguir recursos financeiros para o IFT. Quando deixou a ordem e o exercício do sacerdócio, provavelmente a obtenção desses recursos tenha ficado afetada. Na entrevista com o senhor Régis Lemos, ele diz que Adauri vivera na Europa por cerca de 10 anos (cf. Entrevista com R. L., p. 19). Na entrevista com Padre Paulo Gozzi, ele fez que D. Agnelo se indis pôs com IFT, quis fechá-lo. "Ele fez força", disse o entrevistado, mas como era da CRB, os provinciais decidiram continuar. Alguns, porém, depois disto, retiraram seus estudantes de lá (cf. Entrevista com PPHG, p. 5).

deixou o ministério ... tudo isso criou aquilo que talvez eu não cheguei a dizer claramente.

Pra mim foi muito infeliz isto do IFT... porque quem foi embora depois de formado, tinha tudo pra formar uma geração forte, resistente, atuante. E eu vi isso num professor ... pra mim quando eu resolvi entrar pra Campinas. Esse professor, se faleceu foi muito recentemente, eu não acompanhei mais, porque ele andava meio doente; chegou a ser professor aqui em Campinas na UNICAMP. Ele disse: “a gente quer destruir a Igreja e você vai reforçar a Igreja?”. Eu falei: “Não. A gente tem que bater fora e bater dentro. Eu vou bater dentro.” Quer dizer, na verdade esse verbo “bater dentro” é um pouco infeliz, eu reconheço, mas significava que essa geração poderia ter contribuído por uma melhor presença da Igreja no mundo. Uma Igreja mais significativa, porque era um pessoal que teria uma preparação muito boa, teria uma visão muito boa porque era um pessoal que passou por uma socialização nova pós Vaticano II, pós João XXIII. E quando eu falo disso, num foi dentro da Igreja. Aquele que dizem que se dizia isso logo depois que me ordenei em 72... 74... se dizia que toda crise da Igreja vinha do Concílio Vaticano II. É exatamente o contrário. Quer dizer, não foi o Concílio Vaticano II que provocou as mudanças, mas as mudanças que provocaram a necessidade de um concílio que já era pensado já desde cinco ou seis anos antes disso... João XXIII ... por conta do Vaticano I¹⁵⁹⁷ não ser concluído, ficou na infalibilidade papal, no “Syllabus” de Pio IX ... não foi do concílio, claro, foi de Pio IX. E ... e os bispos? E também entre os padres havia certa queixa, mas isso não foi objeto de debate... nada. Não. O concílio se debruçou muito sobre o episcopado, mas acho que não, né quer dizer... o fato de ser “Povo de Deus” já é uma mudança muito significativa porque você substitui um monarca hierárquico... um monarca até mesmo teocrático, porque o pontificado era uma forma de regime teocrático, por um “a Igreja é Povo de Deus”. Foi uma mudança que ... assim... impressiona... muito bonito isso.

Então veja bem, quais foram os grandes ganhos do IFT? Formou uma geração... usando uma expressão que pode dizer tudo como pode não dizer nada ... bonita, intelectualmente corajosa, valorosa do ponto de vista ... mas não foi o IFT que deu isso. O clima no qual o IFT foi criado e cresceu, que foi o clima de contestação política brava... que a gente chamava... que é chamado, por conta de culminar em Paris em maio de 68, “barricada do desejo”,¹⁵⁹⁸ quer dizer, o que significa isso? Isso foi muito importante, quer dizer, foi uma revolução do desejo. Você lutava por aquilo que você mais queria, mais desejava, mas não era tanto fruto de uma análise de forças históricas, de forças políticas, de grupos de pressão. Não! Era realmente mudar tudo. Quer dizer, como escreveu nas paredes de... de... nos muros de Paris: “Seja realista. Exija o impossível!”. Quer dizer, é muito interessante a gente pensar nessa época em que precisava mudar tudo. E é ruim porque gera uma geração que lhe é igual e contrária. Esse foi o primeiro aspecto, que eu acho que foi muito bom.

¹⁵⁹⁷ O Concílio Vaticano I foi realizado nos anos 1869-1870, o “Syllabus”, do Papa Pio IX foi publicado em 1864 (Cf. <https://www.ihu.unisinos.br/595039-os-150-anos-da-abertura-do-concilio-%20vaticano-i-1869-2019>).

¹⁵⁹⁸ Referência à obra de Olgária C. F. Matos, “Paris 1968. As barricadas do Desejo”, da Editora Brasiliense, publicada em 1981.

O IFT estava dentro de um determinado contexto. Papel muito positivo: ecumenismo, quer dizer, houve pastores, professores de faculdades, Paulo Duarte¹⁵⁹⁹ deu palestras no IFT; um outro professor de Filosofia que eu não lembro, até que ele falou sobre a origem do ateísmo moderno... eu me lembro bem que ele falava assim... que o primeiro... o pai do ateísmo moderno era Descartes. Coisa que pra muitos surpreendeu porque Descartes se declarava religioso... que nos leva ao céu... amava muito a Teologia porque ela nos leva... nos ajuda muito a ir ao céu... está no “Discurso do Método” ... Mas isso ajudou muito porque... porque criava um clima... e... parece que não ... mas a presença das irmãs da congregação de Nossa Senhora ... dos agostinianos ... das Cônegas de Santo Agostinho. Eram religiosas de uma linha de frente, ao lado ficava uma entrada para a Marquês de... Marquês de Paranaguá... ficava a Faculdade “Sedes Sapientiae”. Nessa época, o TUCA, o Teatro da Universidade Católica, ganhou prêmio em Paris, no Festival Mundial do Teatro Universitário ... a PUC – São Paulo. A Marquês de Paranaguá, junto com o IFT, a faculdade das irmãs Cônegas de Santo Agostinho, que depois pra passou pra PUC, encenaram, junto com estudantes do IFT, a peça “As troianas”,¹⁶⁰⁰ de Eurípedes, que teve muita assistência. Foi uma peça de muito sucesso na época. Quer dizer, você percebe que essa colaboração com... essa proximidade com a Marquês de Paranaguá, com Filosofia da USP, com Mackenzie, menos ... a gente ficou sabendo tudo que aconteceu no Mackenzie depois que mataram o estudante lá ... na briga entre Filosofia e Mackenzie... lá na Maria Antônia.¹⁶⁰¹ Então, veja bem, isso foi rico, mas como eu disse não foi resultado do IFT. Mas tudo isso influenciou o IFT... o IFT ... isso influenciou o IFT ... vamos ser meio dialético aí.

Segundo lugar, já falei do ecumenismo, num sentido bem amplo, quer dizer, não era uma Teologia rígida. Vou dar um exemplo, que me influenciou muito durante toda a vida de padre, até hoje, quando o Catão deu o primeiro semestre, na última aula do primeiro semestre ele já era provincial, e não... não iria continuar no segundo semestre. Ele falou: “olha gente, eu vou dizer onde eu queria chegar...” ... ele falou... e a aula dele foi muito bonita. “Você pode partir do Jesus Homem ou partir do Jesus Deus. Se você partir do Jesus Deus, você vai ter um Jesus assim... uma Igreja assim ... um conceito de missão assim...” Enfim, foi um luminar e me influenciou muito tempo. “Se você partir do Jesus Homem pra chegar até Deus que está em Jesus, que é Jesus, você vai... essa ... essa... essa... consequência. “Mas pra ele, isso... e aí foi um puxão de orelha... é preciso estudar Cristologia. É preciso pegar aquilo que você não falou

¹⁵⁹⁹ O Padre Paulo Gozzi fez referência em sua entrevista a Paulo Gaudêncio (1934-2017), psiquiatra, palestrante e escritor, professor na PUC-SP como um dos professores do IFT (Entrevista PPHG, p. 6). Talvez seja o mesmo, havendo alguma confusão no nome.

¹⁶⁰⁰ No jornal “Porandubas”, número 32, ano IV, de 11 de setembro de 1980, p. 15, Hiroto fala da peça “As troianas”, apresentada pelo TESE, grupo teatral do “Sedes Sapientiae”. Todo jornal se refere à premiação obtida pelo TUCA em Nancy, França, por ocasião da apresentação da peça “Morte e Vida Severina” em 1965. (cf. <https://www.pucsp.br/comissaodaverdade/downloads/tuca/do-tibirica-ao-tuca/jornal-porandubas.pdf>). Segundo Sérgio Zanella, o Teatro TESE foi criado em 1966 sob a orientação de Paulo Villaça, com universitários do Sedes Sapientiae (PUC-SP), Mackenzie e Instituto de Filosofia e Teologia (IFT). Na foto digitalizada com a descrição do elenco e suas assinaturas, aparecem os nomes de Sérgio Zanella e Agostinho Casagrande, que eram alunos do IFT. (Cf. https://sergiozanella.wordpress.com/2016/09/01/_trashed-11__trashed/, publicado no dia 01 de setembro de 2016).

¹⁶⁰¹ Esse fato é descrito como a “Batalha na Maria Antônia”, no dia 03 de outubro de 1968, iniciado depois de um “pedágio” cobrado pelos alunos da USP para levantar fundos para o 30º Congresso da UNE, que seria realizado em Ibiúna no dia 12 seguinte (cf. <http://memorialdademocracia.com.br/card/batalha-na-maria-antonia-acaba-em-morte>).

isso... mas que você entendia... que era estudar os hereges... ele fazia ler os hereges... e fazia ler a refutação dos hereges e a possível refutação dos... rerefutação dos Santos Padres. Quer dizer, pra mostrar os conflitos que existiam dentro da Cristologia e que talvez persistam até hoje. Então foi esse período assim, digamos, bonito nesse aspecto de professores qualificados.

Terceiro lugar, eu pessoalmente vejo como não por conta do IFT, por conta dos seminários, os padres que deixaram o ministério eram os que mais davam a esperança de uma Igreja Diferente. Como disse lá agora a pouco contando a história... você vai entrar na Igreja que nós queremos destruir? ... não, mas era... veja bem... eu me lembro de ter lido um livro que eu tenho até hoje de um bispo holandês chamado Adolfs... eu não me lembro o nome inteiro... ele escreveu um livro chamado "Igreja, túmulo de Deus?".¹⁶⁰² Não era... ele não dizia que era túmulo de Deus, mas ele mostrava quais os impasses da Igreja, de uma Igreja que... puramente dogmática, que não levasse em conta a História, que não levasse em conta os sinais dos tempos. Essa literatura circulava livremente nos seminários. Também influencia. A bibliografia era quase toda francesa e... não havia... o francês era a língua oficial da Teologia, na realidade, além do latim, português, naquele tempo... era o francês. A gente sabia ler o francês. Rahner influenciou, mas como leitura da Cristologia. A Ecclesiologia foi muito boa porque estudou as funções ministeriais do Povo de Deus com um discípulo de Congar, como já disse, esse grande Ecclesiólogo do século XX. E Congar não era tão revolucionário. Apenas ecum... digamos assim, um dos porta-vozes principais do ecumenismo e sobretudo um Ecclesiólogo que estudava os Santos Padres com seriedade. E a presença de vários seminários propiciou a criação de um clima ... eu não diria revolucionário ... nada disso, mas de um clima comum. Então, quando a gente foi interpretar hoje o abandono do ministério ... tem uma tese sobre isto, de um padre xaveriano já falecido, estudou comigo na USP, fez mestrado sobre isto. O título dele foi muito interessante, o título da tese: "Os anjos querem ser homens", falando dos ex-padres. É engraçado porque depois o ... não tem nada a ver... é um parêntese que estou fazendo aqui ... é o espírito da época ... depois o Wim Wender, o alemão lá fez um filme que ganhou prêmios adoidado que se chama "Asas do desejo"¹⁶⁰³ em que os anjos se transformam em homens para viver a experiência humana. É muito engraçado porque o título dessa tese antecipou em quase dez anos antes ou até mais o que ficou depois no filme ... sem nada a ver uma coisa com outra. Depois também, como eu queria dizer, a ... a ... o conflito com a hierarquia foi bravo... foi bravo ... primeiro porque a hierarquia era Agnelo Rossi e Agnelo Rossi era muito amigo dos militares. E também porque a reação dele no caso de fechar o IFT... Que ano fechou o IFT? Estou te perguntando por que você está... você falou...

SP: É... essa é uma incógnita ainda pra mim... o ano exato em que o IFT funcionou, mas até 1969 é praticamente certeza que ele funcionou ... 68 foi o conflito com o cardeal, mas em 69 ele ainda funcionou. Parece que em 1970 ele ainda funcionou nos dominicanos... no convento dos dominicanos e aí deve ter sido o último ano do IFT.

¹⁶⁰² Referência à obra de Robert Adolfs "Igreja, Túmulo de Deus?", lançado em 1967 e publicado em português em 1968 (Cf. <http://psiqueereligiao.blogspot.com/2015/02/igreja-tumulo-de-deus-resenha.html> e <https://www.icbsena.com.br/livro-70>).

¹⁶⁰³ O filme referido é de 1987. Cf. http://www.autobahn.com.br/filmes/asas_do_desejo.html.

PLRB: Sim, mas já considerado como Escola Dominicana. Depois que fundou ... porque os dominicanos estudaram com a gente no IFT um certo tempo. Mas, nos carmelitas eles eram alunos nossos, eram ... a gente estud ... 69 funcionou lá. Mas, depois eu acredito que tenha sido ... olha, você pode me perguntar: “mas, você estudou lá e não sabe em que ano fechou?” Não é isso. É que em 69 eu fui buscar meus... Fui lá entregar meu trabalho de conclusão... começo de 69 ... conclusão... concluí em 68 ... tenho ele até hoje. Estava funcionando normalmente, só que ao invés de funcionar durante o dia, estava funcionando à noite, por conta de ... talvez, problema de alojamento no ... na casa dos carmelitas. Era um colégio. Se não me engano. Não tenho muita certeza. Mas foi o ano que teve professores como Hugo Assmann, como... assim como grande luminar. Ele era ... modo de falar ... era definido como o “Catão gaúcho” porque ... porque era... o Catão era o grande teólogo de São Paulo ... Frei Bernardo Catão, que foi provincial e depois deixou o ministério. E o Hugo Assmann, mas ele já era meio visado ... ameaçado de ser preso. Ele conseguiu uma bolsa alemã e foi embora do Brasil. Só voltou bem mais tarde. Então sim... você que fechando... tirando os professores, os luminares ... não que eram “luminarees”, mas porque eram pessoas que davam densidade teológica, davam um clima teológico sério, responsável, e ao mesmo tempo muito aberto. Eles foram deixando ou por problema político ou por... quer dizer, o exemplo maior do... do ... de tudo isso ... pra entender o que é o IFT é o Frei Tito... Quer dizer, o Frei Tito não se engajou na luta armada ... os dominicanos simplesmente ajudavam as pessoas a sair do país, escondiam... era o jeito de sobreviver naquela época. Eu estava nessa época numa chamada “pequena comunidade”¹⁶⁰⁴ ... abandonar o “seminário”, que não quer dizer nada, segundo nós. Segundo nós, era necessário largar o seminário, essas comunidades grandes, e se engajar em um trabalho próprio, um sustento próprio. E em comunidade pequena começa a aparecer as brigas, divergências ... É duro viver com pouca gente. Muita também, mas com pouca é pior ainda porque a individualidade de cada um entra em conflito com a dos outros. Mas nessa época, eu já estava lá morando com todos da minha classe. Fundamos uma pequena comunidade. O Provincial não perdoou nunca, mas fomos apoiados pelo provincial da época. Aí ... a gente hospedou dominicanos lá. Escondeu dominicano. Por pouco, por uma semana, mas eles morriam de medo porque na mesma época eu estava com uma tia e o marido dela, irmão do meu pai, ela estava tratando, preparando uma cirurgia do coração no Dante Pazzanese, no Ibirapuera, e eu me lembro que os dominicanos ficaram com medo de ficar lá ... E falaram isso depois, porque não sabiam quem era aquele casal. Quer dizer, o grande problema da época também era o clima... quer dizer, eu falei de contestação... falei da parte um pouco festiva ... demais festiva até... mas tem... que foi substituída por um clima de medo. Quando eu estudava na USP, logo depois que saí do IFT ... eu nunca meti no movimento político, porque eu sou meio... não sei se sou pacifista, sou bobo de certa forma, ingênuo demais. Não acredito que você pode ser maldoso. Não sei fazer isso com ninguém ... tem que ter um pouco de esperteza, né? Não tratar mal os outros, mas não ter noção de que todo mundo é anjo ou inocente. Mas, de qualquer forma, eu acho que ... eu tive uma aula de Lógica das duas às quatro. Às quatro, eu fui pro ponto pegar o ônibus. Apareceram dois jovens ... até é engraçado, né, me ficaram na memória até o rosto deles. Isso foi em sessenta e... setenta e ... setenta e

¹⁶⁰⁴ Esse fenômeno de abandonar as “grandes obras” e formar “pequenas comunidades” foi uma tendência em diversas ordens e congregações religiosas após o Concílio Vaticano II, posteriormente chamadas de “Comunidades inseridas no meio popular”. Cf. <https://teologianordeste.net/publicacoes/artigos/122-sobre-a-historia-das-pequenas-comunidades-inseridas-no-meio-popular-pcis-crb-regional-recife.html>.

um... 71 precisamente. Eles falaram: “Você não estudou no Seminário do Jaçanã?”¹⁶⁰⁵... “Sim, eu fui aluno lá e tal” ... todo entusiasmado. E aí, eu ... eu perguntei: “Escuta, vocês têm alguma notícia do Emiliano?” ... “Siiimmm, é sobre isso que nós queremos falar. O Emiliano foi preso. Está sendo torturado. Já estão recolhendo... fazendo uma vaquinha... pra ver se a gente contrata um bom advogado pra cuidar do assunto dele... cuidar da liberação dele... acompanhar o caso”. “Olha, eu de fato não tenho dinheiro comigo”. Tinha o dinheiro do ônibus e de um lanche que eu tomava porque de lá eu ia para o serviço. Aí eu disse: “Olha eu não tenho dinheiro aqui, mas o meu endereço é esse. E dei. Sentei no ônibus e eu falei: “O que que eu fiz?” Eu não sabia quem era e dei meu endereço. Olha, eu tremia tanto que eu falei: “Olha, eu vou fazer uma coisa. Vou descer lá no Jaçanã”, onde era o seminário. “Vou conversar com o vigário, com o padre” ... naquele tempo não era pároco, era vigário coadjutor, hoje é pároco ... pároco e... pároco e ... uai, é a minha função aqui na paróquia ... aí ... vigário paroquial ... pároco e vigário paroquial. Moravam os dois. Não mais seminário porque tinha fechado e estava sendo transformado em alguma coisa ligado a ??? ... estava em negociação. Eu falei: “Olha...” Tinha sido provincial, esse padre com quem eu fui falar. “Olha, padre, eu fiz essa burrada. Agora eu estou tremendo de medo porque eu não sei quem era”. E... entenda bem que eu estou conversando com você aqui e ... de repente você é dedo-duro ... é investigador policial, disfarçado de aluno. Teve muito na USP isso. E o Firmino falou: “Olha, a mãe dele veio conversar comigo. O que falaram pra você foi o que a mãe dele falou. Mas, em todo o caso o Raul vai se ver se sabe onde é que ela se encontra. Vai procurar com vc, de noite, depois do jantar. Era um bairro chamado Edu Chaves. Ainda não tem asfalto. A rua que nos indicaram era uma rua em que estavam trocando todos os tubos de saneamento básico. Então tinha o buraco e a manilha, e hastes de cimento armado do lado. E lá o número das casas era muito variado. Era um 250 ... 003 ... 220 e ... e cada um punha o número que queria. E todo mundo ... batia campainha... batia palma ... vinha cachorro. A gente tinha que pular o fosso ... fugir do... do... da manilha que atrapalhava ... mas, de repente, deu certo. Uma pessoa falou assim: “Ah, sim. A Cida tem uma irmã chamada ... falou o nome, que eu não me recordo agora ... Olha que você vai até o fundo ... no fim da rua tem um campo de futebol. No canto do campo de futebol tem uma casa que ainda não tem luz elétrica. Lá eles moram”. Nós fomos e, de fato, a Eliana que era catequista da paróquia falou assim: “Não, de fato, ele está preso na Bahia. E eu até... a gente tá fazendo isso pra conseguir o dinheiro pro advogado. Aí eu fui pro serviço e fiquei tranquilo? Não, porque quando eu estava em casa, eu ficava em casa na parte da manhã e ia na USP à tarde e trabalhava à noite. Cada vez que tocava a campainha, eu tremia inteiro. E eu falei: “Ai, meu Deus, quem será? Será que são eles? Será ...” Não pra dar o dinheiro; se fosse a gente dava dez reais, vinte ... no valor de hoje... era uma coisa assim. Mas, e se era gente do DOPS? Porque havia ... havia e... o clima era tal que falei com um amigo chamado Eduardo. Eu falei: “Eduardo ...” o Eduardo que estão falando por aí que é espião, e não é nada disso, ele estudou comigo no seminário.¹⁶⁰⁶ Rapaz sério, bom. Olha, hoje eu não ponho a mão no fogo por ninguém, a não ser por minha mãe, com muito cuidado. Porque era um clima de medo de todos. Com medo de tudo e de todos. De Tudo também. Um pouco como hoje ... quer dizer, eu posso usar você na ... na ... eu não sei mexer nisso, nem você, mas eu não entro no Skype a não ser com quem realmente eu confio. Hoje, por exemplo, apareceu um nome aí que não... nem nome é ... é uma sigla. Eu não sei como apaga, mas vou

¹⁶⁰⁵ Seminário Camiliano Pio XII, no bairro do Jaçanã.

¹⁶⁰⁶ No Livro de Atas do D.A.XI.X., p. 18-19, contam os nomes de José Eduardo de Souza Campos, José Eduardo de Carvalho, Eduardo Aparecido Spózito e Eduardo de Carvalho. Talvez esteja se referindo a um desses colegas.

deletar, porque eu não sei quem é. Quando chamou, eu deletei. Quer dizer, aquilo que são as câmeras, as redes virtuais hoje, as redes sociais hoje, naquele tempo era a conversa tu-a-tu. Você é meu amigo de tantos anos, de repente, é você que me entregou. Quer dizer, no IFT não existiu isso. O que tem de duro na história do IFT é a saída de muita gente, de muitos padres formados no IFT, mas, não foi só lá. Quer dizer, não se pode por nada de culpa no IFT. Aqueles que ... como é que eu diria ... aí a experiência é muito pessoal ... quer dizer, 68, no começo de 68, ou é... é 68. Nós passamos a viver numa casa alugada pra formar pequena comunidade. Mas, não foi nada pequena comunidade religiosa. Na realidade, foi viver a vida e ganhar o pão de cada dia. Deu um conflito lá dentro e na metade do ... no final de 68 nos separamos... dois grupos... um foi viver noutro lugar, outra casa. E era nessa época que escutei o ex-professor ... o professor ... não, não era mais, ele falou assim ... aquilo que eu disse agora há pouco: “Nós queremos destruir a Igreja e você quer reforçar a Igreja entrando pro ministério sacerdotal”. Aí foi que eu falei pra ele, como disse: “É melhor lutar dentro do que fora”. Então nesse sentido, o que é a contribuição do IFT: bons professores, que a gente não teria na casa religiosa por conta não de descuido ... de nada ... mas de ... não dá pra ter bom professor de Escritura, bom professor de História da Igreja, bom professor de Sist... Teologia Sistemática. Juntou esforços e pegaram os bons, bem qualificados. O clima foi muito... politizou ... uma coisa que não me referi, mas junto do Des Oiseaux no primeiro ... antes do primeiro andar, embaixo, não no subsolo, mas no nível térreo, funcionava o Regional da CNBB-Sul 1 funcionava lá. E sempre era um lugar de muita divulgação do Concílio, de muita divulgação da Igreja, de ... sempre os estudantes iam lá pesquisar o tinha de novo, o que tinha saído sobre a Igreja. E sempre teve padres muito bons no... na... na ... no secretariado regional. Olha, veja como é muito diferente de hoje, porque naquele tempo o que preparou o IFT, o “espírito do IFT” eu falei que foram os movimentos USPC e USMAS. Esse movimento, na realidade, voltou, mas sob o controle rígido dos bispos. E começou sem o controle e foi sendo ... sendo... sendo assumido até morrer. Eu não sei se ainda existe. Tenho a impressão que não. E só para seminarista diocesano escolhido ou nomeado pelo bispo, pelos superiores do ... reitores do seminário. Quer dizer, não é aquele negócio dos estudantes se representando, se falando, se fazendo representar, escolhendo seu representante. Então, essa união foi muito boa. Preparou gente bem qualificada. Talvez por conta dessa ... do clima da época e da qualificação deixaram o ministério. A Igreja perdeu muito com isso, do meu ponto de vista. Aconteceu exatamente o contrário do que se pensava: “Vamos enfraquecer a instituição pra ver se ela muda. E ela, ao contrário, ela se reforçou muito, sobretudo com ... eu não sei... eu não avalio assim de qualquer forma se nos últimos anos do pontificado de Paulo VI ... não o qualifico como conservador, não, porque ... a gente tem que entender ... entenda bem... quer dizer, o Papa Francisco hoje sofre muito, mas é engraçado, ele sofre muito por conta dos novos ... dos bispos da geração Ratzinger e João Paulo II. Agora, estranho porque os grandes favorecidos por João Paulo II são hoje condenados pela justiça, dioceses pagando fortunas pra ... pra ... por causa de crimes sexuais e esse tipo de coisa. A nossa geração não conheceu isso, mas conheceu outra política, conheceu o engajamento social e também se desviou pelo caminho do sucesso pessoal, mas eu não me lembro ... não sei te dizer ninguém que tenha virado empresário, virado magnata do dinheiro. Não! Não lembro mesmo, entende? Pelo contrário, tanto professores quanto alunos permaneceram num nível de ... de... de vida simples. Melhor ou pior, conforme o caso, mas sempre digno. Nada de luxuoso, de carro do ano... Ninguém... Quer dizer, foi ... quer dizer, no fundo foram fiéis. Viveram o IFT, viveram a época, tiveram excelentes professores, tiveram grande abertura de espírito. E, a meu

ver, repito ... depois você faz as perguntas que você tem que fazer ... repito, pensando que a gente saindo mudaria a Igreja, o efeito foi exatamente o oposto. A gente enfraqueceu demais e deu no que deu, né? Mas, hoje, também não vamos culpar os seminários, ou as congregações, ou os superiores, ou o papa. Você pode ver ... é até um parêntese ... depois você pode cortar isso porque não é do IFT, mas você pega o Papa Francisco já em Buenos Aires ele é o que ele é hoje. Ele não mexe em nada sobre dogma, sobre sistemática nem no campo da Teologia Moral. Ele procura sempre ... sempre ... sempre citar Jesus ... Jesus ... Jesus ... Jesus e Maria, quer dizer, Mistério da Salvação. Eu digo isso porque eu assisti a Vigília Pascal da ... do Vaticano as quatro da tarde. Depois aqui na catedral. O ser... a homilia do Francisco é de uma simplicidade, mas me mexeu tanto comigo ... mexeu tanto comigo ... ele só pegou um versículo: “Ide para a Galiléia. Lá me encontrareis”. Ele faz toda uma reflexão ... bonita ... assim, simples e bonita. “Vamos para a Galiléia. Onde está a Galiléia hoje?”¹⁶⁰⁷ E aí vem toda a ideia pascal ... toda impregnada do mistério pascal. Mas, diga lá, você quer fazer alguma pergunta? Eu falei muito mais de mim do que da minha experiência, que é isso mais ou menos que você disse.

SP: É... Padre Luiz, uma das coisas que até o momento eu não consegui ... é ... ter uma resposta é, por exemplo, o senhor falou das Cônegas de Santo Agostinho. No Livro de Atas do diretório acadêmico, aparecem duas figuras femininas, que é a “Terezinha de Lisieux Vasconcelos” e uma com o nome sob a forma italiana, “Beatrice”. O senhor chegou a conhecer essa ... essas mulheres que faz... estavam ali presentes. A Teresinha foi secretária do diretório acadêmico. Mas eu não... eu não consegui ninguém que me identificasse quem eram elas. E se, no IFT nesses últimos anos, chegou a estudar freiras ou mulheres fizeram parte do IFT.

PLRB: Sim, mas veja bem, como eu não acompanhei menos ... sei que a gente tinha muito conflito com a irmã que tomava conta do ... a irmã diretora do ... da... do Instituto de Catequese, do Instituto de Liturgia, que funcionavam lá. Chamava “Marie Jane”, porque ela era francesa. Mas, você tem razão, o IFT era muito aberto à presença de leigos e de leigas, de religiosas de ... independentemente de congregação ... e de diocese. A diocese de Santo André estudava lá. Mas, esses dois nomes, eu também não tenho lembrança ... porque talvez seja, eu não me lembro o nome dela, porque ela era uma nordestina muito ligada a nós, muito amiga, como também o IFT fez parte do grupo de teatro, junto com os alunos da Faculdade de História ... da Faculdade das irmãs, das Cônegas de Santo Agostinho, “Sedes Sapientiae”, pode ser que aí haja esses encontros e era, portanto, bastante situado. Mas, eu não lembro desses nomes, por exemplo, essa irmã que eu falo pra você que tinha muito contato com a gente não era aluna, mas estava muito misturada no meio de nós. Ela era ... ela tinha ... ela era conhecida pelo apelido por ser nordestina e, naquele tempo, a música da moda era “Carcará... carcará pega...” E nós a apelidamos de “Irmã Carcará” ... muito também porque ela era muito politizada. Mas é a única que eu lembro. Nem o nome dela eu lembro porque ela ficou conhecida como “Irmã Carcará” e ... mas pra você ver o espírito das irmãs ... era muito interessante ... que estudavam lá ... ou com as quais a gente tinha contato. Depois de ... ainda no IFT, eu fui procurar uma irmã que era responsável ... formada em Catequese fora do país, acredito que seja na Bélgica. Eu

¹⁶⁰⁷ Homilia do Papa Francisco, no Sábado Santo, 19 de abril de 2014. Cf. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2014/documents/papa-francesco_20140419_omelia-veglia-pasquale.html.

perguntei qualquer coisa pra ela sobre Catequese de Primeira Comunhão, eu me lembro que ela ficou meio ... não irritava, nada, mas ... de ... assim... (risos) ... ela disse: “Mas, escuta, você ainda está naquela época de distribuir santinhos? (risos) A troco de frequentar catecismo?” Eu falei pra ela: “Não, irmã, não estou falando nada disso”. Talvez porque eu estava contando a experiência, né, quer dizer ... mas eu me lembro de dizer pra ela ... Era uma época realmente de ... de ... tinha que mudar tudo: Catequese, Liturgia ... Depois, o Paulo VI, quer dizer, no fim do pontificado dele, ele promulgou a reforma litúrgica, missal romano; foi posta em prática e agora já estão querendo mudar de novo, né? Pra pior, hein, porque é voltar um pouco. Agora, não sei se é a saudade, né, porque já estou falando fora da entrevista, mas o “Exultet”,¹⁶⁰⁸ se não é cantado em latim, não tem ... perde toda a ... o enc... a beleza que é ... realmente é estonteante a beleza do “Exultet” tanto a letra quanto o canto gregoriano bem cantado. Tem no Youtube. Eu de vez em quando, se tem aí embaixo ... eu vejo o “Exultet”. Mas, eu não conheci realmente não. Talvez eu tenha conhecido, mas não lembro o nome.

SP: Certo ... É ... uma outra coisa que eu percebo em relação ao IFT ... é ... e tenho tido algumas dificuldades ... né ... na pesquisa em relação ao IFT é quanto ... é ... ao silêncio que existe em torno do IFT. Por exemplo, a quanto da documentação. Há uns três anos ou quatro anos atrás eu entrei em contato com a CRB, perguntando ... eu só perguntei ... a respeito da documentação. Se estaria nos arquivos do IFT ... do ... da CRB aqui em São Paulo. Uma irmã, que era secretária, simplesmente me respondeu: “Olha, é ... não tem nada do IFT aqui ... é ... na CRB. Ela me respondeu assim. Mas, eu não estive lá pessoalmente, né, pra pesquisar, se tem realmente ou não alguma documentação. Talvez ela não tenha encontrado e esteja lá. É ... a gente não encontra muitas referências com relação ao IFT e mesmo algumas pessoas que passaram pelo IFT como que não querem falar ou não gostariam de se lembrar do IFT. Ou seja, paira em torno do IFT um certo silêncio. É ... porque eu creio que foi uma instituição que teve uma história curta, porém muito significativa. Como que o senhor veria ... o que que o senhor poderia me dizer desse silêncio que parece que existe em torno do IFT?

PLRB: Para mim, ele é muito estranho, talvez a pessoa... essa secretária tenha razão. Explico por que quando fui buscar meu currículo era um frei que tomava conta ... franciscano da Imaculada ... daí da Igreja da Imaculada Conceição ... dos capuchinhos. Eu não sei se ele era frei ou se era um leigo que estava trabalhando lá com ele, porque naquele tempo já não usava o hábito. Mas eu me lembro até ... ontem mesmo eu me lembrei disto e disse “vou procurar meu currículo ... se eu tiver que falar alguma coisa sobre o IFT, ao menos a epígrafe lá ... quem me deu o documento. Na minha cabeça, o documento só tem o nome do Instituto, e as matérias que eu fiz, e a nota, e a assinatura do secretário da CRB na época. Quer dizer, foi uma coisa assim ... primeiro ... tem que existir alguma documentação porque eles não iriam inventar aquilo. Agora se tiver alguma documentação, não deve ser uma documentação bem... tecnicamente bem feita. É um amontoado de coisas. Talvez junto com ... misturada com outras. Mas, veja bem... como formou muita gente lá ... teólogos que fizeram toda a Teologia lá e concluíram a Teologia lá porque, veja bem, eram umas seis ... sete congregações e pelos menos duas dioceses ... pelo menos ... ou três, porque tinha um de Apucarana.

¹⁶⁰⁸ “Exultet” ou “Praeconium Paschale”, em português, “Pregão Pascal”, é um canto solene e próprio da liturgia da Vigília Pascal, no Sábado Santo.

Eles precisam disto. Tem que ser documentado porque você pode precisar a qualquer hora. Você foi escolhido pra bispo, eles vão buscar sua documentação lá. Quer dizer, hoje nenhum porque passou da idade. Nós passamos. Entenda bem, mas é um pouco estranho. Talvez ... mas aí é interpretação minha ... talvez por ter suscitado muitos conflitos, que depois explodiram em todas as congregações ... muitos conflitos dentro da comunidade, porque foi a época que mais saiu gente. Talvez ... já no seminário saía muita gente. E depois de padre foram saindo ... saindo... saindo... saindo. E se falava: seminários esvaziados. O nosso se esvaziou. Salesianos quase ficaram vazios, porque os salesianos eram bastante ... tinham faculdade própria ... eram tidos como modelo de rigidez ... assim... na vida religiosa. Também a gente não conhecia. Era estereótipo, né. Mas, tudo isto pode ter contribuído pro IFT ter sido esquecido. Porque causou muito conflito. E o conflito foi aquilo que eu acho a riqueza do IFT ... porque reflete bem a época. Quer dizer, é uma estreiteza de espírito pensar que foi o IFT que causou vocês deixarem o ministério, ou eu deixar o ministério, ou eu voltar pro ministério. Não! Pelo contrário, ele deu uma bagagem ... bom, eu depois fiz mestrado e doutorado ... e a USP ... e a PUC São Paulo ... e a UNESP ... UNICAMP ... as federais, sobretudo de São Paulo e do Rio de Janeiro são muito exigentes. Não no sentido de te dar conhecimento, mas de te dar uma abertura de espírito, de tal modo que você algum negócio que não tem nada a ver com sua especialidade, mas você sabe descobrir ... fazer uma reflexão sobre aquilo, sem falar bobagem. Se aprende a trabalhar e a refletir, mais que aprender coisas. Então como o IFT foi, como eu disse, um certo estado... um clima ... foi criado dentro de um clima de contestação ... não para reforçar a contestação nem para contestar a contestação. Foi criado num clima assim. E esse clima se refletiu na vida interna das congregações. Pode ter sido o motivo de esquecimento.

Mas, veja bem, como se explica, levando em conta isso, o caso da própria CRB, que tem uma força danada em São Paulo, ter que alugar uma salinha, ou duas, três salinhas lá na ... no convento dos capuchinhos ... com entrada independente, tudo independente porque não era pela Brigadeiro Luís Antônio, era por uma travessa. Entenda bem, porque eu fui lá e era um escritorzinho, desculpe a expressão, não é ofensiva. Descuido, talvez! Falta de cuidado com documentação, talvez, porque era um negócio embora pensado um ano antes, começou do nada ... começou do nada a tal ponto que se gastou muito tempo, por exemplo, com adaptação de currículo. Você veio dos agostinianos, eu vim dos camilianos. A matéria eu vou fazer ... que você vai fazer no primeiro ano não fiz. Eu preciso voltar a estudar com você de novo, estando no quarto ano ou vice-versa, né, o negócio aí é... Então, veja bem, esse negócio de ... de... de ... dois anos foram perdidos nisso. Uma época em que tudo começa, digamos assim, de um planejamento, não mal-feito, mas feito dentro das possibilidades. Tanto é verdade que quando faltou finanças, ou faltaram as finanças, que vinham da Alemanha, o Olinto Pegoraro fala, “nós fomos obrigados a fechar”. Mas, nesse tempo já existiam poucos alunos, né. O Mesters foi pra Belo Horizonte, se não me engano. O “Arno” foi embora pra Alemanha.¹⁶⁰⁹ O Olinto Pegoraro foi pro Rio; porque o Olinto era muito entusiasta do IFT e muito crítico com relação a ... a vida interna da Igreja ... da sociedade. Uma cabeça muito brilhante por sinal! Então, pode ter sido isso. E também porque essa desordem que existia na ... na ... “desordem” não é a palavra correta... Esse

¹⁶⁰⁹ Possível confusão; talvez esteja se referindo a Hugo Assmann, que foi para a Alemanha após o AI5. “Arno” seria um “lapsus linguae”, e alguma referência a “Arno Preis”, parente de D. Paulo Evaristo Arns, militante no MOLIPO e morto em 15 de fevereiro de 1972 em Goiás? (Cf. http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_424/artigo_sobre_tio-arno-preis).

clima que existia na vida social, o medo que existia na vida social, tem que lembrar isso, o engajamento de estudantes no movimento estudantil e posteriormente posto na ilegalidade, eu não sei se tem superior ou reitor que queira guardar isso na cabeça. Se não é melhor esquecer.

Eu mesmo penso nisso, porque eu nem fiquei sabendo quem se ordenou ... da minha turma. Lembro com carinho do Fontanella, porque morei com ele quatro anos, que é da sua congregação, né ... era da sua congregação. Fiquei sabendo quando ele faleceu porque o irmão dele, que também foi da sua congregação, deixou e veio dar aulas na PUC Campinas e eu perguntei do irmão. Mas ele era, é caladão, fala pouco, talvez por ser uma recordação dolorosa demais perder um irmão jovem. Ou pelo menos a gente achava que era jovem porque era colega de classe, e músico muito ... a gente conhecia demais ... não porque o via pessoalmente mas porque ouvia as músicas que apareciam nas gravações de ... de fitas religiosas ou pequenas ... via Paulinas, via Paulus, naquele tempo era Paulus e Paulinas, masculina e feminina, eram juntas mas depois se separaram. Depois eu vim pra Campinas e, engraçado, Campinas não exigiu atualização de nada, os capuchinhos já tinham “Studium” próprio aqui em Nova Veneza; os dominicanos reabriram a Escola de Teologia que funciona bem até hoje; os salesianos não chegaram a fechar nada; o Ipiranga¹⁶¹⁰ se reorganizou e os religiosos estão no “IFT”, estão bem, posso di... pelo que eu conheço

SP: O ITESP, né, os religiosos

PLRB: É.

SP: É... uma ideia que me ocorreu, eu não sei se seria ... se teria alguma lógica, mas o senhor foi estudante do IFT, o senhor, é ... às vezes me ocorre a seguinte ideia: se existe uma certa relação entre o IFT e o ITESP.¹⁶¹¹ Ou seja, seria o ITESP, o Instituto de Teologia aí, que junta várias congregações religiosas, algo como uma continuadora do IFT? Uma instituição que de alguma forma continuou o ideal pelo menos do IFT?

PLRB: Eu diria que sim, porque dei aulas, inclusive, no ITESP, e me sentia muito bem mas sentia que o mesmo processo do IFT passava o ITESP, no sentido de que começou com muito engajamento político, na época ... eu não lembro que ano começou o ITESP, no caso ... e, entenda bem, quer dizer, havia poucos e cada vez menos estudantes que se preocupasse com uma Igreja presente no mundo juntos aos mais pobres, coisa que no começo fora o ideário do ITESP. Dei aula lá. O Edênio,¹⁶¹² se não me engano, deu aula no último ano, era gente muito bem-preparada. O Edênio depois deu aula no ITESP, quer dizer, em nível de professores, o ITESP ... o IFT e o ITESP têm uma continuidade muito grande. Mas, o ITESP aparece mais num clima de reorganização do que de começo do nada. E isso influencia, eu acho, porque o ITESP

¹⁶¹⁰ Referência ao “Seminário Central do Ipiranga”, da Arquidiocese de São Paulo, hoje sedia o “Campus Ipiranga” da PUC-SP (cf. <https://arqisp.org.br/noticias/uma-historia-a-servico-da-evangelizacao>).

¹⁶¹¹ O “Instituto Teológico São Paulo”, ITESP, teve em origem, em meados de 1971, um propósito muito semelhante ao do IFT de oferecer uma formação teológica pós-conciliar renovada em comum acordo entre diversas congregações, não mais agora sob a direção da CRB, Conferência dos Religiosos do Brasil. Cf. <https://www.itespteologia.com.br/historico/> (extraído do site do ITESP no dia 28 de junho de 2022 às 11:50).

¹⁶¹² João Edênio Reis Valle, sacerdote católico verbita, foi professor no IFT e trabalhou no Programa de Pós-graduação de Ciências da Religião da PUC-SP (cf. <https://bv.fapesp.br/pt/pesquisador/103872/joao-edenio-reis-valle/>).

funcionou muito bem, foi ... até hoje, se não me engano, foi reconhecido pelo MEC. Eu acho que tem mais continuidade do que a gente pensa. E talvez isso tenha contribuído pro esquecimento do IFT. Agora, acho meio estranho. Quando eu fui pra ... professor no ITESP, eu encontrei dois ou três estudantes camilianos, que vinham da Pompéia. Quando eles vieram pro Ipiranga, morar no Seminário do Ipiranga, eu tenho a impressão que eles passaram pra Assunção, não sei isso... pensamento meu ... Porque eu encontrei com os camilianos no Seminário e num Congresso de Teologia, que houve, foi patrocinado pelo Ipiranga e como ... para o Seminário dos Camilianos, o local, a Faculdade Camiliana. Eu chamo um pouco a atenção isso dos dominicanos teres um “Studium” próprio ... Muitos professores do IFT ... muitos... alguns, deixaram a ... deixaram a ... o ministério e a vida religiosa. Mas o ITESP eu vejo como continuidade, mais que como criação de ... como recomeço de algo que funcionou ... vejo assim. A linha do ITESP também era uma linha de muita liberdade, no começo, quando eu trabalhei lá. Trabalhei dois anos. Muito engajada, socialmente falando assim no sentido de periferia, opção pelos pobres, esse tipo de coisa. Isso já existia muito ... muito ... muito no IFT. Eu não sei como está hoje, né, porque todos os padres novos hoje ... desculpa se você gosta ... não me leva a mal, mas por exemplo, quando eu vejo alva rendada... Meu Deus do Céu!!! Fumaça... aquele fumacê danado ... aquelas vestes douradas. É que a gente via um Cristo muito pobre, andando pela Galileia. Aquilo ficou muito ... Mas por outro lado, vou ser muito honesto com você, eu gosto de ver aquilo como recordação de infância, e me emocionam. Será que é isto? Pergunto pra mim mesmo, não pra você, no caso. Será, Benedetti, que é... é realmente fé? Ou é uma recordação grata do que já passou na sua infância? Porque eu adorava ir na Catedral e ver os pontificais com toda aquela pompa que parecia a corte de Bizâncio. Entende? E isso não existia no ITESP. Veja, por exemplo, os redentoristas hoje, em Aparecida ... que estão entre os fundadores do ITESP, redentoristas, verbitas e carlistas ... o que começaram ... idealizaram o ITESP. Eles têm a missa de Aparecida muito bem dentro das normas da reforma litúrgica do Vaticano ... quer dizer, não usam parafernália, não tem aquela história de pôr o crucifixo na ... no altar ... que na reforma litúrgica tirou e os padres novos estão pondo... turíbulo, tem ... qualquer é coisa pretexto pra usar turíbulo. Entende? Estou dizendo que o ITESP criou um pouco esse espírito de ... porque tivemos bons professores de Liturgia, eu esqueci de nomear o Frei Luciano Parisse,¹⁶¹³ que era um francês dominicano. E que ... veja bem, eles ... uma coisa que não falei, mas vai valer, por exemplo, na Liturgia, o que que o Luciano fazia a gente estudar, ler, interpretar ... o atual, que poderia ser reformado. Ele fazia a gente ler muito as orações eucarísticas de São Basílio, de Hipólito de Roma. Fazia ler, estudar essa oração eucarística pra que a gente tivesse base pra saber de como era essa liturgia, quais eram as orações.

Então foi uma ... uma riqueza que a gente recebeu, não de ... caída do céu ... de um clima diferente e revolucionário ... mas de um estudo sério, bem fundamentado da tradição litúrgica da Igreja. Posso falar isso fora, depois você corta, se for o caso, você tira do vídeo; mas, veja bem, outro dia eu estava escutando uma discussão sobre “Tradição”, li um artigo na IHU¹⁶¹⁴ da “Humanitas”, do “Instituto Humanitas” da universidade jesuíta de São Leopoldo. E o teólogo lá, muito bom, ele explicava, uma coisa é você entender como “Tradição” uma verdade que você encaixa e fecha; outra coisa é o que fez a reforma litúrgica, ela pegou liturgia ortodoxa, liturgia anglicana, liturgia

¹⁶¹³ Frade dominicano, compunha a direção do IFT na gestão 1966/67 como “Diretor da Filosofia”. Cf. Livro de Atas do D.A.XI.X., p. 12.

¹⁶¹⁴ Instituto Humanitas da UNISINOS.

copta, liturgia ... bom, eu já falei dos protestantes, e pegou todas as variedades de liturgias do início da Igreja Primitiva, nos Santos Padres; pegou o que era a tradição viva em todas elas; e pôe na reforma litúrgica; quer dizer, a reforma litúrgica então não nasceu na cabeça de ninguém, mas é a tradição que está presente em todas as ... fundando todas as liturgias que são feitas hoje. Quer dizer, então ... mas pra explicar o que? Não é um depósito fixo que impõe na tua cabeça. É muito mais um espírito vivo, que é comum a todas as tradições litúrgicas, que se traduzem de uma maneira, digamos assim, católica. Quer dizer, então, eu atribuo, sabe, no fundo ... no fundo ... no fundo ... isso é a época que eu vivi e porque também não, ao IFT, viu, nesse sentido de misturar congregações, enriqueceu ... enriqueceu, houve brigas, mas havia jogos de futebol de um seminário contra outro. Quer dizer, tudo isso formou ... entende ... forma a cabeça da gente porque a gente destrói preconceitos; a gente cria amizades, né? Claro! É meio inevitável. Pode criar inimizades também, por peculiaridades pessoais, mas não por preconceito. Entende? Então o IFT contribuiu muito pra isso e pra vida da Igreja, portanto, porque hoje a minha geração tem uma preocupação comum.

Eu me orgulho muito dessa geração. Entende? Infelizmente, não sei se é preconceito meu, embora a literatura que eu leia ... não sei se você leu um artigo meu ... foi tido como referência, quando foi publicado em 99 ou 93, não lembro, chamado; “Padres novos, arcaicos ou modernos?” Deu muito o que falar esse artigo meu, 23 páginas. Só que todo mundo fala pra mim hoje: “Benedetti, você antecipou muito as coisas. Isso aconteceu, mas aconteceram muito mais”. Então o adjetivo foi muito infeliz. Foram muito piores que você ... sei lá ... que você previa, no sentido de que, de repente você cai no ritualismo, cai na pompa, cai na renda, cai no pano. Eu atribuía muito nessa época numa ideia minha com um jesuíta, numa conversa, eu guardei o que ele falou. Ele falou: “Olha, quando a gente não tem nada a dizer ... falando de padres ... a gente substitui por artifícios, porque nós não sabemos ... eu não sei dialogar com você porque eu não estou no teu nível. Então eu me refugio no meu “poder” ... e você não tem ... e eu tenho”. Entende? Então, ele explicava muito dessa forma. Olha, e pode ser! Olha a minha frustração como professor. Como disse, tenho alunos formados que estão nas melhores universidades como doutores. Brilham! Não porque foram meus alunos, mas porque reconhecem que desper... fui banca de alguns, inclusive ... reconhecem que eu despertei o gosto. Nos últimos três ... quatro anos, eu não aguentava mais entrar na sala de aula porque eu via tanto desinteresse ... sabe? Como se dissessem que se interessavam pela nota e... há muito tempo que se fala isso. Quando havia reunião do presbitério, não gosto dessa palavra “clero” porque é muito casta ... espírito de casta ... ha havia o livro das edições que vendiam os livros religiosos e haviam os paramentos. Todos os padres novos iam nos paramentos, ou os seminaristas então começavam a discutir que estola ia usar, que casula ia usar. No primeiro ano de Filosofia! Isso foi um reitor de seminário que me falou. Eles já estão pensando como vai ser a primeira missa. Primeiro, segundo ano de Teologia. Bom, enfim, “espírito do tempo”, sendo hegeliano (risadas). Tem mais alguma pergunta.

SP: Não, Padre Benedetti. É... eu, assim, agradeço muito e qualquer outra dúvida, assim, eu volto a entrar em contato com o senhor e, quem sabe, a gente marca outra entrevistas, né.

PLRB: Sim, a gente marca.

SP: Mas eu acho que foi bastante esclarecedor. Agradeço muito essa contextualização que o senhor fez, que, eu acho que ajuda bastante e vai ser muito útil, com certeza.

PLRB: Agora, veja bem, talvez seria bom, como matéria de pesquisa, você me chamou a atenção por uma coisa que tinha na cabeças, mas que ... tanto era verdade que ia procurar meu currículo ontem, mas, onde está tudo isso? Quem que me deu esse currículo? Ver lá a instituição. Não me lembro de ter a Instituição. Você me chamou a atenção sobre o silêncio sobre o IFT, porque eu estranhava. Agora você me fala que não tem documentação, me deixa mais encucado ainda.

Segundo lugar, eu peço desculpas a quem vai ver. Foi muito subjetivo porque é um pouco do meu estado de espírito com relação à época, que eu vivi intensamente.

SP: Eu acredito que isso é que é o mais importante na pesquisa, Padre Benedetti, a gente perceber essa subjetividade mesmo de cada um, né? Uma das coisas quando a gente trabalha com História Oral, né, é de perceber isso. E de Hannah Arendt, uma coisa que Hannah Arendt destaca bastante é exatamente essa vivência. A História não é um... simples ... conceitos que vão se transformando. Ela é vida das pessoas e pessoas que vivem essa História na sua individualidade também, né? Eu acho que o que o senhor expôs é muito bom, muito gratificante ouvir, inclusive, né?

PLRB: Então eu agradeço e agradeço você citar uma autora que pra mim é referência, Hannah Arendt. Gosto muito. Agora, veja bem, falando em citar, eu tenho um certo orgulho de coisas que foram abandonadas. Quando eu falei da questão do gênero como exemplo ... gente ... os institutos de Teologia precisam estudar um pouco de Antropologia Cultural. Meu Deus! Nós estamos voltando a um naturalismo terrível. Duro nas confissões. Pessoas que vem confessar comigo porque ... ah, o outro padre me tratou mal. O outro padre me falou que vou pro inferno. Você vai ouvir, é um problema humano duro, doloroso, que você não resolve numa confissão, mas numa série de conversas. E tem que levar em conta a cultura. Senão nós vamos falar de gênero e a gente diz: “mas a Igreja fala isso e eu sou a favor. Não concordo. Pronto”. “Mas, dá um argumento. Quando é tão simples, eu falei, no mundo romano o que que era ser homem? É a mesma coisa que hoje? Não! Tinha muitos componentes, valor valorizado”, desculpa a redundância, é esse. Ou desv ... um valor que não pesa senão negativamente, contravalor, é esse? Não está ligado ao biológico; está ligado ao cultural. Mas isso é meio estranho na linguagem da molecada de hoje. Desculpa, por molecada não se entende ... outra palavra ... carinhoso ... nada de... de preconceituoso. Embora haja moleques! (risadas) Desculpa. Não sou ... ninguém. Mas, viu Frei Sérgio, eu agradeço muito. Mas eu gostei daquela foto em que você está de chapéuzinho. Você é gaúcho ou catarinense?

SP: Eu sou mineiro ... do sul de Minas.

PLRB: Eu falo pra todo mundo ... não estou te puxando o saco não ... não está gravando, né? Não estou te puxando o saco, mas o lugar que eu mais admiro no Brasil é o sul de Minas porque eu moro na... quase divisa. Nasci em Amparo. Depois de Amparo, Serra Negra e Lindóia já vem Monte Sião. Fica a menos de uma hora de Minas. E o sul de Minas é muito bonito. Cada... você vê cultura, você vê passarinho. Tudo o

que você não vê na cidade está lá. Tudo que eu passei na infância está lá ainda. Então, fico feliz! Mais um motivo pra gostar de você. (risadas)

SP: Muito obrigado. Eu vou encerrar aqui a gravação e, mais uma vez eu agradeço aí o senhor, né.

REFERÊNCIAS (Fontes, Bibliografia e sites pesquisados)

Fontes

Fontes Orais

Entrevista com Padre LRB, 22 páginas.
 Entrevista com Padre PHG, 10 páginas.
 Entrevista com Professor CARN, 06 páginas.
 Entrevista com Sr. RL, 20 páginas.

Fontes escritas

Livro de Atas do DAXIX, 100 páginas (em posse do pesquisador)

Da Biblioteca Padre Lebrecht – Convento dos dominicanos – Perdizes – São Paulo:

ALDUNATE, José. **O dever moral ante a situação revolucionária**. P1-4. Texto datilografado. (19 páginas).

A REVOLUÇÃO Intelectual e a Igreja na América Latina. P41-14. Texto datilografado. (18 páginas).

AÇÃO Cultural. P12-1. Apostila mimeografada. (Não datada, 9 páginas).

AÇÃO Popular. P12-2. Apostila mimeografada. (Não datada, 20 páginas).

A JEC é uma Revolução. Belo Horizonte: [s. n.], ago. 1956. P18-10.

ASSMAN, Hugo. **Fé e experiência religiosa**. [1965-1966?]. Texto datilografado. (7 páginas).

BAGGIO, Sebastiano. **Carta ao Prior Geral Padre Fr. Luís Garayoa**. Rio de Janeiro, 24 jan. 1969, (Prot. 19829). (Arquivo da Cúria Geral da Ordem dos Agostinianos Recoletos, Roma, Itália).

CARTA de Belo Horizonte, agosto de 1967. **Jornal Última Hora**, São Paulo, 24 out. 1967, 1o Caderno, p. 8(?). P13-3. Texto datilografado. (9 páginas).

CARTA de D. Geraldo Penido, arcebispo de Juiz de Fora, sobre a morte do Padre João Bosco Penido Burnier. P48-1. Texto datilografado. (Não datado, 2 páginas).

CARTA em cinco páginas datilografadas no Arquivo da Cúria Geral da Ordem dos Agostinianos Recoletos. Roma, Itália). [1969]

CATÃO, Frei Bernardo. **Vocação do mundo e missão da Igreja**. São Paulo, 06 de novembro de 1965. P2-23. Datilografado. (13 páginas).

CHONCHOL, Jacques. **Os fatores de aceleração revolucionária**. P2-29. Texto datilografado. (9 páginas).

CLAPS, Gerardo. **O cristão frente a revolução violenta**. P2-30. Texto datilografado. (14 páginas).

COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. **Guerra Popular**: caminho da luta armada no Brasil. Rio de Janeiro: [s. n.], jan. 1969. P16-15. Texto mimeografado. (52 páginas).

COMUNICAÇÃO e Massificação no meio rural. P13-19. Texto datilografado. (6 páginas).

DEPOIMENTOS sobre a situação do clero. P14-10. Texto datilografado. (4 páginas).

FORACCHI, Marialice. **Os estudantes na transformação da sociedade brasileira**. 1966. P3-36. Texto datilografado. (7 páginas).

FREI TITO. P011-15. Texto datilografado. Título em letras manuscritas, com timbre da "Escola Dominicana de Teologia".

GALILEA, Segundo. La Urbanización y la Iglesia (Reflexión Pastoral). **Pastoral Popular**, n. 86-87, p. 8-17, mar.-abr. 1965. P5-5. Texto datilografado.

GOSS-MAYR, Jean; GOSS-MAYR, Hildegard. **El cristianismo latino-americano frente su decision**. Viena: [s. n.], setembro de 1962. P14-7. Texto datilografado. (13 páginas).

ILLICH, Ivan. **O sacerdote desertor**. Tradução: Ana Maria Abreu de Oliveira. Cuenavaca: CIDOC INFORMA, 1967. P6-09. Texto datilografado. (10 páginas).

ILLICH, Ivan. **O clero, uma 'espécie' que desaparece**. Traduzido da edição em espanhol do Doc 67/19 da CIDOC. P6-10. Texto datilografado. (11 páginas).

KOOP, D. Pedro Paulo, Bispo de Lins. **Pela Salvação católica da América Latina**. P6-21. [1965?]. Texto datilografado. (4 páginas).

LEMLE, Henrique. **O conceito de ser humano na Bíblia**. P26-1. Texto datilografado. (Não datado, 5 páginas).

LIMA, Lauro de Oliveira. **A mulher no Brasil de hoje**. P7-8. Texto datilografado. (Não datado, 14 páginas).

MANIFESTO Abril de 1968. 26 de abril de 1968. P22-7. Texto datilografado. (2 páginas; dirigido ao cardeal por um grupo de sacerdotes da arquidiocese; sem assinaturas; incompleto).

O PROBLEMA do comunismo no Brasil. P41-14. Texto datilografado. (26 páginas).
ORAISON, Marc. O debate sobre o Celibato dos Padres. **Jornal “Le Monde”**, 18 a 24 de abril de 1968, tradução de Yves do Amaral Lesbaupin. P9-09. Texto datilografado. (9 páginas).

RELATÓRIO preparado a pedido da Associação dos Religiosos da Holanda. Haia, abril de 1967. P22-9. Texto datilografado. (15 páginas).

RODRIGUES Jamil. **Vanguarda armada e massas na primeira fase da revolução**. P24-11. Texto datilografado. (13 páginas).

O SACRAMENTO da Conversão. P23-3. Apostila mimeografada. (Não datado, 3 páginas).

SEMINÁRIO “Populorum Progressio”: Síntese dos grupos de trabalho. São Paulo: [s. n.], 07 de maio de 1968. P22-25. Texto datilografado. (20 páginas).

STATUS QUO e Revolução. P22-22. Texto datilografado. (Não datado, 5 páginas).

TRIANGLE Operation: o que se deve saber sobre os fundamentos da “Operação Triângulo” e seus objetivos no Brasil. P24-2. Texto datilografado. (Não datado, 12 páginas).

VON GALLI, Mário. Crise de Autoridade na Igreja, tradução e condensação de um artigo publicano em “**Orientierung**”, n. 1, 1968, baseado numa pesquisa de Bruno Schueller. P14-5. Texto datilografado. (3 páginas).

Cedido pelo Professor CARN:

“Livros a fichar”, mimeografado a álcool, com 23 nomes, 01 página

Trabalhos de estudantes do IFT

ÁLVARES, Geraldo Rodrigues; AMARAL, Carlos Alberto. **Religião na “Realidade”**. São Paulo: Instituto de Formação Teológica, maio 1968. P1-5. (7 páginas). II ano de Propedêutica.

ALVES, Irmã Leocádia; CARRAL, Manuel Parrado. **A jornada interior**. 1969. Texto datilografado. (4 páginas).

ALVES, Irmã Leocádia. **Edward Schillebeeckx, Deus e o Homem**. Fichamento datilografado em fichas pautadas, 03 fichas, frente e verso, numeradas de 1 a 6.

ALVES, Irmã Leocádia; CARRAL, Manuel Parrado; STEFANI, Antônio Benedito. **O Deus de alguns jovens**. Capa com data de 03 de dezembro de 1969. Texto datilografado em 04 páginas numeradas e assinado com data de 04 de dezembro de 1969, acompanhado de 55 questionários da pesquisa realizada entre alunos de 1º colegial e primário (3ª e 4ª séries).

CLÉBER, Terezinha; ARISTEU, José Maurício. **Libertação do homem**: 1a. Parte. Texto datilografado. P19-20. [1968?]. (6 páginas).

FIORINI, Ércio Antônio. **Caminhos para Deus**. 1969. (9 páginas).

FIORINI, Ércio Antônio; SANTOS, José Luiz dos. **O jovem e o problema de Deus**. São Paulo, 08 de dezembro de 1969. Datilografado em papel ofício; síntese de pesquisa de campo. (3 páginas).

GIRARDI, Waldir; MARIGA, Sabino. **Amor Livre**. P5-6. Texto datilografado. (Não datado, 26 páginas).

GUIMARÃES, Domingos F. E. **A busca de Deus**. São Paulo: IFT, 1969. Trabalho individual para o curso de “Dogma”, datilografado, 12 páginas, incluindo a capa, que não foi contada na enumeração do trabalho.

GUIMARÃES, Domingos F. E. **Teología y antropología**. São Paulo: IFT, 1969. Fichamento do Livro de GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegário. **Teología Y antropología**, 1967. 13 fichas pautadas, manuscritas frente e verso, num total de 25 páginas.

GUIMARÃES, Domingos F. E. **Pesquisa em torno de Deus**. 1969. Trabalho manuscrito. (4 páginas).

OLIVEIRA, José Aparecido de. **A existência de Deus hoje**. São Paulo: IFT, 1969. Trabalho individual, datilografado em papel ofício, 08 páginas.

PANCOTO, João Elias. **Deus**. 1969. (Pesquisa bibliográfica, 6 páginas).

PANCOTO, João Elias; FIORINI, Ércio Antônio; SANTOS, José Luiz dos; STEFANI, Antônio Benedito. **Pesquisa em torno de Deus**. São Paulo: IFT, 1969. Datilografado em papel ofício, 07 páginas.

PAVÃO, Renato. **Como ter fé em Deus hoje**. São Paulo: IFT, 1969. Trabalho individual, datilografado em papel ofício, capa com manuscrito “trabalho semestral - Dogma - (De Deo Uno), 07 páginas não numeradas.

PAVÃO, Renato; OLIVEIRA, José Aparecido de. **Trabalho de fichamento do livro Pesquisa em torno de Deus de John A. T. Robinson**. São Paulo: IFT, 1969. 12 páginas datilografadas.

PAVÃO, Renato; OLIVEIRA, José Aparecido de. **Pesquisa em torno de Deus**. São Paulo: IFT, 1969. Datilografado em papel ofício, 13 páginas e um bilhete datilografado em anexo em papel cartão.

PIAZZA, Quinto. **Mentalidade moderna e evangelização – Deus**. São Paulo: IFT, 10 de dezembro de 1969. Datilografado em papel ofício, fichamento, primeira parte, 07 páginas.

PIAZZA, Quinto. **Doutrina do Vaticano II sobre o Ateísmo**. São Paulo: IFT, 1969. Trabalho individual, datilografado, 09 páginas.

PIAZZA, Quinto; NOGUEIRA, Gabriel. **A Jornada interior**. São Paulo: IFT, 1969. 12 páginas manuscritas.

RODRIGUES, Luiz Orlando; GONÇALVES, Edson Lima; SANTIAGO, Hemetério Alexandre. **Reflexões sobre a Moral sem Deus**. São Paulo, 04 de junho de 1968, P22-2. Texto datilografado. (8 páginas).

SANTOS, José Luiz dos. **O Novo Catecismo**. São Paulo: IFT, 1969. Manuscrito em ficha pautada, cinco fichas numeradas frente e verso, 09 páginas.

STEFANI, Antônio Benedito. **Diálogo com os ateus**. São Paulo: IFT, 1969. Trabalho individual, datilografado em folha ofício, capa e duas páginas, fichamento do livro de LELONG, Michel. **Diálogo com os ateus**. São Paulo: Editora Duas Cidades, 1968. (Coleção Igreja sem Fronteiras, 4).

Do Arquivo da Ordem dos Agostinianos Recoletos – Província de Santa Rita de Cássia – Ribeirão Preto:

BORGES, Frei Agostinho; FIOROTTI, Frei Adaury. **Exigências de renovação e atualização nos métodos formativos de nossos seminários. Normas Práticas**. 9 páginas datilografadas.

Do Arquivo Público do Estado de São Paulo:

Acervo do DOPS digitalizado – links consultados

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXSNA001186.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/DEOPSSPJ013054.pdf>. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXSNB003348.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXSNA002509.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXNSS000661.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXSNL000421.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXSNT000387.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXSNB002006.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXSNM005106.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXNSA001421.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXSNS002492.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/DEOPSSPS002658.pdf>. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/deops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXNSA002031.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/DOPSSANTOSF00164.pdf>. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/DEOPSSPA020943.pdf>. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXSNF000230.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXNSB000093.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/DCSF00281.pdf>. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/DCSF00282.pdf>. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXSNG000590.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFICONSA000328.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/DEOPSSPA001972.pdf>. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/DCSD01321.pdf>. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/DCSO00257.pdf>. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/DCSA00010.pdf>. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXSNG000445.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXSNG000446.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/DOPSSANTOSG00245.pdf>. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/DOPSSANTOSG00244.pdf>. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXNSH000186.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/DEOPSSPI003575.pdf>. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/DEOPSSPJ011956.pdf>. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/DEOPSSPO002724.pdf>. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/DEOPSSPG000696.pdf>. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXSNW000174.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/DEOPSSPB000769.pdf>. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXSNV000341.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXSNG002456.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFICONSD000523.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/DEOPSSPD003874.pdf>. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFICONSF000845.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/DEOPSSPL005837.pdf>. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTEXSNS006046.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/DCSC02974.pdf>. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/DCSC02973.pdf>. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/DCSAPELIDOS00055.pdf>. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestacdo.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTXSNC003369.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFICONS000342.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/DEOPSSPN002049.pdf>. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFTXSNM005065.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/DOPSSANTOSM03348.pdf>. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOPSOS001034.pdf. Acesso em: jun. 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOPSOS000269.pdf. Acesso em: jun. 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/prontuarios/BR_SP_APESP_DEOPS_SAN_P002194_01.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/prontuarios/BR_SP_APESP_DEOPS_SAN_P006558_01.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOPSOS001057.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOPSOS001022.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOPSOS000137.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOPSOS000138.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOPSOS000334.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOPSOS002029.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOPSOS000117.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOPSOS000110.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOPSOS000032.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOPSOS000975.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOPSOS001035.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/prontuarios/BR_SPAPESP_DEOPSOS001045.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/BR_SPAPESP_DEOPSSPOSFICONS000753.pdf. Acesso em: maio 2021.

Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/de-ops/fichas/DEOPSSPR003941.pdf>. Acesso em: maio 2021.

Digitalizado no APESP

DEOPSSPA015496 - n° prontuário: 145614.

DOPSSANTOSL01067 - n° prontuário: 9951.

MF 30-Z-160, Pasta 29.

MF 30-Z-160, Pasta 30.

MF 30-Z-160, Pasta 37.

MF 30-Z-160, Pasta 38.

MF 30-Z-160, Pasta 39.

MF 50-C-022.

Prontuário nº 143.104.

Prontuário nº 143.612.

Prontuário nº 144.390.

Prontuário nº 144.394.

Prontuário nº 144.391.

Prontuário nº 145.357.

Prontuário nº 146.137.

Outros links:

DEPOIMENTO de Frei Betto na Comissão Nacional da Verdade. 2013. Disponível em: https://cnv.grauna.org.br/images/pdf/depoimentos/vitimas_civis/Carlos_Alberto_Libanio_Christo_Frei_Betto.pdf. Acesso em: maio 2021.

Bibliografias teóricas e históricas

AGUIRRE ROJAS, Carlos Antônio. **Antimanual do mau historiador**. Londrina: EDUEL, 2007.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

BARELA, Liliana; MIGUEZ, Mercedes; CONDE, Luis García. **Algunos apuntes sobre história oral y como abordarla**. Buenos Aires: Dirección General Patrimonio: Instituto Histórico, 2009. Disponível em: https://www.comisionporlamemoria.org/archivos/archivo/archivo-oral/bibliografia/Barela_Miguez_conde.pdf. Acesso em: 21 abr. 2023.

BARROS, José D'Assunção. **Fontes históricas: introdução aos seus usos historiográficos**. Petrópolis: Vozes, 2019.

BEOZZO, José Oscar. **A igreja do Brasil no Concílio Vaticano II (1959-1965)**. São Paulo: Paulinas, 2005.

BOBBIO, Norberto. **Dicionário de política**. 11. ed. Brasília, DF: Ed. UnB, 1998.

BONTEMPI JUNIOR, Bruno. Usos da prosopografia para a história dos intelectuais da educação. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 33, n. 67, p. 57-82, jan./abr.

2019. DOI: <https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.v33n67a2019-47897>. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/47897>. Acesso em: maio 2020.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre história**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

DE CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

DECRETO “Optatam Totius”. In: COMPÊNDIO DO CONCÍLIO VATICANO II: constituições, decretos e declarações. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 507-525.

ESQUINSANI, Rosimar Serena Siqueira. As atas de reuniões enquanto fontes para a história da educação: pautando a discussão a partir de um estudo de caso. **Educação Unisinos**, São Leopoldo, v. 11, n. 2, p. 103-110, maio/ago. 2007.

FRY, Karin A. **Compreender Hannah Arendt**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

GINZBURG, Carlo. Microhistoria: dos o tres cosas que sé de ella. **Manuscripts**, Paris, n. 12, p. 13-42, 1994. Disponível em: <https://www.raco.cat/index.php/Manuscripts/article/download/23233/92461/>. Acesso em: 12 abr. 2023.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

GOMES, Paulo César. **Os bispos católicos e a Ditadura Militar Brasileira. A visão da espionagem**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

HARTOG, François. **Evidência da história. O que os historiadores veem**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

JABLONKA, Ivan. **A história é uma literatura contemporânea**: manifesto pelas Ciências Sociais. Brasília, DF: Ed. UnB, 2020.

JOFFILY, Mariana. A ‘verdade’ sobre o uso de documentos dos órgãos repressivos. **Dimensões**, Vitória, n. 32, p. 2-28, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/index.php/dimensoes/article/view/8316>. Acesso em: 15 maio 2021.

LEONARDI, Paula; BITTENCOURT, Águeda Bernardete. De documento religioso a Fonte Histórica: as Atas do I Concílio Plenário da América Latina. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 30, n. 59, p. 135-158, jan./jun. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.v30n59a2016-p135a158>. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/32306>. Acesso em: 12 abr. 2023.

LEVI, Giovanni. **A herança imaterial**: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil – 1916-1985**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MONTANHINI, Wagner. O documento e o historiador: As ATAS da Câmara de São Paulo nos séculos XVI e XVII como referencial. **UNAR**, Araras, v. 1, n. 1, p. 79-85, 2007.

OLEGÁRIO, Thaís Fleck. Aportes e limites da prosopografia para o estudo da história. **Revista Outras Fronteiras**, Cuiabá, v. 4, n. 2, p. 24-40, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/outrasfronteiras/index.php/outrasfronteiras/article/view/277>. Acesso em: maio 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 2007.

PORTELLI, Alessandro. História oral como gênero. **Projeto História**, São Paulo, v. 22, p. 9-36, jun. 2001.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente? **Projeto História**, São Paulo, v. 14, p. 25-39, fev. 1997.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil**: do golpe de 1964 à Constituição de 1988. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

REIS, Daniel Aarão. **Ditadura Militar, esquerdas e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). **A Ditadura que mudou o Brasil**: 50 anos do golpe de 1964. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

RIDENTI, Marcelo. Cultura e comunistas no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 28, n. 80, p. 295-300, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142014000100025>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/3KRTT3tcqRK8SbbDjdzTYzz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2020.

RIDENTI, Marcelo. Intelectuais e romantismo revolucionário. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 13-19, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-88392001000200003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/b6LpHRFprmYrBPDSfK9McCQ/>. Acesso em: 20 mar. 2020.

RIDENTI, Marcelo. Intelectuais e artistas brasileiros nos anos 1960/70: “entre a pena e o fuzil”. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 185-195, jan.-jun. 2007. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1457>. Acesso em: 20 mar. 2020.

RIDENTI, Marcelo. Cultura e política: enterrar os anos 60? *In*: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 25., 2001, Caxambu. **Anais** [...]. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/25-encontro-anual-da-anpocs/st-4/st06-3/4582-mridenti-cultura/file>. Acesso em: 20 mar. 2020.

RIDENTI, Marcelo. 1968: rebeliões e utopias. *In*: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (org.). **O século XX: o tempo das dúvidas. Do declínio das utopias às globalizações**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 3, p. 133-159.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica**. Brasília, DF: Ed. UnB, 2001.

RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do passado: teoria da história II: os princípios da pesquisa**. Brasília, DF: Ed. UnB, 2007.

RÜSEN, Jörn. **História viva: Teoria da história III: formas e funções do conhecimento histórico**. Brasília, DF: Ed. UnB, 2009.

SANTOS, Cláudia Pereira dos; CORSO, Ângela Maria; ZANLORENZI, Cláudia Maria Petchak. Estado de conhecimento: atas como fonte histórica. *In*: SEPED – SEMANA DE ESTUDOS DO CURSO DE PEDAGOGIA DE IRATI, 3., 2012, Irati. **Anais** [...]. Disponível em: <https://anais.unicentro.br/seped/pdf/iiiv3n1/87.pdf>. Acesso em: maio 2020.

SERBIN, Kenneth P. **Padres, celibato e conflito social: uma história da igreja católica no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

SERBIN, Kenneth P. **Diálogos na sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SOUZA, Ney de (org.). **Catolicismo em São Paulo: 450 anos de presença da Igreja Católica em São Paulo (1554-2004)**. São Paulo: Paulinas, 2004.

SOUZA, Ney de. Cardeal Rossi e a recepção do Vaticano II em São Paulo. **ATeo**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 63, p. 730-749, set./dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.46368>. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/46368/46368.PDF>. Acesso em: maio 2021.

STONE, Lawrence. Prosopografia. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 19, n. 39, p. 115-137, jun. 2011.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

VILAS-BOAS, Sérgio. **Biografismo: reflexões sobre escrita da vida**. 2. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2014.

Bibliografias referidas

ANDRADE, Aline. **Barnabitas**: 115 anos no Brasil. [202?]. Disponível em: <https://basilicadenazare.com.br/barnabitas-115-anos-no-brasil/>. Acesso em: 23 nov. 2022.

AVILEZ ALVAREZ, Maurício José. **Camilo Torres e o amor eficaz**: as origens da teologia da libertação e a insurgência armada colombiana. 2013. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2013. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/handle/BR-SIFE/403>. Acesso em: 23 nov. 2021.

AZZI, Riolando. A organização institucional católica. In: AZZI, Riolando; GRIJP, Klaus van der. **História da igreja no Brasil**: ensaio de interpretação a partir do povo: terceira época, 1930-1964. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 537-556. (História geral da Igreja na América Latina, t. 2/3-2).

AZZI, Riolando. **A igreja católica na formação da sociedade brasileira**. Aparecida: Ed. Santuário, 2008.

BARBOSA, Imerson Alves. **A esquerda católica na formação do PT**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Paulista, Marília, 2007. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciasSociais/Dissertacoes/barbosa_ia_me_mar.pdf. Acesso em: set. 2021.

BIRMAN, Joel. A imaginação, a fantasia e o sublime em psicanálise: uma leitura de Eros e a civilização de H. Marcuse. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 75-99, 1998. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73311998000100005>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/hPPBJ4Jtng99FK7rBmsxfSm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 maio 2023.

BOSI, Alfredo. Jacques Chonchol: o Chile ontem e hoje. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 8, n. 21, p. 247-257, ago. 1994. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40141994000200016>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/GRJ9N4nQVY8K9QSbFzv7ytd/?lang=pt>. Acesso em: 01 maio 2023.

BRISOLA, Sérgio. Província Carmelitana Santo Elias – Convento do Carmo. In: **Descubra Sampa, Cultura & Informação**, Cidade de São Paulo, 09 jul. 2018. Disponível em: <https://www.descubrasampa.com.br/2018/07/provincia-carmelitana-santo-elias-convento-do-carmo.html>. Acesso em: 01 maio 2023.

CALDERONE, Mónica. Sobre violencia simbólica en Pierre Bourdieu. **La Trama de la Comunicación**, Rosario, v. 9, p. 59-65, 2004. DOI: <https://doi.org/10.35305/lt.v9i0.172>. Disponível em: <https://latrama.unr.edu.ar/index.php/trama/article/view/172/167>. Acesso em: 13 maio 2023.

CARVALHO, Ricardo Rubens Fernandes de. **A esperança cristã na teologia da esperança de Jürgen Moltmann**. 2021. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2021. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/1486>. Acesso em: 22 abr. 2022.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Os trabalhos da memória. *In*: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1987. p. XVIII-XXXIII.

CONVERT, Rock. Segundo Galilea, padre, sacerdote e teólogo chileno. **O Explorador**, 18 dez. 2014. Disponível em: <http://www.oexplorador.com.br/segundo-galilea/>. Acesso em: jun. 2021.

CORRÊA, Michelle Viviane Godinho. **Vanguarda Popular Revolucionária**. [201?]. Disponível em: <https://www.infoescola.com/ditadura-militar/vanguarda-popular-revolucionaria/>. Acesso em: 22 abr. 2022.

COSTA, Iraneidson Santos. Entre o espectro aterrorizante do comunismo e as desigualdades sociais: teoria e prática dos Centros Sociais da Companhia de Jesus na América Latina (1950-1966). **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 25, n. 1, p. 94-107, jan.-abr. 2021. DOI: doi: 10.413/hist.2021.251.08. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/hist.2021.251.08/60748263>. Acesso em: 22 abr. 2022.

CYPHER, James Martín. As origens da teoria desenvolvimentista: a economia política empiricamente baseada e historicamente contextualizada de Furtado. **Revista de Economia**, Curitiba, v. 40, n. 3, p. 7-27, set./dez. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/re.v40i3.42923>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/economia/article/view/42923>. Acesso em: 23 abr. 2023.

ERPEN, Jackson. **“Aggiornamento”, o contexto da renovação conciliar**. 2018. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2018-08/concilio-vaticano-ii-aggiornamento-sacrosanctum-concilium.html>. Acesso em: 23 abr. 2023.

DI IÓRIO, Patrícia Leite. **O ensino da Língua Portuguesa em São Paulo na segunda metade do século XX: um caminho historiográfico**. 2007. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/14464/1/Patricia%20Leite%20Di%20lorio.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2023.

DOMERGUE, Raymond. Foi et Révolution: itinéraire de “Frère du Mond”. **Esprit: Comprendre Le Mond qui vient**, Paris, n. 21, p. 70-87, Sep. 1978. Disponível em: <https://esprit.presse.fr/article/domergue-raymond/foi-et-revolution-l-itineraire-de-freres-du-monde-30113>. Acesso em: 23 abr. 2023.

FARIAS, Damião Duque. **As primeiras iniciativas reformistas católicas no Brasil: a experiência do M.M.M. (Movimento por um Mundo Melhor) na Arquidiocese de São Paulo**. In: ANPUH – SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA., 23., 2005. Londrina. **Anais [...]**. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simpósios/pdf/2019-01/1548206571_d6287cdcc2d130fa0ddf773d04059a38.pdf. Acesso em: 22 abr. 2023.

FRANZON, Sadi. Os acordos MEC-USAID e a Reforma Universitária de 1968 – As garras da águia na legislação de ensino brasileira. In: EDUCERE - CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 12., 2015, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: PUCPR, 2015. p. 40619-40632. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/plugin-file.php/5070059/mod_resource/content/1/ACORDOS%20MEC%20USAID%20E%20REFORMA%20UNIVERSIT%C3%81RIA%20DE%201968.pdf. Acesso em: 22 abr. 2023.

FITZGERALD, Allan D. **Diccionario de San Agustín**: San Agustín a través del tiempo. Burgos: Ed. Monte Carmelo, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALETTTO, Paulo César. **Mercantilização do ensino superior privado**: um estudo de caso sobre o adoecimento laboral de coordenadores de curso. São Paulo: Editora Dialética, 2022.

GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. 2. ed. São Paulo: Paulus: Discurso Editorial, 2010.

GONTIJO, Pedro. **Falece fundador da Comissão Brasileira Justiça e Paz**. 2013. Disponível em: <https://www.radiocoracao.org/noticias/falece-fundador-da-comissao-brasileira-justica-e-paz>. Acesso em: 22 abr. 2023.

GUITTON, Jean. **Le temps et l'éternité chez plotin et Saint Augustin**. Paris: Vrin, 1959.

HAZAN, M. G.; PONDÉ, L. F. A presença de Deus no ser humano segundo Heschel. **Veritas (Porto Alegre)**, Porto Alegre, v. 63, n. 1, p. 121-149, 2018. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-6746.2018.1.29723>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/view/29723>. Acesso em: jun. 2021.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do espírito**: Parte I. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do espírito**: Parte II. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

HIROTO. A saída possível. **Porandubas**, São Paulo, ano 4, n. 32, 11 set. 1980, p. 15. Disponível em: <https://www.pucsp.br/comissaodaverdade/downloads/tuca/dotibirica-ao-tuca/jornal-porandubas.pdf>. Acesso em: out. 2022.

HOBBSBAWM, Eric. **A era dos extremos**: o breve século XX: 1914-1991. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JANUS. **O Papa e o Concílio**. 2. ed. Londrina: Ed. Leopoldo Machado, 2002. v. 1.

JANUS. **O Papa e o Concílio**. 2. ed. Londrina: Ed. Leopoldo Machado, 2002. v. 2.

KALILI, Narciso. Revolução na Igreja. **Realidade**, São Paulo, ano 1, n. 7, p. 34-42, out. 1966.

KALILI, Sérgio. Idealista e libertário, Narciso Kalili inovou na imprensa e desafiou a ditadura. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 ago. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2021/08/idealista-e-libertario-narciso-kalili-inovou-na-imprensa-e-desafiou-a-ditadura.shtml>. Acesso em: 23 abr. 2023.

LESSA, Mônica. Santuário de Nossa Senhora de Fátima atrai milhões de católicos a Portugal. **O Globo**, Rio de Janeiro, 5 maio 2017. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/santuário-de-nossa-senhora-de-fátima-atrai-milhoes-de-catolicos-portugal-21298165>. Acesso em: 22 abr. 2023.

LIRA, Alexandre Tavares do Nascimento. Reflexões sobre a legislação de educação durante a ditadura militar (1964-1985). **Histórica**, São Paulo, n. 36, 2009. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao36/materia01/>. Acesso em: set. 2020.

LOUREIRO, Felipe Pereira. Dois pesos, duas medidas: os acordos financeiros de maio de 1961 entre Brasil e Estados Unidos durante os governos Jânio Quadros e João Goulart (1961-1962). **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 22, n. 2, p. 547-576, ago. 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-06182013000200009>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ecos/a/7KwN4pzt438ZNjQ77XxMbtP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 maio 2020.

MACHADO, Adriano Henrique. A influência dos setores católicos na formação do Partido dos Trabalhadores: da relação com os movimentos sociais à ideia de formar um novo partido. In: ANPUH – SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: UFC, 2009. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772192_daba181636a5d62bc8ce8d1aba0c2267.pdf. Acesso em: set. 2021.

MACIEL, Lício. **Guerrilha do Araguaia**: relatos de um combatente. São Paulo: Ed. Schoba, 2008.

MARTINS, José de Souza. 1968, nas entrelinhas do silêncio. **Jornal da USP**, São Paulo, 11 out. 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/1968-nas-entrelinhas-do-silencio/>. Acesso em: 04 abr. 2023.

MARUJO, António. O teólogo best-seller que quis pôr o catolicismo a falar com o mundo. **Público**, Lisboa, 27 dez. 2009. Disponível em: <https://www.publico.pt/2009/12/27/jornal/o-teologo-bestseller-que-quis-por-o-catolicismo-a-falar-com-o-mundo-18484753>. Acesso em: 04 abr. 2023.

MASOTTI, Viviani; BALERA, Wagner. A globalização e a civilização do amor. **DIGE - Direito Internacional e Globalização Econômica**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 179-181, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/DIGE/article/view/42356>. Acesso em: out. 2022.

MODENA, Maura Regina. A violência simbólica: reflexão sobre a obra de Slavoj Žižek. In: MODENA, Maura Regina (org.). **Conceitos e formas de violência**. Caxias do Sul: Educs, 2016. p. 21-27.

MORUS, Tomás. **A Utopia ou o tratado da melhor forma de governo**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

NERY, João Batista Corrêa. (Dom). **Lembranças**: visitas pastoraes. Cúria Metropolitana da Arquidiocese de Vitória. Vitória: Centro de Documentação e Informação, [19--]. p. 97-109. Manuscrito.

PANI, Giancarlo. **Gandhi e um século de não violência**. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos, 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/617038-gandhi-e-um-seculo-de-nao-violencia-artigo-de-giancarlo-pani>. Acesso em: out. 2022.

PAULA, Sérgio Peres de. Os Agostinianos Recoletos in Franca, Brasil. **Recollectio: Annuarium Historicum Augustinianum**, Madrid, n. 23-24, p. 205-265, 2000-2001.

PAULA, Sérgio Peres de **Operários da undécima hora**: Os Agostinianos Recoletos no Brasil: criação da província de Santa Rita de Cássia e o impacto do Concílio Vaticano II. 2012. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/93218>. Acesso em: 04 abr. 2023.

PAULA, Sérgio Peres de. Seminário Santa Rita – Esperanças e Frustrações. **Recollectio: Annuarium Historicum Augustinianum**, Madrid, n. 40-42, p. 979-1018, 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6391042.pdf>. Acesso em: maio 2021.

PAULA, Sérgio Peres de. O IFT e os Agostinianos Recoletos, a partir dos documentos do Capítulo Província da Província de Santa Rita de Cássia – 1966. **Recollectio: Annuarium Historicum Augustinianum**, Madrid, n. 43, p. 73-88, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7688259.pdf>. Acesso em: maio 2021.

PAULA, Sérgio Peres de. Autoridade, autoritarismo, política, poder, liberdade e violência no Instituto de Filosofia e Teologia (IFT): uma análise através de Hannah Arendt e Norberto Bobbio. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, São Paulo, v. 5, n. 7, p. 64-92, jul. 2022. DOI: <http://doi.org/10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/filosofia/autoridade>. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/filosofia/autoridade>. Acesso em: 04 abr. 2023.

PAULA, Sérgio Peres de; FRAGA, Estefania Knotz Canguçu. História oral e o ofício do historiador: análise histórica do Instituto de Filosofia e Teologia – IFT. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, São Paulo, v. 5, n. 10, p. 37-63, out. 2022. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/historia/oficio-do-historiador>. Acesso em: 04 abr. 2023.

PAULA, Sérgio Peres de. A politização do diretório acadêmico do IFT. *In*: MOL, Elias Perigolo; SILVA, Lucas Souza (org.). **Rumos da História: compreensões do passado e pesquisas entre áreas**. São Paulo: Dialética, 2022. v. 1, p. 10-12.

PAVIANI, Jayme. Conceitos e formas de violência. *In*: MODENA, Maura Regina (org.). **Conceitos e formas de violência**. Caxias do Sul: Educs, 2016. p. 8-20.

PEROZA, Juliano; MESQUIDA, Peri; HORVATH, Wilson Agnaldo. Thomas Morus e a Utopia como anúncio de uma comunidade virtuosamente educativa. **Acta Scientiarum. Education**, Maringá, v. 42, n. 1, p. e45842. DOI: <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v42i1.45842>. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/45842>. Acesso em: 7 abr. 2023.

PISANI, Marília Mello. Marxismo e psicanálise no pensamento de Herbert Marcuse: uma polêmica. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 4, n. 1, p. 23-64, mar. 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482004000100003. Acesso em: 01 maio 2023.

PISANI, Marília Mello. Utopia e psicanálise em Herbert Marcuse. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 203-217, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-31732006000200014>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/BdFC7HYMcVsYJf7rRSTLYSg/?lang=pt>. Acesso em: 01 maio 2023.

PUCCI, Bruno; OLIVEIRA, Cleyton de; BETTY, Christine. HUGO ASSMAN: da Teologia da Libertação à Educação para a sensibilidade. **Comunicações**, Piracicaba, v. 15, n. 1-2, p. 11-38, jan.-dez. 2008. DOI: <https://doi.org/10.15600/2238-121X/comunicacoes.v15n1-2p11-38>. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistasunimep/index.php/comunicacoes/article/view/351/120>. Acesso em: set. 2021.

RAIMUNDO, Mariana de Matos Ponte. **A virada constantiniana e a consolidação da identidade cristã no século IV: uma análise sócio-histórica**. 2013. Dissertação [Mestrado em Ciência da Religião] - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013. Disponível em: <https://repositorio.uff.br/jspui/handle/uffj/993>. Acesso em: out. 2021.

REINARES, Tirso Alesanco. **Filosofia de San Agustín: síntesis de su pensamiento**. Madrid: Ed. Augustinus, 2004.

REIS, Daniel Aarão. **O Partido dos Trabalhadores – trajetória, metamorfoses, perspectivas**. 2007. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/culturaspoliticas/files/daniel4.pdf>. Acesso em: set. 2021.

RESENDE, Francisco de Assis. **Vidas que se cruzam em diários e ditaduras: processo de laicização de um padre camiliano**. São Paulo: Ed. Scortecci, 2017.

ROBINSON, John A. T. **Pesquisa em torno de Deus**. Lisboa: Ed. Moraes, 1968.

ROMERO, Ramiro Hernández. La polémica del Proyecto Camelot em Chile. **De Raíz Diversa**, Mexico, v. 7, n. 13, p. 111-136, en.-jun. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.22201/ppela.24487988e.2020.13.72349>. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/Deraizdiversa/2020/vol7/no13/5.pdf>. Acesso em: fev. 2023.

SAN AGUSTÍN. Sermão 25, 3. In: SAN AGUSTÍN. **Obras Completas**: Sermones (1º): 1-50: sermones sobre la Escritura: Antiguo Testamento. Tradução: Miguel Fuertes Lanero e Moisés Maria Campelo. 4. ed. Madrid: BAC, 1981. v. 7, p. 396.

SAN AGUSTÍN. Sermón 346C, 1. In: SAN AGUSTÍN. **Obras Completas**: Sermones (6º): 339-396: sermones sobre diversos temas: índices bíblico, litúrgico e temático de todo o sermonario agustiniano. Tradução: Pio de Luís Vizcaíno. Madrid: BAC, 1985. v. 26, p. 131-132.

SAN AGUSTÍN. Sermão 80, 8. In: SAN AGUSTÍN. **Obras Completas**: Sermones (2º): 51-116: sobre los Evangelios Sinópticos. Tradução: Lope Cilleruelo, Moisés Maria Campelo, Carlos Morán e Pio de Luís Vizcaíno. Madrid: BAC, 1983. v. 10, p. 451.

SANTO AGOSTINHO. **A cidade de Deus**: contra os pagãos: Parte II. 4. ed. Petrópolis: Vozes: FABRA, 2001.

SIQUEIRA, Carla. A novidade que faltava: sensacionalismo e retórica política nos jornais Última Hora, O Dia e Luta Democrática no segundo governo Vargas (1951-1954). **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 46-66, 2005. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/download/1108/1049. Acesso em: 22 abr. 2023.

SILVA, Carla Luciana. Vanguarda Popular Revolucionária: massas, foquismo e repressão. **História, Debates e Tendências**, Passo Fundo, v. 19, n. 3, p. 492-512, 2019.

SILVA, Hélio. **1964**: golpe ou contragolpe? 4. ed. Porto Alegre: L&PM, 2014.

SUSIN, Fernanda Prux; FLEITAS, Horácio Francisco Rodríguez de. O mal-estar na civilização e a gênese da violência. In: MODENA, Maura Regina (org.). **Conceitos e formas de violência**. Caxias do Sul: Educacs, 2016. p. 116-122.

TEGA, Danielle. Entre promessas e lembranças: tempos e vozes da militância feminina. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 12, n. 143, p. 4-12, 2013. Disponível em: <https://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/20199>. Acesso em: 4 abr. 2023.

VIEIRA, Antônio Rufino. Princípio Esperança e a “Herança intacta do marxismo” em Ernst Bloch. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX-ENGELS, 5., 2007, Campinas. **Anais [...]**. Campinas: Unicamp, 2007. Disponível em: https://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt1/ses-sao6/Antonio_Rufino.pdf. Acesso em: 22 abr. 2023.

VIEIRA, Dilermando Ramos. **O processo de reforma e reorganização da Igreja no Brasil (1844-1926)**. Aparecida: Ed. Santuário, 2007.

VIGUIRISTI, Fernando de la Iglesia. **Cinquenta anos da morte do Padre Louis Lebre, Profeta da Doutrina Social da Igreja**. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos, 2016. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/185-noticias-2016/559155-cinquenta-anos-da-morte-do-padre-louis-lebre-profeta-da-doutrina-social-da-igreja-artigo-de-fernando-de-la-iglesia-viguiristi>. Acesso em: 19 jan. 2023.

WERNET, Augustin. **A Igreja Paulista no século XIX. A Reforma de D. Antônio Joaquim de Melo (1851-1861)**. São Paulo: Ática, 1987.

ZANELLA, Sérgio. **Teatro Tese – 50 anos – “As Troianas”**. 2016. Disponível em: https://sergiozanela.wordpress.com/2016/09/01/___trashed-11___trashed/. Acesso em: out. 2022.

ZANELLA, Sérgio. **A Igreja traída**. 3. ed. São Paulo: Prismas, 2016.

Sites e acervos on line consultados

AÇÃO LIBERTADORA NACIONAL (ALN). Rio de Janeiro: FGV: CPDOC, 2009. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/acao-libertadora-nacional-aln>. Acesso em: 21 abr. 2023.

AÇÃO Popular e a esquerda católica: um resgate. Entrevista especial com Fábio Pires Gavião. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos, 2007. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/9688-acao-popular-e-a-esquerda-catolica-um-resgate-entrevista-especial-com-fabio-pires-gaviao>. Acesso em: junho 2021.

AÇÃO Popular. Da Juventude Católica à opção pelo marxismo-leninismo. 2020. Disponível em: <https://documentosrevelados.com.br/historia-da-acao-popular-em-2013-se-comemorou-os-50-anos-de-fundacao-da-acao-popular-ap-ela-teve-importante-papel-na-historia-da-esquerda-brasileira-desde-o-periodo-anterior-ao-golpe-de-1964-sua/>. Acesso em: maio 2021.

AÇÃO Popular (AP). Rio de Janeiro: FGV: CPDOC, 2009. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/acao-popular-ap>. Acesso em: maio 2021.

AÇÃO Popular Marxista-leninista. [197?]. Disponível em: <https://dibrarq.arquivo-nacional.gov.br/index.php/acao-popular-marxista-leninista-2>. Acesso em: maio 2021.

AÇÃO Popular. São Paulo: CEDIC, 1992. Disponível em: http://www4.pucsp.br/cedic/colecoes/acao_popular.html. Acesso em: 21 abr. 2023.

ALIANÇA para o Progresso. Rio de Janeiro: FGV: CPDOC, 2009. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/alianca-para-o-progresso-1>. Acesso em: 21 abr. 2023.

ANIVALDO Pereira Padilha. São Paulo: Memorial da Resistência, 1970. Disponível em: <http://memorialdaresistencia.org.br/pessoas/anivaldo-pereira-padilha/>. Acesso em: 21 abr. 2023.

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. Região Episcopal Sé. **Matriz Paroquial Nossa Senhora do Carmo – Basílica**. Disponível em: <http://www.arquisp.org.br/regiao-se/paroquias/paroquia-nossa-senhora-do-carmo-basilica/matriz-paroquial-nossa-senhora-do-carmo-basilica>. Acesso em: fev. 2023.

BABY Boomers: o que significa e quais são as características. 2020. Disponível em: <https://www.ufjf.br/ladem/2020/05/28/baby-boomers-o-que-significa-e-quais-sao-as-caracteristicas/>. Acesso em: fev. 2023.

BATALHA na Rua Maria Antônia. 3 out. 1968. Disponível em: <http://memorialda-democracia.com.br/card/batalha-na-maria-antonia-acaba-em-morte>. Acesso em: 21 abr. 2023.

A BELA da tarde: Belle de Jour. Direção: Luís Buñuel. Intérprete: Catherine Deneuve. Paris, 1967. 100 min. Disponível em: <https://ims.com.br/filme/bela-da-tarde/>. Acesso em: set. 2021.

BRASIL. **Emenda Constitucional nº 25, de 15 de maio de 1985**. Altera dispositivos da Constituição Federal e estabelece outras normas constitucionais de caráter transitório. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emen-das/emc_anterior1988/emc25-85.htm. Acesso em: out. 2022.

CARLOS MARIGHELLA. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/memorial/carlos-marighella/>. Acesso em: 7 abr. 2023.

CARLOS MARIGHELLA. Disponível em: <http://comissaodaverdade.al.sp.gov.br/mortos-desaparecidos/carlos-marighella>. Acesso em: 7 abr. 2023.

CARMELITAS. Disponível em: <https://carmelitas.org.br/conheca-a-historia-da-ordem-do-carmo-no-brasil/>. Acesso em: 16 abr. 2023.

CARMELITAS. Disponível em: <https://carmelitas.org.br/basilica-e-convento-de-nossa-senhora-do-carmo/>. Acesso em: 16 abr. 2023.

COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. **Depoimentos de vítimas civis**. 2015. Disponível em: <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/todos-volume-1/653-v%C3%ADtimas-civis.html>. Acesso em: fev. 2023.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **No contexto de Regime Militar, Dom Agnelo Rossi se manteve fiel ao Santo Padre**. 2017. Disponível

em: <https://www.cnbb.org.br/dom-agnelo-rossi-o-presidente-que-tinha-como-submissao-o-amor-ao-santo-padre/>. Acesso em: fev. 2023.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Dom Agnelo Rossi e Dom José da Costa**: tempos delicados à frente da CNBB. 2017. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/dom-agnelo-rossi-e-dom-jose-da-costa-tempos-delicados-a-frente-da-cnbb/>. Acesso em: fev. 2023.

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL NACIONAL. Disponível em: <https://crbnacional.org.br/sobre-a-crb-nacional/>. Acesso em: fev. 2023.

CRUSP. **Cronologia CRUSP**. Disponível em: https://crusp68.org.br/sites/default/files/Cronologia%20CRUSP_0.pdf. Acesso em: fev. 2023.

DCE da PUC-SP: **Do Golpe ao congresso de Ibiúna (1964 – 1968)**. Disponível em: <https://www.pucsp.br/comissaodaverdade/movimento-estudantil-periodizacao-1964-68.html>. Acesso em: set. 2020.

DEOPS/SP. Disponível em: <http://memorialdaresistenciasp.org.br/lugares/deops-sp/>. Acesso em: maio 2021.

DIA DE SÃO TOMÁS DE AQUINO. 2014. Disponível em: <https://juventudedominicana.wordpress.com/2014/03/07/dia-de-sao-tomas-de-aquino/>. Acesso em: fev. 2023.

DO CRESCIMENTO da mobilização estudantil à deflagração da Greve. **A Nova Democracia**, n. 101, janeiro de 2013. Disponível em: <https://www.pucsp.br/comissaodaverdade/downloads/comunidade-academica/reforma-universitaria/greve-um-terco.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2023.

DOM CARLOS CARMELO DE VASCONCELOS MOTTA. Disponível em: <https://arquisp.org.br/historia/dos-bispos-e-arcebispos/arcebispos/cardeal-dom-carlos-carmelo-de-vasconcelos-motta>. Acesso em: 15 abr. 2023.

DOM HÉRDER CÂMARA. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/dom-helder-camara/>. Acesso em: 15 abr. 2023.

DOMICANOS E O 'CASO MARIGHELLA'. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 6 nov. 1969. 1o Caderno. p. 9. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_07&pagfis=105341&url=http://memoria.bn.br/docreader#. Acesso em: 19 abr. 2023.

É PROIBIDO Proibir. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/musica/noticia/2018/05/13/e-proibido-proibir-foi-a-declaracao-de-guerra-do-tropicalismo-338984.php>. Acesso em: 19 abr. 2023.

É PROIBIDO Proibir. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2018/05/e-proibido-proibir-como-o-maio-de-1968-mudou-para-sempre-os-limites-do-possivel/>. Acesso em: 19 abr. 2023.

É PROIBIDO Proibir. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/publifolha/363271-ha-40-anos-caetano-veloso-vaiado-apresentou-e-proibido-proibir-no-tuca-em-sp.shtml>. Acesso em: 19 abr. 2023.

ESTAÇÕES Ferroviárias do Brasil: Franca. Disponível em: <http://www.estacoes-ferroviarias.com.br/f/franca.htm>. Acesso em: 19 abr. 2023.

FACULDADE de Teologia completa 70 anos: evento comemorativo teve início em 10/09. **Jornal da PUC-SP**, 11 set. 2019. Disponível em: <https://j.pucsp.br/noticia/faculdade-de-teologia-celebra-70-anos>. Acesso em: out. 2022.

FERIADO de 01 de Maio. Disponível em: <https://paginas.uepa.br/nas/?p=451#:~:text=Em%201924%2C%20o%20ent%C3%A3o%20presidente,pelo%20ent%C3%A3o%20presidente%20Get%C3%BAlio%20Vargas>. Acesso em: 19 abr. 2023.

FERIADO de 21 de abril. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/datas-comemorativas/tiradentes.htm#:~:text=O%20dia%2021%20de%20abril,da%20Na%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira%E2%80%9D%20a%20Tiradentes>. Acesso em: 19 abr. 2023.

FILME “ASAS DO DESEJO”. Disponível em: http://www.autobahn.com.br/filmes/asas_do_desejo.html. Acesso em: set. 2021.

FLYNN, J. D. Vaticano II não é o único concílio controverso, diz teólogo católico. 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/601643-vaticano-ii-nao-e-o-unico-concilio-controverso-diz-teologo-catolico>. Acesso em: maio 2021.

FRANCISCO ANSILIERO. Disponível em: <https://www.faturabrasil.com.br/chef/francisco-ansiliero/>. Acesso em: set. 2021.

FRANCISCO AUGUSTO CARMIL CATÃO. Disponível em: <https://unisal.br/iii-colquio-de-teologia-teologo-francisco-catao/>. Acesso em: 17 abr. 2023.

FREI ALCUÍNO DERKS. Disponível em: <https://www.assumption.org/biographie/alcuino-henri-derks-1914-1991/>. Acesso em: 17 abr. 2023.

FREI CARLOS JOSAPHAT. **Igreja e a PUC: Igreja e a Ditadura**. [19--]. Disponível em: <https://www.pucsp.br/comissaodaverdade/igreja-e-a-puc-igreja-e-a-ditadura.html>. Acesso em: 23 abr. 2023.

FREI CARLOS JOSAPHAT PINTO DE OLIVEIRA O.P. (1921-2020). São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos, 2020. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/78-noticias/604551-frei-carlos-josaphat-pinto-de-oliveira-o-p-1921-2020>. Acesso em: 23 abr. 2023.

FREI CARLOS MESTERES. **Carmelitas**. Disponível em: <https://carmelitas.org.br/conheca-a-historia-da-ordem-do-carmo-no-brasil/>. Acesso em: 16 abr. 2023.

FREI MATEUS ROCHA. Disponível em: https://web.archive.org/web/20130127222013/http://unb.br/administracao/reitoria/exreitores/mateus_rocha. Acesso em: 16 abr. 2023.

FREI TITO ALENCAR. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/frei-tito-de-alencar-lima/>. Acesso em: 16 abr. 2023.

GIOVANNI ENRICO BUCHER (Embaixador): <http://fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/bucher-giovanni-enrico>. Acesso em: 21 abr. 2023.

HEMETÉRIO ALIXANDRE SANTIAGO. Disponível em: <https://www.arquidiocese-defortaleza.org.br/presbiterio/padres-falecidos/pe-hemeterio-alixandre-de-santiago/>. Acesso em: 21 abr. 2023.

HERODES, O GRANDE. Disponível em: https://www.ebiografia.com/herodes_i_o_grande/. Acesso em: 21 abr. 2023.

HISTÓRIA DE CARCARÁ – João do Vale e José Cândido. 2022. Disponível em: <https://cantodampb.com/historia-de-carcara-joao-do-vale-e-jose-candido/>. Acesso em: 7 abr. 2023.

ÍNDICE PARA CATALOGAÇÃO – CDD. Disponível em: <http://editoraigp.com.br/publicandosonhos/indice-cdd>. Acesso em: 21 abr. 2023.

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE. Disponível em: <http://condemphaat.sp.gov.br/benstombados/antigo-instituto-de-filosofia-ciencias-e-letras-sedes-sapientiae/>. Acesso em: 21 abr. 2023.

INSTITUTO SÃO PAULO DE ESTUDOS SUPERIORES (ITESP). **Nossa história**. Disponível em: <https://www.itespteologia.com.br/historico/>. Acesso em: 28 jun. 2022.

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE. Disponível em: <https://www5.pucsp.br/puc-tour/consolacao.php>. Acesso em: 21 abr. 2023.

INVASÕES históricas. Disponível em: <https://unb.br/a-unb/historia/633-invasoes-historicas?menu=423>. Acesso em: 8 maio 2023.

JOHN ARTHUR THOMAS ROBINSON. Disponível em: <http://trinitycollegechapel.com/about/memorials/brasses/robinson/>. Acesso em: 6 maio 2023.

JOHN DANDURAND o objeto não identificado do tropicalismo. 2018. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/musica/noticia/2018/05/13/john-dandurand-o-objeto-nao-identificado-do-tropicalismo-338986.php>. Acesso em: 19 abr. 2023.

JORNAL “ÚLTIMA HORA”. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/uh_digital/index/3581. Acesso em: 19 abr. 2023.

JORNAL “ÚLTIMA HORA”. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/ultima-hora>. Acesso em: 19 abr. 2023.

JOSÉ DIRCEU. Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/jose-dirceu/>. Acesso em: set. 2020.

JOSÉ GENOÍNO GUIMARÃES NETO. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-genoino-neto>. Acesso em: out. 2022.

JUVENTUDE INDEPENDENTE CATÓLICA DO BRASIL. Disponível em: http://www4.pucsp.br/cedic/semui/fundos/juventude_independente.html. Acesso em: 28 jun. 2022.

LADISLAU DOWBOR. Disponível em: <http://memorialdaresistencia.org.br/en-trevistados/ladislau-dowbor/>. Acesso em: out. 2022.

LAURO DE OLIVEIRA LIMA. Disponível em: <https://www.piaget.com.br/p.php?p=lauro>. Acesso em: out. 2022.

LIMA, Alceu Amoroso. **Biografia**. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/alceu-amoroso-lima-pseud-tristao-de-ataide/biografia>. Acesso em: maio 2021.

LUÍS TRAVASSOS. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/travassos-luis>. Acesso em: set. 2020.

LYNDON JOHNSON (Presidente dos EUA). Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/biografias/lyndon-b-johnson.jhtm>. Acesso em: out. 2022.

MANUEL, C. **A cabana do pai Tomás, o romance que mudou a história da América**. 2022. Disponível em: <https://nationalgeographic.pt/historia/grandes-reportagens/3072-a-cabana-do-pai-tomas-o-romance-que-mudou-a-historia-da-america>. Acesso em: 21 abr. 2023.

MARIA BETHÂNIA: A história da canção 'Carcará'. 2022. Disponível em: <https://novabrasilfm.com.br/especiais/foras-de-serie/maria-bethania-a-historia-da-cancao-carcara/>. Acesso em: 7 abr. 2023.

MARIALICE MENCARINI FORACCHI. Disponível em: <https://caph.fflch.usp.br/node/16599>. Acesso em: out. 2022.

MÁRIO SPROVIERO. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4522964559655058>. Acesso em: out. 2022.

MARTIN BUBER. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1938/martin-buber-um-teologo-que-prega-o-dialogo>. Acesso em: out. 2022.

MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE (MEB). Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/movimento-de-educacao-de-base-meb>. Acesso em: out. 2022.

MUTUAE RELATIONES. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccsclife/documents/rc_con_ccsclife_doc_14051978_mutuae-relationes_sp.html. Acesso em: out. 2022.

NIKOLAI BERDIAEV. Disponível em: <https://www.erealizacoes.com.br/blog/nikolai-berdiaev-ortodoxo-e-subversivo/>. Acesso em: out. 2022.

PADRE AGOSTINHO DUARTE DE OLIVEIRA. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/comissao-arns/2021/07/12/a-militancia-profetica-do-padre-agostinho-90-anos.htm>. Acesso em: maio 2021.

PADRE ANTÔNIO HADDAD. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2210200403.htm>. Acesso em: 9 jul. 2022.

PADRE EDÊNIO VALLE. Disponível em: <https://bv.fapesp.br/pt/pesquisador/103872/joao-edenio-reis-valle/>. Acesso em: 28 jun. 2022.

PADRE HENRIQUE CLÁUDIO LIMA VAZ. Disponível em: <http://www.padre-vaz.com.br/index.php/biografia/depoimentos-sobre-lima-vaz/394-padre-vaz-filosofo-de-um-mundo-em-busca-de-sentido>. Acesso em: 9 jul. 2022.

PADRE OLINTO PEGORARO. Disponível em: <http://nucleodememoria.vrac.puc-rio.br/noticia/2019/01/falecimento-prof-olinto-pegoraro-professor-departamento>. Acesso em: 9 jul. 2022.

PADRE SEBASTIÃO AMARAL KROLL. **Fotos antigas da Diocese de Lins**. 2016. Disponível em: http://dioceselinsfotos.blogspot.com/2016/12/con_23.html. Acesso em: 9 jul. 2022.

PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL – PCdoB. Disponível em: <http://memorialda-democracia.com.br/card/pcdob-nasce-e-prega-cerco-a-cidade-pelo-campo>. Acesso em 15 mar. 2023.

PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL – PCdoB. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbetes/partido-comunista-do-brasil>. Acesso em: 8 maio 2023.

PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL – PCdoB. Disponível em: <https://www18.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbetes-tematico/partido-comunista-do-brasil-pc-do-b>. Acesso em: 8 maio 2023.

PAULO FREIRE. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/paulo-freire/>. Acesso em: 8 maio 2023.

PAULO GAUDÊNCIO. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/06/1894519-mortes-o-medico-que-nao-receitava->. Acesso em: 8 maio 2023.

POLITIZAR. In: MICHAELIS: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. 2023. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/politizacao/>. Acesso em: 8 maio 2023.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO. **Antigo Seminário Episcopal da Luz**. 2023. Disponível em: <https://www5.pucsp.br/puc-tour/ipiranga.php>. Acesso em: 21 abr. 2023.

PROJETO RONDON. Disponível em: <https://www.unochapeco.edu.br/projetorondon/info/o-projeto#:~:text=O%20Projeto%20Rondon%20foi%20criado,se%20conhecido%20em%20todo%20Brasil>. Acesso em: 2 mar. 2023.

O QUE É A CULTURA do Cancelamento. 2023. Disponível em: <https://www.significados.com.br/cultura-do-cancelamento/>. Acesso em: 21 abr. 2023.

QUEDA de Ibiúna: a UNE vai para a cadeia. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/queda-de-ibiuna-a-une-vai-para-a-cadeia>. Acesso em: 15 ago. 2022.

REVERENDO AHARON SAPSEZIAN. Disponível em: <https://estacaoarmenia.com.br/5799/a-nacao-armenia-perde-o-rev-aharon-sapsezian/>. Acesso em: 2 mar. 2023.

REVISTA “FRÈRES DU MONDE”. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3778953>. Acesso em: 2 mar. 2023.

REVISTA “TEMPS MODERNES”. Disponível em: <https://www.gallimard.fr/Catalogue/GALLIMARD/Revue-Les-Temps-Modernes#>. Acesso em: 2 mar. 2023.

SEMINÁRIO CENTRAL DO IPIRANGA. 2019. Disponível em: <https://arquisp.org.br/noticias/uma-historia-a-servico-da-evangelizacao>. Acesso em: 17 abr. 2023.

SÍTIO DE IBIÚNA. Disponível em: <http://memorialdaresistenciasp.org.br/lugares/sitio-de-ibiuna/>. Acesso em: 15 ago. 2022.

SOBRE A HISTÓRIA das Pequenas Comunidades Inseridas no Meio Popular (PCIs) - CRB - Regional Recife. 2015. Disponível em: <https://teologianordeste.net/publicacoes/artigos/122-sobre-a-historia-das-pequenas-comunidades-inseridas-no-meio-popular-pcis-crb-regional-recife.html>. Acesso em: fev. 2023.

TEÓLOGO JOSÉ ALDUNATE LYON. Disponível em: <https://defensoresydefensoras.indh.cl/premio-nacional-de-ddhh/premio-nacional-2016/jose-aldunate-lyon/>. Acesso em: 4 jun. 2021.

TEÓLOGO SEGUNDO GALILEA. **Lembranças de Segundo Galilea, dois meses após sua morte**. Disponível em: <https://pt.zenit.org/articles/lembrancas-de-segundo-galilea-dois-meses-apos-sua-morte/>. Acesso em: 4 jun. 2021.

TIBOR SULIK. Disponível em: <https://www.radiocoracao.org/noticias/falece-fundador-da-comissao-brasileira-justica-e-paz>. Acesso em: set. 2020.

UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES (UNE). **Luís Travassos**. Disponível em: <https://www.une.org.br/presidentes/luís-travassos/>. Acesso em: set. 2020.

VANGUARDA POPULAR REVOLUCINÁRIA (VPR). Disponível em: http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/vanguarda-popular-revolucionaria-vpr_. Acesso em: 15 ago. 2022.

VANGUARDA POPULAR REVOLUCINÁRIA (VPR). Disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbete/6424>. Acesso em: 15 ago. 2022.

VANGUARDA POPULAR REVOLUCINÁRIA (VPR). Disponível em: <https://www.infoescola.com/ditadura-militar/vanguarda-popular-revolucionaria/>. Acesso em: 15 ago. 2022.

Biblioteca Nacional:

POLÍCIA procura os 18 que fizeram curso de guerrilha. **Diário do Paraná**, Curitiba, 23 nov. 1968. p. 12. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/761672/per761672_1968_04013.pdf. Acesso em: 23 abr. 2023.

SERINGUEIROS desconhecem normas sexuais e chegam a viver em livre adultério. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 07 mar. 1967. Primeiro Caderno, p. 10. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_08/96683. Acesso em: 23 abr. 2023.

Acervo da Folha de São Paulo:

CONGRESSO da UNE: todos presos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 out. 1968. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=3080&anchor=5168040&origem=busca&originURL=&pd=f96f5e884b0d1832e2dd7ee4d81dcef6>. Acesso em: maio 2021.

CONGRESSO da UNE foi sem repressão. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 16 set. 1968. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=3053&anchor=5207396&origem=busca&originURL=&pd=6b8db928bb83f6d2ff2a084a1733fff3>. Acesso em: 20 abr. 2023.

CONGRESSO da UNE sai sem brigas. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 16 set. 1968. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=3053&anchor=5207395&origem=busca&originURL=>. Acesso em: 20 abr. 2023.

1968: LÍDERES universitários são presos em Congresso da UNE em Ibiúna. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 out. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/banco-de-dados/2018/10/1968-lideres-universitarios-sao-presos-em-congresso-da-une-em-ibiuna.shtml>. Acesso em: 15 ago. 2022.

MULTIDÃO recebe N.S. Fátima. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 abr. 1968. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=2906&anchor=5181932&origem=busca&originURL=&pd=879643429c303ef99b8d7a2a8ade3b09>. Acesso em: 21 abr. 2023.

PASSEATAS em 1968. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2 abr. 1968a. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=2886&anchor=4458735&origem=busca&originURL=&pd=4c170b35951d31bbbc95fbd17bff3cc6>. Acesso em: 20 abr. 2023.

PASSEATAS em 1968. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2 abr. 1968b. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=2886&anchor=4458763&origem=busca&originURL=&pd=3182dced1d702b97ceb01d23db8afb94>. Acesso em: 21 abr. 2023.

O PLANO de Kennedy ‘marcará o princípio de uma nova era na experiência americana’. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 mar. 1961. p. 2. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=373&anchor=4478937&origem=busca&originURL=&pd=9b66cc1ca28c26508d5b00e63816e812>. Acesso em: 21 abr. 2023.

PROSSEGUE a crise na Universidade de Brasília; mais prisões. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 out. 1965. Primeiro Caderno, p. 8. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=2000&anchor=4436401&origem=busca&originURL=&pd=70928fa75a4ed4e97bce15de68d71388>. Acesso em: maio 2021.

POLÍCIA aguarda manifestação. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 04 ago. 1967. p. 15. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=2646&anchor=4471468&origem=busca&originURL=>. Acesso em: 21 abr. 2023.

POLÍCIA aguarda manifestação. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 04 ago. 1967. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=2646&anchor=4471479&origem=busca&originURL=&pd=12dd2ac3c1e85410b45091d8c6bacb04>. Acesso em: 21 abr. 2023.

Acervo do “Estado de São Paulo”:

BATISTA, Liz. Era uma vez em São Paulo ... Colégio Des Oiseaux. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 29 maio 2015. Disponível em: <https://acervo.estado.com.br/noticias/acervo,era-uma-vez-em-sp-colegio-des-oiseaux,11116,0.htm>. Acesso em: 12 maio 2020.

CARDEAL dialoga com alunos. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 24 set. 1968. p. 17. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19680924-28668-nac-0017-999-17-not>. Acesso em: 21 abr. 2023.

ENTREVISTA revolta o cardeal. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 19 set. 1968. p. 15. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19680919-28664-nac-0015-999-15-not>. Acesso em: 22 abr. 2023.

IFT PRESTIGIA sua Diretoria. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 26 set. 1968. p. 16. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19680926-28670-nac-0016-999-16-not>. Acesso em: 22 abr. 2023.

LYNDON JOHNSON (Presidente dos EUA). **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 14 abr. 1967. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19670414-28219-nac-0002-999-2-not>. Acesso em: 22 abr. 2023.

PADRES causam novo problema. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 04 fev. 1967. p. 10. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19670804-28315-nac-0010-999-10-not>. Acesso em: maio 2023.

PASSEATAS em 1968. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 2 abr. 1968. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19680402-28520nac-0013-999-13-not>. Acesso em: 22 abr. 2023.

REITOR da UnB faz denúncias. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 12 out. 1965. Primeiro Caderno, p. 1. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19651012-27756-nac-0001-999-1-not>. Acesso em: maio 2021.

REITOR explica situação da Universidade. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 12 out. 1965. Primeiro Caderno, p. 10. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19651012-27756-nac-0010-999-10-not>. Acesso em: maio 2021.

REITOR da UnB refuta acusações insidiosas. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 13 out. 1965. Primeiro Caderno, p. 7. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19651013-27757-nac-0007-999-7-not>. Acesso em: maio 2021.

Acervo da revista “Veja”:

BERGAMASCO, Daniel; BARROS, Mariana; VERANO, Rachel; XAVIER, Maurício; HIRAOKA, Ricky; GIOVANELLI, Carolina; LORENÇATO, Arnaldo. O antigo reduto das estudantes finas. **Veja**, São Paulo, 18 jan. 2013. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura-lazer/curiosidades-aniversario-sao-paulo-colegio-des-oi-seaux/>. Acesso em: 22 abr. 2023.

OS SACERDOTES da violência. **Veja**, São Paulo, n. 63, p. 38-41, 19 nov. 1969.